



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA**

Davi de Souza

**VILLIERS DE L'ISLE-ADAM: TRADUÇÃO E EXORCISMO
OU
A PROPÓSITO DAS PALAVRAS PESADAS EM BALANÇAS DE
TEIAS DE ARANHA E DO FANTÁSTICO EM
*CLAIRE LENOIR***

FLORIANÓPOLIS
2011

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA**

DAVI DE SOUZA

**VILLIERS DE L'ISLE-ADAM: TRADUÇÃO E EXORCISMO
OU
A PROPÓSITO DAS PALAVRAS PESADAS EM BALANÇAS DE
TEIAS DE ARANHA E DO FANTÁSTICO EM
*CLAIRE LENOIR***

Tese submetida ao Programa de
Pós-Graduação em Literatura da
Universidade Federal de Santa
Catarina para obtenção do Grau
de doutor em Literatura.

Orientadora: Profa. Dra. Marie-
Hélène Catherine Torres

FLORIANÓPOLIS
2011

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da
Universidade Federal de Santa Catarina

S729v Souza, Davi de

Villiers de L'Isle-Adam [tese] : Tradução e Exorcismo ou A propósito das palavras pesadas em balanças de teias de aranha e do fantástico em Claire Lenoir / Davi de Souza ; orientadora, Marie-Hélène Catherine Torres. - Florianópolis, SC, 2011.
500p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Literatura.

Inclui referências

1. Literatura. 2. Literatura fantástica – História e crítica. 3. Tradução e interpretação. 4. Realidade. I. Torres, Marie-Helene Catherine. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. III. Título.

CDU 82

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pelo apoio financeiro.

*É tempo de voltar à letra, ao arrepio que ela provoca,
aos sonhos que ela suscita.*
Jean-Luc Steinmetz

RESUMO

A presente tese é fundamentada na obra *Tribulat Bonhomet*, de Villiers de L'Isle-Adam (1838-1889). Obra composta de quatro contos e uma novela. Tanto a obra quanto o autor permitem muitas reflexões acerca da literatura, desde a literatura de humor até a de horror, mas sobretudo literatura fantástica. E é sobre esta que me detenho, especificamente na novela *Claire Lenoir*. Como *Tribulat Bonhomet* permanece inédito em português, apresento uma tradução e sobre essa tradução — que se encontra ao fim, como anexo — elaborei minha tese, sobre uma via dupla: tradução e teoria literária. Dedico o Capítulo 1 a essa duplicidade, separadamente, apresentando em 1.1 a literatura fantástica, fazendo o esboço de um tipo de literatura que provoca um *exorcismo do real*, um afastamento entre o leitor e a realidade. Na seqüência, em 1.2 abordo as perspectivas de tradução de um texto literário, a partir, principalmente, de Friedrich Schlegel (1768-1834) e Antoine Berman (1942-1991). Ambos os tópicos servirão de base para os dois capítulos subseqüentes. No Capítulo 2, dedico-me ao processo de tradução do romance, levando em conta as perspectivas abordadas no Capítulo 1.2, fazendo comentários acerca da tradução e comparando-a com outras traduções. Por último, no Capítulo 3, partindo da forma como Villiers de L'Isle-Adam mescla realidade e ficção — e tomo aí como base o texto traduzido — retomo os temas esboçados no Capítulo 1.1, da literatura fantástica, para especificar os elementos *estranhos* que geram o fantástico na obra e provocam um exorcismo do real. A conclusão, portanto, dá-se sobre uma duplicidade: há um exorcismo do real na literatura fantástica; e há um exorcismo do real em Villiers — mediante a inserção de elementos fantásticos.

Palavras-chave: Fantástico; tradução; realidade; estranho.

RESUME

Cette thèse est basée sur l'oeuvre *Tribulat Bonhomet*, de Villiers de L'Isle-Adam (1838-1889). Oeuvre composée de quatre récits et une nouvelle. L'oeuvre et l'auteur permettent de nombreuses réflexions sur la littérature, de la littérature d'humour jusqu'à l'horreur, mais surtout sur la littérature fantastique. Et c'est sur cette dernière que je me pencherai spécifiquement avec la nouvelle *Claire Lenoir*. Comme *Tribulat Bonhomet* reste inédite en portugais, je présente une traduction, et c'est sur cette traduction — qui se trouve en fin de volume en pièce jointe — que j'ai élaboré ma thèse selon une double voie: la traduction et la théorie littéraire. Je consacre le Chapitre 1 à cette duplicité, séparément, en présentant en 1.1 la littérature fantastique, faisant le croquis d'un type de littérature qui provoque un exorcisme du réel, une distanciation entre le lecteur et la réalité. Ensuite, en 1.2 je discute sur les perspectives de la traduction d'un texte littéraire, à partir, principalement, de Friedrich Schleiermacher (1768-1834) et d'Antoine Berman (1942-1991). Les deux thèmes formeront la base des deux chapitres suivants. Dans le Chapitre 2, je me consacre au processus de traduction de l'oeuvre, en tenant compte des perspectives discutées dans la partie 1.2, en faisant des commentaires concernant la traduction et en la comparant à d'autres traductions. Enfin, au Chapitre 3, à partir de la manière dont Villiers de L'Isle-Adam mélange fiction et réalité — et je me base ici à partir du texte traduit — je reprends les thèmes mentionnés dans le Chapitre 1.1, sur la littérature fantastique, en précisant que des éléments étranges génèrent le fantastique dans l'oeuvre et provoquent un exorcisme du réel. La conclusion, donc, se fonde sur une duplicité: il est un exorcisme du réel dans la littérature fantastique, et il est un exorcisme du réel chez Villiers — par l'inclusion d'éléments fantastiques.

Mots-clés: Fantastique, traduction, réalité, étrange.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:	15
O homem e a obra	19
<i>Tribulat Bonhomet</i> e <i>Claire Lenoir</i>	68
Reflexos de Villiers	76
As edições de Villiers.....	83
CAPITULO 1: O FANTÁSTICO E A TRADUÇÃO	89
1.1 - A literatura fantástica	89
1.1.1 - Dois predecessores: Beckford e Potocki	95
1.1.2 - O volúvel da classificação	102
1.1.3 - Os subgêneros do gênero	105
1.1.4 - Uma rota de fuga	122
1.1.5 - No alto da Torre de Babel	129
1.2 - Perspectivas para a tradução de um texto literário	139
1.3 - Nota à tradução de <i>Tribulat Bonhomet</i>	146
CAPITULO 2: SOBRE A TRADUÇÃO DO ESTRANHO	149
2.1 - Estrutura e estética de <i>Tribulat Bonhomet</i>	151
2.2 - Questões, problemas e soluções	159
2.3 - Autoanálise sobre a fidelidade e a estética	176
CAPITULO 3: SOBRE O ESTRANHO TRADUZIDO	181
3.1 - Por trás dos olhos de Claire	183
3.2 - Realidade e ficção	194
3.3 - O exorcismo do real	208
CONCLUSÃO:.....	217
BIBLIOGRAFIA	222
ANEXO: <i>TRIBULAT BONHOMET</i> (original e tradução)	237

INTRODUÇÃO

No Novo Testamento da *Bíblia* cristã há uma passagem em que, chegando Jesus e seus apóstolos à província dos gadarenos, um homem que vagava pelas estepes lhes intercede o caminho e diz: “Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Conjuro-te por Deus que não me atormentes”¹. Era um possesso. Jesus perguntou então ao demônio que o possuía qual era o seu nome, e a resposta do demônio foi: “*Legião* é meu nome, porque somos muitos”².

É a partir daí que se compreende a epígrafe do livro *Tribulat Bonhomet*: “*Eu me chamo LEGIÃO*”. *Legião* significando, por alusão, o homem burguês, do qual o personagem Dr. Tribulat Bonhomet seria o protótipo. É esta, pelo menos, a leitura corrente daqueles que tem escrito sobre Villiers e sua obra. Sendo então o burguês não só uma criatura demoníaca, mas também “legionária”, ou seja, é múltipla, é *multidão*. A diversidade de pensamento exposta no livro talvez também tenha a ver com essa “multidão”, uma multidão de opiniões diversas expostas em discussões místico-filosóficas que levam em conta, cada uma, uma distinta compreensão da *realidade*. A epígrafe bíblica junta ainda duas características da obra: o humor (negro) e o terror sobrenatural.

Remy de Gourmont, em um de seus textos dedicados a Villiers, chama-o de “Exorcista do real e o porteiro do ideal”³. Daí o título desta tese “Tradução e exorcismo”, em que traduzo uma obra exorcista do “Exorcista do real” e procuro encontrar a porta do idealismo que ele abre.

Chamar Villiers de exorcista do real não se resume a compreendê-lo apenas a partir de uma única obra, pois seu desprendimento do real é visível em muitos dos seus escritos,

¹ “Evangelho segundo São Marcos”, c.5, v.7, in *Bíblia sagrada*.

² *Idem*, c.5, v.9.

³ R. Gourmont, “Villiers de L’Isle-Adam”, in *Le livre des masques - portraits symbolistes*, p.91.

assim como uma espécie de louvor do sonho enquanto ideal, que lhe assegurará, posteriormente, um lugar de destaque no Simbolismo. Acresce-se a isso, e com uma força pouco freqüente na literatura, o seu desleixo congênito pela vida regrada, pelo cotidiano da vida burguesa. Dele se pode seguramente dizer que *vivia nas nuvens*.

Sobre *Claire Lenoir e Tribulat Bonhomet* alguns de seus contemporâneos e amigos deixaram sua impressão: Paul Verlaine: “um romance único neste século”⁴, “uma genial mescla de ironia, metafísica e terror”⁵; R. de Gourmont: “grande, admirável e trágica bufonaria, onde convergiram, para aí fazer talvez a criação mais original do século, todos os dons do sonhador, do ironista e do filósofo”⁶; Gustave Guiches: “admirável criação do arquétipo do positivismo moderno”⁷; Georges Rodenbach: “ele criou uma espécie de fantástico novo, o fantástico científico”⁸. Nessa mescla estranha de filosofia, ironia e terror, própria do estilo de Villiers, encontramos então uma obra absolutamente estranha e fantástica.

Ainda que haja um acordo comum em considerar o personagem Tribulat Bonhomet como a antítese do autor, o representante do pensamento burguês, positivista e materialista, do século XIX, penso que em parte Bonhomet é também Villiers. As semelhanças são muitas. Desde seu olhar e sua perversidade em silenciar-se para saborear o efeito de suas palavras, até suas provocativas idéias ou semelhanças mórbidas: Bonhomet se regozija com o canto do cisne expirante, Villiers assistia a degola dos condenados à guilhotina.

Para compreender tal semelhança, bem como para compreender boa parte de sua obra e a força de seu idealismo e o motivo de ter sido consagrado mestre da geração decadentista, origem do que veio a se denominar Simbolismo, é preciso conhecer um pouco sua vida. Faço então aqui, na “Introdução”,

⁴ P. Verlaine, “Villiers de L’Isle-Adam”, in *Les poètes maudits*, p. 66.

⁵ P. Verlaine, “Villiers de L’Isle-Adam” [*Vingt-sept biographies de poètes et de littérateurs*], in *Œuvres Complètes*, p. 309.

⁶ R. Gourmont, “Villiers de L’Isle-Adam”, p. 89.

⁷ G. Guiches, “Le comte de Villiers de L’Isle-Adam”, p.88.

⁸ G. Rodenbach, “Villiers de L’Isle-Adam”, in *L’élite*, p. 81.

primeiramente um resumo biográfico, e bibliográfico. Em seguida apresento a história do personagem Bonhomet e algumas linhas sobre os *reflexos* de Villiers na literatura, algo sobre suas traduções no Brasil, edições usadas na tradução, etc., para então entrar (nos capítulos seguintes) nas questões pertinentes à tradução e ao fantástico na obra aqui traduzida, e dentro dessa, na novela *Claire Lenoir*, onde se dá um exorcismo do real.

No Capítulo 1, “O fantástico e a tradução”, em 1.1, faço um breve percurso pela literatura fantástica a fim de encontrar elementos que servirão para o Capítulo 3 e também para mostrar alguns dos parentescos estéticos da obra de Villiers. Em 1.2, a partir de F. Schleiermacher, A. Berman e com algumas referências a José Paulo Paes, falo da perspectiva que se pode ter ao se traduzir uma obra literária, a questão da fidelidade, beleza, equivalência entre original e tradução, etc. Por fim, faço um preâmbulo à tradução de *Tribulat Bonhomet* e remeto o leitor ao Anexo (ao original e sua tradução).

No Capítulo 2, “Sobre a tradução do estranho”, apresento então as questões pertinentes à tradução: falando do cuidado que Villiers possuía com as palavras, ele as pesava *em balanças de teias de aranha*; da estrutura lógica da novela *Claire Lenoir*; e apresento alguns pontos de minha tradução, fazendo comentários e comparando-os com outras duas traduções (uma em inglês, outra em espanhol); retornando, por fim, à questão da fidelidade e de alguns problemas encontrados na tradução.

No Capítulo 3, “Sobre o estranho traduzido”, apresento algumas possíveis origens da obra de Villiers (Hoffmann, Poe, Gautier, Baudelaire, Nerval) e faço um breve percurso por algumas de suas obras a fim de mostrar o modo como ele lida com o real na sua ficção, e por fim chego à questão do fantástico e do exorcismo do real na novela *Claire Lenoir*, para então concluir apontando de que modo isso ocorre.

Por uma questão de método creio necessário fazer as seguintes considerações: a) todas as citações de *Tribulat Bonhomet* terão como referência a tradução em anexo e será indicada a página, entre parênteses (p.00), no corpo do texto; as demais citações serão remetidas ao pé da página; b) pela

quantidade de referência a diferentes edições de Villiers resolvi repetir o título da obra, excluindo, portanto, o usual “*opus cit.*”; o mesmo procedimento eu tomei com relação aos autores (Allan Raitt, por exemplo) com mais de um texto citado; c) não defino o gênero “conto”, já que procurei definir o fantástico em 1.1; d) sobre o fantástico na literatura: fui até o ponto em que me pareceu suficiente, e não, obviamente, à totalidade do assunto (se é que é possível alcançá-la); e posso dizer o mesmo sobre a vida e a obra de Villiers; e) sobre os comentários do texto traduzido, não é integral (entendendo que isso seria comentar “linha por linha”); f) traduzir, depois cotejar com outras traduções, esse foi o método usado; g) na bibliografia não incluí obras que apenas mencionei; exceto de autores a que me referi muitas vezes; alguns, no entanto, trazem a referência em nota de pé de página; h) apesar de ter feito a leitura das obras completas de Villiers, referi-me mais àquelas que possuem teor fantástico e não levei em conta suas obras de poesia e de dramaturgia (com raras exceções) que se afastam demasiadamente do tema que me propus abordar; i) nas citações de obras estrangeiras as traduções são minhas.

O HOMEM E A OBRA

Jean-Marie-Mathias-Philippe-Auguste Villiers de L'Isle-Adam, ou simplesmente Conde de Villiers de L'Isle-Adam, nasceu em 7 de novembro de 1838, em Saint-Brieuc, na Bretanha (região do litoral francês entre o Canal da Mancha, ao norte, e o golfo de Gascogne, ao sul, e cuja maior cidade hoje é Rennes).

Mathias, como era chamado pelos seus pais, era filho de Joseph-Toussaint-Charles de Villiers de L'Isle-Adam (1802-1885) — ‘conde’, ‘barão’, ‘duque’, mas principalmente, como preferia ser chamado⁹, Marquês Villiers de L'Isle-Adam — descendente bretão de uma família aristocrática em decadência, cujas origens remontam a grandes personalidades da história da França, como Jean de Villiers de L'Isle-Adam (1384-1437), Marechal da França em 1437, e Philippe-Auguste de Villiers (1464-1534), último grande mestre de Rhodes e fundador da Ordem de Malta. Robert du Pontavice de Heussey, primo e primeiro biógrafo do escritor, dirá do marquês: “Não imagino que tenha existido na realidade ou no romance, um caráter mais extraordinário do que aquele do pai de Villiers”¹⁰.

Aos vinte e dois anos Joseph foi enviado ao Seminário de Saint-Sulpice, em Paris, para seguir carreira eclesiástica, mas para desgosto de seu pai que tantos esforços havia feito para sua educação, o moço desiste e confessa não ter vocação. Seu pai o renega: “eu não poderia ver diante dos meus olhos aquele que após ter sido a carga tornar-se o escárnio e o opróbrio”¹¹.

Apesar disso, ele retorna a Saint-Brieuc. Para enriquecer-se o mais rápido possível o jovem Joseph tem uma idéia brilhante. Durante as diversas turbulências políticas do passado, sobretudo a Revolução, muitos nobres da Bretanha francesa fiéis ao rei, entre os quais seus antepassados, atravessando o Canal da Mancha, foram exilar-se na Grã-Bretanha. Ora, muitos deles não puderam

⁹ Conf. A. Raitt, *Villiers de L'Isle-Adam – exorciste du réel*, p.17.

¹⁰ R. Pontavice de Heussey, *Villiers de L'Isle-Adam – l'écrivain - l'homme*, p.19/20.

¹¹ Carta de Jean-Jérôme ao seu filho, citada por E. de Rougemont, *Villiers de L'Isle-Adam – biographie et bibliographie*, p.41.

levar toda a sua riqueza e, pensando um dia retornar, deixaram os seus tesouros enterrados. De modo que, na mente brilhante do marquês “o subsolo da Bretanha era então uma verdadeira mina de ouro”¹². Ele se torna então um caçador-de-tesouros.

Paralelo a isso, com a Revolução muitas pessoas haviam perdido também suas terras, e o bom marquês abriu uma ‘Agência Villiers de L’Isle-Adam’ para recuperar essas posses perdidas mediante uma porcentagem de 30% sobre o que fosse resgatado. Isso o levou a percorrer todos os lugarejos da Bretanha, arquivos públicos, registros de paróquias, bibliotecas, etc., em busca de documentos com os quais montava um processo exigindo reintegração de posse. No entanto, apesar de algum sucesso com isso, as despesas eram sempre maiores do que os lucros¹³.

Sua atividade de caça-tesouros também não foi muito lucrativa. As terras em que ele suponha estarem enterrados os tesouros, antigos castelos e casarões feudais, necessitavam, ou de uma autorização para serem escavadas, ou serem compradas. Sua postura aristocrática facilitava em muitos casos as autorizações, mas outras tantas terras ele as comprou. Com isso tinha às vezes dez a doze escavações simultâneas. Mas parece que seu achado mais importante se reduz a uma baixela encontrada no castelo de Chef du Bois, pertencente a um tal Provost de Launay¹⁴. Como as terras que comprava, uma vez exploradas, tinham de ser imediatamente vendidas para dar continuidade a novas compras, acabava por vendê-las a preços menores do que o pago, e assim foi ampliando seus gastos e suas dívidas.

Mas, nas suas pesquisas em busca de documentos de propriedades, o marquês acabou por conhecer uma senhora solteira chamada Marie-Félix Daniel de Kerinou (1784-1871), que tinha uma filha adotiva — adotada de uma irmã, portanto, sua sobrinha — chamada Marie-Françoise Le Nepvou de Carfort (1811-1882), de família nobre, descendente de uma linhagem que

¹² A. Raitt, *Villiers de L’Isle-Adam – exorciste du réel*, p.17.

¹³ Sigo aqui M. Daireaux, *Villiers de L’Isle-Adam – l’homme et l’oeuvre*, p.22-24; A. Raitt, *Villiers de L’Isle-Adam – exorciste du réel*, p.16-18; R. Pontavice de Heussey, *Opus cit.*, p.21-23.

¹⁴ Conf. M. Daireaux, *Opus cit.*, p.23.

datava do tempo das cruzadas. A tia Kerinou, talvez por um julgamento precipitado, agradou-se dele e logo convenceu sua filha adotiva a aceitá-lo como marido. — Talvez tenha pesado também o fato da moça, na época, ter já vinte e seis anos de idade.

O casamento ocorre em 1º de junho de 1837. Em novembro do ano seguinte, a então marquesa Villiers de L'Isle-Adam dá a luz a Jean-Marie-Mathias-Philippe-Auguste. Agora com um descendente, o marquês procura investir mais nos seus negócios: um buraco sem fundo por onde começa a vazar a pequena fortuna de sua tia-sogra.

Em 1843 a pobre marquesa, decepcionada com o marido, tenta um infrutífero divórcio. E em agosto de 1846 “o Tribunal civil de primeira instância de Seine pronuncia a separação de bens entre os esposos”¹⁵. Mas tal pronúncia parece não ter impedido o marquês de dilapidar toda a fortuna da sogra e se afundar em dívidas, muitas das quais ele deixaria de herança para seu filho. Ainda assim o marquês manteria sua arrogância aristocrática por toda a vida, mesmo tendo sido preso por questões de dívidas durante certo tempo.

Em 1840 lhe havia sido concedido o título de Cavaleiro de Malta e mais tarde, ampliando os negócios de sua ‘Agência’, ele iria se valer disso, vendendo títulos de nobreza a qualquer um em Paris, num escritório alugado.

Mathias, apesar do mau casamento dos pais, foi mimado pela mãe e pela tia-avó desde o nascimento. Devido à sua precocidade intelectual inclinada para a literatura e para a música, foi incentivado pelos seus familiares e mesmo considerado gênio desde cedo pelo seu pai. Quando entrou na escola de Vannes, em Saint-Brieuc, para os primeiros estudos, foi bem no primeiro ano, mas no início do segundo o diretor chamou seus pais devido ao seu comportamento escandaloso, suas leituras muito além de sua idade e por travar relações com pessoas de fora da escola, o que era proibido. Em outras palavras: Mathias era expulso¹⁶.

¹⁵ J. Bollyery, *Correspondance générale de Villiers de L'Isle-Adam et documents inédits*, p.15.

¹⁶ Conf. A. Raitt, *Villiers de L'Isle-Adam – exorciste du réel*, p.23/4.

Transferido para a escola Saint-Charles, ainda em Saint-Brieuc, ocupou-se mais com suas leituras e escrituras do que com as lições. Ali foi ironizado por um colega por sua pretensão literária e postura (cabelos longos, ar melancólico, gestos solenes), que ele acreditava ser a de um escritor, mas que não escrevia nada segundo o colega. Ele se pôs então a escrever uma interminável história intitulada *Os cantos do corcunda (Les chants du bossu)*¹⁷, usando para isso também o tempo das aulas, o que resultava em não prestar atenção às lições; até o dia em que o professor retirou-lhe o manuscrito. Isso, entre outros motivos, levou-o a ser expulso depois de alguns meses, pois “dava mau exemplo ao colégio”¹⁸.

Foi então matriculado no liceu de Laval, onde trava amizade com um jovem mais velho do que ele, um de seus primeiros amigos, Amédée Le Menant, ao qual mais tarde dedicará um dos poemas de *Primeiras poesias*. Mathias tinha por essa época apenas quinze anos de idade e nutria um desprezo total por aqueles de sua faixa etária.

Em seguida vai para o liceu de Rennes, onde a família, para ficar próximo dele, também vai morar, e onde termina seus estudos. Max Daireaux afirma, no entanto, que “os registros do Liceu de Rennes não mencionam o seu nome, e tudo leva a crer que ele não esteve inscrito ali”¹⁹. Mas Allan Raitt e outros afirmam que sim; tendo também passado alguns meses em outros estabelecimentos de ensino²⁰. Édouard de Rougemont constata que os arquivos dos liceus de Laval e de Rennes não possuem de fato registros de seu nome, mas, tal como outros biógrafos, não infere daí que Villiers não tenha lá estudado²¹.

Por quantas escolas então ele passou não se sabe exatamente, e, formado ou não, é fato que retorna em 1855 para Saint-Brieuc. Allan Raitt chama a atenção para alguns prêmios

¹⁷ Conf. F. Clerget, *Villiers de L'Isle-Adam*, p.14; A. Raitt, *Villiers de L'Isle-Adam – exorciste du réel*, p.24.

¹⁸ F. Clerget, *Opus cit.*, p.15.

¹⁹ M. Daireaux, *Opus cit.*, p.31.

²⁰ Conf. A. Raitt, *Villiers de L'Isle-Adam – exorciste du réel*, p.23.

²¹ Conf. E. Rougemont, *Opus cit.*, p.57.

que Villiers ganhou durante seu errante percurso escolar, o que indica que ele não foi de todo mal. No liceu de Laval, por exemplo, “ele ganhou prêmios ou distinções pelo grego, latim, recitação, escrita e instrução religiosa”²².

Uma de suas primas deixou alguns registros de sua adolescência. Quando certa vez numa reunião de família as crianças insistiram em vão por um longo tempo para que Mathias brincasse com elas, um dos primos comentou: “deixamo-lo o mais tranqüilo possível, (...) nós o impediríamos de pensar no seu *Robison das Árvores!*”²³. E tendo a prima ficado espantada: “Como, retorquiu ele, tu não sabes que é um belo livro que ele prepara?”. Outra recordação da mesma prima diz respeito às visitas à casa dos Villiers. O primo Mathias nunca podia brincar porque sempre estava ‘trabalhando’. E em uma das visitas ela foi surpreendida pelo seu ‘trabalho’:

“uma balbúrdia indescritível vinda do andar superior. Dir-se-ia que tudo ali dançava uma sarabanda frenética. Aos ruídos dos móveis que se arrastavam se misturavam por instantes gemidos, mesmo gritos sinistros, e, por outro lado, sublinhadas melodias de acordes de piano... tudo escandido por detonações que me sobressaltavam na cadeira, arrancando-me pequenos gritos roucos, malgrado meu desejo de parecer mocinha bem educada (...) Era (eu soube em seguida) nosso grande homem que compunha”.²⁴

Desde cedo, portanto, Villiers adquiriu um ar de extravagância que o diferenciava das demais pessoas. Segundo seu primo Robert: “sua grande cabeça loira toda desgrenhada, seus gestos bizarros, a negligência pelas suas roupas, espantavam

²² A. Raitt, *Villiers de L'Isle-Adam – exorciste du réel*, p.23.

²³ M. Daireaux, *Opus cit.*, p.32; citando Le Noir de Tourmemine.

²⁴ *Idem.*

a correta sociedade provincial que, aliás, ele freqüentava pouco”²⁵.

Um fato marcou-o aos 17 anos. Mathias se apaixonara por uma jovem da sua idade, da qual quase nada se sabe além de que faleceu pouco depois em que começaram a namorar. Alguns pretendem que esse amor puro e virginal, no coração romântico do jovem poeta, feriu-lhe tanto que o perseguiu por toda a vida²⁶. Sendo assim ou não, isso lhe intensificou a vocação literária: “eu direi somente: eles se amaram, ela morreu, e subitamente o sofrimento desenvolveu e distendeu as nascentes asas do poeta”²⁷. E nas suas *Primeiras poesias* (1859) encontra-se um registro evidente: “Depois, o despertar! a morte! a existência que muda! / Ó tempo! velhote frio! que fizeste tu de meu anjo? / Onde a colocaste, ai! friamente, e para sempre?”²⁸.

A partir de 1855 seus estudos e leituras são absolutamente livres. Além das poesias, parece datar dessa época alguns projetos que se tornarão obras futuras, como *Morgana*, que mais tarde se chamará *O pretendente* (*Le prétendant*), *Isis* e uma trilogia que seria composta por *Axël*, *A adoração dos magos* (*L'adoration des mages*) e *O velho da montanha* (*Le vieux de la montagne*)²⁹. Trilogia esta da qual somente veio à luz o primeiro volume, aliás, póstumo. Robert, no entanto, afirmará na sua biografia de Villiers, que ele teve em mãos o manuscrito completo de *O velho da montanha*³⁰; que, portanto, perdeu-se após a morte de Villiers.

Nesses primeiros escritos, os de poesia, Villiers é ainda romântico. Sua primeira publicação data de julho de 1858, *Dois*

²⁵ R. Pontavice de Heussey, *Opus cit.*, p.29.

²⁶ Jean-Paul Bourre coloca esse fato, ao lado de uma atração mórbida pela morte, como o fio condutor de sua obra dedicada a Villiers: *Villiers de L'Isle-Adam: splendeur et misère*; conf. “La jeune fille et la morte”, pp.37-42; mais ou menos na mesma direção é o livro de J. Decottignies, *Villiers, le taciturne*.

²⁷ R. Pontavice de Heussey, *Opus cit.*, p.30.

²⁸ *Primières poésies*, IX – “De profundis clamavi”, III; in *Oeuvres complètes*, vol. I, p.68.

²⁹ Conf. R. Pontavice de Heussey, *Opus cit.*, p.35. F. Clerget, *Opus cit.*, p.19.

³⁰ R. Pontavice de Heussey, *Opus cit.*, p.24.

ensaios de poesia (*Deux essais de poésie*); é uma plaqueta com apenas dois poemas “mediócrs e mal feitos”³¹ segundo Raitt, publicados por sua conta através do impressor Nicolas Scheuring, de Lyon, especializado em edições de luxo. A segunda publicação, *Primeiras poesias* (*Premières poésies*), data do ano seguinte, inspirada “visivelmente pelos grandes mestres do lirismo romântico”³² (Vigny, Hugo e Musset), não chamou muito a atenção, assim como a anterior, apesar dos esforços de Villiers e de sua grande esperança de um sucesso imediato.

Por volta de 1857³³, estando sua família de acordo de que Mathias necessitava de um ambiente mais intelectual, muda-se para a capital. Com seu ar aristocrata, seus cabelos desgrenhados, seus olhos sonhadores, azuis e pálidos, seu nome sonoro, “envolvido em magníficos casacos de peles, os bolsos cheios de manuscritos e pergaminhos”³⁴, faz sua entrada na capital intelectual do Ocidente: Paris.

Em Paris, sempre com os bolsos cheios de manuscritos, Villiers frequenta um primo chamado conde Hyacinthe du Pontavice de Heussey, pai de Robert (que será o seu primeiro biógrafo). No salão de Pontavice, Villiers entretém conversa com alguns intelectuais da época, entre eles, Charles Baudelaire (1821-1867), cuja amizade e influência lhe será permanente. — Com Baudelaire ele conhecerá Richard Wagner (1813-1883) e a obra de Edgar Allan Poe (1809-1849). — Em Paris conhece também muitos jovens escritores, alguns futuros amigos, como Leconte de Lisle (1818-1894), Catulle Mendès (1841-1909), Jean Marras

³¹ A. Raitt, *Villiers de L'Isle-Adam – exorciste du réel*, p.31.

³² *Idem*, p.32.

³³ Não é certo que seja em 1857 que a família Villiers chega a Paris. Segundo E. de Rougemont entre 1856 e 57: “não é fácil precisar a época da chegada da família em Paris”, diz ele (*Opus cit.*, p.62); segundo F. Clerget, foi por volta do ano de 1856 (*Opus cit.*, p.22); M. Daireaux, afirma ser no ano de 1857 (*Opus cit.*, p.40); A. Raitt diz que “Em 1855, o moço vivia então com sua família em Paris” (*Villiers de L'Isle-Adam – exorciste du réel*, p.27); G. Guiches, afirma que foi “por volta do fim de 1859” (“Le Comte de Villiers de L'Isle-Adam”, p.85).

³⁴ M. Daireaux, *Opus cit.*, p.41.

(1837-1901), Léon Dierx (1838-1912) e pouco depois Stéphane Mallarmé (1842-1898), bem como também alguns já reconhecidos, como Théodore de Banville (1823-1891), Gustave Flaubert (1821-1880), Théophile Gautier (1811-1872) e Barbey D'Aurevilly (1808-1889).

Du Pontavice de Heussey, o pai, será, por um curto período, uma espécie de mentor intelectual de Villiers. Em sua casa se discutia idéias avançadas na época, como o idealismo alemão, que marcará Villiers por toda a vida. Raitt diz que du Pontavice de Heussey foi para ele um “pai intelectual, papel capital, visto a extravagância do pai verdadeiro”³⁵. E seu filho, Robert du Pontavice de Heussey, considera mais benéfico esta influência exercida sobre Villiers do que aquela que exerceu Baudelaire, que lhe parece “ter sido muito nefasta”, porque “desenvolveu seu gosto pelo exagero e pela mistificação”³⁶.

Sua entrada no mundo das letras parisiense é então, de algum modo, quase que natural. É bem aceito pelos intelectuais mais velhos e entre o grupo dos jovens autores citados acima, que se reuniam na *Brasserie des Martyrs* [*Cervejaria dos Mártires*] e no escritório da *Revue Fantaisiste*, cujo diretor era Catulle Mendès, e na qual, segundo palavras do próprio Mendès: Villiers “foi meu primeiro e mais querido colaborador”³⁷. No entanto, nessa revista ele publicou apenas um poema, “Lasciate ogni speranza” (de *Primeiras poesias*), em 1861. Colaboraria mais tarde, em 1866, na primeira série do *Parnasse Contemporain*, no qual Mendès teve participação ativa.

Em torno dessa revista estavam todos aqueles que mais tarde se tornariam conhecidos como ‘parnasianos’, mas que na época ainda eram apenas jovens aspirantes às letras. Contudo, a boa aceitação entre eles, bem como o respeito dos escritores mais velhos, como Banville, Gautier, D'Aurevilly e Baudelaire, preencherá completamente o ego de Mathias. Sua certeza de genialidade era agora reconhecida pelos outros literatos. E basta

³⁵ A. Raitt, *Villiers de L'Isle-Adam – exorciste du réel*, p.36.

³⁶ R. Pontavice de Heussey, *Opus cit.*, p.56.

³⁷ C. Mendès, *Le mouvement poétique français de 1867 à 1900*, p.126.

dizer que Villiers esteve entre aquele pequeno número que Baudelaire — que tinha fama de poucos amigos — admitia ao seu lado, e inclusive na sua casa.

Segundo J. Bollery, “Villiers deve ter encontrado Baudelaire na casa de Hyacinthe du Pontavice de Heussey e na *Brasserie des Martyrs*. Entre outras afinidades, uma comum admiração por Wagner os havia unido”³⁸.

Baudelaire, quando Villiers chega a Paris, acabava de sair de um processo contra suas *Flores do mal*; Allan Poe, que ele conhecerá por seu intermédio, já granjeava o desprezo dos críticos americanos desde sua morte em 1849; também “era a época do ridículo processo intentado contra o autor de *Madame Bovary*”³⁹, Flaubert; Wagner era vaiado em Paris e somente um pequeno grupo de ‘wagnerianos’ o idolatravam, entre eles, Villiers. O realismo tomava forma e força na literatura. De algum modo, com a morte de Baudelaire, Villiers ficará sozinho como porta-voz do sonho, o ‘porteiro do ideal’ como dirá Gourmont, uma ponte entre o romantismo e o simbolismo. É muito compreensível, portanto, que tenha estado à margem até meados dos anos 1880. Era basicamente ele, sozinho, cercado de parnasianos (ainda que amigos), contra toda a Modernidade positivista.

Esses primeiros anos em Paris “contêm os únicos momentos verdadeiramente felizes de uma vida cheia de amargura”⁴⁰, dirá o primo Robert. Ali Villiers conquista algo que lhe será permanente, mesmo nos anos de penúria: certa energia poética, uma aura de iluminado que fascinava a todos aqueles sensíveis à poesia: “A originalidade de sua atitude e de seus gestos, a transbordante riqueza de sua imaginação, sua palavra ardente, profunda, carregada e ornamentada, criavam entre os jovens admirações que chegavam ao fanatismo”⁴¹. Dois desses admiradores lhe serão fiéis até a morte: Dierx e Mallarmé.

³⁸ J. Bollery, *Opus cit.*, p.47.

³⁹ R. Pontavice de Heussey, *Opus cit.*, p.40.

⁴⁰ *Idem*, p.47.

⁴¹ *Idem*, p.48.

Esses momentos felizes de sua juventude — com o dinheiro fácil da tia Kerinou, as visitas diárias a *Brasserie des Martyrs* e as longas horas (da noite) de conversa com os jovens poetas — tiveram seus intervalos.

O primeiro foi o retorno, em 1860, da família Villiers para Sait-Briec. Os gastos do marquês continuavam a crescer e a tia, que tinha o dinheiro e o poder, decide pelo retorno. Não deixando de levar em conta também o bem de seu sobrinho-neto, pois o jovem Mathias é forçado a ir junto. Uma carta dele para Baudelaire demonstra um pouco seu comportamento em Paris: “Quanto eu lamento as conseqüências desses últimos dias. Haveis me visto em condições deploráveis: eu estava ao mesmo tempo muito perturbado pelo vinho — a falta de sono — e pelo choque de falar convosco. Quantas besteiras me escaparam!...”⁴².

Esta carta, escrita de Saint-Briec, é rica em muitos aspectos. Demonstra a autoconsciência de Mathias quando diz, em tom de desculpa, “deve-se levar em conta minha extrema juventude”⁴³; o respeito e a consideração pelo poeta: “eu vos amo e vos admiro, meu queridíssimo grande poeta”; seu desejo de se superar literariamente: “espero vos enviar logo uma prosa menos jovem do que meus versos!”; e ainda sua vontade de retornar para a capital: “Eu estou quase em discórdia com minha família. Espero algum dinheiro para voltar a viver em Paris”⁴⁴.

É um período, no entanto, em que ele parece ter lido bastante. “Aos vinte e três anos, Villiers de L’Isle-Adam leu Kant, Berkeley, Condilac, Fichte, Schelling, Hegel”, segundo Henri Chapoutot⁴⁵.

A partir dessa época, até 1862, Villiers ficará mudando-se com alguma freqüência entre Saint-Briec e Paris. Ele trabalha em *Isis*. E deve ser nesta obra que ele pensa ao prometer enviar para Baudelaire “uma prosa menos jovem do que meus versos”. *Isis* é publicada em agosto de 1862. Trata-se um romance

⁴² J. Bollery, *Opus cit.*, carta 10, p.44.

⁴³ *Idem*.

⁴⁴ *Idem*, p.45.

⁴⁵ H. Chapoutot, *Villiers de L’Isle-Adam – l’écrivain et le philosophe*, p.68.

inacabado, o primeiro volume de uma série de obras, ‘filosóficas’ segundo Villiers, que jamais vieram a lume. Esse primeiro volume, dedicado a Hyacinthe du Pontavice, chama-se *Tullia Fabriana*. Pequenos detalhes acerca dessa obra têm aqui alguma importância.

O primeiro deles é a mania de correção de Villiers. Ainda que muitos de seus textos tenham a aparência de que foram escritos às pressas, é importante fazer notar que cada palavra para ele tinha um valor e um lugar únicos no texto. Em uma carta de 1862 dirigida ao editor, ele avisa que enviará “sucessivamente o valor de três folhas⁴⁶”, pois, “eu sempre corrijo muito”⁴⁷. Essa mania de correção lhe valerá posteriormente o riso dos outros e a perda de muitas oportunidades de publicação.

Um segundo aspecto importante de *Isis* é o fato de incluir na obra cristianismo, ocultismo e hegelianismo; os mesmos elementos que se encontrarão em *Claire Lenoir*. Raitt dirá que nessa época Hegel se tornou “seu semideus”⁴⁸. Mas Villiers não é fiel a Hegel, nem em *Isis*, nem em *Claire Lenoir*, pelo simples fato de que seu conhecimento de Hegel era deveras pessoal, e reduzia-se provavelmente à leitura de *Introduction à la philosophie de Hegel* (1855) de Auguste Véra.

A filosofia em *Isis* é também um elemento estético. Eugène Lefébure, em uma carta a Mallarmé datada de 1865, diz que questionou Villiers sobre essa mistura de filosofia e religião numa obra literária, considerando que isso desagradaria a filósofos e artistas, e “ele me respondeu no mesmo instante com esse sofisma encantador, que para ele a poesia e a filosofia eram a mesma coisa”⁴⁹. As idéias então que se encontram nas obras de Villiers não estão ali unicamente como elementos filosóficos, mas também como elementos estéticos. Nessa obra, como também em *Claire Lenoir*, Villiers tentou uma síntese da filosofia de Hegel e do cristianismo. No dizer de Lefébure: “Villiers, no fundo é

⁴⁶ trata-se das folhas soltas do livro, ainda não encadernado; é como vinham as provas na época.

⁴⁷ J. Bollery, *Opus cit.*, carta 13, p.50.

⁴⁸ A. Raitt, *Villiers de L’Isle-Adam – exorciste du réel*, p.36.

⁴⁹ J. Bollery, *Opus cit.*, carta 36, p.80

cristão, vê a obra de Hegel como uma explicação incompleta do Evangelho”⁵⁰.

Um último aspecto acerca de *Isis* a se ressaltar é que recebeu elogios de Banville: “Eu acabo de ler avidamente esta nova obra e me sinto muito tocado pela incontestável marca do gênio”⁵¹; e também “valeu ao autor, da parte de Baudelaire, testemunhos de admiração que poderiam hoje parecer excessivos”⁵², diz Robert du Pontavice. E essa admiração de Baudelaire tem sua importância. Pois de Baudelaire vai-se a Poe, e de Poe, novamente a *Claire Lenoir*.

A proximidade com Baudelaire Villiers preservou mesmo depois da morte do poeta, “cuja lembrança o perseguia como uma obsessão”⁵³, diz o primo Robert. Villiers lembrava com frequência as conversas e andanças pela Paris noturna que havia tido com ele. No entanto, a influência sofrida, “nefasta” segundo Robert, não é muito visível na obra de Villiers. De uma perspectiva formal, podemos mencionar apenas alguns ‘poemas em prosa’ de Villiers e que estão mais próximos de contos curtos do que propriamente daqueles que Baudelaire criou. E também podemos contá-los nos dedos: “Antonie” (1874), “É de se confundir!” (1876) e “Flores fúnebres” (1883), todos incluídos nos *Contos cruéis*.

A influência de Baudelaire sobre ele, portanto, se deu de outro modo. Foi mais no sentido de uma atitude antiburguesa e em particularidades como, por exemplo, a presença de uma “obscura correspondência”⁵⁴ no conto “O Intersigno” (1867) ou de Allan Poe em *Claire Lenoir*. É bastante provável que nas conversas com Baudelaire o autor americano — esse “galhardo”, que parecerá a Bonhomet “possuir algumas tinturas de retórica!...” (p.91) — tenha sido um tema frequente. As traduções

⁵⁰ *Idem*.

⁵¹ E. Rougemont, *Opus cit.*, p.102; conf. também J. Chupeau, in Villiers de L’Isle-Adam, *Contes e récits*, p.7. O trecho citado é de um artigo de Banville dedicado ao livro *Isis*, publicado em *Le Boulevard*, 31/ago/1862.

⁵² R. Pontavice de Heussey, *Opus cit.*, p.66.

⁵³ *Idem*, p.154.

⁵⁴ Villiers de L’Isle-Adam, *Contos cruéis*, p.27.

de Poe saíram em 1856 (*Histoires extraordinaires*), 1857 (*Nouvelles Histoires extraordinaires*), 1858 (*Les Aventures d'Arthur Gordon Pym*) e 1865 (*Histoires grotesques et sérieuses*). Villiers leu todas: diz Rougemont que quando ele conheceu Baudelaire “As maravilhosas traduções do poeta acabavam de aparecer e Villiers se deleitava com essa leitura”⁵⁵.

Um outro intervalo na vida feliz de Villiers nos primeiros anos em Paris, deveu-se a um caso interessante. Catulle Mendès era um dos companheiros, literário e noturno, mais próximos de Villiers; apesar das constantes rixas entre eles, foram amigos por muitos anos. Ao que parece, foi Mendès quem apresentou a Villiers uma certa Louise Dyonnet. “Sabe-se pouca coisa desta mulher, apenas que parece ter sido, senão uma ‘profissional’, ao menos uma daquelas que, no Segundo Império, chamavam-nas ‘corças’”⁵⁶.

Raitt informa que era uma mulher “mais velha do que Villiers, era casada ou havia sido casada, tinha dois filhos chamados Jules e Jacques, vivia perto de Montparnasse”⁵⁷, pertencia à sociedade mundana de Paris e que parece ter sido, simultaneamente, amante de Mendès, pelo menos este lhe alugara um apartamento e também cobria as muitas dívidas que ela fazia.

Em 1862 Mathias é forçado a ir para Solesmes, fazer um retiro. A tia Kerinou conhecia o responsável pela abadia de Solesmes, Dom Guéranger, e para lá mandou o neto para curar-se da influência dessa mulher e revitalizar sua fé que aparentava vacilar. Dom Guéranger, segundo uma carta de Mathias para Baudelaire, tornou-se “padre aos 21 anos; doutor em teologia aos 23 anos; licenciado em direito, licenciado em letras e doutor em ciências aos 38 anos”, e falava “7 ou 8 línguas atuais”⁵⁸. Além dessa companhia intelectual, nesse retiro ele tinha à sua disposição a biblioteca da abadia: “contém em torno de 20.000 volumes: aí me deixam sozinho todos os dias, favor desconhecido

⁵⁵ E. de Rougemont, *Opus cit.*, p.80.

⁵⁶ J. Bollery, *Opus cit.*, p.74.

⁵⁷ A. Raitt, *Villiers de L'Isle-Adam – exorciste du réel*, p.49.

⁵⁸ J. Bollery, *Opus cit.*, carta 14, p.51.

de bom número de pessoas”⁵⁹. Essas leituras e as discussões, que lhe permanecerão na lembrança, foram o lado bom de seu retiro forçado.

Mas, se essas leituras o encantam, e a tia Kerinou escreve a Dom Guéranger agradecendo o “milagre” que ele fez pelo “seu filho”⁶⁰, Mathias não esquece Louise. E no ano seguinte novo pedido para um retiro forçado, agora mais radical: “Eu estou persuadida que todas as suas correspondências devem ser interditas, com exceção da minha, que continuará a lhe dar conselhos e algumas vezes reprovações tão bem merecidas”⁶¹, escreve a tia a Dom Guéranger em agosto de 1863. Mathias tem então quase vinte e cinco anos completos, mas é bom filho e aceita ir, somente não esperava que fosse uma armadilha.

Ele fica “preso”, sem dinheiro para poder sair de Solesmes. Apela então para seu amigo Jean Marras em Paris, pedindo-lhe dinheiro. Recebe o dinheiro de seu fiel amigo e dois dias depois lhe escreve agradecendo e já lamentando deixar Solesmes. Pois ali se encontram Louis Veuillot, “Henri Taine, Emile Littré, e dois professores da escola normal” que vieram visitar a abadia. E ele, com Dom Guéranger, passam o dia a conversar com eles “desde as nove horas até a meia-noite”⁶². Sobre esses encontros e discussões ele escreverá vinte anos depois, em 1883, pela ocasião da morte de Louis Veuillot, “Uma entrevista em Solesmes”, texto incluído nas *Histórias insólitas* onde relembra sua estadia na abadia e as conversas com o polemista Veuillot.

De volta a Paris Mathias não resiste por muito tempo aos encantos torturantes de Louise. Em quatro cartas que restaram endereçadas a ela, vê-se que ele se esforça para deixá-la e que ela lhe consumia todas as economias, repassando-lhe dívidas e ainda, para tortura do apaixonado, que saía com outros homens.

Se por um lado essa mulher, sua segunda paixão, foi-lhe pernicioso, por outro foi o motivo que levou Villiers a duas

⁵⁹ *Idem*, carta 14, p.52.

⁶⁰ *Idem*, carta 17, p.56.

⁶¹ *Idem*, carta 18, p.58; a carta da tia Kerinou possui muitos erros que não reproduzo aqui na tradução.

⁶² J. Bollery, *Opus cit.*, carta 21, p.62/3.

estadias entre os beneditinos de Solesmes e a estudos históricos e teológicos que lhe deixaram marcas ao longo dos anos. Mesmo que esses conhecimentos não lhe permanecessem, digamos puros, pois como diz Henry Roujon, citado por Raitt: “ele sabia muito mal um pouco de tudo, e adivinhava o resto”⁶³, ao menos sabia alguma coisa sobre o qual sua imaginação trabalhava e transformava em obras de arte literária. A série de definições de Deus no capítulo X de *Claire Lenoir*, por exemplo, deve ser resultado dessas conversas e leituras, bem como contos como “A tortura pela esperança” e “Os amantes de Toledo”, ambientados na Idade Média.

Voltando a residir em Paris, após a publicação de *Isis* em 1862, ele se dedica as suas peças: *Elèn* e *Morgana*, tornando-se então ‘escritor dramático’.

* * *

Em 1863 Villiers começa as suas mistificações, que lhe renderão uma fama muito grande: aquela de ser completamente alheio à realidade e que o ajudou a se tornar uma lenda. O primo Robert conta a história em detalhes.

O trono grego havia ficado vazio, as nações que protegiam a Grécia, França, Inglaterra e Rússia, punham-se a procurar um substituto. “Napoleão III tinha, na época, voz preponderante (...) e o candidato seria francês”⁶⁴. Isso era assunto em todos os jornais quando “uma manhã de começo de março, o grande marquês”, o pai de Villiers, chegou em casa brandindo um jornal nas mãos. Havia-se encontrado um candidato: “é um grande senhor francês, bem conhecido de toda a Paris: O Conde Philippe-Auguste de Villiers de L’Isle-Adam”⁶⁵. A família ficou encantada, incluindo Mathias, que também acabava de receber a espantosa notícia. É de se imaginar o efeito que a notícia teve sobre a nobre e decadente família: “Eles já viam Mathias dando entrada em Atenas, vestido de veludo negro, orgulhosamente seguro sobre

⁶³ A. Raitt, *Villiers de L’Isle-Adam – exorciste du réel*, p.44.

⁶⁴ R. Pontavice de Heussey, *Opus cit.*, p.74.

⁶⁵ *Idem*, p.75.

um cavalo branco (...) o próprio Mathias tomou a coisa muito a sério, mas duvidava um pouco do sucesso”⁶⁶.

Mas essa notícia, explica o primo Robert, teve origem em uma brincadeira de Villiers. Essa aventura, diz ele, poderia se chamar: “O mistificador mistificado”. Villiers havia feito uma brincadeira de mau gosto com um sujeito apelidado “o Leão da Numídia”, que era “dotado de um extraordinário temperamento, de uma verve e de um humor prestigioso”⁶⁷, diz Robert. Seu defeito é que “tinha a pretensão de ser um ator admirável e nunca perdia uma ocasião de exibir seus talentos de mímico e suas qualidades de declamador”. E “Villiers, que já exercia essa zombaria fria, terrível e séria, que mirava todas as fraquezas humanas, percebeu rápido o defeito da couraça do excelente companheiro”⁶⁸.

Villiers explicou ao Leão da Numídia que alguns amigos seus “desejavam montar (...) *O mouro de Veneza*; mas não encontravam ninguém capaz de interpretar o papel de Otelo”, principalmente porque o ator deveria permanecer com o rosto e os braços pintados de preto a peça inteira. O Leão se ofereceu com avidéz, Villiers indicou a tinta necessária e marcou um local e horário onde ele deveria aparecer para o teste.

Villiers reuniu todos os amigos no local indicado, um dos lugares de costume das reuniões literárias: “Quando Otelo, vestido com suas magníficas roupas, o rosto e os braços tão pretos quanto os do rei Dahomey, fez sua entrada na sala, e um formidável hurra eclodiu de todos os lados, o aspecto do Leão da Numídia nunca mereceu tanto o seu nome”⁶⁹.

A sutil vingança do Leão foi, semanas mais tarde, aproveitando-se da questão do momento, criar um falso artigo em um jornal onde se dizia que o imperador Napoleão tinha cogitado o nome do último descendente do criador da Ordem de Malta para ocupar o cargo de rei da Grécia. E o Leão da Numídia não deixou

⁶⁶ *Idem*, p.76.

⁶⁷ *Idem*, p.77.

⁶⁸ *Idem*, p.78.

⁶⁹ *Idem*, p.79.

passar nem um dia sem que algo sobre a candidatura de Villiers ao reino da Grécia fosse mencionado em algum jornal parisiense. Foi deveras um trabalho arduo, com pseudônimo evidentemente, mas que deu como resultado o comentário geral, do qual o próprio Villiers chegou a acreditar ao ponto de marcar uma entrevista com o imperador Napoleão. E consta que um dos seus ministros foi quem atendeu. Sobre o que falaram durante o tempo que Villiers esteve no gabinete imperial não se sabe nada, salvo que ele exigiu falar pessoalmente com Napoleão e que de lá saiu forçadamente, acompanhado pelos seguranças do palácio.

Mas o nome de Villiers de L'Isle-Adam, já conhecidíssimo nos bares de Paris e entre os escritores, jovens e velhos, chegou a todos os jornais parisienses. Era o começo da lenda.

Villiers vai aos poucos se revelando um gênio alucinado, persistente, um pouco ingênuo, paradoxalmente muito consciente do andamento da Modernidade e alheio aos fatos que o cercavam de perto.

Voltando as suas obras: A peça *Elën*, Villiers manda imprimir, em janeiro de 1865, 25 exemplares, somente para os amigos mais próximos. E no ano seguinte faz uma segunda edição, e publica também *Morgana*. Essas duas peças se aproximam de *Axël*⁷⁰ pelo recurso a uma ambientação romântica. A primeira se passa em Dresde, a segunda na Sicília e *Axël* na Alemanha. As outras peças, *A revolta* (1870), *O novo mundo* (1883) e *A evasão* (1887) são dramas realistas, mas que não perdem de vista o romantismo e o peculiar caráter simbólico próprio de Villiers⁷¹.

As inúmeras tentativas de levar suas peças ao palco envolvem muitas lendas e, incrivelmente, na maior parte, verdadeiras. Fato é que Villiers vendia uma imagem de louco que, se tinha seus admiradores, também tinha os depreciadores. O

⁷⁰ *Axël* tem uma estrutura de peça, mas devido à dimensão das falas se assemelha a um romance, ou, como é comumente chamado, um drama poético.

⁷¹ Uma interessante resenha crítica de sua obra dramática se encontra no texto “Villiers de L'Isle-Adam auteur dramatique” (1889) de Rodolphe Darzens, um de seus “discípulos”.

desprezo que os irmãos Goncourt, por exemplo, tinham por Villiers, em parte deveria ser por sua natureza excêntrica, em nada parecida com aquela dos Goncourt, Hugo, Flaubert ou Zola. Para os “irmãos Goncourt, Jules e Edmond, em uma tarde de setembro de 1864”, segundo cita Phil Baker, Mathias lhes aparecia assim:

Era o típico boêmio literário ou poeta desconhecido. O cabelo, partido ao meio, caía em cachos encaracolados sobre os olhos, e ele os puxava para trás com gestos de um louco ou de um *illuminati*. Tinha os olhos febris de uma vítima de alucinações; o rosto era de um viciado em ópio ou de um masturbador; e uma risada maluca, mecânica, que saía e voltava para a garganta. No conjunto, era algo doentio e espectral... Ele parecia descender dos Templários pelo caminho dos Funâmbulos.⁷²

Villiers pelo menos não estava sozinho nessa. Mais tarde, quando então ele se torna um dos “ídolos da juventude”, o rancoroso Edmond de Goncourt teria dito: “Baudelaire, Villiers de L’Isle-Adam e Verlaine: três homens de talento, sem dúvida, mas um boêmio sádico, um alcoólatra e um assassino homossexual”⁷³. Léon Deffoux, no entanto, escreve que “Ele não era um alcoólatra, contrariamente ao que se diz: estava apenas sempre bêbado de lirismo”⁷⁴.

E seus contemporâneos deixaram mais testemunhos de admiração do que críticas morais. C. Mendès recebia na sua casa os jovens autores — o grupo dos parnasianos — onde, por volta de 1865, segundo François Coppée, Villiers causava sensação:

⁷² P. Baker, *Absinto: uma história cultural*, p.80/1.

⁷³ *Idem*, p.80.

⁷⁴ L. Deffoux, “Villiers de L’Isle-Adam”, p.100.

‘De repente, na assembléia dos poetas, um grito alegre incitava todos: “Villiers!... É Villiers!...” E de repente um jovem de olhos azul pálido, de pernas vacilantes, mordiscando um cigarro, rejeitando com um gesto sua cabeleira em desordem e torcendo seu pequeno bigode loiro, entra com ar desnordeado, distribui apertos de mão distraídos, vê o piano aberto, senta-se ali e, crispando seus dedos sobre o teclado, canta com voz oscilante, mas da qual nenhum de nós esquecerá jamais o acento mágico e profundo, uma melodia que ele acabava de improvisar na rua, uma vaga e misteriosa melopéia que acompanha, duplicando a impressão perturbadora, o belo soneto de Charles Baudelaire:

*Teremos leitos cheios de odores
leves,*

*Divãs profundos como túmulos,
etc.*

Depois, quando todo mundo está sob seu encanto, o cantor, balbuciando as últimas notas de sua melodia, ou interrompendo-se bruscamente, levanta-se, afasta-se do piano, vai, como para se esconder, para um canto da sala e, enrolando um outro cigarro, lança sobre o estupefato auditório um olhar desconfiado e circular, um olhar de Hamlet aos pés de Ofélia durante a representação do *Assassinato de Gonzaga*.

Assim nos aparecia, há dezoito anos, nas amigáveis reuniões da rua Douai, na casa de Catulle Mendès, o conde Auguste Villiers de L’Isle-Adam...’ (*Patrie*, 26 fevereiro, 1883.)⁷⁵

⁷⁵ R. Pontavice de Heussey, *Opus cit.*, p.52/3; E. Rougemont, *Opus cit.*, p.116. Ambos citam o referido artigo de F. Coppée.

É neste ano de 1865, em novembro, que Lefèbure, escrevendo a Mallarmé, informa-lhe que Villiers “vai se colocar à maneira de Edgar Poe”, acrescentando: “certamente fará poemas esplêndidos nesse gênero”⁷⁶. Mas não foram exatamente poemas que ele compôs. Em setembro de 1866 Villiers escreve a Mallarmé: “Claire Lenoir, um romance terminado, vai aparecer no *Epoque*. (...) Claire Lenoir e Yseult são contos terríveis, escritos segundo a estética de Edgard (sic) Poe. Eu obtive tal sucesso de risos-loucos na casa de Leconte de Lisle (...) que tenho boa esperança”. *Claire* não saiu no *Epoque*; “Yseult d’Yeuse” saiu somente em 1874 na *Revue du Monde Nouveau* com o título de “O conviva desconhecido” e mais tarde nos *Contos cruéis* como “O conviva das últimas festas”. Na mesma carta Villiers diz ainda que “O fato é que farei com o burguês, se Deus me permitir, o que Voltaire fez com os ‘clericaux’, Rousseau com os gentishomens e Molière com os médicos. Parece que tenho uma potência para o grotesco da qual eu não duvidava. Enfim, nós riremos um pouco”⁷⁷.

Note-se que “uma potência para o grotesco” leva ao “nós riremos um pouco”. É o laço que faz com que *Claire Lenoir*, sob a responsabilidade de Bonhomet, seja obra de *humor negro*. Em cujo fundo se encontram Hoffmann e Poe.

Ainda na mesma carta, após algumas considerações sobre Mendès — que ele não vê há “dois meses” e lamentar-se de que se encontra um pouco doente: “o coração bate muito forte; são os nervos” — ele menciona alguns autores ao amigo: “Auréole Théophraste Bombaste, dito o divino Paracelso”, indica-lhe “*Dogmas e rituais da alta magia* de Eliphaz Lévy” e fala de Hegel, “estou realmente muito feliz que concedeis alguma atenção a esse miraculoso gênio, a esse procriador incomparável, a esse reconstrutor do Universo. Ah! agora que eu o re-estudei

⁷⁶ J. Bollery, *Opus cit.*, carta 36, p.80.

⁷⁷ *Idem*, carta 54, p.99.

mais a fundo, durante longas noites, estou seguro que nós dois nos divertiremos a conversar sobre ele, meu querido amigo⁷⁸.

Paracelso, Lévi e Hegel, além de muitos outros ocultistas e filósofos serão mencionados ou terão suas idéias inclusas na novela. Além disso, na mesma carta, Villiers pergunta a Mallarmé “o que significa medicina homeopata?”. E é pena que não se saiba a resposta de Mallarmé, pois em *Claire Lenoir*, Bonhomet decide curar o seu amigo Césaire “pelo meu sistema de homeopatia” (p.163) e em “Moção do Dr. Tribulat Bonhomet referente à utilização dos tremores de terra” há a menção ao lema da escola homeopática, enunciado por Samuel Hahnemann no *Organon da Medicina* (1810): “*Similia similibus*” (p.27).

Claire Lenoir ele irá publicar somente em 1867, com o título *Histoires moroses: I. Claire Lenoir*, na *Revue des Lettres et des Arts*, da qual foi o redator chefe. A novela saiu em capítulos espalhados pelos 25 volumes editados entre 13 de outubro de 1867 e 29 de março de 1868. Cada volume tinha em torno de 32 páginas, no formato *in-quarto*, ao custo de 50 centavos: “Um número a cada semana”.

A Revue des Lettres et des Arts

Não se sabe como Villiers acabou se tornando o redator chefe dessa revista. Sabe-se apenas que o proprietário e financiador se chamava Théophile Gouzien e que um parente seu, Armand Gouzien, era o diretor. No cargo de redator chefe Villiers se encarregaria “exclusivamente da composição de cada número⁷⁹”, enquanto o proprietário garantiria os três primeiros meses, supondo-se que, a partir de então, a revista deveria sobreviver com recursos próprios, obviamente com os famosos ‘reclamos’ da época, aos quais, parece, Villiers não recorreu.

Para a composição da revista ele procurou todos os seus conhecidos: Leconte de Lisle, Banville, Herendia, Wagner,

⁷⁸ *Idem*, p.100; Villiers escreve na carta “Lévy”, mas em *Claire Lenoir*, “Lévi”.

⁷⁹ J. Bollery, *Opus cit.*, “Contrat de Fondation de la Revue des Lettres et des Arts”, doc. 60, p.106.

Lyvron, Dierx, Verlaine, Dumas (filho), Judith Gautier, Augusta Holmès, Louis Bouilhet, Flaubert, Charles Asselineau, Boyer, Henri Rivière, Frédéric Mistral, Mendès, Champflery e, entre outros, Mallarmé: “Rápido, rápido, meu querido amigo, vossa sublime e maravilhosa cópia”⁸⁰. Villiers convidou (e publicou!) até mesmo Jules e Edmond de Goncourt⁸¹, “malgrado a péssima estima que tinham por Villiers”⁸², como observa Raitt.

Allan Raitt destaca que a revista “passa a impressão de ser um trabalho em equipe e não o de um só homem”, como de fato foi. Pois, mesmo sozinho, Villiers não se impôs, e apesar de *Claire Lenoir* e “O Intersigno” constarem na publicação, de modo algum tomam espaço predominante. Além disso, “a distinção daqueles que nela escreveram não é o único mérito da revista”. Para fazer jus à sua divisa, *fazer pensar*, Villiers incluiu quase todos os parnasianos, que na época eram um grupo de vanguarda, mas, ao que parece, muito mal visto: “Segundo Mendès, o pior dos insultos que um cocheiro de fiacre podia lançar na cara de outro era: ‘Parnasiano!’”⁸³. A revista também teve o mérito de ser uma das primeiras na França a defender Wagner e sua música.

Nos cinco meses de duração da revista, Villiers permaneceu tranqüilo quanto ao seu sustento. Tão tranqüilo que pareceu abusar. Por essa época ele escreve a Jean Marras dizendo que o espera na “Revista às 11 horas. (...) Há bom fogo, quatro lâmpadas e com que umedecer nossos lábios inspirados”⁸⁴. Raitt cita um testemunho do jornalista Louis de Gavrinis, que mostra que ele não passava uma ou outra noite no escritório da revista, mas que passou a morar ali:

Estava-se em pleno inverno; e nada de fogo. No quartinho de Villiers, que servia de gabinete da redação, o mestre esperava com uma impaciência louca a tiragem de

⁸⁰ *Idem*, carta 61 (20/set/1867), p.107.

⁸¹ *Idem*, cartas 63 (p.109) e 69 (p.117).

⁸² A. Raitt, *Villiers de L'Isle-Adam – exorciste du réel*, p.80.

⁸³ *Idem*, p.81.

⁸⁴ J. Bollery, *Opus cit.*, carta 71, p.118.

sua folha. E assim que o impressor enviava algumas centenas de exemplares, Villiers e Dommartin faziam um prazeroso fogo, diante do qual eles se aqueciam com uma voluptuosidade indescritível. Quando caía a noite, Villiers se deitava em um leito — não, na madeira de um leito — acumulava sobre si o que restava das roupas, coroava esse magro edifício com uma cadeira para fazer peso, e dormia profundamente, suavemente embalado por sonhos bizarros onde fadas espectrais desvelavam as últimas visões ao seu cérebro sempre desperto.⁸⁵

E do mesmo modo enigmático em que ele se tornou chefe da revista, foi dispensado. A revista mudaria de nome, seria *La Fronde*, e se orientaria em outra direção: a política.

A família Villiers já beirava a miséria e ele enchia-se de dívidas. Mas ainda tinha o prestígio de sua descendência que lhe garantiam alguma honra na alta sociedade parisiense. Michel Baronnet, um de seus amigos, apresentou-lhe ao avô do ministro de assuntos estrangeiros e isso resultou em um convite para um baile oficial no Ministério, onde tentou uma nomeação para ser embaixador em Londres, que não deu certo.

O motivo talvez estivesse no seu comportamento. Ele foi convidado também por Arsène Houssaye, “redator chefe de *L’Artiste* e diretor do Belas-Artes”, para uma festa. Mas lá encontrando um piano, Villiers se apoderou dele e não saiu senão após muita insistência, deixando todos constrangidos, principalmente “as senhoras que desejavam uma valsa”⁸⁶.

Assim ocorreram vários convites para o ilustre descendente do criador da Ordem de Malta, mas que nunca se repetiam. “Malgrado um desejo quase infantil de honras e de decorações, seu não-conformismo era tão incorrigível que ele se comportava

⁸⁵ A. Raitt, *Villiers de L’Isle-Adam – exorciste du réel*, p.85.

⁸⁶ *Idem*, p.88.

invariavelmente de uma maneira que o impedia de obtê-las”⁸⁷. E isso ao mesmo tempo ia lhe aumentando a fama de excêntrico e, para alguns, de louco.

Em 1866 Villiers pede a mão de Estelle Gautier, a filha mais nova de Théophile Gautier e irmã de Judith, com quem Catulle Mendès havia recém casado. Conta-se que Gautier romperia relações com sua filha Judith por conta do casamento com Mendès, que se revelou um verdadeiro crápula. Mas com Villiers era diferente. O velho Théo gostava muito dele e consentiu com alegria a mão de sua jovem filha. Em sua casa Villiers era sempre bem recebido. Porém, Estelle não seria na casa dos Villiers: “minha família me recusa tudo: consentimento e dinheiro necessário”, escreve Villiers em janeiro de 1867 ao seu pretendido sogro. E continua: “eu não posso ganhar a vida com o gênero de talento que tenho. (...) Ora, eu não quero nada de ninguém. Eu queria apenas Estelle e a tranquilidade de viver. Mas eu não posso ter, é necessário que me retire. É meu dever para com ela e para comigo. Desde que percebi a impossibilidade, interrompi minhas visitas em vossa casa”. — E isso explica, talvez, a ausência de Gautier na *Revue des Lettres et des Arts*.

Na seqüência Villiers lamenta-se e pede a Gautier que fale com a filha: “Pois eu não tenho coragem de dizer adeus a Estelle. (...) Não é minha culpa, se renuncio a essa felicidade; é a necessidade, no que tem de mais amargo, que absolutamente me obriga a isso”⁸⁸. — A tia Kerinou e seus pais haviam ficado horrorizados com a idéia de que Mathias se casasse com uma mulher que não tivesse *sangue azul*.

No ano de 1868 as suas dívidas aumentaram ao ponto de que ele já não conseguia pagar o aluguel do quarto que ocupava no hotel de um certo Sr. Garcias. Algumas cartas, datadas de junho e julho, remetidas ao proprietário do hotel, demonstram suas dificuldades em pagar. Dívidas que se estendem até o ano seguinte.

⁸⁷ *Idem*, p.89.

⁸⁸ J. Bollery, *Opus cit.*, carta 57, p.103.

Em 1869 Villiers passa o conto “Azraël” para Mendès publicar e lhe enviar o dinheiro, mas o proprietário do hotel vai ao periódico *La Liberté* tentar cobrar para si o dinheiro devido a Villiers. Uma carta de Mendès ao hoteleiro demonstra sua irritação: “Disseram-me no *La Liberté* que vós haveis se oposto ao que é devido a Villiers de L’Isle-Adam; certamente, é vosso rigoroso direito, mas fui eu que levei Villiers ao *La Liberté*. (...) O senhor Girardin [editor] está descontente, é uma ruína para nós”. Mendès e Judith já haviam publicado neste periódico e tinham outras publicações em vista; ele pede então para o hoteleiro parar de perturbar o editor da revista: “e eu lhe dou minha *palavra de honra* que se Villiers não pagar, eu vos darei os 75 francos que tereis perdido fazendo oposição”⁸⁹. — Possivelmente Mendès cumpriu sua palavra, pois Villiers não pagou.

Mendès e Judith moravam também no hotel do Sr. Garcias. Villiers, portanto, perturbava o casal de amigos duplamente, na revista em que eles publicavam e na casa em que moravam. É compreensível que tivessem por toda a vida uma relação de amor e ódio constantes.

Com o tempo, as constantes mudanças de endereço de Villiers se deviam freqüentemente aos calotes. Sempre que tinha de pagar o aluguel, ele se mudava. Morou em inúmeros lugares e mesmo nas ruas, em casas em construção, ou simplesmente vagando pelas ruas noturnas de Paris.

No ano de 1868 Mathias passa a freqüentar assiduamente o famoso salão de Nina de Villard, de quem talvez tenha sido amante. A falta de dinheiro o levou quase a morar no salão de Nina, onde havia divãs espalhados pela casa especialmente para os convivas que moravam longe ou que estivessem muito bêbados para voltar para casa. Além de ser um local onde encontrava bebida, comida e leite, ali ele encontrava também quase todos os intelectuais ‘malditos’ de Paris. O ambiente e os convivas ali eram muito mais livres do que nas formais *soirées* na casa de Leconte de Lisle ou na casa da mãe de Verlaine, as quais ele também freqüentava. Ali “improvisavam-se pequenas comédias

⁸⁹ *Idem*, carta 79, p.127

[Villiers atuava], liam-se versos, tocava-se música, inventavam-se brincadeiras para assombrar os vizinhos burgueses”⁹⁰. Além dos conhecidos: Mendès, Coppée, Augusta Holmès e Verlaine, Villiers faz novas amizades com tipos diversos: o inventor, poeta e humorista Charles Cros, o pintor Édouard Manet, protegido de Nina; músicos como Charles de Sivry, Henry Ghys e o excêntrico Ernest Cabaner; o ocultista Henri Delaage, o pintor Franc-Lamy e escritores como Anatole France e Guy de Maupassant. É talvez também na casa de Nina que Villiers se aproxima das idéias políticas de extrema esquerda.

No início do ano de 1869 Villiers conclui, e com a ajuda de Alexandre Dumas (filho) tenta encenar no teatro do Gymnase, a peça *A Revolta*, mas o projeto fracassa.

Entre julho e setembro viaja para a Alemanha e Suíça com Mendès e Judith. Em Tribschen passa nove dias na casa de Wagner, depois vai para Lucerna, para assistir as óperas de Wagner, e Munique, onde participa da Exposição Universal de Belas-Artes. Aproveita-se disso para se tornar jornalista, correspondente de diversos jornais de Paris, só para ganhar algum dinheiro.

Segundo consta na “Cronologia” das obras completas: “em 11 de setembro, nasce em Paris Jules Émile Leroy, filho de Mathilde Leroy, artista dramática do Vaudeville, e de pai desconhecido; talvez seja um filho natural de Villiers. Ele morreu em Bruxelas em 1911”⁹¹.

No ano seguinte, 1870, Villiers participa, em Paris, das manifestações insurrecionais de janeiro. Em maio, devido às intervenções de Dumas filho, o diretor do teatro de Vaudeville decide montar *A Revolta*. A peça é encenada em 6 de maio, e cinco dias depois sai de cartaz; é um fracasso.

Em junho, nova viagem para a Alemanha na companhia do casal Mendès e Judith. Eles vão a Weimar assistir ao festival wagneriano organizado pelo grão-duque de Saxe-Weimar em

⁹⁰ A. Raitt, *Villiers de L'Isle-Adam – exorciste du réel*, p.91.

⁹¹ Villiers de L'Isle-Adam, “Chronologie”, in *Oeuvres complètes*, vol. I, p.XLVI. Conf. A. Raitt, *Villiers de L'Isle-Adam – exorciste du réel*, p.93.

homenagem ao tsar Alexandre II. Em seguida vão para Munique e depois para Tribschen, para a casa de Wagner. Ali, entre os convidados Villiers se encontra, no dia 28 de julho⁹², com Friedrich Nietzsche. Infelizmente não se sabe nada sobre o que conversaram, se conversaram, e que impressão puderam ter um do outro.

Com o início do conflito entre França e Prússia o ambiente ‘wagneriano’ torna-se desagradável. O próprio Wagner começa a falar mal dos franceses diante de seus admiradores. Villiers e seus amigos, outros franceses que lá estavam, entre eles, Camille Saint-Sëns e Henri Duparc, são forçados a deixar a Alemanha. Villiers e o casal Mendès decidem ir para Avignon, visitar Mallarmé. E Villiers resolve se fazer correspondente de guerra, a fim de ganhar algum dinheiro dos jornais de Paris. Ele escreve a Marras, que está em Paris:

Eu devo ser considerado como estando na Alemanha para todo mundo, sem isso eu perderia dinheiro em massa, a saber, o dinheiro das crônicas da guerra *no sul da Alemanha* onde se acredita que estou, onde *é preciso que se creia* e de onde de fato eu venho com informações suficientes para escrever daqui [casa do Mallarmé] minhas correspondências, eis tudo.⁹³

Em Avignon ele entra no 11º regimento dos cavaleiros caçadores, mas no fim do ano eis Villiers como comandante dos batedores do 147º batalhão da Guarda Nacional de Paris. Sua participação na Comuna em 1870/1 é pouco conhecida. Sabe-se, no entanto, que lutou por todos os lados e viu-se em dificuldades com sua família, a qual ele procurou proteger. De início participou da Comuna ao lado dos seus companheiros parnasianos e dos socialistas, por fim, saiu da luta uniformizado! Sem dinheiro e sem condições de sair do meio do conflito, ele parece ter

⁹² Conf. A. Raitt, *Villiers de L'Isle-Adam – exorciste du réel*, p.121.

⁹³ J. Bollery, *Opus cit.*, carta 104, p.161.

procurado, junto dos seus pais, apenas a *sobrevivência*. Villiers era um bom pugilista, manjava bem a espada e era excelente com armas de fogo, é fácil compreender que poderia lutar pelo lado que lhe fosse mais favorável no momento.

Em 13 de agosto de 1871 morre a tia Kerinou, e a miséria se acentua. Seu pai já é um completo insano, vive a sonhar com castelos e ouro. Na miséria, para seu auto-sustento e também de seus pais — pois sempre que podia ele lhes levava dinheiro — Villiers ocupou-se dos mais diversos *métiers*. Entre outras ocupações efêmeras: monitor, por mais de uma vez, de boxe inglês, ajudante em uma casa funerária, candidato ao Conselho Municipal de Paris, e, função das mais estranhas, auxiliar de médico.

Este último trabalho ele exerceu por volta de 1880 ao travar conhecimento com “um certo doutor Latino, instalado na avenida do Opéra, especialista no tratamento de doentes mentais e um aficionado pelo espiritismo”. Latino havia lhe oferecido um quarto na sua casa e Villiers lhe auxiliava: “tinha por missão permanecer na sala de espera do médico e de encenar o papel de ‘louco curado’, assegurando aos pacientes que Latino o tinha libertado completamente de sua doença”⁹⁴.

Como candidato ao Conselho, pelo partido dos monarquistas, “havia inquietado um pouco alguns corajosos representantes anunciando-lhes que, se tivesse a honra de ser nomeado”, disse ele ao primo Robert, “pediria a destruição de alguns monumentos, tais como o Opéra, a igreja do Saint-Sulpice e o Panthéon”, e isso por conta de “um ponto de vista puramente estético”⁹⁵.

Como monitor de boxe, foi por volta de 1870 que ele ocupou pela primeira vez a função em um ginásio. Gourmont conta que ele lhe fez um dia “uma alusão precisa a isso, falando-me de sua saúde. Dos socos recebidos no peito e no estômago, ele

⁹⁴ A. Raitt, *Villiers de L’Isle-Adam – exorciste du réel*, p.208.

⁹⁵ R. Pontavice de Heussey, *Opus cit.*, p.255.

guardava marcas, e uma triste impressão”⁹⁶. Mas ainda depois de publicar os *Contos cruéis*, seu livro mais popular, ele recorria, em 1886, à “sala de boxe inglês”, onde recebia 60 francos por mês e “cerca de duas dezenas de socos no rosto a cada semana para alimentar seu filho”⁹⁷, segundo Léon Bloy.

Nessa diversidade de ocupações para sobreviver — e aqui estão apenas algumas — segundo Raitt, “Villiers demonstrava que, na ruína dos valores modernos, um poeta para viver era reduzido aos extremos mais degradantes”⁹⁸. Contudo, como escreveu o primo Robert: “Segundo Villiers, o crime mais abominável que poderia cometer um escritor era se vender”⁹⁹. Dito de outro modo, Villiers parecia fazer-se a mesma pergunta que Ernesto Sábato e encontrar resposta semelhante: “Como viver? De qualquer forma em que a criação não seja manuseada, abastardada, barateada: pondo uma pequena oficina mecânica, trabalhando de empregado em um banco, vendendo barbatanas na rua, assaltando um banco”¹⁰⁰.

Em 12 de outubro de 1872 aparece a primeira parte de *Axël* na *La Renaissance Littéraire et Artistique*, de Émile Blémont. Mesmo que siga escrevendo, Villiers doravante publicará pouco. A miséria o leva a desaparecer até dos amigos. Raramente é visto.

Na esperança de dinheiro fácil — e com o incentivo de seus pais que há anos procuravam moças ricas para ele¹⁰¹ — Villiers, no ano seguinte, faz um contrato com o conde de la Houssaye:

Eu abaixo assinado reconheço ter recebido
do Conte Villiers de L’Isle-Adam duzentos

⁹⁶ R. Gourmont, “Un carnet de notes sur Villiers de L’Isle-Adam”, in *Promenades littéraires*, p.32.

⁹⁷ Carta de Léon Bloy a Louis Montchal, in A. Raitt, *Villiers de L’Isle-Adam – exorciste du réel*, p.312.

⁹⁸ A. Raitt, *Villiers de L’Isle-Adam – exorciste du réel*, p.208.

⁹⁹ R. Pontavice de Heussey, *Opus cit.*, p.179/80

¹⁰⁰ E. Sábato, *O escritor e seus fantasmas*, p.131.

¹⁰¹ Houve mais de vinte tentativas de casamento por parte de Villiers e de seus pais, sempre com mulheres ricas. Esta é a mais interessante, e absurda, não apenas pelo contrato, mas porque quase deu certo e gerou *A Eva futura*.

mil francos de sua assinatura que deverão ser pagos tão logo se case com a pessoa que eu devo lhe apresentar, e no caso em que o casamento não aconteça, os bilhetes não terão valor e não poderão conseqüentemente ser apresentados.

Paris, 23 de dezembro de 1873

Conde de la Houssaye
15, Avenida Trudaine

É necessário que a fortuna da mulher do Conde de Villiers seja no mínimo de três milhões.

Conde de la Houssaye¹⁰²

A mulher que o conde de la Houssaye lhe arranja é irlandesa, mas vive em Londres, chamava-se Anna Eyre Powell, “que se passa por uma rica herdeira”¹⁰³. Ele acompanhará Villiers até Londres para fazer a apresentação; compra-lhe roupas, uma dentadura — pois aos 36 anos ele já tinha perdido quase todos os dentes — e a passagem para a Inglaterra. O amigo Mallarmé teve também o seu papel: ensinar inglês para Villiers em duas semanas!

Em dezembro de 1873 eles viajam. Parece que em Paris falava-se muito mal da pretendente, bem como de Villiers, pois em janeiro de 1874 ele escreve para Judith: “— Minha querida Judith, [ela] é uma jovem que é um sonho de Ossian, que nunca fez mal a ninguém, é bela como o Oriente”¹⁰⁴. Um amigo de Mallarmé, John Payne, escreve-lhe de Londres algumas cartas falando de Villiers. Primeiro, em dezembro de 1873, diz que o espera, depois que o encontrou, e por fim, em fevereiro de 1874: “E Villiers? (...) ele parece ter desaparecido e eu não sei seu endereço”¹⁰⁵. Villiers, em 5 de janeiro, havia escrito a Mallarmé,

¹⁰² J. Bollery, *Opus cit.*, doc. 120, p.180.

¹⁰³ Villiers de L’Isle-Adam, “Chronologie”, in *Oeuvres complètes*, vol. I, p.XLVII.

¹⁰⁴ J. Bollery, *Opus cit.*, carta. 121, p.181.

¹⁰⁵ *Idem*, carta(s) 122, p.182/3.

e muito feliz diz: “Querido Mallarmé, eu amo muito tarde e é a primeira vez em minha vida que amo. Posso eu comparar o que é incomparável? Eu amo um Anjo como não há certamente dois sob o sol!”¹⁰⁶. Mas em 22 de janeiro ele já se encontra em Paris.

O que exatamente aconteceu em Londres não se sabe. Na carta a Mallarmé Villiers manda apertos de mão para os amigos mais próximos: Catulle, Judith, Augusta Holmès, Marras e Dierx. Na carta em resposta, Mallarmé diz que “Não se ignora, entre os amigos, tua viagem a Londres: quanto ao motivo, é conhecido apenas de um ou dois a quem tu confiaste. Sobre os resultados, eu sou mudo, mudo e mudo”. E não apenas Mallarmé, mas os outros também permaneceram mudos. Sabe-se apenas que o conde de la Houssaye o abandonou em Londres, sem dinheiro e sem passagem de volta. Supõe-se que a moça também pensava que daria um golpe, casando-se com o conde francês Villiers de L’Isle-Adam. Por outro lado, o “Anjo” mostrou-se a Villiers de uma forma tão vazia espiritualmente que lhe inspirou a criação da fútil personagem Miss Alicia Clary de *A Eva futura*, bem como a idéia mesma do romance¹⁰⁷.

Em Paris, ainda em fim de janeiro de 1874, ele tenta encenar *Morgana*. Não consegue; reescreve a peça e muda o nome para *O pretendente*. Em agosto desse ano ele é apresentado à sumidade da literatura francesa da época: Victor Hugo (1802-1885). Hugo era, e continuou sendo, um dos autores prediletos de Villiers, ao lado de Flaubert e Baudelaire. Entre os estrangeiros, Goethe e Shakespeare eram seus ícones. Dizem que ele tinha de memória todo o *Hamlet* e havia comprado um traje na esperança de ter uma oportunidade de encenar o príncipe da Dinamarca algum dia.

No ano seguinte o empresário Théodore Michaëlis cria um concurso para um drama em comemoração ao centenário da independência dos Estados Unidos. Villiers se inscreve e aceita o convite de um amigo, Fernand Gantès, para passar um tempo em

¹⁰⁶ *Idem*, carta 123, p.184.

¹⁰⁷ Conf. J. Bollery, *Opus cit.*, p.187.

Nantes, na casa de uma tia deste, onde redige *O novo mundo*, entre abril e junho.

Em julho de 1875, de volta a Paris, certa noite ele vagava pelo “Bulevar do Crime e passando diante” do teatro do Châtelet, viu na fachada o anúncio de uma peça: “*Perrinet Leclerc*, drama histórico em cinco atos, pelos Srs. Lockroy e Amicet Bourgeois”¹⁰⁸. Ele entra e assiste. Na peça os autores mostravam o ancestral de Villiers, o marechal Jean de Villiers de L’Isle-Adam, como um traidor dos franceses.

Os autores já haviam morrido. A peça encenava-se na França desde 1834¹⁰⁹. Villiers então processou os diretores do teatro e da peça por difamarem um personagem histórico, seu antepassado. O processo durou até 1877. Primeiramente os juízes questionaram a sua descendência — e Villiers se fez historiador; reuniu uma documentação enorme acerca de sua família. Comprovada sua descendência, os juízes, por fim, deram ganho de causa aos diretores, alegando que uma peça de teatro não tem de ser fiel aos fatos históricos, e ele perde o processo.

O resultado de tudo foi muitas dívidas contraídas, pois ele não pagou nem mesmo seu advogado, e uma energia gasta desnecessariamente, embora a genealogia de sua família permaneça como um documento histórico ainda válido e bem fundamentado¹¹⁰.

Como o caso saiu na imprensa, para onde, aliás, Villiers endereçou algumas cartas públicas, seu nome já deveras conhecido pelos bares de Paris, chega ao conhecimento de um

¹⁰⁸ R. Pontavice de Heussey, *Opus cit.*, p.97. Pontavice diz ser no teatro da “Porte-Saint-Martin”, mas em uma carta de Villiers aos jornais, de 14 de julho de 1875, ele menciona o teatro “du Châtelet”; conf. J. Ballery, *Opus cit.*, carta 138, p.202. Nas obras completas também é mencionado o Châtelet; conf. Villiers de L’Isle-Adam, “Chronologie”, in *Oeuvres complètes*, vol. I, p.XLVII.

¹⁰⁹ 1834 conforme R. Pontavice de Heussey, *Opus cit.*, p.100; desde 1832, segundo E. de Rougemont, *Opus cit.*, p.182.

¹¹⁰ O texto *Maison de Villiers de L’Isle-Adam* ocupa 35 páginas nas obras completas. In Villiers de L’Isle-Adam, “Travaux historiques”, in *Oeuvres complètes*, Vol. II, pp.867-902.

nobre chamado Georges Villiers de Champs que, por sua vez, questiona publicamente a origem familiar de Villiers. Depois de algumas trocas de ofensas, Villiers o desafia para um duelo com pistolas. Mas no local do duelo Georges examina antes os documentos de Villiers e chegam ao reconhecimento recíproco de que descendem da mesma linhagem e que, portanto, são parentes distantes.

No meio disso, o resultado do concurso Michaëlis é suspenso e passado para Victor Hugo decidir. E ele decide por um empate: Villiers e Armand Dartois ficam com o prêmio do segundo lugar, Gabriel Laffaille com o terceiro, o prêmio maior, do primeiro lugar, o empresário decide cancelar. Malgrado a premiação, a promessa de uma luxuosa publicação e a encenação do drama não são concretizadas pela comissão e, mais uma vez, Villiers fracassa na tentativa de encenar um drama.

Suas publicações são esparsas em pequenas revistas, e apesar da crescente popularidade como excêntrico, Villiers é um autor praticamente sem obras e tem fama de preguiçoso. Conta muitas histórias nas rodas literárias e nos bares, continua a encantar seus ouvintes, mas aparenta não escrever. Mesmo aos amigos ele passa essa impressão. Quando estava em Nantes, uma carta de Henry Roujon para ele, datada de maio de 1875, assim se inicia: “Como vai, meu bom e ingênuo Villiers? Trabalhas? Duvida-se aqui. Mas eu, eu tomo tua defesa e sustento que irás voltar com 3 dramas, 2 comédias, Axël terminado, Isis reconstituída, e alguns passos dados acerca do Velho da Montanha”. E no fim da carta uma nota de Mendès: “Bom-dia. Trabalhe”, e de A. Holmès: “Bom-dia!! Trabalhai!!!”¹¹¹. No retorno de Nantes ele trouxe apenas *O novo mundo*.

Mas sua preguiça era apenas uma impressão. Escreve R. de Gourmont: “...Eu estou persuadido de que Villiers de L’Isle-Adam não parou nunca de trabalhar, mesmo durante o sono...”¹¹². Édouard de Rougemont fazendo um levantamento de suas

¹¹¹ J. Bollery, *Opus cit.*, carta 135, p.199.

¹¹² F. Clerget, *Opus cit.*, p.125, citando R. Gourmont, *La culture des idées*. Paris, Mercure de France, 1900.

publicações durante a década de 1870-1880, apura cerca de 16 textos, na maioria contos, publicados em periódicos efêmeros, e conclui que “a atividade de Villiers foi muito grande” no período. E de fato foi, se considerarmos a perspectiva dele: “Sabemos bem que Villiers trabalhava mentalmente por muito tempo antes de escrever e que os escrúpulos de artista o impediam de entregar seus contos antes de estar satisfeito com eles”¹¹³.

Quase não publicava, todavia não parava de escrever. Em *A Eva futura*, por exemplo, Villiers trabalhou por cerca de dez anos. E nas piores condições conforme relata G. Guiches: “Rua de Maubeuge, no horror glacial de um quarto vazio, sem móveis, ele escreveu, deitado de barriga para baixo no assoalho, diluindo na água as últimas gotas de seu tinteiro, os longos capítulos de *A Eva futura*”¹¹⁴. E talvez seja por isso que, segundo Gourmont, desse romance “Villiers falava como de uma descida aos infernos”¹¹⁵, e Villiers mesmo escrevia acerca desse livro em uma carta a Marras, datada de fevereiro de 1879: “A arte antes de tudo”¹¹⁶.

Em parte, tanto a miséria quanto as dificuldades para publicar ou encenar suas peças deviam-se a ele próprio, às suas excentricidades. Um relato do primo Robert serve para exemplificar bem o quanto Villiers perturbava seus contemporâneos.

Entre agosto e setembro de 1877 ele fica na casa de seu primo, em Mérygnac, nas proximidades de Bordeaux. Como era de seu costume, apareceu de repente, sem se anunciar, e muito irritado com Paris e os parisienses. Apesar de *O novo mundo* ter sido premiado no ano anterior e elogiado por Victor Hugo, nada de publicação, nem de encenação, nem mesmo o prêmio em dinheiro havia saído ainda. Robert conhecia o diretor do Teatro-Francês de Bordeaux e marcou um encontro para tentar encenar ali a peça premiada de Villiers. O diretor os recebeu amável e

¹¹³ E. de Rougemont, *Opus cit.*, p.210/11.

¹¹⁴ Citado por A. Raitt, *Villiers de L'Isle-Adam – exorciste du réel*, p.196.

¹¹⁵ R. Gourmont, “Un carnet de notes sur Villiers de L'Isle-Adam”, p.30.

¹¹⁶ J. Bollery, *Opus cit.*, carta 194, p.261.

favoravelmente. Villiers iria ler o seu drama diante do diretor, uma atriz, recomendada pelo diretor, e o primo:

No curso da minha vida eu fui testemunha de muitas cenas estranhas, mas penso nunca ter assistido a um espetáculo mais fantástico, mais irresistivelmente engraçado que o de Villiers de L'Isle-Adam lendo ao diretor Godfrin as páginas do drama *O novo mundo*. De início as coisas iam muito bem: Villiers se instalou, tossiu, molhou os lábios na água de um copo colocado diante dele, lançou para trás com seu gesto costumeiro a longa mecha loura que lhe caía sobre os olhos, depois, lançando-nos um olhar circular e inquisidor, abriu seu manuscrito e começou:

— “Ato primeiro. — Quadro primeiro: — Swinmore. — O grande salão da mansão de Swinmore perto de Auckland, no condado de Cumberland. Ao fundo...”

Nesse momento ele se interrompeu, deixou seu lugar, e com o objetivo de explicar a Godfrin a disposição do cenário, pôs-se a saltar através da sala, empurrando as cadeiras, arrastando as poltronas, despregando as armas de uma pequena panóplia pendurada na parede e acompanhando seus gestos desordenados com um balbuciar de frases sem seqüência e palavras incompreensíveis:

“O balcão de ferro aberto; — Noite, — Lua: — Estrelas... — Aqui, ao longe, a linha de prata, — ó mar!” (...).

Bruscamente ele percebeu o piano, precipitou-se sobre o teclado e plangeu alguns acordes dolentes, cantou com voz queixosa:

Adeus, pradaria,

Adeus, berço!
Adeus, túmulo,
Adeus, Pátria.

Em seguida, continuando seu acompanhamento, recitou com uma voz sepulcral: — Adeus, velha mansão onde não ofereci nem recebi alegria! — O dever pelo qual te abandono é mais santo a meus olhos que qualquer outro:

Deus me julgará! — Sim:

Adeus, túmulo!

Ao mesmo tempo assustado e perturbado, o muito correto e apumado diretor, refugiado em um canto, apertava os lábios, pálido, girando os olhos meridionais e apavorados, lançando em minha direção de tempo em tempo um olhar amargurado. A atriz tinha enfiado sua cabeça entre as mãos e eu via sobressaltar seus belos ombros na tempestade de um riso convulsivo.

Enquanto isso, Villiers, irritado, o olhar desconfiado, tinha deixado o piano e, com os braços cruzados, de pé diante de Godfrid, interrogava-o:

— Vós compreendeis o misterioso simbolismo, Senhor? *tudo, tudo* está aí. A separação brutal da velha pátria, o desenraizamento da jovem árvore que vai produzir sob céus estranhos, os frutos, a folhagem, os perfumes de um velho mundo corrompido em um mundo novo e puro. Eis, claramente estabelecido, não é?... a exposição do meu drama!¹¹⁷

Tendo então o diretor “encontrado forças” para responder:

— Caro mestre, vossa idéia é sem dúvida maravilhosa, mas (...) Eu vos

¹¹⁷ R. Pontavice de Heussey, *Opus cit.*, pp.143-146.

suplico ler tranqüilamente seu drama, sem se preocupar com o cenário, os gestos e os símbolos.

Villiers ergueu os ombros, toda a sua fisionomia exprimia o desprezo inefável e altivo; voltou-se em minha direção:

— Tu vens? disse ele.

E depois, tomando seu chapéu, sua bengala e seu manuscrito:

— Senhor, senhora, foi um prazer!

E se dirigiu para a porta.

Nós o rodeamos, e eu o trouxe de volta à força, obriguei-o a sentar-se e a me escutar!¹¹⁸

O primo então o convence a permanecer. E ele, Robert, leu a peça enquanto Villiers foi se sentar em um canto da sala, “enrolando seu eterno cigarro”, mas não antes de lhe responder, com “a voz que ele tomava quando queria personificar o doutor Tribulat Bonhomet: — Perfeitamente. Uma leitura *à la papá!* Que seja então!”¹¹⁹.

O diretor Godfrin e a atriz gostaram bastante da peça e começaram-se os preparativos para a encenação. Villiers permaneceu na companhia de seu primo, de quem, aliás, parece que ele gostava bastante. Mas, assim como chegou, assim partiu, sem aviso, da casa do primo e da cidade. E dias depois, de Paris, ele escrevia ao diretor do teatro pedindo que lhe enviasse o manuscrito de *O novo mundo*, e a peça não foi encenada.

Em 1879 Villiers morava em um quarto alugado em um ‘hotel’ na rua des Martyrs. O primo Robert conta que esse quarto tinha “toda a banalidade das casas de aluguel de décima categoria”. Uma cama, uma mesa, uma cômoda e “o inevitável armário com espelho. Quando este se entreabria, nele não se via

¹¹⁸ *Idem.*, p.146/7.

¹¹⁹ *Idem.*, p.148.

vestes, nem roupas de nenhuma espécie, mas somente, em cada prateleira, pilhas de manuscritos, provas, jornais e revistas”¹²⁰.

Villiers, miserável e boêmio, costumava chegar pela madrugada ou pela manhã, pois ele era um ser noturno Deitava-se, muitas vezes com a porta aberta. Vivia despreocupado, aparentemente pelo menos, com seu estado de pobreza. Seu primo diz que “ele nunca se incomodava em saber se tinha uma camisa para pôr sobre os ombros, e sem a solicitude de algumas almas devotadas, eu imagino que ele chegaria a sair quase nu”¹²¹. Mas na mesma casa duas pessoas lhe serão deveras importantes: Marie-Dantine e Léon Dierx.

Dierx velava por ele, assim como, mesmo à distância, Mallarmé e o primo Robert que por acaso veio a residir nas proximidades do hotel. Dizem que Villiers não permitia ajuda; era tão orgulhoso quanto descuidado consigo mesmo. Assim os três homens muitas vezes se serviram de Marie-Dantine para socorrer Villiers ocultamente. Marie-Elisabeth Dantine era uma serviçal analfabeta, antiga parteira, havia nascido “em uma parte de Luxemburgo que tinha sido cedido à Bélgica, era viúva de um cocheiro chamado Joseph Brégeras e mãe de um filho, Albert”¹²². Ela, que tinha na época cerca de 34 anos, encantou-se com Villiers e lhe tinha, no dizer de Robert, “uma espécie de devotamento canino cuja ingenuidade era de dar lágrimas nos olhos”¹²³. Pois ela suportava todas as zombarias, grosserias e cóleras de Villiers. E mesmo assim, entrava no seu quarto — que no seu descuido cotidiano ele deixava aberto — e limpava, lavava-lhe as roupas e lhe deixava alguma coisa para comer, enviado por um dos amigos. E tudo isso enquanto o boêmio dormia ou saía. Muitas vezes, diz seu primo, ele acordava, comia um prato de sopa que estava sobre a mesa, vestia uma camisa limpa e saía para vagar pelas ruas, sem se perguntar pela origem da comida ou da roupa limpa.

¹²⁰ *Idem*, p.188.

¹²¹ *Idem*.

¹²² A. Raitt, *Villiers de L’Isle-Adam – exorciste du réel*, p.198.

¹²³ R. Pontavice de Heussey, *Opus cit.*, p.189.

Robert e Dierx também usavam o atendente do hotel. Através dele mandavam o almoço; se Villiers dormia, o atendente deixava o prato sobre a mesa, se estivesse acordado: “— O que foi? exclamava Villiers em tom de ameaça”. E o atendente respondia: “— Senhor, é o almoço!”¹²⁴. O hotel não servia almoço, mas Villiers não se dava conta disso.

Diz ainda o primo que ele nunca notou as mudanças e os acréscimos que Marie, “essa admirável mulher”, fazia no seu guarda-roupa e no seu quarto. A dedicação dela era tamanha para com Villiers, que os amigos apelidaram-na “a Devotada”¹²⁵.

Em 1880, pela editora Richard, é publicado *O novo mundo* — primeira publicação de um livro desde *A revolta* (1870) — e em setembro *Le Gaulois*, um grande jornal parisiense, publica o primeiro capítulo de *A Eva futura*. Fugaz momento de felicidade, pois a publicação não continuou. Em dezembro os outros capítulos aparecem no *L'Étoile Française*, um jornal republicano que publicará quase que integralmente o romance, em partes, até fevereiro de 1881. Em janeiro desse ano nasce Victor-Philippe-Auguste, apelidado Totor, filho de Villiers e Marie-Dantine.

É um dos momentos mais importantes na vida de Mathias. A partir daí ele irá se concentrar mais em escrever e publicar. Mesmo assim, data desse ano suas aulas de boxe, sua função de auxiliar de médico, onde se fingia de louco curado, e sua candidatura ao Conselho municipal. Segundo Raitt sua lenda já começa a sombrear a realidade: “Um gênio desconhecido? Ou uma espécie de charlatão que procurava apenas fazer reclames? Impossível saber”¹²⁶. A lenda dos bulevares — o louco descendente da Ordem dos Cavaleiros de Malta, o zombador dos burgueses e criador de casos — sobrepunha-se ao escritor.

O ano de 1882, diz Raitt, “foi um dos piores de toda a vida de Villiers. Ele precisava prover as necessidades de uma amante [Marie-Dantine], de duas crianças e de um pai senil; não tinha domicílio fixo; o pouco que publicava aparecia em folhas

¹²⁴ *Idem*, p.190.

¹²⁵ *Idem*.

¹²⁶ A. Raitt, *Villiers de L'Isle-Adam – exorciste du réel*, p.209.

obscuras que ninguém lia; os credores lhe importunavam na sua porta”¹²⁷, e é o ano em que morre a marquesa, sua mãe. E, no entanto, ele ainda trabalha em *A Eva futura*, reescrevendo-a, no interminável *Axel* e em uma reunião de contos que, ao fim do ano, é editado por Calmann Lévy, *Os contos cruéis*. Uma nova tentativa de encenar *O novo mundo* fracassa, mesmo com o apoio financeiro do conde d’Osmoy e da livraria Eugène Lalouette.

Em 9 de fevereiro de 1883 chega às livrarias *Os contos cruéis*, “talvez a coletânea de contos mais notável de todo o século XIX”, diz Raitt, fazendo eco a Mallarmé, que escreve para Villiers: “Tu colocaste nessa obra uma soma de Beleza extraordinária. Realmente a língua de um deus por toda parte!”¹²⁸. “Essa obra é talvez a que melhor mostra, sob suas diversas faces, o talento tão complexo e tão original do autor”¹²⁹, diz o primo Robert. “Por tê-lo lido, os jovens se sentiram perturbados”¹³⁰, diz Gourmont. E entre os jovens, Joris-Karls Huysmans (1848-1907).

Após o nascimento de Totor, Villiers abandonou os projetos de casamentos e se manteve fiel a Marie-Dantine até a morte, com uma única exceção, que se sabe, e da qual ele se afastou a tempo. E trata-se de uma mulher bastante interessante, “personagem bizarra”, diz Raitt: Marie-Émile Chartroule de Montifaud, escritora de “romances e contos escabrosos” sob o pseudônimo de Marc de Montifaud. Na verdade, o que Raitt chama “escabrosos” eram histórias pornográficas que obrigavam a autora, de tempos em tempos, a se exilar na Bélgica ou Inglaterra, para não ser presa. Era uma feroz polemista e escreveu contra muitos homens, sobretudo aqueles da imprensa. “Ela passava longas horas na Biblioteca Nacional, vestida de homem, mas sua vida privada era tida como irreprochável”¹³¹. Pois ela era casada, e não apenas andava vestida de homem, como usava corte de cabelo masculino. Villiers rompe com ela quando se percebe apaixonado. E em uma carta que se identifica como sendo

¹²⁷ *Idem*, p.235.

¹²⁸ *Idem*, p.255.

¹²⁹ R. Pontavice de Heussey, *Opus cit.*, p.234.

¹³⁰ R. Gourmont, “Un carnet de notes sur Villiers de L’Isle-Adam”, p.22.

¹³¹ A. Raitt, *Villiers de L’Isle-Adam – exorciste du réel*, p.260.

endereçada a Montifaud, ele se mostra muito romântico, mas decidido a não mais encontrá-la, e o motivo é que: “sou um sinistro adormecedor, vede. É uma lamentável especialidade. Chegaríeis a não mais ver a vida tal como ela é; eu passo um langor desastroso e seria alguma coisa como um crime. Eu tenho a mancenilha”¹³². É de se supor, no entanto, que Villiers tenha ficado um pouco chocado de ter encontrado, na *realidade*, uma mulher atéia, materialista e escritora pornográfica, tudo isso que está ausente da sua obra e de sua personalidade.

Villiers segue com Marie-Dantine, não exatamente junto dela, mas tomou para a si a responsabilidade de seu sustento, de seu filho Victor e também de Albert, seu enteado. “O bom filho facilmente transformou-se em bom pai”¹³³, diz Clerget. E ele continua a cuidar de seu velho e insano pai, que se casou novamente com uma mulher chamada Louise e vivia em extrema miséria, mudando-se também a cada vez em que tinha de pagar o aluguel. E as dívidas aumentavam: “oh! as dívidas! é a lepra do poeta”¹³⁴, dirá Villiers. Mas as coisas começam a mudar.

Le Figaro, um dos maiores jornais na época, abriu-lhe as portas para publicações. E finalmente, com o apoio financeiro do conde d’Osmoy, *O novo mundo* vai ao palco no teatro das Nações, mas apesar de todo o ruído em torno da peça, o público a recebeu friamente e duas semanas depois saiu de cartaz. Mais dívidas. Todavia Villiers segue publicando contos, lembranças, crônicas, em diversos jornais e revistas. E no ano seguinte, 1884, é publicado *Às avessas* de Huysmans.

O impacto das obras de Hoffmann, Poe e Baudelaire, havia fermentado na margem grupos dispersos que ansiavam por uma nova literatura já saturada pelo realismo de Zola. Era a geração que iria aceitar muito placidamente o epíteto com o qual quiseram lhe denegrir: os *Decadentes*. O personagem-narrador da obra de Huysmans, des Esseintes, tornou-se simbolicamente o

¹³² Conf. J. Bollery, *Opus cit.*, carta 202, pp.273.

¹³³ F. Clerget, *Opus cit.*, p.126.

¹³⁴ A. Raitt, *Villiers de L’Isle-Adam – exorciste du réel*, p.267; palavras de Villiers segundo seu amigo Édouard Taine, citado por Raitt.

representante dessa geração. Nevrotico, exótico e misantropo, des Esseintes passa um ano em uma casa abaixo do nível do solo experimentando sensações raras de perfumes, músicas, literatura, etc. Em sua biblioteca: Poe, Baudelaire, Flaubert, d’Aureville, Verlaine, Mallarmé... e Villiers. Des Esseintes cita *Os contos cruéis* e — obras muito raras na época: — *Claire Lenoir, Elèn e Morgana*. E o nevrótico, simbólico e decadente Villiers encontra seus leitores; e admiradores.

Paralelo a isso, Villiers tem a idéia de fazer uma conferência, para “as dívidas”, onde lê dois contos e trechos de *Axël*. Os jovens se impressionam: “Que febre de entusiasmo destes aos nossos obscuros vinte anos, tanta paixão pela verdadeira Arte!”¹³⁵, escreve-lhe o jovem romancista Paul Margueritte. Mendès, talvez lhe imitando, decide alugar um teatro e fazer quatro conferências sobre o *Parnaso contemporâneo*, uma delas é dedicada ao velho amigo, o qual ele elogia diante do grande público. E nos encontros na casa de Mendès, de Lisle, de Mallarmé — morando novamente em Paris — ou nos bares, onde Villiers deixa vaziar toda a sua verve, continuam a gerar admiradores. E surge então em torno dele um grupo de jovens que o tomam como um mestre: Victor-Émile Michelet, René Ghil, Stuart Merrill, Pierre Quillard, Ephraïm Mikhaël, Rodolphe Darzens — este último se tornou uma espécie de secretário de Villiers. Com a publicação de *Às avessas* também Huysmans se aproxima de Villiers, e com ele, surge o bizarro Léon Bloy, por vezes, quase que uma sombra de Villiers. Os três, como eles próprios denominaram, formavam o “Concílio dos Mendigos”.

Villiers segue publicando no *Le Figaro*, passa a contribuir também no *Gil Blas* e em 1885, no *La Vie Moderne*, aparece uma primeira versão completa de *A Eva futura*, e em *La Jeune France* uma primeira versão completa de *Axël*. No fim do ano, em 1º de dezembro, o marquês, seu pai, falece e lhe deixa mais dívidas.

Em maio de 1886 finalmente sai o romance completo *A Eva futura* pela editora de Maurice de Brunhoff, e em julho o mesmo editor publica — em uma tiragem de 250 exemplares —

¹³⁵ *Idem*, p.267.

uma plaqueta de luxo de *Akëdysséiril*, com uma heliogravura de Félicien Rops, e uma nova coletânea de contos: *O Amor supremo*. Porém, ele segue trabalhando como monitor de boxe e “corretor de manuscritos para poetas amadores”¹³⁶. E é provavelmente por falta de dinheiro que assina um contrato para a publicação de *Axël* com a editora Quantin, contrato que não irá cumprir, deixando a dívida do adiantamento como herança para seu filho. No fim desse ano Rodenbach organiza para Villiers uma turnê de conferências pela Bélgica, mas o projeto não acontece por motivos de saúde, uma crise de pneumonia.

Mas já os belgas o conhecem e o admiram: Maurice Maeterlinck, Émile Verhaeren, Georges Rodenbach, Jules Destrée, André Fontainas, entre outros, viam-no e o ouviam nas famosas ‘terças’ de Mallarmé e principalmente nas cervejarias de Montmartre, que Villiers freqüentava assiduamente.

Aproveitando-se da publicidade de *Às avessas* e por necessidade de dinheiro ele revê a novela *Claire Lenoir*, inédita entre os jovens decadentes, e publica em maio de 1887, pela Tresse e Stock, *Tribulat Bonhomet*. Cujo personagem, Dr. Bonhomet, é já conhecidíssimo entre seus admiradores. Em 11 de outubro é encenada a peça em um ato *A evasão* no Teatro-Livre de Antoine, em Paris. O sucesso não é grande, mas os belgas gostam e Villiers autoriza a encenação na Bélgica. À sua volta os devotos não cessam de admirá-lo. “Ontem à noite eu estive na casa de Mallarmé. Villiers estava ali, esteve o tempo todo ofuscante de ironia e verve. (...) Huysmans, Villiers, Mallarmé e Verlaine são decididamente os mais interessantes parisienses da atualidade”¹³⁷, escreve Verhaeren a um amigo.

Em 16 de fevereiro de 1888, no teatro Molière de Bruxelas, acontece a primeira representação de *A evasão*. Villiers havia se decidido de última hora a ir assistir e aproveitar a viagem para fazer as conferências que Rodenbach tinha planejado quase dois anos antes. Bloy lhe empresta o dinheiro para a passagem — só

¹³⁶ Villiers de L’Isle-Adam, “Chronologie”, in *Oeuvres complètes*, vol. I, p.L.

¹³⁷ Citado por A. Raitt, *Villiers de L’Isle-Adam – exorciste du réel*, p.306.

de ida. “Huysmans ficou horrorizado ao saber que quase tudo havia sido deixado ao acaso”, e “se apressa a prevenir Jules Destrée” em Bruxelas:

Muito entusiasmado, sonhando com conferências, pilhas de ouro, e não sei mais o quê, ele cavalga essa quimera mais ardorosamente ainda que as outras, se é possível.

Depois de longas explicações com ele, eu tenho certeza absoluta que ele parte às cegas e vai comer os poucos sous que leva.¹³⁸

E Huysmans pede para que Destrée cuide dele. Villiers se hospeda no Grand Hôtel em Bruxelas, um hotel de luxo. Um jornalista que vai lhe entrevistar, Gustave Vanzype, deixou registrada uma impressão que mostra que o menino Mathias ainda é mais ou menos o mesmo, sempre:

Eu ouço uma voz que profetiza, eu ouço admoestações e imprecções olímpicas, e atos de fé e gritos de orgulho; eu ouço também, no piano do salão do hotel, estranhas improvisações, e encantamentos fantásticos; enfim eu vejo, no momento em que o deixo, eu vejo Villiers, que não havia bebido nada, embriagado, realmente embriagado, embriagado de seu discurso, de sua música, de seus sonhos.¹³⁹

Mas *A evasão* agrada ao público belga e Villiers, cheio de alegria, escreve para Marie-Dantine: “Grande sucesso. Cinco convites. Entusiasmo”¹⁴⁰. Pois Destrée, seguindo o pedido de Huysmans, vela por Villiers e lhe arruma, com auxílio de outros escritores, as sonhadas conferências. Mas armam uma artimanha

¹³⁸ A. Raitt, *Villiers de L'Isle-Adam – exorciste du réel*, p.337.

¹³⁹ *Idem*, p.338.

¹⁴⁰ *Idem*.

para tirar Villiers do hotel de luxo onde o dinheiro adquirido iria vazar. Levam-no para a casa do editor Edmond Deman, alegando um projeto de publicação que se chamaria *Histórias soberanas* — que só se realizaria dez anos após a morte de Villiers. Esses cuidados lhe possibilitaram guardar alguns francos e, tendo notícias que em Paris o inverno estava muito rigoroso, ele escreve para Marie lhe dizendo para comprar roupas para Totor, para ela mesma e para Albert — o que demonstra sua preocupação com eles.

De volta a Paris, cheio de orgulho e já planejando voltar à Bélgica na primavera, ele tem uma nova publicação, as *Histórias insólitas*, nova coletânea de contos pela Livraria Moderne. E uma segunda edição de *Les poètes maudits*, do amigo Verlaine, inclui Villiers ao lado de Corbière, Rimbaud, Mallarmé, Desbordes-Valmore e Pauvre Lelian. Eis então Villiers poeta maldito, e talvez nenhum dos outros merecesse tanto quanto ele o epíteto. Ainda no mesmo ano de 1888, em novembro, sai outra coletânea, *Novos contos cruéis* pela Livraria Illustrée.

Já no início de 1887, Vittorio Pica havia escrito para Villiers “pedindo-lhe informações biográficas para *Letteratura d’eccezione*, o livro que ele preparava” sobre a nova literatura francesa; “o crítico holandês van Santen Kolff lhe dedicara vários estudos nas revistas alemãs”. Na revista *La Libre Belgique* de 1888, Jules Destrée “publicou um longo e admirativo ensaio sobre sua obra”; e “um jovem escocês colaborador da *Westminster Review* lhe pediu autorização para traduzir *A Eva futura*”¹⁴¹. Um pouco depois, Arthur Symons, futuro tradutor de Villiers na Inglaterra, escreve para ele pedindo informações para um artigo que ele queria publicar no *Womans’s World*, periódico de Oscar Wilde¹⁴². Os artistas belgas lhe fazem um convite para novas conferências, mas Villiers encontra-se doente e é forçado a adiar para o ano seguinte.

¹⁴¹ *Idem*, p.320.

¹⁴² Conf. A. Raïtt, *Villiers de L’Isle-Adam – exorciste du réel*, p.320. Villiers não respondeu ao pedido e Symons recorreu a Gourmont que intermediou o contato.

Porém, o ano seguinte ele se encontra pior. Dores no estômago, faltas de ar e imaginários problemas no coração. Os amigos o sustentam, mas com artimanhas. O dedicado Rodolphe Darzens, que já há alguns anos negociava com os editores em nome de Villiers, recebe as doações e lhe repassa como se fossem pelas publicações. Mallarmé, em comum acordo com Dierx e Huysmans, faz um apelo aos literatos:

Nosso pobre amigo Villiers de L'Isle-Adam atravessa uma crise, doença, preocupações, de uma duração incerta: nós gostaríamos de lhe amenizar, e eu creio que vós lamentaríeis não ser informado sobre isso.

Empenhar-se com cinco francos fixos, cada mês, transferido ou adiantado, em bilhete postal, ou em minhas mãos, parece um meio simples.

Começa-se imediatamente em março.¹⁴³

Raitt informa que a resposta ao apelo de Mallarmé foi admirável, cerca de cinquenta amigos contribuíram. Entre esses, ele menciona: Baronnet, Coppée, Dumas filho, Guiches, Heredia, Lavedan, Maupassant, Mendès, Sully Prudhomme e Verhaeren. Em abril, com o dinheiro dos amigos, Villiers e a família saem de Paris. Ele aluga uma casa em Nogent-sur-Marne. Não sabe o que tem, continua bebendo e fumando muito. E é ainda Mallarmé quem descobre o seu problema. Ele leva um médico até a casa de Villiers e o resultado do exame não é nada animador: câncer de estômago em estado avançado. Proíbe-se-lhe a bebida e o cigarro, mas é tarde demais.

Em 12 de junho Villiers aceita ser levado para o hospital das freiras de Saint-Jean-de-Dieu, em Paris, na expectativa de ser mais bem tratado e na esperança de cura, pois os amigos não lhe dizem o que tem. Marie-Dantine passa o dia com ele, e Villiers se

¹⁴³ A. Raitt, *Villiers de L'Isle-Adam – exorciste du réel*, p.353.

inquieta porque Totor fica sozinho com o irmão mais velho em casa. E se inquieta ainda mais ao perceber que a doença o vence e a morte se aproxima. Legalmente ele não é pai de Victor, e Huysmans, Guiches, Malherbe, Mallarmé, estão cientes disso e sabem de suas preocupações.

Villiers redige um documento passando tudo o que tem — os direitos autorais — para o pequeno Totor e o reconhecendo como filho. Mas o documento não lhe parece convincente, nem aos amigos, que querem que ele reconheça Marie-Dantine como esposa legítima, ou seja, que se case. Mas ele se nega, somente aceitaria o casamento no último instante e, “segundo seus próprios termos, acrescentaria essa humilhação ‘à humilhação suprema da morte’”¹⁴⁴. Era o seu *sangue azul* que falava mais alto.

Entretanto, o que mais dilacerava o coração moribundo de Villiers eram as dívidas que, com o reconhecimento legal, passariam para o filho. Para livrar o amigo dessa aflição, Mallarmé, com a ajuda de Huysmans, que trabalhava na prefeitura de polícia, forja um documento onde constava que, com a morte de Villiers, todas as suas dívidas seriam passadas para ele, Stéphane Mallarmé¹⁴⁵. Esse engodo o tranqüiliza. E ele ainda tem forças para revisar *Axël*.

Huysmans controla as visitas. Poucos podem entrar. Durante o dia Villiers tem Marie e algumas visitas, mas às noites ele fica sozinho. Na noite de 12 de agosto ele escreve:

duas horas da manhã
sentindo-me um pouco doente e
em caso de acidente eu dou e lego meus
livros, eis, por pouco que isso seja, a
Senhora Marie Brégeras que me deu meu
filho Victor que reconheço pelo presente,
às pressas.

¹⁴⁴ *Idem*, p.364; aqui é Raitt citando uma carta de Mallarmé.

¹⁴⁵ Conf. A. Raitt, *Villiers de L'Isle-Adam – exorciste du réel*, p.365.

Mathias de Villiers de L'Isle-Adam.¹⁴⁶

Nota-se que nem a si mesmo admitia o estado terminal em que se encontrava, estava apenas se sentindo “um pouco doente”. O médico que o atendia já o havia avisado que lhe restavam poucos dias de vida. Na manhã seguinte, dia 13, Huysmans apressa a formalização do casamento, que já vinha, com Mallarmé, Dierx, e outros, arquivando e juntando os documentos necessários. Faltava apenas convencer Villiers. Conta-se que o capelão do hospital, chamado padre Sylvestre, ficando sozinho com ele por alguns minutos, convenceu-o¹⁴⁷.

No dia 14 de agosto dá-se o casamento. Huysmans e Mallarmé serão suas testemunhas; Dierx e Gustave de Malherbe aquelas de Marie-Dantine. Além deles, um juiz e um padre. Como presente da amiga Méry Laurent — que há alguns anos, principalmente através de Mallarmé, auxiliava financeiramente Villiers — vieram as alianças e um vinho *Veuve Clicquot* para a fúnebre celebração matrimonial. O padre conseguiu autorização para que Marie, agora esposa, pudesse permanecer durante a noite com Villiers, pois ele se mostrava horrorizado com a idéia de morrer só.

Quatro dias depois, em 18 de agosto de 1889, às 11 horas da noite, com Marie ao seu lado, ele falece. R. de Gourmont escreve: “Sua relação tão criticada, firmada pelo casamento às vésperas de sua morte, tinha lhe dado pelo menos um domicílio fixo, um interior, medíocre, mas seguro. Ele não perdia mais seus manuscritos, como o tomo II de *Isis*, esquecido em um quarto de hotel. Mas depois de sua morte, que pilhagem!”¹⁴⁸.

Huysmans e Mallarmé ficaram encarregados de serem seus executores testamentários, segundo havia designado Villiers. Mas, apesar da dedicação deles, a posteridade não lhes perdoou: “são eles, que, dolorosamente, devemos considerar, até que se prove o

¹⁴⁶ A. Raitt, *Villiers de L'Isle-Adam – exorciste du réel*, p.367.

¹⁴⁷ “um eclesiástico de rosto extraordinariamente sombrio (Huysmans o chamava O Brotovilliers)”; L. Deffoux, *Opus cit.*, p.93.

¹⁴⁸ R. Gourmont, “Un carnet de notes sur Villiers de L'Isle-Adam”, p.32.

contrário, como os responsáveis pela inestimável perda sofrida pelas Letras francesas”¹⁴⁹, escreve M. Daireaux em 1936.

Em 1890 saiu *Aos passantes*¹⁵⁰ pela Comptoir d’Édition da livraria d’Art Indépendant, e *Axël*, revisado por Mallarmé, pela Quantin. Em 1891, pela Tresse et Stock, a peça *A evasão*. Em 1914 a editora do Mercure de France começará a publicar as *Oeuvres complètes*, cujo último volume irá sair somente em 1931, quando já seu organizador, Marcel Longuet, havia falecido.

Victor de Villiers de L’Isle-Adam, o filho de Mathias, irá morrer de tuberculose em 1901, aos 20 anos de idade. Marie-Dantine, em 1920, ainda muito pobre, será enterrada em uma vala comum.

Muitos ‘amigos’ de Villiers, logo após sua morte, foram procurar Marie e pegaram manuscritos alegando querer ficar com alguma ‘lembrança’ do falecido. E assim, parte de seus inéditos se dispersaram e se perderam imediatamente à sua morte. Ainda nos anos 50 do século XX encontraram-se cartas e fragmentos que felizmente foram cair em boas mãos: J. Bollery, A. Raitt, P.-G. Castex, J.-M. Bellefroid, colecionadores que procuraram reunir a dispersão dos seus textos; Bollery as correspondências em 1962 e os demais o restante dos textos, reunidos na segunda edição das *Oeuvres complètes*, na coleção *Bibliothèque de la pléiade* da editora Gallimard, em 1986.

R. de Gourmont informa que a primeira tese escrita sobre Villiers foi a de Alexis von Kremer: “*Villiers de L’Isle-Adam. En literaturhistorisk studie af Alexis von Kremer. Akademisk Afhandling. Helsingfors*”¹⁵¹, escrita em finlandês e defendida na Finlândia em dezembro de 1900.

Esta aqui, escrita em português e no Brasil, é a última — provavelmente — desta semana.

¹⁴⁹ M. Daireaux, *Opus cit.*, p.231.

¹⁵⁰ O termo *passantes* tem duplo sentido no título (*Chez les passants*, no original): o sentido daqueles *que passam*, ou seja, morrem, assim como o de *transeuntes*.

¹⁵¹ R. Gourmont, “Un carnet de notes sur Villiers de L’Isle-Adam”, p.18.

TRIBULAT BONHOMET E CLAIRE LENOIR

Como já mencionei, em novembro de 1865 Lefèbure, escrevendo a Mallarmé, informa-lhe que Villiers “vai se colocar à maneira de Edgar Poe”¹⁵². Trata-se de *Claire Lenoir*, que no ano seguinte ele próprio informará Mallarmé da novela e do personagem Bonhomet. Mas somente em setembro de 1867 é que, estando ele como editor chefe da *Revue des Lettres e des Arts*, vai começar a publicar a sua novela, em partes, entre outubro de 67 e março de 68. A próxima aparição *impressa* de Bonhomet será somente em 21 de janeiro de 1886, no periódico *La Journée*, no conto “O banquete dos Eventualistas”.

Durante esse período de quase vinte anos, o personagem, entretanto, permaneceu vivíssimo. Era, na verdade, o seu predileto: o “preferido de Villiers foi sempre o ilustre Tribulat Bonhomet”¹⁵³, dirá o seu primo. E Robert conta que o personagem Bonhomet foi inspirado no médico do hotel d’Orléans, onde morava seu pai e onde Villiers costumava ir para participar das calorosas discussões filosóficas e estéticas:

“um certo doutor C***, que tinha a fisionomia mais sinistra que se possa imaginar; era apesar disso uma natureza muito caridosa, um excelente homem e um sábio dos mais distintos; mas sua aparência sombria, uma certa maneira de se explicar ao mesmo tempo heteróclita e pomposa, seu positivismo, seu desdenhoso desprezo por toda manifestação artística, a estranha configuração de seu chapéu e de suas longas sobrecasacas, exaltaram a imaginação do poeta”¹⁵⁴.

¹⁵² J. Bollery, *Opus cit.*, carta 36, p.80.

¹⁵³ R. Pontavice de Heussey, *Opus cit.*, p.239.

¹⁵⁴ *Idem*, p.68.

Seria então a partir desse protótipo que Villiers criaria o seu personagem, “um tipo único na literatura moderna”¹⁵⁵, conclui Pontavice. Edmond Lepelletier, na sua biografia de Verlaine, diz que Bonhomet deve muito as conversas que Villiers travou com o jovem Verlaine¹⁵⁶.

Os organizadores das obras completas sugerem que o pai de Robert, o mentor de Villiers, teria ele mesmo sua parcela no personagem. Hyacinthe Du Pontavice, que era poeta, tem versos positivistas que serviriam bem a Bonhomet, por exemplo: “Para nós, mais e mais, a Fé é a Ciência”; “O Século caminha, é preciso segui-lo”¹⁵⁷.

“Na verdade, diz Daireaux, há *dois* Tribulat Bonhomet: aquele de *Claire Lenoir* e aquele dos *contos*. Há muitos traços comuns para que se os confunda, e muitas diferenças para que se os identifique”¹⁵⁸. Essa duplicidade do personagem Lebois encontra no próprio autor: “Tribulat é o Satã que Villiers leva em si”¹⁵⁹. “Villiers é o Dr. Jekyll de Tribulat, e este seu Sr. Hyde, seu duplo satânico”¹⁶⁰. E eis Villiers satanista.

Daireaux também faz afirmação semelhante: Bonhomet é “personagem satânico”¹⁶¹. Teresa Di Scanno diz que ele encarna “um satanismo decadente”¹⁶², e fala das ocorrências no texto de termos tais como *diabo*, *inferno*, *demônio*, etc. J.-P. Bourre vai um pouco além: “Tribulat Bonhomet não é um burguês, mas uma entidade luciferiana, um transgressor da realidade, o duplo metafórico de Villiers e do conde Axël d’Auërsperg”¹⁶³.

Ainda que seja um lugar comum relacionar ao satanismo autores que viveram nas proximidades de Baudelaire, creio que o mal em Villiers não parece ter a mesma grandeza (e beleza) que

¹⁵⁵ *Idem*.

¹⁵⁶ Conf. E. Lepelletier, *Paul Verlaine – sa vie - son oeuvre*, p.28

¹⁵⁷ Villiers de L’Isle-Adam, *Oeuvres complètes*, vol. II, p.1132.

¹⁵⁸ M. Daireaux, *Opus cit.*, p.314.

¹⁵⁹ A. Lebois, *Villiers de L’Isle-Adam – révélateur du verbe*, p.71.

¹⁶⁰ *Idem*, p.72.

¹⁶¹ M. Daireaux, *Opus cit.*, p.316.

¹⁶² T. Di Scanno, *Villiers de L’Isle-Adam e i limiti dell’umano*, p.108.

¹⁶³ J.-P. Bourre, *Villiers de L’Isle-Adam: splendeur et misère*, p.185.

no poeta das *Flores do mal*. Em Villiers não há nenhuma relação entre ele e sua arte mediada por Satã; e suas figuras femininas, que são ou desprezíveis ou altamente intelectualizadas e sobre-humanas (Tulia Fabriana, Claire Lenoir, Hadaly), não possuem nada de diabólico. Também nele o mal não é místico, é justamente o oposto, é material, venal, é o burguês.

O que Marie-Hélène Torres, por exemplo, afirma ser uma “Simbologia do Mal” em Baudelaire e Cruz e Souza: “O Mal é a revolta contra as regras normativas do comportamento social e estético”¹⁶⁴, não caberia dizer de Villiers. Sua *revolta contra as regras normativas do comportamento social e estético* se dá pela zombaria e pelo sobrenatural. Se o mal entra aí, é apenas como partícula ínfima, que não nos autoriza a classificá-lo como satanista.

De resto, fora estes quatro autores (Daireaux, Lebois, Di Scanno e Bourre) citados, não há outras menções mais significativas sobre satanismo em Villiers.

As afirmações de que Bonhomet e Villiers partilham algo do mesmo caráter e que, portanto, o personagem não é somente “o anti-Villiers por excelência”¹⁶⁵, merece algumas considerações.

A princípio Bonhomet seria a antípoda do autor: homem de ciência, positivista, ignorante em música e literatura. O oposto de Villiers. Mas, por outro lado “eu creio poder afirmar, diz Lebois, que Bonhomet é composto de aspectos reprimidos de Villiers (tendências, tics, pesadelos, fobias), como Prudhomme é um certo Monier, como Garçon um certo Flaubert, Ubu um certo Jarry”¹⁶⁶. E muitos são os aspectos que os aproximam. Villiers tinha um “riso nervoso, sacudido, sarcástico e misterioso, parecia tão inquieto quanto inquietante, tão doloroso quanto zombador”¹⁶⁷. O mesmo riso de Bonhomet, que despertava os cães à sua passagem. O mesmo temor, meio hipocondríaco que o personagem demonstra na novela *Claire Lenoir*, pertencia também ao autor. A

¹⁶⁴ M.-H. Torres, *Cruz e Souza e Baudelaire – satanismo poético*, p.110.

¹⁶⁵ T. Di Scanno, *Opus cit.*, p.87.

¹⁶⁶ A. Lebois, *Opus cit.*, p.71.

¹⁶⁷ Carta de Émile Blémont a Clerget, in F. Clerget, *Opus cit.*, p.70.

mistura de superstição e sarcasmo no caráter do Dr. Bonhomet é própria do caráter de Villiers. Até o gosto de Bonhomet pelas bebidas: o vinho de Constantia no encontro com Clifton, o absinto no bar em Saint-Malo, mais vinho, café e licor na casa dos Lenoir, e o café para passar a madrugada na pousada, são também as preferências de Villiers. — Principalmente aquela dose de absinto, “enorme aliás” (p.73).

Segundo J.-P. Bourre, considerar Bonhomet o “arquétipo supremo do burguês (...) é um erro que convém retificar”¹⁶⁸. Para ele “Villiers fala de si mesmo através de Bonhomet”¹⁶⁹. “Bonhomet é uma entidade prometéica nômade”¹⁷⁰, pois que viaja mais do que Ahasverus, “...é um profanador de sepulturas, um escavador de abismos, um transgressor de interditos — o contrário de um burguês”¹⁷¹. O que me parece um tanto quanto coerente de se dizer, excetuando o satanismo.

* * *

Nas obras completas os organizadores afirmam que “todo o início de *Claire Lenoir* lembra o procedimento das primeiras páginas das *Memórias de Joseph Prudhomme*”¹⁷², de Monier. Jacques Chupeau diz que “a fisiognomonía estava na moda no século XIX”¹⁷³ e que “a quiromancia acabava de ser renovada pela obra de Desbarrolles, *Os mistérios da mão revelados e explicados*”¹⁷⁴ (1859). Villiers conhecia os dois assuntos e possivelmente deve ter lido Desbarrolles, que ele menciona no conto “A máquina da Glória”¹⁷⁵, um dos *Contos cruéis*.

Os organizadores das obras completas lembram ainda da famosa *Introdução à filosofia de Hegel* de Véra, o *Dogma e ritual da alta magia* de Lévi, e Drougard, citado por eles, menciona outras obras de ocultistas, como *Terra e céu* de Jean Reynaud e a

¹⁶⁸ J.-P. Bourre, *Opus cit.*, p.185.

¹⁶⁹ *Idem*, p.186.

¹⁷⁰ *Idem*, p.187.

¹⁷¹ *Idem*, p.188.

¹⁷² Villiers de L’Isle-Adam, *Oeuvres complètes*, vol. II, p.1157.

¹⁷³ J. Chupeau, in Villiers de L’Isle-Adam, *Contes e récits*, p.176.

¹⁷⁴ *Idem*, p.181.

¹⁷⁵ Villiers de L’Isle-Adam, *Oeuvres complètes*, vol. I, p.591.

Mística de Görres, como obras que influíram¹⁷⁶ na composição da novela *Claire Lenoir*. Se acrescentarmos a estes todos os outros autores mencionados por Villiers na novela, mais as suas próprias indicações — a estética de Poe — e aquelas que ainda podemos indicar, como Hoffmann e Beckford, as fontes do texto são muitas. E o Dr. Bonhomet então se torna *gigantal!* e a obra, de certo modo, infinita.

Eis aqui mais um sentido pelo qual também devemos compreender a epígrafe de *Tribulat Bonhomet: Eu me chamo legião*. A novela *Claire Lenoir*, portanto, por suas origens diversas, por suas múltiplas possibilidades de interpretação, é deveras *legionária*. Daireaux vê nessa “diversidade de concepções de Villiers” a falta de um “centro”, que “parece contrariar o que acreditamos saber sobre a Arte da novela”, que se constrói regularmente em “torno de um evento central”. Em *Claire Lenoir*, segundo ele, “não há centro ou, para admiti-lo, é preciso voltar-se para essa noção matemática, que, aliás, se aplica muito exatamente à arte de Villiers de L’Isle-Adam, de um círculo cujo centro é lançado ao infinito”¹⁷⁷.

Mais sobre essa diversidade em *Claire Lenoir* abordarei no Capítulo 3. E com minha abordagem, que privilegia o caráter fantástico da novela, creio não contradizer esta perspectiva de Daireaux, nem outras interpretações.

Por fim, há um fragmento que se descobriu em meados do século passado, entre os muitos perdidos de Villiers, que faz jus absoluto ao caráter *legionário* do personagem Bonhomet, e é ele mesmo quem fala:

Que aquele que me achar exagerado saiba bem que eu, Bonhomet, sou apenas o outro dele mesmo (...) nenhum homem jamais terá a boa fé de se confessar a que ponto eu sou sua alma real e a que ponto sou certamente o ser mais sincero que existiu para a honra da raça humana. (...) eu sou o

¹⁷⁶ *Idem*, vol. II, p.1133/4.

¹⁷⁷ M. Daireaux, *Opus cit.*, p.321.

exame de consciência geral. (...) Eu sou inevitável! Sou inesquecível! Interminável! Cada um carrega em si sua pedra do meu edifício.¹⁷⁸

O fantástico em Villiers

Desde *Claire Lenoir*, passando pelos contos duvidosamente fantásticos como “O Lazer inesperado” ou “É de se confundir!”, até os contos mais realistas, como “As senhoritas de Bienfilâtre”, Villiers tem uma ambivalência que, como diz Raitt, “faz com que sua obra seja uma exploração das profundezas do imaginário tanto quanto uma proclamação da existência do ideal”. E na sua procura pelo ideal Villiers “era incessantemente acompanhado por um outro Villiers, o ironista que não poupava nada, nem mesmo seus próprios sonhos”¹⁷⁹. Esse Villiers idealista e irônico tem seu ponto de partida em *Claire Lenoir*, e seu lado monstruoso no personagem Tribulat Bonhomet.

Os escritos *estritamente* fantásticos de Villiers são poucos: *Claire Lenoir*, “O Intersigno”, “Véra” e *A Eva futura*. No entanto, por toda a sua obra a força da imaginação é tamanha que uma *impressão estranha* dela se eleva freqüentemente. E, desde que não se conceba uma idéia muito restrita do que seja fantástico, é possível dizer que a maior parte de sua obra pertence ao gênero.

Penúltimas considerações

Desconsiderando *Isis*, que é incompleta, *Claire Lenoir* é então a primeira das narrativas de Villiers. Nela há muito do que ele irá produzir posteriormente: a questão do sobrenatural (em “O Intersigno”, “Véra”, *A Eva futura*), do adultério (em *A revolta e O novo mundo*, e em alguns contos, como “O melhor Amor” e “As amigas de pensão”), da ciência (“O cartaz celeste”, “A máquina da Glória”, “O heroísmo do doutor Hallidonhill”, etc.), do grotesco (“O conviva das últimas festas”, “O segredo do patíbulo”, “O espantoso casal Moutonnet”, etc.) e da filosofia (*A Eva futura* e *Axël*). E em todas as suas obras: o antipositivismo.

¹⁷⁸ Villiers de L'Isle-Adam, *Oeuvres complètes*, vol. II, p.232.

¹⁷⁹ A. Raitt, “Villiers de L'Isle-Adam et le fantastique”, p.228.

Por toda a sua vida Villiers tomou postura contra o cientificismo e o materialismo dos seus contemporâneos. Sua visão antirealista do mundo é algo que não mudara, foi permanente da infância à morte. Ele foi sempre um sonhador. “Desde que começou a escrever mostrou o mesmo horror e a mesma cólera em relação aos traços mais marcantes do século XIX”¹⁸⁰. Seu modo de ver e pensar o mundo, portanto, não sofre alterações.

Sua evasão da realidade pela via da imaginação, portanto, não foi uma reação à miséria que lhe cercou a partir de certa época, pois isso seria perder de vista não apenas obras como *Isis*, *Azraël* e *Claire Lenoir*, escritas antes da pobreza, mas também desconsiderar todos os dados biográficos da infância e juventude do poeta, que já nasceu odiando a Modernidade. E também não creio que isso seja uma via de mão única, ou seja, a evasão apenas por conta do ódio à sua época, como afirma Di Scanno¹⁸¹. Mas também o ódio pela sua época porque ela é impedimento para a evasão, para o sonho. Não se trata apenas de *reação*, mas primeiramente *ação*. É que Villiers compreendeu desde cedo que não havia espaço para o poeta na Modernidade. Por isso ele a combate.

Se ao longo de sua vida a fé no cristianismo, no hegelianismo e no ocultismo, varia conforme a época e suas relações com outros intelectuais, o mesmo não ocorre com seu idealismo pessoal. Seu catolicismo, por exemplo, às vezes chega à completa inversão, atingindo mesmo traços fortes de blasfêmia. Sua postura com relação à política tem uma variação semelhante. Defensor da realeza, candidato do partido monarquista, e, por outro lado, simpatizante do anarquismo. Mas nenhuma alteração no seu ódio zombador pelo burguês, pelo positivismo e materialismo de sua época.

¹⁸⁰ A. Raitt, *Villiers de L'Isle-Adam et le mouvement symboliste*, p.164.

¹⁸¹ “Desta fundamental aversão [pela modernidade] nasce a tentativa de evadir-se para mundos criados pela imaginação”; T. Di Scanno, *Opus cit.*, p.135.

Ao contrário de outros contemporâneos que, como Nietzsche, por exemplo, tomaram posição contra seu século a partir de um anti-idealismo, mesmo de um ateísmo feroz, Villiers ergueu castelos de sonhos, armadas de lirismo e um ácido escárnio para combater isso que virou expressão comum: ‘o homem moderno’. É assim que ele vai se denominar o “porta-voz das segundas intenções modernas”¹⁸², ou seja, daquele pensamento oculto, que está por trás da Modernidade. Ele é o pensador que, ao olhar a Modernidade, expressa os traços não visíveis, as intenções ocultas, a verdadeira face.

As últimas linhas do conto “O Amor pelo natural” são significativas dessa visão, melhor dizendo, dessa *pré-visão*: “o primeiro dos benefícios que, positivamente, devemos à Ciência, é o de ter colocado as coisas simples, essenciais e ‘naturais’ da vida FORA DO ALCANCE DOS POBRES”¹⁸³. É nesse sentido que Rodenbach vai dizer que “ele compreendeu, o primeiro entre os escritores franceses, o que a ciência moderna iria realizar”. E assim, “ele a ridicularizou, porque ela mataria o Ideal para, em seguida, dominar o mundo”¹⁸⁴.

¹⁸² F. Clerget, *Opus cit.*, p.123.

¹⁸³ Villiers de L’Isle-Adam, *Oeuvres complètes*, vol. I, p.395.

¹⁸⁴ G. Rodenbach, *Opus cit.*, p.80.

REFLEXOS DE VILLIERS

Em um dos romances mais conhecidos de André Gide (1869-1951), *Os subterrâneos do Vaticano* (1914), um dos personagens principais, Lafcadio, pratica um assassinato sem motivo algum, ato que será denominado de ‘gratuito’. Considerado quase um conceito por Jean-Paul Sartre, o ‘ato gratuito’, a ação sem motivação, tornar-se-á a pedra de toque deste romance de Gide. No entanto, o ato gratuito será o ‘motivo’ da morte do jovem Sieroska no conto “Sem razão alguma” de Giovanni Papini (1881-1956), de *Palavras e sangue* (1912), e será também a mistificação de um poeta no conto “Um entardecer” de Georges Rodenbach (1855-1898), de *O caminho das brumas* (*Le rouet des brumes*, 1901). E talvez¹⁸⁵ tenha origem em um dos *Contos cruéis*: “O desejo de ser um homem” apresenta um ator que, cansado de representar a vida de outros quer se representar a si mesmo, e pratica isso que mais tarde se chamará ‘ato gratuito’, ainda que com resquício de intenção: sentir remorsos.

Pode aí não haver nenhuma ligação de influência direta entre eles, mas isso mostra alguma antecipação temática por parte de Villiers e certos parentescos estéticos que se pode traçar entre ele e autores que lhe são posteriores.

Uma das influências mais diretas se deu sobre seu amigo Mallarmé, e vice-versa. Pois entre eles, na verdade, ocorreu o fenômeno dos vasos comunicantes: *Hérodíade* a partir de *Isis* e *Axël* a partir de *Igitur*. Raitt dedica um capítulo de *Villiers de L’Isle-Adam et le mouvement symboliste* a essa relação recíproca de influências entre os dois¹⁸⁶. Paola Salerni também faz menção à influência de Villiers sobre seu amigo: “Tullia Fabriana, inspiradora de *Hérodíade* de Mallarmé, é a encarnação mais suntuosa e completa da *femme froide*”¹⁸⁷. A *mulher fria*, por sua vez, influenciará todo o Simbolismo.

¹⁸⁵ Ecila de Azeredo é quem faz a afirmação de que se trata aqui de ‘ato gratuito’; conf. “Villiers, vida e texto”, in Villiers de L’Isle-Adam, *Contos cruéis*, p.110.

¹⁸⁶ A. Raitt, *Villiers de L’Isle-Adam et le mouvement symboliste*, pp.267-303.

¹⁸⁷ P. Salerni, *La scena di una scrittura*, p.76.

Rodenbach — assim como Maurice Maeterlinck, Émile Verhaeren e outros escritores belgas de fins do século XIX — terá sobre si um forte reflexo de Villiers. No póstumo *O caminho das brumas* há ainda um conto intitulado “Sugestão”¹⁸⁸, cuja idéia central fora visivelmente inspirada em um artigo de Villiers, “A sugestão diante da lei”, do livro *Aos passantes*. Allan Raitt nota a semelhança de argumentos, de fato bastante relevante, entre o conto “Véra”, de Villiers, e o mais famoso dos romances de Rodenbach, *Bruges, a morta* (1892): “nos dois casos, um viúvo vive a cultuar sua mulher morta, rodeado de todos os objetos que lhe foram familiares”¹⁸⁹. A proximidade de Rodenbach e Villiers se expressa ainda, e sem dúvida com muita sinceridade, na dedicatória de um exemplar de seu primeiro romance, *A arte em exílio (L’art en exil)* de 1889, que pertenceu a Villiers: “a Villiers de L’Isle-Adam com toda admiração e amizade, Georges Rodenbach”¹⁹⁰.

Guillaume Apollinaire (1880-1918), em muitos contos, sobretudo em *O poeta assassinado*, trilha um caminho estético bem próximo daquele que Villiers abriu na literatura francesa. E Alfred Jarry (1873-1907), com contos como “O cérebro do sargento de polícia”¹⁹¹ e principalmente no romance ‘neocientífico’ *Gestos e opiniões do Dr. Faustroll, patafísico*, parece ter incorporado o fino sarcasmo de Villiers. Não bastasse o título, logo no início do texto se vêem reflexos de Bonhommet nos nomes dos personagens principais: “Sr. e Senhora Bonhomme”.

Maurice Maeterlinck (1862-1949), prêmio Nobel de literatura em 1911, dirá numa entrevista a Jules Huret, publicada em 1891: “tudo isso que fiz, é a Villiers que devo, mais às suas

¹⁸⁸ O ‘enredo’ desse conto, aliás, é muito semelhante ao da novela *O túnel*, de Ernesto Sábato. Em ambos um pintor mata sua mulher e não sabe explicar o motivo.

¹⁸⁹ A. Raitt, *Villiers de L’Isle-Adam et le mouvement symboliste*, p.392.

¹⁹⁰ *Idem*, p.390.

¹⁹¹ *La cervelle du sergent de ville* é o título em francês, publicado em *La Revue Blanche* de 15 de fevereiro de 1901.

conversações do que às suas obras que, aliás, eu admiro muito”¹⁹². A. Raitt cita uma carta de Maeterlinck de 1938 onde este reafirma sua admiração a Villiers: “Minha vida tem dois aspectos, antes e depois de Villiers. De um lado, a sombra, de outro a luz”¹⁹³.

André Lebois menciona o romance *Gog* (1894) de Catulle Mendès, em que este se apropria de “temas abandonados por Villiers”¹⁹⁴, e mostra que Huysmans fez um pastiche de Villiers, provavelmente a partir de uma narrativa oral, em *A enseada* (1887). — De fato muito ao estilo de Villiers. Bloy, por sua vez, usou-o como personagem no conto “O tribunal de Rhodes”, “onde se vê um Villiers arcanjo e guerreiro, digno de seu ancestral, o Grão-Mestre de Rhodes”¹⁹⁵.

Bernard Lazare menciona Edgar Poe e Villiers como influências de Jean Lorrain¹⁹⁶. Para Franc Schuerewegen, em *O castelo dos Cárpatos* (1892), Jules Verne “se inspira diretamente no livro de seu predecessor”¹⁹⁷, ou seja, em *A Eva futura*.

Segundo A. Raitt, Paul Valéry, Paul Claudel, André Gide, Stefan George e William Butler Yeats reconheceram a “dívida”¹⁹⁸ que tinham para com Villiers. E Phil Baker: “Villiers de L’Isle-Adam é lembrado em particular por causa de *Axël*, que W. B. Yeats diz ter estudado como se fosse ‘um livro sagrado’”¹⁹⁹. Arthur Symons, no capítulo dedicado a Villiers em seu *The symbolist movement in literature* (1908), diz que *A revolta* “parece antecipar *A casa de bonecas*” de Ibsen, “tocando a realidade com certo desdém”²⁰⁰.

¹⁹² J. Huret, “M. Maurice Maeterlinck”, in *Enquête sur l’évolution littéraire*, p.128.

¹⁹³ A. Raitt, *Villiers de L’Isle-Adam et le mouvement symboliste*, p.386.

¹⁹⁴ A. Lebois, *Opus cit.*, p.112.

¹⁹⁵ *Idem*, p.114.

¹⁹⁶ Conf. B. Lazare, *Figures contemporaines: ceux d’aujourd’hui – ceux de demain*, p.38.

¹⁹⁷ F. Schuerewegen, “‘Télétechnè’ fin de siècle: Villiers de L’Isle-Adam et Jules Verne”, p.83.

¹⁹⁸ A. Raitt, *Villiers de L’Isle-Adam – exorciste du réel*, p.382.

¹⁹⁹ P. Baker, *Opus cit.*, p.81.

²⁰⁰ A. Symons, “Villiers de L’Isle-Adam”, in *The symbolist movement in literature*, parág.12.

Para encerrar este assunto: Sidney Barbosa, em um artigo publicado em *Lettres Françaises*, faz uma aproximação entre Villiers e James Joyce. Ainda que isso me pareça um pouco de exagero, tem algum fundamento. Barbosa faz esta aproximação por conta do fôlego de muitos parágrafos de Villiers. Menciona a passagem em que Bonhomet, em *Claire Lenoir*, conta suas “viagens pelos cinco cantos do mundo” (p.83) no segundo parágrafo do capítulo VI. Para ele “uma espécie de monólogo onde as palavras do personagem se sucedem em uma onda contínua, o pensamento se revigorando por sucessivas retomadas em uma só frase sem sinais de pontuação capazes de fechar ou de marcar o término da idéia”²⁰¹.

Villiers não me parece ser o único escritor da época a ter tal fôlego, mas considerando que exerceu alguma influência sobre Édouard Dujardin — que segundo Raitt tem alguns traços de Villiers em pelo menos um de seus livros, *Les hantises (As obsessões)* de 1886²⁰² — é possível que haja alguma ligação indireta entre Joyce e Villiers. Segundo o próprio Dujardin, “A canção dos loureiros foi composto entre abril de 1886 e abril de 1887”²⁰³, portanto, depois de muitas das publicações de Villiers, algumas das quais o próprio Dujardin havia publicado enquanto diretor de *La Revue Wagnérienne* ou de *La Revue Indépendante*. E, sabe-se que Joyce se inspirou em *A canção dos loureiros* para os longos monólogos interiores de *Ulisses*. Mas se *A canção dos loureiros* tem algo de Villiers, é algo que só um estudo mais aprofundado sobre Dujardin poderia, talvez, revelar.

Reflexos no Brasil

Villiers foi um nome conhecido de nossos simbolistas. Gonzaga Duque (1863-1911) menciona o seu nome em *Mocidade*

²⁰¹ S. Barbosa, “Vestiges d’un discours oral dans *Claire Lenoir* de Villiers de L’Isle-Adam”, p.81.

²⁰² Conf. A. Raitt, *Villiers de L’Isle-Adam et le mouvement symboliste*, pp.338-349.

²⁰³ É. Dujardin, “Nota bibliográfica”, in *A canção dos loureiros*, p.117. *A canção dos loureiros* é a solução encontrada por Élide Valarini para a tradução de *Les lauriers sont coupés*.

*morta*²⁰⁴, romance de 1899, e em *Horto de mágoas* (1914) há tons que o lembram bastante²⁰⁵. Maranhão Sobrinho (1879-1915) o cita em um poema intitulado “Poetas malditos”²⁰⁶, de 1908: “Vi, momentos depois, em palidez exangue,/ Rimbaud e Villiers de L’Isle-Adam, chorando,/ e o seu pranto infernal era lodo e sangue...”. Nestor Victor (1868-1932) no livro *Farias Brito* (1917), dedicado ao filósofo da escola de Recife, menciona-o entre os “imediatos precursores do simbolismo”²⁰⁷. Um dos entrevistados de João do Rio — em seu *O momento literário* (1907) —, o mineiro Augusto Franco, na resposta a uma das questões²⁰⁸ diz: “É igualmente péssimo [o jornalismo] e, mais do que isso, profundamente pernicioso, quando dirigido por tipos ignóbeis como aquele finamente caracterizado por Villiers de L’Isle-Adam nos seus belíssimos *Contes Cruels* (págs. 34-51)”²⁰⁹. As referidas páginas são exatamente aquelas do conto “Dois augúrios” (“Deux augures”) da 1ª edição dos *Contos cruéis* (1883). Ou seja, o livro de Villiers em 1907 já havia chegado também a Minas Gerais.

Vale também lembrar que em 1898 *Evocações*, de Cruz e Souza (1861-1998), traz como epígrafe uma citação, em francês, de *A Eva futura*²¹⁰, cuja essência fora tornada verdadeira profissão de fé entre nossos simbolistas: “Os únicos viventes mercedores do nome de Artistas são os criadores, aqueles que despertam

²⁰⁴ Gonzaga Duque, *Mocidade morta*, p.135.

²⁰⁵ Vera Lins no prefácio (“De achados e perdidos”) menciona o conto “Véra” de Villiers, ao falar de “Posse suprema”; in Gonzaga Duque, *Horto de mágoas*, p.12. Creio que o conto “Ciúme póstumo”, do mesmo livro, também se aproxima bastante de “Véra”.

²⁰⁶ Citado por C. L. Carollo, *Decadismo e Simbolismo no Brasil – vol 2*, p.207.

²⁰⁷ *Idem*, p.15.

²⁰⁸ A pergunta era: “O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?”.

²⁰⁹ J. do Rio, *O momento literário*, p.95; versão eletrônica da Fundação Biblioteca Nacional.

²¹⁰ “Les seuls vivants méritant le nom d’Artistes sont les créateurs, ceux qui éveillent des impressions intenses, inconnues et sublimes.” (L’Ève Future) Villiers de L’Isle Adam.

impressões intensas, desconhecidas e sublimes”. O nome de Villiers aparece ainda, no mesmo livro, no poema “Espelho contra espelho”.

Villiers também era conhecido dos paranaenses. Dario Velozo o menciona em uma “carta-prefácio” (1898) a Jean Itiberé e em um texto a propósito de *Bronzes* (1897) de Júlio Pernetá²¹¹. A propósito de uma homenagem a Emiliano Pernetta, em 1900, no primeiro número do periódico curitibano *Breviário*, os diretores: Romário Martins e Alfredo Coelho, escrevem:

Villiers de L’Isle-Adam na Prosa e Verlaine no Verso, são as duas personalidades artísticas mais extraordinárias e surpreendentes desta última porção do século, porque fizeram resplandecer na Via-Láctea do seu Sonho as curiosas e exóticas estrelas, — toda uma constelação assombrosa e bizarra de emoções e idéias torturantes e tormentosas como a alma do seu tempo, no que ela contém de mais seletto e de mais fino.²¹²

Mas foi sobre *a ilha* Adelino Magalhães (1887-1969) que Villiers deixou a mais forte impressão. O conto “Clube Internacional - Clube dos Super-Homens (recordação de um sócio)” lembra “O banquete dos Eventualistas”; também “Dedeco, discípulo amado de Tranquilino”, que parece ter sido inspirado em Rui Barbosa, nos faz pensar na figura de Bonhomet; ademais, o tom sarcástico contra seus contemporâneos, visível em inúmeros contos (“Café-concerto”; “Fifinho, autoridade”; “Na redação de ‘O Justiceiro’”; etc.), reflete uma verve muito semelhante àquela presente na escrita de Villiers.

E por fim, e para não ser extenso nesse ponto, ainda outro contista brasileiro que se aproxima bastante dele é Gastão Cruls (1888-1959). Contos como “A morte do Saci”, “Noites brancas”

²¹¹ C. L. Carollo, *Opus cit.* – vol 1, p.60 e 72, respectivamente.

²¹² *Idem*, p.252.

e, principalmente, “G.C.P.A”, do livro *Coivara*, de 1920, são de um teor tão cruel que é inevitável não pensar em alguma ‘influência’ do autor de *Contos cruéis*. — Não querendo com isso, obviamente, depreciar o excelente contista que foi Cruls.

Aliás, ver reflexos de um simbolista no Brasil não significa apontar ‘discípulos’, menos ainda imitadores, mas apenas lembrar até onde, no dizer de Andrade Muricy, “houve um fenômeno de vasos comunicantes, e não importação forçada ou diletantismo. Não um colonialismo primário, porém comunhão sentimental e estética no Ocidente todo e de que o Brasil participou”²¹³. Participação esta, da qual não se exclui Villiers de L’Isle-Adam.

De resto, Villiers ocupa duas páginas na *História da literatura ocidental* de Otto Maria Carpeaux, cuja visão é meio míope: para ele, os *Contos cruéis* “não passam de uma versão francesa da arte novelística de Poe”²¹⁴ — considerando que ele dá a data de nascimento de Villiers como 1840, é possível que não tenha lido a “versão francesa”, ou desconhece a “arte novelística de Poe”.

²¹³ A. Muricy, *Panorama do movimento simbolismo brasileiro*, vol. 2, p.54.

²¹⁴ O. M. Carpeaux, *História da literatura ocidental - vol. VI*, p.2593.

AS EDIÇÕES DE VILLIERS

Traduções brasileiras

A primeira tradução de Villiers no Brasil data de 1944. Ao menos esta é a mais antiga que encontrei. Trata-se de um pequeno volume de bolso (16x11,5cm) com o título de *O conviva da madrugada*, na tradução de Gustavo Nonnenberg, editado pela editora Flama, numa coleção de “Miniatura” onde já se havia publicado Guilherme de Almeida e Walt Whitman — companheiros dignos de Villiers. Além do conto que dá título ao volume, constam também outros dois: “O melhor amor” e “As senhoritas de Bienfilâtre”. Sendo “O melhor amor” um dos contos não recolhidos em vida, ou seja, não publicado em livro, e que curiosamente é o último texto publicado em vida por Villiers, no suplemento literário do *Le Figaro*, em 10 de agosto de 1889²¹⁵. Os outros dois contos pertencem aos *Contos cruéis*. Com relação à tradução propriamente dita, vale observar que o “O conviva da madrugada” é a tradução do conto “Le convive des dernières fêtes”, ou seja, não muito fiel à *letra*.

A segunda tradução no Brasil se encontra numa antologia selecionada, introduzida e com notas bibliográficas de Jacob Penteadó, de 1956, intitulada *Obras-primas do conto fantástico*, e pertencente a uma coleção de “Obras-primas” da Livraria Martins. O conto traduzido chama-se “A experiência do doutor Velpeau”. Aí também não muito fiel ao título original: “Le secret de l'échafaud”, do livro *O Amor supremo*, de 1886.

Este mesmo conto José Paulo Paes irá traduzir, devidamente, como “O segredo do patíbulo”, em *Os buracos da máscara – antologia de contos fantásticos* de 1985, pela Brasiliense.

Dois anos depois, em 1987, Pauline Alphen traduz e publica pela Iluminuras os *Contos cruéis*. Ainda que o volume traga notas detalhadas e textos sobre ‘vida e obra’ de autoria de Vera de Azambuja Harvey e de Ecila de Azeredo, em nenhum momento se menciona o fato de que se trata apenas de uma

²¹⁵ Villiers de L'Isle-Adam, *Oeuvres complètes*, vol. II, p. 1619.

seleção de 8 contos dentre os 28 do original francês. Ou seja, mesmo sendo uma edição bem cuidada, pode-se dizer que é uma edição enganosa. Os contos aí traduzidos são: “Impaciência da multidão”, “O Intersigno”, “A rainha Ysabeau”, “O desejo de ser um homem”, “Lembranças ocultas”, “Duke of Portland”, “Véra” e “O segredo da música antiga”.

A primeira edição de uma obra ‘inteira’ de Villiers no Brasil data então de 2001. Trata-se do romance *A Eva futura*, traduzido por Ecila de Azeredo Grünewald, editado pela Edusp. Sem dúvida a melhor edição de Villiers até agora. O volume traz um texto introdutório, “Villiers, entre o sonho e o escárnio”, e um glossário de nomes próprios com cerca de 40 páginas! Mas o volume traz em si um defeito, a meu ver imperdoável: na orelha uma apresentação de Augusto de Campos resume *Axël*, obra das mais importantes de Villiers e que 4 anos depois viria a ser editada aqui, mas já sem a menor surpresa aos leitores de Villiers, já que o dito apresentador estraga a leitura informando resumidamente o que acontece na obra, incluindo o final.

Em 2004, a Companhia das Letras edita os *Contos fantásticos do século XIX*, uma antologia organizada por Ítalo Calvino, onde se encontra o conto “É de confundir!”, traduzido por Rosa Freire D’Aguar.

A segunda publicação de uma obra ‘inteira’ de Villiers no Brasil é devido a Editora da UFPR, traduzida por Sandra M. Stroparo e editada em 2005, o já mencionado *Axël*. Também um volume bem cuidado, seguido de um pequeno posfácio de Marcos Siscar.

O conto “A tortura pela esperança”, traduzido por Ecila de Azeredo Grünewald, aparece na antologia *Contos de horror do século XIX*, organizada por Alberto Manguel, editado pela Companhia das Letras em 2005.

No ano seguinte, 2006, o conto “Véra”, traduzido por Adriana Lisboa, é incluído n’*Os melhores contos fantásticos*, organizado por Flávio Moreira da Costa.

Ainda em 2006, o conto “O segredo da guilhotina” aparece nos *Contos aterrorizantes*. Uma pequena antologia destinada a adolescentes, organizada por João A. Nicotti, Sergius Gonzaga,

Pedro Gonzaga e Jorge Romero, editado pela Leitura XXI. Trata-se aí do conto já traduzido por Jacob Penteadó e por Paulo Paes: “Le secret de l’échafaud”.

Em 2008, “O segredo da guilhotina”, traduzido agora por Celina Portocarrero, aparece em uma nova antologia organizada por Flávio Moreira da Costa, *Contos de crime*, editado pela Agir.

Por último, e justamente por se tratar de uma tradução de Villiers, creio-me na obrigação de mencionar um pequeno volume com 9 contos traduzidos por mim. *Flores Fúnebres – e outros contos cruéis*, de 2009. O volume contém uma breve apresentação e algumas notas. Os contos aí traduzidos são: “A tortura pela esperança”, “É de se confundir!”, “Lembranças ocultas”, “Flores fúnebres”, “O tratamento do Doutor Tristan”, “Os bandidos”, “Vox populi”, “A incompreendida” e “O assassino de cisnes”.

A partir disso, creio que se pode dizer que a obra de Villiers traduzida no Brasil somente toma corpo na primeira década do século XXI, pois se de 1944 a 1987 temos 4 traduções, de 2001 a 2009 temos 8. É uma diferença significativa. Outra observação que me parece interessante fazer notar aqui são os ‘lugares’ em que Villiers é posto em antologias: “contos de crime”, “contos aterrorizantes”, “contos fantásticos”. É o que ocorre com o “Le secret de l’échafaud”, seu conto mais traduzido no país.

Outras traduções/edições

Tive em mãos também outras edições de Villiers que me auxiliaram em algum sentido. Uma edição em francês, de 1970, preparada por Jacques Chupeau, ainda que pequena e apenas com trechos de obras, é muito rica em notas e observações interessantes. Uma edição argentina dos *Cuentos crueles*, de 1948, com 17 contos dos 28 do original francês, com tradução e prólogo de Manuel Granell. E a edição portuguesa d’*Os contos cruéis*, de 1971, com tradução de Fernanda Barão, muitas notas, mas que, como a edição argentina e a brasileira, trata-se apenas de uma seleção — sem menção a isso — do original. No caso desta edição, apenas 8 contos foram traduzidos.

Traduções de *Tribulat Bonhomet*

Li, consultei e cotejei com a minha tradução, as seguintes edições estrangeiras:

- *La extraña historia del Doctor Tribulat Bonhomet* (1977), tradução espanhola de Eduardo Bustos. Essa tradução, apesar da evidente extensão do título, preserva a seqüência e a totalidade dos textos originais de 1887. Não possui nenhum texto introdutório, apenas algumas poucas notas de pé de página.

- *The vampire soul and other sardonic tales* (2004), tradução americana de Brian Stableford. Esta edição traz, além de outros textos, todos os de *Tribulat Bonhomet*, não seguindo, no entanto, a ordem da edição de 1887. O livro se inicia com a novela *Claire Lenoir*, e com um título distinto e não justificado: “The vampire soul (Claire Lenoir)”. Na seqüência estão os contos: “The swan-killer”, “The eventualists’ banquet”, “Doctor Tribulat Bonhomet’s motion regarding the utilization of earthquakes”, “Epilogue: The marvelous visions of Doctor Tribulat Bonhomet”. Ainda no mesmo volume, e estes não pertencem à obra *Tribulat Bonhomet*, estão os contos: “A new profession”, “The golden candlestick agency”, “The disquietor” e “Maître Pied”. O volume tem uma razoável introdução e, ao fim, 213 notas, algumas bastante específicas e interessantes, mas basicamente retiradas da edição das obras completas.

Obras perdidas

Duas outras traduções perderam-se pelo caminho, dos Estados Unidos para cá, cuja perda é deveras lamentável.

A mais importante delas é a edição inglesa de *Claire Lenoir* (1926), tradução de Arthur Symons. Trata-se de uma edição rara, havia dois exemplares à venda na internet, comprei o mais próximo (EUA) e mais em conta, mas ele nunca chegou.

A segunda perda, também comprada e que não chegou, foi uma tradução espanhola já esgotada, mas não rara, de Marta Giné: *Tribulat Bonhomet* (2002), pelo Editorial El Bronce. Encontrei disponível na internet, desta edição, a tradução do conto “El asesino de cisnes”, mas não o mencionei aqui por conta de dúvidas quanto à fidelidade na digitalização.

Encontrei também duas edições italianas de *Claire Lenoir*, mas infelizmente os dois únicos lugares (editora e distribuidora), em que os livros estavam à venda na internet, informaram que os títulos se encontravam esgotados. Eram elas: a tradução de Stefania Papetti, Biblioteca di Letteratura Fantástica-7. Edizioni Theoria, Roma-Napoli, 1991, e a tradução de Idolina Landolfi, pela editora L’Argonauta, de 1999.

Descobri ainda a existência de uma tradução antiga de *Tribulat Bonhomet*, raríssima, cuja única menção na internet é a de uma biblioteca italiana. Chama-se *Tribolato Bonomo*, tradução de Pierangelo Baratono (Milano: Imperia, 1923). O curioso aqui é a tradução do nome do personagem.

Em 1931 Emile Drougard publicou, em dois volumes, pela Sociéte d’Édition “Les Belles Lettres”, Paris, *Les Trois Premiers Contes: Claire Lenoir, L’Intersigne, e L’Annonciateur* de Villiers de l’Isle-Adam. Trata-se de uma edição crítica e, hoje, rara. Pelo que pude apurar pelas leituras de Allan Raitt e de outros estudiosos, no que se refere à *Claire Lenoir*, o mais importante desse trabalho de Drougard é o estabelecimento do texto, com todas as suas variantes entre a edição de 1867 e a de 1887, e um estudo sobre as frases e idéias pertencentes à filosofia de Hegel.

O principal, que são as notas e variantes do texto, encontra-se — mais completo, aliás — na edição das obras completas da Gallimard. De modo que o não acesso a essa obra crítica em nada

dificultou o acesso às suas *críticas*, talvez apenas na avaliação, de resto pouco importante, sobre o conhecimento que Villiers tinha da filosofia de Hegel e que, como informam todos os biógrafos e estudiosos, era bastante superficial. Por isso não me interessei em adquirir este livro, pois além da pouca utilidade que me teria, tem um preço de obra rara.

Tribulat Bonhomet teve uma edição crítica em 1967, pela editora Corti, igualmente pouco útil, pois que foi organizada por P.-G. Castex e J.-M. Bellefroid que participam da organização das obras completas, para a qual foram transpostas as ‘críticas’. Após esta edição descobriram-se ainda novos textos de Villiers (e Bonhomet).

O texto original

Para a tradução utilizei uma edição fac-símile, disponível em formato eletrônico na Bibliothèque Nationale de France, trata-se da primeira edição de *Tribulat Bonhomet*, editada por Tresse et Stock, Paris, em 1887; como contraponto para a tradução e leitura geral das obras de Villiers, utilizei a edição das *Oeuvres complètes* da Gallimard, de 1986 (texto estabelecido por Alain Raitt e Pierre-Georges Castex com a colaboração de Jean-Marie Bellefroid). Todas as edições críticas anteriores estão incorporadas nesta, são mais de mil páginas de notas, variações e críticas sobre as obras de Villiers.

Capítulo 1 - O Fantástico e a Tradução

1.1 - A LITERATURA FANTÁSTICA

Na arte literária, o gênero que se denomina *literatura fantástica* é o meio, *par excellence*, de exorcizar o real — e isso tomo aqui como uma *tese*.

De modo geral, a arte literária, e por mais realista que seja o escrito, é sempre uma “ficção”, até mesmo quando se tratam de biografias, depoimentos, etc. Pois letras grafadas sobre papel e a experiência, ou seja, a vida mesma, são coisas bem distintas e não creio que nenhum escritor, por mais realista que fosse, tenha dito e crido, que o que está escrito e o que é vivido é uma e a mesma coisa. Trata-se apenas de uma *representação*. Por outro lado, a realidade de uma obra literária é uma *realidade*. E o que me interessa aqui é a emoção que essa *realidade* provoca, a impressão que deixa grafada na alma do leitor. E, em se tratando de literatura fantástica, essa *realidade* que se gera a partir da escrita, é distinta e contrária, quase sempre, da realidade e da ‘realidade’ representada nos demais gêneros literários. De modo que, uma definição provisória de literatura fantástica seria que esta gera na mente do leitor um tipo *outro* de impressão que destoa daquela gerada pelos demais gêneros. — Excluindo aí o caso da poesia, que por si só parece englobar todos os gêneros literários, do mais realista ao mais *farsante*.

Numa perspectiva geral pode-se dizer que a literatura fantástica causa, sobretudo, três impressões: 1) uma espécie de choque com a noção que temos da realidade; ou 2) um sentimento de estranheza; ou 3) uma sensação de distanciamento do real. Ou as três simultaneamente.

A novela *Claire Lenoir* parece provocar, malgrado o humor, pelo menos uma dessas impressões: o sentimento de estranheza, ou ainda uma sensação de afastamento do real. As páginas seguintes poderão assim servir como elementos de medida para se atribuir o termo ‘fantástico’ à obra, pois, como se verá, é um termo bastante amplo e um tanto fugidivo.

* * *

Ao longo de sua história a literatura fantástica usou de alguns recursos — que tomo aqui como ‘subgêneros’ — que se tornaram comuns, desde o *humor* até o *horror*, e mesmo muitas vezes uniu esses dois extremos, fazendo *humor negro*. Além desses, há as *lendas* e o *folclore*, a *loucura*, os *experimentos* ou *inventos científicos*, a *fantasia* e, entre outros, o recurso a *lugares inacessíveis*. E é com este último ponto, recurso a *lugares inacessíveis*, que a literatura cumpre o seu exorcismo completo do real. Talvez não se trate de um ‘subgênero’ do fantástico, quiçá seja o elemento *nuclear* da literatura fantástica; em todo caso, é seu ponto mais extremo.

No que segue, tentarei apresentar esse exorcismo, sua forma e graus de força, assim como, concomitantemente, apresentar um breve panorama desse gênero literário denominado *literatura fantástica*, para nele saber onde se insere a novela *Claire Lenoir*, e ocasionalmente outras, de Villiers de L’Isle-Adam. Definirei cada um dos ‘subgêneros’, quando deles falar, através de exemplos, o que me parece a melhor forma de dar definições; porém, meu objetivo é apontar para a mais perfeita forma literária de banir o real, e não propriamente dissecar as diversidades da literatura fantástica; essa ‘dissecação’ só a farei na medida em que me servir para nela incluir obras de Villiers.

O fantástico a que me refiro aqui é o moderno, aquele nascido com Ernest Theodor Amadeus Hoffmann (1776-1822). Com ele, penso, surge isso que hoje, no ocidente, chamamos literatura fantástica, mesmo que haja muitos que insistam em considerar os livros da bíblia cristã ou as sagas islandesas, ou mesmo as aventuras espirituais de Krishna, ou ainda os anônimos contos de *As mil e uma noites* como literatura fantástica. Esses escritos antigos possuem seus valores literários, mas não os mesmos de Hoffmann. São coisas distintas. Formas literárias distintas; juntá-las sob um mesmo ‘gênero’ acaba destituindo-as de seus valores próprios, e singulares. Basta lembrar que um leitor do Bhagava Gita ou da bíblia cristã difere muito de um leitor de Allan Poe ou de Boris Vian.

Antes de Hoffmann houve, obviamente, obras fantásticas. Autores ingleses, ou simpáticos aos ingleses, citam *O castelo de*

Otranto (1764) de Horace Walpole²¹⁶ (1717-1797), que inaugura a literatura gótica, como a primeira obra de literatura fantástica. Autores franceses, no entanto, costumam citar *O Diabo enamorado* (1772) de Jacques Cazotte²¹⁷ (1719-1792). Mas se a primeira obra, que inaugura o *romance negro*, teve longa influência sobre o fantástico, e a segunda elogios de Gérard de Nerval, que prefaciou uma de suas inúmeras edições, ambas ainda permanecem muito aquém daquilo que Hoffmann criou. Anteriores a ele apenas duas obras ainda hoje conservam sua importância e são continuamente publicadas como representantes do gênero: *Vathek*, do inglês William Beckford (1760-1844), originalmente escrita em francês por volta de 1782 e publicada em 1787 na França, e *Manuscrito encontrado em Saragoça*, do polonês Yan Potocki (1761-1815), também originalmente escrita em francês e publicada em 1805.

Pelas datas, no entanto, vê-se que antecedem em poucos anos ao *advento Hoffmann*. Porém, se fôssemos buscar antecedentes, teríamos mesmo que retornar ao início da escrita, mas como disse Aristóteles acerca de outro assunto: *sobre o princípio do princípio não se pergunta*. Pois se perguntássemos, teríamos talvez como resposta a visão de Charles Nodier²¹⁸ (1780-1844) que, resumindo graciosamente a história desse gênero literário, parte do oriente, árabes e indianos, passa pelos gregos e romanos, pela idade média e os romances de cavalaria, para chegar a Dante, Cervantes, Shakespeare, Goethe, etc. Ou seja,

²¹⁶ Assim, J. P. Paes inicia o prefácio de *Maravilhas do conto fantástico*: “No ano da graça de 1764, sir Horace Walpole...”; F. C. Silva (Org.), *Maravilhas do conto fantástico*, p.9; porém, na introdução de *Os buracos da máscara*, p.7, diz: “a moderna ficção fantástica tem, segundo os especialistas, um ponto de partida histórico: *Le Diable amoureux*”.

²¹⁷ “Verdadeiro criador (...) do conto fantástico francês”, segundo P.-G. Castex, *Le conte fantastique en France*, Chap.II, p.25.

²¹⁸ conf. C. Nodier, “Du fantastique en littérature”, in *Contes fantastiques*. Trata-se de uma espécie de prefácio onde Nodier faz um histórico da literatura fantástica, tão ampla, a meu ver, que o adjetivo ‘fantástico’ se torna um sinônimo de literatura.

parece que para ele, tal como parece ser também para Borges, a literatura é fantástica.

De todo modo, o *princípio* da literatura fantástica é moderno: H. P. Lovecraft: “Pensando bem, é na verdade notável que a narrativa fantástica como forma literária definida e academicamente reconhecida tenha tardado tanto em acabar de nascer. O impulso e a atmosfera são tão antigos quanto o homem, mas o típico conto de horror da literatura corrente é filho do século dezoito”²¹⁹, da literatura gótica e do “romance negro”. Também Bioy Casares tem concepção semelhante: “como gênero mais ou menos definido, a literatura fantástica aparece no século XIX e no idioma inglês”²²⁰.

Jose Luis Guarner, na introdução de sua *Antología de la literatura fantástica española*, diz que “a literatura fantástica, como gênero, não se manifesta plenamente senão no século XIX com o apogeu do romance gótico.”²²¹ E Italo Calvino: “É com o romantismo alemão que o conto fantástico nasce, no início do século XIX”²²².

E para citar dois conhecedores e tradutores de literatura alemã no Brasil, Aurélio Buarque de Hollanda e Paulo Rónai: Hoffmann foi o “primeiro mestre moderno do horror e do fantástico, soube superar seus modelos, os mestres do romance negro inglês”. Isso porque “o contista alemão renovou o material introduzindo extraordinária variedade de motivos inéditos, tais como casos de catalepsia, alucinação, magnetismo, hipnose, transmissão do pensamento, tratados em tom realístico”²²³.

Esse “tom realístico” é muito importante, pois é um elemento que diferencia a obra de Hoffmann do romance negro, onde o sobrenatural é pouco convincente ou explicado ao fim por causas naturais.

²¹⁹ H. P. Lovecraft, *O horror sobrenatural na literatura*, p.12.

²²⁰ A. B. Casares (J. L. Borges, S. Ocampo), *Antología de la literatura fantástica*, p.5.

²²¹ J. L. Guarner, *Antología de la literatura fantástica española*, p.7.

²²² I. Calvino, *Contos fantásticos do século XIX escolhidos por Italo Calvino*, p.10.

²²³ A. B. Hollanda, P. Rónai, *Contos Alemães*, p.8.

Mesmo que Lovecraft, Casares, Guarner e Calvino não considerem Hoffmann o pai da literatura fantástica, obrigatoriamente o consideram de suma importância. Não se pode falar em literatura fantástica sem tocar em seu nome, de uma vez para sempre atado a esse gênero. Sobretudo em se tratando de literatura francesa, pois, como afirma Pierre-Georges Castex: o “seu gênio, suscitando uma multidão de imitadores, deu vida a um gênero literário”²²⁴; o conto; ou José Lambert: “os *contos* de Hoffmann ocupam um lugar na história das letras francesas, a tal ponto, aliás, que serviu de modelo a um gênero novo: o conto”²²⁵.

E a expressão mesma “conto fantástico” surge primeiramente como título (*Contes fantastiques*) em 1830 a partir da tradução de Loève-Weimars, não muito fiel, de *Phantasiestücke* de Hoffmann. Ainda que, o mérito do termo *fantástico* atribuído aos escritos de Hoffmann, segundo Castex, deva-se a Jean-Jacques Ampère, em um artigo sobre o escritor alemão, publicado no *Le Globe* em agosto de 1828²²⁶, quando então começam a aparecer as primeiras traduções em revistas e jornais literários²²⁷.

²²⁴ P.-G. Castex, *Le conte fantastique en France*, p.9. Não se deve ver nesta afirmação uma contradição em Castex, pois se Hoffmann deu vida a um novo gênero literário, o *conto*, isso não invalida o fato de que para ele [Castex] Cazotte seja o precursor francês do fantástico.

²²⁵ J. Lambert, *Introduction* in E. T. A. Hoffmann, *Contes fantastiques*, p.8. Creio que essa afirmação de Lambert, bem como a de Castex, acerca do *conto*, refere-se a ele enquanto gênero literário tal como conhecemos hoje. A palavra mais usada na época para o que chamamos conto era, em francês, *écrit* ou *nouvelle*, pois *conte* estava relacionado mais ao que conhecemos nas expressões *contos de fada* (*populares, orientais*, etc.). O título original do livro de Hoffmann, *Phantasiestücke*, fazia referência à certa tradição germânica de *contos populares*, apesar do conteúdo das histórias se afastar bastante de tais contos, o que levou, talvez, o tradutor francês à invenção: *contes fantastiques*.

²²⁶ P.-G. Castex, *Opus cit.*, p.7 e Chap.III, p.45.

²²⁷ Essas traduções, bem como a tradução das *Oeuvres complètes* de Hoffmann, são de Loève-Weimars; cujos 4 primeiros volumes foram intitulados *Contes fantastiques* (Paris: Renduel, 1830), com um prefácio de Walter Scott.

A partir daí compreendemos bem a dimensão das palavras de Italo Calvino: “pelo menos no que diz respeito à primeira metade do século XIX, ‘conto fantástico’ é sinônimo de ‘conto à la Hoffmann’”²²⁸.

Assim sendo, é então a partir do século XIX, de Hoffmann, que se prolifera, vertiginosamente, essa estranha literatura, esse gênero que é dos que mais fundo penetra na alma do leitor, e cuja extensão é tão ampla quanto a própria literatura. Apenas em autores de tendência realista podemos ter a certeza de que o fantástico se apresenta quase sempre da mesma forma: o *humor*. Nas demais, é difícil não encontrar variados traços do *extraordinário*. Fato a se notar é a universalidade de tal gênero, visto que o fantástico não pertence a uma determinada corrente estética, mas está em todas em grau menor ou maior — menor no realismo, maior no simbolismo — bem como, parece ser um gênero perene.

²²⁸ I. Calvino, *Opus cit.*, p.12.

1.1.1 - Dois predecessores: Beckford e Potocki

O caso de *Vathek*: Este conto de William Beckford é uma indissociável mescla de infantilidade e genialidade. Pode parecer absurdo, mas são duas características claramente visíveis ao longo da obra. Escrita aos vinte anos de idade por um jovem inteligente e milionário, dado a exotismos, o livro apresenta uma série de vinganças, matanças, torturas, entremeadas de figuras bizarras e demoníacas, centradas no personagem principal, o Califa Vathek. Dentro do gênero fantástico, tende para o subgênero *fantasia*. Até aí está seu lado juvenil. A genialidade da obra está no fato de que o Califa Vathek é personagem histórico e todo o livro é cuidadosamente ambientado, sendo convincente nas descrições dos hábitos e costumes orientais. Além disso, cenas eróticas, incômodas para a época, sobretudo pela presença do personagem efeminado Gulchenrouz, dão realismo à história, também a blasfêmia contra Maomé e a busca para alcançar as riquezas pré-adâmicas de Istakhar — morada de Eblis, o diabo muçulmano — permite parentescos, mesmo que de segundo grau, com o Conde de Lautréamont e Boris Vian.

Mas o aspecto mais positivo da obra, a meu ver, está na composição de um ambiente exótico e bizarro, que transcende o “orientalismo”. É esse aspecto, creio, que tem preservado a perenidade da obra. A descrição das alas do palácio de Vathek destinados à satisfação dos cinco sentidos, por exemplo, parece pertencer às ostentações portentosas de des Esseintes²²⁹. Também a descrição do palácio de Eblis, com sua “multidão de gente que guardava a mão direita sobre o coração”²³⁰, nas últimas páginas do livro, como diz Lovecraft: “são pérolas de colorido diabólico que elevam o livro a um lugar permanente nas letras inglesas”²³¹. A descrição das suntuosidades dos banquetes, de certos recintos e das extravagâncias do Califa, faz lembrar uma recorrência literária do fantástico que virá mais tarde: as longas descrições de

²²⁹ des Esseintes: o personagem de *Às avessas* de J-K Huysmans.

²³⁰ W. Beckford, *Vathek*, p.105.

²³¹ H. P. Lovecraft, *O horror sobrenatural na literatura*, p.30.

ambientes estranhos que servem não somente para descrever o cenário onde se desenrola um acontecimento, mas para, ao mesmo tempo, preencher a mente do leitor com *estranhezas*. Um exemplo de *Vathek*:

Chegaram assim a uma sala de proporções enormes, coberta por uma altíssima cúpula. Ao redor, viam-se cinqüenta portais de bronze, trancados por fechaduras de ferro. Reinava uma fúnebre escuridão em tais lugares. Em dois leitos de cedro incorruptível jaziam as formas descarnadas dos reis que precederam Adão, em outros tempos monarcas absolutos em toda a terra. Dispunham ainda de bastante vida para terem consciência de seu deplorável estado. Entreolhavam-se com uma infinita tristeza, e cada um conservava a mão direita imóvel sobre o coração. A seus pés, estavam gravados os acontecimentos marcantes de seus reinados, assim como seu poder, seu orgulho e seus crimes.²³²

Pode-se perguntar: não estaria aí um recurso gótico para causar medo? Não, pois em *Vathek*, assim como em *Claire Lenoir*, o humor quebra esse propósito constantemente, o que se encontra nessa passagem, e em outras, é justamente o propósito de carregar o leitor para *fora* do real apresentando-lhe idéias e imagens estranhas. Mallarmé, no longo prefácio que escreveu para essa obra, afirma que *Vathek* “revela naquele que o escreveu uma necessidade de satisfazer a imaginação com objetos raros ou grandiosos”²³³. E Henrique de Araújo Mesquita escreve na introdução que faz de sua tradução para o português: “É possível que não se deva procurar em *Vathek* qualquer outro significado definido do que o sugerido por seu papel como veículo para a

²³² W. Beckford, *Opus cit.*, p.106/7.

²³³ S. Mallarmé, *Préface à Vathek*, p.vii.

projeção imaginativa de fantasia privada e de confusão emocional”²³⁴.

E é esse “veículo” o elemento que insere definitivamente *Vathek* no âmbito da literatura fantástica. Porque é esse elemento um dos mais constantes no *fantástico*. A descrição exacerbada, o acúmulo de imagens *plásticas*, que dão muitas vezes a impressão de pormenor inútil, mas que é a mão invisível da arte puxando o leitor para o irreal. Esse recurso, por exemplo, é constante em muitos dos contos de Théophile Gautier. Está também nos contos de Edgar Allan Poe — em “O visionário”, na descrição do quarto do personagem “estrangeiro”, e principalmente em “A máscara da Morte Rubra”, na descrição dos sete salões da abadia fortificada do príncipe Próspero —; em *As avessas* de Huysmans, nas esdrúxulas satisfações dos desejos dos sentidos de des Esseintes; ou ainda em *A confissão de Lúcio* de Mario de Sá-Carneiro, na festa no palacete da americana, na primeira parte do livro.

Tal recurso, no entanto, não é privilégio da literatura fantástica, pois em Flaubert, Dostoievski, Proust e outros, encontram-se também, por vezes, acúmulos de imagens. Mas o propósito nesses é outro.

Em Villiers, que não foge a essa tradição pictórica literária, esse recurso é usado em vários contos — “Lembranças ocultas”, “O Intersigno”, “Os fantasmas do Sr. Redoux”, etc. — e também em *Claire Lenoir*:

Levantei o trinco e um forte cheiro de pintura foi a primeira sensação pela qual me senti dolorosamente afetado. As paredes, rebocadas recentemente, eram de um branco prateado, absolutamente liso e oleoso. Elas despertaram instantaneamente no meu espírito a idéia dessas placas de metal das quais se servem nos ateliês os dignos êmulos de Daguerre para aumentar os reflexos da luz do dia. — No leito, coberto

²³⁴ W. Beckford, *Opus cit.*, p.24. Araújo Mesquita, é preciso aqui assinalar, não concorda com esta possibilidade de leitura.

com cortinas brancas, uma mulher com a face amarela e abatida como pergaminho, inteiramente vestida de luto, estava apoiada nos cotovelos. Um enorme par de óculos azulados lhe cobriam os olhos. Sobre a lareira brilhavam dois ou três frascos com rótulos farmacêuticos. Uma vela fumegava na mesa de cabeceira. (p.179)

Percebe-se aqui que é uma descrição que procura não apenas *descrever*, mas também *impressionar*. Ajuda a despertar determinadas impressões no espírito do leitor. E nisso se aproxima de *Vathek*.

No caso de *Vathek*, essa descrição pode alcançar a ofensa em formas inusitadas, como na passagem do Califa pelo vale de Rocnabad, em que destrói os oratórios dos ermitões, pisa nas flores dos jardins, come assados os pavões dos religiosos e depois os expulsa a pontapés; atos dignos de Maldoror! Essa descrição ofensiva, que o *Vathek* desempenha muito bem, ao que parece por uma espécie de rebeldia própria da juventude do autor Beckford, também pode ser bizarra e sob essa forma encontrará suas repetições ao longo da literatura fantástica. A cena — ao que parece historicamente plausível — que se exhibe para o Califa nos domínios do emir Fakreddin: “os cegos, os míopes, cavalheiros sem nariz, damas sem orelhas”, “um fantástico grupo de aleijados”, “a mais completa combinação de inválidos que se havia visto”²³⁵, beira ao surreal e é de uma bizarria semelhante à da ‘feira dos velhos’ em *O arranca corações* de Boris Vian. Esse tipo de bizarria, sob a forma de figuras deformadas, dementes, monstruosas, etc., possivelmente provém do romance gótico e tem sido preservado na literatura fantástica: de *Vathek*, passando pel’*A ilha do Dr. Moreau* de H. G. Wells, até obras mais recentes, não propriamente fantásticas, como a peça *Fim de partida* de Samuel Beckett, ou o romance *O perfume* de Patrick Süskind. É, portanto, um outro elemento do fantástico, presente em *Vathek*, que permaneceu.

²³⁵ W. Beckford, *Opus cit.*, p.73.

Por fim, para ampliar ainda mais a dimensão dessa obra capital e relativamente pouco comentada em obras teóricas sobre literatura fantástica, as palavras de Borges:

creio, contudo, que *Vathek* antecipa, mesmo que de modo rudimentar, os satânicos esplendores de Thomas de Quincey e de Poe, de Charles Baudelaire e de Huysmans. Há um intraduzível epíteto inglês, o epíteto *uncanny*, para denotar o horror sobrenatural; esse epíteto (*unheimlich*, em alemão) é aplicável a certas páginas de *Vathek*; que eu me lembre, a nenhum livro anterior.²³⁶

O manuscrito de Saragoça: A obra de Yan Potocki, *Manuscrito encontrado em Saragoça*, a princípio parece ser a variação de um mesmo tema: fantasmas de mortos que voltam para atazanar os vivos, vinganças do além contra devassos e ímpios. No entanto, há nesse livro praticamente tudo o que irá existir na literatura fantástica posterior: vampirismo, loucura, alucinações, sonhos, autômatos, distúrbios no tempo e no espaço, misticismo, enfim, casos extraordinários e inexplicáveis. E, entre as inúmeras histórias que constam no livro, há uma intersecção, o personagem narrador, Afonso Van Worden, que faz o leitor se perguntar junto com ele o que está acontecendo? Pois o narrador é bastante sensato para não entrar em pânico com a suposta existência de demônios e procura compreender os acontecimentos racionalmente, mesmo que sempre abandone isso por medo de enlouquecer. A relação com estranhos personagens o leva, ao fim, pensar que estão em conluio contra ele. Mas qual conluio? e por quê? Sabiamente, Potocki não responde, deixa o personagem decidido a não se “mexer e a esperar a continuação das

²³⁶ J. L. Borges, “Sobre o *Vathek* de William Beckford”, in *Outras inquisições*, p.99.

aventuras”²³⁷ pelas quais vinha passando, e com ele o leitor fica também a esperar.

Essa trama do *Manuscrito* é sem dúvida o elemento mais fantástico de toda a obra. Mesmo que nas particularidades se encontrem traços marcantes, como as lésbicas irmãs, Emina e Zibedeia, que são demônios, ou muçulmanas, ou ciganas? Ou na “História da princesa de Mont-Salerno”, onde a exacerbação plástica, mencionada acima, lembra, e muito, T. Gautier²³⁸. Ou ainda o retorno constante de personagens à pousada abandonada *Venta Quemada*, e que, depois de orgias, acordam entre os cadáveres enforcados no vale de *Los Hermanos*; e ainda o casal de irmãos judeus cabalistas e os pequenos contos que se lêem ou se contam ao longo do romance; enfim, tudo isso está amarrado pelo narrador de um modo quase que inconsciente, e de tal maneira que o leitor é *suspense*, e fica com a desgraçada e inócua pergunta: o que afinal acontece?

A explicação que Italo Calvino dá ao romance não me parece nada convincente: “Um encantamento ligado à constelação de Gêmeos é a chave do romance”²³⁹. Chave que não abre porta alguma e que se reduz a um terço do livro, ignorando portanto a história de Zoto e outras que dão substância ao romance. Se fosse assim tão fácil abrir portas explicativas dentro do *Manuscrito*, acredito que a chave do *alucinógeno* seria mais coerente, afinal o narrador só encontra o insólito depois de beber os vinhos que lhe servem; quando bebe água direto das fontes não lhe ocorre nada de extraordinário.

Para finalizar, parece-me que esta obra de Potocki, publicada em 1805, é a que mais se aproxima do fantástico à *la Hoffmann*, visto que deixa sempre uma margem para explicações racionais, não eliminando, entretanto, o elemento irracional e sobrenatural. É assim que a vê Todorov: “Cheguei quase a acreditar: eis a fórmula que resume o espírito do fantástico. A fé

²³⁷ Y. Potocki, *Manuscrito encontrado em Saragoça*, p. 165.

²³⁸ Além disso, em “História do comendador de Torralba” há uma cena de figuras que descem de quadros, recurso fantástico que Gautier usa em “Ônfale, uma história rococó”.

²³⁹ I. Calvino, *Opus cit.*, p. 22.

absoluta como a incredulidade total nos levam para fora do fantástico; é a hesitação que lhe dá vida”²⁴⁰. Isso referente ao *Manuscrito*, em certa medida, parece-me correto, no entanto, ampliá-lo para a literatura fantástica como um todo é limitá-la absurdamente. E Todorov o faz, o que o leva a limitar o âmbito do gênero fantástico. Obrigo-me então a fazer aqui uma pausa para refletir sobre essa questão da definição e/ou classificação do fantástico.

Antes, porém, uma breve observação. No livro *Freud e o estranho* encontra-se a seguinte assertiva de Braulio Tavares: “Numa história realista, ficamos nos perguntando ‘o que vai acontecer em seguida’; numa história fantástica, perguntamo-nos ‘o que é isso que está acontecendo’”²⁴¹. Se isso servisse como critério único para o fantástico, coisa que Tavares não afirma, *O manuscrito encontrado em Saragoça* seria, sem dúvida, uma obra-prima do gênero. — E talvez seja.

²⁴⁰ T. Todorov, *Introdução à literatura fantástica*, p. 36.

²⁴¹ B. Tavares, *Freud e o estranho*, p.317; no comentário ao conto “A aranha” de H. Heinz Ewers.

1.1.2 - O volúvel da classificação

As distinções que faço de ‘subgêneros’, *horror*, *loucura*, *lendas*, etc., são na verdade um tanto voláteis. Para tomar um exemplo, um clássico exemplo, do volúvel dessa classificação, vejamos rapidamente “O homem da areia”, de Hoffmann: é um conto que possui um forte elemento folclórico, a *lenda* de que as crianças, que ficam com os olhos dormentes de sono e não querem ir para a cama, podem ser pegadas por um “homem” que lhes joga areia nos olhos, arranca-os e os leva para alimentar seus filhos. É também um conto cujo tema base é a *loucura*, o processo pelo qual o jovem Natanael é tomado pela insanidade e cujas causas encontram-se na sua infância — não foi por acaso que esse conto rendeu um longo ensaio de Freud. Além disso, é também um conto onde aparece, inusitadamente, um autômato “feminino”, pelo qual Natanael se apaixona; portanto, possui um elemento de *invenção científica*. E, por fim, tem também seu momento de *horror*: os “olhos”. O homem da areia arranca os olhos das crianças, Coppola vende “olhos” (isto é, óculos), e no final, os olhos de Olímpia que são jogados no chão ensangüentado.

Temos então nesse conto de Hoffmann pelo menos três elementos recorrentes na literatura fantástica: a *lenda*; a *loucura* e a *invenção científica*; os três se encontrando na cena dos olhos arrancados de Olímpia, que traz um quarto elemento: o *horror*.

Isso, no entanto, não esgota “O homem da areia”. Como diz Calvino acerca da literatura fantástica de modo geral: “qualquer tentativa de definir o significado de um símbolo (...) só faz empobrecer a sua riqueza de sugestões”²⁴². Daí que ‘classificar’ os contos dentro deste ou daquele subgênero do fantástico, coisa que faço aqui, não objetiva propriamente delimitá-lo, mas apenas pôr em relevo pelo menos um dos elementos que o compõem. Um conto como *A tortura pela esperança*, só para acrescentar um exemplo de Villiers, tem seu caráter histórico — a Inquisição espanhola — e o seu conteúdo

²⁴² I. Calvino, *Opus cit.*, p.11.

psicológico — a esperança — mas isso não o esgota absolutamente.

* * *

Vejamos agora algumas possíveis subdivisões do fantástico na literatura.

A antologia organizada por Italo Calvino está dividida em “O fantástico visionário” e “O fantástico cotidiano”²⁴³. A de Flávio Moreira da Costa subdivide-se em: “1. Da antiguidade ao puritanismo; 2. O apogeu do século XIX; 3. Atravessando o século XX; 4. O fantástico em bom português”²⁴⁴. A antologia organizada por Jacques Sternberg traz a seguinte divisão: “O que se passa na outra dimensão; As coisas que caminham na noite; O que chega com a magia negra; Aqueles que vivem após a morte; Aqueles que penetram nos lugares malditos”²⁴⁵.

Todorov, na sua *Introdução à literatura fantástica*, divide o fantástico como tendo dois temas principais: “Os temas do *eu*” (os elementos sobrenaturais; o espírito e a matéria; transformações do tempo e do espaço; etc.) e “Os temas do *tu*” (o amor; a morte; o desejo sexual; etc.)²⁴⁶. Jean-Luc Steinmetz divide os temas em: “I. Seres e formas (os fantasmas; os vampiros; o duplo; os autômatos; os monstros); II. Atos (aparição; possessão; destruição; metamorfose); III. Princípios causativos”²⁴⁷. Remo Ceserani: “1) A noite, a escuridão, o mundo obscuro e as almas do outro mundo; 2) A vida dos mortos; 3) O indivíduo, sujeito forte da Modernidade; 4) A loucura; 5) O duplo; 6) A aparição do estranho, do monstruoso, do irreconhecível; 7) O Eros e as frustrações do amor romântico; 8) O nada”²⁴⁸. Jaime Rest, no verbete “Fantástica, literatura”, de seu *Conceptos de literatura moderna*, diz que a “variedade de espécies” é múltipla: “o horror,

²⁴³ *Idem*, pp.5-7 (Sumário).

²⁴⁴ F.M. Costa, *Os melhores contos fantásticos*, pp.5-8 (Sumário).

²⁴⁵ J. Sternberg, A. Grall, J. Bergier (Orgs.), *Les chefs-d'oeuvre du fantastique*, pp.475/6 (Table des matières).

²⁴⁶ T. Todorov, *Introdução à literatura fantástica*, pp.115-148.

²⁴⁷ J-L. Steinmetz, *La littérature fantastique*, pp.23-34 (Chapitre II).

²⁴⁸ R. Ceserani, *O fantástico*, pp.77-88 (Sistemas temáticos recorrentes na literatura fantástica).

o sobrenatural, o monstruoso, o indeterminado, a especulação metafísica, a consciência da culpa ou do pecado e inumeráveis experiências humanas de índole fronteira e penumbrosa”²⁴⁹.

Essas divisões — incluindo a proposta aqui — fazem pensar na famosa enciclopédia chinesa de Borges²⁵⁰, onde qualquer elemento de um subconjunto pode participar de outro subconjunto, e vice-versa. No entanto, como bem observou Louis Vax, “Diversas definições estipuladas são então ao mesmo tempo legítimas e arbitrárias. Basta que cada especialista saiba justificar sua decisão e respeitar aquela dos outros”²⁵¹. O conjunto mesmo, porém, permanece carente de definição.

²⁴⁹ J. Rest, *Conceptos de literatura moderna*, p.67.

²⁵⁰ Conf. J.L. Borges, “O idioma analítico de John Wilkins”, in *Outras inquisições*.

²⁵¹ L. Vax, *L’art et la littérature fantastiques*, p.121.

1.1.3 - Os subgêneros do gênero

1.1.3A - O horror

Pertence ao fantástico o *horror sobrenatural*, para usar da expressão de Lovecraft, daí confundir-se por vezes com a literatura de horror que, aliás, tem também sua história. Diferenciá-la da literatura fantástica não seria trabalho fácil. Isso acresce as dificuldades de “classificação”, de “distinção”, eis aí mais do “volúvel” que me referi acima.

O *horror* puro e simples não é fantástico, torna-se fantástico com a adição de outros elementos ou recursos estéticos. Um autor como Poe, por exemplo, só é fantástico em certos contos porque possui um forte conteúdo psicológico, doentio, que dá um tom sobrenatural, sendo que talvez o correto aí fosse dizer que se trata de uma literatura *intranatural*, já que expressa quase sempre uma natureza íntima.

Hoffmann é o primeiro mestre do horror fantástico porque alia ao grotesco e ao sobrenatural gótico elementos científicos que são racionais, ou pelo menos pseudoracionais, tais como os citados acima por Buarque de Hollanda e Paulo Rónai: casos de catalepsia, alucinação, magnetismo, hipnose e transmissão do pensamento. Com ele o horror é mais convincente, pois que mais racionalizado, e camuflado. O fantástico então surge através de limites estreitos: em “O homem da areia” o elemento racional pode ser a loucura de Natanael, através dela o leitor pode explicar todo o *estranho* da história, o que obviamente não significa compreendê-la em sua totalidade, e, o fato mesmo de se admitir que todo o ocorrido na vida do personagem não passa de um distúrbio mental, leva-nos a dar crédito a essa *loucura* e com ela saímos do real, passamos para um ambiente que não é mais comum, normal ou ordinário. Ou seja, damos uma explicação racional para o comportamento do personagem e nos encontramos com o incomum, com o anormal, com o extraordinário, encontramos-nos com o *fantástico*.

Em Allan Poe, numa boa parte de seus contos, o leitor entra abruptamente na mente do personagem, no seu tormento, na sua dúvida, no seu devaneio. Pela capacidade que ele tinha de

narrar em primeira pessoa, muitos desses contos trazem uma forte concentração sobre si mesmo, sendo, portanto, uma literatura intimista, ou, como disse acima, *intranatural*. Daí ser esse horror dificilmente externo; ele é quase sempre interno, o leitor o sente de *dentro* do personagem, é um horror psicológico, irreal, narrado segundo uma lógica perfeita, mesmo que sempre alucinada. Encontra-se aí seu caráter fantástico. É assim em “O coração denunciador”, em “O gato preto”, em “O demônio da perversidade” e em “Berenice”.

Mesmo que Poe tenha dito que não se influenciara pela leitura dos escritores alemães — Hoffmann principalmente — é notório o fato de ele ser pouco sincero. Qualquer leitura superficial de ambos é suficiente para indicar as relações entre um e outro. Não me detenho aqui sobre isso porque não é meu objetivo, mas para uma comparação entre *estilos* creio que uma atenção sobre “Os autômatos” de Hoffmann e “Revelação mesmeriana” ou “O demônio da perversidade” de Poe, por exemplo, seria suficiente para revelar o uso que este faz da exposição racional de tipo *hoffmannica*. — E, como se verá, entre Hoffmann e Poe encontra-se Villiers.

Com o ambiente do romance negro inglês — em “A queda da casa de Usher” e “Metzengerstein” — e o racionalismo discursivo de Hoffmann, Poe criou obras densas em poucas páginas, não somente mais sucintas do que os romances góticos, mas mesmo menores do que muitos contos de Hoffmann. Isso — que por si só tem seu valor da perspectiva do leitor — aliado a uma lógica insana, fez dele um grande nome do *horror fantástico e sobrenatural*.

Lembro aqui que a expressão *conto fantástico* é muitas vezes usada como sinônimo de *literatura fantástica*. Isso porque o conto é dominante neste gênero, ele “permite um tratamento mais escorregadio e alusivo das situações imaginárias”²⁵², como diz Rest, e além disso, possibilita uma fácil leitura inteira, onde se pode ter os olhos do espírito voltados por trinta, quarenta minutos ininterruptos, causando a impressão, por vezes *apreensão* e

²⁵² J. Rest, *Opus cit.*, p.67.

opressão, de uma só vez, que no caso do *horror* é fundamental. E é o que auxilia para tornar a história mais *impressionante*.

Se Hoffmann é então o criador da literatura fantástica, com a inserção de uma lógica “científica” e/ou “filosófica”, Poe é seu ‘aperfeiçoamento’. Por ser mais rigoroso na lógica realista das situações de seus personagens, supera, em certa medida, muitos contos de Hoffmann. Sobretudo por limitar a inserção do *humor* entre seus contos grotescos.

Uma característica freqüente do horror fantástico é a *atribulação*. O personagem atribulado, psicótico, ou alucinado — *nevrótico* no decadentismo-simbolismo — é uma constante: encontra-se em Hoffmann, em Poe, em Maupassant, em muitos personagens de Lovecraft e, entre outros, em Villiers. E uma confissão do personagem narrador Tribulat Bonhomet pode servir como resumo dessa característica: “Contudo — sou forçado a reconhecer — estou sujeito a um mal hereditário que há tempos zomba dos esforços de minha razão e de minha vontade! Consiste em uma *Apreensão*, uma ANSIEDADE sem motivo preciso, um TORMENTO, enfim, que me toma como uma crise, fazendo-me saborear toda a amargura de uma inquietude brusca e infernal — e isso, freqüentemente, a propósito de irrelevantes futilidades”. (p.51)

E vale aqui notar, esse *tipo* psicológico terá lugar de relevo nos romances existencialistas. Desde *Notas do subterrâneo*, de Fiedor Dostoievski, passando por *A queda*, de Albert Camus e *A náusea*, de J-P. Sartre, até *O túnel*, de Ernesto Sábato, e *A pomba*, de Patrick Süskind, encontramos o personagem atribulado.

No entanto, mesmo sendo freqüente, essa característica da literatura de horror fantástico não é exclusiva; talvez apenas predominante. Há uma tendência da literatura de língua inglesa, por exemplo, que salienta um horror impreciso, não identificado, mas que é amplo, é *cósmico*, e que talvez tenha origem francesa, em “O Horla” de Maupassant. Está presente em “Os salgueiros” de Algernon Blackwood, no romance *O terror* de Arthur Machen e em muitos contos de Lovecraft. Mas que se encontra também deste lado da América do Sul, no peruano César Vallejo, em “Fábula selvagem”.

Encontram-se nessas obras supracitadas uma nova forma de terror que é realmente fantástico, e cujo elemento ‘causa’ não é ‘personificado’ nem identificado. Ele permanece desconhecido do narrador e do leitor. O que é significativo, pois, como bem observa Lovecraft, “A emoção mais forte e mais antiga do homem é o medo, e a espécie mais forte e mais antiga de medo é o medo do desconhecido”²⁵³.

1.1.3B - Loucura

Em proximidade com o horror encontramos a insanidade. Digo proximidade porque a literatura que cria personagens insanos não necessariamente possui o elemento *horror*. Do mesmo modo a loucura como tema não é necessariamente fantástica. Normalmente a loucura surge na história como uma forma racional de explicar o fantástico. Mas há exceções, como no caso de “O homem da areia” de Hoffmann e de “Berenice” de Poe.

A loucura, presente em muitas obras — em *Aurélia* de Nerval; “Um raio de lua” de Adolfo Bécquer; “A noiva impossível” de Lugones; “Meu amigo Ypsilon” de Arthur Schnitzler — tem um exemplo de perfeição da união, digamos, *temática*, com o fantástico, em “O papel de parede amarelo” de Charlotte P. Gilman. Há neste conto uma progressão de insanidade que se alia tão bem ao estilo da autora que leva a uma conclusão sufocante, inevitável, mas de resultados estéticos interessantes e absolutamente fantásticos.

Em contos de loucura fantástica ocorre muitas vezes uma autodefesa do personagem, uma compreensível necessidade em dizer que não está louco: é assim com “O homem que se perdeu a si próprio” de Papini, com o “Médium” de Baroja ou com “Quem sabe?” de Maupassant. A insanidade assim, mesmo que protegida pela lógica dos fatos, sempre estranhos, não deixa de carregar em si algum humor.

²⁵³ H. P. Lovecraft, *O horror sobrenatural na literatura*, p.1.

1.1.3C - O humor

Alguns contos onde entra a loucura geram o humor fantástico. Este subgênero é vastíssimo²⁵⁴ e está presente nos mais diversos autores, sendo o elemento do fantástico mais comum a penetrar na literatura realista. E dele, um bom exemplo é o conto “O nariz” do russo Nicolai Gogol: o barbeiro Ivan Yakovlievitch encontra dentro do pão feito por sua mulher um nariz, que ele reconhece pertencer a um importante cidadão do qual ele fez a barba. Daí resultam peripécias cômicas para devolver o nariz ao seu proprietário.

Mas já o *sol da poesia russa*, Alexandre Pushkin, escreveu contos fantásticos que datam de 1830, como “O fabricante de ataúdes”, que figura em mais de uma antologia de contos fantásticos. Ainda Anton Tchekov — um dos russos mais traduzidos no Brasil — escreveu também contos fantásticos com salientes tendências humorísticas.

No entanto, é de se considerar que talvez o fantástico nesses autores, se fôssemos estudá-los mais profundamente, se revelasse apenas metafórico. Em “O nariz” — como em “O capote”, também de Gogol — o elemento de crítica social é bastante evidente, ainda que reduzi-los a essa interpretação seria ingenuidade.

Mas se menciono os russos primeiramente é por conta da força realista que os possui, de Pushkin a Dostoievski, passando por Turguenief, Gogol e Máximo Gorki. Creio ser esta ‘força realista’ que faz com que o fantástico entre eles tome aspectos cômicos, bem porque em outros autores de tendência realista, também o fantástico aparece mesclado com o humor. No Brasil, de Álvares de Azevedo (*Macário*), Machado de Assis (“A igreja do Diabo”, “As academias de Sião”), Aluísio de Azevedo (“Demônios”) e Gastão Cruls (“Circuito da Gávea”) até Murilo Rubião, predomina o humor no fantástico.

²⁵⁴ “existe, aliás, todo um humor fantástico que mereceria um dia uma antologia só para ele”, diz J. Bergier, *Préface*, in Sternberg, J., Grall, A., Bergier, J. (Orgs.) *Les chefs-d'oeuvre du fantastique*, p.15.

O humor também é um dos elementos salientes no chamado realismo fantástico, ou mágico. Em Gabriel García Márquez é representativo o conto “Um senhor muito velho com umas asas enormes”. Em Júlio Cortázar, em “Carta a uma senhorita em Paris”.

Ainda que alguns considerem o realismo fantástico como algo novo, creio, como Flávio Moreira da Costa, “que nada mais é do que um prolongamento da velha literatura fantástica, com as cores telúricas da América Latina”²⁵⁵, ou como diz J. Lambert, “o fantástico que se esforça para mudar de rosto mudando de nome, mas que não deixa de explorar as mesmas fórmulas essenciais”²⁵⁶.

1.1.3D - Humor negro

A mescla do horror com o humor gera o que se denomina *humor negro*. Alguns contos com elementos fantásticos contêm essa mescla. Em Maupassant isso é bastante freqüente, também em Léon Bloy, em Horacio Quiroga (“A galinha degolada”, por exemplo), em alguns contos de Jean Lorrain, em alguns brasileiros, como Carlos de Vasconcelos (“Os miolos do amigo”) e Campos de Carvalho (em *Vaca de nariz sutil* — cuja cena do narrador amando a jovem cega e louca sobre um túmulo, e que incrivelmente foge ao lugar comum das histórias de horror, é um perfeito exemplo de humor negro fantástico).

Encontramo-lo também em Villiers, em *Claire Lenoir* e em muitos contos, como por exemplo, em “O heroísmo do doutor Hallidonhill”, “O segredo do patíbulo”, “A tortura pela esperança” e mesmo no “Assassino de cisnes” — se considerarmos o fato de que ‘o canto do cisne’ não passa de uma lenda, ouvi-lo torna-se então fantástico.

1.1.3E - Lenda/folclore

O elemento folclórico é muito utilizado em literatura, não apenas na fantástica. E nesta, é um dos elementos mais recorrentes. É difícil encontrar um escritor de literatura fantástica

²⁵⁵ F. M. Costa, *Opus cit.*, p.569.

²⁵⁶ J. Lambert, *Introduction* in E. T. A. Hoffmann, *Contes fantastiques*, p.7.

que não tenha se aproveitado de algum *folclore* local ou mesmo longínquo. Provém de uma lenda “O homem da areia” de Hoffmann. O “Lokis”, de Prosper Mérimée, faz parte da tradição lendária do homem-lobo. “A mão encantada”, de Nerval, é um exemplo da herança do folclore cigano na literatura francesa. “A caverna”, de Pío Baroja, provém da crença medieval cristã de que o bode negro é um dos disfarces do diabo; “A dama de Urtubi”, também de Baroja, faz parte do mesmo gênero de crença. “A mão do macaco”, de William W. Jacobs, deriva da tradição lendária dos três desejos. *O Golem*, excêntrico romance de Gustav Meyrink, procede de uma lenda judaica, a de um rabino que deu vida, através de palavras mágicas, a um ser feito de barro.

Um dos melhores contos fantásticos de Villiers, “O Intersigno”, escrito em 1866 ou 67, mais ou menos na mesma época que a novela *Claire Lenoir*, tem origem “numa linha de lendas tipicamente bretãs, em geral difundidas por via oral”²⁵⁷. O termo tem o sentido de premonição ou ‘pressentimento’, no caso, um sonho do narrador que anuncia a morte de um amigo. E “O assassino de cisnes”, como já dito, baseia-se também em uma lenda.

1.1.3F - Inventos humanos (ou as origens da ficção científica)

A ficção científica tem relação estreita com o fantástico, “está intimamente vinculada ao conto fantástico moderno e à novela de detetive”²⁵⁸, segundo J. Rest. Esse vínculo, no entanto, transforma-se em fronteira indefinível na visão de J. Bergier: “onde se encontra a fronteira entre a ficção científica e o fantástico?”²⁵⁹.

De fato, sabemos identificar o que cada gênero representa, mas não podemos definir claramente suas fronteiras. Um autor como R. Bradbury, conhecidíssimo escritor de ficção científica,

²⁵⁷ Nota de “O intersigno”, de Pauline Alphen, in Villiers de L’Isle-Adam, *Contos cruéis* (1987), p.95.

²⁵⁸ J. Rest, *Opus cit.*, p.23.

²⁵⁹ J. Bergier, *Préface*, in Sternberg, J., Grall, A., Bergier, J. (Orgs.) *Les chefs-d’oeuvre du fantastique*, p.11.

encontra-se em várias coletâneas de contos fantásticos, e seu conto “A terceira expedição”, de *Crônicas marcianas*, parece-me um belo exemplar desta indissociável fronteira, “seu horror (suspeito eu) é metafísico”²⁶⁰, dirá Borges.

É comum considerar como ficção científica a história que se passa num futuro *plausível* da humanidade, enquanto o fantástico se limitaria a uma *irrealidade* no presente. Mas é uma distinção muito frágil para se levar em conta. De qualquer modo, as invenções da ficção científica têm origem no fantástico.

Na literatura fantástica, creio que é na “História da princesa de Mont-Salerno”, do *Manuscrito encontrado em Saragoça*, de Potocki, que surge pela primeira vez autômatos. Ali há a descrição de um “anão de ouro” que conduz a barca que atravessa um lago de “mercúrio” e, entre “mil autômatos que ofereciam o mais extraordinário espetáculo”, pavões com “cauda esmaltada e coberta de pedras preciosas; papagaios com plumagem de esmeraldas”²⁶¹. Depois os autômatos entram nos contos fantásticos de Hoffmann — em “O homem da areia” e em “Os autômatos”. *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley (1797-1851), com nítidas marcas do romance negro, nos faz pensar numa mistura de autômatos e da lenda judaica do Golem.

A Eva futura (1886), de Villiers, traz a invenção para um ambiente mais científico, porém ainda com uma presença mística, a de Sowana. Fato relevante: nele a invenção não é maligna, nem se volta contra seu criador. Ela é, desde o início, projetada e objetivada por idealismo. Na sua “Advertência ao leitor”, ele interpreta sua lenda fantástica sobre o “Feiticeiro de Menlo Park” como uma “obra de Arte metafísica”²⁶², o que leva Castex a afirmar que *A Eva futura* não pode então “ser considerado um romance de antecipação científica”²⁶³. — Como se a metafísica estivesse excluída da ficção científica.

²⁶⁰ Citado por B. Tavares, in *Contos fantásticos no labirinto de Borges*, p.162.

²⁶¹ Y. Potocki, *Opus cit.*, p.150.

²⁶² Villiers de L’Isle-Adam, *A Eva futura*, p.48.

²⁶³ P.-G. Castex, *Opus cit.*, Chap.VII, p.363.

Em Villiers, além de *A Eva futura*, uma proficção científica aparece em *Claire Lenoir*. De resto, em vários de seus contos a ciência surge aliada ao que poderíamos, atualmente, chamar de *nonsense*, em: “O aparelho para a análise química do último suspiro”, “Máquina da glória” ou “O cartaz celeste”²⁶⁴. É pela ciência que J.-L. Steinmetz aproxima Jules Verne e Villiers, ressaltando as diferenças: “os dois escritores se encontram num ponto: a necessidade de reservar um lugar à ciência; mas se o primeiro crê nos benefícios do progresso”, o segundo, no entanto, “tem mais sarcasmos que admiração”²⁶⁵. F. Schuerewegen, como já mencionado, vê essa aproximação como de inspiração direta²⁶⁶ — neste caso de *A Eva futura* sobre *O castelo dos Cárpatos* de Verne.

Mas, em se tratando de inventos, o maior mérito coube ao inglês H. G. Wells. Se por um lado sua prosa é *científica*, por outro está aliada a uma tradição utópica já histórica. Àquela, por exemplo, de *A cidade do sol* de Tommaso Campanella e da *Utopia* de Thomas More, e que possuem raízes antigas, na *República* de Platão. Assim, em Wells, encontramos uma cidade de cegos “Em terra de cego”, uma ilha com uma comunidade muito estranha, onde um cientista humaniza animais, em *A ilha do Dr. Moreau*, e uma sociedade futura nada utópica em *A máquina do tempo*.

Se os termos “máquina” e “tempo” de Wells nos levam à literatura de ficção científica, da qual ele é o grande inventor, a descrição de uma sociedade futura nos leva às antiutopias do século XX: *Admirável mundo novo* (1932) de Aldous Huxley, *1984* (1949) de George Orwell, *Heliópolis* (1949) de Ernst Junger, *Fahrenheit 451* (1953) de R. Bradbury, e *A laranja mecânica* (1962) de Anthony Burgess. São obras que lançam o leitor para frente, para um futuro hipotético, mas plausível de vir a ser. Em certa medida são obras fantásticas, pois nos afastam da realidade,

²⁶⁴ Há uma antologia em espanhol chamada *La Ciencia Ficción a la luz de gas* (Ultramar, 1990), que inclui este conto de Villiers, com o título: “Publicidad celeste”.

²⁶⁵ J.-L. Steinmetz, *Opus cit.*, p.82/3.

²⁶⁶ F. Schuerewegen, *Opus cit.*, p.83.

mas ao mesmo tempo, nos conduzem a ela. É um movimento de levar o leitor para fora, para fazê-lo pensar na sua atualidade, na sua realidade.

1.1.3G - O onírico

O onírico na literatura é um elemento comum, seja ele derivado de drogas, insanidade ou propriamente dos sonhos. O fantástico onírico serve-se dessas três fontes.

Gautier é sem dúvida o grande estilista do sonho, o “mágico perfeito” dirá Baudelaire na dedicatória das *Flores do mal*, é ele quem possui a mais extraordinária perfeição na lida com o onírico nas letras francesas. Uma novela como *Arria Marcella — lembranças de Pompéia*, ou contos como “O cachimbo de ópio”, “O clube dos haxixins”, “A cafeteira”, “A morta enamorada”, “Onuphrius”, entre outros, trazem em si o elemento onírico em relevo. E o que os torna fantástico é a perfeição da técnica narrativa de derrubar os limites entre o real e o onírico.

“O Intersigno” de Villiers é fantástico pelo episódio da morte do abade após um sonho premonitório. Coincidência? É está dúvida, muito ao gosto de Todorov, que dá o caráter fantástico da história. Um conto do belga Georges Eekhoud, “A última carta do marinheiro”²⁶⁷, leva o narrador a encontrar-se, através de um sonho, com o desconhecido autor de uma carta, um marinheiro morto no Brasil, que ele só identificará posteriormente, ao encontrar a pessoa para a qual a carta fora escrita. Em Gautier, em um conto bastante conhecido, “Pé de múmia”, o narrador compra um pé de múmia de um antiquário durante o dia, à noite sonha que uma bela jovem egípcia vem lhe reclamar ‘seu’ pé; ao despertar o pé havia desaparecido de onde estava. Fora roubado ou levado pelo ‘espírito’ da egípcia? É esta imprecisão, aliada obviamente à técnica impressionista da

²⁶⁷ G. Eekhoud, “La dernière lettre du matelot”, In *Mes communions*. Paris: Société du Mercure de France, 1897. Este conto, além de fantástico é também homo-erótico, e talvez seja um dos primeiros contos gay fantástico da literatura moderna.

narrativa, ou a atmosfera como dirá Lovecraft, que causa ao leitor a sensação do estranho.

Creio que se podem considerar também como obras oníricas aquelas de Carlos Castañeda, *A erva do Diabo*, *Viagem à Ixtlan* e outras; ainda que se propunham serem experiências reais e conter ensinamentos, não deixam de ser literárias, fantásticas e muito interessantes.

Mas há que se fazer uma distinção entre dois tipos de uso do onírico. — Dois mais recorrentes, não únicos. O primeiro uso do onírico na literatura fantástica é aquele em que o leitor só descobre que é um sonho ou uma alucinação no fim da história, como, por exemplo, em alguns dos *Contos de um bebedor de éter* de Jean Lorrain, onde todas as alucinações são provocadas pelo éter. Neste caso, o onírico faz sua presença enquanto elemento que ‘provoca’ o fantástico, marca, mesmo que sutil, a diferença entre o vivido e o sonhado.

O outro uso do onírico — que encontramos em alguns contos de Lovecraft, como no famoso e sem dúvida excelente “Dagon”, em muitos contos de Lord Dunsany, em *Aurélia* de Nerval, ou ainda no romance *O Golem*, de Meyrink — não permite ao leitor perceber claramente nenhuma distinção. Aqui o onírico e o real surgem e permanecem amalgamados pela própria técnica narrativa e arrastam o leitor para ambientes estranhos e lugares oniricamente *inacessíveis*.

1.1.3H - A fantasia (ou maravilhoso)

Este subgênero do fantástico, que muitas vezes se confunde com contos de fada e possui uma proximidade com o humor, marca sua presença em muitos autores. Por exemplo, em “Gluck” de Hoffmann, em “Ônfale” de Gautier, em “As Sabines” e “O cupom do tempo” de Marcel Aymé, em “O odor dos dias ensolarados” do mexicano Edgar Omar Avilés, ou em “O eleito dos sonhos” de Villiers, a fantasia está aliada ao humor.

Em “O véu da rainha Mab” de Rubem Darío, “O demônio da garrafa” de Robert Louis Stevenson, ou em “A singular história de Peter Schlemihl” de Adelbert Von Chamisso — um dos precursores da literatura fantástica alemã —, a narrativa se

aproxima mais dos contos de fada, possuindo até um certo grau de ‘moralidade’; são relatos, digamos, mais ‘fantasiosos’ do que propriamente fantásticos. Se os menciono aqui é porque, alhures, se os considera literatura fantástica.

Creio que podem também ser vistos como obras de fantasia fantástica — não tão fantasiosas como as mencionadas no parágrafo acima — o singular romance de Juan Rulfo, *Pedro Páramo*; a novela *A confissão de Lúcio* de Mário de Sá-Carneiro; *À procura de Kadath* de Lovecraft; *O cavaleiro inexistente* de I. Calvino; ou ainda dois romances de Boris Vian, *A erva vermelha* e *O arranca corações*.

Por outro lado, em “Os turanianos” de Machen, “O intruso” de Lovecraft, “Bethmoora” de Lord Dunsany²⁶⁸, “A cidade adormecida” de Marcel Schwob, “Tlön, Uqbar. Orbis Tertius” de Borges ou “Ser pó” de Santiago Dabove, a fantasia traz em si uma seriedade e uma estranheza que se afasta bastante das demais obras mencionadas acima. Leva o leitor para um ambiente onde o extraordinário parece não ter limites, mas é diferente da fantasia feérica e está muito distante de narrativas com ‘moral da história’. Parece-me que aqui se descortina um outro subgênero do fantástico, o qual denomino *recurso a lugares inacessíveis*. São fantasias, mas não feéricas, criam uma realidade convincente, às vezes plausível, por meio de uma estética (ou estilística) capaz de levar o leitor para um mundo externo, irreal. É mais ou menos nesse sentido que Louis Vax diz que “ao lado do maravilhoso rosa, existe um maravilhoso negro onde fantástico e feérico se encontram”²⁶⁹; como se existissem dois tipos de fantasia, uma leva aos contos de fada, outra aos *lugares inacessíveis*.

²⁶⁸ “Para os verdadeiramente imaginosos ele é um talismã e uma chave que destranca ricos depósitos de sonhos e memórias fragmentárias, de modo que não devemos ver nele apenas um poeta, mas um poeta que faz do leitor igualmente um poeta”, H. P. Lovecraft, *O horror sobrenatural na literatura*, p.99.

²⁶⁹ L. Vax, *L’art et la littérature fantastiques*, p.6.

Antes, porém, de adentrar os *lugares inacessíveis*, creio importante mencionar dois elementos também presentes na obra de Villiers, o ‘absurdo’ e o ‘cruel’. E a pergunta é pertinente: seriam eles fantásticos? Aproveitando-me dessa divagação, acrescento ainda algumas linhas sobre a literatura policial, devido sua proximidade com o fantástico.

1.1.31 - O absurdo

O absurdo tem uma ligação com a fantasia e com o onírico, não obstante, contém uma peculiaridade que faz uma grande diferença, o absurdo foge a toda e qualquer lógica, pois mesmo a fantasia e o onírico possuem sua lógica. No absurdo o não-sentido é o sentido. Daí a pergunta: seria o absurdo fantástico? Penso que em Franz Kafka sim, em parte, e em Cortázar, na quase totalidade. Mesmo que em Kafka o absurdo pareça ser metafórico, como se supõe comumente a propósito d’*A metamorfose*.

Possivelmente o absurdo é fruto da literatura fantástica, mas tal como a ficção científica, tornou-se um gênero à parte. Todorov, ao falar de “O nariz” de Gogol, usa a expressão “encarnação pura do absurdo”, e “O que Gogol afirma é precisamente o contra-senso”,²⁷⁰ concluindo que este conto “anuncia o que se tornará a literatura do sobrenatural no século XX”,²⁷¹. E pensa aqui, sobretudo, em Kafka.

Na prosa, Kafka sem dúvida é o nome mais expressivo. Mas parece que foi no teatro que o absurdo se fez mais forte enquanto ‘gênero’ ou ‘conceito’ literário. O *teatro do absurdo* é uma expressão comum, e nele, o romeno Eugène Ionesco (1909-1994) e o irlandês Samuel Beckett (1906-1989) são dois nomes dos mais relevantes. E com eles Villiers tem um leve parentesco, pois ele compôs uma peça:

em “um ato, uma cena e uma frase”, e que tinha por título *O engano*. Ao levantar-se o pano, em uma semi-obscuridade, um casal conversava em voz baixa e tranqüilamente

²⁷⁰ T. Todorov, *Introdução à literatura fantástica*, p.80.

²⁷¹ *Idem.*, p.81.

sobre seus assuntos corriqueiros. De repente, um homem ciumento, armado com um revólver surgia da sombra e, sem nada dizer, fulminava o casal à queima-roupa. Então a cena se iluminava. O justiceiro se inclinava sobre os cadáveres para reconhecê-los, depois se erguia energicamente, estupefato, pasmado, e declarava: “Foi um erro! Eu me enganei!”²⁷².

Penso não dizer nenhum ‘absurdo’ ao afirmar que esta peça de Villiers — não escrita, e da qual há uma versão em forma de conto²⁷³ — leva-nos a pensar nas obras de Ionesco (*A cantora careca*, *O rinoceronte*) pelo *nonsense*, e ao mesmo tempo, pela brevidade, em muitas peças de Beckett. Além disso, Villiers tinha certas idéias para o teatro que na época eram inconcebíveis, como por exemplo, para a encenação de *O novo mundo*, em 1883, ele queria macacos e pássaros de verdade soltos pelo palco! E só foi dissuadido disso, após muito custo, quando lhe disseram que os macacos iriam “fatalmente sentar-se nos joelhos dos críticos, familiaridade que poderia ter uma desagradável influência sobre os folhetins de segunda-feira”²⁷⁴.

Paul Verlaine, no capítulo que lhe dedica em *Os poetas malditos*, chama a atenção para duas cenas do teatro de Villiers. A primeira é a *cena muda* de *A revolta*. Uma cena, entre a segunda e a terceira, onde não há diálogo algum. Apenas o transcorrer da noite com o soar do relógio, “música sombria” e depois a chegada da personagem Elisabeth ao fim da cena²⁷⁵. A segunda cena é o oposto desta. É a *décima cena* do *ato III* de *O novo mundo*, onde há uma parte em que *todo mundo fala junto*. São mais de dez

²⁷² A. Cim, *Récréations littéraires*, p. 162/3.

²⁷³ Conf. A. Lebois, *Opus cit.*, p.120.

²⁷⁴ A. Rait, *Villiers de L’Isle-Adam – exorciste du réel*, p.244, citando um artigo de “Choufleuri”, provavelmente um pseudônimo, publicado em 20 de fevereiro de 1883 no *Gaulois*.

²⁷⁵ Villiers de L’Isle-Adam, *Oeuvres complètes*, vol. I, p.404-405.

atores falando ao mesmo tempo e que para Villiers: “Esse ‘junto’ não deve durar meio-minuto”²⁷⁶.

Tais cenas hoje não nos impressionam, mas na época: “Riu-se muito da *CENA MUDA* e da *CENA EM QUE TODO MUNDO FALA*, e se rirá disso por muito tempo”²⁷⁷, diz Verlaine.

O conto “Os prisioneiros de Longjumeau”, de León Bloy — amigo íntimo dos últimos anos de Villiers — que se encontra em antologias fantásticas, também se aproxima do absurdo²⁷⁸. O que indica que a peça em “uma frase” não estava só na época.

Ainda seria possível ver algum absurdo em contos como “O espantoso casal Moutonnet”, “O mais Belo jantar do mundo” ou “O aparelho para a análise química do último suspiro”, em que Villiers explora certo *nonsense*, ainda que objetivando zombar da cientificidade da época.

1.1.3j - O cruel

O cruel seria um outro subgênero literário, como o (parece) considera Lovecraft? Neste caso, Villiers seria então o criador de um estilo? Eu não me aventuraria a dizer que sim. Antes dele, para não citar Marquês de Sade e permanecer no século XIX, Mérimée escrevera “Mateo Falcone” (1829), sem dúvida um dos contos mais *cruéis* da literatura universal, por seu peso de relativismo moral. Também Allan Poe já havia escrito, entre outros, “O barril de Amontillado”. Entres seus contemporâneos, Bloy e Maupassant são os que mais se lhe aproximam no que tange à *crueldade*. Bloy, no entanto, resvala frequentemente para o humor negro, dada sua insistência no macabro, enquanto

²⁷⁶ *Idem*, p.481.

²⁷⁷ P. Verlaine, “Villiers de L’Isle-Adam”, in *Les poètes maudits*, p.86.

²⁷⁸ A primeira edição de *Histoires désobligeantes* é de 1894, livro no qual consta o mencionado conto. Borges diz que esse conto “prefigura” Kafka: “o argumento pode ser deste último [Kafka]; o modo feroz de trabalhar é privativo de Bloy”, in L. Bloy, *Cuentos descorteses*, (“Prólogo”) p.9; em *Outras inquisições*, “Kafka e seus precursores”, Borges faz a mesma referência a esse conto de Bloy. Penso que não é de se duvidar que esse conto possa ter inspirado Luis Buñuel no seu longa-metragem *O anjo exterminador*.

Maupassant, parece-me, amplia-se para outros horizontes não estritamente *cruéis*, mesmo que muitas vezes ‘imorais’ e fantásticos. De modo que, no século XIX, nenhum desses contistas foi tão insistente e constante na crueldade, sob suas diversas formas, como Villiers.

Diz Lovecraft acerca d’“A tortura pela esperança”:
“Contudo, esse tipo não tanto pertence à tradição fantástica como forma uma categoria especial — o chamado *conto cruel*, em que o esporear das emoções é provocado por dramáticas tantalizações, frustrações e tormentos físicos atrozes”²⁷⁹.

Mas de fato seria uma “categoria especial”? Sendo ou não, é interessante que obras diversas, de autores diversos, possam ser próximas pelo teor *cruel* da história. De todos, Villiers é o primeiro a fazer uma recolha de seus textos sob o título de *contos cruéis*. Segundo Castex, “o limite entre os dois domínios, da crueldade e do fantástico, parece às vezes difícil de determinar”²⁸⁰. E sendo assim, podemos dizer que também o cruel faz fronteira com o fantástico.

1.1.3k - Literatura policial

Alguns²⁸¹ aproximam da literatura fantástica a história policial, cuja origem, sabe-se, está em Allan Poe. Todorov chama a atenção para a semelhança estrutural que há entre muitas histórias policiais e fantásticas: inicialmente ocorre um evento cuja compreensão parece estar para além da lógica humana, há um enigma, um mistério, um fato extraordinário, que ao fim se explica racionalmente pela mente incomum de um detetive (com a diferença de que no fantástico nem sempre se explica, ou ao menos não com uma racionalidade aceitável). Todorov apresenta como exemplo um clássico do romance policial, *O caso dos dez negrinhos*, de Agatha Christie, cujo enredo é fantástico até as

²⁷⁹ H. P. Lovecraft, *O horror sobrenatural na literatura*, p.44.

²⁸⁰ P.-G. Castex, *Opus cit.*, Chap.VII, p.347.

²⁸¹ Conf. J. Rest, *Opus cit.*, p.45 e 66; e T. Todorov, *Introdução à literatura fantástica*, p.55 e seguintes.

últimas páginas, quando então surge o juiz que explica todo o mistério.

Mas vale lembrar também que autores de literatura fantástica, seguindo talvez os passos do mestre Poe e C. Auguste Dupin, criaram não apenas contos policiais — Borges, por exemplo — mas, além disso, detetives especializados em casos sobrenaturais, cujo precursor é o Dr. Martin Hesselius, médico e esotérico investigador do oculto, criação do irlandês Joseph Sheridan Le Fanu (1814-1873).

Na mesma linha, e sob influência de Le Fanu, William H. Hodgson criou o detetive Carnacki, também especializado no sobrenatural, investigador de fantasmas (*ghost finder*). O Dr. Hesselius influenciou igualmente em Blackwood, no seu personagem John Silence, além de alguns outros.

Por outro lado, um dos mais conhecidos escritores de literatura policial, Arthur Conan Doyle, compôs muitas histórias fantásticas, desde *Contos da penumbra e do invisível* até novelas como *A cidade submarina* ou a famosa *O mundo perdido*. Além disso, alguns autores mesclaram os dois gêneros, como fez Sá-Carneiro em *A estranha morte do Prof. Antena*.

1.1.4 - Uma rota de fuga

O recurso a **lugares inacessíveis**, que, como disse, talvez não seja um subgênero do fantástico, mas sim o núcleo mesmo da literatura fantástica, caracteriza aquele texto sobre o qual não há dúvida alguma sobre seu pertencimento ao gênero fantástico. Possui algo que me parece ser um modelo de escrita que afasta o leitor o máximo possível da realidade. Leva-o para o mais distante da ordinária vida de cada dia, apagando atrás de si os traços do real. Escritores que, como ao gosto de J. Bergier, “imaginam um outro mundo que não o nosso, um universo paralelo, um reino esquecido junto ao mar, penetram sem dificuldade no desconhecido!”²⁸².

Obviamente, é necessária alguma disposição de espírito por parte do leitor. O que Lovecraft diz acerca da literatura de horror sobrenatural vale para a literatura fantástica de modo geral: “exige do leitor uma certa dose de imaginação e uma capacidade de desligamento da vida do dia-a-dia. Relativamente poucos são suficientemente livres das cadeias da rotina do cotidiano para reagir às batidas do lado de fora da porta”²⁸³. Mas quando isso ocorre, penso eu — e o leitor está diante de um autor que sabe indicar a *porta* — dá-se um completo *exorcismo do real*.

Essa porta se abre para onde?

Antes de dizê-lo, creio ser importante lembrar algumas “fórmulas” da literatura fantástica, trata-se de procedimentos estruturais particulares. Por exemplo, em *Arria Marcella*, de Gautier, há o movimento de levar e trazer o leitor através da *porta*: o personagem sai a caminhar à noite pelas ruínas de Pompéia e a encontra viva e pulsante, assiste uma peça, apaixona-se por uma mulher, etc., e ao fim retorna para o hotel onde estava hospedado. O leitor está no ‘real’, é levado aos poucos para o ‘irreal’, e depois retorna para o mesmo local. Esse tipo de

²⁸² J. Bergier, *Préface*, in Sternberg, J., Grall, A., Bergier, J. (Orgs.) *Les chefs-d’oeuvre du fantastique*, p.14.

²⁸³ H. P. Lovecraft, *O horror sobrenatural na literatura*, p.2.

estrutura Gautier repetirá, entre outros contos, em “O cachimbo de ópio”.

Um outro movimento encontra-se em Julio Cortázar, e que é, digamos, mais *exorcista*. Em boa parte de seus contos há uma espécie de viravolta no meio do texto: em “Continuidade dos parques”, por exemplo, a narrativa sai do personagem que se senta para ler e entra no personagem que está sendo lido; também algo semelhante acontece em “Axolotes”, o personagem que vai sempre ao jardim botânico ver os aquários com axolotes acaba sendo um axolote que vê um homem que vem sempre lhes observar. O mesmo ocorre em “A ilha ao meio dia” e em outros contos. Aqui, então, em Cortázar, o leitor é levado para fora do real através de um sutil movimento da linguagem, nem sempre perceptível, e é deixado lá *fora*.

Mas há outras rotas de fuga para *fora* do real, e a mais perfeita delas é aquela que usa do recurso a *lugares inacessíveis*, como aquele lugar de “Em terra de cego”, de H. G. Wells, que, se abstraímos a moralidade da história, aliás, comum nesse autor, colocamo-nos absolutamente *fora* da realidade. Também Lovecraft com “O templo” leva o leitor para um ambiente submarino, oscilante entre loucura e arqueologia, talvez para a mítica Atlântida. Outro excelente exemplo é “Uma descida no Maelstrom”, de Poe, ou ainda a novela *A casa sobre o abismo* de Hodgson: o leitor predisposto e entregue completamente à leitura não terá como se furtar a leves estremecimentos com o ambiente alucinatório no qual o personagem principal vive, sem quaisquer liames atados à vida cotidiana.

No entanto, é em um escritor argentino — pouco conceituado atualmente no mundo letrado por suas posições e inconstâncias políticas — que creio estar em dos melhores exemplos do exorcismo do real: Leopoldo Lugones (1874-1938). Seu conto “A chuva de fogo” é uma obra-prima do fantástico. Nele não há o que se pensar em termos de moral da história, pois é simplesmente descritivo! O subtítulo desse conto diz: *Evocação de um desencarnado de Gomorra*. E desde aí já encontramos seu

elemento fantástico, bem ao agrado de Todorov, aquele da dúvida²⁸⁴.

Desencarnado em espanhol, de *desencarnar*, além do mesmo sentido que tem em português: *deixar a carne, passar para o mundo espiritual*, tem também o sentido de *desinteressado*, que em português encontramos apenas em gíria, como quando dizemos: *desencarna disso!*, querendo dizer: *perca o interesse disso, deixe de se incomodar com isso*, etc. Ou seja, o personagem de Lugones pode ser uma *voz do outro mundo* ou um simples homem que perdeu o interesse por sua cidade, Gomorra: “Dez anos me separavam de minha última orgia! Desde então, entregue aos meus jardins, aos meus peixes, aos meus pássaros, faltava-me tempo para sair”, diz o personagem, um pouco entediado com a vida. E ainda: “A vasta cidade libertina era para mim um deserto onde se refugiavam meus prazeres. Escassos amigos; breves visitas;...”²⁸⁵.

É assim que se apresenta o personagem, sem nome, que vislumbra pequenas e momentâneas faíscas incandescentes caírem no seu terraço, mas que nem por isso deixa de almoçar, expressando assim um caráter “epicurista”, para usar do termo usado por Borges²⁸⁶, o que já nos adverte que no conto não há esforços para ser historicamente fidedigno sob esta perspectiva. Este homem, de cinqüenta anos, boa-vida, desde a varanda de sua morada, descreve uma bizarra Gomorra: com rapazes efeminados, cortesãs de seios de fora, anúncios de exibições de animais mutantes e vendas de “cobertores de um tecido singular que produzia a insônia e o desejo”²⁸⁷.

²⁸⁴ conf. T. Todorov, *Introdução à literatura fantástica*, p.37. E, no entanto, a dúvida fica aí, no subtítulo. Mas o elemento fantástico na história permanece, mesmo que seja um conto que Todorov provavelmente não consideraria fantástico, já que não se encaixa na sua definição (que mais adiante veremos).

²⁸⁵ L. Lugones, “A chuva de fogo”, in *Antologia nefelibata de contos fantásticos*, p.11.

²⁸⁶ conf. prólogo de: L. Lugones, *La estatua de sal*, p.12.

²⁸⁷ L. Lugones, “A chuva de fogo”, in *Opus cit.*, p.15.

Essas descrições, acrescidas às que o personagem faz de si e de sua casa, com seus viveiros para pássaros e tanques para peixes, dão-nos uma ambientação tranqüila e sossegada, uma casa de paz em uma cidade festiva na qual o personagem não mais vive senão como expectador. É a calma antes da tempestade, recurso freqüente em contos que procuram, por contraste, estabelecer um peso de horror ao fim. Lugones, no entanto, não pretende estabelecer o horror ao fim, já que o fim é inevitável, o personagem será apenas o olho pelo qual o leitor pode vislumbrar o que teria acontecido na mítica (ou real?) Gomorra²⁸⁸ de tempos idos, quando sobre ela se abateu uma incessante chuva de fogo.

Depois de contemplar a cidade do terraço de sua casa, de receber dois amigos que cearam com ele, o personagem dá uma rápida volta pela cidade e retorna para dormir: “Despertei banhado de suor, os olhos turvos, a garganta ressecada. Lá fora um rumor de chuva”²⁸⁹. É o terror em forma de chuva de fogo, que não entra na casa, apenas respinga as paredes e se escorre, como cobre derretido, pelos canais em volta da casa, não a destruindo de imediato. Dá tempo para que possa ser descrito. E sendo um personagem incomum, um tranqüilo epicurista, quem está narrando, o terror se apresenta de modo mais estranho ao leitor. Os criados haviam fugido, o narrador está só, mas há provisões, há uma adega cheia de vinhos e queijos, há uma cisterna no porão que, prudentemente, ele isola do cobre derretido que desce pelos canais, e por fim, há um frasco de vinho envenenado para se morrer quando queira: “com o veneno, a morte pertencia-me”, assim: “decidi ver o que fosse possível, pois

²⁸⁸ Gomorra, circunvizinha de Sodoma, Adama e Seboim: segundo a bíblia cristã, Jeová decide queimá-las fazendo chover fogo sobre elas, devido à devassidão de seus habitantes. Salvando da catástrofe apenas Ló, com seus filhos, seus servos, seus camelos e sua mulher. Esta última olha para trás e se torna uma estátua de sal — tema de outro conto de Lugones: *A estátua de sal*. Hoje, há a explicação do fenômeno da chuva de fogo como sendo uma chuva de fragmentos de meteoro incandescente.

²⁸⁹ L. Lugones, “A chuva de fogo”, in *Opus cit.*, p.15.

era, sem dúvida, um espetáculo singular. Uma chuva de cobre incandescente! A cidade em chamas! Valia a pena”²⁹⁰.

A partir disso supõe-se que o objetivo, ou a *idéia*, do conto é simplesmente a descrição do cataclismo, daquilo que supostamente ocorreu em Gomorra, Sodoma e nas outras duas cidades castigadas por Jeová; ou por uma chuva de meteoros incandescentes, já que Lugones não faz referência alguma à religião ou à ciência, e hoje temos as duas explicações. É, portanto, um conto que oferece para o leitor uma impressionante descrição de um fenômeno tão extraordinário quanto o que poderia ser descrito por um habitante de Pompéia cercado de lava vulcânica, ou por um sobrevivente temporário do acidente nuclear de Chernobil. O que conta, em termos literários, nessa história, é justamente a descrição, a mera descrição do acontecimento, visto de dentro e no instante mesmo em que ocorre. É o relato puro e simples que dá o caráter fantástico a este conto, e é através desse relato que vislumbramos um lugar e um fenômeno, não de todo fantasioso, mas ao mesmo tempo absolutamente *extraordinário*, de que jamais teríamos acesso, em tão vívida impressão, se não fosse através da *porta* aberta pelo artista Leopoldo Lugones.

* * *

Outro exemplo de *lugar inacessível* é dado por Mario de Sá-Carneiro no conto “O homem dos sonhos”. Temos de início aparentemente um lugar comum na literatura fantástica: o tema do *onírico*. Esse recurso está muitas vezes em companhia das drogas e das alucinações: encontramos-lo, como mencionei acima, em Hoffmann, Poe, Gautier, Maupassant, Lorrain, entre outros. Mas o conto de Sá-Carneiro se diferencia pelo que tem de inusitado e nos deixa, após a leitura, um tanto perplexos com a probabilidade de possuir verossimilhança com a existência humana. E assim nos põe na mente uma *idéia* estranhíssima. Lembra um pouco a *sensação* que nos causa algumas das *Crônicas marcianas* de Bradbury. Para quem conhece *As meditações* de Descartes e a *idéia* que este oferece de um gênio maligno que possa nos enganar com tudo o que se vê e sente, já que talvez sejamos um simples

²⁹⁰ *Idem*, p 17.

cérebro subordinado a receber sensações alheias, ou ainda, se se pensa nas atuais questões de alguns filósofos analíticos com seus “cérebros em baldes” e “inteligências artificiais”, este conto de Sá-Carneiro dá o que pensar; e sendo muito simples, impressiona.

A história se inicia com uma imprecisão: “Nunca soube o seu nome. Julgo que era russo, mas não tenho a certeza. Conheci-o em Paris, num Chartier gorduroso de Boul’Mich, nos meus tempos de estudante falido de Medicina”²⁹¹. No decorrer, no entanto, o narrador faz amizade com o desconhecido sem nome que, um dia, diz-lhe que é um homem “feliz”, pois que sonha constantemente, “Porque é sonhando que eu vivo tudo. Compreende? *Eu dominei os sonhos*. Sonho o que quero. Vivo o que quero”²⁹². E descreve então alguns dos lugares que sonhou, lamenta a existência dos demais homens, fadados à mesmice da vida terrestre, e conclui que “Consegui tornar infinito o universo — que todos chamam *infinito*, mas que é para todos um campo estreito e bem murado”²⁹³. Após esta conversa o narrador o encontra ainda mais uma vez, no restaurante onde costumavam jantar, e então não mais o vê.

E talvez por não mais o encontrar, pensa muito nele: “Largo tempo meditei no homem estranho: meses e meses a sua recordação me obcecou perturbadoramente”²⁹⁴. Quer compreender quem era o homem, e, se possível, aprender também a sonhar do mesmo modo que ele, e assim pensando, um dia pressupõe encontrar a verdade, visto que não conseguia descrever com clareza o homem, com o qual muitas vezes havia jantado, porque seus traços eram fugidios, impossíveis de descrever, acaba por perceber que “*o desconhecido maravilhoso era uma figura de sonho* — e entretanto uma figura real”²⁹⁵. E se assim era, e se o desconhecido abominava a vida comum, então não a vivia como

²⁹¹ M. Sá-Carneiro, *A estranha morte do prof. Antena*, p.41.

²⁹² *Idem*, p.45.

²⁹³ *Idem*, p.49/50.

²⁹⁴ *Idem*, p.51.

²⁹⁵ *Idem*, p.52.

todos nós, “*Mas se a não vivia e entretanto surgia vagamente nela, é porque a sonhava*”²⁹⁶.

Este conto, para o leitor predisposto a ouvir as batidas *do lado de fora*, com uma estrutura muito simples, deixa-nos não apenas a intuição do narrador — que conheceu um homem que sonhava com esta vida ordinária, enquanto vivia seus sonhos — como ainda nos predispõe a pensar que o narrador, o leitor e toda a existência visível, podem ser apenas um sonho de um outro ser. Quem ou que pode nos garantir que a morte não é o despertar de quem nos sonha? Se nada confirma isso, também nada o impossibilita.

* * *

Note-se que nos dois exemplos dados não há forças psíquicas à la Hoffmann, nem alucinações à la Maupassant, nem monstros cósmicos à la Lovecraft. São dois exemplos sem exacerbadas pretensões, em linguagem simples, mas com uma força de imaginação que consegue romper a barreira do real e fazer o leitor abrir a *porta*.

“O estranho, escreve Freud no seu ensaio, tal como é descrito na *literatura*, (...) é um ramo muito mais fértil do que o estranho na vida real, pois contém a totalidade deste último e algo mais além disso, algo que não pode ser encontrado na vida real”²⁹⁷. Assim, a porta que se abre neste ‘subgênero’ do gênero fantástico dá sempre para um ambiente desconhecido, para uma singularidade que é ao mesmo tempo a criação de um artista e uma abertura para se evadir da vida: um vislumbre do *extraordinário*, daquilo que só existe na imaginação e que se concretiza no espírito do leitor através da magia da linguagem, a ponto de lhe causar temor e estranheza. É uma realidade irreal, ou, uma irrealidade real. De ambos os modos, capaz de oscilar a razão — mesmo que apenas durante o tempo de uma leitura — alheando-a da vida circundante e lançando-a para um *fora* inominável.

²⁹⁶ *Idem*, p.53.

²⁹⁷ S. Freud, *O estranho*, p.310.

1.1.5 - No alto da Torre de Babel

Embora o bom-senso teórico recomende que se comece com definições, somente a essa altura é que me detenho sobre a definição, ou melhor, sobre *as* definições do fantástico. O tema leva a isso. Ainda que algumas linhas tenham sido ‘conceituais’, é aqui que faço uma breve pausa para apresentar algumas definições específicas do fantástico na literatura.

Depois de uma tentativa de mostrar a amplitude do assunto, sua diversidade e universalidade, creio que os conceitos aparecerão mais como *literatura* do que como *teoria*. Todorov aborda o assunto: se a literatura é uma linguagem que diz o que a linguagem comum não diz, então falar de literatura só é possível através da literatura, o que exclui a teoria ou: “Por esta razão a crítica (a melhor) tende sempre a se tornar ela mesma literatura”²⁹⁸.

E isso é possível?

Como ele próprio conclui o assunto: “Estas reflexões céticas não nos devem deter”²⁹⁹. Elas apenas nos indicam limites. Que neste caso já começam na definição do termo, do conceito *fantástico*, na sua aceção enquanto arte literária. Seguindo as diferentes perspectivas de alguns teóricos procuro aqui, senão chegar a uma definição, ao menos chegar à compreensão desses limites.

Howard Phillips Lovecraft em um livro de 1945³⁰⁰, *O horror sobrenatural na literatura*, — ainda que não seja uma obra dedicada direta e exclusivamente à literatura fantástica — trata de pelo menos um elemento desta, o *horror*. “A emoção mais forte e mais antiga do homem é o medo, e a espécie mais forte e mais antiga de medo é o medo do desconhecido”³⁰¹, assim inicia sua obra. E este é um medo que todos temos. Mas não só o medo do desconhecido, também “nenhuma dose de racionalização, de

²⁹⁸ T. Todorov, *Introdução à literatura fantástica*, p.27.

²⁹⁹ *Idem*.

³⁰⁰ As datas que acompanham aqui as obras citadas se referem à sua primeira publicação e não à edição que consta na bibliografia.

³⁰¹ H. P. Lovecraft, *O horror sobrenatural na literatura*, p.1.

reforma ou análise freudiana é capaz de anular completamente o arripio do sussurro no canto da lareira ou da floresta solitária³⁰². De fato, lugares solitários, isolados, exercem sobre a maioria das pessoas um efeito de medo indefinido e, talvez, incurável. — Um medo ancestral, ontológico.

Por outro lado, o medo (na literatura) é também atrativo, mas “A atração do espectral e do macabro é de modo geral limitada porque exige do leitor uma certa dose de imaginação e uma capacidade de desligamento da vida do dia-a-dia³⁰³. E esse seria um medo ‘artificial’? não exatamente, lembrando o que diz Freud sobre o estranho, que na literatura é *muito mais fértil* do que na vida real, assim também o medo pode causar uma impressão semelhante ao da realidade, ou mesmo mais forte.

De modo que, no enredo de uma história de *horror sobrenatural*, “o mais importante de tudo é a atmosfera”, “a criação de uma determinada sensação”, ou ainda, “o único teste para o verdadeiro horror é simplesmente este: se suscita ou não no leitor um sentimento de profunda apreensão, e de contato com esferas diferentes e forças desconhecidas”. Sendo então o leitor o barômetro do fantástico, e não a ‘intenção’ do autor. Não obstante, Lovecraft não deixa de ser precavido: “não podemos esperar que todos os contos de horror se conformem de modo absoluto a um modelo teórico³⁰⁴”.

Pierre-Georges Castex em *O conto fantástico na França (Le conte fantastique en France)*, obra de 1951, afirma que o fantástico se caracteriza “por uma invasão brutal do mistério no quadro da vida real; está ligado geralmente aos estados mórbidos da consciência que, nos fenômenos de pesadelo ou delírio, projeta diante de si as imagens de suas angústias e de seus terrores³⁰⁵”. E ainda: “O verdadeiro conto fantástico intriga, encanta ou perturba criando o sentimento de uma presença insólita, de um mistério amedrontador, de um poder sobrenatural, que se manifesta como

³⁰² *Idem*, p.2.

³⁰³ *Idem*, p.1.

³⁰⁴ *Idem*, p.5.

³⁰⁵ P.-G. Castex, *Opus cit.*, p.8.

uma advertência do além, em nós ou em torno de nós, e que, tocando nossa imaginação, provoca um eco instantâneo no nosso coração”³⁰⁶.

Louis Vax em *A arte e a literatura fantásticas (L’art et la littérature fantastiques)*, de 1960, diz que “*Feérico e Fantástico* são duas espécies do gênero *Maravilhoso*”³⁰⁷. E “enquanto o feérico coloca fora do real um mundo onde o impossível, portanto o escândalo, não existe; o fantástico se nutre dos conflitos do real e do possível”. “Mas, ao lado do maravilhoso rosa, existe um maravilhoso negro onde fantástico e feérico se encontram”³⁰⁸.

Quanto à definição mesma do fantástico, Vax aponta para duas soluções, ambas “sujeitas à crítica”. A primeira solução é “a definição *lexical*”. “A segunda solução consiste em fixar arbitrariamente o sentido que se pretende dar à palavra, em formular uma definição *estipulativa*”³⁰⁹. Na primeira definição o problema consiste que se está considerando que haja na palavra ‘fantástico’ um ‘verdadeiro’ sentido ao lado dos sentidos ‘secundários’. E um semântico diria que “é um erro comum crer que as palavras possuem um ‘verdadeiro’ sentido, um sentido fundamental ao lado de sentidos adventícios”. Enquanto um filósofo dirá que “à idéia de ‘verdadeiro sentido’ se aproxima àquela, não menos ilusória, de ‘essência’”. Quanto à segunda solução, a ‘estipulada’, prática comum nas disciplinas científicas, “ela será rejeitada como arbitrária e coagindo seja o uso estabelecido, seja a intuição pessoal que o crítico terá do verdadeiro fantástico”³¹⁰.

No entanto, Vax opta por esta segunda solução, que lhe parece “a menos má, porque ela permite, senão *descrever uma essência*, ao menos delimitar *um campo de pesquisa* bastante homogêneo”. Daí serem as diversas definições estipuladas “ao mesmo tempo legítimas e arbitrárias”³¹¹.

³⁰⁶ *Idem*, p.70.

³⁰⁷ L. Vax, *L’art et la littérature fantastiques*, p.5.

³⁰⁸ *Idem*, p.6.

³⁰⁹ *Idem*, p.121.

³¹⁰ *Idem*, p.121.

³¹¹ *Idem*.

Em 1965 ele publicou uma obra significativa, *A sedução do estranho* (*La séduction de l'étrange*), talvez a obra mais filosófica até hoje escrita sobre o tema do fantástico na literatura. Sua questão inicial é pertinente à filosofia: por que até agora os filósofos têm escrito tanto sobre o riso, mas muito pouco sobre o medo? Porém, o mais importante aqui é a idéia do estranho, e obviamente, da *sedução* que ele nos causa.

No geral, no entanto, a compreensão inicial do fantástico nessa obra é semelhante à descrita acima, apenas mais aprofundada: “O sentido da palavra *fantástico*, é aquele que lhe dá, em dado momento, um homem marcado pelo conhecimento das obras e por seu meio cultural”³¹²; “A obra estranha é, bem entendido, aquela que inspira um sentimento de estranheza”³¹³; “O sentimento do estranho não existe em si, mas para o homem que o suporta, desfruta-o ou o estuda. Conseqüência: não sendo coisa, ele não se deixa analisar como o açúcar ou o vitríolo. A idéia de análise dos sentimentos esconde um equívoco. Não se analisa sentimentos. Se os prova, se os exprime, se os descreve”³¹⁴.

Roger Caillois no livro *No coração do fantástico* (*Au coeur du fantastique*), de 1965, dedicado ao fantástico nas artes plásticas, apresenta algumas definições sobre o fantástico em geral: “...para mim, fantástico significa de início inquietude e ruptura”³¹⁵; “o fantástico é, assim, ruptura da ordem reconhecida, irrupção do inadmissível no seio da inalterável legalidade quotidiana, e não substituição total do universo real por um exclusivamente miraculoso”³¹⁶. Essa definição, como se pode perceber, aproxima-se daquela de Castex.

No prefácio de sua monumental *Antologia do conto fantástico*, de 1966, Caillois reduz o fantástico ao sobrenatural: “o terror deve derivar unicamente de uma intervenção sobrenatural, e a intervenção do sobrenatural deve culminar em um efeito de

³¹² L. Vax, *La séduction de l'étrange*, p.6/7.

³¹³ *Idem*, p.8.

³¹⁴ *Idem*, p.15.

³¹⁵ R. Caillois, *Au coeur du fantastique*, in *Cohérences aventureuses*, p.74.

³¹⁶ *Idem*, p.174.

terror”³¹⁷. Exclui assim de sua definição, como de sua antologia, uma vasta gama de obras alhures consideradas fantásticas. Separando o maravilhoso do fantástico, ele reafirma a definição da obra anterior: “O mágico é um universo maravilhoso que se opõe ao mundo real sem destruir sua coerência. O fantástico, pelo contrário, manifesta um escândalo, uma ruptura, uma irrupção insólita, quase insuportável no mundo real”³¹⁸. E ainda: “A literatura fantástica se situa subitamente no plano da ficção pura. Ela é antes de tudo um jogo com o medo”, jogo este que provoca prazer: “ela proporciona aos incrédulos a possibilidade do medo voluptuoso que é o atrativo das histórias de fantasmas”³¹⁹.

Tzvetan Todorov em *A literatura fantástica*, de 1970, diz que “A hesitação do leitor é pois a primeira condição do fantástico”³²⁰, o que exige uma “maneira de ler”³²¹; a segunda condição é que “a hesitação seja *representada* no interior da obra”, mas nesse caso “há exceções”³²²; “Véra”, de Villiers, é uma delas. E acrescenta, o Fantástico “antes parece se localizar no limite de dois gêneros, o maravilhoso e o estranho, do que ser um gênero autônomo”³²³, ou seja “fronteira entre dois domínios vizinhos”³²⁴. “O fantástico nos coloca diante de um dilema: acreditar ou não?”³²⁵. Mas tudo se resume em: “o fantástico se resume essencialmente numa hesitação do leitor — um leitor que se identifica com a personagem principal — quanto à natureza de um acontecimento estranho”³²⁶.

Julio Cortázar, em uma breve palestra em Caracas em 1982 — intitulada *O sentimento do fantástico* (*El sentimiento de lo fantástico*) — apresenta uma definição de literatura fantástica,

³¹⁷ R. Caillois, *Antología del cuento fantástico*, p.7.

³¹⁸ *Idem*, p.8.

³¹⁹ *Idem*, p.12.

³²⁰ T. Todorov, *Introdução à literatura fantástica*, p.37.

³²¹ *Idem*, p.38.

³²² *Idem*, p.37.

³²³ *Idem*, p.48.

³²⁴ *Idem*, p.51.

³²⁵ *Idem*, p.92.

³²⁶ *Idem*, p.165/6.

uma definição pessoal, enquanto *sentimiento*. Após descartar a definição do dicionário como sendo insuficiente para dar conta desse tipo de literatura e relativizar sua definição (“penso que é melhor que cada um de vocês, como faço eu mesmo, consulte seu próprio mundo interior”³²⁷), ele chega à afirmativa: “Esse sentimento [do fantástico], que creio se reflete na maioria dos meus contos, poderíamos qualificá-lo de estranhamento”³²⁸.

Cortázar se aproxima de Lovecraft ao conceber esse sentimento do fantástico como algo não passível de ser experimentado por todos os indivíduos, já que esse estranhamento só é dado a uma “sensibilidade preparada a esse tipo de experiência”. Ainda que

esse estranhamento, está aí, a cada passo, volto a dizê-lo, em qualquer momento e consiste sobretudo no fato de que as pautas da lógica, da causalidade do tempo, do espaço, tudo o que nossa inteligência aceita desde Aristóteles como imutável, seguro e tranquilizado se vê bruscamente sacudido, como tocado, por uma espécie de, de vento interior, que os desloca e que os faz mudar.

³²⁹

E, importante fazer notar, isso não “tem nada de sobrenatural, de mágico, ou de esotérico”, pelo contrário, é um sentimento natural “para algumas pessoas”³³⁰.

Jean-Luc Steinmetz, no livro *A literatura fantástica (La littérature fantastique)*, de 1990, não apresenta nenhuma definição específica, porém, dispersas pelo livro se encontram algumas afirmativas que podem indicar sua visão da literatura fantástica, por exemplo: “O fantástico explora a reserva de terror e de angústia que vela no fundo de cada homem”³³¹.

³²⁷ J. Cortázar, *El sentimiento de lo fantástico*, parág.3.

³²⁸ *Idem*, parág.5.

³²⁹ *Idem*.

³³⁰ *Idem*, parág.6.

³³¹ J.-L. Steinmetz, *Opus cit.*, p.9.

Contudo, ao fim da primeira parte do livro há uma justificativa, parece-me, para não definir o fantástico: “Na procura de generalidades e de leis, os teóricos acabaram por programar um fantástico perfeito, mas inviável, verdadeiro arquétipo construído logo depois para justificar suas hipóteses. É tempo de voltar à letra, ao arrepio que ela provoca, aos sonhos que ela suscita”³³².

Remo Ceserani, em *O fantástico*, de 2004 — obra curiosa, pois é ampla, apesar das poucas páginas (cerca de 130) —, faz uma dissecação interessante referente às definições, formas, temas e origens da literatura fantástica, mas também não apresenta nenhuma definição própria. Apenas deixa transparecer uma grande admiração por aquela de Todorov, mesmo apresentando as principais críticas contra esta. Diz ele:

A vantagem da definição de Todorov é que ela se apresenta baseada não em dois elementos, mas em três. Isso permite a ele introduzir, no lugar do conceito de “ruptura” (Caillois) ou “conflito” (Vax), o conceito de “ambigüidade”, como característica essencial do texto, e de “incerteza” ou “hesitação” como experiência, inscrita no texto, do personagem; ou como reação, prevista pelo texto, do leitor.³³³

Uma tentativa

Penso, ao contrário de Todorov, que o fantástico está mais para uma *sensação* do que para uma “hesitação”. Mais próximo, portanto, de Lovecraft, Vax e Cortázar. Isso porque não se *hesita* quanto a um evento literário, apenas fica-se na incompreensão do evento. O que é bastante visível já no título de muitos contos: “Um caso inexplicável” (Lugones); “Inominável” (Lovecraft); “O estranho” (A. Bierce); “Inexplicável” (L. G. Moberly). Mesmo no

³³² *Idem*, p.34.

³³³ R. Ceserani, *Opus cit.*, p.55.

Manuscrito encontrado em Saragoça, não ficamos numa hesitação quanto ao ocorrido, não duvidamos da existência ou não de uma interferência sobrenatural, mas sim, não entendemos porque as coisas se dão daquela forma, partilhando, claro, e nisso estou de acordo com Todorov, da mesma incompreensão do personagem-narrador, *incompreensão*, não *hesitação*. A fórmula de Bráulio Tavares me parece poder servir de exemplo, mesmo que precário: “no conto fantástico nos perguntamos o que está acontecendo?”. Ou seja, *o que está acontecendo* não implica necessariamente numa hesitação entre uma explicação *x* e uma *y*. Daí os termos que se repetem: *inexplicável*, *inominável*, *estranho*, etc.

Essa incompreensão, dada pela existência ‘textual’ de uma lógica não-ordinária, o que é dito e como é dito, leva o leitor — o leitor sensível a tal lógica, bem entendido — à *experiência* do estranho. Daí a possibilidade de afastamento da realidade provocada por tal literatura. Que ocorra aí uma “invasão brutal do mistério” (Castex), uma “ruptura da ordem reconhecida” (Caillois) é certo, e é certo ainda que “inspira um sentimento de estranheza” (Vax), ou “estranhamento” (Cortázar).

Tomemos como exemplo *A ilha do Dr. Moreau*. Não é apenas a figura do Dr. Moreau com suas criaturas, mas também a singularidade do estado emocional do narrador e sua situação — perdido no meio das criaturas e dos dois insanos (Dr. Moreau e Montgomery) — que dá o tom fantástico à obra. É um fantástico psicológico provocado pelo ambiente estranho. A mesma história contada de maneira jornalística não seria fantástica. O ambiente perturba o narrador como também o leitor, pela estrutura da narrativa, pela *atmosfera* estranha que se transmite ao leitor, mas não provoca nenhuma hesitação. Mais uma vez, o que Lovecraft diz do horror sobrenatural, vale para o fantástico: “O mais importante de tudo é a atmosfera, pois o critério final de autenticidade não é o recorte de uma trama e sim a criação de uma determinada sensação”³³⁴, no caso, sensação de *estranhamento*.

³³⁴ H. P. Lovecraft, *O horror sobrenatural na literatura*, p.5.

Essa perspectiva de Lovecraft, obviamente, não é ‘científica’ e, portanto, não pode ser universalizada. Mas é bastante coerente, no entanto, com a literatura fantástica propriamente dita, e com seus leitores, e se aproxima, mais ou menos, com o que diz Cortázar, Vax, Caillois e Castex:

Sempre haverá uma pequena parcela de pessoas que sentirão uma ardente curiosidade sobre o espaço desconhecido e exterior e um ardente desejo de escapar da prisão do conhecido e do real em direção a essas terras encantadas de aventuras incríveis e possibilidades infinitas, que os sonhos nos franqueiam e que coisas como matas profundas, fantásticas torres urbanas e pores-de-sol flamejantes sugerem freqüentemente.³³⁵

Demasiadamente poético? Talvez. Mas muito certo, pois no âmbito da arte nem sempre são válidas determinações científicas, ou pseudocientíficas como as de Todorov. Que esse gênero seja muito amplo — horror, humor, invenção científica, loucura, lenda, onírico, fantasia — parece ser muito claro, talvez até demasiado amplo. Segundo Borges, “Os metafísicos de Tlön”, por exemplo, “Julgam que a metafísica é um ramo da literatura fantástica”³³⁶.

Em conclusão, é fato que tal literatura — uma vez estabelecida enquanto gênero no início do século XIX — tem se fixado nos quatro cantos do mundo; que perturba, seduz e provoca um sentimento que nenhuma outra consegue; o sentimento, ou a atmosfera, do *estranho*; e tal sentimento é capaz de nos afastar do real, na medida em que esse *estranho* é sempre como que um *fora* da realidade — *fora* da lógica do mundo ordinário.

* * *

³³⁵ H. P. Lovecraft, *Notas quanto a escrever ficção fantástica*, parág.2.

³³⁶ J. L. Borges, “Tlön, Uqbar. Orbis Tertius”, in F. M. da Costa, *Opus cit.*, p.561.

Considerando agora que os termos ‘estranho’ e ‘estranheza’, presentes na literatura fantástica, também estão presentes na tradução, talvez não fosse exagero dizer que tive que lidar com uma duplicidade de *estranhos*, uma relativa à obra, outra à tradução. Sobre esta segunda estranheza, referente à tradução, sobre a qual me deterei no Capítulo 2, é preciso também algum preâmbulo, que é o que vem a seguir.

1.2 - PERSPECTIVAS PARA A TRADUÇÃO DE UM TEXTO LITERÁRIO

Eu aceito um pressuposto de Friedrich Schleiermacher: “um discurso dado é o produto do entrecruzamento da ‘totalidade da linguagem’ e da ‘totalidade da vida’ do autor”³³⁷. Por isso o conhecimento da obra e do autor enriquece uma tradução. Não porque devemos explicar o *escrito* pelo *vivido* do autor, mas porque se conhecemos a ‘totalidade da linguagem’ e a ‘totalidade da vida’ do autor, ao menos a “totalidade” possível de se conhecer, teremos a oportunidade de melhor compreender, interpretar e, conseqüentemente, traduzir um dado discurso.

Ademais, não é apenas Schleiermacher que pensa desse modo. Antoine Berman dirá que “é preciso recorrer a múltiplas leituras colaterais, outras obras do autor, publicações diversas sobre o autor, sua época, etc.”³³⁸, se se almeja uma boa tradução. E, especificamente com respeito à presente tradução, como diz Adolphe Brisson: “é útil conhecer a história de Villiers de L’Isle-Adam para apreciar o sabor de suas obras”³³⁹. Sabor este que pretendi fazer-se sentir no texto traduzido.

Ainda sob essa perspectiva, creio ser importante mencionar certo ponto de vista radical acerca da tradução, qual seja, aquele que afirma a impossibilidade da tradução: Benedetto Croce, por exemplo. Croce afirma a impossibilidade da tradução literária³⁴⁰ pautando-se na radical diferença entre autor e tradutor, de modo a restar apenas duas alternativas aceitáveis: traduções fiéis e feias, ou belas e infieis³⁴¹. Croce aceita como boa tradução apenas

³³⁷ F. Schleiermacher, *Hermenêutica – Arte e técnica da interpretação*, p.19.

³³⁸ A. Berman, *Pour une critique des traductions: John Donne*, p.68.

³³⁹ A. Brisson, “Le Comte Mathias Villiers de L’Isle-Adam”, p.66.

³⁴⁰ B. Croce, “A intraduzibilidade da evocação”, p. 209; “A prosa literária, como qualquer outra forma de literatura, tem além do mais uma elaboração de caráter estético, que cria para o traduzir o mesmo obstáculo não superável que a poesia”.

³⁴¹ Conf. B. Croce, “Indivisibilidade da expressão em modos ou graus”, p. 196; “A intraduzibilidade da evocação”, p. 213.

aquela “semelhante” à obra original³⁴², quando a tradução é uma “re-criação”³⁴³.

Antoine Berman reflete sobre essa perspectiva (de feiúra ou deformação obrigatória na tradução) e mostra que ela não é nada nova, há tempos que se considera a tradução uma *deformação*, assim pensavam — em grau maior ou menor, em sentido negativo ou não — Cervantes, Montesquieu, Madame de Staël, André Gide e Nabokov³⁴⁴. Contra essa perspectiva, Berman propõe um objetivo ético, poético e filosófico da tradução³⁴⁵.

Considerando que, na “sua área, o tradutor é tomado pelo espírito de fidelidade e de exatidão”, ele dirá que esta “é sua paixão”, e que “é uma paixão ética e não literária ou estética”, na medida em que o tradutor deve reconhecer, e acolher, o *estrangeiro* enquanto *estrangeiro*, em sua totalidade, isso que é, para ele, o ato ético: “reconhecer e receber o Outro enquanto Outro”³⁴⁶. O que significa não pensar a tradução enquanto uma *deformação*, ou *feiúra*, mas sim pensá-la como aceitação daquilo que é *próprio* do Outro.

Essa perspectiva de encarar a tradução é semelhante à de Schleiermacher, a de levar o leitor até o autor, ou seja, traduzir de modo a não esconder as estranhezas do outro, pois é justamente nesse *estranho* que se encontram as peculiaridades de sua beleza.

José Paulo Paes parece estar também em concordância com Berman sobre a *paixão* do tradutor. Ao escrever sobre *alguns problemas da tradução literária*, ele dará razão a Kundera,

³⁴² Conf. B. Croce, “Indivisibilidade da expressão em modos ou graus”, p. 205.

³⁴³ Conf. B. Croce, “A intraduzibilidade da evocação”, p. 211.

³⁴⁴ A. Berman, *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*, pp. 41-42.

³⁴⁵ *Idem*, p. 67: “Mas então, em que consiste o objetivo ‘último’ da tradução?”; “Este objetivo mais profundo (...) é tripla: é ético, é poético, é, de certa forma, ‘filosófico’”.

³⁴⁶ *Idem*, p. 68.

quando este sustenta que só pode ser bela a tradução fiel³⁴⁷, “pois ‘é a paixão da fidelidade que faz o autêntico tradutor’”³⁴⁸.

A diferença que persiste entre uma tradução e seu original, entre tradutor e autor, não se constitui, portanto, em *intraduzibilidade*, mas é o que torna uma tradução, *tradução*, e não uma *cópia* do original. Afinal, como ironiza ainda José Paulo Paes, num dos seus poemas:

A tradução — dizem-no com desprezo — não é a mesma coisa que o original.

Talvez porque tradutor e autor não sejam a mesma pessoa.

Se fossem, teriam a mesma língua, o mesmo nome, a mesma mulher, o mesmo cachorro. (...) ³⁴⁹

Foi essa então minha primeira perspectiva acerca da tradução do livro *Tribulat Bonhomet* de Villiers de L’Isle-Adam. A leitura de suas obras completas, dos testemunhos daqueles que lhe foram próximos e daqueles que se dedicaram ao estudo e compreensão de suas obras, são partes da ‘totalidade’ que aqui levei em conta. Não posso, no entanto, por hipocrisia ou ingenuidade, dizer que alcancei a ‘totalidade’. Seja por sua natureza ampla ou por meus limitados conhecimentos, foi na verdade apenas uma parte dessa “totalidade” que alcancei.

Friedrich Schleiermacher: A concepção que Schleiermacher tem da “melhor” tradução, aquela que leva o leitor até o autor, apresentando assim o autor com toda a sua estranheza, própria de estrangeiro, parece-me bastante pertinente, é este tipo de tradução que procurei fazer. No entanto, entre uma

³⁴⁷ Conf. J. P. Paes, “Os modestos construtores: alguns problemas da tradução literária”, in *Tradução: a ponte necessária*, p. 104.

³⁴⁸ J. P. Paes, “Os modestos construtores: alguns problemas da tradução literária”, in *Opus cit.*, p. 104. [Aqui é M. Kundera citado por Paes].

³⁴⁹ Citado por Henrique Duarte Neto, in *O humor cáustico no universo da meia palavra: Sátira e ironia na poesia de José Paulo Paes*, p. 35/6.

teoria e a experiência nem sempre as coisas se coadunam com perfeição. Sobre esse ponto me deterei no Capítulo 2 (2.3: *Auto-análise sobre a fidelidade e a estética*).

Essa concepção de tradução, que Schleiermacher descreve no texto *Sobre os diferentes métodos de traduzir*, concebe apenas dois caminhos para o tradutor: “ou bem o tradutor deixa o escritor o mais tranqüilo possível e faz com que o leitor vá a seu encontro, ou bem deixa o mais tranqüilo possível o leitor e faz com que o escritor vá ao seu encontro”³⁵⁰. Deixar o escritor tranqüilo significa deixá-lo com sua ‘estranheza’ de ‘estrangeiro’, levando o leitor até ele, buscando passar a “mesma imagem, a mesma impressão”³⁵¹ que o tradutor alcançou com seu conhecimento da língua original. Por outro lado, levar o escritor ao leitor, baseia-se na idéia de que o escritor estrangeiro deve soar com a ‘cor local’, retirando, portanto, toda a ‘estranheza’ do texto ‘estrangeiro’.

Schleiermacher é radical quanto a esses dois caminhos: “pois, tudo o que se disse sobre traduções segundo a letra ou segundo o espírito, traduções fiéis ou traduções livres, e tantas outras expressões que pudessem alegar o direito de vigência, ainda que se trate de métodos diversos, têm que poder reduzir-se aos dois mencionados”³⁵². Desses dois caminhos, como disse, procurei seguir o primeiro. Mas aí se encontram os verdadeiros problemas da tradução. Como traduzir preservando a ‘estranheza’ do ‘estrangeiro’? Desconsiderando aqueles para os quais algumas línguas estrangeiras são tão íntimas, às vezes mais do que a materna, “todos os demais homens, por mais fácil que resulte a leitura em uma língua estrangeira, resta sempre ante ela a sensação de algo estranho”. E então como preservar este estranho na tradução? Como fazer “para que esta mesma sensação de encontrar-se diante de algo estrangeiro passe também a seus leitores”³⁵³? Ou seja, como preservar a estranheza sem fazer da tradução um monstro com muitas deformidades? Enfim, como

³⁵⁰ F. Schleiermacher, *Sobre os diferentes métodos de traduzir*, p.242.

³⁵¹ *Idem*.

³⁵² *Idem*, p.243.

³⁵³ *Idem*, p.249.

alcançar um equilíbrio, deixando transparecer, como aconselha José Paulo Paes, “um certo *quid* de estranheza capaz de refletir, em grau necessariamente reduzido, as diferenças de visão de mundo entre a língua-fonte e a língua-alvo”³⁵⁴?

São questões que não sei se seria capaz de responder. Pois não há fórmulas, e “é preciso confessar que fazer isto com arte e com medida, sem prejuízo próprio e sem dano à língua, talvez seja a maior dificuldade que tem que vencer nosso tradutor”³⁵⁵, dirá Schleiermacher. Mas há algum horizonte em perspectiva que me favorece ao menos para a *possibilidade* desse tipo de tradução.

Schleiermacher diz que para a possibilidade desta “maneira de traduzir” é necessário um ambiente propício à recepção do ‘estranho’, o que necessariamente requer “uma atuação em massa, um transplante de literaturas inteiras a uma língua e, portanto, somente tem sentido e valor para um povo decididamente inclinado a assimilar o estranho”³⁵⁶. O que creio ocorrer com o Brasil e com a literatura francesa aqui traduzida, que não é pouca, e nem recente. E o leitor brasileiro, penso, aquele habituado a leituras literárias, sabe que o autor traduzido que ele lê “viveu em outro mundo e escreveu em outra língua”³⁵⁷. Assim não espera lê-lo como se lesse um autor nacional.

Antoine Berman: Um dos efeitos de leitura das obras de Berman que nos fica, parece-me, é aquele de nos levar a pensar sobre *isso* que se faz em uma tradução, a refletir sobre a experiência do ato de traduzir.

Colocando-se criticamente contra a tradução etnocêntrica e a hipertextual, Berman propõe uma tradução à *letra*. E aqui nos deparamos com questões tão difíceis quanto às supracitadas. Na verdade trata-se de uma mesma questão vista com termos diferentes, já que traduzir a ‘estranheza’ do ‘estrangeiro’, ou com

³⁵⁴ J. P. Paes, “Os modestos construtores: alguns problemas da tradução literária”; in *Opus cit.*, p.106.

³⁵⁵ F. Schleiermacher, *Sobre os diferentes métodos de traduzir*, p.249/50.

³⁵⁶ *Idem*, p.252.

³⁵⁷ *Idem*, p.261.

um certo *quid*, e traduzir a *letra* dá na mesma. E a pergunta permanece: como fazer isso?

Na introdução de *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* Berman afirma que procura se situar “inteiramente fora do quadro conceitual fornecido pela dupla teoria/prática, e substituir esta dupla pela da *experiência* e da *reflexão*”³⁵⁸. E considera a tradução como “uma experiência que pode se abrir e se (re)encontrar na reflexão. Mais precisamente: ela é originalmente (e enquanto experiência) reflexão”³⁵⁹. E aqui nos encontramos em um âmbito filosófico, *reflexivo*. Ou seja, onde se procura pensar o todo, no caso a tradução e sua relação com a letra.

Porém, em outro livro, *Pour une critique des traductions: John Donne*, ele diz: “uma tradução é sempre *individual*, sempre tradução por... porque ela procede de uma individualidade”, mesmo que esta esteja “submissa a ‘normas’”³⁶⁰. E procura mostrar alguns caminhos ‘metodológicos’ para se fazer a análise de uma tradução. Em relação a isso, três aspectos são relevantes: *a posição tradutiva; o projeto de tradução e o horizonte do tradutor*.

No primeiro: “todo tradutor mantém uma relação específica com sua própria atividade, quer dizer, tem certa ‘concepção’ ou ‘percepção’ do traduzir, de seu sentido, de suas finalidades, de suas formas e modos”³⁶¹. E isso não é puramente pessoal, já que todo tradutor está “marcado” por sua época, ideologia, etc. No segundo aspecto: “toda tradução conseqüente é dirigida por um projeto, ou objetivo articulado”, e estes são “determinados ao mesmo tempo pela posição tradutiva e pelas exigências a cada vez específicas colocadas pela obra a traduzir”³⁶². E por último: “posição tradutiva e projeto de tradução são, por sua vez, tomados num *horizonte*”. Pode-se definir esse horizonte “como o conjunto dos parâmetros

³⁵⁸ A. Berman, *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*, p.17.

³⁵⁹ *Idem*, p.18.

³⁶⁰ A. Berman, *Pour une critique des traductions: John Donne*, p.60.

³⁶¹ *Idem*, p.74.

³⁶² *Idem*, p.76.

lingüísticos, literários, culturais e históricos que ‘determinam’ o sentir, o agir e o pensar de um tradutor”³⁶³.

Se na primeira obra aqui citada Berman procura pensar a tradução como um todo — ou “*as*” traduções, já que como bem observa “não existe *a* tradução”³⁶⁴ — em *John Donne* parece se aproximar mais do tradutor enquanto indivíduo — pois uma tradução é “sempre tradução por...”.

Ora, desde que não se tenha a pretensão de seguir certos métodos de tradução, mas apenas determinadas orientações, como as acima citadas, não haverá lugar aqui para análise ou crítica da tradução, pois a presente tradução é “tradução por...” *mim*; e me parece que seria pouco razoável se me colocasse a fazer uma crítica de minha própria tradução.

³⁶³ *Idem*, p.79.

³⁶⁴ A. Berman. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*, p.24.

1.3 - NOTA À TRADUÇÃO DE *TRIBULAT BONHOMET*

Creio que é o momento do leitor ir ao Anexo, ao texto mesmo de Villiers, para nele sentir seu horror, seu humor e ter sua própria e única sensação do estranho.

Porém, antes, de o leitor *estranhar* o texto e, conseqüentemente, a tradução, são necessárias algumas observações.

Mantive, na medida do possível, o mesmo fôlego do discurso de Villiers, bem como seus excessos de travessões, algumas vírgulas e/ou ponto-e-vírgulas aparentemente desnecessários, suas maiúsculas, itálicos, caixas-altas, etc. Por outro lado, também procurei manter aquele discurso com o qual Villiers encantava seus contemporâneos e que, ainda que em menor grau, está presente na sua escrita. Principalmente nas obras de maior extensão, como *A Eva futura* e *Axel* e, a aqui traduzida, *Claire Lenoir*. O que por vezes então parecer incoerência na tradução pode apenas ser um esforço de fidelidade.

Para que não se tome essas observações como desculpas antecipadas a possíveis críticas, cito uma longa passagem da “Nota sobre a tradução” de Ecila de Azeredo Grünwald, na sua tradução de *A Eva futura*:

(...) quando tal personagem discorre, o uso constante de transgressões leva o leitor até a crer que outra personagem introduziu-se no monólogo, transformando este em diálogo. Mas o monólogo continua seu curso; o travessão, nesse caso, serve para registrar ou um desdobramento da idéia ou, simplesmente, um sublinhar da ênfase. Villiers utiliza também travessões com função de vírgulas, o que é até habitual, no caso de um aposto. Por vezes, porém, ao fazer uma afirmativa, entrecorta-a com orações intercaladas, separadas por meio de travessões. Também, ao expor uma idéia, subdivide-a em dois ou três desdobramentos, como se repentinamente

uma emoção colhesse o narrador e, a este, fosse imperioso intervir, multiplicar e subdividir comentários. Também faz uso de travessões a fim de expor essa invasão. Às vezes, emprega certos conectivos e, logo a seguir, parte em outra direção. O que resulta, nesse caso, é uma certa incoerência no discurso escrito, denotando um procedimento típico do discurso oral. Há também um uso abundante, quase delirante, de interjeições e reticências. Imprecar, quase vociferar...³⁶⁵

Ecila manteve, no entanto, “esse uso incomum que Villiers, por vezes, confere à pontuação”. E do mesmo modo como eu procurei fazer, também ela evitou “assim, ‘arrumar’ as orações, em prol da autenticidade do texto”³⁶⁶. Nisso, como ela confessa, “constituiu uma das grandes dificuldades da tradução”. Pois, “como nos mantermos vivos na crista de uma onda que chega a tomar uma página quase inteira sem uma pausa, só com travessões pontuando, ou melhor, desdobrando, interminável?”³⁶⁷.

Procurei ainda, como Ecila, “manter um tom levemente *démodé* em meio à dicção cheia de afã deste romance”³⁶⁸. Mas, ao contrário dela, usei a 2^a. pessoa do plural, como também usou, aliás, Sandra M. Stroparo na sua tradução de *Axël*, onde enfrentou dificuldades análogas como informa na sua “Nota da tradutora”:

A verdade é que Villiers trabalhou muito para dar um ‘tom’ específico para o texto. Um distanciamento de linguagem que gerasse estranhamento... poderia ser modernismo, não fosse ele ter escolhido fazer isso com um vocabulário arcaizante e uma sintaxe muitas vezes prolixa, beirando a desarmonia (especialmente em se

³⁶⁵ E. A. Grünewald, *in* Villiers de L’Isle-Adam, *A Eva futura*, p.41.

³⁶⁶ *Idem*.

³⁶⁷ *Idem*, p.42.

³⁶⁸ *Idem*.

tratando de língua francesa), tudo organizado por uma pontuação muito particular...

(...)

...muitas vezes as vozes se alternam, freqüentemente dentro da mesma fala, da 2ª pessoa do singular para a 2ª do plural, tu e vós, ou ao contrário: nada mais eficiente, em língua francesa, como a diferença de tratamento. Do modo mais respeitoso para o mais pessoal, do mais distante para o mais irônico... e vices-versas³⁶⁹.

A partir disso se pode perceber que as dificuldades na tradução de Villiers não são limitadas a uma única obra, ela é interna à sua escrita. E no caso específico da novela *Claire Lenoir*, vale um aviso sobre o conteúdo: na tentativa de síntese entre cristianismo e hegelianismo “o resultado não deixa de ser um pouco desconcertante e confuso”, embora a demonstração “é muito interessante e obriga o leitor a refletir profundamente”³⁷⁰.

Por fim, estando o texto espelhado (original e tradução) o leitor poderá ver por si mesmo a verve de Villiers e ter uma idéia do que é traduzi-lo. (Após a leitura do texto anexo, espero o leitor no Capítulo 2, onde estas e outras questões serão discutidas).

³⁶⁹ S. M. Stroparo, in Villiers de L'Isle-Adam, *Axël*, p.7.

³⁷⁰ A. Raitt, *Villiers de L'Isle-Adam – exorciste du réel*, p.83.

CAPITULO 2 - SOBRE A TRADUÇÃO DO ESTRANHO

As palavras pesadas em balanças de teias de aranha

Como já afirmei na Introdução, Villiers possuía uma preocupação muito grande com as palavras e fazia inúmeras correções em seus textos. “Ele acreditava realmente na potência evocatória das palavras, em sua virtude mágica”³⁷¹, diz R. de Gourmont. E muitas vezes ele disse “com prazer: ‘Minhas palavras são pesadas em balanças de teias de aranha’ — e seus manuscritos provam que ele estava pronto para refazer a mesma página seis vezes a fim de alcançar a perfeição desejada”³⁷², diz Raitt.

Quando Coquelin Cadet, encarregado de preparar uma coletânea de textos de diversos autores, altera umas poucas palavras em “O segredo da música antiga”, Villiers escreve para a editora, a viúva de Tresse, ameaçando processá-la e pede para retirar o texto, pois “O que eu faço é definitivo e deve-se ler como escrevi”³⁷³.

Gourmont conta que foi ao hospital fazer uma visita a Villiers, coincidentemente em seu último dia de vida, e lhe falou do conto *O melhor Amor*, publicado alguns dias antes no *Le Figaro*. Villiers lhe fez um sinal. Já quase não falava. Gourmont se debruçou sobre ele e o ouviu balbuciar:

— Um pequeno segredo literário...
eu não escrevi *aparência eleita*, mas
aparência de um eleito... É muito
diferente... *Aparência eleita*, é tolo...
aparência de um eleito!

E repete:

— *Aparência de um eleito*...

O gesto de seu braço e de sua mão
descarnada ainda é significativo. Ele
acrescenta:

— Depois, não tinha *sua querida*
Yvanic, mas *sua querida e santa mulher*...

³⁷¹ R. Gourmont, “Un carnet de notes sur Villiers de L’Isle-Adam”, p.6.

³⁷² A. Raitt, *Villiers de L’Isle-Adam – exorciste du réel*, p.297.

³⁷³ J. Bollery, *Opus cit.*, carta 173, p.241.

Essas duas correções estúpidas são de Marcade... São com essas pequenas mudanças que se estragam páginas...³⁷⁴

É por conta deste peso tão sutil e desta severidade — e obviamente em respeito ao autor — que eu evitei o máximo possível fazer inversões de frases, preservei os travessões, os itálicos, as maiúsculas e caixas altas, as iniciais maiúsculas, os parênteses e, na medida do possível, o fôlego e talvez até mesmo a incoerência do seu discurso. Na seqüência me detenho sobre essas questões, começando pela estrutura e estética do texto; depois sobre alguns pontos específicos da tradução; e por fim, retorno a questão teórica da tradução (desse *estranho* texto aqui traduzido).

³⁷⁴ R. Gourmont, “Un carnet de notes sur Villiers de L’Isle-Adam”, p.14; Marcade era o editor do *Le Figaro*.

2.1 - ESTRUTURA E ESTÉTICA DE *TRIBULAT BONHOMET*

O livro *Tribulat Bonhomet* tem uma estrutura um tanto incomum. É aparentemente um livro de contos, sendo que um deles é na verdade uma novela. Mas tendo o mesmo personagem e estando as três primeiras histórias ali para o leitor conhecer “o íntimo de sua individualidade”, talvez devêssemos considerá-lo como um romance.

Inicialmente temos um narrador nas três primeiras histórias e na última, enquanto que em *Claire Lenoir* temos o personagem mesmo dos demais contos narrando a história. É visível também que na primeira e na última história (“O assassino de cisnes” e “As maravilhosas visões do Dr. Tribulat Bonhomet”) há um predomínio do narrador, enquanto na segunda e terceira o narrador dá a palavra ao personagem (“Moção do Dr. Tribulat Bonhomet referente à utilização dos tremores de terra” e “O banquete dos Eventualistas”).

Essas variações estruturais em nada dificultam na tradução, mas a variação do conteúdo dos discursos dos personagens em *Claire Lenoir* torna a compreensão um pouco complexa. Sendo necessário compreender para traduzir, melhor talvez: *interpretar* para traduzir, a variação confusa dos discursos dos três personagens traz alguma dificuldade para o tradutor. Pois, se o discurso dos personagens é apresentado como partidário desta ou daquela teoria, e serve em parte para o encadeamento do texto, por outra parte não representa mais do que uma barafunda de opiniões que visa encher a mente do leitor com idéias estranhas. Ainda que muitas delas de fato sejam defendidas por ocultistas ou filósofos. Isso leva o tradutor a ter que trabalhar com certa delicadeza. Ou seja, os discursos ali estão como elementos estéticos e também como argumentos para ordenar o enredo, cumpre tê-los *abstratamente* separados para uma melhor compreensão da novela.

Em resumo: na narrativa de *Claire Lenoir* mesclam-se dois tipos de discurso filosófico: um estético (que visa provocar humor ou estranheza) e outro de argumentos (que dá a ordem e o andamento da narrativa propriamente dita). Tê-los claros e

distintos na mente é essencial para bem entender a narrativa e, conseqüentemente, transpor do original ao português.

Esses dois aspectos argumentativos do texto, o estético e o estrutural, desenvolverei no próximo capítulo, pois eles levam ao fantástico e, obviamente são os que nos permitem fazer uma leitura crítica da obra.

Mas algumas linhas sobre os argumentos estéticos e estruturais aqui se fazem importantes, pois eles estão relacionados a outros elementos estruturais. Por exemplo, há uma alternância muito visível na obra inteira entre frases curtas e longas, parágrafos breves e extensos. Os exemplos são muitos, tomo aqui aquele que me foi o mais complicado para ordenar. O segundo parágrafo do conto “Moção do Dr. Tribulat Bonhomet referente à utilização dos tremores de terra”:

Quoi! venant de fêter, derechef, une naïve tradition de nos pères, — ces jours gras dont s'extasie la jeunesse, — voici qu'au moment où nous allons nous livrer au sommeil les cours d'honneur de nos plus conséquents hôtels, en notre capitale, se voient envahies, à l'arrivée des trains du soir, par des hordes plus que sommairement vêtues (quelques dames ayant poussé la terreur jusqu'à l'impudicité), voici que les majordomes, se croyant les jouets d'hallucinations morbides, — sinon d'une sortie de bal de barrière, — ne peuvent que béer à ce spectacle, tandis que, mandés en toute hâte et présumant déjà quelque nouvelle fumisterie d'anarchistes, les accourus gardiens de cette paix, — qui nous est plus chère que toute chose excepté la vie, — se caressent silencieusement l'impériale au narré des confidences, trémolantes encore, de tous ces voyageurs qu'ils écoutent d'une oreille distraite, en les enveloppant de regards obliques et soupçonneux! (p.20)

o qual traduzi desta maneira:

O quê! acabando de comemorar, mais uma vez, uma ingênua tradição de nossos pais — esses dias de carnaval nos quais a juventude se extasia —, eis que quando vamos nos entregar ao sono, as escadas de honra de nossos mais consideráveis hotéis, da nossa capital, vêm-se invadidas com a chegada dos trens da tarde por uma horda mais que sumariamente vestida (algumas damas tendo levado o terror até a impudicícia), eis que os mordomos, acreditando-se joguetes de mórbidas alucinações — senão de uma saída de baile de máscaras —, não podem mais que embasbacar-se a esse espetáculo, enquanto que, convocados com urgência e presumindo já alguma nova mistificação de anarquistas, os precipitados guardiões dessa paz — que nos é mais querida que qualquer coisa excetuada a vida — acariciam silenciosamente a imperial, expostos as confidências ainda tremulantes de todos esses viajantes que eles escutam com ouvido distraído, envolvendo-os com olhares oblíquos e suspeitosos! (p.21)

Nessa passagem pode-se perceber bem o que quis dizer Grünewald — na já mencionada tradução de *A Eva futura* — com: “Por vezes, porém, ao fazer uma afirmativa, entrecorta-a com orações intercaladas, separadas por meio de travessões”, e principalmente quando diz: “ao expor uma idéia, subdivide-a em dois ou três desdobramentos, como se repentinamente uma emoção colhesse o narrador e, a este, fosse imperioso intervir, multiplicar e subdividir comentários”,³⁷⁵.

Esse discurso de aparência desconexa, que como já dito está espalhado por quase toda a sua obra — creio que perturbador

³⁷⁵ E. A. Grünewald, in Villiers de L’Isle-Adam, *A Eva futura*, p.41.

mesmo para um francês *nato* — são os traços da oralidade de Villiers na escrita. Em seu artigo sobre vestígios de um discurso oral em *Claire Lenoir*, Sidney Barbosa faz referência aos mesmos aspectos que Grünewald e Stroparo³⁷⁶ mencionam em suas traduções:

os travessões e os parênteses no texto villieriano cortam as frases para acrescentar uma nova idéia (...) não esperam o fim da frase (...) se intercalam entre dois “pedaços” de frases (...) Há como que uma imperiosa necessidade de escorregar um comentário (oral), uma nova idéia, no meio da *escritura* que, no princípio é bem organizada, moderada e refletida³⁷⁷.

Duas coisas então se aliam: a extensão do discurso e a oralidade. Ambas as características encontramos por toda a obra de Villiers; a segunda, porém, tem sua intensidade diminuta em algumas obras.

Mas essas não são as únicas características que se mesclam, há outras que, juntamente a estas, dificultam até a *digestão estética* do texto. São elas: a poética e a filosófica.

Temos então na escrita de Villiers características, por si só contraditórias (oralidade, poética e filosofia), que se mesclam em quase todas as suas obras, e isso tanto em discursos longos quanto em discursos curtos, e que não só dificulta a apreciação estética, como a compreensão mesma da obra.

Como o que nos toca aqui são os aspectos em *Tribulat Bonhomet*, vale apontar como isso se dá na obra, pois tem sua importância na tradução, já que também devem ser traduzidas (as características) cada qual na sua especificidade. Lembrando antes que a oralidade (assim como o poético e o filosófico) no discurso

³⁷⁶ No tópico “1.3 - Nota à tradução de *Tribulat Bonhomet*”, do presente texto.

³⁷⁷ S. Barbosa, *Opus cit.*, p.76/7.

de Villiers, apesar de se aliar à sua extensão, não ocorre, evidentemente, *somente* em discursos longos, assim como também não se encontra em *todo* discurso longo.

É fácil perceber alguns tons poéticos dispersos em todo o livro. Desde o primeiro conto: “Nos arredores da antiqüíssima cidade fortificada em que mora, um belo dia o prático ancião, tendo descoberto em um parque secular abandonado, sob as sombras de grandes árvores, um velho lago sagrado”, etc. (p.13), até o último: “Ali, depois de guiá-la em silêncio através do labirinto interminável de grandes salas, desertas e crepusculares, com lustres eternamente envolvidos em véus de gaze, com móveis sempre dissimulados sob capas de poeira” (p.205), encontramos frases, orações e parágrafos, longos ou curtos, carregados de poesia.

Mas também encontramos a oralidade: “— Como encontrou esta alegria de amator? — Ei-la:” (p.13); “Quando sou questionado sobre esse assunto, EU ME FAÇO DE BESTA” (p.51). Oralidade que muitas vezes beira o mau gosto: “Eu tive o dado; devolvi a bola; agitei os guizos do gracejo” (...) “falei disso, daquilo, da direita e da esquerda, a torto e a direito” (p.85).

Essa mescla de poético e de humor coloquial se mistura à certa seriedade científica, teológica e filosófica. E não esqueçamos que Bonhomet é “Doutor” e que *Claire Lenoir* é um *Memorandum* do doutor. Ou seja, não deveria conter linguagem poética ou coloquial. Se acrescentarmos a isso a mescla entre o real e o fictício espalhados pelo texto, a mistura torna-se mais incongruente. Vejamos como se dão essas misturas e como no meio de tudo é possível apontar pontos que servem de *esqueleto* para a história. E aqui me refiro apenas a *Claire Lenoir*.

Inicialmente: os organizadores das obras completas chamam a atenção para a forma da apresentação do *memorandum*:

Memorandum do doutor Tribulat
Bonhomet
membro honorário de muitas academias
professor agregado de fisiologia
referente

ao misterioso caso da distinta e científica
pessoa:
senhora viúva Claire Lenoir (p.39)

Essa apresentação é muito semelhante às formas tradicionais com que se iniciavam textos fúnebres na época, sobretudo na Bretanha francesa. Quando seu tio Victor falece, a comunidade de Ploumilliau grava um epitáfio em sua memória que se inicia assim:

AQUI JAZ
Venerável e distinto monsenhor Yves-
Marie-Victor
Conde Villiers de L'Isle-Adam
Doutor em teologia, cônego honorário³⁷⁸

Ou seja, Villiers ironiza desde o início, apresentando um *memorandum* em forma de texto fúnebre. Mas apesar dessa ironia, e de tantas outras, há uma prova científica e filosófica na novela: a prova material de uma visão.

De uma perspectiva estrutural, como diz o Dr. Bonhomet, “Vou me limitar a expor rapidamente os fatos, tais como se apresentaram e estão ordenados por si mesmos” (p.57). O *Memorandum* é a narrativa de sua “descoberta mais importante” (p.57), ou seja, da materialidade de uma visão. Para se compreender como lhe foi possível *comprovar* esta materialidade é preciso lembrar-se do tópico que ele encontra em um jornal no bar do porto de Saint-Malo: onde lê que os animais abatidos “conservam nos seus olhos (...) a impressão dos objetos que se encontravam sob seu último olhar” (p.75). Este é o elo científico.

O segundo ponto é aquele apresentado pelo Dr. Lenoir: “A IDÉIA é então a mais alta forma da Realidade: — e é a Realidade mesma, pois que ela participa da natureza das leis eternas, e penetra os elementos das coisas” (p.121). Isso é o cerne de todo idealismo, o elo filosófico que leva a crer que: “As coisas vistas

³⁷⁸ Villiers de L'Isle-Adam, *Oeuvres complètes*, vol. II, p.1155.

por um visionário são, no fundo, *materiais* para ele em um grau tão positivo, eis — quanto o próprio Sol” (p.147).

Esses dois argumentos formam a coluna vertebral da novela. É com essa base que a pergunta do Dr. Bonhomet — sobre “o grau de *realidade* que as alucinações (...) podem ter” (p.107) — é respondida ao fim do relato, no capítulo XX, quando ele próprio comprova com o oftalmoscópio a realidade da visão — gravada na retina de Claire — surgida na parede branca.

A estrutura da novela então é sustentada sobre dois argumentos: um científico (imagens fixadas em um olho morto) e um filosófico (a realidade das idéias). Sobre esses *ossos argumentativos* está construída toda a história.

É assim que a realidade das idéias, por exemplo, leva a crer no “poder de uma imaginação, de um sonho, de uma visão” que “ultrapassa às vezes as leis da vida” (p.147) e que prepara a plausibilidade da reencarnação do Dr. Lenoir e a sua conseqüente vingança da esposa adúltera. Ou ainda, que as imagens que se refletem na retina dos animais garantem que o Dr. Bonhomet veja, como numa *fotografia*, a visão de Claire como uma aparição “*realmente exterior*” (p.201). Fora esses dois pontos, o restante das idéias, científicas, filosóficas, teológicas, entram no texto com mais peso *estético* do que *estrutural*.

Mas isso não significa que não haja um rigor lógico que percorra toda a novela nos mínimos detalhes. As micro-estruturas no interior da novela são de uma lógica admirável, parecem mesmo que as palavras foram *pesadas em balanças de teias de aranha*. Assim como o tópico misterioso antecipa a visão gravada na retina de Claire, também há inúmeras referências que indicam partes do enredo que virão. Exemplos: “as mandíbulas de um carafã” (p.159) do Dr. Lenoir antecipam sua encarnação em um ottysor; na conversa com sir Henry Clifton surge a suspeita do adultério de Claire, depois no fim da discussão, quando Lenoir lê a passagem bíblica, e no fim da novela ela é confirmada; a realidade de uma visão é discutida entre os três, posteriormente é lembrada pelo Dr. Bonhomet e depois comprovada; até mesmo essa comprovação da realidade da visão, já tem uma ‘dica’ mística no capítulo IV quando Bonhomet fala do “caráter de *a*

propósito sob o qual o fato me apareceu naquele momento” (p.75) devido à leitura do tópico misterioso.

Para melhor esclarecer esse ponto, dos *ossos argumentativos* da novela, lembramos duas citações que se encontram nela: aquela que o Dr. Bonhomet lê no jornal, sobre as imagens gravadas nos olhos dos animais mortos (p.75), e a do fisiólogo Cabanis, sobre a contaminação da raiva (p.113). No primeiro caso, a citação de “uma gazeta suja, esquecida, amassada”, que parece entrar na história sem muita importância, é essencial para toda a estrutura da novela. A citação de Cabanis, no entanto, se suprimida, não faria falta alguma no enredo.

A primeira citação eu chamo de *argumento estrutural*, a segunda, de *argumento estético*. Ainda que esses se misturem, há, como mostrei acima, ao menos dois argumentos principais que garantem todo o *esqueleto* da narrativa.

Visto que a presente tradução é uma tradução literária, mas de uma literatura, digamos, de *idéias*, foi importante ter em mente esses argumentos para distinguir com precisão, por um lado a estrutura ‘geral’ e as ‘micro-estruturas’, por outro os elementos estéticos — fantásticos, sobre o qual me deterei no próximo capítulo.

Vejamos agora alguns pontos específicos da tradução.

2.2 - QUESTÕES, PROBLEMAS E SOLUÇÕES

Apresento aqui alguns tópicos referentes a cada história em particular, comparando minhas soluções com as das traduções em inglês e espanhol, detendo-me sobre os títulos, termos ou expressões que, se não apresentaram dificuldades, exigiram, no entanto, alguns cuidados específicos, assim como sobre aquilo que me pareceu problemático na tradução.

Não irei comentar as inversões de frases que fiz, que não foram muitas, considerando-se a extensão do texto, algumas poucas mudanças de tempo verbal, e outros detalhes que me pareceram pouco significantes ou dos quais mencionei algum aspecto exemplar.

Tribulat Bonhomet

O título, que remete ao nome do personagem, pode ser entendido como um *bom homem atribulado*. Mas é preciso saber que tipo de *homem* é este. *Bonhomet* deriva certamente de *bonhomme*, que tem diversos sentidos, segundo o dicionário *Le nouveau petit Robert*: 1º) aquele que é repleto de *bonhomie* (bonomia) — e Bonhomet é justamente o oposto, apenas *afeta* ser bom —; 2º) um homem simples, pouco prudente, ingênuo — e Bonhomet aqui também é o oposto, ele é *doutor e membro de muitas academias* —; 3º) um homem de idade avançada, velho, um *tio*, ou *tiozinho*, como se usa coloquialmente em português hoje — mas Bonhomet é um velho bastante ativo, considerando as suas viagens *pelos cinco cantos do mundo* —; 4º) usado de modo desrespeitoso, *homem, monsenhor*, como se usa o termo *tipo*, na expressão ‘um tipo’; 5º) termo afetivo direcionado a uma criança, um *homenzinho*; 6º) figura humana desenhada grosseiramente — esse sentido da palavra em francês data de 1863³⁷⁹, poucos anos antes do surgimento do personagem, 1866 — e nesse sentido se aproxima do personagem Joseph Prudhomme de Henri Monnier (1799-1877), famoso na época.

³⁷⁹ Conf. o verbete “bonhomme” no *Le nouveau petit Robert*.

O termo *tribulat*, deriva possivelmente de *tribulation*, cujos sentidos são, segundo o dicionário *Le nouveau petit Robert*: 1º “tormento moral, freqüentemente considerado como uma prova”; 2º “adversidade, prova física ou moral”, usado no plural no sentido de “aventuras mais ou menos desagradáveis”. Ou seja, o mesmo sentido de *tribulação* em português.

Assim, Bonhomet é então um *bom homem atribulado*, “um angustiado” (p.53), como ele próprio diz. Se fôssemos traduzi-lo: *Atribulado Bonhomet*. E o segundo sentido de *tribulation* nos remete ao enredo mesmo de *Claire Lenoir*, aos “tenebrosos acontecimentos” que o Dr. Bonhomet narra e pelos quais passou. E por falar em *tenebroso*, lembrando o tenébrio, onde se encontra “toda a alegria de viver” (p.49) do Dr., é curioso que um parente próximo deste inseto chama-se *Tribolium*, cuja espécie *Tribolium castaneum* é também conhecido como besouro-da-farinha, tal como o *Tenebrio milotor*.

Os organizadores das obras completas³⁸⁰ e Teresa Di Scanno sugerem ainda que o nome do personagem possa ser “uma estranha fusão de ‘Prudhomme’ e de ‘Homais’”³⁸¹, personagens de Henri Monnier e de Gustave Flaubert, respectivamente. Essa origem, no entanto, penso eu, seria apenas no nome, pois como disse Verlaine, Bonhomet está para Joseph Prudhomme, “assim como um grande caimã está para um lagarto de nossos jardins”³⁸².

Texto: Como já mencionei, *Tribulat Bonhomet* foi editado em maio de 1887, em Paris, reunindo os textos seguintes.

O assassino de cisnes:

Título: *Le tueur de cygnes*; na tradução de Brian Stableford: *The swan-killer*; na de Eduardo Bustos: *El asesino de cisnes*.

Texto: Publicado pela primeira vez na revista *Le Chat Noir*, em 26 de junho de 1886; depois, com o título de “Un mécène”, na revista *Gil Blas*, em 1º de janeiro de 1887.

³⁸⁰ Villiers de L’Isle-Adam, *Oeuvres complètes*, vol. II, p.1131.

³⁸¹ T. Di Scanno, *Opus cit.*, p.90.

³⁸² Citado por A. Lebois, *Opus cit.*, p.73.

Todo o enredo se baseia na lenda, muito antiga, de que o cisne ao se aproximar da morte cantaria de uma maneira das mais sublimes. Reflexo dessa lenda permanece na expressão *o canto do cisne* usado para se referir à última composição de um poeta. Parece ter sido Sêneca quem, na antigüidade, demonstrou que o cisne não canta. Na versão de Villiers, no entanto, valendo-se da lenda, o Dr. Bonhomet, *de maneira burguesa*, vai a um lago abandonado matar cisnes para saborear seu canto. A metáfora aí é clara: o burguês mata o poeta, apesar de querer ouvir seu canto, mas este lhe interessa apenas pelo *timbre!*

Tradução: O primeiro elemento importante acerca da tradução deste conto é a frase: *le cygne chante bien avant de mourir* (p.12): Stableford traduz: *swans sing well before dying*³⁸³; Eduardo Bustos: *el cisne canta mejor antes de morir*³⁸⁴. *Bien* tem duplo sentido no texto, significa que o cisne canta “muito bem antes de morrer”, como também canta “pouco antes de morrer”. Villiers já havia se referido a essa lenda em um conto: “o cisne se cala a vida inteira para melhor cantar uma só vez”³⁸⁵, diz a epígrafe de “A desconhecida”, um dos *Contos cruéis*.

A palavra *well*, na tradução de Stableford, parece estar mais próxima do original. No entanto, a ênfase de Bustos, com o termo *mejor*, fica sobre a qualidade do canto, e perde o duplo sentido do francês e da lenda propriamente dita. Minha opção por *bem na iminência* em lugar de *bem antes*, visa diminuir o sentido de ‘melhor’ ou ‘mais’, que o termo *bem* também possui em português.

A expressão *du “Wagner”* (p.12), Stableford traduziu, suprimindo aspas, por: *Wagneresque*³⁸⁶. Bustos por: *o “Wagner”*³⁸⁷. Eu optei por: “*wagneriana*” (p.13), o que

³⁸³ Villiers de L’Isle-Adam, *The vampire soul and other sardonic tales*, p.137.

³⁸⁴ Villiers de L’Isle-Adam, *La extraña historia del Doctor Bonhomet*, p.17.

³⁸⁵ Villiers de L’Isle-Adam, (“L’inconnue”) *Contes cruels* in *Oeuvres complètes*, vol. I, p.710.

³⁸⁶ Villiers de L’Isle-Adam, *The vampire soul and other sardonic tales*, p.137.

³⁸⁷ Villiers de L’Isle-Adam, *La extraña historia del Doctor Bonhomet*, p.17.

aproxima, mas não equivale ao original, já que em francês há o termo *wagnérien*.

A frase *L'osseux et gigantesco docteur* (p.14), onde a palavra *gigantesco* é termo raro, Stableford traduziu: *The burly and bony doctor*³⁸⁸, que seria, literalmente: *O robusto e ósseo doutor*; Bustos optou por: *El gigantesco e huesudo doctor*³⁸⁹; traduzi por *O ossudo e colossal doutor* (p.15).

A expressão *à la bourgeoise* (p.14/16/34 e 90) Stableford resolveu por: *the good bourgeois* na primeira ocorrência, *in his bourgeois manner* na segunda, *bourgeois manner* na terceira e *in a bourgeois manner*³⁹⁰ na quarta; Bustos por: *despaciosamente* na primeira e segunda ocorrência, *tranquilamente* na terceira e *burguesamente* na quarta ocorrência³⁹¹; para todas, por coerência, optei: *de maneira burguesa*. Bustos me parece se afastar bastante do sentido do original, deveras importante no texto, ao usar o *tranquilamente* na terceira ocorrência, no conto *O banquete dos Eventualistas* (p.35).

Moção do Dr. Tribulat Bonhomet referente à utilização dos tremores de terra:

Título: *Motion du Dr. Tribulat Bonhomet touchant l'utilisation des tremblements de terre*; na tradução de Stableford: *Doctor Tribulat Bonhomet's Motion Regarding the Utilization of Earthquakes*; na de Bustos: *Moción del Dr. Tribulat Bonhomet referente a la utilización de los terremotos*. Optei por *tremores de terra*, ao invés de *terremotos*, porque sonoramente me pareceu melhor no contexto, e são sinônimos.

Texto: Publicado pela primeira vez na revista *Gil Blas*, em 13 de março de 1887.

³⁸⁸ Villiers de L'Isle-Adam, *The vampire soul and other sardonic tales*, p.138.

³⁸⁹ Villiers de L'Isle-Adam, *La extraña historia del Doctor Bonhomet*, p.18.

³⁹⁰ Villiers de L'Isle-Adam, *The vampire soul and other sardonic tales*, pp.138, 141, 145 e 59, respectivamente.

³⁹¹ Villiers de L'Isle-Adam, *La extraña historia del Doctor Bonhomet*, pp.18, 21, 36 e 76, respectivamente.

Este conto tem fundamento verídico. De fato ocorreram violentos terremotos, na datas mencionadas na nota de Villiers, no norte da Itália e na região em torno de Nice, na França. A multidão de pessoas aterrorizadas que veio então se refugiar em Paris inspirou a verve de Villiers que sugere, muito sarcasticamente, utilizar os terremotos para se livrar dos poetas, figura inútil na Modernidade.

Apesar de ser uma obra de circunstância — talvez um dos piores contos de Villiers — percebe-se aqui o que significa a figura de Bonhomet como alter-ego às avessas, e ao mesmo tempo, de que forma Villiers ironizava seus contemporâneos e a si mesmo, já que ele era um daqueles “vis alinhadores de palavras” que “se obstinam, malgrado a evidência, a crer ainda no Misterioso” (p.25) em plena Modernidade.

Tradução: Neste conto a primeira comparação que gostaria de destacar diz respeito aos termos *capucins de cartes?* (p.20). Stableford traduziu por: *monastic map-makers*³⁹²; Bustos por: *figuras de la baraja*?³⁹³. A dificuldade na frase é que os termos podem ser uma coisa ou outra: “Andamos a passos largos por uma terra de fantasia na qual somos os... *capucins de cartes?*”. Ou seja, podemos ser como *cartas de baralho*, ou como *determinadas cartas em que figuram capuchinhos*. Como saber? Optei por *capuchinhos do baralho*, que me parece preservar as duas coisas.

A tradução do termo *impériale* (p.21) por *imperial*, ainda que usado no português, pareceu pedir uma nota na tradução. Stableford traduz: *Napoleonic beards*³⁹⁴; Busto por: *perilla*³⁹⁵, que é *barbicha*. Parece insignificante, mas trata-se de uma dessas palavras que são muito simples de se traduzir, mas um pouco difícil para o leitor compreendê-la no texto.

³⁹² Villiers de L'Isle-Adam, *The vampire soul and other sardonic tales*, p.147.

³⁹³ Villiers de L'Isle-Adam, *La extraña historia del Doctor Bonhomet*, p.25.

³⁹⁴ Villiers de L'Isle-Adam, *The vampire soul and other sardonic tales*, p.147.

³⁹⁵ Villiers de L'Isle-Adam, *La extraña historia del Doctor Bonhomet*, p.25.

O termo *trémolantes* (p.20) ainda que não apresente dificuldades — Stableford: *tremulous*; Bustos: *tremblorosas*; eu traduzi: *tremulantes* (p.21) (que *tremula*) —, possui uma nota nas obras completas por conta de ser em francês uma raridade: “De ‘tremblantes’ [tremente]. O adjetivo, talvez forjado a partir de ‘trémolo’ [trêmulo], figura no dicionário de Huguét”³⁹⁶.

O Banquete dos Eventualistas

Título: *Le Banquet des Éventualistes*; na tradução de Stableford: *The Eventualists’ Banquet*; na de Eduardo Bustos: *El banquete de los Eventualistas*.

Texto: Publicado pela primeira vez em *La Journée*, em 21 de janeiro de 1886, depois em *Gil Blas*, em 1º de fevereiro de 1887.

Por volta de 1886 os anarquistas já incomodavam na Europa. Ainda que fosse somente mais tarde que eles se tornariam o *terror* da burguesia — com nomes como Ravachol, Auguste Vaillant (que jogou uma bomba no Parlamento francês em 1893), Emile Henry e outros —, nessa época já se falava muito deles. De modo que este conto levanta uma questão atual. Villiers publicou ainda no mesmo ano de 1886, em dezembro, em *La Revue Indépendante*, um conto muito mais sarcástico com o mesmo tema do anarquismo, “O Etna na sua casa”, cuja publicação levou Édouard Dujardin, editor da revista, a ter que dar explicações à polícia — posteriormente incluído nas *Histórias insólitas*.

Os dois contos, entretanto, constam entre os piores de Villiers. São obras ligadas demasiadamente aos acontecimentos (passageiros) da época. Mas “O banquete dos Eventualistas” tem uma sutileza para além do sarcasmo político que vale mencionar.

Primeiro, o encerramento do banquete se dava com “brindes pacíficos”, em um “instante delicioso”, os espíritos deixavam-se “ir com o curso das controvérsias”, e então “a palavra “dinamite” (horror!) foi pronunciada” (p.31). E o Dr. Bonhomet vem com seu discurso fazer lembrar que os governantes já neutralizaram por

³⁹⁶ Villiers de L’Isle-Adam, *Notes et variantes in Oeuvres complètes*, vol. II, p.1153. Edmond Huguét (1863-1948), lexicógrafo, autor de um *Dictionnaire de la langue française du XVIe siècle*, em 7 vols. (1925-1967).

antecipação qualquer perigo, com a permissão para os bares ficarem abertos até a madrugada, e restabelece a tranqüilidade. A tranqüilidade de uma “população de sonhos-vazios”, “de cérebros vazios e corações deformados” (p.35), enfim, a tranqüilidade da “consciência vazia” (p.37).

Apesar de ser uma obra de circunstância, pobre esteticamente, é interessante o cuidado que Villiers demonstra em todo o conto, no seu lado formal, com a equivalência entre *tranqüilidade* e *estupidez*, estando a palavra *vazio* ligada aos *sonhos* (p.35), ao *cérebro* (p.35) e à *consciência* (p.37), ou seja, com o conteúdo da cabeça.

A referência à declaração (na p.33) do anarquista Clément Duval (1850-1935) diante do tribunal que o condenou à pena de morte — posteriormente comutada em prisão perpétua, com intervenção do próprio presidente francês devido a inúmeras manifestações — foi publicada na época (1886) numa tiragem de 50 mil exemplares. Villiers leu esse texto, conforme diz em uma carta a Édouard Dujardin, datada de 14 de janeiro de 1887³⁹⁷. A proximidade de Villiers das idéias anarquistas sem dúvida deve-se ao ódio comum pela sociedade burguesa.

Tradução: Resolvi aporuguesar os termos *panclastiter* e *mélinitiner* para *panclastitar* e *melinitar* (p.33), especificando-os com uma nota. Coincidentemente, Stableford também incluiu uma nota para os termos, mas deixa-os em itálico, traduzidos por ele como: *panclastitating* e *melinitating*³⁹⁸; Bustos também os aproximou do espanhol: *panclastitar* e *melinitar*³⁹⁹.

Na afirmação: *vous raisonnez, ici, positivement, comme des fromages!* (p.32), mantive a mesma metáfora: *raciocinais aqui, positivamente, como queijos!* (p.33); que Stableford também manteve: *you are reasoning in this matter like cheeses!*⁴⁰⁰; e

³⁹⁷ Villiers de L’Isle-Adam, *Oeuvres complètes*, vol. II, p.1154.

³⁹⁸ Villiers de L’Isle-Adam, *The vampire soul and other sardonic tales*, p.143.

³⁹⁹ Villiers de L’Isle-Adam, *La extraña historia del Doctor Bonhomet*, p.34.

⁴⁰⁰ Villiers de L’Isle-Adam, *The vampire soul and other sardonic tales*, p.143.

Bustos: *en este momento, positivamente, están razonando como zotes!*⁴⁰¹ [zotes = ignorantes].

Claire Lenoir

Título: É evidente no nome da personagem, e da novela, o jogo de palavras entre *claro* e *negro* (*claire* de *clair* = *claro*, *luminoso*; *le noir* = *o negro*, *o preto*), mas também podemos entender como *clarividência no escuro*, ou na *escuridão*. Por toda a novela ocorrem variações da palavra *lueur* (*lueurs* = *clarões*, *luzes*; etc.), assim como *noir* (*noir* = *negro*, *noire* = *negra e noirâtres* = *enegrecidas*). Além do que, Claire é vidente, mas cega. Enfim, houve um cuidado extremo de Villiers em espalhar essas palavras ao longo da novela.

Por conta desse cuidado do autor, pensei inicialmente em traduzir o nome da personagem como *Clara Onegro*. O que me levaria a traduzir também os outros personagens. Mas depois abandonei essa idéia porque *Atribulado Bonhomem* talvez não soe bem. — Como mencionei na Introdução, há uma tradução italiana de 1923 que traduz *Tribolato Bonomo*.

Texto: Reservo os comentários sobre este texto para o Capítulo 3, já que nele reside o núcleo desta tese.

Tradução: Os organizadores das obras completas indicam que o termo “discrète” (no *Memorandum*, p.39) tem o sentido latino de “distinguida, notável”⁴⁰², daí minha opção por *distinta*, que difere um pouco da tradução de Stableford: *discreet*⁴⁰³, e de Bustos: *discreta*⁴⁰⁴.

Chapître premier/Capítulo primeiro

Preservei alguma regularidade com termos importantes ao longo da novela, tais como: *Effroi* (*Pavor*) (p.42/3), mas a variante *effroyables*, como em *Les effroyables tempêtes* (p.174), usei o termo *horríveis*, *As horríveis tempestades* (p.175), pois me

⁴⁰¹ Villiers de L’Isle-Adam, *La extraña historia del Doctor Bonhomet*, p.34.

⁴⁰² Villiers de L’Isle-Adam, *Oeuvres complètes*, vol. II, p.1155.

⁴⁰³ Villiers de L’Isle-Adam, *The vampire soul and other sardonic tales*, p.25.

⁴⁰⁴ Villiers de L’Isle-Adam, *La extraña historia del Doctor Bonhomet*, p.39.

pareceu mais sonoro no português. Para *terrible* preservei *terrível*. Para *affreux* (p.154), preservei *tenebroso* (p.155), com exceções na (p.155) *Não é horrível?* e (p.175) *com gestos horríveis*; e *affreusement* (p.14/136/198), por *tenebrosamente* (p.15/137/199).

O jogo de palavras de Bonhomet: *Tempes creuses, creusets!* (p.44), que traduzi como *Têmporas cavas, cadinhos!* (p.45), parece que preservou o jogo e o sentido do original, entendendo o termo *cava* no sentido de *lugar cavado*, que encontramos em português. No contexto se refere ao que chamamos *entradas*, o princípio da calvície. Stableford não conseguiu manter o jogo sonoramente: *Hollow temples are crucibles!*⁴⁰⁵, nem Bustos: *Hondas sienes, crisoles!*⁴⁰⁶. E ambos recorrem a notas para explicar que se trata de um jogo de palavras no original.

Um suposto dito popular, no entanto, não foi possível captar o sentido: *comme une corneille qui abat des noix* (p.44), que traduzi literalmente: *como uma gralha que derruba nozes* (p.45). Stableford também traduz literalmente: *like a crow picking nuts*⁴⁰⁷; e Bustos igualmente: *recoger nueces como una corneja*⁴⁰⁸. Nas obras completas os organizadores anotam: “Nós não conseguimos indicar a origem desse ‘dito’”⁴⁰⁹.

Em outra expressão ocorreu o inverso, o sentido foi preservado, mas a imagem do original se perdeu completamente: *c'est, vraiment, la bouteille à l'encre!* (p.50), que traduzi: *é verdadeiramente um negócio complicado!* (p.51). Stableford usa uma expressão equivalente em inglês: *one can't make head nor tail of it*⁴¹⁰; e Bustos outro equivalente: *en verdad, es negra como boca de lobo!*⁴¹¹. Eu não quis recorrer a expressões do tipo “é de dar nó no cérebro”, que trazem alguns dicionários. Permaneci então no sentido, que *é verdadeiramente um negócio complicado!*

⁴⁰⁵ Villiers de L'Isle-Adam, *The vampire soul and other sardonic tales*, p.29.

⁴⁰⁶ Villiers de L'Isle-Adam, *La extraña historia del Doctor Bonhomet*, p.43.

⁴⁰⁷ Villiers de L'Isle-Adam, *The vampire soul and other sardonic tales*, p.29.

⁴⁰⁸ Villiers de L'Isle-Adam, *La extraña historia del Doctor Bonhomet*, p.43.

⁴⁰⁹ Villiers de L'Isle-Adam, *Oeuvres complètes*, vol. II, p.1157.

⁴¹⁰ Villiers de L'Isle-Adam, *The vampire soul and other sardonic tales*, p.32.

⁴¹¹ Villiers de L'Isle-Adam, *La extraña historia del Doctor Bonhomet*, p.47.

A expressão metafórica *caravansérail* na frase *oh! que peut signifier ce caravansérail d'apparitions*, (p.52), que traduzi pelo equivalente *caravançar* (p.53), merece alguma consideração. Stableford: *caravanserai*⁴¹²; Bustos: *caravasar*⁴¹³. A princípio parece que a metáfora seria *caravana de aparições*, mas é mesmo *caravançar de aparições*, estranho, mas faz muito sentido. O *caravançar* é uma espécie de albergue no meio do deserto para receber especialmente caravanas. Se na frase trocarmos o termo *caravançar* por *tenda*, captamos o sentido da metáfora: *oh! que pode significar essa tenda de aparições, trazendo sua inquietude para desaparecer incontinenti?*

Chapitre/Capítulo V

No título deste capítulo: *Les bécicles couleur d'azur*, a palavra *azur* tem ocorrência em português, mas quase que exclusivamente em poesia (dos simbolistas). *Azur* é a cor de uma pedra de mesmo nome, também chamada lápis-lazúli. Preservei o termo por conta de que no capítulo XIV o olhar de Lenoir vai se quebrar sobre “*les lunettes vertes*” (p.160) de Claire. De modo que o uso da cor *azul* levaria a uma incongruência que não se encontra no original. E o dicionário *Le nouveau petit Robert* traz como um dos sentidos: “*LITTER. Couleur d'un beau bleu clair; et POÉT. La couleur du ciel, des flots*”. É sinônimo da cor *bleu*: “*qui est d'une couleur, entre l'indigo et le vert (...) azur*”, usada, por exemplo, para definir a cor do céu ou do mar, que, para um bom observador, tanto pode ser *azul* quanto *verde*. Stableford traduz: *The blue-tinted spectacles*⁴¹⁴, e o *vertes* do capítulo XIV por *colored*⁴¹⁵; e Bustos: *Las gafas de color azul*⁴¹⁶, e o *vertes* por *verdes*⁴¹⁷.

As expressões *un âne bâti* e *un oison bridé en personne naturelle* (p.76), usei na primeira o recorrente: *uma besta quadrada*, e na segunda: *um simplório em pessoa* (p.77).

⁴¹² Villiers de L'Isle-Adam, *The vampire soul and other sardonic tales*, p.33.

⁴¹³ Villiers de L'Isle-Adam, *La extraña historia del Doctor Bonhomet*, p.48.

⁴¹⁴ Villiers de L'Isle-Adam, *The vampire soul and other sardonic tales*, p.50.

⁴¹⁵ *Idem*, p.107.

⁴¹⁶ Villiers de L'Isle-Adam, *La extraña historia del Doctor Bonhomet*, p.65.

⁴¹⁷ *Idem*, p.123.

Stableford une as duas expressões: *a bit of a foll — a natural person*⁴¹⁸, e puxa uma nota para explicar o original; Bustos traduz por equivalentes: *una acémila, um ganso com apariencia de persona normal*⁴¹⁹.

As expressões no francês: no primeiro caso o sentido é de *besta encilhada* ou *besta de carga*, parece-me que *besta quadrada* satisfaz, não plenamente, claro. No segundo é mais complicado: *oison bridé* refere-se aos gansos nos quais se atravessa uma pena no bico para que não forcem o cercado onde estão presos. Usado para pessoas com o sentido de *bobo, tolo, simplório*. Fiquei aqui apenas com o sentido.

Na frase *refletia o velho Saxe do pêndulo* (p.77), deixei a palavra *Saxe* sem o acompanhamento comum de *porcelana*. O mesmo fez Pauline Alphen em “Véra”, conto em que também aparece a palavra: *flores indianas colhidas por ela na estufa, e que morriam em velhos vasos de Saxe*⁴²⁰. Stableford traduz: *reflected the old grandfather clock*⁴²¹; Bustos: *reflejaba el viejo saxo del péndulo*⁴²².

Chapitre/Capítulo VI

Na frase: *J'avais pitié de ces provinciaux: de vrais écoute s'il pleut!* (p.84), traduzi a expressão como: *realmente, vá ver se chove!* (p.85), com uma nota. *Vá ver se chove!* Se aproxima da expressão popular *Vá ver se estou na esquina!*, por isso troquei os verbos. Stableford amplia: *which have to listen hard to know if it's raining*⁴²³; Bustos simplifica: *auténticos patanes*⁴²⁴.

Chapitre/Capítulo VII

A frase: — *d'un bâtiment posthume*, — (p.86), traduzi literalmente: — *de um navio póstumo* — (p.87), com uma nota apontando o título correto, o que, sem ser explícito, fornece uma dica de qual “mestre alemão” Claire está falando. Stableford

⁴¹⁸ Villiers de L'Isle-Adam, *The vampire soul and other sardonic tales*, p.50.

⁴¹⁹ Villiers de L'Isle-Adam, *La extraña historia del Doctor Bonhomet*, p.65.

⁴²⁰ Villiers de L'Isle-Adam, *Contos cruéis*, p.77.

⁴²¹ Villiers de L'Isle-Adam, *The vampire soul and other sardonic tales*, p.50.

⁴²² Villiers de L'Isle-Adam, *La extraña historia del Doctor Bonhomet*, p.66.

⁴²³ Villiers de L'Isle-Adam, *The vampire soul and other sardonic tales*, p.54.

⁴²⁴ Villiers de L'Isle-Adam, *La extraña historia del Doctor Bonhomet*, p.71.

traduz: *a phantom ship*⁴²⁵, e informa em várias notas a que peças Claire está se referindo; Bustos desliza um pouco: *de una obra póstuma*⁴²⁶, mas não faz nenhuma referência às peças nem ao músico, tampouco aos escritores mencionados na seqüência.

A minha opção de também não colocar notas se fundamenta no próprio texto: “Ela mencionou certo mestre alemão, do qual esqueci o nome” (p.87), referente a Richard Wagner, e “dos quais é inexplicável que me escapem os nomes!...” (p.93) referentes a Victor Hugo (*ex-par da França*, p.89) e Allan Poe (*um contista americano*, p.89). O esquecimento, bem como os erros — *navio póstumo* em lugar de *navio fantasma* — mostra a estupidez de Bonhomet na discussão. Villiers parece querer mais *sugerir* do que *citar*; é preciso respeitá-lo.

Chapitre/Capítulo VIII

A expressão *fève de Moka* (p.98) traduzi literalmente: *grão de Moka* (p.99), indicando o significado em nota. Há a ocorrência da palavra *café* duas linhas acima. Aqui há a especificação de que tipo de café se trata. Stableford com: *coffee*⁴²⁷; e Bustos com: *café*⁴²⁸, parecem-me simplificar desnecessariamente.

Chapitre/Capítulo X

No título deste capítulo: *Fatras philosophique*, a palavra *fatras* tem um sentido bastante amplo, ao pé da letra: *um monte confuso de coisas sem valor e sem interesse, coisas velhas, etc.*, mas também — e este é o sentido no título: *conjunto confuso, incoerente de idéias, de palavras ou escrito (Le nouveau petit Robert)*. Traduzi por *mixórdia (salsada, mistifório, confusão, embrulhada, etc.)* por me parecer mais apropriado, já que estando a palavra seguida de *filosófica*, o sentido parece se completar. Assim também traduziu José P. Paes em *Às avessas* de Huysmans: “A mixórdia filosófica de Claire Lenoir obstruía-o igualmente”⁴²⁹. Stableford traduziu: *A philosophical*

⁴²⁵ Villiers de L’Isle-Adam, *The vampire soul and other sardonic tales*, p.56.

⁴²⁶ Villiers de L’Isle-Adam, *La extraña historia del Doctor Bonhomet*, p.72.

⁴²⁷ Villiers de L’Isle-Adam, *The vampire soul and other sardonic tales*, p.65.

⁴²⁸ Villiers de L’Isle-Adam, *La extraña historia del Doctor Bonhomet*, p.81.

⁴²⁹ J.-K. Huysmans, *Às avessas*, p.225.

*hotchpotch*⁴³⁰; Bustos: *Farrago filosofico*⁴³¹. Há uma ocorrência antes (p.86) de *Fatras mythologique*, que traduzi, obviamente, por *Mixórdia mitológica* (p.87).

A palavra *suréternelles*, em *lois suréternelles* (p.120), traduzi por *sempiternas* (p.121), pois não encontrei o uso de *supra-eterna*, como traduziu S. Stroparo em *Axël*, onde a palavra aparece no singular: *vislumbrando a lei supra-eterna*⁴³². Stableford traduziu: *ultimate laws*⁴³³; Bustos: *leyes sobrenaturales*⁴³⁴.

Chapitre/Capítulo XI

Na frase *avait fait litière de ses résolutions* (p.128), da expressão *fait litière* preservei o sentido: *fez pouco caso de suas resoluções* (p.129). O que fez também Stableford: *had laid waste to his resolutions*⁴³⁵ [*tinha arrasado suas resoluções*]; enquanto Bustos buscou um equivalente: *había hecho tabla rasa de sus resoluciones*⁴³⁶. O termo *litière*, em francês, nessa expressão se refere a palha em que o gado dorme nas estrebarias, ou, mais recente, aos produtos (areia, capim seco, grãos sintéticos, etc.) que se colocam nas caixinhas para os animais domésticos fazerem suas necessidades. *Faire litière*, portanto, tem uma carga bastante depreciativa que, parece-me, está contida no uso da expressão *fazer pouco caso*.

Chapitre/Capítulo XII

A frase: *Système de dessert, à l'usage des dames: connu!* (p.134), traduzi literalmente: *Sistema de sobremesa, de uso das senhoras: conhecido!* (p.135). Arriscando uma interpretação no seguinte sentido: são idéias que as senhoras gostam de defender na hora da sobremesa, pois aqui é o capítulo onde Claire, *uma debatedora sentimental*, entra na discussão. Literalmente, também traduziram Stableford: *A system of desserts for the use of women*.

⁴³⁰ Villiers de L'Isle-Adam, *The vampire soul and other sardonic tales*, p.77.

⁴³¹ Villiers de L'Isle-Adam, *La extraña historia del Doctor Bonhomet*, p.93.

⁴³² Villiers de L'Isle-Adam, *Axël*, p.152.

⁴³³ Villiers de L'Isle-Adam, *The vampire soul and other sardonic tales*, p.80.

⁴³⁴ Villiers de L'Isle-Adam, *La extraña historia del Doctor Bonhomet*, p.96.

⁴³⁵ Villiers de L'Isle-Adam, *The vampire soul and other sardonic tales*, p.84.

⁴³⁶ Villiers de L'Isle-Adam, *La extraña historia del Doctor Bonhomet*, p.100.

*Understood!*⁴³⁷; e Bustos: *Sistema pergeñado a los postres, para uso de damas: conocido!*⁴³⁸.

A expressão: *au bonheur!* (p.140), que significa *ao acaso*, procurei reproduzir, pelo contexto, com uma idéia aproximada: *venha o que vier!* (p.141). Stableford estende um pouco: *Let's take what petty pleasure we can...*⁴³⁹; Bustos: *¡sea lo que sea!*⁴⁴⁰.

Chapitre/Capítulo XVI

Quando Bonhomet diz: *je sautai à bas* (p.170), Stableford: *I jumped out of bed*⁴⁴¹ e Bustos: *salté de la cama*⁴⁴² fazem um complemento com a palavra “cama”. Traduzi: *pulei fora* (p.171), pois a passagem me parece compreensível sem a palavra “cama” e se poderia compreender igualmente, no contexto, que ele “pulou fora da casa”. Mas Villiers usa a mesma expressão em uma carta a Mallarmé (de 1866) se referindo a levantar-se da cama⁴⁴³.

Chapitre/Capítulo XVII

O nome dos selvagens deste capítulo, *os ottysors* (p.173), é possivelmente uma invenção de Villiers. As únicas menções que encontrei sobre a palavra estão em: Stableford, em uma nota ao título: “Villiers parece ter inventado a palavra *Ottysor*”⁴⁴⁴, e nas obras completas: “Nós não sabemos onde Villiers encontrou esse nome”⁴⁴⁵. Bustos simplifica a palavra: *El otisor*. Decidi manter os dois *tês* e o *ípsilon* para preservar o *estrangeiro*, afinal refere-se a supostos habitantes da distante Oceania.

⁴³⁷ Villiers de L'Isle-Adam, *The vampire soul and other sardonic tales*, p.88.

⁴³⁸ Villiers de L'Isle-Adam, *La extraña historia del Doctor Bonhomet*, p.104.

⁴³⁹ Villiers de L'Isle-Adam, *The vampire soul and other sardonic tales*, p.93.

⁴⁴⁰ Villiers de L'Isle-Adam, *La extraña historia del Doctor Bonhomet*, p.109.

⁴⁴¹ Villiers de L'Isle-Adam, *The vampire soul and other sardonic tales*, p.113.

⁴⁴² Villiers de L'Isle-Adam, *La extraña historia del Doctor Bonhomet*, p.130.

⁴⁴³ Conf. J. Bollery, *Opus cit.*, carta 38, p.82; *J'étais au lit quand j'ai lu vos splendides vers. (...) Me sentant plus fort, je sautai à bas* (“Eu estava na cama quando li vossos versos esplêndidos. (...) Sentindo-me mais forte, pulei fora”).

⁴⁴⁴ Villiers de L'Isle-Adam, *The vampire soul and other sardonic tales*, p.223, (nota 128).

⁴⁴⁵ Villiers de L'Isle-Adam, *Oeuvres complètes*, vol. II, p.1183.

A frase *malgré les décharges* (p.176) traduzi quase literalmente: *apesar dos tiros* (p.177), por conta de que no original também não é claro. Os outros dois tradutores clarificam um pouco: Stableford: *volleys discharged*⁴⁴⁶; Bustos: *descargas de los fusiles*⁴⁴⁷.

As maravilhosas visões do Dr. Tribulat Bonhomet

Título: *Les Visions merveilleuses du Dr. Tribulat Bonhomet*. Na tradução de Stableford: *The marvelous visions of Doctor Tribulat Bonhomet*; na de Bustos: *As maravillosas visiones del Doctor Tribulat Bonhomet*.

Texto: Este conto foi publicado pela primeira vez em 11 de abril de 1887 na revista *Gil Blas*, e depois inserido em *Tribulat Bonhomet*.

Nas obras completas os organizadores mencionam uma nota de Paul Verlaine sobre Villiers:

Segundo Verlaine (*Mémoires de'un veuf*), a concepção desse conto remonta à época do Parnaso. Falando da célebre sobreloja de Lemerre, Verlaine evoca as súbitas aparições de Villiers, que “com voz ainda entrecortada exclamava: *Vós não sabeis? Bonhomet está morto*, e o engraçado disso estava em dizer, *após este incidente!!!* Em seguida ele contava, com uma aparência de indignada emoção, uma enormidade que acabara de acrescentar a lenda do herói de uma de suas novelas mais notáveis”.⁴⁴⁸

A obra de Verlaine, *Memórias de um viúvo*, é de 1886, e a “época do Parnaso” começa em 1866, portanto não é possível determinar de modo preciso a época que ele se refere, mas de qualquer modo é anterior à escritura do conto, fins de 1886 ou

⁴⁴⁶ Villiers de L'Isle-Adam, *The vampire soul and other sardonic tales*, p.117.

⁴⁴⁷ Villiers de L'Isle-Adam, *La extraña historia del Doctor Bonhomet*, p.134.

⁴⁴⁸ Villiers de L'Isle-Adam, *Oeuvres complètes*, vol. II, p.1188.

início de 1887, quando Villiers prepara a edição de *Tribulat Bonhomet*.

O mais notável neste conto (que também não está entre os melhores) é que uma das paranóias de Villiers — o que diria para deus no momento derradeiro — é passada aqui para o personagem Bonhomet⁴⁴⁹. O que mostra que o personagem não é tão às avessas do autor quanto se supõe. A pergunta de deus: “— O que acreditais ser?”, tem como resposta uma das famosas sentenças costumeiras de Villiers: “— A *segunda* intenção moderna” (p.213), mesmo que deus o devolva para entre os vivos a fim de que “inspire algumas dessas páginas de fogo, vergonha e vômito, que, de século em século, estremecendo, algum dos meus soldados [Villiers] cuspe na frente de vossos semelhantes” (p.213).

Tradução:

A expressão incômoda: — *Mê...ê... c'est MÔA!...* (p.206), que Stableford traduz: “*It's m-m-m-meee!*”⁴⁵⁰; e Bustos traduziu: — *¡Mi...i... Nene mi!*⁴⁵¹; tentei também dar uma sonoridade infantil: — *Sô... s... sô ÊÔ!...* (p.207), mas estou ciente de que se afasta um pouco do sentido, bastante comum, do original.

A frase: — *Seigneur! clamita l'avisé docteur* (p.208), merece uma consideração: “A palavra ‘clamiter’, que não temos grafada nos dicionários de língua francesa, parece ter sido formada por Villiers a partir do latim *clamitare*, diminutivo de *clamare*, soltar gritos”⁴⁵². Eu traduzi por *clamou* (p.209), de

⁴⁴⁹ “Uma coisa o perturbava, no entanto”, diz Henry Roujon, “A discursão suprema se daria no latim, que ele mal conhecia, ou no francês que ele passou a vida inteira a se esforçar para aprender? A idéia que lhe vinha à cabeça em seguida era que sealaria no Paraíso a língua de seus poemas; entretanto, o latim é o idioma da igreja. Casualmente, ele estava munido de algumas citações dos Padres”. Citado por A. Raitt, *Villiers de L'Isle-Adam – exorciste du réel*, p.300.

⁴⁵⁰ Villiers de L'Isle-Adam, *The vampire soul and other sardonic tales*, p.153.

⁴⁵¹ Villiers de L'Isle-Adam, *La extraña historia del Doctor Bonhomet*, p.158.

⁴⁵² Villiers de L'Isle-Adam, *Notes et variantes in Oeuvres complètes*, vol. II, p.1189.

clamar, que tem a mesma origem latina. Stableford traduz por: *called*⁴⁵³; Bustos por: *clamó*⁴⁵⁴.

⁴⁵³ Villiers de L'Isle-Adam, *The vampire soul and other sardonic tales*, p.155.

⁴⁵⁴ Villiers de L'Isle-Adam, *La extraña historia del Doctor Bonhomet*, p.160.

2.3: AUTOANÁLISE SOBRE A FIDELIDADE E A ESTÉTICA

Considerando agora o texto traduzido de *Tribulat Bonhomet*, pergunto-me se consegui preservar toda a *estranheza* do original como o quer Berman, se preservei aquele *quid* do qual fala José Paes ou, enfim, se consegui deixar o autor o mais tranqüilo possível como diz Schleiermacher.

Ernest Reynaud diz que “O conde de Villiers de L’Isle-Adam é o rei dos verbos sonoros”⁴⁵⁵. Terei conseguido reverberar no português a sonoridade do seu verbo? É difícil dizer. De qualquer modo, tentei. Não penso que haja uma receita perfeita que possa nos levar a uma tradução perfeita. Schleiermacher e Berman parecem muito válidos a um tradutor enquanto nos *fazem pensar* na tradução, mas, uma vez que “uma tradução é sempre *individual*, sempre tradução por...”⁴⁵⁶, na experiência mesma do trabalho eles são apenas como fósforos que usamos para gerar a iluminação necessária.

Ainda que eu não me sinta muito seguro *pesando palavras em balanças de teias de aranha* — coisa, parece-me, própria de um poeta —, procurei entender, lendo-o e relendo-o, as mil sutilezas que Villiers utiliza em seus escritos, que possuem, paradoxalmente, ao mesmo tempo uma aparência de descuido e um formidável rigor lógico; subsídios importantes para traduzi-lo.

Mas há alguns elementos que posso apontar em minha tradução que me parecem pouco compreensíveis (e não apenas para mim) e mostra um pouco do que ficou *de fora*. Eles permanecem *estranhos* tanto para mim quanto para os especialistas em Villiers, tanto no original quanto na tradução. E por outro lado, há elementos *estranhos* do texto original que perderam sua *estranheza* na tradução. Vejamos.

O primo Robert fala que quando Villiers publicou *Claire Lenoir*, pequenos periódicos zombaram “das expressões estranhas empregadas pelo jovem escritor. Uma frase sobretudo tornou-se

⁴⁵⁵ E. Reynaud, *La mêlée symboliste – II (1870-1890) - portraits et souvenirs*, p.53.

⁴⁵⁶ A. Berman, *Pour une critique des traductions: John Donne*, p.60.

célebre” (...) “Je lui fus *grat* de cette injure”. Segundo ele, “Villiers pretendia que, como o substantivo *ingratitude* [ingratidão] tem como qualificativo *ingrat* [ingrato], *grat* [grato] deveria ser igualmente qualificativo de *gratitude* [gratidão]”, e completa: “logicamente ele tinha razão, mas sem dúvida se esquecia que a língua francesa cuida-se pouco com a lógica”⁴⁵⁷.

Essa passagem foi alterada na segunda versão, ou seja, em *Tribulat Bonhomet*, mas a palavra permaneceu e se encontra no capítulo XI: *Lenoir s'arrêta et je lui fus grat de son silence* (p.128). “Essa expressão insólita, dizem os organizadores das obras completas, fez fortuna entre os amigos de Villiers”⁴⁵⁸. Louis de Gramont, por exemplo, escrevendo para ele em 1875, diz: “Nós te seremos *grats* [gratos], — *ut ait* Bonhomet, doctor seraphicus! — se nos endereçar freqüentes epístolas”⁴⁵⁹.

Em minha tradução da passagem: *Lenoir se deteve e lhe fui grato pelo seu silêncio* (p.129), é fácil perceber que aqui se perdeu um elemento que no original tinha uma natureza estranha, pois no português não há estranheza alguma no termo *grato*.

Assim também o termo *gigantal* (p.14), que na tradução por *colossal* (p.14) acaba perdendo sua ‘raridade’. Ou ainda *je suis un angoisseux* (p.52), que traduzi como *sou um angustiado* (p.53), quando no original o termo *angoisseux* significa *pessoa sujeita à angústia* e também é termo raro⁴⁶⁰. — Stableford: *I'm an anguisher*⁴⁶¹ e Bustos: *soy un angustioso*⁴⁶².

Ou ainda o termo *AFFRE* (p.50) que traduzi por *TORMENTO* (p.51). Em francês, na época, empregava-se apenas no plural (*affres*), e nas obras completas os organizadores anotam: “Entretanto, o *Tesouro da língua francesa* assinala um emprego da palavra no singular em Verlaine em 1896 e, posteriormente, em Saint-Jonh Perse”⁴⁶³, ou seja, Villiers já usa no singular cerca

⁴⁵⁷ R. Pontavice de Heussey, *Opus cit.*, p.67.

⁴⁵⁸ Villiers de L'Isle-Adam, *Oeuvres complètes*, vol. II, p.1174.

⁴⁵⁹ J. Bollery, *Opus cit.*, carta 134, p.198.

⁴⁶⁰ Conf. Villiers de L'Isle-Adam, *Oeuvres complètes*, vol. II, p.1159.

⁴⁶¹ Villiers de L'Isle-Adam, *The vampire soul and other sardonic tales*, p.34.

⁴⁶² Villiers de L'Isle-Adam, *La extraña historia del Doctor Bonhomet*, p.48.

⁴⁶³ Conf. Villiers de L'Isle-Adam, *Oeuvres complètes*, vol. II, p.1158.

de trinta anos antes! Mas na tradução isso não faz a menor diferença.

Na passagem *Et il mit son front, ébriolé sans doute encore, entre ses mains* (p.66), que traduzi: *E ele pôs sua fronte entre as mãos, sem dúvida ainda um pouco embriagado* (p.67), a palavra *ébriolé* parece não existir no francês. Nota das obras completas: “‘Ebriolus’, derivado de ‘ebrius’, significa ‘levemente bêbado’, ‘um pouco [gris] embriagado’. Nós não encontramos o adjetivo correspondente *ébriolé* nos dicionários franceses que consultamos. Seria uma criação de Villiers?”⁴⁶⁴. Sendo sua criação ou não, o fato da palavra não se encontrar em dicionários complica os tradutores: Stableford: *And he lowered his head, which was doubtless still aching, into his hands*⁴⁶⁵; Bustos: *Y todavía emocionado escondió la frente entre sus manos*⁴⁶⁶.

Já mencionei (no capítulo anterior) o dito *como uma gralha que derruba nozes* (p.45), cuja origem e significado mesmo no original permanecem incompreensíveis, e se lê nas notas das obras completas: “Nós não conseguimos indicar a origem desse ‘dito’”⁴⁶⁷. O mesmo ocorre com uma suposta citação: “‘descascando uma fruta’, como diz o poeta” (p.51): “Nós não encontramos a origem dessa pretensa citação”⁴⁶⁸, escrevem os organizadores.

E ainda outros pontos poderiam ser indicados que possuem essa mesma natureza *desconhecida* de seus estudiosos e, conseqüentemente, de seus tradutores. E a partir disso seria de se pensar na *intraduzibilidade* de que fala Benedetto Croce.

Porém, se esses detalhes são pertinentes, contudo, a obra não se reduz a eles e sua natureza não é apenas complicada na tradução, mas na própria língua original. De modo que arriscaria dizer que certo *quid* de estranheza, de fidelidade e, por que não de beleza do original, foi preservado apesar das sutilezas lingüísticas

⁴⁶⁴ Villiers de L’Isle-Adam, *Oeuvres complètes*, vol. II, p.1160.

⁴⁶⁵ Villiers de L’Isle-Adam, *The vampire soul and other sardonic tales*, p.42.

⁴⁶⁶ Villiers de L’Isle-Adam, *La extraña historia del Doctor Bonhomet*, p.58.

⁴⁶⁷ Villiers de L’Isle-Adam, *Oeuvres complètes*, vol. II, p.1157.

⁴⁶⁸ *Idem*, p.1158.

de Villiers, o qual, se não consegui, pelo menos tentei deixar o *mais tranqüilo possível*.

A questão que resta, portanto, é a de pesar — *em balanças de teias de aranha?* — esse *quid* para saber se no conjunto, na totalidade da obra traduzida, o peso maior ficou sobre *a beleza e a fidelidade* ou sobre *a feiúra e a infidelidade*.

CAPÍTULO 3 - SOBRE O ESTRANHO TRADUZIDO

No capítulo anterior falei de *estrutura óssea* de *Claire Lenoir*. Aqui pretendo mostrar em que medida essa estrutura, e as subestruturas, que articulam a novela, pelo *estranho* aí contido, fazem dela uma obra fantástica — que provoca o *sentimento* do estranho e ao mesmo tempo um *exorcismo* do real.

A diversidade de interpretação que se presta *Claire Lenoir* é bastante ampla, e as direções igualmente diversas. Villiers quis unir grotesco e ironia numa mesma história. Pela presença do humor, que quebra o medo, afasta-se do fantástico. Mas ao mesmo tempo esse humor, irônico e sarcástico, ele alia ao grotesco de um modo que podemos denominá-lo de negro. É, por conseguinte, uma obra de *humor negro*.

Este humor negro se dá junto de um tema *sobrenatural e científico*, e isso torna a novela fantástica. Mas há nela também um caso de *traição* matrimonial, e sabemos o quanto é recorrente e extenso na literatura universal tal tema. Villiers explora esse tema principalmente nas peças *A revolta* e *O novo mundo*, mas também em alguns contos.

Por outro lado, o elemento sobrenatural da história pode ser repartido. É explícita na novela a idéia de transmigração da alma, mas ela poderia ser dividida no vampirismo e na re-encarnação. Poder-se-ia assim seguir caminhos distintos, em direção ao *espiritismo* — Villiers participou de algumas sessões e conhecia os princípios básicos deste — ou em direção ao *vampirismo*.

E sobre esse último aspecto, poder-se-ia inserir a obra numa longa tradição. Por haver nela um ‘Otyssor-vampiro’ podemos aproximá-la tematicamente, entre outras, de: *O diabo enamorado* (1772) de Cazotte; *A morta enamorada* (1836) de Gautier; *Carmilla* (1871) de Sheridan Le Fanu; *Drácula* (1897) de Bram Stoker; *O caso de Charles Dexter Ward* (1941) de Lovecraft; ou mesmo de *Eu sou a lenda* (1954) de Richard Matheson. Ou seja, o tema do vampirismo antecede e ultrapassa Villiers, e, assim como o tema do adultério e do cientificismo, segue como algo recorrente na história da literatura.

Assim sendo, pode parecer difícil captar aquilo que na obra é, digamos, o elemento original de Villiers, aquele que se encontra na divisa da revista onde foi publicada a primeira versão da novela, *Revue des Lettres et des Arts*, ou seja, *fazer pensar*. É este o núcleo temático principal da novela, que gera o fantástico. Ela é de humor negro, tem como tema o vampirismo, a reencarnação, o adultério, etc., mas é também uma obra cuja intenção é *fazer pensar*. Todos os temas, incluídos nas longas digressões teológicas e filosóficas, cumprem o dever de ilustrar, esteticamente, essa intenção. Relembrando a resposta de Villiers a Lefébure: “para ele a poesia e a filosofia eram a mesma coisa”⁴⁶⁹.

Essa fórmula, *fazer pensar*, eu arriscaria dizer que provém do Romantismo. É de conhecimento comum a proximidade deste com a filosofia, sobretudo na Alemanha, de onde vem o idealismo que Villiers tanto admirava. No entanto, isso se deu de modo generalizado e chegou a Villiers já com as características de sua época, pós-geração 1830, e principalmente através das tintas sombrias de Hoffmann e Poe.

* * *

Antes de chegar à novela e ao fantástico, algumas questões:

Em primeiro lugar algumas linhas sobre esses autores que deixaram marcas sobre Villiers e que estão relacionados ao fantástico e a temas que *fazem pensar*: Allan Poe, Hoffmann e outros.

Depois, um pequeno percurso por algumas de suas obras para ressaltar ainda outras maneiras com que ele lida com a realidade e a ficção. Ficcioneando a realidade ao realizar a ficção.

Por último, a novela, o fantástico, o estranho e questões afins.

⁴⁶⁹ J. Bollery, *Opus cit.*, carta 36, p.80

3.1 – POR TRÁS DOS OLHOS DE CLAIRE

A herança de Poe

A presença de Allan Poe em Villiers está, do mesmo modo que a de Baudelaire, espalhada pela sua obra. São pequenos detalhes aqui e ali que nos fazem identificar um ou outro traço da presença deles. Traços que no conjunto não nos permitem falar de semelhanças, pois parece que tudo o que lia, Villiers pervertia. A presença de Poe na sua escrita, portanto, não é sólida, é fantasmagórica, como sugere uma afirmação de Antoine Orliac: “o fantasma do poeta de Annabel Lee é um irmão espiritual que ele presente”⁴⁷⁰.

Um dos contos de Poe, “Os fatos no caso do Sr. Valdemar”, tem inicialmente uma semelhança de estrutura com “O segredo do patíbulo” de Villiers, que serve como amostra da maneira que se deu a influência de um para o outro.

No conto de Poe, um eminente mesmeriano quer fazer a experiência de magnetizar uma pessoa que está prestes a morrer para saber “se, nessa condição, haveria no paciente qualquer suscetibilidade à influência magnética; em segundo lugar, caso houvesse, se seria prejudicada ou intensificada pela condição; em terceiro lugar, em que medida, ou por quanto tempo, o avanço da Morte poderia ser detido pelo processo”. E o narrador conhece um homem que está à beira da morte, o qual ele já havia “feito dormir sem maior dificuldade”⁴⁷¹, chamava-se Sr. Valdemar.

Em “O segredo do patíbulo”, Villiers nos apresenta o Dr. Velpeau, “professor de clínica cirúrgica de Paris, (...) um dos luminares da atual ciência patológica”⁴⁷², que vai ao presídio para falar com um médico condenado à morte por assassinato, para saber “se qualquer lampejo de memória, de reflexão, de

⁴⁷⁰ A. Orliac, “Villiers de L’Isle-Adam”, p.514.

⁴⁷¹ E. A. Poe, “Os fatos no caso do sr. Valdemar”, in J. P. Paes, *Os buracos da máscara – antologia de contos fantásticos*, p.57.

⁴⁷² Villiers de L’Isle-Adam, “O segredo do patíbulo”, in J. P. Paes, *Os buracos da máscara – antologia de contos fantásticos*, p.112.

sensibilidade *real* persiste no cérebro do Homem após o decepamento da cabeça⁴⁷³.

Tanto em Poe, quanto em Villiers, os personagens vão direto ao assunto com seus ‘pacientes’. “Falei-lhe do assunto com franqueza”⁴⁷⁴, diz o mesmeriano a respeito do Sr. Valdemar; “Vamos pois aos fatos, sem preâmbulos”⁴⁷⁵, diz o Dr. Velpeau ao Sr. de la Pommerais, o criminoso. O Sr. Valdemar conhece o mesmerianismo e já foi muitas vezes magnetizado pelo especialista que vem lhe propor a experiência; o Sr. de la Pommerais já assistiu um dos cursos de dissecação oferecido pelo Dr. Velpeau. Ou seja, em ambos os contos, ambos os personagens, pesquisador e pesquisado, já se conhecem.

Em Poe, a morte é “um assunto que não carecia nem de ser evitado nem de ser lamentado”⁴⁷⁶ pelo paciente, Sr. Valdemar. Em Villiers, o Sr. de la Pommerais diz sobre a sua morte: “Estarei pronto: já estava; doravante, quanto mais cedo melhor!”⁴⁷⁷. Ainda uma última semelhança. O mesmeriano chama um jovem estudante de medicina para servir de testemunha diante da autorização verbal do Sr. Valdemar; o Dr. Velpeau para a sua proposta de experiência com o condenado à morte, está munido de uma autorização assinada pelo Imperador.

Mas as semelhanças acabam por aqui e as histórias seguem destinos diversos. Porém, apesar de as histórias se bifurcarem, não impediu que desde a primeira publicação, em 23 de outubro de 1883, no *Le Figaro*, a comparação entre Poe e Villiers fosse estabelecida e se aproximassem os dois autores. O parentesco estético com Poe, no entanto, é antigo, e data justamente de *Claire Lenoir*, de 1867. Mas a falsa fama de semelhanças teve

⁴⁷³ *Idem*, p.113.

⁴⁷⁴ E. A. Poe, “Os fatos no caso do sr. Valdemar”, in J. P. Paes, *Opus cit.*, p.58.

⁴⁷⁵ Villiers de L’Isle-Adam, “O segredo do patíbulo”, in J. P. Paes, *Opus cit.*, p.112.

⁴⁷⁶ E. A. Poe, “Os fatos no caso do sr. Valdemar”, in J. P. Paes, *Opus cit.*, p.57.

⁴⁷⁷ Villiers de L’Isle-Adam, “O segredo do patíbulo”, in J. P. Paes, *Opus cit.*, p.112.

como pivô maior o mencionado “O segredo do patíbulo” que, como afirma Pierre Reboul, em um artigo dedicado ao conto, apesar da influência: “De resto, os problemas científicos se apresentam muito diferentes: num caso, trata-se do corpo inteiro, no outro — velho tema hagiográfico, revivido pela *Louissette* revolucionária, da cabeça unicamente”⁴⁷⁸.

A proximidade com Poe não se reduz a temas macabros. Poe escreveu, tal como Hoffmann havia escrito e tal como Villiers viria a escrever, muitas histórias com humor. Como, por exemplo, “Hop-Frog”, “A semana dos três domingos”, “A iniciação literária de Tingum Bob”, *As aventuras de Arthur Gordon Pim*, entre outras.

Nas obras completas⁴⁷⁹ os organizadores mencionam algumas pequenas relações que se podem traçar entre *Claire Lenoir* e a obra de Poe: a vingança póstuma de Lenoir lembraria “Metzengerstein”, onde o personagem vinga-se encarnado no corpo de um cavalo; o interesse de Bonhommet pelos olhos de Claire se assemelharia àquele do narrador, Egeu, fascinado pelos dentes da heroína em “Berenice”; a morte de Henry Clifton seria análoga ao ocorrido nas ilhas vulcânicas dos mares do sul em *As aventuras de Arthur Gordon Pim*.

Por ser demais mencionado — e exagerado — os parentescos com Poe, passo a outra influência que me parece também plausível, mas sobre a qual também é preciso não considerar com exageros.

Os Olhos de Hoffmann

As obras de Hoffmann obtiveram na França um sucesso dos mais espantosos a partir de 1828. Os franceses mesmo puderam se jactar de que foram eles que apresentaram Hoffmann aos alemães, e ao mundo, assim como alguns anos depois revelariam Allan Poe.

⁴⁷⁸ P. Reboul, “Autour d’un conte de Villiers de L’Isle-Adam: ‘Le secret de l’échafaud’”, p.235.

⁴⁷⁹ Villiers de L’Isle-Adam, *Oeuvres complètes*, vol. II, p.1129/30.

Em “O homem da areia” de Hoffmann, a *visão*, o *olho*, *óculos* e *binóculo* são elementos — simbólicos ou não — constantes ao longo da história. É para *ver* o que acontece no gabinete de seu pai que Natanael, quando criança, esconde-se atrás da porta. As palavras de evocação de Coppelius no ritual alquímico são: “Que venham os olhos, que venham os olhos!”⁴⁸⁰. E ao ser descoberto, são seus *olhos* que Coppelius quer arrancar.

Anos mais tarde, quando ele *vê* pela primeira vez Olímpia, “seu olhar tinha algo de fixo, diria até que não via nada, como se ela dormisse de olhos abertos”⁴⁸¹. Morando num quarto alugado em frente à casa do professor Spalanzani, o ‘pai’ de Olímpia, ele passa a *olhar* pela janela a moça do outro lado da rua. Quando o sinistro Coppolla bate a sua porta, o que lhe oferece são “olhos, *belli occhi!*”. Diante do espanto do estudante, o vendedor insiste: “Aqui, aqui — óculos, óculos para o nariz, meus olhos, *belli occhi!*” E sacava cada vez mais óculos e lunetas que, entrecruzando-se, provocavam um brilho ofuscante e estranho. Milhares de olhos olhavam e piscavam convulsivamente, dardejando Natanael”⁴⁸².

É com o pequeno *binóculo* comprado de Coppolla que ele passa doravante a *olhar* Olímpia de mais perto. Quando da briga entre o professor Spalanzani e Coppolla, são justamente os *olhos* que este último arranca do rosto de cera de Olímpia. É ainda pela *visão* de “um par de olhos ensangüentados” no chão que “a loucura arrebatou Natanael com garras ardentes”⁴⁸³. Por fim, antes do segundo acesso de loucura e conseqüente morte, é com o *binóculo* que ele *vê* os *olhos* de sua namorada, pois “Clara estava diante das lentes!”⁴⁸⁴.

Clara é o nome da namorada de Natanael; Claire Lenoir usa óculos, é cega e vidente; o professor Spalanzani “tem o mesmo nome do célebre naturalista”⁴⁸⁵ italiano, que é o “mestre

⁴⁸⁰ E. T. A. Hoffmann, *Contos fantásticos*, p.118.

⁴⁸¹ *Idem*, p.126.

⁴⁸² *Idem*, p.134.

⁴⁸³ *Idem*, p.142.

⁴⁸⁴ *Idem*, p.145.

⁴⁸⁵ *Idem*, p.125.

bem-amado”(p.49) de Bonhomet. Coincidências? Talvez. No entanto, a mim parece que não é apenas Allan Poe que inspirou a ambientação da novela de Villiers. Em *A Eva futura*, Alicia, modelo para o corpo de Hadaly, observa que a misteriosa personagem Sowana tem seus olhos “quase sempre fechados, a tal ponto que a cor deles permanece desconhecida. No entanto, ela vê muito bem!”⁴⁸⁶. E Edison abre um cofre para tirar dali uma caixa cheia de olhos, cujo “interior da estranha caixa pareceu lançar inúmeros olhares para o jovem lorde”⁴⁸⁷.

Certamente que Hoffmann tinha quase que uma obsessão pelo *olhar*. Todorov vê isso no conto “A princesa Brambilla”, que “não é o único conto de Hoffmann em que o olhar é predominante: somos invadidos literalmente, em sua obra, por microscópios, binóculos, olhos falsos e verdadeiros, etc.”⁴⁸⁸.

De fato, entre outros contos de Hoffmann, “A casa deserta”, um dos mais conhecidos, o olhar joga também um papel importante. Dessa vez, o personagem fixa o seu olhar na janela de uma casa, por conta de uma bela *imagem* que ele vê da rua, munido de um espelhinho de bolso para poder *olhar* disfarçadamente.

Em Villiers há um predomínio semelhante do olhar: nos óculos de Claire, de cor *azur*, cor do ideal; no microscópio do Dr. Bonhomet, com o qual ele adentra o mundo dos sonhos; nas lentes, lupas e, claro, no oftalmoscópio, instrumento que Hoffmann não conheceu, através do qual o doutor vê a *visão* de Claire. Ademais, em *Claire Lenoir* há mais de sessenta ocorrências da palavra *olhos*.

Mas ainda há outras pequenas conexões entre Hoffmann e Villiers que vale mencionar. O “Turco falante” do conto “Os autômatos”, de Hoffmann, é um autômato recheado de engrenagens movido à corda, mas ao mesmo tempo um sinistro adivinho. Hadaly, em *A Eva futura*, é também uma peça mecânica cheia de engrenagens movida à eletricidade, mas sua

⁴⁸⁶ Villiers de L’Isle-Adam, *A Eva futura*, p.355.

⁴⁸⁷ *Idem*, p.282.

⁴⁸⁸ T. Todorov, *Introdução à literatura fantástica*, p.131.

independência enquanto criatura se dá pelo ‘espírito’ de Sowana. Mas as semelhanças acabam por aí. Em Hoffmann os autômatos são autômatos, em Villiers, a Eva é uma mulher belíssima, inteligente e muito superior às de carne e osso.

Em “Haimatocare”, de Hoffmann, conto epistolar, tal como “O homem da areia”, em que dois naturalistas amigos, “ligados estreitamente pela ciência e por pesquisas análogas”⁴⁸⁹, vão juntos para um lugar chamado Hanaruru de O-Wahu, domínio do rei Teimotu. Ali, os dois naturalistas, Menzies e Broughton, encontram um inseto desconhecido que um deles batiza de *haimatocare*, e se desentendem por conta do mérito e da posse do mesmo, culminando o desentendimento num duelo onde ambos morrem. É claro neste conto o que a ciência pode fazer: levar ao ódio e à morte dois velhos amigos. — Visão da ciência que Villiers compartilharia de bom grado.

Mas além de mostrar um malefício da ciência e culminar com a morte, o conto tem ao fim algum humor: a mulher do rei Teimotu, a rainha Cahumaru, que se apaixonara por Menzies, para “honrar a memória do saudoso homem, (...) enterrou no traseiro um grosso dente de tubarão, e ainda agora está sofrendo de graves padecimentos em conseqüência da ferida”⁴⁹⁰. Humor em tom burlesco semelhante ao que se encontra em *Claire Lenoir*.

E esse rei Teimotu, de Hanaruru de O-Wahu, lembra o herói de “O navegador selvagem”, de *Histórias insólitas*, chamado Tomolo Ké Ké, assim como vagamente aquele rei das Ilhas Honolulu e Moo-Loo-Loo que deu passaporte tatuado nas costas de Bonhomet, o “Zouézoué-Anandézoué-Rakartapakoué-Boué-Anazenopati-Abdoulrakam-Penanntogômo V” (p.83).

Parte do imaginário de Villiers pode então proceder do pai da literatura fantástica. Os autômatos de rostos de cera de Hoffmann podem bem estar na origem de Hadaly, assim como suas *oculares* histórias fantásticas podem ter sugerido à imaginação fértil de Villiers os *olhos*, a *vidência* e a *imagem* de

⁴⁸⁹ E. T. A. Hoffmann, “Haimatocare”, in A. B. Hollanda, P. Rónai, *Contos Alemães*, p.34.

⁴⁹⁰ *Idem*, p.43.

Claire Lenoir. Mas não apenas isso. A novidade da escritura de Hoffmann, assim com também de Poe, estava naquela racionalidade — pseudofilosófica ou pseudocientífica que seja, mas ainda assim racionalidade — onde a lógica de idéias estranhas, de princípios complicados, bizarros e fantásticos, era apresentada com toda seriedade ao leitor, e, no conjunto, *fazia pensar*.

Hoffmann mesmo tinha muito em comum com Villiers. Ele também um inadaptado, freqüentador de cervejarias, noturno boêmio, amante da música e de “amigos imaginários”⁴⁹¹. Mas que mesmo assim — para desgosto de Goethe⁴⁹² — tornou-se um dos maiores representantes da literatura alemã no mundo, e na França primeiramente, desde a década de 1830.

Suas edições na França tiveram uma popularidade incrível, “ocupam um lugar na história das letras francesas”⁴⁹³, dirá José Lambert. De 1830 a 1833 saem, pelo editor Renduel, vinte volumes de suas *Oeuvres complètes*⁴⁹⁴, sendo que em 1832 já estava na segunda reimpressão os *Contes fantastiques*, que conformam os quatro primeiros volumes.

Sendo então essas obras muito lidas e que de Hoffmann surge o gênero *conto*, e é imitado absurdamente, não é de se descartar, nem de se estranhar, que tenha também marcado Villiers em sua juventude, durante seu período de intensas leituras dos escritores alemães, por volta de 1856/8, quando a fama de Hoffmann estava já inquestionavelmente bem assentada em solo francês.

E no conjunto a obra de Villiers tem inegavelmente um *sabor* de Hoffmann e Poe, e a estes está ligado o personagem

⁴⁹¹ E. T. A. Hoffmann, “Até que o olho me chame (Gluck)”, in *O castelo mal-assombrado*, p.53.

⁴⁹² É notório o fato de que Goethe não gostava de Hoffmann, e que para ele a fama deste “doente”, desprestigiava a literatura alemã. Conf., por exemplo, *Gigantes da literatura universal 23 – Edgar Poe*, p.103.

⁴⁹³ J. Lambert, *Introduction*, in E. T. A. Hoffmann, *Contes fantastiques*, p.8.

⁴⁹⁴ Esta edição das obras de Hoffmann, como já mencionei, é prefaciada pelo tradutor Loève-Veimars e possui uma introdução de Walter Scott. Conf. E. T. A. Hoffmann, *Contes fantastiques*, pp.7-55.

Tribulat Bonhomet. Assim a vê o primo Robert: “Entre essas criações que parecem sair dos sonhos de Hoffmann, de Edgar Poe ou do decano Swift, o preferido de Villiers foi sempre o ilustre Tribulat Bonhomet”⁴⁹⁵. Porém, vale uma lembrança de F. Clerget: “Eis o que o coloca longe de Hoffmann e mesmo de Poe: os meios são quase sempre comparáveis, a causa e o objetivo quase nunca o são”⁴⁹⁶.

Outras heranças

Mesmo que se leve em consideração a afirmativa de R. de Gourmont, de que Villiers “lia mais na sua imaginação do que nos livros”⁴⁹⁷, não se pode esquecer que na sua juventude foi um grande leitor e ainda que manteve uma relação bastante estreita com Gautier e principalmente com Baudelaire. Havia entre eles uma admiração recíproca. A primeira edição do drama *Elèn*, 1865, tem uma epígrafe de Gautier, a segunda, de 1866, além da epígrafe, é dedicada a ele. Além disso, como foi dito na Introdução, Villiers foi noivo de Estelle, filha de Gautier, por um ano e era muito bem recebido em sua casa. E Gautier era um apaixonado admirador de Hoffmann, além de um querido amigo de Baudelaire, o que deve ter influído sobre o jovem Mathias.

Aliás, Villiers herdou também alguma coisa de Gautier. Ainda que seja uma lenda bastante antiga, *O velho da montanha*, o livro inacabado de Villiers, possivelmente tenha origem na parte II de “O clube dos haxixins”, onde há um resumo da seita dos assassinos⁴⁹⁸. Além disso, pode-se notar aqui e ali algumas reminiscências de leituras de Gautier, como no conto “É de se confundir”:

Algum tempo depois, pelos
bulevares, o tempo me pareceu mais
encoberto, sem horizonte. Os arbustos,
esqueléticas vegetações, passavam a

⁴⁹⁵ R. Pontavice de Heussey, *Opus cit.*, p.239.

⁴⁹⁶ F. Clerget, *Opus cit.*, p.115.

⁴⁹⁷ R. Gourmont, “Un carnet de notes sur Villiers de L’Isle-Adam”, p.15.

⁴⁹⁸ T. Gautier, *O clube dos haxixins*, p.85.

impressão de, com a ponta de seus braços negros, indicar vagamente os pedestres aos ainda sonolentos agentes de polícia.

O carro apressava-se.

Os transeuntes, através do vidro, passavam-me a idéia de água que se escorre.⁴⁹⁹

Do conto “O cachimbo de ópio” de Gautier:

(...) o céu era muito baixo, cor de chumbo, e uma interminável procissão de pequenas árvores franzinas corria, em sentido inverso da carruagem, dos dois lados do caminho; dir-se-ia um exército de cabos de vassoura em debandada.

Nada era tão sinistro quanto essa imensidão cinzenta que a fina silhueta das árvores riscava de negras hachuras.⁵⁰⁰

E que talvez venha de G. Nerval, de uma de suas *Odelettes*:
“Le réveil en voiture” (“O despertar no carro”):

Eis o que eu vi: As árvores no meu caminho

Fugiam confusas, como um exército em debandada,

E abaixo de mim, atingido por ventos revoltosos,

O solo girava ondas de gleba e calçadas!⁵⁰¹

Nas três passagens o narrador está dentro de um carro e vê de modo distorcido o que se passa pelo lado de fora. A diferença é

⁴⁹⁹ Villiers de L’Isle-Adam, *Flores fúnebres e outros contos cruéis*, p.27.

⁵⁰⁰ T. Gautier, “O cachimbo de ópio”, in *Antologia nefelibata de contos fantásticos*, p.82.

⁵⁰¹ G. Nerval, *Poésies*, p.28 [Voici ce que je vis : Les arbres sur ma route / Fuyaient mêlés, ainsi qu’une armée en déroute, / Et sous moi, comme ému par les vents soulevés, / Le sol roulait flots de glèbe et de pavés !]

que Nerval e Gautier estavam sonhando, Villiers estava acordado! mas nem por isso é menos onírico em sua “impressão”.

E de Gautier chegamos a Nerval. Encontramos uma aproximação com ele em um poema em prosa de Villiers intitulado “El desdichado”, publicado em *La Lune*, em agosto de 1867, que mais tarde terá uma segunda versão alongada, em forma de conto, com o título “Lembranças ocultas”, incluído nos *Contos cruéis*. Exatamente com o mesmo título, “El desdichado”, e tema semelhante, é o primeiro poema de *As Quimeras* (1854) de Nerval — “gênio-irmão de Villiers”⁵⁰², dirá André Lebois.

Para encerrar este ponto, cumpre lembrar que o livro de William Beckford, *Vathek, conte arabe*, teve a primeira edição, em Paris, no ano de 1787. E, para além da fama que obteve, posteriormente em uma das suas reedições, em 1876, foi prefaciado pelo mui querido amigo de Villiers, Stéphane Mallarmé. Um longo prefácio — de 40 páginas — que foi editado por conta do próprio Mallarmé. Se Villiers não leu, seja a obra seja o prefácio de seu amigo, no entanto, é muito certo que conversou com o prefaciador sobre ambos. Ou seja, *Vathek* não era uma obra estranha para Villiers, e é possível que, como os autores mencionados acima, Beckford tenha deixado alguma impressão sobre ele. Aliás, Villiers também escreveu um conto árabe, à sua maneira, claro, o *Akëdysséiril*, além do inacabado *O velho da montanha*.

* * *

Esta digressão acerca dos influxos que Villiers poderia ter sofrido, se por um lado pode não ser certa — no geral são influências distantes —, por outro, demonstra visivelmente sua proximidade com autores de literatura pós-romântica e fantástica. E a menção a estas aqui se justifica por si mesmo. Se Villiers não era nada fiel às epígrafes que punha nos seus contos — como se verá —, é difícil aceitar que pudesse ser seriamente influenciado por algum autor. As idéias lhe ficavam na memória, na sua prodigiosa memória, mas completamente pervertidas pela sua imaginação criadora.

⁵⁰² A. Lebois, *Opus cit.*, p.33.

Dentre essas proximidades, porém, é deveras importante a que tem com dois dos principais autores de *contos fantásticos*: Hoffmann e Poe. Pois são estes justamente aqueles mais próximos de uma prosa reflexiva, ou seja, que *fazem pensar* e que despertam aquelas *impressões intensas, desconhecidas e sublimes*, que, mais uma vez, é o que faz o verdadeiro artista segundo Villiers.

3.2 - REALIDADE E FICÇÃO

Das maneiras com que Villiers lida com o real

Parece haver dois movimentos na escrita de Villiers que vão contra o real. Primeiro aquele de Axël e de lord Ewald, que é de um romantismo exacerbado. Axël, respondendo às palavras de Sara: “Vem, eis a terra! vem viver!”, diz “Viver? Os criados farão isso por nós”⁵⁰³. Em *A Eva futura*, lord Ewald entrega-se ao ideal de uma mulher perfeita e artificial, a andróide Hadaly. Pode-se acrescentar a isso também a decisão do conde de Athol, de “Véra”, de viver isolado no seu casarão, cultuando o *fantasma* de sua falecida esposa.

O segundo movimento é aquele da inserção de uma ciência *nonsense*, por exemplo, em “O aparelho para a análise química do último suspiro”, “O tratamento do doutor Tristan”, “O heroísmo do doutor Hallidonhill”, “O cartaz celeste”, “A máquina da Glória”, etc., onde, segundo Huysmans: “Toda a imundície das idéias utilitárias contemporâneas, toda a ignorância mercantil do século, eram glorificadas em textos cuja pungente ironia arrebatava des Esseintes”⁵⁰⁴.

Nesses dois movimentos se encontram as suas duas *faces*: a do idealista e a do irônico, lançando-se contra a realidade. No entanto, esses movimentos podem com frequência ocorrer juntos. *A Eva futura* tem uma dupla dedicatória: *Aos sonhadores* e *Aos zombadores*. Essa duplicidade acontece também em *Claire Lenoir*. A filosofia idealista hegeliana de Lenoir e o cristianismo de Claire fazem parte do primeiro movimento, de negação do real; enquanto o positivismo e cientificismo de Bonhomet é o lado irônico de Villiers, a *zombaria* contra seus *ilustres contemporâneos*, aos quais, aliás, a novela é dedicada.

No primeiro movimento, Villiers cria personagens que de algum modo negam a vida ordinária, a realidade e até mesmo a própria vida. No segundo, são personagens que louvam a realidade desprezada por ele, são, digamos, alter-egos às avessas.

⁵⁰³ Villiers de L'Isle-Adam, *Axël*, p.198/9.

⁵⁰⁴ J.-K. Huysmans, *Opus cit.*, p.226.

E o Dr. Bonhomet é o caso exemplar e seu personagem mais popular nesse sentido. Representa tudo aquilo que Villiers odiava: o pensamento cientificista e o gosto burguês pela superficialidade — mas também, em parte, o pensamento do próprio Villiers.

Se nas outras duas obras maiores, *Axël* e *A Eva futura*, os personagens são representantes simbólicos da evasão, de uma espécie de idealismo, em *Claire Lenoir* o personagem principal é representante da negação da evasão, é um anti-idealista, mas ao mesmo tempo é aquele que comprova ‘cientificamente’ um *além*, ou seja, a obra ainda privilegia uma evasão através do personagem Bonhomet. Ademais, na novela, a discussão sobre o real, sobre a realidade de uma visão, sobre o além-túmulo, alia-se à prova científica do Dr. Bonhomet.

Nesses dois movimentos, onde idealismo, anti-idealismo, evasão, cientificidade e a própria realidade são tematizados, o elemento fantástico faz presença, ora voltado para uma literatura de “fuga” ora voltado para a zombaria.

Real ficcionado e realidade da ficção

É perceptível na obra de Villiers o quanto ele considerava a ciência como algo cruel. Isso que ele deixa transparecer em escritos como “O heroísmo do doutor Hallidonhill”, “O tratamento do Dr. Tristan”, “O segredo do patíbulo” ou ainda em *Claire Lenoir*: “A Ciência, a verdadeira Ciência, é inacessível à piedade: onde estaríamos nós sem isso?” (p.57), diz o Dr. Bonhomet ao falar da infelicidade do casal Lenoir.

Mas vejamos como exemplo “O heroísmo do doutor Hallidonhill”: — conto dos mais insanos do livro *Histórias insólitas* — a história começa como se fosse uma notícia de jornal, sobre o “insólito caso do doutor Hallidonhill”, médico inglês que foi a julgamento em Londres. Villiers narra o caso: um dia em que, como sempre, a sala de espera do médico especializado em doenças do peito encontrava-se lotada de pacientes, com “seus tickets de ordem na mão”⁵⁰⁵, adentra em seu gabinete “uma espécie de esqueleto comprido”. É um homem

⁵⁰⁵ Villiers de L’Isle-Adam, *Oeuvres complètes*, vol. II, p.258.

muito mal do pulmão. Vendo que não poderia fazer nada por ele o médico pergunta: “Sois rico?”; “Ar-qui-mi-lionario!”, responde o paciente. O doutor Hallidonhill então o manda imediatamente para Nice, no mediterrâneo francês, e lhe receita: “Ali, seis meses de agrião, dia e noite, sem pão, nem vinho, nem frutas, nem carnes. Uma colher de água da chuva bem iodada duas vezes ao dia. E agrião, agrião, agrião”⁵⁰⁶, e o dispensa.

Seis meses depois, invade o gabinete do doutor “um tipo gigante de voz formidável e alegre” que o doutor custa a reconhecer: “O quê! esse aí é o moribundo que...”⁵⁰⁷. Sim, era o homem que ele considerou incurável. Então, tomado pela *vontade de saber*, o doutor, “sacando do bolso um pequeno revólver *bulldog*, descarrega-lhe duas vezes, muito rápido, sobre a artéria da têmpora esquerda”⁵⁰⁸. E, ato contínuo, pegando seu bisturi, abre-lhe o peito e retira-lhe os pulmões para examinar.

Obviamente, “sua liberdade sendo mais útil que sua detenção”, o médico foi absolvido, pois: “os ingleses são gente que compreendem, como nós, *que o amor exclusivo pela Humanidade futura, em perfeito desprezo pelo Indivíduo presente, é em nossos dias o único móvel que deve inocentar até mesmo os magnânimos exageros da Ciência*”⁵⁰⁹.

Esta mesma crueldade científica está presente no Dr. Bonhomet, o assassino de cisnes, quando ele tenta curar o Dr. Lenoir de seu vício pelo rapé com “nitrito de prata, açúcar de alcaçuz, cloroborato de ‘mercúrio’, carvão de pedra, fósforo de cálcio, raspa de sapatos velhos, soda cáustica, pólvora e mil outras drogas inofensivas” (p.163). Não se trata aqui apenas de humor, mas principalmente da perspectiva em que Villiers tinha a ciência. Ou ainda quando o Dr. Bonhomet hesita tocar no cadáver de Claire porque ela era mulher de recursos, “se fosse de meu conhecimento que a querida senhora tivesse sido apenas uma necessitada, uma pobre — meu Deus! mesmo uma trabalhadora —

⁵⁰⁶ *Idem*, p.259.

⁵⁰⁷ *Idem*, p.260.

⁵⁰⁸ *Idem*, p.261.

⁵⁰⁹ *Idem*.

escusado será dizer que nunca a idéia de hesitar teria me ocorrido” (p.197); porque “ninguém ignora que esta formalidade científica”, o tocar nos cadáveres “— assim como muitas outras ainda mais íntimas — se pratica a cada dia e a toda hora na Europa, em uma média de pelo menos cinquenta a sessenta mil cadáveres femininos — (pertencentes à classe necessitada, é verdade) — nos anfiteatros, morgues, hospícios, etc.”(p.195).

É contra essa prepotência da ciência, que tudo quer ver, tocar, conhecer, que Villiers toma guarda. No entanto, é a partir dessa mesma ciência, pela qual paradoxalmente ele nutria um grande interesse, que surge uma de suas principais obras, *A Eva futura*. Ele transforma o cientista Thomas Edison em personagem idealista, o fabricante de uma mulher perfeita, movida à eletricidade; assim como transforma o positivista Bonhomet — o fisiólogo especialista em infusórios que, munido de seu microscópio, adentra o *mundo dos sonhos* — numa testemunha *ocular* de um *além* e da materialidade de uma *visão*.

* * *

Segundo seu primo, mais ou menos por volta de 1876, Villiers teria visto em um restaurante certo jovem inglês, acompanhado de um funcionário da embaixada, que “era tristemente belo”, e “com o entusiasmo que lhe era habitual” Villiers disse: “me apercebi imediatamente que ele trazia na expressão dos olhos essa melancolia grave e altiva cuja sombra atesta sempre um desespero”. Este homem chamava-se lord E. W., e logo em seguida toda a Paris falaria dele:

Ele se matou muito friamente alguns dias depois do seu encontro com Villiers; encontrou-se estendido ao seu lado, numa toailete suntuosa e manchado de sangue, um manequim, confeccionado admiravelmente, representando uma mulher: o rosto de cera, modelado por um grande artista, era a esfinge de uma moça de Londres, muito conhecida por sua

fulgurante beleza e que havia sido noiva do nobre lorde excêntrico.⁵¹⁰

Uma versão do motivo do suicídio foi contada depois, no mesmo restaurante, pelo funcionário da embaixada a um grupo de comensais, entre os quais estava Villiers: o tal lorde “adorava o corpo dessa moça”, era obcecado por ele, por sua beleza, “mas tinha horror de sua alma, de seu espírito”⁵¹¹. Não suportando isso, ele se matou.

Um dos comensais, um engenheiro americano, disse:

“— Eu lamento que vosso amigo não tenha se endereçado a mim, eu talvez lhe tivesse curado.

— Vós, como?

— By God! colocando na boneca a vida, a alma, o movimento e o amor.

A assembléia era muito cética em matéria de milagres; todo mundo se pôs a rir, exceto Villiers, que parecia absorto na confecção de seu cigarro.

— Podeis rir, *estrangeiros*, disse seriamente o americano, tomando seu chapéu e sua bengala, mas meu mestre Edison logo vos provará que a eletricidade é tão potente quanto Deus!

E ele saiu.”

Desses fatos e dessa conversação noturna nasceu uma das obras mais originais deste fim de século: *A Eva futura*.⁵¹²

Essa narrativa de Robert, apesar de muito coerente, parece ser mais uma invenção de Villiers do que um fato. A inspiração de *A Eva futura* parece ter origem na sua viagem a Londres para o malgrado projeto de casamento com a irlandesa Anna Eyre

⁵¹⁰ R. Pontavice de Heussey, *Opus cit.*, p.169.

⁵¹¹ *Idem*, p.170

⁵¹² *Idem*, p.170/1.

Powell. Pois se o médico do hotel d'Orléans, que inspirou Dr. Bonhomet, parece ter existido, desse lorde E. W. não há nenhuma outra referência além desta mencionada. Revela com isso, no entanto, uma deliberada intenção de Villiers em não aceitar limites entre realidade e ficção, intenção na qual ele baseava quase todos os seus escritos. E deixa evidente o teor de sua imaginação, mescla de realidade e sonho.

E se essa história não é verídica — apenas o primo Robert deu ouvido a tal episódio — é que tais mistificações vinham dele mesmo. Ele costumava inventar histórias momentâneas para saborear o efeito sobre o ouvinte, e depois, às vezes, escrevia. Contudo, nessas conversas com amigos, nem sempre era assim, pois, segundo R. de Gourmont: “quando ele expressava sua idéia, expressava sempre como se estivesse só”⁵¹³, e Rodenbach: era “a fim de excitar a si mesmo e de provocar o que se poderia chamar a inspiração da palavra”⁵¹⁴. Um modo de auto-inspiração. Outros modos seriam aqueles comuns, que Villiers também buscou: o álcool — especialmente vinho e absinto — e o tabaco, mencionados por Rodenbach. E possivelmente também o haxixe e o ópio.

Por outro lado, essa bela mulher, da qual o lorde inglês “tinha horror de sua alma”, pode muito bem ser Marie-Dantine, que por essa época já idolatrava Villiers. Aliás, mistificação sobre ela não faltava na imaginação do poeta. Quando seu filho nasce, ele conta que fora deixado numa cestinha na porta da sua casa e que era filho de uma legítima princesa com a qual ele teve uma relação passageira. Além disso, Marie-Dantine, como muitas vezes ele disse no início de seu relacionamento, era apenas sua criada.

P.-G. Castex sugere em uma nota de rodapé que talvez o nome do lorde Ewald, conde Celian Ewald, para quem Edison fabrica a *Eva*, pode ser um anagrama do nome de Villiers: “Celian

⁵¹³ F. Clerget, *Opus cit.*, p.124; citando R. Gourmont, *La culture des idées*. Paris, Mercure de France, 1900.

⁵¹⁴ G. Rodenbach, *Opus cit.*, p.83.

Ewald dá *Willie de liçle adan*”⁵¹⁵. Sutil maneira de se incluir na própria obra.

Incongruências e repetições

Outro elemento nada realista em Villiers é a sua imprecisão e anacronismo histórico. Ainda que procurasse fazer estudos da história para muitos de seus contos, há incongruências que, se não forem propositais, deixam transparecer uma enorme indiferença para com a veracidade dos fatos.

Em *Axël* a Floresta Negra está situada no “leste da Alemanha setentrional”, quando, segundo a tradutora S. Stroparo, “na verdade, se localiza na Alemanha Meridional”⁵¹⁶. Em “A impaciência da multidão”, conto que se passa em Esparta, Villiers junta dois personagens históricos em um único: um soldado de Maratona e um “desertor espartano”⁵¹⁷. O “venerável Pedro Arbuez d’Espila, sexto prior dos dominicanos de Segóvia, terceiro Grande-Inquisidor da Espanha”⁵¹⁸, do conto “A tortura pela esperança”, jamais foi prior dos dominicanos, nem grande inquisidor, e morreu antes de Torquemada, “primeiro titular deste posto”⁵¹⁹.

Um de seus últimos contos, “As filhas de Milton” — para a composição do qual Villiers leu obras sobre a vida do poeta inglês — há algumas notáveis incongruências, mesmo contando com a ajuda do dedicado bibliotecário R. de Gourmont: Milton tinha três, não duas filhas como mostra a narrativa de Villiers; não teve nenhuma filha de nome Emma; teve uma que de fato chamava-se Deborah, mas “na época em que se passou o incidente”, da cegueira, que fazia com que o poeta ditasse para suas filhas, “a mãe estava morta há uma dezena de anos e Deborah estava longe de ter os vinte anos que ela se dá”⁵²⁰ na história.

⁵¹⁵ P.-G. Castex, *Opus cit.*, Chap.VII, p.364, nota 44.

⁵¹⁶ Villiers de L’Isle-Adam, *Axël*, p.10.

⁵¹⁷ P. Alphen, “Notas”, in Villiers de L’Isle-Adam, *Contos cruéis*, p.94.

⁵¹⁸ Villiers de L’Isle-Adam, *Flores fúnebres e outros contos cruéis*, p.15.

⁵¹⁹ Villiers de L’Isle-Adam, *Oeuvres completes*, vol. II, p. 1294.

⁵²⁰ *Idem*, p.1622.

Pode-se ainda acrescentar as inúmeras citações errôneas que Villiers usa como epígrafe. Por exemplo, em “O tratamento do Doutor Tristan”, a epígrafe *Fili Domini, putasne vivent ossa ista?*⁵²¹ (Filho do senhor, pensas tu que essas ossadas possam reviver?) é atribuída a Isaías, mas esse versículo é na verdade de Ezequiel (37,3). Em “Lembranças ocultas”, a epígrafe atribuída a Edgar Poe, é com certeza citada de memória, pois não corresponde à tradução de Baudelaire, que Villiers leu, nem ao original inglês, que provavelmente ele não conhecia.

A epígrafe do Capítulo XV de *Claire Lenoir*, atribuída a Honoré de Balzac — do conto fantástico “O elixir da longa vida” — é muito distinta do original. Na epígrafe: “A Morte é mulher — casada e fiel ao gênero humano. — Onde está o homem que ela enganou?” (p.163); na obra de Balzac, apresentado no comentário das obras completas de Villiers: “A morte é tão repentina nos seus caprichos quanto uma cortesã nos seus despezos; muito mais fiel, ela jamais enganou alguém”⁵²².

Esses aspectos, e aqui citei apenas alguns, mostram o quanto Villiers era despreocupado com a verdade, malgrado seus estudos, parece que a realidade e a imaginação lhe eram semelhantes. É uma de suas maneiras — inatas, vê-se por sua biografia — de mesclar a vida e a ficção.

Com relação à novela *Claire Lenoir* há elementos que se repetirão na escrita de Villiers e que vale mencionar rapidamente. Por exemplo: o espelho; frases, expressões e epígrafes repetidas; a degola.

Quando o Dr. Bonhomet chega à casa dos Lenoir e o criado o deixa só na sala de jantar, há ali “um espelho profundo e límpido” (p77). Esse espelho irá aparecer em outros escritos posteriores como *visão* indireta (ou de si mesmo) do narrador. Em “O desejo de ser um homem”, o ator Chauvdal encontra-se consigo mesmo diante de um espelho na calçada de uma loja, um “espelho lívido e lunar”⁵²³, que dá origem à sua decisão de *ser um*

⁵²¹ Villiers de L’Isle-Adam, *Flores fúnebres e outros contos cruéis*, p.43.

⁵²² Villiers de L’Isle-Adam, *Oeuvres complètes*, vol. II, p.1182.

⁵²³ Villiers de L’Isle-Adam, *Contos cruéis*, p.51.

homem. Em “Catalina”, o desfecho da história se dá no reflexo de um espelho, “no espelho deste velho guarda-roupa”⁵²⁴. Ou ainda em “Os fantasmas do Sr. Redoux” há um espelho ao fim do conto, onde Redoux se percebe, após o susto que levou, “envelhecido dez anos”⁵²⁵.

Em *Claire Lenoir*, a epígrafe do Capítulo VI, “Tu te calarás, ó voz sinistra dos vivos!” de Leconte de Lisle, é a mesma do capítulo V, do livro primeiro, de *A Eva futura*. E a epígrafe do Capítulo XVII, de Shakespeare, “Existem mais coisas no Céu e na Terra, Horácio, do que pode sonhar toda a vossa filosofia”, é a epígrafe do capítulo XIII do livro sexto, também de *A Eva futura*. O nome da embarcação em que Bonhomet atravessa o Canal da Mancha, no Capítulo II, o *Wonderful*, é exatamente o mesmo em que lorde Ewald atravessa o Atlântico, no capítulo XV do livro sexto, em *A Eva futura*. A passagem em que Bonhomet, seguindo Claire, foge do quarto onde se encontrava o cadáver de Lenoir, no Capítulo XVI: “pisando de quatro em quatro os degraus — como se diz, sem perder tempo em ociosos comentários” (p.169), tem uma variação semelhante em “Catalina”, quando o narrador foge do hotel — seguindo Catalina — ele diz: “Sem perder tempo em ociosos comentários, nos precipitamos para fora”⁵²⁶. A citação de Lactancio de Claire, no Capítulo VII, “*Pulcher hymnus Dei homo immortalis*” (p.95), é a mesma citada pelo Arcediago a Sara, na primeira parte de *Axël*⁵²⁷.

A degola, que será uma das obsessões de Villiers, a maior talvez, encontra-se também em muitas narrativas e sob diversas perspectivas. A cabeça de sir Henry Clifton dependurada nas mãos de um Otyssor será a primeira que Villiers arrancará.

Cronologicamente, depois da publicação de *Claire Lenoir* na *Revue des Lettres et des Arts*, nos *Contos cruéis* (1883) aparece “O conviva das últimas festas”, onde um personagem misterioso, o barão Von H***, revela-se como sendo um

⁵²⁴ Villiers de L’Isle-Adam, *Oeuvres complètes*, vol. II, p.65.

⁵²⁵ *Idem*, p.268.

⁵²⁶ *Idem*, p.67.

⁵²⁷ Villiers de L’Isle-Adam, *Axël*, p.33.

milionário louco fascinado pela tortura e pela morte, que viaja pela Europa pagando para ocupar o lugar dos carrascos nas execuções.

No livro *O Amor supremo* (1886) estão os contos “O segredo do patíbulo” — aqui já mencionado — e “O Instante de Deus”. No primeiro, há uma longa consideração ‘científica’ sobre o que poderia sentir, *se* poderia *sentir*, uma cabeça recém degolada. No segundo, de algum modo uma variação do conto anterior, apresenta-se a estranha idéia de que um padre poderia dar a absolvição a uma cabeça degolada, supondo aí que o degolado tenha se arrependido de seus crimes e que ainda tenha consciência de si.

Em *Histórias insólitas* (1888), há outros dois contos com degolas e guilhotinas. Em “Esse Mahoin!”, Villiers narra a história de um bandido que após uma série de crimes é preso e ao ser levado à morte, percebe, por trás do patíbulo, uma infinidade de cabeças que o olham (a multidão de cidadãos que veio para vê-lo) e, como numa alucinação, toma-as por decapitadas. E morre então assustado, de boca aberta. No conto “Os Fantasmas do Sr. Redoux”, um simples burguês de Paris, em viagem de negócios a Londres, visita um museu de cera e para se divertir, na hora de fechar, esconde-se dos funcionários do museu. Sozinho, numa sala repleta de figuras de antigos reis, ele decide subir no patíbulo da guilhotina que serviu para a execução do rei francês Louis XVI. Para experimentar a mesma sensação que o rei poderia ter experimentado, ele se deita e coloca o pescoço na meia-lua do estrado; a parte superior desce e lhe tranca a cabeça. Desesperado, com pavor de que a lamina também descesse, ele desmaia.

Em *Aos passantes* (1890), há um dos contos mais curtos e mais bizarros de Villiers, “O espantoso casal Moutonnet”. O Sr. Thermidor Moutonnet vai ao escritório de um amigo que trabalha no judiciário para pedir, implorando, que coloque o nome de sua mulher na lista para ser guilhotinada. O amigo, considerando que ele, ou está bêbado ou enlouqueceu, nega categoricamente. Trinta anos depois o casal permanece unido e é “o mais perfeito, o mais doce, o mais fervoroso de todos aqueles que o amor passional enlaçou”. E o segredo desse casal perfeito é que o marido

imaginava a esposa, à noite, na cama, “*sem cabeça*”, e isso o “embriagava”. E ela, por sua vez, guardava também o segredo de que ele um dia havia lhe querido cortar o pescoço, pois ela havia sabido, e pela posse desse segredo sentia-se feliz. “Assim, o caso de insanidade sensorial de um ganhou o outro, pelo negativo”, e “assim viveram, enganando-se um ao outro (e um pelo outro) com esse detalhe tolo e monstruoso”⁵²⁸. Na mesma obra há também uma espécie de artigo intitulado “O Realismo na pena de morte”, em que Villiers se coloca contra a retirada do patíbulo e do uso da guilhotina no chão. Pois isso, segundo ele, dificultava as pessoas de verem a execução e diminuía o teatro da justiça.

Um último aspecto relacionado à escrita de Villiers me parece ainda importante mencionar. Pois serve para distanciar o leitor da vida ordinária. É outro aspecto que talvez ele também tenha herdado do romantismo. Certo gosto pelo subterrâneo, pelos locais distantes e solitários.

Axel de Auersperg vive isolado em um “castelo muito antigo”⁵²⁹ no meio da Floresta Negra; a primeira parte do livro se passa em um monastério; a quarta parte na “galeria de sepulturas sob as criptas do burgo de Auersperg”⁵³⁰. O conde de Athol, em “Véra”, mora em “uma vasta mansão senhorial, cercada de jardins seculares”⁵³¹. O duque, em “Duke of Portland”, é o habitante solitário de um “maciço castelo de ameias, construído em eras antigas no centro de jardins escuros e gramados arborizados”⁵³². No conto “A tortura pela esperança”, a história se passa no calabouço de um subterrâneo da inquisição, em Saragoça. Em “Lembranças ocultas” há “galerias subterrâneas de acessos perdidos”⁵³³ onde o herói vai saquear os túmulos. Em *A Eva futura*, “A sala onde fica Hadaly está situada bem longe no subsolo” (...) “subterrâneos bastante amplos, antigos ossuários das

⁵²⁸ Villiers de L’Isle-Adam, *Oeuvres complètes*, vol. II, p.408.

⁵²⁹ Villiers de L’Isle-Adam, *Axel*, p.10.

⁵³⁰ *Idem*, p.167.

⁵³¹ Villiers de L’Isle-Adam, *Contos cruéis*, p.75.

⁵³² *Idem*, p.68.

⁵³³ Villiers de L’Isle-Adam, *Flores fúnebres e outros contos cruéis*, p.33.

imemoriais tribos algonquinas”⁵³⁴, e lorde Ewald tem na Inglaterra um velho castelo para onde pretende levar a andróide. Em *Claire Lenoir* é notável que tanto a residência dos Lenoir em Saint-Malo, quanto a hospedaria em Digne, fica no subúrbio da cidade; e além disso, a hospedaria está vazia.

O real e o fictício em *Claire Lenoir*

O tópico da gazeta que Bonhomet encontra *vegetando* “sobre a banquetta vermelha” (p.73), acerca da impressão dos objetos na retina de um olho morto, de fato existiu; não exatamente como ele cita. Trata-se provavelmente de um texto que saiu em *Le Publicateur des Côtes-du-Nord* de 26 de setembro de 1863: “Um fotógrafo inglês, Sr. Warner, teve a idéia de reproduzir no colódio o olho de um boi poucas horas após sua morte. Examinando a prova no microscópio, ele percebeu distintamente na retina as linhas da calçada do abatedouro, último objeto que tinha afetado a visão do animal ao baixar a cabeça para receber o golpe da marreta”. E como conclusão o texto sugere que se: “se reproduz pela fotografia os olhos de uma pessoa assassinada (...) reflete-se na retina, através do microscópio, a imagem do último objeto que se apresentou diante dos olhos da vítima”⁵³⁵.

Em *O cinema e a invenção da vida moderna*, de L. Charney e V. Schwartz, consta que:

em 1870, um certo Dr. Vernois, membro da Sociedade de Medicina Legal de Paris, publicou sua teoria do *optograma*. Ao remover cirurgicamente as retinas das vítimas de assassinatos e ao examiná-las em um microscópio, os doutores Vernois e Bourion afirmaram terem descoberto a

⁵³⁴ Villiers de L’Isle-Adam, *A Eva futura*, p.178.

⁵³⁵ Villiers de L’Isle-Adam, *Oeuvres complètes*, vol. II, p.1129; e D. Grojnowski, “Sortilèges photographiques, de Villiers à Strindberg”, p.74/5.

impressão da última visão da vítima —
uma imagem de seus assassinos.⁵³⁶

L. Charney e V. Schwartz lembram a este propósito a novela de Villiers, mencionando duas autoras (Ludmilla Jordanova e Giuliana Bruno) que abordam o tema “da ‘visão sexual’ do conhecimento médico, a dissecação de um corpo de mulher por um médico homem”. E notamos que o Dr. Bonhomet *hesita* tocar no cadáver da Sr. Lenoir, o que possibilita ver nessa hesitação uma consciência por parte de Villiers do procedimento necrófilo da ciência. E, além disso, “a mulher é examinada para fornecer evidência fotográfica de sua própria culpa”⁵³⁷. Ou seja, aquilo que uma pseudociência médica propunha como meio para se descobrir o culpado por um assassinato, transforma-se, em Villiers, em meio de provar a própria culpa. “Esta cena final [de *Claire Lenoir*] une uma conjunção peculiarmente moderna entre a imagem da dissecação feminina discutida por Jordanova e Bruno e a fantasia da imagem como evidência, capturada aqui na derradeira câmara escura, um cadáver”⁵³⁸.

Parece então ter sido real o tópico (mas não o conteúdo, obviamente). E talvez seja por isso que des Esseintes diga que *Claire Lenoir* é baseada em uma “observação mais ou menos justa”⁵³⁹. Mas a seqüência, em que Bonhomet afirma conhecer o “fato até em suas particularidades aplicadas recentemente pela polícia da América do Norte” (p.75), já é um acréscimo de sua imaginação.

Por outro viés, essa mescla entre referências *reais* e *fictícias*, percorre toda a novela. Se Hegel, Cabanis e outros tantos citados, de fato existiram, ou existiam na época, não é o caso, por exemplo, do “geógrafo dinamarquês Bjorn Zachnussëm” (p.177). Esse geógrafo, informam os organizadores das obras completas, talvez seja um personagem que venha de *Viagem ao centro da terra*

⁵³⁶ L. Charney; V. Schwartz, *O cinema e a invenção da vida moderna*, p.57.

⁵³⁷ *Idem*, p.58.

⁵³⁸ *Idem*, p.59.

⁵³⁹ J.-K. Huysmans, *Opus cti.*, p.225.

de Jules Verne⁵⁴⁰. Ou seja, é entidade literária, mas é tratado — é citado! — como se fosse de fato um geógrafo real.

A bela epígrafe do capítulo III, “O que vê, em nossos olhos, vela e se esconde no fundo de nossas pupilas de argila”, é de uma personagem do próprio Villiers, Lysiane d’Aubelleynes, do conto “O Amor supremo”, mas, como informo na nota (p.69), o trecho citado não se encontra na história. O conto foi publicado, no livro de mesmo nome, em 1886, um ano antes, portanto, da edição de *Tribulat Bonhomet*. Na versão publicada na *Revue des Lettres et des Arts* esse capítulo tinha uma epígrafe de Baudelaire.

Por fim, entre outros aspectos, naquele longo parágrafo no capítulo VI em que Bonhomet se gaba de suas “viagens pelos cinco cantos do mundo”, conquanto haja referências reais, há por outro lado, uma infinidade de coisas fictícias, como o rei Penanntogômo V, “as árvores indianas” com pensamentos de Buda! os nians-nians com caudas! ou o tratado do Dr. Bonhomet, *Do girino*, que se insere e se mistura com lugares reais e entidades conhecidas.

* * *

Com Villiers parece que aconteceria o mesmo que com Randolph Carter — aquele personagem *À procura de Kadath* de Lovecraft —: acaso ele perdesse “a chave do portal dos sonhos”, também perderia a lembrança de “que a vida toda não passa de um conjunto de imagens no cérebro, entre as quais não se diferenciam as que resultam de coisas reais e as que nascem de sonhos interiores, e que não há motivo para valorizar mais umas do que outras”,⁵⁴¹.

⁵⁴⁰ Villiers de L’Isle-Adam, *Oeuvres complètes*, vol. II, p.1184.

⁵⁴¹ H. P. Lovecraft, “A chave de prata”, in *À procura de Kadath*, p. 141.

3.3 - O EXORCISMO DO REAL

Claire na teoria

Se considerarmos como *coincidência* o fato de Bonhomet ter encontrado o tópico misterioso no início da novela — mesmo aquele lhe surgindo com um “certo caráter de *a propósito*” (p.75) — e as *visões* de Claire⁵⁴² como *sugestões* devidas à culpa pelo adultério e à mística e filosófica discussão entre os três — que se encerra, não esqueçamos, com o esposo lendo a passagem do livro de Moisés sobre o adultério —, veremos que a novela não é tão extraordinária como parece à primeira vista. E ainda, Bonhomet é um angustiado, que se perturba até com a sombra de um pássaro (p.53), sofre de “um mal hereditário” (p.51), que lhe ataca no momento em que está com Claire: “O mal do qual falei me invadia” (p.187). Portanto, a imagem da visão no olho de Claire que ele vê, pode ser *sugestionado* pela carta que recebe de Londres (p.173) e pela conversa com a própria Claire. E depois: “O fato é que a pousada deserta, as velas que ameaçavam logo extinguir-se, essa idéia de aniversário e, acima de tudo, essa moribunda de luto e de óculos, começavam a obliterar a retidão de meu juízo” (p.187).

Ou seja, a novela não é tão ingênua como podemos supor de início. Estruturalmente, sob a perspectiva do sobrenatural, ela parece bastante plausível de ser explicada racionalmente, mesmo que com aquela racionalidade *hoffmannica*. Se considerarmos aquela “variedade de motivos inéditos”,⁵⁴³ que, segundo B. de Hollanda e P. Rónai, Hoffmann introduziu na literatura, percebemos que Villiers partilha de motivos semelhantes.

Mas resta um elemento na história por onde o estranho e o sobrenatural entram com mais força: o que a carta descreve a Bonhomet é o mesmo que Claire irá lhe descrever! Houve uma *transmissão do pensamento* de Bonhomet para o de Claire? Ou ela é mesmo *vidente*? E neste caso, o Dr. Lenoir, de fato, reencarnou?

⁵⁴² a primeira visão de Claire (p.169), o seu sonho com Lenoir (p.189) e sua visão final (p.193).

⁵⁴³ A. B. Hollanda, P. Rónai, *Contos Alemães*, p.8. Lembrando os motivos: “tais como casos de catalepsia, alucinação, magnetismo, hipnose, transmissão do pensamento, tratados em tom realístico”.

Acreditamos ou não? Se aqui permanecer alguma hesitação, *Claire Lenoir* então é uma obra fantástica segundo os critérios de Todorov: “A hesitação do leitor é pois a primeira condição do fantástico”; a segunda condição é que “a hesitação seja representada no interior da obra”⁵⁴⁴.

Sobre esta *representação* no interior da obra, lembramos que Bonhomet não acredita no que viu. Ele se pergunta por fim: “— Mas... então — onde estamos?” (p.201), e volta-se para o cadáver para olhar mais uma vez — pois toda e qualquer experiência científica requer que possa ser repetida — mas deixa seu oftalmoscópio cair ao ver lágrimas nos olhos de Claire. É simbólico que o instrumento científico caia de suas mãos. Sugere que a ciência perdeu? Mas se o fato estranho não pode ser comprovado mais uma vez — “a Morte começou a rolar suas sombras profundas *naqueles Olhos*” (p.201) — podemos questionar se tudo não passou de uma alucinação do próprio Dr. Bonhomet, satisfazendo assim a segunda condição do fantástico pelo critério de Todorov.

Se tomarmos a definição dada por Caillois, de “inquietude e ruptura”, parece que a novela igualmente cumpre todos os seus requisitos do fantástico. No prefácio de sua antologia, ao falar sobre a forma realista da escritura daqueles que ele considera os mestres do gênero fantástico⁵⁴⁵, Caillois diz:

Convém antes de tudo acumular as provas circunstanciais da veracidade do relato inverossímil, a tela de fundo necessária para a irrupção do Fato aterrorador, cujo herói será o primeiro a se espantar. Seu ceticismo humilhado cede ante a manifestação irrecusável. O fantástico, debilidade e castigo dos espíritos vigorosos...⁵⁴⁶

⁵⁴⁴ T. Todorov, *Introdução à literatura fantástica*, p.37.

⁵⁴⁵ “Balzac e Dickens, Gogol e Maupassant”, R. Caillois, *Antología del cuento fantástico*, p.17.

⁵⁴⁶ R. Caillois, *Antología del cuento fantástico*, p.17/8.

O tópicos da gazeta amassada e a exposição filosófica do Dr. Lenoir, principalmente, fazem a *tela de fundo* do *Fato aterrador*, do qual Bonhomet é o primeiro a se espantar, e com seu ceticismo humilhado, o que faz o vigoroso herói positivista?: “Cambaleante, os braços abertos, tremendo como uma criança, eu recuei” (p.199) e “— oh! pavor da minha vida!” (p.199).

A definição de Castex, de “invasão brutal do mistério”, também lhe serve perfeitamente. Sobre o fantástico nessa novela, Castex lembra um trecho de um dos raros artigos de crítica literária de Villiers, dedicado ao *Hamlet* de Shakespeare, onde ele fala da aparição do fantasma do pai de Hamlet. Diz Villiers:

...como os míopes não poderiam perceber espectros que apenas se agitassem nas nuvens, Shakespeare acentuou a objetividade do fantasma; exagerando a idéia, a fim que ela fosse acessível ao “Bom senso” de seus auditores. Aliás, se ele quis que Hamlet percebesse realmente a Sombra, se pensou que esse efeito dramático tocaria e agarraria a imaginação da multidão, é porque ele estava certo que cada espectador, no fantasma percebido por Hamlet, veria o fantasma que o persegue, e saberia adequar as respostas às suas questões pessoais.⁵⁴⁷

Com essa citação ele sugere que Villiers não se pretendia levar à letra: “Certamente o leitor não se deixa enganar por invenções tão laboriosas e extravagantes” — obviamente —. E acrescenta: “O essencial para ele é arrancar os espíritos de uma perigosa indiferença e de um monótono torpor, despertá-los para a perturbação e a angústia que os dispunham a fecundas reflexões”⁵⁴⁸. Castex aqui está, com certeza, pensando na divisa da *Revue des Lettres et des Arts*: *fazer pensar*.

⁵⁴⁷ Villiers de L’Isle-Adam, (“Hamlet”) *Chez les passants* in *Oeuvres complètes*, vol. II, p.429.

⁵⁴⁸ P.-G. Castex, *Opus cit.*, Chap.VII, p.354.

Mas, se por um lado o objetivo é fazer pensar, por outro: “uma vez pensado, o que é que não se torna um pouco possível no misterioso Universo?” (p.43). O ilusionista Villiers vai das coisas ao pensamento e do pensamento às coisas: “As idéias são seres vivos”⁵⁴⁹, diz o narrador em “Véra”.

Lenoir no fantástico

Considerando agora o motivo de Steinmetz em não definir o fantástico, pois os teóricos criaram um “fantástico perfeito, mas inviável”, e seguindo seu conselho — *estranhamente* semelhante aquele de Berman acerca da tradução — “É tempo de voltar à letra, ao arrepio que ela provoca, aos sonhos que ela suscita”⁵⁵⁰, vejamos o fantástico a partir de algumas idéias expostas na novela.

Uma pergunta abrupta: *o que é a realidade?*

Essa questão, que se encontra no interior da novela, leva-nos ao seu núcleo temático, ou seja, ao *fazer pensar*, que nesse caso deixa impresso na mente do leitor uma espécie de brecha no muro da realidade. Pois essa pergunta e outras semelhantes parecem fazer parte do patrimônio das dúvidas da humanidade.

A questão é antiga. O embate da época de Villiers, entre o racionalismo positivista e o desejo pós-romântico de preservar, digamos, *algo para além da matéria*, tem suas raízes teóricas na Grécia do século V antes de Cristo. De um lado Demócrito e a realidade dos *átomos*, de outro, Platão e a realidade das *idéias*. Na Modernidade, as *luzes* da razão kantiana e os *ideais* de Hegel vão acabar se mesclando ao ponto do positivismo gerar igrejas e o idealismo niilismo (como no caso de Schopenhauer, por exemplo).

E se no meio disso é difícil encontrar elementos puros, em Villiers é impossível. A *mixórdia filosófica* que há na sua obra, existe nele próprio e na sua época. O que interessa aqui, portanto, não é saber se o idealismo presente na novela é, de fato, hegelianismo ou não, se é correto ou não. Isso é irrelevante.

⁵⁴⁹ Villiers de L'Isle-Adam, *Contos cruéis*, p.84.

⁵⁵⁰ J.-L. Steinmetz, *Opus cit.*, p.34.

Como diz André Lebois, na novela “Villiers oscila entre Auguste Comte, Hegel e o Evangelho. Pouco importa saber se seus argumentos vêm do próprio Hegel ou de Véra, ou do artigo de Edmond Schérer: *Hegel e o hegelianismo* (1861), ou do volume de Paul Janet: *O materialismo contemporâneo na Alemanha* (1864)”⁵⁵¹; e, como sugere Allan Raitt: “em suma, o papel do hegelianismo na obra parece permanecer, poder-se-ia dizer, meramente decorativo”⁵⁵².

A inserção de uma desconfiança, de uma perturbação no nosso sossego do dia a dia, que o fantástico carrega na novela, é o que importa. As fontes, as fundamentações teóricas, as veracidades ou falsidades teóricas presentes no texto são apenas meios, do enredo ou estético, para alcançar o objetivo: *fazer pensar* em um *além do real*, provocar uma *estranheza* no leitor. “Pois, mesmo admitindo que os fatos seguintes sejam radicalmente falsos, unicamente a idéia *de sua simples possibilidade* é já tão terrível que sua autenticidade poderia ser demonstrada e reconhecida por isso” (p.43).

Acreditamos? Ainda não. Nem pensamos em “demonstrar” sua autenticidade, ficamos apenas na *idéia de sua simples possibilidade*.

* * *

A realidade, responde o Dr. Bonhomet, como qualquer um de nós responderia hoje, é “O que eu vejo, o que sinto, o que toco” (p.107).

“— Não — disse Lenoir; sabeis bem que o Homem está condenado, pela irrisória deficiência de seus órgãos, a um erro perpétuo. O primeiro microscópio foi suficiente para nos provar que nossos sentidos nos enganam e que *não podemos ver* as coisas tais como são”. (p.109). (Protágoras, Demôcritos, Pirron, Lucrecio, Sextus Empiricus, Montaigne, entre outros, que o digam!).

As idéias discutidas, por si só incômodas, expostas ao longo da novela, não servem apenas para dar andamento ao

⁵⁵¹ A. Lebois, *Opus cit.*, p.79.

⁵⁵² A. Raitt, *Villiers de L'Isle-Adam et le mouvement symboliste*, p.224.

enredo, como já disse, elas são válidas por si mesmas. Desde a perspectiva de Bonhomet, ocupado com a “classificação precisa dos mais raquíticos tenébrios”, onde a “realidade se torna então visionária” e ele “com o microscópio à mão”, entra no “domínio dos Sonhos!...” (p.49), até a sugestão de medir “o grau de *realidade*” das “alucinações” (p.107) dos loucos e a pergunta: “O que é a REALIDADE?” (p.119) e sua conseqüente resposta: “A IDÉIA é então a mais alta forma da Realidade: — e é a Realidade mesma” (p.121), encontramos-nos lançados em uma especulação abstrata, metafísica e fantástica — muito distante daquelas questões que costumamos pensar cotidianamente.

Além da pergunta “O que é a REALIDADE?”, outras também nos inquietam, como a espírita: “Somos nós chamados a novas cadeias de existências ou esta vida é definitiva?” (p.101); sobre a origem: “Preste atenção: Deus?... — Mistério; a Criação?... Outro mistério” (p.111); sobre o infinito em cada alma: “com nosso pobre espírito limitado?” (...) “— Limitado a quê? Perguntou Claire” ou “Onde vedes ‘limites’ no Espírito? disse Lenoir” (p.111); sobre as diversidades do eu: “Vosso *eu* desta noite é aquele que será amanhã?” (p.153).

Os elementos incomuns são muitos: desde o *tópico misterioso* no capítulo IV, passando pelas questões especulativas, adornadas com os mais estranhos exemplos — de Cabanis e as “pessoas mordidas por animais raivosos” (p.113) ou da menina que “tinha acessos de alucinação” (p.147) — até o final da novela, à meia-noite, no subúrbio de Digne, em um quarto de uma pousada vazia. Os recursos imagéticos são de toda ordem, mas o que é, digamos, a *particularidade* de Villiers, são justamente as especulações que *fazem pensar*.

Max Daireaux chama a atenção para a diferença que podemos notar aí entre Villiers e Poe: “Em Poe, a angústia, o terror, o ofegar mesmo do espírito, são obtidos por meios visuais e puramente materiais, como em *O poço e o pêndulo*, por exemplo”. Mas em Villiers é o contrário: “o procedimento é constantemente espiritual; o perigo que ele faz temer, o horror que revela, o abismo sobre o qual ele nos inclina, pertencem seja ao mundo das idéias seja à vertigem do além. Não são absolutamente

nossos cabelos que se eriçam, mas nosso cérebro que se transtorna”⁵⁵³.

Assim, nas palavras de Di Scanno: “Em Villiers o horror e a crueldade fazem parte do mundo da *idéia*, do incognoscível”, e então: “O fantástico não se exprime com situações inusitadas, mas com um medo metafísico, totalmente interno”⁵⁵⁴. E Di Scanno segue aqui a interpretação de Lebois: “fantástico interno, nascido dos caracteres e não de situações arbitrárias, do coração humano e não da invenção”⁵⁵⁵. Cujo propósito, como diz ainda Di Scanno, “é demonstrar a potência mágica do pensamento, o mistério do incognoscível”⁵⁵⁶.

E desse modo, provoca na mente do leitor uma fissura na sua concepção do real, por onde vazam aquelas perguntas irrespondíveis que estão no cerne de toda e qualquer especulação filosófica: *o que somos, de onde viemos e para onde vamos?* Com *Claire Lenoir*, assim como com as demais obras, Villiers não chega a nenhuma demonstração, a nenhuma nova filosofia. Ele simplesmente *perturba*. É como se sacudisse com as mãos o sono tranqüilo com o qual a maioria dos viventes passa pela vida. Villiers desperta o pensamento de um *além* da realidade. Não comprova nada, mas *faz pensar* que a realidade não se resume a isso que eu *vejo, sinto e toco*. E na medida em que nos faz pensar em um *além* da realidade, dela nos afasta, provocando então um *exorcismo do real*.

* * *

Diz R. de Gourmont que Villiers reunia duas funções eclesiásticas: “A hierarquia eclesiástica conta entre seus clérigos, ao lado dos exorcistas, os porteiros, aqueles que devem abrir as portas do santuário a todos os de boa vontade; Villiers acumulou para nós as duas funções: ele foi o exorcista do real e o porteiro do ideal”⁵⁵⁷.

⁵⁵³ M. Daireaux, *Opus cit.*, p.322.

⁵⁵⁴ T. Di Scanno, *Opus cit.*, p.97.

⁵⁵⁵ A. Lebois, *Opus cit.*, p.158.

⁵⁵⁶ T. Di Scanno, *Opus cit.*, p.100.

⁵⁵⁷ R. Gourmont, “Villiers de L’Isle-Adam”, p.91.

É por ocupar essa dupla função que sua narrativa talvez não leve a um completo exorcismo, como aquelas obras que recorrem aos *lugares inacessíveis* que mencionei no Capítulo 1. Em *Claire Lenoir* o exorcismo ocorre, mas ele se dá dentro, digamos, de um fantástico tradicional. Ou seja, a narrativa não está além, nem aquém, de inúmeras histórias fantásticas da época ou posteriores. Sua singularidade se encontra principalmente no elemento especulativo, mencionado nas páginas acima, que cumpre um propósito que poderíamos chamar de filosófico: *fazer pensar*. Mas ao mesmo tempo, esse propósito ultrapassa o filosófico, visto que se encontra subordinado à imaginação de um poeta. É por isso que para ele não havia diferença entre a poesia e a filosofia. E é justamente nessa junção que Villiers funde a realidade e o sonho. Exorciza o real e, ao mesmo tempo, abre portas para os sonhadores, fende aquele muro a que se refere o *homem dos sonhos* de Sá-Carneiro, tornando infinito o universo: “que todos chamam *infinito*, mas que é para todos um campo estreito e bem murado”⁵⁵⁸.

⁵⁵⁸ M. Sá-Carneiro, *Opus cit.*, p.50.

CONCLUSÃO

“— Eu conheço o símbolo dos apóstolos, disse ele, e entendo apenas de címbalos!... O simbolista Honoré de Balzac burilou tipos que simbolizam toda uma época, uma classe... Eu sou simbolista, sem dúvida. Se não fosse Villiers de L’Isle-Adam, um dos parnasianos, eu me diria um romântico-clássico. Eu teria sido um bom padre do interior, um pouco assustador para os gansos e os paroquianos. Deus me quis poeta, para minha salvação”.⁵⁵⁹

Todorov se pergunta “por que a literatura fantástica não existe mais?”⁵⁶⁰; e Edmund Wilson não hesitou em dizer que a literatura de imaginação se acabou; em síntese: “O mundo de Axël, da imaginação privada isolada da vida da sociedade, parece ter sido explorado, e explorado tanto quanto é possível para o presente”⁵⁶¹.

Será?

Mesmo aquilo a que Todorov reduziu a literatura fantástica, o ‘sobrenatural’, segue ainda em evidência em muitos autores, sobretudo naqueles influenciados por Lovecraft e Poe. Mas, mesmo que se pense como Cortázar, que o fantástico não “tem nada de sobrenatural”, basta lembrar de alguns autores de veras conhecidos do grande público no século XX para compreender a limitação da afirmação de Todorov: desde o denominado ‘realismo fantástico’ de Borges, Casares, Cortázar, Ocampo, G. Marques, Rulfo, Carpentier, até Vian, Calvino, Matheson, Burroughs ou Bradbury, o fantástico segue ocupando um espaço significativo enquanto gênero (vivo!) na literatura ocidental.

⁵⁵⁹ Palavras de Villiers quando lhe disseram que os simbolistas o consideravam um dos seus; F. Clerget, *Opus cit.*, p.149/150, citando Andrien Remacle, *Les cahiers de ma vie*.

⁵⁶⁰ T. Todorov, *A literatura fantástica*, p.175.

⁵⁶¹ E. Wilson, *O castelo de Axël*, p.203.

Por outro lado, a visão limitada de Wilson, crente de um *progresso* na literatura, parece incapaz de perceber a força da literatura de imaginação no século XX. A começar pelos de sua própria língua: A. Bierce, H. James, Lord Dunsany, A. Machen, A. Blackwood, e seu contemporâneo Lovecraft, que se tornou a prova maior de seu erro ‘crítico’; isso sem falar de autores ‘pop’ como William P. Blatty, Frank de Felitta e Stephen King, vendidos em bancas de jornal, ou ainda em autores como Poe e Hawthorne, que seguem sendo re-traduzidos e publicados em diversos idiomas há mais de um século. Todos esses são (alguns) exemplos de que Wilson estava errado em suas previsões; aliás, com nuances fantásticas:

E quem poderá dizer que, à medida em que Ciência e Arte aprofundarem sua visão da experiência e alcançarem um âmbito cada vez mais amplo, à medida que se aplicarem mais direta e destramente à satisfação das necessidades da vida humana, não possam chegar a uma maneira de pensar, a uma técnica de lidar com nossas percepções, que faça de ambas — Arte e Ciência — uma coisa só? (sic)⁵⁶².

Uma literatura de “satisfação das necessidades da vida humana” faz lembrar do gosto de Bonhomet, dos personagens “sólidos como madeira”, e de seu desejo: “— Ah! quando então virá um escritor que nos diga coisas verdadeiras! — coisas que acontecem! — coisas que todo mundo sabe de cor!” (p.91). E essa idéia futurista, de junção entre Arte e Ciência, nem os *metafísicos de Tlön* seriam capazes de conceber.

Obviamente que tais considerações, de Todorov sobre o fim da literatura fantástica e de Wilson sobre o fim da literatura de imaginação — na qual se inclui a fantástica —, são equívocas. O castelo de Axél permanece um refúgio seguro para milhares de leitores, assim como a literatura fantástica seguiu pelo século XX se ampliando, mesclando-

⁵⁶² *Idem*, p.206.

se, mas sempre bem definida, escrita e lida, e hoje parece tomar ares de ‘categoria’ literária permanente e não meramente uma ‘tendência’ de escritores do século XIX, como supunham eles.

Assim, nessa ‘categoria’ fantástica, a novela *Claire Lenoir* tem seu lugar e seus leitores garantidos na história da literatura. Ainda que seu sabor estético seja do século XIX, ao lado de *Vathek*, de *Manuscrito encontrado em Saragoça*, das histórias extraordinárias de Hoffmann e Poe, permanece como uma obra perene aos leitores do fantástico.

* * *

A afirmação de Schleiermacher de que um *dado discurso* é o *produto do entrecruzamento da totalidade da linguagem e da totalidade da vida* de um autor⁵⁶³, leva-nos a um âmbito utópico. Pois tal produto é de uma dimensão, própria da individualidade humana, que é impossível alcançar na sua *totalidade*. Creio ter deixado claro essa amplitude ao falar das origens e conteúdos de *Claire Lenoir*.

Quanto à *vida* de um autor, Borges, em *Outras inquisições*, resume a grandeza dessa *totalidade*: “Tão complexa é a realidade, tão fragmentária e tão simplificada a história que um observador onisciente poderia escrever um número indefinido, e quase infinito, de biografias de um homem destacando fatos independentes, e só depois de ler muitas delas perceberíamos que seu protagonista é o mesmo”,⁵⁶⁴.

Por outro lado, o discurso de Villiers, na novela *Claire Lenoir*, abre para uma dimensão que podemos conceber também como infinita, e portanto, impossível de colher em sua totalidade. Mas é justamente nessa dimensão que encontramos sua riqueza estética e a possibilidade de interpretações distintas e mesmo contraditórias.

E, como afirmei no Capítulo 1, ao menos uma parte dessa totalidade — obviamente necessária a toda e qualquer tradução

⁵⁶³ Conf. F. Schleiermacher, *Hermenêutica – Arte e técnica da interpretação*, p.19.

⁵⁶⁴ J. L. Borges, “Sobre o *Vathek* de William Beckford”, in *Outras inquisições*, p.97.

literária — eu pude alcançar. Tanto da *linguagem* quanto da *vida* do autor. Assim, creio poder dizer, modestamente, que consegui alguma coisa substancial que me permitiu traduzi-lo. Bem ou mal, não cabe a mim o julgamento.

Haveria com certeza muito mais a dizer, mas o que ficou de fora, o resíduo das leituras das biografias e obras críticas dedicadas ao autor, que serviram para ampliar meu conhecimento sobre a obra traduzida, não poderia ser aqui integralmente reproduzido por conta de sua extensão. Creio ter exposto ao menos o *substrato* de tudo o que aprendi (e apreendi) da *linguagem* e da *vida* de Villiers para alcançar a compreensão necessária à tradução e, talvez, *uma* interpretação.

* * *

Se na literatura fantástica a realidade é algo que está sempre à beira da incompreensão, sempre perfurada em algum ângulo, e que se apresenta com facetas que perturba de uma maneira incomum o espírito do leitor, não há o que se questionar quanto ao valor do elemento fantástico em *Claire Lenoir*. Ainda que o humor, certo tom burlesco, insira quebras nas idéias apresentadas, a impressão última que a novela imprime em nossa alma, é estranha e incômoda.

À luz de velas, uma senhora cega em um quarto de hotel num subúrbio do século XIX; um doutor sarcástico e perverso escrutando com um oftalmoscópio os olhos de um cadáver fresco; as reminiscências de um sonho que se materializaram numa visão; a imagem de uma cabeça degolada erguida nas mãos de um selvagem à beira de um abismo; tudo isso, em que absolutamente não acreditamos — “os relatos fantásticos de modo algum têm por objetivo fazer acreditar no oculto e nos fantasmas”⁵⁶⁵ — pode, no entanto, provocar-nos uma sensação de desconforto durante a leitura. Por quê?

Responder essa pergunta é responder o que é o fantástico, que, como procurei mostrar, é tão impreciso quanto à impressão mesma que provoca em nosso espírito. Portanto, se o leitor sentiu alguma sensação na leitura cuja definição leva a expressões indefiníveis, como *inexplicável*, *insólito*, *estranho*, *perturbador*,

⁵⁶⁵ R. Caillouis, *Antología del cuento fantástico*, p.12.

enfim, algum sentimento de *estranheza* para o qual não encontra as palavras certas, então sabe o que é o fantástico, apesar de não poder explicar o que sentiu.

Eu afirmei que o fantástico provoca um afastamento da realidade. Tudo o que nós não explicamos, tudo o que a linguagem não dá conta, é como se não existisse. A sensação de estranheza, só é de *estranheza*, porque não a explicamos. De modo que, quando uma obra fantástica nos provoca uma sensação para a qual não temos palavras, uma impressão que não sabemos definir, é porque ela nos levou para um âmbito de percepção onde nossa linguagem não funciona, onde, por assim dizer, *nosso mundo se acaba* e começa algo que não faz parte de nossa realidade, da qual, então, nos *afastamos*. É isso o *exorcismo do real*.

fim

BIBLIOGRAFIA

Obras de Villiers de L'Isle-Adam:

VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, COMTE DE. **Tribulat Bonhomet**. Paris: Tresse et Stock, 1887.

_____. **Cuentos Crueles**. Trad. Manuel Granell. (Colección Austral). Buenos Aires: Espasa-Calpe Argentina S.A., 1948.

_____. **Contes et récits**. (avec notes, présentation et analyse méthodique par Jacques Chupeau). Paris: Bordas, 1970.

_____. **Os contos cruéis**. Trad. Fernanda Barão. Lisboa: Editorial Estampa, 1971.

_____. **La extraña historia del Doctor Tribulat Bonhomet**. Trad. Eduardo Bustos. Madrid: Ediciones Alfaguara, S. A., 1977.

_____. **Oeuvres complètes**. [Édition établie par Alain Raitt et Pierre-Georges Castex avec la collaboration de Jean-Marie Bellefroid] 2 tomes. Paris: Gallimard, 1986.

_____. **The vampire soul and other sardonic tales**. Trad. Brian Stableford. Encino: Black Coat Press, 2004.

Traduções de Villiers de L'Isle-Adam no Brasil:

VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, CONDE AUGUSTE. **O conviva da madrugada**. Trad. Gustavo Nonnenberg. São Paulo: Flama, 1944.

_____. **“A experiência do doutor Velpeau”**, in *Obras-primas do conto fantástico*. Introdução, seleção e notas bibliográficas de Jacob Penteadó. São Paulo: Livraria Martins Editores, 1956.

_____. **“O segredo do patíbulo”**, in *Os buracos da máscara – antologia de contos fantásticos*. Organização e tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. **Contos cruéis**. Trad. Pauline Alphen. São Paulo: Iluminuras, 1987.

_____ . **A Eva futura.** Trad. Ecila de Azeredo Grünewald. São Paulo: Edusp, 2001.

_____ . **“É de confundir!”**, in *Contos fantásticos do século XIX*. – Organização de Ítalo Calvino – Trad. Rosa Freire D’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____ . **Axël.** Trad. Sandra M. Stroparo. Curitiba: Editora da UFPR, 2005.

_____ . **“A tortura pela esperança”**, in *Contos de horror do século XIX* – Organização de Alberto Manguel. Trad. Ecila de Azeredo Grünewald. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____ . **“Vera”**, in *Os melhores contos fantásticos* – Organização de Flávio Moreira da Costa. Trad. Adriana Lisboa. São Paulo: Nova Fronteira, 2006.

_____ . **“O segredo da guilhotina”**, in *Contos aterrorizantes*. Organização de João A. Nicotti, Sergius Gonzaga, Pedro Gonzaga. Trad. Jorge Romero. Porto Alegre: Leitura XXI, 2006.

_____ . **“O segredo da guilhotina”**, in *Contos de crime*. Organização de Flávio Moreira da Costa. Trad. Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Agir Editora Ltda., 2008.

_____ . **Flores Fúnebres – e outros contos cruéis.** [Coleção Nimbus-13]. Trad. Camilo Prado. São Pedro de Alcântara: Nephelibata, 2009.

Obras Gerais:

- ALBALAT, ANTOINE. **Souvenirs de la vie littéraire**. Paris: Arthème Fayard et Cie. Éditeurs, 1921.
- _____. **Comment on devient écrivain**. Paris: Librairie Plon, 1925.
- _____. **Gustave Flaubert et ses amis**. [7^a ed.]. Paris: Librairie Plon, 1927.
- AYMÉ, MARCEL. **O passa-paredes**. Trad. Fernando Py. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- BAKER, PHIL. **Absinto: uma história cultural**. Trad. e notas de Roberto Cattani. São Paulo: Nova Alexandria, 1999.
- BALDENSPERGER, FERNAND. “Un Villiers de L’Isle-Adam vagabond et agitateur”, in *Mercure de France*, 1- VII-1934. Paris: Mercure de France, 1934, pp. 50-55.
- BARBOSA, SIDNEY. “Vestiges d’un discours oral dans *Claire Lenoir de Villiers de L’Isle-Adam*”. In *Lettres Françaises* (Unesp), 1997, n^o 2, pp. 63-83.
- BECKFORD, WILLIAM. **Vathek**. Trad. Henrique de Araújo Mesquita. Porto Alegre: L&PM, 1986.
- BERGIER, JACQUES; PAUWELS, LOUIS. **O despertar dos mágicos – introdução ao realismo fantástico**. Trad. Gina de Freitas. [5^a ed.]. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BERMAN, ANTOINE. **Pour une critique des traductions: John Donne**. Paris: Gallimard, 1995.
- _____. **A prova do estrangeiro**. Trad. Maria Emília Pereira Chanut. Bauru: EDUSC, 2002.
- _____. **A tradução e a letra – ou o albergue do longínquo**. Trad. Marie-Hélène Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.
- BÍBLIA sagrada**. Trad. João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.
- BIERCE, AMBROSE. **Fábulas fantásticas**. Trad. Jorge Arnaldo Fortes. Rio de Janeiro: Arte Nova, 1973.
- BLOY, LÉON. **La résurrection de Villiers de L’Isle-Adam**. Paris: A. Blazot Éditeur, 1906.
- _____. **Cuentos descorteses**. Trad. Raúl Gustavo Aguirre. Buenos Aires: Ediciones Librería La Ciudad, 1978.

- BOLLERY, JOSEPH. (Org.) **Correspondance générale de Villiers de L'Isle-Adam et documents inédits**. Tome I – 1846-1880. Paris: Mercure de France, 1962.
- BORGES, JORGE LUIS. **Outras inquisições**. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Globo, 2000.
- BOURRE, JEAN-PAUL. **Villiers de L'Isle-Adam: splendeur et misère**. Paris: Belles Lettres, 2002.
- BRADBURY, RAY. **As crônicas marcianas**. Trad. José Sanz. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.
- BRISSON, ADOLPHE. “**Le comte Mathias Villiers de L'Isle-Adam**”, in *La comédie littéraire*. Paris: Armand Colin & Cie Éditeurs, 1895, pp. 59-69.
- CAILLOIS, ROGER. **Antología del cuento fantástico**. Trad. Ricardo I. Zelarayán *et alli*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1967.
-
- _____. **Cohérences aventureuses: Esthétique généralisée – Au coeur du fantastique – La dissymétrie**. Paris: Gallimard, 1976.
- CALVINO, ITALO. (Org.) **Contos fantásticos do século XIX**. Trad. Maurício Santana Dias *et alli*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CAROLLO, CASSIANA LACERDA. **Decadismo e Simbolismo no Brasil**. 2 vols. Rio de Janeiro/Brasília: Livros Técnicos e Científicos Editora/INL, 1980.
- CARPEAUX, OTTO MARIA. **História da literatura ocidental - vol. VI**. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1964,
- CARVALHO, CAMPOS DE. **Vaca de nariz sutil**. [3ª ed.]. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1978.
- CASARES, ADOLFO BIOY. **A máquina fantástica**. [prólogo de Jorge Luis Borges] Trad. Vera Neves Pedroso. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 1974.
-
- _____; BORGES, JORGE LUIS; OCAMPO, SILVINA. **Antología de la literatura fantástica**. [14ª ed.]. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1997.
- CASELLA, GEORGES. “**Villiers de L'Isle-Adam**”, in *Pèlerinages*. Paris: Librairie Payot & Cie, 1918, pp. 52-78.

- CASTEX, PIERRE-GEORGES. **Le conte fantastique en France: de Nodier à Maupassant**. Paris: José Corti, 1987.
- CESERANI, REMO. **O fantástico**. Trad. Nilton Cezar Tridapalli. Curitiba: Ed. UFPR, 2006.
- CHAPOUTOT, HENRI. **Villiers de l'Isle-Adam – l'écrivain et le philosophe**. Paris: M. Delesalle Éditeur, 1908.
- CHARNEY, LEO; SCHWARTZ, VANESSA R. (Orgs.) **O cinema e a invenção da vida moderna**. Trad. Regina Thompson. [2^a ed.] São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- CIM, ALBERT. **Récréations littéraires**. Paris: Librairie Hachette, 1920.
- CLERGET, FERNAND. **Villiers de l'Isle-Adam**. Paris: Société des Éditions Louis-Michaud, s/d.
- CÓCARO, NICOLÁS. (Org.) **Cuentos fantásticos argentinos I**. Buenos Aires: Emecé Editores, 1996.
- CORTÁZAR, JULIO. **Final de Jôgo**. Trad. Remy Gorgia Filho. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1971.
- _____. **Todos os fogos o fogo**. Trad. Gloria Rodrigues. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.
- _____. **El sentimiento de lo fantástico**. [Conferencia dictada en la U.C.A.B. (Universidad Católica Andrés Bello), Caracas, 1982] Disponível em: <<http://www.ciudadseva.com/>> Acessado em 03/07/2010.
- CROCE, BENEDETTO. **“Indivisibilidade da expressão em modos ou graus”**; in *Clássicos da teoria da tradução*, Volume 3. Trad. Rodolfo Ilari Jr. Florianópolis: NUT-UFSC, 2005, pp. 195-205.
- _____. **“A intraduzibilidade da evocação”**, in *Clássicos da teoria da tradução*, Volume 3. Trad. Rodolfo Ilari Jr. Florianópolis: NUT-UFSC, 2005, pp. 207-217.
- CRULS, GASTÃO. **Contos reunidos**. São Paulo: José Olympio Editora, 1951.
- DAIREAUX, MAX. **Villiers de l'Isle-Adam – l'homme et l'oeuvre**. Paris: Desclée de Brouwer & Cie Editeurs, 1936.
- DARZENS, RODOLPHE. **“Villiers de l'Isle-Adam – auteur dramatique”**, in *Revue D'art Dramatique*, tomo XVI –

- octobre-décembre, 1889. Genève: Slatkine Reprints, 1971, pp. 1-13.
- DECOTTIGNIES, JEAN. **Villiers le taciturne**. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1983.
- DEFFOUX, LÉON. “**Villiers de L’Isle-Adam – notes a propos du quarantième anniversaire de sa mort**”, in *Mercur de France* – 15 – VIII-1929. Paris: Mercure de France, 1929, pp. 92-103.
- DI SCANNO, TERESA. **Villiers de L’Isle-Adam e i limiti dell’umano**. Fasano: Schena Editore/ Paris: Nizet, 1994.
- DOMINGOS, NORMA. “**O discurso fantástico villieriano: ‘L’intersigne’**”, in *Signótica*, 2006, vol. 18, n. 1, pp. 131-162. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/sig>> Acessado em 07/07/2010.
-
- _____. **A tradução poética: Contes cruels de Villiers de L’Isle-Adam**. 2009. 336fls. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista – UNESP, Araraquara, SP, 2006.
- DUJARDIN, ÉDOUARD. **A canção dos loureiros**. Trad. Élida Valarini. São Paulo: Globo, 1989.
- FERREIRA, AURELIO BUARQUE DE HOLLANDA. **Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa**. [10ª ed.] Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1963.
- FLESCA, HAYDÉE. (Org.) **Antología de la literatura fantástica argentina - 1: narradores del siglo XIX**. Buenos Aires: Editorial Kapelusz, 1970.
- FRANCE, ANATOLE. “**Villiers de l’Isle-Adam**” in *La vie littéraire*. [Troisième série]. Paris: Calmann-Lévy Éditeurs, 1892, pp. 120-129.
- FREUD, SIGMUND. “**O estranho**”, in *História de uma neurose infantil e outros trabalhos* – vol XVII (1917-1919) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
-
- _____. “**Lo ominoso**”, in *De la historia de una neurosis infantil y otras obras* – vol 17 (1917-1919). Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1979.

- GAUTIER, THÉOPHILE. **O clube dos haxixins**. Intr. e trad. José Thomaz Brum. Porto Alegre, L&PM, 1986.
-
- _____. **Contos fantásticos**. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Imaginário/ Primeira Linha, 1999.
- GONZAGA DUQUE, LUIS. **Mocidade morta**, [Notas e o estudo “Linguagem e estilo de *Mocidade morta*” por Adriano da Gama Kury]. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1995.
-
- _____. **Horto de mágoas**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1996.
- GOUJON, JEAN-PAUL. “**A propos du Nouveau Monde, d’un éditeur louche et de Félicien Rops: quatre lettres inédites de Villiers de L’Isle-Adam a H. Ballande**”, in *Revue d’Histoire Littéraire de la France*, 1998, n. 4. Paris: PUF, 1998, pp. 553-567.
- GOURMONT, REMY DE. **L’idéalisme**. Paris: Mercure de France, 1893.
-
- _____. “**Villiers de L’Isle-Adam**”, in *Le livre des masques – portraits symbolistes*. [3^a. ed.]. Paris: Société du Mercure de France, 1896, pp.89-96.
-
- _____. “**Un carnet de notes sur Villiers de L’Isle-Adam**”, in *Promenades littéraires*. Paris: Mercure de France, 1913, pp. 5-32.
- GROJNOWSKI, DANIEL. “**Sortilèges photographiques, de Villiers à Strindberg**”, in *Romantisme*, 1999, n^o 105, pp. 71-83. Disponível em: < <http://www.persee.fr/>>. Acessado em 03/07/2010.
- GUARNER, JOSE LUIS. (Org.) **Antología de la literatura fantástica española**. Barcelona: Editorial Bruguera, 1969.
- GUICHES, GUSTAVE. “**Le Comte de Villiers de L’Isle-Adam**”, in *Revue Illustrée*, 15 décembre, 1885. Paris: Ludovic Baschet, 1885, pp. 85-88.
-
- _____. **Le banquet**. Paris: Editions Spes, 1928.
- HOFFMANN, ERNST THEODOR AMADEUS. **Contes fantastiques**. 3 vols. Trad. Loève-Weimars (chronologie, introduction,

notices et notes par José Lambert). Paris: Garnier-Flammarion, 1979.

_____. **O castelo mal-assombrado.** Trad. Ary Quintella. São Paulo: Círculo do Livro S.A., s/d.

_____. **Contos fantásticos.** Trad. Claudia Cavalcanti. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

HOLLANDA, AURÉLIO BUARQUE DE; RÓNAI, PAULO. **Contos Alemães.** (Seleção, tradução e notas introdutivas de). São Paulo: Ediouro, s/d.

HURET, JULES. “**M. Maurice Maeterlinck**” in *Enquête sur l'évolution littéraire*. Paris: Bibliothèque Charpentier, 1891, pp. 116-129.

HUYSMANS, JORIS-KARL. **Às avessas.** Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

LAZARE, BERNARD. **Figures contemporaines: ceux d'aujourd'hui – ceux de demain.** Paris: Perrin et Cie, Libraires-Éditeurs, 1895.

LEBOIS, ANDRÉ. **Villiers de L'Isle-Adam – révélateur du verbe.** Neuchatel: Éditions H. Messeiller, 1952.

LEPELLETIER, EDMOND. **Paul Verlaine – sa vie, son oeuvre.** [4^a ed.]. Paris: Société du Mercure de France, 1907.

LOVECRAFT, HOWARD PHILLIPS. **Um sussurro nas trevas.** Trad. Donaldson M. Garschagen [2^a ed.]. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

_____. **O horror sobrenatural na literatura.** Trad. João Guilherme Linke. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1987.

_____. **À procura de Kadath.** Trad. Celso M. Paciornik. [2^a ed.]. São Paulo: Iluminuras, 2001.

_____. **Dagon.** Trad. Celso M. Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2001.

_____. **A tumba e outras histórias.** Trad. Jorge Ritter. Porto Alegre: L&PM, 2008.

_____. “**Notas quanto a escrever ficção fantástica**”, in *O arquivo de Renato Suttana*. Trad. Renato Suttana. Disponível em:

- <<http://www.arquivors.com/traducoes.htm>> Acessado em 05/07/2010.
- LUGONES, LEOPOLDO. **La estatua de sal**. (Selección y prólogo de Jorge Luis Borges). Madrid: Ediciones Siruela, 1986.
- MALLARMÉ, STÉPHANE. **Préface à Vathek**. Paris: l'Auteur, 1876.
-
- _____. “**Villiers de l’Isle-Adam**”, in *Oeuvres complètes*. (Édition établie et annotée par Henri Mondor et G. Jean-Aubry). Paris: Gallimard, 1945, pp. 481-510.
- MARCHAL, BERTRAND. “**Mallarmé et Villiers ou l’aristocratie du revê**”, in *Romantisme*, 1990, vol. 20, n° 70, pp. 81-90. Disponível em: < <http://www.persee.fr/>>. Acessado em 03/07/2010.
- MENDÈS, CATULLE. **Le mouvement poétique français de 1867 à 1900**. Paris: E. Fasquelle, Éditeur, 1903.
- MÉRIMÉE, PROSPER. **Contos**. Trad. Ondina Ferreira. (Introdução e prólogo de Paulo Rónai) [2^a.ed.] São Paulo: Editora Cultrix, 1986.
- MOISÉS, MASSAUD. **História da literatura brasileira: Simbolismo**. São Paulo: Cultrix: 1995.
- MORÉAS, JEAN. **Les premières armes du symbolisme**. Paris: L.Vanier, 1889.
- MORETTO, FULVIA M. L. (Org.) **Caminhos do Decadentismo francês**. Trad. e notas de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Perspectiva/ Edusp, 1989.
- MURICY, ANDRADE. **Panorama do movimento simbolista brasileiro**. 2 vols. [2^a ed.]. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1973.
- NERVAL, GÉRARD DE. **Poésies**. Paris: Galimard, 1964.
-
- _____. **A mão encantada**. Trad. Sílvia Heller e Álvaro Mendes. Rio de Janeiro: Alhambra, 1986.
-
- _____. **Aurélia / Pandora**. Trad. Paulo Hecker Filho. Porto Alegre: L&PM, 1997.
- NETO, HENRIQUE DUARTE. **O humor cáustico no universo da meia palavra: Sátira e ironia na poesia de José Paulo Paes**. Desterro: Nephelibata, 2006.

- NODIER, CHARLES. “**Du fantastique en littérature**”, in *Contes fantastiques*. Paris: G. Charpentier-Editeur, 1882, pp.05-30.
- ORLIAC, ANTOINE. “**Villiers de l’Isle-Adam**”, in *Mercur de France* n° 795 – 42^a année – Tomo CCXXIX – 1^{er} Août, 1931, pp. 513-553.
- PAES, JOSÉ PAULO. (Org. e trad.). **Os buracos da máscara – antologia de contos fantásticos**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. **Gregos e baianos**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. **Tradução: a ponte necessária**. São Paulo: Ática, 1990.
- POE, EDGAR ALLAN. **Tingum Bob**. Trad. José Maria Machado. São Paulo: Clube do Livro, 1956.
- _____. **Contos de terror, de mistério e de morte**. Trad. Oscar Mendes. Petrópolis: José Aguilar Editora, 1975.
- PONTAVICE DE HEUSSEY, ROBERT DU. **Villiers de L’Isle-Adam – l’écrivain - l’homme**. Paris: Albert Savine Éditeur, 1893.
- POTOCKI, YAN. **Manuscrito encontrado em Saragoça**. [2^a.ed.]. Trad. Ana Maria Alves. Lisboa: Editorial Estampa, 1977.
- PRADO, CAMILO. (Org.) **Antologia Nefelibata de Contos Fantásticos**. Trad. Jaimir Conte, Gleiton Lentz, Camilo Prado, Roger Sulis, Apóstolo Nicolacópulos. Desterro: Nephelibata, 2004.
- RAITT, ALAN W. “**Villiers de L’Isle-Adam et l’illusionnisme des Symbolistes**”, in *Cahiers de l’Association internationale des études françaises*, 1960, N° 12, pp. 175-187. Disponível em: <<http://www.persee.fr/>>. Acessado em 03/07/2010.
- _____. “**Villiers de L’Isle-Adam et le fantastique**”, in *Cahiers de l’Association internationale des études françaises*, 1980, N° 32, pp. 221-229. Disponível em: <<http://www.persee.fr/>>. Acessado em 03/07/2010.
- _____. **Villiers de L’Isle-Adam et le mouvement symboliste**. [2a. ed.]. Paris: Librairie José Corti, 1986.
- _____. **Villiers de L’Isle-Adam: exorciste du réel**. Paris: Librairie José Corti, 1987.

- REBOUL, PIERRE. “**Autour d’un conte de Villiers de L’Isle-Adam: ‘Le secret de l’échafaud’**”, in *Revue d’Histoire Littéraire de la France*, décembre-1949. Paris: Société d’Histoire Littéraire de la France, 1949, pp. 235-245.
- REST, JAIME. **Conceptos de literatura moderna**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina S. A., 1991.
- REVUE DES LETTRES ET DES ARTS**. Numéros 1 à 25 – Octobre 1867 - Mars 1868. Genève: Slatkine Reprints, 1972.
- REYNAUD, ERNEST. **La mêlée symboliste – II (1870-1890) - portraits et souvenirs**. Paris: La Renaissance du Livre, 1920.
- ROBERT, PAUL. **Le nouveau petit Robert**. Paris: Dictionnaires les Robert, 1995.
- RODENBACH, GEORGES. “**Villiers de L’Isle-Adam**”, in *L’élite*. Paris: Eugène Fasquelle Éditeur, 1899, pp. 79-86.
- _____. **O amigo dos espelhos**. Trad. Camilo Prado. [2^a.ed.]. Desterro: Nephelibata, 2008.
- RÓNAI, PAULO. **Não perca o seu latim**. [2^a.ed.]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- ROUGEMONT, ÉDOUARD. **Villiers de L’Isle-Adam – biographie et bibliographie**. Paris: Mercure de France, 1910.
- _____. **Bibliographie: Villiers de L’Isle-Adam** [Mercure de France 1910], additionnée des descriptifs de Georges Vicaire et de Clouzot. Disponível em: <<http://www.sisyph.com>>. Acessado em 03/07/2010.
- SÁBATO, ERNESTO. **O escritor e seus fantasmas**. Trad. Janer Cristaldo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- SÁ-CARNEIRO, MÁRIO DE. **A confissão de Lúcio**. [2^a.ed.]. Lisboa: Publicações Europa-América, s/d.
- _____. **A estranha morte do prof. Antena**. [2^a.ed.]. Desterro: Nephelibata, 2007.
- SALERNI, PAOLA. **La scena di una scrittura – Villiers de L’Isle-Adam fra teatro e romanzo**. Fasano: Schena Editore, 1997.
- SCARCELLA, RENZO. **Surfaces et profondeurs dans l’univers imaginaire de Villiers de L’Isle-Adam**. Fasano: Schena Editore, 1992.

- SCHLEIERMACHER, FRIEDRICH DANIEL ERNST. **Hermenêutica – arte e técnica da interpretação.** Trad. e apres. de Celso R. Braida. Petrópolis: Vozes, 1999.
-
- _____. **Hermenêutica e crítica.** Trad. Aloísio Ruedell. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.
-
- _____. “**Sobre os diferentes métodos de traduzir**”. Trad. Celso R. Braida. In *Revista Princípios*, 2007, volume 14, número 21. Natal: Editora da UFRN, 2007, pp. 233-265.
- SCHUEREWEGEN, FRANC. “**‘Télétechnè’ fin de siècle: Villiers de L’Isle-Adam et Jules Verne**”, in *Romantisme*, 1990, n^o 69, pp.79-88. Disponível em: < <http://www.persee.fr/>>. Acessado em 03/07/2010.
- SILVA, FERNANDO CORREIA DA. (Org.) **Maravilhas do conto fantástico.** Trad. e seleção de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1958.
- STEINMETZ, JEAN-LUC. **La littérature fantastique.** Paris: PUF, 1990.
- STERNBERG, JACQUES, GRALL, ALEX, BERGIER, JACQUES (Orgs.). [Préface: Jacques Bergier]. **Les chefs-d’oeuvre du fantastique.** Paris: Éditions Planète, 1967.
- STOCK, PAUL-VICTOR. **Mémoire d’un éditeur.** Paris: Librairie Stock, 1935.
- SYLVOS, FRANÇOISE. “**L’essence cruelle du rire: Villiers de L’Isle-Adam**”, in *Romantisme*, 1991, n^o 74, pp. 73-82. Disponível em: < <http://www.persee.fr/>>. Acessado em 03/07/2010.
- SYMONS, ARTHUR. “**Villiers de L’Isle-Adam**”, in *The symbolist movement in literature* (1908). Disponível em: < <http://gaslight.mtroyal.ca/isleadam.htm>>. Acessado em 20/05/2009.
- TAVARES, BRÁULIO. (Org.) **Contos fantásticos no labirinto de Borges.** Trad. Julio Silveira *et alli*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.
-
- _____. **Freud e o estranho – contos fantásticos do inconsciente.** Trad. Carolina Caires Coelho *et alli*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

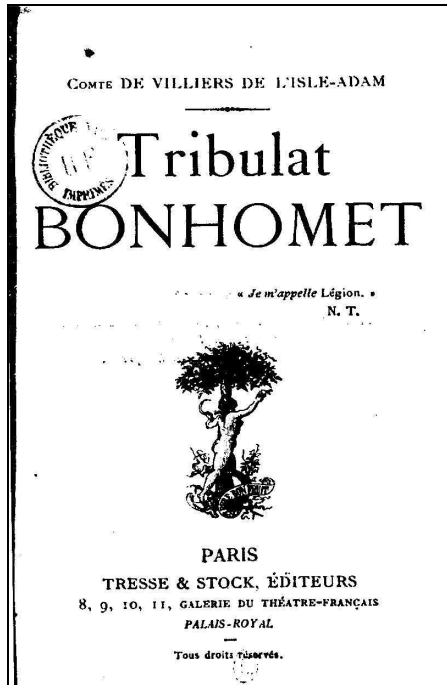
- TIERCELIN, LOUIS. “**Villiers de L’Ise-Adam chrétien**”, in *Bretons de lettres*. Paris: Honoré Champion Éditeur, 1905, pp. 159-196.
- TODOROV, TZVETAN. **Introdução à literatura fantástica**. Trad. Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- _____. **As estruturas narrativas**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- TORRES, MARIE-HÉLÈNE CATHERINE. **Cruz e Souza e Baudelaire – satanismo poético**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1998.
- VANOR, GEORGES. **L’art symboliste**. Préface de Paul Adam. Paris: L. Vanier, 1889.
- VAX, LOUIS. **L’art et la littérature fantastiques**. [3^a.ed.]. Paris: PUF, 1970.
- _____. **La séduction de l’étrange**. [2^a.ed.]. Paris: Quadrige/PUF, 1987.
- VERLAINE, PAUL. “**Villiers de l’Isle-Adam**”, in *Les poètes maudits*. Paris: Léon Vanier Éditeur, 1888, pp. 77-97.
- _____. “**Villiers de l’Isle-Adam**”, [Vingt-sept biographies de poètes et de littérateurs]. in *Œuvres complètes de Paul Verlaine. Tome cinquième*. [Texte définitif collationné sur les originaux et sur les premières éditions par Yves-Gérard Le Dantec]. Paris: Éditions Messein, s/d. [imprimé en 1949]; p. 306-312.
- VIAN, BORIS. **O arranca corações**. Trad. Luiza Neto Jorge. Lisboa: Editorial Estampa, 1970.
- _____. **A erva vermelha**. Trad. José Carlos Rodrigues. Lisboa: Vega, s/d.
- VIBERT, BERTRAND. “**Villiers de L’Isle-Adam et la poétique de la nouvelle ou comment lire les Contes Cruels?**”, in *Revue d’Histoire Littéraire de la France*, 1998, n. 4. Paris: PUF, 1998, pp. 569-582.
- _____. “**L’amour, l’érotisme et la mort chez Villiers de L’Isle-Adam**”. Disponível em <<http://www.bm-grenoble.fr/culture/conferences/>>. Acessado em 27/07/2006.

- WELLS, HERBERT GEORGE. **A ilha do Dr. Moreau**. Trad. Mário Molina. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1983.
- WILSON, EDMUND. **O castelo de Axel – estudo acêrca da literatura imaginativa de 1870-1930**. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1967.

Tribulat Bonhomet
Conde de Villiers de L'Isle-Adam

Tribulat Bonhomet

[traduzido da edição de 1887 (Tresse et Stock) e corrigido a partir da edição das *Oeuvres complètes* (Gallimard) de 1986.]



[Frontispício da 1.^a edição, 1887]

« *Je m'appelle* LEGION »
N.T.

“*Eu me chamo* LEGIÃO”
N.T.

AVIS AU LECTEUR

Nous donnons, aujourd'hui, pour initier le public au CARACTÈRE du docteur Bonhomet, d'abord trois nouvelles qui indiquent, à grands traits, l'intime de son individu.

Le Docteur prend, ensuite, lui-même, la parole et nous raconte l'histoire plus qu'étrange de CLAIRE LENOIR, — dont nous lui laissons entièrement la lourde responsabilité.

Plus un ÉPILOGUE.

Si, comme nous sommes fondés à le craindre, ce Personnage (incontestable, s'il en fut!) obtient quelque vogue, nous publierons, bientôt, non sans regrets, les ANECDOTES dont il est le héros et les APHORISMES dont il est l'auteur.

VILLIERS DE L'ISLE-ADAM.

AVISO AO LEITOR

Nós damos agora, para iniciar o público ao CARÁTER do doutor Bonhomet, inicialmente três contos que indicam, em traços gerais, o íntimo de sua individualidade.

O Doutor toma em seguida a palavra e nos conta a história muito estranha de CLAIRE LENOIR — da qual lhe deixamos inteiramente a pesada responsabilidade.

Mais um EPÍLOGO.

Se, como estamos fundamentados a crer, o Personagem (sem dúvida, se aí houver um!) obtém algum sucesso, publicaremos em breve, não sem pesar, as ANEDOTAS das quais ele é o herói e os AFORISMOS dos quais ele é o autor.

VILLIERS DE L'ISLE-ADAM.

aux chers indifférents

aos queridos indiferentes

LE TUEUR DE CYGNES

“Les cygnes comprennent les signes.”
VICTOR HUGO, *Les Misérables* *.

* Inutile (pensons-nous) d'ajouter qu'en cette authentique citation, ce n'est pas l'Auteur de *La Bouche d'ombre* qui parle, — mais simplement *l'un de ses personnages*. Il serait peu juste, en effet, d'attribuer à un Auteur *même* les prud'homies, monstruosité blasphematoires ou vils jeux de mots — que, pour des raisons spéciales et peut-être hautes — il se résout, tristement, à prêter à certains Ilores de son imagination.]

O ASSASSINO DE CISNES

“Os cisnes compreendem os signos.”
VICTOR HUGO⁵⁶⁶, *Os Miseráveis**

⁵⁶⁶ Victor Hugo (1802-1885): poeta e romancista francês; Villiers frequentou sua casa algumas vezes.

* Inútil (pensamos) acrescentar que nessa autêntica citação não é o Autor de *La Bouche d'ombre* quem fala — mas simplesmente *um de seus personagens*. De fato, seria pouco justo atribuir a um Autor *até* as proibições, monstruosidades blasfematórias ou vis jogos de palavras — que, por razões especiais e talvez maiores — ele se decide, tristemente, a imputar a alguns Hilotas de sua imaginação. [n. do a.]

LE TUEUR DE CYGNES

A Monsieur Jean MARRAS.

*
* *

A force de compulser des tomes d'Histoire naturelle, notre illustre ami, le docteur Tribulat Bonhomet avait fini par apprendre que «*le cygne chante bien avant de mourir*». — En effet (nous avouait-il récemment encore), cette musique seule, depuis qu'il l'avait entendue, l'aidait à supporter les déceptions de la vie et toute autre ne lui semblait plus que du charivari, du «Wagner».

— Comment s'était-il procuré cette joie d'amateur? —
Voici:

Aux environs de la très ancienne ville fortifiée qu'il habite, le pratique vieillard ayant, un beau jour, découvert dans un parc séculaire à l'abandon, sous des ombrages de grands arbres, un vieil étang sacré — sur le sombre miroir duquel glissaient douze ou quinze des calmes oiseaux, — en avait étudié soigneusement les abords, médité les distances, remarquant surtout le cygne noir, leur veilleur, qui dormait, perdu en un rayon de soleil.

Celui-là, toutes les nuits, se tenait les yeux grands ouverts, une pierre polie en son long bec rose, et, la moindre alerte lui décelant un danger pour ceux qu'il gardait, il eût, d'un mouvement de son col, jeté brusquement dans l'onde, au milieu du blanc cercle de ses endormis, la pierre d'éveil: — et la troupe à ce signal, guidée encore par lui, se fût envolée à travers l'obscurité sous les allées profondes, vers quelques lointains gazons ou telle fontaine reflétant de grises statues, ou tel autre asile bien connu de leur mémoire. — Et Bonhomet les avait considérés longtemps, en silence, — leur souriant, même. N'était-ce pas de leur dernier chant dont, en parfait dilettante, il rêvait de se repaître bientôt les oreilles?

O ASSASSINO DE CISNES

Ao senhor Jean MARRAS⁵⁶⁷.

*
* *

À força de compulsar tomos de História natural, nosso ilustre amigo, o doutor Tribulat Bonhomet, acabou por descobrir que “*o cisne canta bem na iminência da morte*”. — Com efeito (ele nos admitia ainda recentemente), somente essa música, desde que a escutara, ajudava-o a suportar as decepções da vida, e toda outra não lhe parecia mais do que gritaria “wagneriana”.

— Como encontrou esta alegria de amator? — Ei-la:

Nos arredores da antiqüíssima cidade fortificada em que mora, um belo dia o prático ancião, tendo descoberto em um parque secular abandonado, sob as sombras de grandes árvores, um velho lago sagrado — sobre o sombrio espelho do qual deslizavam doze ou quinze tranqüilas aves — estudou cuidadosamente os acessos, mediu as distâncias, observando sobretudo o cisne negro, o sentinela, que dormia perdido sob um raio de sol.

Este, todas as noites mantinha-se com os olhos bem abertos, uma pedra polida em seu longo bico rosa, e, ao menor sinal de alarme que revelasse algum perigo para aqueles que ele guardava, teria com um movimento de seu pescoço lançado bruscamente na água, em meio do branco círculo de seus adormecidos, a pedra de aviso: — e a esse sinal o bando, guiado ainda por ele, voaria através da obscuridade sob aléias profundas em direção a algum longínquo gramado ou fonte refletida de estátuas cinzas, ou a um outro lugar bem conhecido de sua memória. — E Bonhomet os considerou por muito tempo, em silêncio — sorrindo-lhes mesmo. Não era com seu último canto que, como perfeito dileitante, ele sonhava saciar logo seus ouvidos?

⁵⁶⁷ Jean Marras (1837-1901): escritor francês; foi amigo íntimo de Villiers.

Parfois donc, — sur le minuit sonnante de quelque automnale nuit sans lune, — Bonhomet, travaillé par une insomnie, se levait tout à coup, et, pour le concert qu'il avait besoin de réentendre, s'habillait spécialement. L'osseux et gigantesque docteur, ayant enfoui ses jambes en de démesurées bottes de caoutchouc ferré, que continuait, sans suture, une ample redingote imperméable, dûment fourrée aussi, se glissait les mains en une paire de gantelets d'acier armorié, provenant de quelque armure du Moyen âge, (gantelets dont il s'était rendu l'heureux acquéreur au prix de trente-huit beaux sols, — une folie! — chez un marchand de passé). Cela fait, il ceignait son vaste chapeau moderne, soufflait la lampe, descendait, et, la clef de sa demeure une fois en poche, s'acheminait, à la bourgeoise, vers la lisière du parc abandonné.

Bientôt, voici qu'il s'aventurait, par les sentiers sombres, vers la retraite de ses chanteurs préférés — vers l'étang dont l'eau peu profonde, et bien sondée en tous endroits, ne lui dépassait par la ceinture. Et, sous les voûtes de feuillée qui en avoisinaient les atterrages, il assourdisait son pas, au tâter des branches mortes.

Arrivé tout au bord de l'étang, c'était lentement, bien lentement — et sans nul bruit! — qu'il y risquait une botte, puis l'autre, — et qu'il s'avavançait, à travers les eaux, avec des précautions inouïes, tellement inouïes qu'à peine osait-il respirer. Tel un mélomane à l'imminence de la cavatine attendue. En sorte que, pour accomplir les vingt pas qui le séparaient de ses chers virtuoses, il mettait généralement de deux heures à deux heures et demie, tant il redoutait d'alarmer la subtile vigilance du veilleur noir.

Le souffle des cieux sans étoiles agitait plaintivement les hauts branchages dans les ténèbres autour de l'étang: — mais Bonhomet, sans se laisser distraire par le mystérieux murmure, avançait toujours insensiblement, et si bien que, vers les trois heures du matin, il se trouvait, invisible, à un demi-pas du cygne noir, sans que celui-ci eût senti le moindre indice de cette présence.

Às vezes então — sob a meia-noite soante de alguma outonal noite sem lua — Bonhomet, minado por uma insônia, levantava-se de repente e, para o concerto que ele necessitava ouvir outra vez, vestia-se especialmente. O ossudo e colossal doutor, enfiando suas pernas em desmesuradas botas de borracha ferrada, que continuavam, sem costura, numa enorme sobrecasaca impermeável, também devidamente forrada, deslizava as mãos em um par de manoplas de aço heráldico, proveniente de alguma armadura da Idade Média, manoplas que foram, por sorte, adquiridas ao preço de trinta e oito belos sous — uma loucura! — na casa de um negociante de antiguidades. Isso feito, cingia seu vasto chapéu moderno, soprava a lâmpada, descia, e, uma vez com a chave de sua residência no bolso, encaminhava-se, de maneira burguesa, em direção à orla do parque abandonado.

Logo, eis que se aventurava pelas sendas sombrias em direção ao refúgio de seus cantores prediletos — em direção ao lago cuja água pouco profunda e bem sondada por todas as partes não lhe ultrapassava a cintura. E, sob os arcos de folhagem que avizinhavam as paragens, ele amortecia seu passo, tateando ramos mortos.

Uma vez à beira do lago, era lentamente, muito lentamente — e sem nenhum ruído! — que ele arriscava uma bota, depois outra — e que avançava, através das águas, com precauções inauditas, tão inauditas que apenas ousava respirar. Tal um melômano ante a iminência da cavatina esperada. De modo que, para cumprir os vinte passos que o separavam de seus queridos virtuosos, ele levava geralmente de duas a duas horas e meia, tanto temia alarmar a sutil vigilância do negro sentinela.

O sopro dos céus sem estrelas agitava lamentosamente as altas ramagens nas trevas em volta do lago: — mas Bonhomet, sem se deixar distrair pelo misterioso murmúrio, avançava sempre insensivelmente, até que por volta das três horas da manhã ele se encontrava, invisível, a meio-passo do cisne negro, sem que este sentisse o menor indício de sua presença.

Alors, le bon docteur, en souriant dans l'ombre, grattait doucement, bien doucement, effleurait à peine, du bout de son index moyen âge, la surface abolie de l'eau, devant le veilleur!... Et il grattait avec une douceur telle que celui-ci, bien qu'étonné, ne pouvait juger cette vague alarme comme d'une importance digne que la pierre fût jetée. Il écoutait. A la longue, son instinct, se pénétrant obscurément de l'*idée* du danger, son coeur, oh! son pauvre coeur ingénu se mettait à battre affreusement: — ce qui remplissait de jubilation Bonhomet.

Et voici que les beaux cygnes, l'un après l'autre, troublés, par ce bruit, au profond de leurs sommeils, se détiraient onduleusement la tête de dessous leurs pâles ailes d'argent, — et, sous le poids de l'ombre de Bonhomet, entraient peu à peu dans une angoisse, ayant on ne sait quelle confuse conscience du mortel péril qui les menaçait. Mais, en leur délicatesse infinie, ils souffraient en silence, comme le veilleur, — ne pouvant s'enfuir, *puisque la pierre n'était pas jetée!* Et tous les coeurs de ces blancs exilés se mettaient à battre des coups de sourde agonie, — *intelligibles* et distincts pour l'oreille ravie de l'excellent docteur qui, — sachant bien, lui, ce que leur causait, *moralement*, sa seule proximité, — se délectait, en des prurits incomparables, de la terrifique sensation que son immobilité leur faisait subir.

— Qu'il est doux d'encourager les artistes! se disait-il tout bas.

Trois quarts d'heure, environ, durait cette extase, qu'il n'eût pas troquée contre un royaume. Soudain, le rayon de l'Étoile-du-matin, glissant à travers les branches, illuminait, à l'improviste, Bonhomet, les eaux noires et les cygnes aux yeux pleins de rêves! Le veilleur, affolé d'épouvante à cette vue, jetait la pierre... — Trop tard!... Bonhomet, avec un grand cri horrible, où semblait se démasquer son sirupeux sourire, se précipitait, griffes levées, bras étendus, à travers les rangs des oiseaux sacrés! — Et rapides étaient les étreintes des doigts de fer de ce preux moderne: et les purs cols de neige de deux ou trois chanteurs étaient traversés ou brisés avant l'envolée radieuse des autres oiseaux-poètes.

Então, o bom doutor, sorrindo na sombra, arranhava suavemente, bem suavemente, apenas roçando com a ponta de seu indicador idade média a superfície ondulosa da água diante do sentinela!... e ele arranhava com tal leveza que este, ainda que espantado, não podia julgar essa vaga inquietação como de importância digna para que a pedra fosse lançada. Escutava. Com o tempo, seu instinto, penetrado obscuramente pela *idéia* do perigo, seu coração, oh! seu pobre coração ingênuo se punha a bater tenebrosamente: — o que enchia Bonhomet de júbilo.

E eis que os belos cisnes, um após o outro, perturbados por esse ruído na profundidade de seus sons, esticavam ondulosamente a cabeça debaixo de suas pálidas asas de prata — e sob o peso da sombra de Bonhomet, entravam pouco a pouco em angústia, tendo não se sabe qual confusa consciência do mortal perigo que os ameaçava. Mas, em sua infinita delicadeza, sofriam em silêncio, tal como o sentinela — não podendo fugir, *pois a pedra não era lançada!* E todos os corações desses brancos exilados se punham a bater golpes de surda agonia — *inteligíveis* e distintos para o ouvido maravilhado do excelente doutor que — sabendo bem o que lhes causava, *moralmente*, essa sua aproximação — deleitava-se em pruridos incomparáveis com a terrífica sensação que sua imobilidade lhes provocava.

— Como é doce encorajar artistas! dizia ele baixinho.

Três quartos de hora, aproximadamente, durava esse êxtase, que ele não trocaria por um reino. Súbito, o raio da Estrela da manhã, escorregando através dos ramos, iluminava de improviso Bonhomet, as águas negras e os cisnes de olhos cheios de sonhos! O sentinela, enlouquecido de pavor ante essa visão, lançava a pedra... — Tarde demais!... Bonhomet, com um grito horrível em que parecia desmascarar seu melífico sorriso, precipitava-se, garras erguidas, braços estendidos, através das fileiras das sagradas aves! — E rápidos eram o estreitar dos dedos de ferro desse paladino moderno: e os pescoços puros de neve de dois ou três cantores eram atravessados ou quebrados ante o radioso levantar de vôo das outras aves-poetas.

Alors, l'âme des cygnes expirants s'exhalait, oublieuse du bon docteur, en un chant d'immortel espoir, de délivrance et d'amour, vers des Cieux inconnus.

Le rationnel docteur souriait de cette sentimentalité, dont il ne daignait savourer, en connaisseur sérieux, qu'une chose, — LE TIMBRE. — Il ne prisait, musicalement, que la douceur singulière *du timbre* de ces symboliques voix, qui vocalisaient la Mort comme une mélodie.

Bonhomet, les yeux fermés, en aspirait, en son coeur, les vibrations harmonieuses: puis, chancelant, comme en un spasme, il s'en allait échouer à la rive, s'y allongeait sur l'herbe, s'y couchait sur le dos, en ses vêtements bien chauds et imperméables.

Et là, ce Mécène de notre ère, perdu en une torpeur voluptueuse, ressavourait, au tréfond de lui-même, le souvenir du chant délicieux — bien qu'entaché d'une sublimité selon lui démodée — de ses chers artistes.

Et, résorbant sa comateuse extase, il en ruminait ainsi, à la bourgeoise, l'exquise impression jusqu'au lever du soleil.

Então a alma dos cisnes expirantes se exalava, esquecida do bom doutor, num canto de imortal esperança, de libertação e amor, em direção a Céus desconhecidos.

O racional doutor sorria dessa sentimentalidade, da qual ele condescendia saborear apenas, sendo conhecedor sério, uma coisa — O TIMBRE. — Ele estimava, musicalmente, somente a suavidade singular *do timbre* dessas vozes simbólicas, que vocalizavam a Morte como uma melodia.

Bonhomet, com os olhos fechados, aspirava em seu coração as vibrações harmoniosas: depois, vacilante, como em um espasmo, lançava-se à margem, esticava-se sobre a relva, deitando-se de costas, em suas vestimentas quentes e impermeáveis.

E ali, esse Mecenas de nossa era, perdido em um torpor voluptuoso, saboreava novamente, nas profundezas de si, a lembrança do canto delicioso — ainda que maculado por uma sublimidade, segundo ele, fora de moda — de seus queridos artistas.

E, reabsorvendo seu comatoso êxtase, ele ruminava assim, de maneira burguesa, a esquisita impressão até o nascer do sol.

**MOTION DU DR. TRIBULAT BONHOMET
TOUCHANT L'UTILISATION DES TREMBLEMENTS DE TERRE**

Quand Pharamond ceignit la tiare, la France n'était qu'une vaste étendue paludéenne, — bien plus propre aux ébats du canard sauvage... qu'au jeu régulier des Institutions constitutionnelles.

UN SAGE MODERNE.

**MOÇÃO DO DR. TRIBULAT BONHOMET
REFERENTE À UTILIZAÇÃO DOS TREMORES DE TERRA**

Quando Pharamond cortou a tiara, a França era apenas uma vasta extensão palustre — muito mais apropriada às diversões do pato selvagem... do que ao jogo regular das Instituições constitucionais.

UM SABIO MODERNO.

Motion du Dr. Tribulat Bonhomet touchant l'utilisation des tremblements de terre*

A Monsieur Gustave GUICHES.

«— Arpentons-nous un terroir de fantaisie dont nous sommes les... capucins de cartes?

«Quoi! venant de fêter, derechef, une naïve tradition de nos pères, — ces jours gras dont s'extasie la jeunesse, — voici qu'au moment où nous allons nous livrer au sommeil les cours d'honneur de nos plus conséquents hôtels, en notre capitale, se voient envahies, à l'arrivée des trains du soir, par des hordes plus que sommairement vêtues (quelques dames ayant poussé la terreur jusqu'à l'impudicité), voici que les majordomes, se croyant les jouets d'hallucinations morbides, — sinon d'une sortie de bal de barrière, — ne peuvent que béer à ce spectacle, tandis que, mandés en toute hâte et présument déjà quelque nouvelle fumisterie d'anarchistes, les accourus gardiens de cette paix, — qui nous est plus chère que toute chose excepté la vie, — se caressent silencieusement l'impériale au narré des confidences, trémolantes encore, de tous ces voyageurs qu'ils écoutent d'une oreille distraite, en les enveloppant de regards obliques et soupçonneux!

* A la nouvelle des très horribles tremblements de terre (des fin février et 1er mars 1887), — phénomènes qui désolèrent le Midi, — l'illustre Docteur crut de son devoir d'adresser aux bureaux de nos deux Chambres la présente MOTION, dont l'urgence, — malgré le voeu secret d'une double majorité, — fut (du moins au dire énergique de Bonhomet lui-même), remise aux «calendes grecques».

Nous n'ajoutons que *l'épigraphe*, pour indiquer le *la* particulier à l'intonation professorale du célèbre spécialiste.

Moção do Dr. Tribulat Bonhomet referente à utilização dos tremores de terra*

Ao Senhor Gustave GUICHES⁵⁶⁸.

“— Andamos a passos largos por uma terra de fantasia na qual somos os... capuchinhos do baralho?

“O quê! acabando de comemorar, mais uma vez, uma ingênua tradição de nossos pais — esses dias de carnaval nos quais a juventude se extasia —, eis que quando vamos nos entregar ao sono, as escadas de honra de nossos mais consideráveis hotéis, da nossa capital, vêem-se invadidas com a chegada dos trens da tarde por uma horda mais que sumariamente vestida (algumas damas tendo levado o terror até a impudicícia), eis que os mordomos, acreditando-se joguetes de mórbidas alucinações — senão de uma saída de baile de máscaras —, não podem mais que embasbacar-se a esse espetáculo, enquanto que, convocados com urgência e presumindo já alguma nova mistificação de anarquistas, os precipitados guardiões dessa paz — que nos é mais querida que qualquer coisa excetuada a vida — acariciam silenciosamente a imperial⁵⁶⁹, expostos as confidências ainda tremulantes de todos esses viajantes que eles escutam com ouvido distraído, envolvendo-os com olhares oblíquos e suspeitosos!

* Diante da notícia dos mais terríveis tremores de terra (de fins de fevereiro e 1º de março de 1887) — fenômenos que destruíram o mediterrâneo — o ilustre Doutor acreditou ser seu dever endereçar aos escritórios de nossas duas Câmaras a presente MOÇÃO, cuja urgência — malgrado a promessa secreta de uma dupla maioria —, foi (ao menos no dizer enérgico do próprio Bonhomet) remetida aos “calendários gregos”. [Ou seja, a um tempo que não virá jamais, pois os gregos antigos não tinham calendário. (n. do t.)]

Acrescentamos apenas a *epígrafe*, para indicar o a particular à entonação professoral do célebre especialista. [n. do a.]

⁵⁶⁸ Gustave Guiches (1860-1935): romancista francês; muito próximo de Villiers nos últimos anos de sua vida.

⁵⁶⁹ *imperial*: espesso bigode acompanhado de uma barbicha, usado pelos últimos imperadores franceses e mais tarde por Napoleão III, primeiro presidente da França.

«— Vraiment, lorsqu'on lu des dépêches méridionales l'électricité contraignit chacun de se rendre à l'évidence, nous ne sûmes, avouons-le, que penser. C'était à se croire en plein Moyen-âge!»

«Comment d'aussi mélodramatiques phénomènes peuvent-ils encore se produire au milieu de nos civilisations constitutionnelles et régulières? Cela ne répugne-t-il pas au Sens-commun! Ces cataclysmes, aujourd'hui sans raison d'être, et qui ont fait leur temps, riment-ils à quelque chose? Non pas! Ils choquent, simplement, toutes les idées reçues et ne sauraient qu'exiger une prompt répression. Quoi! dans notre siècle de lumières, six mille personnes, pour la plupart honorables, ne peuvent innocemment prendre le frais sans être exposées à ce qu'une inopinée trépidation du sol les écrase à l'improviste?... Je trouve à ceci comme une vague odeur d'obscurantisme.

«Comment soumettre ces secousses aux freins d'une sage réglementation? les museler, pour ainsi dire, en les classant sous un régime ingénieusement administratif?... Il n'y a pas à tergiverser: il faut arriver à ça.

«Sinon la Science, qui est tout, absolument tout, finirait par ne plus sembler qu'un leurre — nous assimilant, autant dire, à des jouets de la Mécanique-céleste: — ce qui est inadmissible.

«Que le sous-sol, en de certains volcaniques voisinages, présente encore des difficultés d'investigations momentanément appréciables, soit; mais devons-nous être, longtemps encore, à la merci des éventuelles gracieusetés d'un solfatare, alors que nos jours en dépendent? Ne vaudrait-il pas mieux nous résigner, comme de pratiques savants le proposent, à vider tout bonnement le Vésuve, pour créer des exutoires plus libres aux suburbaines flatuosités de la planète?

«Question.

“— Realmente, logo que se leram os despachos telegráficos meridionais e a eletricidade constrangeu cada um a se render à evidência, nós não soubemos, confessamos, o que pensar. Era de se crer em plena Idade Média!”

“Como fenômenos melodramáticos podem ainda ocorrer em meio as nossas civilizações constitucionais e regulamentadas? Isso não repugna ao Senso-comum! Esses cataclismos, hoje sem razão de ser, e que tiveram seu tempo, correspondem a alguma coisa? Não! Eles chocam, simplesmente, todas as idéias recebidas e não saberiam exigir mais que uma pronta repressão. O quê! no nosso século de luzes, seis mil pessoas, a maior parte honráveis, não podem inocentemente tomar ar sem estar expostas a que uma inesperada trepidação do solo as esmague repentinamente?... Eu encontro aqui como que um vago odor de obscurantismo.

“Como submeter esses abalos aos freios de uma sábia regulamentação? amordaçá-los, por assim dizer, classificando-os sob um regime engenhosamente administrativo?... Não há que se fazer rodeios: é preciso chegar a isso.

“De outra forma a Ciência, que é tudo, absolutamente tudo, acabaria por parecer apenas um engodo — assemelhando-nos, vale dizer, a joguetes da Mecânica-celeste: — o que é inadmissível.

“Que o subsolo em certas regiões vulcânicas apresente ainda dificuldades de investigações momentaneamente apreciáveis, que seja; mas devemos ficar por muito tempo ainda à mercê das eventuais afabilidades de uma solfatara, quando nossos dias dependem disso? Não seria melhor nos resignar, como sugerem sábios práticos, a esvaziar simplesmente o Vesúvio para criar melhores exutórios às flatuosidades suburbanas do planeta?

“Questão.

«Le plus révoltant de l'aventure est que maintes gens, tolérés, dans nos grands centres, on ne sait trop à quel titre — (à celui d'«artistes» je crois?) — ont l'air, pour gouailler le Progrès, de s'autoriser de ces calamiteuses fumisteries de notre étoile, prétextant que ces aveugles oscillations des couches terraquées de l'Italie démontrent l'ingérence, en nos affaires, de Puissances secrètes, espiègles et nuisibles, — Oui! oui! c'est cette idée biscornue (et pas une autre!) que cachent toutes ces transparentes insinuations, — ces réticences, même! de certaine presse: — et nous les voyons venir!... Oui, oui, nous les voyons venir.

«Car ces vils aligneurs de mots sont toujours de l'opinion des choses en retard: leur arrière-pensée serait de nous ramener aux rois fainéants, au droit du seigneur et à l'Inquisition: — ils sont une peste pour le corps social. — Certes, je n'en disconviens pas, nous les décorons, nous les couvrons d'or, nous les rassasions de démonstrations admiratives et chaudement sympathiques; mais, au fond, nous savons très bien que nous les méprisons et haïssons comme la boue de nos souliers. N'était cet esprit de modération qui est le principe de notre être et de notre ère, il y a belle lurette que nous les eussions exterminés sous le bâton. Mais, voilà! ce serait excessif.

«Il nous faudrait donc leur préparer un trépas hideux, — dont nous puissions, ostensiblement, nous laver les mains. Je crois répondre au voeu secret de tous en prenant sur moi de le déclarer.

«Eh bien! cette idée m'est venue de les confier à la maternelle Nature, puisqu'ils sont de l'opinion de cette dernière. — Voici donc mon projet.

«M. Eve del Rio, ayant bien voulu nous communiquer ses prévisions, — (que l'événement, hélas! n'a que trop justifiées le 2 du courant), — nous abuserons encore de son amabilité en le priant de vouloir bien nous préciser les époques selon lui les plus scabreuses, ainsi que les terrains les plus suspects quant à quelque prochain Tremblement de terre, le plus imminent possible.

“O mais revoltante do fato é que várias pessoas, toleradas nos grandes centros, não se sabe muito a título de que — (a de “artistas” eu creio?) — parecem, para zombar do Progresso, apoiar essas calamitosas mistificações de nossa estrela, pretextando que as cegas oscilações das camadas terráqueas da Itália demonstram a intervenção, em nossos assuntos, de Potências secretas, maliciosas e nocivas. — Sim! sim! é essa idéia esquisita (e não outra!) que todas essas transparentes insinuações escondem — as reticências, mesmo! de certa imprensa: e nós os vimos vir!... Sim, sim, nós os vimos vir.

“Pois os vis alinhadores de palavras são sempre da opinião das coisas atrasadas: sua segunda intenção seria a de nos reconduzir aos reis ociosos, ao direito do senhor e à Inquisição: — são uma peste para o corpo social. — Certamente, eu não desconvenho disso, nós os decoramos, nós os cobrimos de ouro, nós os cumularmos de demonstrações admirativas e calorosamente simpáticas; mas, no fundo, sabemos muito bem que os desprezamos e os odiamos como a lama de nossos sapatos. Não fosse o espírito de moderação, que é o princípio de nosso ser e de nossa era, há muito tempo que nós os teríamos exterminado abaixo de pau. Mas, vá! Isso seria excessivo.

“Precisaríamos então lhes preparar um trespasse horrendo — do qual ostensivamente pudéssemos lavar as mãos. Eu creio responder ao voto secreto de todos tomando a responsabilidade de declará-lo.

“Então! veio-me a idéia de confiá-los à maternal Natureza, já que são da opinião desta última. — Eis meu projeto.

“O Sr. Eve del Rio⁵⁷⁰, tendo ansiado muito nos comunicar suas previsões — (que o acontecimento, ah! muito as justificou no dia 2 do corrente), — abusaremos ainda de sua amabilidade pedindo-lhe de ter a bondade de nos precisar as épocas, segundo ele, as mais escabrosas, e também os terrenos mais suspeitos, acerca de algum Tremor de terra futuro, o mais iminente possível.

⁵⁷⁰ *Eve del Rio*: “era sem dúvida um astrólogo da época”, conf. *Oeuvres complètes*, p.1153.

«Les indications de ce moderne Jonas une fois obtenues, je propose que, sur l'endroit le plus menacé, soient édifiés, pour l'époque utile, d'énormes bâtiments à toiture de granit. Cela fait, itérativement je propose qu'avec toutes ces câlineries persuasives et doucereuses (en lesquelles nous sommes, Dieu merci, passés maîtres!) nous invitons à s'y établir toute l'inspirée ribambelle de ces prétendus Rêveurs, — que Platon voulait, en son indulgence, que l'on couronnât de roses en les jetant à la porte de la République.

«L'aléatoire de la catastrophe nous couvrirait, aux yeux de la Loi, de leur anéantissement.

«Bref, nous leur offririons un logis confortable, brillant même, avec des horizons, des couchers du Soleil, des horizontales, des étoiles, des falaises, des myrtes, des vins fins, des romans, des fleurs, des oiseaux, enfin l'entourage où ces messieurs perçoivent toutes leurs insipides fantasmagories. Et, puisqu'ils s'obstinent, malgré l'évidence, à croire encore au Mystérieux, qu'ils soient ainsi livrés au Mystérieux!

— De sorte qu'au moment où ils y penseront le moins;

krrraaâk!!!

«nous en serons débarrassés! — Et nous nous froterons joyeusement les mains à cette nouvelle, en leur souhaitant, bon voyage chez Pluton.

«De cette façon, ces périodiques interventions de l'Absurde, ces sursauts des dernières forces aveugles de la Nature seront utilisées et rationalisées ... *Similia similibus*.

“Uma vez obtidas as indicações deste moderno Jonas, eu proponho que, sobre o lugar mais ameaçado, sejam erguidos para a época útil enormes edifícios com cobertura de granito. Isso feito, eu proponho que interativamente, com todas as blandícias persuasivas e adocicadas (nas quais somos, graças a Deus, passados mestres!), convidemos para aí se estabelecer toda a inspirada caterva desses pretensos Sonhadores — que Platão⁵⁷¹ queria, em sua indulgência, que fossem coroados de rosas e lançados à porta da República.

“O aleatório da catástrofe nos defenderia, aos olhos da Lei, de sua destruição.

“Enfim, nós lhes ofereceremos uma habitação confortável, mesmo suntuosa, com horizontes, pôr-do-Sol, panoramas, estrelas, falésias, mirtos, vinhos finos, romances, flores, pássaros, enfim o ambiente onde esses senhores concebiam todas as suas insípidas fantasmagorias. E, uma vez que eles se obstinam, malgrado a evidência, a crer ainda no Misterioso, que sejam também entregues ao Misterioso!

— De modo que no momento em que menos pensassem nisso,

kkrraaâk!!

“nós nos livraremos deles! — E esfregaremos alegremente as mãos diante dessa novidade, desejando-lhes uma boa viagem à casa de Plutão.

“Destá maneira, as intervenções periódicas do Absurdo, os sobressaltos das últimas forças cegas da Natureza serão utilizados e racionalizados... *Similia similibus*⁵⁷².

⁵⁷¹ Platão (428-346 a.C.): filósofo grego; a exclusão dos poetas encontra-se no livro X da *República*.

⁵⁷² *Similia similibus*: ‘os semelhantes pelos semelhantes’; a expressão completa em latim é *similia similibus curantur*, ‘os semelhantes curam-se pelos semelhantes’, lema da escola homeopática, enunciado por Samuel Hahnemann no *Organon da Medicina* (1810).

«Tout calcul fait, il y aurait économie: le matériel nous resterait, à la surface du globe, pour, — de temps en temps, — renouveler cette sorte de purgation sociale.

«Et la preuve que je suis dans le vrai, quand je propose, après l'avoir mûrement pesé, ce dérivatif, c'est que, si nous eussions eu le choix, enfin, *de troquer les six mille personnes honorables, écrasées dans la dernière catastrophe, contre six mille barbouilleurs de papier, quel est celui d'entre NOUS qui eût hésité? — ne fût-ce qu'une seconde.*»

“Feito todo cálculo, haveria economia: o material permaneceria na superfície do globo para — de tempo em tempo — renovar essa espécie de purgação social.

“E a prova de que estou certo quando proponho este derivativo, depois de refletida consideração, está que, se nós tivéssemos tido a escolha, enfim, *de trocar as seis mil pessoas honráveis esmagadas na última catástrofe por seis mil rabiscadores de papel, quem dentre NÓS teria hesitado — mesmo por um segundo?*”

LE BANQUET DES ÉVENTUALISTES

Un peu de café, après dîner, fait qu'on s'estime.

Luc de CLAPIERS, marquis de VAUVENARGUES.

O BANQUETE DOS EVENTUALISTAS

Um pouco de café, depois do jantar, faz com que nós nos estimemos.

Luc de CLAPIERS, marquês de VAUVENARGUES⁵⁷³.

⁵⁷³ Luc de Clapiers, marquês de Vauvenargues (1715-1747): francês, autor de um livro de máximas.

LE BANQUET DES ÉVENTUALISTES

A Madame Méry LAURENT.

*
* *

Le banquet annuel des Éventualistes, sous la Haute-présidence du docteur Tribulat Bonhomet, s'achevait en toasts paisibles.

C'était l'instant délicieux où, l'un l'autre, en se souriant, l'on boit aux «idées» dont on daigne se croire, ici-bas, le principal, sinon l'unique-dépositaire. D'urgentes questions bio-sociologiques venaient d'être débattues: il va sans dire que les noms de Stuart Mill, de Bain, de Smith et de Herbert Spencer, — donnant du lustre aux douces banalités que leur attribuaient leurs insoucieux citateurs, — avaient sillonné maintes périodes, comme des lueurs dans la nuit.

Les esprits, maintenant, se laissaient nonchalamment aller au cours de ces controverses courtoises dont les gens de goût savent stimuler leurs digestions éclairées.

Soudain, la causerie (générale quoique intime), sur on ne sait trop quelle interruption, devint ALARMISTE. Et, quand le café parut, le mot sonore par excellence, et cependant de syllabes si moelleuses, le mot «dynamite» (horreur!) fut prononcé.

«— La misère parisienne allait, s'aggravant: plus d'issue, les produits excédant les besoins, et les bruits belliqueux n'étant pas de nature à rassurer la pusillanimité du numéraire. Rien ne semblait plus... assis. Les plus lucides, les plus didactiques explications de la crise présente commençaient, elles-mêmes, à sembler peu nourrissantes aux intéressés.

O BANQUETE DOS EVENTUALISTAS

À Senhora Méry LAURENT⁵⁷⁴.

*
* *

O banquete anual dos Eventualistas, sob a Alta-presidência do doutor Tribulat Bonhomet, encerrava-se em brindes pacíficos.

Era o instante delicioso em que, reciprocamente, sorridente, bebe-se “idéias” das quais nos dignamos a crer aqui embaixo o principal, senão o único depositário. Urgentes questões bio-sociológicas acabavam de ser debatidas: basta dizer que os nomes de Stuart Mill, de Bain, de Smith e de Herbert Spencer⁵⁷⁵ — dando lustro às doces banalidades que seus descuidados citadores lhes atribuíam — tinham sulcado muitos períodos, como clarões na noite.

Os espíritos, agora, deixavam-se negligentemente ir com o curso das controvérsias cortesias com as quais as pessoas de bom gosto sabem estimular suas digestões esclarecidas.

Súbito, a conversa (geral ainda que íntima), não se sabe bem por qual interrupção, tornou-se ALARMISTA. E quando apareceu o café, a palavra sonora por excelência, e, entretanto, de sílabas tão macias, a palavra “dinamite” (horror!) foi pronunciada.

“— A miséria parisiense ia se agravando: sem solução, as necessidades excediam os produtos, e os ruídos belicosos não eram de natureza a tranqüilizar a pusilanimidade do numerário. Nada parecia mais... em seu lugar. As mais lúcidas, as mais didáticas explicações da presente crise começavam, elas mesmas, a parecer pouco substanciais aos interessados.

⁵⁷⁴ Méry Laurent (1849-1900): amiga, ou talvez amante, de Stéphane Mallarmé; ajudou muito Villiers financeiramente nos últimos anos.

⁵⁷⁵ *Stuart Mill*: John Stuart Mill (1806-1873), filósofo e economista inglês; *Bain*: Alexander Bain (1818-1903), filósofo escocês; *Smith*: Adam Smith (1723-1790), filósofo e economista escocês; *Herbert Spencer*: Hebert Spencer (1820-1903), filósofo e sociólogo inglês.

«— Les meneurs de la presse radicale, aiguillonnant sans cesse le taureau populaire, à la longue un concert d'explosifs, — de nouveaux et terribles explosifs, — pouvait, d'un moment à l'autre, troubler la paix publique. Oui. De récents procès, — où les accusés, appuyés d'un auditoire menaçant, avaient parlé de faire tout sauter, osant même prétendre, en pleine cour d'assises, que l'honorable président et ses assesseurs en tremblaient «SUR LEURS TIBIAS», — démontraient l'irritation des nécessiteux. Déjà, dans tels clubs des banlieues, on ne rêvait que de dynamiter, de panclastiter même, ou de mélinitiner, comme par distraction, — «pour voir ce que ça donnerait,» — le Corps législatif, le Sénat, la Préfecture de police, l'Élysée, etc., etc. L'on ne parlait que de miner les synagogues, les israélites paraissant être les gens les plus à leur aise, — partant les plus coupables. L'idée, émise d'abord en se jouant, passait, insensiblement, — il fallait bien se l'avouer, — à l'état de projet!... Des listes de massacres partiels étaient dressées; les enfants anarchistes déjà les récitaient à titre de prières du soir... — Bref, après quelques grands froids, fin courant peut-être, une sédition — bien autrement sérieuse que celle de 1871 (l'ennemi ne cernant plus la capitale) — pouvait...»

“— Com os chefes da imprensa radical aguilhoando sem cessar o touro popular, com o tempo um concerto de explosivos — de novos e terríveis explosivos — podia, de um momento para outro, perturbar a paz pública. Sim. Processos recentes — onde os acusados, apoiados sobre um auditório ameaçador, tinham falado em fazer tudo ir pelos ares, ousando mesmo pretender, em plena corte do tribunal criminal, que o honorífico presidente e seus assessores tremendo “SOBRE AS PRÓPRIAS TÍBIAS”,⁵⁷⁶ — demonstravam a irritação dos necessitados. Já nos tais clubes dos subúrbios só se pensava em dinamitar, mesmo panclastitar ou melinitar⁵⁷⁷, como que por distração — “para ver no que vai dar” — o Corpo legislativo, o Senado, a Prefeitura de polícia, o Elíseo, etc., etc. Só se falava em minar as sinagogas, os israelitas parecendo ser as pessoas mais à vontade — portanto os mais culpáveis. A idéia emitida como por brincadeira de início, passava insensivelmente — é preciso reconhecer — a estado de projeto!... Listas de massacres parciais eram elaboradas; as crianças anarquistas já as recitavam a título de oração noturna... — Enfim, após algumas friezas, termina ocorrendo talvez uma sedição — muito mais séria do que aquela de 1871 (o inimigo não rodeando mais a capital) podia...”

⁵⁷⁶ *sobre as próprias tíbias*: referência à declaração de Clément Duval (1850-1935) diante do tribunal, publicada na época (1886) numa tiragem de 50 mil exemplares: “Não! eu não sou um ladrão mas um expropriador, um justiceiro que diz que tudo é de todos, e é essa rigorosa lógica da idéia anarquista que vos faz tremer sobre as tíbias”. In The Stan Iverson Memorial Library & Anarchist Archives (<http://recollectionbooks.com/bleed/Encyclopedia/DuvalClement/cs85duval.html>).

⁵⁷⁷ *panclastitar*: de panclastite: explosivo líquido constituído de uma mistura de tetróxido de dinitrogênio com algum líquido combustível; *melinitar*: de *mélinite*: nome comum do ácido pícrico, ou trinitrofenol, composto altamente explosivo; ambos descobertos pelo químico francês Eugène Turpin (1848-1927). Não há ocorrência, em português, dos dois termos na sua forma verbal.

— En vérité, messieurs, je cherche, vainement, un euphémisme pour vous laisser entendre que vous raisonnez, ici, positivement, comme des fromages! s'écria le docteur Tribulat Bonhomet, (en atténuant, de son plus onctueux sourire, ce que le ton de sa remarque pouvait présenter d'imparlementaire). — Vous oubliez que la profondeur, la prudence et l'énergie madrée de nos gouvernants, ont su neutraliser, d'AVANCE, toute possibilité d'insurrection, même partielle, — grâce à certaine mesure préventive, prophylactique, si vous le préférez, d'une simplicité vraiment géniale — et dont les résultats pacificateurs sont littéralement magiques.

— Quelle mesure? s'écrièrent les convives en ouvrant de grands yeux.

— Ah! vous ne l'avez pas remarquée?... continua le président: — eh bien! — je suis heureux de vous la révéler. Si, de prime abord, elle peut sembler anodine (et c'est là sa force) à quelques esprits superficiels, je déclare qu'on demeure, en vérité, momifié d'admiration pour peu qu'on se donne la peine d'en observer les conséquences. — Il s'agit, tout bonnement, du décret, déjà vieillot, qui autorise les mille et mille beuveries, cabarets, cafés et tavernes de la Capitale à ne forclore leurs auvents que sur les deux heures de la nuit.

— Eh bien?... Après?... murmurèrent les Éventualistes, étonnés de la solennité d'intonation de l'éminent thérapeute.

— Après?... répondit celui-ci: — suivez, je vous prie, ce raisonnement, dont, encore un coup, la miraculeuse banalité a cela de mortel *qu'elle ne peut sembler qu'un paradoxe*.

Puissiez-vous, (enfin!) vous pénétrer de cette vérité disparue des mémoires: *le jour n'a que 24 heures*.

Partons de ce principe. — Or, lorsqu'un homme se couche avant minuit et se lève sur les sept heures du matin, cet homme a le regard clair, l'esprit en éveil, le bras solide et reposé; — il peut, sérieusement, s'intéresser aux affaires de son pays... (tout en vaquant fructueusement aux siennes).

— Em verdade, senhores, eu procuro em vão um eufemismo para vos fazer entender que raciocinai aqui, positivamente, como queijos! Exclamou o doutor Tribulat Bonhomet, (atenuando, com seu mais untuoso sorriso, o que o tom de sua observação podia apresentar de imparlamentar). — Esqueceis-vos que a profundidade, a prudência e a energia raiada de nossos governantes, souberam neutralizar por ANTECIPAÇÃO toda possibilidade de insurreição, mesmo parcial — graças à certa medida preventiva, profilática, se preferis, de uma simplicidade realmente genial — e cujos resultados pacificadores são literalmente mágicos.

— Qual medida? Bradaram os convivas arregalando os olhos.

— Ah! não haveis observado? continuou o presidente: — bem! — fico feliz de vos revelar. Sim, à primeira vista pode parecer anódina (e aí está sua força) a alguns espíritos superficiais, admito que se fique certamente mumificado de admiração por pouco que se faça o favor de observar as conseqüências. — Trata-se muito simplesmente do decreto, já velhinho, que autoriza as mil e mil bebedeiras, cabarés, cafés e tavernas da Capital a fechar suas portas somente às duas horas da madrugada.

— Então?... E depois?... murmuraram os Eventualistas, pasmados pela solenidade da entonação do eminente terapeuta.

— Depois?... respondeu ele: — seguis, eu vos peço, este raciocínio, cuja miraculosa banalidade é, uma vez mais, mortal *por parecer somente um paradoxo*.

Possais vós (enfim!) penetrar essa verdade desaparecida das memórias: *o dia tem apenas 24 horas*.

Partamos desse princípio. — Ora, quando um homem se deita antes da meia noite e se levanta às sete horas da manhã, esse homem tem o olhar claro, o espírito desperto, o braço sólido e descansado; — ele pode interessar-se seriamente pelos negócios de seu país... (dedicando-se completa e frutuosa aos seus).

Si cet homme prend, au contraire, le pli de ne s'endormir (et de quel sommeil!) que sur les trois heures du matin, ceci le mène, voyez-vous, à DÉJEUNER BIEN TARD!... L'on s'est réveillé l'oeil terne, l'on bâille, l'on hausse les sourcils, l'heure passe, — la journée est perdue. Les soucis, augmentés par de plus qu'inutiles dépenses de liquides, deviennent plus pressants: — bref, l'émeute, si elle fut projetée la veille, est remise à huitaine, — in-dé-fi-ni-ment.

En quinze années, l'on obtient, ainsi, une exemplaire population de songe-creux, dont la force morale et physique se dilue, chaque soir, jusqu'aux deux tiers de la nuit, au milieu d'une brume de nicotine, en vaines discussions, en oiseuses professions de foi, résolutions chimériques et stériles crispations de poings: les propos sont toussés au-dessus de verres de bière ou d'alcool — et s'envolent. Résultat, pour une capitale, en quinze ans, une fluctuation des plus inoffensives d'environ trois cent mille chassieux, plus ou moins ataxiques, à cervelles vidées, aux coeurs avachis, — et dont la plupart céderaient, pour une absinthe, le revolver ou l'explosif octroyé, — comme un Chinois sa femme pour une pipe d'opium.

Vous le voyez, messieurs: cette mesure est d'une politique si efficace qu'elle consolide, quand même, la durée d'un gouvernement, quelques fautes qu'il puisse commettre, — à plus forte raison (et c'est le cas actuel) lorsqu'il n'en commet pas. Elle paralyse d'*avance*, sans effusion de sang et à la bourgeoise, toute sédition. — Tenez! si l'ukase en était promulgué à Saint-Pétersbourg, j'incline à penser que le Nihilisme lui-même n'y résisterait pas un semestre! Et j'en suis à me demander comment l'idée si simple, si pratique, de ce dérivatif paraît avoir jusqu'à ce jour échappé à la sagacité, cependant proverbiale, du cabinet moscovite.

Pelo contrário, se esse homem toma o hábito de adormecer (e com que sono!) somente às três horas da manhã, isso o leva, vedes, a TOMAR O CAFÉ BEM TARDE!... Desperta com o olho pálido, boceja, alça as sobranceiras, as horas passam — o dia está perdido. As preocupações, aumentadas pelas mais inúteis despesas de líquidos, tornam-se mais prementes: — enfim, o motim, se foi projetado na véspera, é adiado uma semana — in-de-fi-ni-da-men-te.

Em quinze anos, obtém-se assim, uma exemplar população de sonhos-vazios, cuja força moral e física se dilui, cada noite, até dois terços da noite, no meio de uma bruma de nicotina, em vãs discussões, em inúteis profissões de fé, resoluções quiméricas e estéreis crispações de punhos: os propósitos são tossidos por cima de copos de cerveja ou de álcool — e se desvanecem. Resultado, para uma capital, em quinze anos, de uma flutuação das mais inofensivas de aproximadamente trezentos mil remelentos, mais ou menos atáxicos, de cérebros vazios e corações deformados — e cuja maior parte cederia, por um absinto, o revólver ou o explosivo distribuído — como um Chinês sua mulher por um cachimbo de ópio.

Vedes vós, senhores: essa medida é de uma política tão eficaz que consolida, apesar de tudo, a duração de um governo, por mais faltas que ele possa cometer — com mais razão (como no caso atual) quando não as cometa. Ela paralisa por *antecipação*, sem efusão de sangue e de maneira burguesa, toda sedição. — Vejais! se o ukase⁵⁷⁸ fosse promulgado em São Petersburgo, eu estaria inclinado a pensar que mesmo o Niilismo não resistiria um semestre! E fico a me perguntar como a idéia tão simples, tão prática, desse derivativo parece ter até agora escapado à sagacidade, não obstante proverbial, do gabinete moscovita.

⁵⁷⁸ *ukase*: decreto do tsar, durante o império russo, que tinha força de lei.

Donc, messieurs, Nous, représentants d'un peuple d'élite, Nous qui, foncièrement prêts, — comme notre nuance l'indique, — à saluer, toujours et quand même, toutes survenances, savons ce qui s'appelle se garder à carreau, éloignons de nos banquets de vaines alarmes!... Élevons nos penses, nos coeurs et, surtout, nos verres — en l'honneur de Ceux dont la compassée vigilance nous mit, ainsi, dès longtemps, à l'abri de toutes exagérées revendications... de ce même Prolétariat sur les plaies duquel nous ne pouvons, hélas! que gémir. Allons! un doigt de Champagne, — et buvons, en toute gratitude, à la prospérité sans nuées de Ceux dont la perspicace initiative assura — sans tapage et à l'insu même des perturbateurs charmés — la sécurité de nos loisirs.»

D'unanimes adhésions acclamèrent, ici, l'orateur; les coupes s'entre-choquèrent à l'envi dans les mains rassurées.

Et le banquet annuel des Éventualistes se prolongea — (l'avenir probable de l'Humanité défrayant les conversations) — jusqu'à cette heure du Berger, si douce, toujours, à ces élus de la vie qui se sentent le corps lesté, l'esprit éclectique, le coeur à jamais libre, les convictions *éventuelles* — et la conscience vacante.

Então, senhores, Nós, representantes de um povo de elite, Nós que, fundamentalmente dispostos — como nossa nuança indica — a saudar, sempre e apesar de tudo, todos os incidentes, sabemos o que se chama estar alerta, afastamos de nossos banquetes vãs alarmas!... Elevemos nossos pensamentos, nossos corações e, sobretudo, nossos copos — em honra Daqueles cuja cuidadosa vigilância nos pôs, portanto, há muito tempo, a salvo de todas as exageradas reivindicações... desse mesmo Proletariado sobre cujas chagas não podemos, ai! senão gemer. Vamos! um dedo de champanha — e bebamos, com toda gratidão, à prosperidade sem nódoas Daqueles cuja perspicaz iniciativa assegurou — sem alvoroço e sem o conhecimento mesmo dos fascinados perturbadores — a segurança de nossas distrações.”

Unânimes adesões aclamaram, aqui, o orador; as taças se entrechocaram à porfia nas mãos tranqüilizadas.

E o banquete anual dos Eventualistas se prolongou — (a posteridade provável da Humanidade pagará as despesas) — até essa hora do Pastor, sempre tão suave aos eleitos da vida que se sentem com o corpo lesto, o espírito eclético, o coração sempre livre, as convicções *eventuais* — e a consciência vazia.

CLAIRE LENOIR

MEMORANDUM DU DOCTEUR TRIBULAT BONHOMET
MEMBRE HONORAIRE DE PLUSIEURS ACADÉMIES
PROFESSEUR AGRÉGÉ DE PHYSIOLOGIE
TOUCHANT
LE MYSTÉRIEUX CAS DE DISCRÈTE ET SCIENTIFIQUE PERSONNE:
DAME VEUVE CLAIRE LENOIR

* * *

MEMORANDUM DO DOUTOR TRIBULAT BONHOMET
MEMBRO HONORÁRIO DE MUITAS ACADEMIAS
PROFESSOR AGREGADO DE FISILOGIA
REFERENTE
AO MISTERIOSO CASO DA DISTINTA E CIENTÍFICA PESSOA:
SENHORA VIUVA CLAIRE LENOIR

A mes illustres contemporains.
T.B.

Non moechaberis.
MOÏSE.

Para meus ilustres contemporâneos.
T.B.

*Non moechaberis*⁵⁷⁹.
MOISES.

⁵⁷⁹ *Non moechaberis*: “Não adulterarás”, *Êxodo*, c.20, v.14, e “E não adulterarás”, *Deuteronômio*, c.5, v.18, o sétimo dos dez mandamentos. A versão francesa é “Não cometerás adultério”, conf. *Oeuvres complètes*, p.1156.

CHAPITRE PREMIER
PRÉCAUTIONS ET CONFIDENCES

Touched whit pensiveness...
THOMAS DE QUINCEY.

«La chaîne des événements ténébreux que je vais prendre sur moi de retracer (malgré mes cheveux blancs et mon dédain de la gloriole), me paraissant comporter une somme d'horreur capable de troubler de vieux hommes de loi, je dois confesser, *in primis*, que si je livre ces pages à l'impression, c'est pour céder à de longues prières d'amis dévoués et éprouvés. Je crains même d'être, plus d'une fois, dans la triste nécessité d'atténuer, — (par les fleurs de mon style et les ressources d'une riche faconde), — leur hideur insolite et suffocante.

Je ne pense pas que l'Effroi soit une sensation universellement profitable: le trait d'un vieil insensé ne serait-il pas de la répandre, à la volée, à travers les cerveaux, mû par le vague espoir de bénéficier du scandale? Une découverte profonde n'est pas immédiatement bonne à lancer, au pied levé, parmi le train des pensées humaines. Elle demande à être mûrement digérée et sassée par des esprits préparateurs. Toute grande nouvelle, annoncée sans ménagements, peut alarmer, souvent même affoler bon nombre d'âmes dévotieuses, surexciter les facultés caustiques des vauriens, et réveiller les antiques névroses de la Possession, chez les timorés.

CAPÍTULO PRIMEIRO
PRECAUÇÕES E CONFIDÊNCIAS

*Touched whit pensiveness...*⁵⁸⁰
THOMAS DE QUINCEY⁵⁸¹.

“Como a cadeia de tenebrosos acontecimentos que eu vou tomar a responsabilidade de reconstituir (malgrado meus cabelos brancos e meu desdém de gloriola) me parece comportar uma soma de horror capaz de perturbar velhos homens de lei, devo confessar, *in primis*, que se remeto estas páginas à impressão, é por ceder a longas súplicas de amigos devotados e experientes. Creio mesmo ter estado, por mais uma vez, na triste necessidade de atenuar — (pelas flores de meu estilo e os recursos de uma rica facúndia) — sua hediondez insólita e sufocante.

Não penso que o Pavor seja uma sensação universalmente vantajosa: não seria próprio de um velho insensato espargi-lo no ar, através dos cérebros, animado pela vaga esperança de beneficiar-se do escândalo? Não é aconselhável lançar imediatamente uma descoberta profunda, sem mais nem menos, entre o comboio dos pensamentos humanos. Ela exige ser digerida e escrutada refletidamente por espíritos preparadores. Toda grande novidade, anunciada sem comedimento, pode alarmar, às vezes até mesmo enlouquecer, bom número de almas devotas, superexcitar as faculdades cáusticas dos vadios e despertar as antigas nevróses da Possessão entre os timoratos.

⁵⁸⁰ *Touched whit pensiveness...*: “Comovido por um pouquinho de melancolia...”.

⁵⁸¹ Thomas de Quincey (1785-1859): escritor inglês; muito apreciado por Baudelaire, de onde vem a citação.

Bien est-il vrai, cependant, que faire penser est un devoir qui prime bien des scrupules!... Tout pesé, je parlerai. Chacun doit porter en soi son *aliquid inconcussum!* — D'ailleurs, mon siècle me rassure; pour quelques esprits faibles que je puis atteindre, il est de nombreux esprits forts que je puis édifier. J'ai dit «esprits forts» et je ne parle pas au hasard. Quant à la véracité de mon récit, personne, je le parierais, ne la plaisantera outre mesure. Car, en admettant, même, que les faits suivants soient radicalement faux, la seule idée *de leur simple possibilité* est tout aussi terrible que le pourrait être leur authenticité démontrée et reconnue. — Une fois pensé, d'ailleurs, qu'est-ce qui n'arrive pas un peu, dans le mystérieux Univers?

J'ai dit «mystérieux» et non «problématique»: et (qu'il me soit permis de le répéter), je ne parle pas au hasard.

Oiseuses seraient toutes digressions, crayonnées à la hâte et sans critère, sur ce sujet.

Maintenant, — puissent mes Lecteurs en être bien persuadés! — ce ne sont pas des lauriers purement «littéraires» que je brigue. En vérité, s'il est un objectif, un non-moi, que je méprise au delà même des expressions licites à la langue d'un mortel élégant, je puis bien dire que ce sont les «Belles-Lettres» et leurs suppôts!

— Foin!

Réduit à me présenter moi-même au Public, n'est-il pas urgent de me décrire tel que je suis, une fois pour toutes, au moral et au physique?

J'ai perdu, sans fruit, une partie de mon intelligence à me demander pourquoi les êtres qui m'ont vu pour la première fois ont pris des figures convulsées par le rire et des attitudes désolantes. Mon aspect, sans me vanter, devrait, au contraire, j'imagine, inspirer des pensées, par exemple, comme celle-ci: «Il est flatteur d'appartenir à une espèce dont fait partie un pareil individu!...»

Entretanto, é bem verdade que fazer pensar é um dever que prima muitos escrupulos!... Tudo considerado, eu falarei. Cada um deve trazer consigo sua *aliquid inconcussum!*⁵⁸² — Aliás, meu século me conforta; para alguns espíritos fracos que eu possa atingir, há numerosos espíritos fortes que eu posso edificar. Eu disse “espíritos fortes” e eu não falo ao acaso. Quanto à verdade de meu relato, ninguém, eu apostaria, a criticaria com excesso. Pois, mesmo admitindo que os fatos seguintes sejam radicalmente falsos, unicamente a idéia *de sua simples possibilidade* é já tão terrível que sua autenticidade poderia ser demonstrada e reconhecida por isso. — Aliás, uma vez pensado, o que é que não se torna um pouco possível no misterioso Universo?

Eu disse “misterioso” e não “problemático”: e (que me seja permitido repetir), eu não falo ao acaso.

Ociosas seriam todas as digressões, rabiscadas às pressas e sem critério, sobre esse assunto.

Agora — possam meu Leitores estar bem persuadidos sobre isso! — não são lauréis puramente “literários” que eu ambiciono. Na verdade, se há um objetivo, um não-eu, que desprezo além mesmo das expressões lícitas à língua de um mortal elegante, eu posso bem dizer que são as “Belas-Letras” e seus partidários!

— Bah!

Obrigado a apresentar a mim mesmo ao Público, não é urgente descrever-me tal como sou, de uma vez por todas, no moral e no físico?

Sem resultado algum, eu perdi uma parte de minha inteligência a me perguntar por que os seres que me viram pela primeira vez tiveram a aparência convulsionada pelo riso e atitudes desoladoras. Sem querer me gabar, mas meu aspecto deveria, pelo contrário, penso, inspirar pensamentos como este, por exemplo: “é lisonjeiro pertencer a uma espécie da qual faz parte semelhante indivíduo!...”

⁵⁸² *aliquid inconcussum!*: medida inabalável!

Physiquement, je suis ce que, dans le vocabulaire scientifique, on appelle: «un Saturnien de la seconde époque.» J'ai la taille élevée, osseuse, voûtée, plutôt par fatigue que par excès de pensée. L'ovale tourmenté de mon visage proclame des tablatures, des projets; — sous d'épais sourcils, deux yeux gris, où brillent, dans leurs caves, Saturne et Mercure, révèlent quelque pénétration. Mes tempes sont luisantes à leurs sommets: cela dénonce que leur peau morte ne boit plus les convictions d'autrui: leur provision est faite. — Elles se creusent, aux côtés de la tête, comme celles des mathématiciens. Tempes creuses, creusets! Elles distillent les idées jusqu'à mon nez qui les juge et qui prononce. Mon nez est grand, — d'une dimension même considérable, — c'est un nez à la fois envahisseur et vaporisateur. Il se busque, soudain, vers le milieu, en forme de cou-de-pied, — ce qui, chez tout autre individu que moi, signalerait une tendance vers quelque noire monomanie. Voici pourquoi: le Nez, c'est l'expression des facultés du raisonnement chez l'homme; c'est l'organe qui précède, qui éclaire, qui annonce, qui sent et qui indique. Le nez visible correspond au nez impalpable, que tout homme porte en soi en venant au monde. Si donc, dans le cours d'un nez, quelque partie se développe, imprudemment, au préjudice des autres, elle correspond à quelque lacune de jugement, à quelque pensée nourrie au préjudice des autres. Les coins de ma bouche pincée et pâle ont les plissements d'un linceul. Elle est assez rapprochée du nez pour en prendre conseil avant de discourir à la légère et, suivant le dicton, comme une corneille qui abat des noix.

Sans mon menton, qui me trahit, je serais un homme d'action; mais un Saturne sénile, sceptique et lunatique, l'a rentré comme d'un coup de faux. La couleur et la qualité de mon poil sont dures comme celles de mes pairs en contemporanéité symbolique. Mon oreille, finement ourlée et longue comme celle des Chinois, notifie mon esprit minutieux.

Fisicamente, eu sou o que, no vocabulário científico, chama-se: “um Saturniano da segunda época.” Tenho o talhe elevado, ossudo, encurvado, antes por fadiga que por excesso de pensamento. O oval irregular de meu rosto proclama dificuldades, projetos; — sob espessas sobranceiras dois olhos cinzentos, onde brilham nas suas cavas Saturno e Mercúrio, revelam alguma penetração. Minhas têmporas são luzentes até o alto: o que denuncia que sua pele morta não bebe mais as convicções de outrem: sua provisão está feita. — Elas se afundam pelos lados da cabeça como aquelas dos matemáticos. Têmporas cavas, cadinhos! Elas destilam as idéias até meu nariz que as julga e se pronuncia. Meu nariz é grande — de uma dimensão mesmo considerável — é um nariz ao mesmo tempo invasor e vaporizador. Ele se arqueia, súbito, em direção ao centro, em forma de peito do pé — que, em outro indivíduo que não fosse eu, assinalaria uma tendência a alguma negra monomania. Eis o porquê: o Nariz é a expressão das faculdades do raciocínio no homem; é o órgão que precede, que esclarece, que anuncia, que sente e que indica. O nariz visível corresponde ao nariz impalpável, que todo homem traz consigo ao vir ao mundo. Assim, se no curso de um nariz, alguma parte se desenvolve imprudentemente em prejuízo de outras, ela corresponde a alguma lacuna do discernimento, a algum pensamento que se alimentou à custa de outros. Os cantos de minha boca fina e pálida possuem os franzimentos de uma mortalha. Ela é muito próxima do nariz para aconselhar-se antes de discorrer levemente e, segundo o dito, como uma gralha que derruba nozes.

Sem meu queixo, que me trai, eu seria um homem de ação; porém um Saturno senil, cético e lunático o mutilou como com um golpe de foice. A cor e qualidade de meu cabelo são duros como aqueles de meus pares em contemporaneidade simbólica. Minha orelha, finamente orlada e longa como aquela dos Chineses, testemunha meu espírito minucioso.

Ma main est stérile; la Lune et Mercure s'en disputent les bas-fonds; mon grand médium noueux, spatulé, chargé de ratures à sa deuxième phalange, les laisse faire, en son nonchaloir. L'horizon de ma main est brumeux et triste; des nuages, formés par Vénus et Apollon, en ont rarement brouillé le ciel; la volonté de mon pouce repose sur un mont hasardeux: c'est là que Vénus indique ses velléités. La paume, seule, est positive comme celle d'un manoeuvre: les doigts peuvent se replier en dessus, comme ceux des femmes, avec une certaine coquetterie qui sent de plusieurs stades sa parfaite éducation. Je suis, d'ailleurs, le fils unique du petit docteur AMOUR BONHOMET, si connu par ses mornes aventures dans les Mines.

Depuis que je me connais j'ai toujours porté le même genre de vêtements, approprié à ma personne et à ma démarche. Savoir: un feutre noir, à larges bords, à l'imitation des quakers et des poètes lakistes; une vaste houppelande fermée et drapée sur ma poitrine, comme mes grandes phrases le sont habituellement sur ma pensée; une vieille canne à pomme de vermeil; un volumineux solitaire, — diamant de famille, — à mon doigt de Saturne. Je rivalise avec les vieillards de roman pour la précieuse finesse et la délicieuse blancheur de mon linge; j'ai l'honneur de posséder les pieds mêmes du roi Charlemagne dans mes bottes Souwaroff, avec lesquelles je méprise bien le sol; j'ai presque toujours ma valise à la main, car je voyage plus qu'Ashavérus. *A moi seul j'ai la physionomie de mon siècle, dont j'ai lieu de me croire l'ARCHÉTYPE.* Bref, je suis docteur, philanthrope et homme du monde.

Minha mão é estéril; a Lua e Mercúrio disputam nas suas profundezas; meu grande médio nodoso, espatulado, cumulado de riscos na segunda falange, na sua negligência, assim os deixa fazer. O horizonte de minha mão é brumoso e triste; raramente as nuvens formadas por Vênus e Apolo alteraram seu céu; a vontade de meu polegar repousa sobre um monte perigoso: é aí que Vênus indica suas veleidades. A palma, ao menos, é positiva como aquela de um operário: os dedos podem se dobrar em cima, como os das mulheres, com certo coquetismo que revela de vários níveis sua perfeita educação. Eu sou, aliás, o filho único do doutorzinho AMOR BONHOMET, tão conhecido por suas melancólicas aventuras nas Minas.

Desde que me conheço, eu sempre me vesti da mesma maneira, apropriada a minha pessoa e a minha maneira de andar. A saber: um chapéu de feltro preto, com largas abas, a imitação dos quakers e dos poetas lakistas⁵⁸³; um longo capote fechado e drapejado sobre meu peito, como minhas grandes frases estão habilmente sobre meu pensamento; uma velha bengala de cabo vermelho; um volumoso solitário — diamante de família — em meu dedo de Saturno. Eu rivalizo com os velhos de romance pela preciosa fineza e a deliciosa brancura de minha roupa; tenho a honra de possuir os próprios pés do rei Carlos Magno⁵⁸⁴ nas minhas botas Souwaroff⁵⁸⁵, com as quais muito desprezo o chão; tenho quase sempre minha valise à mão, pois viajo mais que Ahasverus⁵⁸⁶. *Somente eu tenho a fisionomia de meu século, do qual tenho razões em me crer o ARQUÉTIPO*. Enfim, sou doutor, filantropo e homem do mundo.

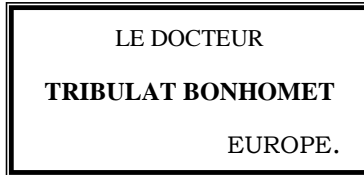
⁵⁸³ *lakistas*: grupo de poetas ingleses do começo do século XIX, entre os quais contavam William Wordsworth (1770-1850), Robert Southey (1774-1843) e Samuel Taylor Coleridge (1770-1834).

⁵⁸⁴ *Carlos Magno* (747-814): rei dos francos em 771 e dos lombardos a partir de 774, é considerado o restaurador do império romano do ocidente.

⁵⁸⁵ *Souwaroff*: é mais comum na França o uso do termo *Souvarov*, referente a um general russo, cujo nome afrancesado é Alexandre Vassilievitch Souvarov (1729-1800) e cujas botas ficaram famosas.

⁵⁸⁶ *Ahasverus*: o Judeu Errante, figura lendária, surgida na Europa durante a Idade Média.

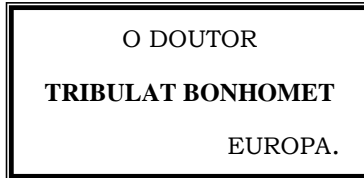
Ma voix est tantôt suraiguë, tantôt (spécialement avec les dames) grasse et profonde: le tout sans transition, ce qui doit plaire. — Rien ne me rattache à la société, ni femmes, ni parents d'aucune espèce, — j'en ai, du moins, l'espérance; — mon bien est en viager: j'entends le peu qui me reste. Ma carte de visite est ainsi conçue:



Voici maintenant mes particularités morales:

Les mystères de la science positive ont eu, depuis l'heure sacrée où je vins au monde, le privilège d'envahir les facultés d'attention dont je suis capable, souvent même à l'exclusion de toute préoccupation humaine. Aussi les infiniment petits, les *Infusoires*, comme les a nommés Spallanzani, mon maître bien-aimé, furent, dès l'âge le plus tendre, le but et l'objet de mes recherches passionnées. J'ai dévoré, pour subvenir aux nécessités de mes profondes études et de mes agissements, le patrimoine énorme que m'avaient légué mes ancêtres. Oui, j'ai consacré les fruits mûrs de leurs sueurs séculaires à l'achat des lentilles et des appareils qui mettent à nu les arcanes d'un monde momentanément invisible!

Minha voz é ora superaguda, ora (especialmente com as senhoras) pastosa e profunda: a um só tempo e sem transição, o que deve agradar. — Nada me prende à sociedade, nem mulheres, nem parentes de nenhuma espécie — tenho essa esperança, pelo menos — meu prazer é viajar: conheço o pouco que me resta. Meu cartão de visita foi concebido deste modo:



Eis agora minhas particularidades morais:

Os mistérios da ciência positiva tiveram, desde a sagrada hora em que vim ao mundo, o privilégio de invadir as faculdades de atenção das quais eu sou apto, às vezes mesmo com a exclusão de toda preocupação humana. Assim os infinitamente pequenos, os *Infusórios*⁵⁸⁷, como os denominou Spallanzani⁵⁸⁸, meu mestre bem-amado, foram, desde a mais tenra idade, o objetivo e o objeto de minhas apaixonadas pesquisas. Para satisfazer as necessidades de meus profundos estudos e de meus procedimentos, consumi o patrimônio enorme que me legaram meus ancestrais. Sim, consagrei os frutos maduros de seus suores seculares na compra de lentes e aparelhos que ponham a nu os arcanos de um mundo momentaneamente invisível!

⁵⁸⁷ *Infusórios*: protozoários dotados de cílios; em sua maioria são seres microscópicos e apenas alguns são visíveis a olho nu.

⁵⁸⁸ *Lazzaro Spallanzani* (1729-1799): biólogo italiano, dedicou-se sobretudo ao estudo dos infusórios.

J'ai compilé les nomenclatures de tous mes devanciers. *Non est hic locus* de s'appesantir sur les lumières que j'ose croire y avoir apportées; la postérité délivrera son verdict à ce sujet, si jamais je lui en fais part. Ce qu'il est important de constater, c'est que l'esprit d'*analyse*, de *grossissement*, d'*examen minutieux* est tellement l'essence de ma nature, que toute la joie de vivre est confinée pour moi dans la classification précise des plus chétifs ténébrions, dans la vue des enchevêtrements bizarres, pareils à une écriture très ancienne, que présentent les nerfs de l'insecte, dans le phénomène du raccourci des horizons, qui demeurent immenses selon les proportions de la rétine où ils se reflètent!... La réalité devient alors visionnaire — et je sens que, le microscope à la main, j'entre de plain-pied dans le domaine des Rêves!...

Mais je suis jaloux de mes découvertes et je me cache profondément de tout cela. Je hais les profanes, les squalides profanes, jusqu'à la mort. Lorsqu'on me questionne à ce sujet, JE FAIS LA BÊTE. Je m'efforce de passer pour un chiragre! Et je concentre mes délices en songeant comme j'assombrirais les visages si je disais ce que mes instruments m'ont laissé entrevoir de surprenant et d'inexploré!... Laissons cela; j'en ai peut-être déjà trop dit...

Mes idées religieuses se bornent à cette absurde conviction que Dieu a créé l'Homme et réciproquement.

Eu compilei as nomenclaturas de todos os meus predecessores. *Non est hic locus*⁵⁸⁹ de insistir nas luzes que ousou crer ter enunciado nelas; a posteridade dará seu veredicto sobre esse assunto, se alguma vez tomei parte nisso. O que é importante constatar é que o espírito de *análise*, de *amplificação*, de *exame minucioso* é de tal forma a essência de minha natureza, que toda a alegria de viver está reduzida para mim na classificação precisa dos mais raquíticos tenébrios⁵⁹⁰, na visão dos emaranhamentos bizarros, semelhante a uma escritura muito antiga, que apresentam os nervos do inseto, no fenômeno do encurtamento dos horizontes, que permanecem imensos segundo as proporções da retina onde eles se refletem!... A realidade se torna então visionária — e eu sinto que, com o microscópio à mão, entro no mesmo nível no domínio dos Sonhos!...

Mas eu sou cioso de minhas descobertas e me escondo profundamente de tudo isso. Odeio os profanos, os esquálidos profanos, até a morte. Quando sou questionado sobre esse assunto, EU ME FAÇO DE BESTA. Esforço-me em passar por um chiragro⁵⁹¹! E concentro meus deleites sonhando como assombraria os rostos se dissesse o que meus instrumentos têm me deixado entrever de surpreendente e inexplorado!... Deixamos isso; talvez eu já tenha dito muito...

Minhas idéias religiosas se limitam a esta absurda convicção de que Deus criou o Homem e vice-versa.

⁵⁸⁹ *Non est hic locus*: Aqui não é o lugar.

⁵⁹⁰ *tenébrios*: trata-se de um inseto coleóptero, *Tenebrio molitor*, um besouro conhecido por sua larva se alimentar de farinhas e grãos; no Brasil é mais conhecido como “larva da farinha” ou “bicho do pão”, muito comum outrora nos engenhos de trigo da Europa. Encontra-se o termo ‘aportuguesado’, entre outros locais, em: <http://www.bichobrasileiro.com/tenebrio.molitor/>. Existe ainda um outro besouro-da-farinha chamado *Tribolium*.

⁵⁹¹ *chiragro*: que sofre de chiragra, gota nas mãos.

Nous sortons d'*on ne sait quoi*: la Raison n'est que douteuse. J'ajouterai, pour être franc, que la Mort m'étonne encore plus que sa triste Soeur; c'est, vraiment, la bouteille à l'encre!... En elle, tout doit résulter, nécessairement, d'*un mode de logique inverse* de celui dont nous nous satisfaisons, en grommelant, dans le «*decursus vitæ*» et qui n'est évidemment que provisoire et local.

Quant aux *fantômes*, je suis peu superstitieux; je ne donne pas dans les insignifiantes balivernes des *intersignes*, à l'instar de tant d'hurluberlus, et je ne crois pas aux singeries frivoles des morts; entre nous, cependant, je n'aime pas les cimetières ni les lieux trop sombres — ni les gens qui exagèrent!... Je ne suis qu'un pauvre vieillard, mais si Pluton m'avait fait naître sur les marches d'un trône, et s'il suffisait, à présent, d'un mot de moi pour que s'opérât le parfait carnage de tous les fanatiques, je le prononcerais, je le sens, «en pelant un fruit», comme dit le poète.

Néanmoins, — je suis forcé de l'avouer, — je suis sujet à un mal héréditaire qui bafoue, depuis longtemps, les efforts de ma raison et de ma volonté! Il consiste en une *Appréhension*, une ANXIÉTÉ sans motif précis, une AFFRE, en un mot, qui me prend comme une crise, me fait savourer toute l'amertume d'une inquiétude brusque et infernale, — et cela, le plus souvent, à propos de futilités dérisoires!

N'est-ce pas de quoi grincer des dents, que de se sentir l'âme empoisonnée aussi mortellement que voilà? Cela me confond quand j'y songe.

Étant un esprit cultivé, je me rends facilement le compte le plus clair de toutes choses: mais, — c'est singulier! — j'ai beau m'expliquer, par exemple, en acoustique, — et même, en physique, à l'aide de deux extrêmes soudains du froid et du chaud, — le bruit du vent, — eh bien! quand j'entends le Vent, j'ai peur. Aux mille tressaillements du Silence, — produits par les causes les plus simples, — je deviens livide.

Nós saímos de *não se sabe o quê*: a Razão é simplesmente duvidosa. Eu acrescentaria, para ser franco, que a Morte me espanta ainda mais que sua triste Irmã⁵⁹²; é realmente um negócio complicado!... Nela, tudo deve resultar, necessariamente, *de um modo de lógica inversa* daquela com a qual nos satisfazemos, de má vontade, no “*decursus vitae*”⁵⁹³ e que é evidentemente apenas provisório e parcial.

Quanto aos *fantasmas*, eu sou pouco supersticioso; não dou crédito às insignificantes futilidades dos *intersignos*, a exemplo de tantos avoados, eu não creio nas macaquices frívolas dos mortos; apesar disso, cá entre nós, não me agrada os cemitérios nem os lugares muito sombrios — nem as pessoas que exageram!... Sou apenas um pobre velho, mas se Plutão me tivesse feito nascer sobre os degraus de um trono, e bastasse unicamente uma palavra minha para que se determinasse o completo extermínio de todos os fanáticos, eu a pronunciaria, imagino, “descascando uma fruta”, como diz o poeta.

Contudo — sou forçado a reconhecer — estou sujeito a um mal hereditário que há tempos zomba dos esforços de minha razão e de minha vontade! Consiste em uma *Apreensão*, uma ANSIEDADE sem motivo preciso, um TORMENTO, enfim, que me toma como uma crise, fazendo-me saborear toda a amargura de uma inquietude brusca e infernal — e isso, freqüentemente, a propósito de irrelevantes futilidades.

Não é motivo para ranger os dentes, sentir a alma envenenada assim mortalmente? Desconcerto-me quando penso nisso.

Sendo um espírito culto, percebo facilmente a mais clara de todas as coisas: mas — é singular! — eu me defendo bem, por exemplo, em acústica — e mesmo em física, por meio de dois súbitos extremos, o frio e o calor — o ruído do vento — então! quando eu ouço o Vento, eu tenho medo. Aos mil estremecimentos do Silêncio — produzidos pelas causas mais simples — torno-me lívido.

⁵⁹² *sua triste Irmã*: o ‘nascimento’, que em francês é feminino (*naissance*).

⁵⁹³ no “*decursus vitae*”: no curso da vida.

Toutes et quantes fois que l'ombre d'un oiseau passe à mes pieds, je m'arrête, et, posant par terre ma valise, je m'essuie le front, voyageur hagar! Alors je reste oppressé sous le poids d'une inquiétude nerveuse, — pitoyable! — du ciel et de la terre, des vivants et des morts. — Et, malgré moi, je me surprends à vociférer: — Oh! oh! que peut signifier ce caravansérail d'apparitions, tenant leur sérieux pour disparaître incontinent? — L'univers est-il oiseau?... L'Univers dévorateur — chaîne indéfinie où les pieds de l'un craquent entre les mâchoires de l'autre — est-il destiné lui-même à la voracité de quelque Eon? Quel sera son ver de terre? Réponds-moi, bruit du vent, oiseau qui passes!... et toi qui le sais, ô Silence!

Telles sont les lubies inconcevables, jaculatoires, poétiques et, par conséquent, grotesques, qui me hantent et qui troublent la lucidité de mes idées. C'est une simple maladie; — je suis un angoisseux. Je me suis traité par les douches, le quinquina, les purgatifs, les amers et l'hydrothérapie; — je vais mieux, beaucoup mieux! — Je commence à me rassurer et à reconnaître que le Progrès n'est pas un rêve, qu'il pénètre le monde, l'illumine et, finalement, nous élève vers des sphères de choix, seules dignes des élans mieux disciplinés de nos intelligences. Cela ne fait plus question, aujourd'hui, pour les gens de goût.

J'ai bien encore quelques accès!...

Dans le monde, je dissimule cette émotion par bon ton. S'il m'arrive, dans quelque raouût, de deviser trop longtemps avec une dame, à un moment donné, elle ne sait pas, — non, heureusement, je le vois dans ses yeux! — elle ne sait pas qu'à l'instant même où je laisse fondre, en souriant, un bonbon innocent de ma joue droite à ma joue gauche, avec un bruit tendre et sirupeux et en traitant les autres de «fanatiques», elle ignore, dis-je, qu'à ce moment-là même, — un minuit ébranle en moi des glas rouillés, profonds, lugubres! *et que ce Minuit-là sonne plus de douze coups!*

Todas e quantas vezes a sombra de um pássaro passa a meus pés, detenho-me, e, pousando minha valise no chão, enxugo a fronte, viajante desvairado! Então eu permaneço oprimido sob o peso de uma inquietude nervosa — lamentável! — do céu e da terra, dos vivos e dos mortos. — E, contudo, surpreendo-me a vociferar: — Oh! oh! que pode significar essa caravancará de aparições, trazendo sua inquietude para desaparecer incontinenti? — O universo é inútil?... O Universo devorador — cadeia indefinida onde os pés de alguém estala entre os maxilares de outro — está destinado ele mesmo à voracidade de algum Aion?⁵⁹⁴ Qual será seu verme? Responda-me ruído do vento, pássaro que passas!... e tu que o sabes, ó Silêncio!

Tais são os caprichos inconcebíveis, jaculatórios, poéticos e, por conseqüência, grotescos, que me perseguem e perturbam a lucidez de minhas idéias. É uma doença simples — sou um angustiado. Eu me tratei com duchas, quinina, purgativos, amargos e hidroterapia; — estou melhor, muito melhor! — Começo a me tranqüilizar e a reconhecer que o Progresso não é um sonho, ele penetra o mundo, ilumina-o e, finalmente, eleva-nos em direção a esferas de escolha, somente dignas dos arrebatamentos melhores disciplinados de nossa inteligência. Isso já não se questiona mais, hoje em dia, entre as pessoas de gosto.

Mas tenho ainda alguns acessos!...

Entre as pessoas, eu dissimulo essa emoção por polidez. Se me acontece, em alguma reunião, conversar por muito tempo com uma senhora, em um dado momento, ela não sabe, — não, felizmente, vejo nos seus olhos! — ela não sabe que no instante mesmo em que deixo dissolver, sorridente, um bombom inocente na minha bochecha da direita para a esquerda, com um ruído tenro e xaroposo e chamando os outros de “fanáticos”, ela ignora, eu disse, que nesse momento mesmo — uma meia-noite vibra em mim dobres enferrujados, profundos, lúgubres! *e que essa Meia-noite soa mais de doze badaladas!*

⁵⁹⁴ *Aion*: nos gnósticos, Potência eterna emanada do Ser supremo e pela qual exerce sua ação sobre o mundo. A palavra, na origem grega, no entanto, significa ‘tempo’, ‘eternidade’.

Maintenant, j'ai une manie, adoptée depuis des années comme voile de mes travaux préférés.

Elle me permet d'aller dans les sociétés, d'y confabuler avec les hommes, les femmes et les petits enfants et d'en être bien accueilli. J'ose à peine la nommer, tant je redoute une raillerie déplacée: je veux parler de la manie de *Faire des mariages*. La brochette de mes décorations ne provient pas d'une autre source.

Voici pourquoi j'ai adopté cette manie: c'est extrêmement simple.

Et, d'abord, disons mon faible pour Voltaire, ce créateur de Micromégas (page immortelle), où bon nombre de mes innombrables découvertes sont, pour ainsi dire, pressenties. Toutefois, mon admiration pour ce précieux écrivain n'est pas servile; chacun doit chercher, en effet, à se développer par lui-même, au mépris profond de ses maîtres et de tous ceux qui, l'ayant élevé, ont cherché à lui inculquer leurs idées propres. — Ce que j'estime dans Voltaire, c'est cette habileté vantée dans Pozzo di Borgo et dans Machiavelli, — mes maîtres bien-aimés, — qui consiste à fouler aux pieds tout respect de son semblable sous les dehors d'un dévouement humble jusqu'à l'obséquiosité. Parfaites apparences dont le terme suprême serait de rendre réellement service! Je recommande, en passant, cette manière d'entendre la charité. C'est la seule digne d'être appelée sérieuse: elle sert à cacher ses occupations réelles. — Or, je ne me soucie pas qu'on sache que je m'adonne, corps et âme, aux *Infusoires* moi! Les visites, les questions, les consultations et les compliments m'empêcheraient d'apporter la concentration désirable dans mes vertigineux travaux. — D'autre part, comme il faut bien *que je parle*, quand il m'arrive d'être en quelque société, je m'empresse de parler à chacun de ce qui doit le préoccuper le plus — afin d'éviter toute question sur la nature de mes investigations scientifiques:

Agora tenho uma mania, adotada há anos como disfarce de meus trabalhos preferidos.

Ela me permite entrar nas sociedades, aí confabular com homens, mulheres e crianças e ser por eles bem acolhido. Eu ousou apenas nomear, tanto temo um escárnio impróprio: eu quero falar da mania de *Arrumar casamentos*. As minhas muitas condecorações não provêm de outra fonte.

Eis aqui porque adotei essa mania: é extremamente simples.

Primeiro, digamos meu fraco por Voltaire⁵⁹⁵, o criador de Micrômegas (página imortal), onde bom número de minhas inumeráveis descobertas é, por assim dizer, pressentida. Contudo, minha admiração por esse precioso escritor não é servil; cada um deve procurar, com efeito, desenvolver-se por si mesmo, com um profundo desprezo por seus mestres e por todos aqueles que, tendo-o educado, procuraram lhe inculcar suas próprias idéias. — O que estimo em Voltaire é aquela habilidade louvada em Pozzo di Borgo e em Machiavelli⁵⁹⁶ — meus mestres bem-amados — que consiste em esmagar com os pés todo respeito por seu semelhante sob as aparências de um devotamento humilde até a obsequiosidade. Perfeitas aparências cujo termo supremo seria se tornar realmente servil! Eu recomendo, de passagem, esta maneira de entender a caridade. É a única digna de ser levada a sério: ela serve para esconder suas ocupações reais. — Ora, não me preocupo apenas que se saiba que me entrego, de corpo e alma, aos *Infusórios*! As visitas, as perguntas, as consultas e as congratulações me impediriam de levar à desejável concentração meus vertiginosos trabalhos. — Além de que, como é preciso *que eu fale*, quando me encontro entre pessoas, eu me empenho em falar a cada um o que mais lhe deve preocupar — a fim de evitar toda pergunta sobre a natureza de minhas investigações científicas:

⁵⁹⁵ *Voltaire*: François Marie Arouet (1694-1778), mais conhecido como Voltaire, literato e filósofo francês.

⁵⁹⁶ *Pozzo di Borgo*: provavelmente Carlo Andrea Pozzo di Borgo (1764-1842), político corso que se tornou diplomata russo; *Machiavelli*: Niccolò Machiavelli (1469-1527), pensador político italiano.

— et n'est-ce pas, presque toujours, le *mariage* de soi ou des siens qui préoccupe le plus les risibles enfants de la Femme? Ça tombe sous le sens! Et voilà comment, sans grands frais d'imagination, je me suis glissé dans l'intimité de beaucoup de gens! et comment j'ai fait, — miraculeusement aidé par le Hasard, — quantité de mariages.

Les unions qui se sont accomplies sous mes auspices ont été favorisées du Ciel, — bien que, maintes fois, dans ma précipitation, j'aie marié, comme on dit, au pied levé, les uns pour les autres; — enfin, tout s'est bien passé: — toujours. — Sauf une seule fois! — Et c'est sur le couple étonnant que j'ai rivé en cette union, que mon but est d'appeler l'attention de tous.

Dois-je même affirmer, qu'à tout prendre, il ne fut pas *heureux*, cet hymen, dont la crise définitive, — crise innommable!... — a donné lieu à ma découverte la plus capitale? Je serais un ingrat vis-à-vis du Destin si j'avais l'impudence de le penser une seconde! La Science, la véritable Science, est inaccessible à la pitié: où en serions-nous sans cela? Aussi, — bien que cette affaire ait été pour moi la source d'une ample damnation, — d'une frayeur sans nom qui a bouleversé ma cervelle au point que je sais à peine ce que j'écris, — que j'en suis venu, moi, le docteur Bonhomet, professeur de diagnose, à douter de ma propre existence — et même de choses beaucoup plus certaines encore à mes yeux, — je maintiens mes opinions sur Voltaire!... Je ne me repens pas!... Je me lave indifféremment les mains d'avoir parachevé cette catastrophe épouvantable! — Et je me pique d'être encore l'une des plus belles âmes échappées des mains du Très-Haut. Tous les hommes vraiment modernes, tous les esprits qui se sentent «dans le mouvement» me comprendront.

Je vais me borner au rapide exposé des faits, tels qu'ils se sont présentés et classés d'eux-mêmes. Commentera l'histoire qui voudra, je ne la surchargerai d'aucunes théories scientifiques: ainsi son impression générale dépendra des proportions intellectuelles fournies par le Lecteur.

— e não é, quase sempre, o *casamento* de si ou dos seus que preocupa ao máximo os risíveis filhos da Mulher? Isso deságua no sentimento! E eis como, sem grandes custos de imaginação, eu me introduzo na intimidade de muita gente! e como tenho arrumado — miraculosamente ajudado pelo Acaso — inumeráveis casamentos.

As uniões que são realizadas sob meus auspícios têm sido favorecidas pelo Céu, — ainda que, muitas vezes, na minha precipitação, casei, como se diz, de improviso, uns por outros — enfim, tudo acaba bem: — sempre. — Exceto uma só vez! — E é sobre o espantoso casal que preni nesta união, que quero chamar a atenção de todos.

Devo afirmar que, considerando bem, não foi *feliz* esse himeneu, cuja crise definitiva — crise inominável!... — deu lugar à minha descoberta mais importante? Eu seria um ingrato com o Destino se tivesse a desfaçatez de pensá-lo um segundo! A Ciência, a verdadeira Ciência, é inacessível à piedade: onde estaríamos nós sem isso? Assim — ainda que este assunto tenha sido para mim fonte de uma grande danação — de um pavor sem nome que transtornou meu cérebro ao ponto de que eu mal sei o que escrevo — chegando, eu, o doutor Bonhomet, professor de diagnose, a duvidar de minha própria existência — e mesmo de coisas, a meus olhos, muito mais certas ainda — mantenho minhas opiniões sobre Voltaire!... Não me arrependo!... Lavo indiferentemente as mãos ao ter concluído esta catástrofe assustadora! — E ainda me vanglorio de ser uma das mais belas almas escapadas das mãos do Altíssimo. Todos os homens realmente modernos, todos os espíritos que se sentem “no movimento” me compreenderão.

Vou me limitar a expor rapidamente os fatos, tais como se apresentaram e estão ordenados por si mesmos. Comentaré a história quem queira, não a sobrecarregarei com quaisquer teorias científicas: assim sua impressão geral dependerá das proporções intelectuais de que esteja provido o Leitor.

CHAPITRE II

SIR HENRY CLIFTON

“La ville, estompée par la brume et les molles lueurs de la nuit, me représentait la terre, avec ses chagrins et ses tombeaux, — situés loin derrière, mais non totalement oubliés!”

THOMAS DE QUINCEY (*Confessions*).

Vers la fin du mois de juillet 1866, à l'issue d'un dîner de gala que nous avait offert le capitaine du brick de commerce anglais le *Wonderful*, faisant voile pour les côtes de Bretagne, je liai conversation, en prenant le café, avec mon voisin de table, le lieutenant Henry Clifton; c'était un homme d'une trentaine d'années, d'une figure ombrée du hâle des hommes de mer. L'expression de ses traits réguliers m'était sympathique et sa réserve habituelle le rendait sociable pour moi.

Ce soir-là, dis-je, nous liâmes conversation, car les quelques rapports de causerie, d'officier de marine à simple passager, avaient été fort succincts, entre nous, depuis le commencement de la traversée. Nous venions des côtes d'Irlande et, plongé dans l'étude de mes chers infusoires, j'étais resté, la plupart du temps, à fond de cale, expérimentant les vieilles saumures.

Nous échangeâmes quelques paroles touchant notre arrivée à Saint-Malo, fixée au lendemain; puis, — les fumées du vin et des lumières nous ayant suffisamment troublé l'esprit, — nous montâmes respirer sur le tillac où nous allumâmes nos cigares.

Je m'étais abstenu, durant le banquet, de me mêler à la discussion politique — (toujours si animée en ces occasions), — qui avait éclaté, naturellement, aux entremets.

Ce genre de discussions ne me paraît intéressant qu'avec les dames.

CAPÍTULO II

SIR HENRY CLIFTON

“A cidade, enfumaçada pela bruma e os frouxos clarões da noite, representava-me a terra, com seus pesares e seus túmulos — situadas lá trás, mas não totalmente esquecidas!”

THOMAS DE QUINCEY (*Confessions*).

Por volta do fim do mês de julho de 1866, por conta de um jantar de gala que nos havia oferecido o capitão do brigue mercante inglês *Wonderful*, navegando pela costa da Bretanha, eu travei conversa na hora do café com meu vizinho de mesa, o tenente Henry Clifton; era um homem com uma trintena de anos, de rosto sombreado pelo bronzeado dos homens do mar. A expressão de seus traços regulares me foi simpática e sua reserva habitual se mostrou sociável para mim.

Nessa noite, eu disse, nós travamos conversa, pois as poucas relações de conversação, do oficial de marinha à simples passageiro, haviam sido bem sucintas entre nós desde o começo da travessia. Vínhamos da costa da Irlanda e, mergulhado no estudo de meus preciosos infusórios, eu havia permanecido a maior parte do tempo no fundo do porão, experimentando com as velhas salmouras.

Trocamos algumas palavras referentes à nossa chegada a Saint-Malo⁵⁹⁷, marcada para o dia seguinte; depois — como os vapores do vinho e das luzes nos agitaram suficientemente o espírito — subimos para respirar sobre o convés onde acendemos nossos cigarros.

Eu tinha me abtido, durante o banquete, de me envolver na discussão política — (sempre tão animada nessas ocasiões) — que havia estourado, naturalmente, entre os pratos.

Discussões desse gênero só me parecem interessante com as senhoras.

⁵⁹⁷ *Saint-Malo*: cidade portuária francesa voltada para o Canal da Mancha, na Bretanha.

Hé! qui serait, alors, insensible à leurs fins sourires, à leurs exclamations intempestives et gracieuses, à leur air entendu, aux louables efforts de leurs prunelles pour paraître pénétrantes, inquiètes, surprises, etc.!... Je le répète: la discussion politique avec les dames est une chose captivante et qui donne à songer.

Afin de mériter leur estime et leur confiance, ma physionomie devient alors plus bienveillante, plus paternelle, plus tendre que de coutume! et je leur débite gravement, en baissant les yeux, les absurdités les plus révoltantes, que mes cheveux blancs font vénérer. De sorte que mes moindres paroles font foi près du sexe enchanteur.

Du reste, la conversation politique serait tout aussi amusante avec le sexe fort si celui-ci savait y apporter la grâce et l'enjouement désirables; — car je n'ai jamais entendu personne rien prévoir de vraiment sérieux en fait d'événements.

Sir Henry Clifton, lui aussi, n'avait pas desserré les lèvres; ce qui fait que j'avais de lui une haute opinion: rien ne me paraissant plus difficile que le silence à son âge. En politique, il devait, présumai-je, partager mes idées, et je puis les notifier ainsi:

Par tout pays, tout citoyen, digne de ce nom, dispose, entre ses travaux et ses repas, d'environ trois heures de loisir par jour. Il comble, à l'ordinaire, ces moments de répit à l'aide d'une petite causerie, digestive et innocente, sur les affaires de sa patrie. Or, *s'il ne se passe rien de marquant ni de «grave»*, sur quoi pourra-t-il fonder sa discussion? — Il s'ennuiera, faute de sujet d'entretien: — et l'ennui des citoyens est fatal presque toujours aux chefs des États. Le bras est près de fonctionner quand la langue est oisive, et, comme il faut remplir les trois heures précitées, le causeur d'hier devient l'émeutier d'aujourd'hui. Voilà le triste secret des révolutions.

Il me paraît donc du devoir de tout bon gouvernement de susciter, le plus souvent possible, des guerres, des épidémies, des craintes, des espérances, des événements de tout genre (heureux ou malheureux, peu importe), des choses, enfin, capables d'alimenter la petite causerie innocente et digestive de chaque citoyen.

Eh! quem seria, então, insensível aos seus finos sorrisos, a suas exclamações intempestivas e graciosas, ao seu ar de entendidas, aos louváveis esforços de suas pupilas para parecer penetrantes, inquietas, surpresas, etc.!... Eu repito: a discussão política com as senhoras é uma coisa cativante e que dá o que pensar.

A fim de merecer sua estima e sua confiança, minha fisionomia se torna então mais benevolente, mais paternal, mais terna do que de costume! e eu lhe represento gravemente, baixando os olhos, as absurdidades mais revoltantes, que meus cabelos brancos fazem venerar. De modo que minhas menores palavras são acreditadas pelo sexo encantador.

De resto, a conversação política seria ainda muito divertida com o sexo forte se este soubesse trazer a ela a graça e a jovialidade desejáveis; — pois eu nunca ouvi ninguém prever seriamente com respeito aos acontecimentos.

Sir Henry Clifton também não havia descerrado os lábios; o que fez com que eu o tivesse em alta estima: nada me parecia mais difícil que o silêncio à sua idade. Em política, ele devia, presumia eu, partilhar minhas idéias, que as posso expor assim:

Em todos os países, todo cidadão, digno desse nome, dispõe, entre seus trabalhos e suas refeições, em torno de três horas de ócio por dia. Preenchem, normalmente, esses momentos de descanso com uma pequena conversa familiar, digestiva e inocente, sobre os negócios de sua pátria. Ora, *se não se passa nada de notável nem de “grave”*, sobre o que poderia fundar sua discussão? — Ele se aborrecerá, por falta de assunto para conversas: — e o aborrecimento dos cidadãos é fatal quase sempre para os chefes de Estado. O braço está prestes a funcionar quando a língua está ociosa, e, como ele precisa ocupar as três horas supracitadas, o falador de ontem se torna o amotinador de hoje. Eis aqui o triste segredo das revoluções.

Parece-me então dever de todo bom governo suscitar, o mais freqüentemente possível, guerras, epidemias, temores, esperanças, acontecimentos de todo gênero (felizes ou infelizes, pouco importa), coisas, enfim, capazes de alimentar a conversinha inocente e digestiva de cada cidadão.

Après vingt, trente, quarante années de *qui-vive!* perpétuel, les rois ont détourné l'attention: ils ont régné tranquillement, se sont bien amusés, et tout le monde est content. Voilà, selon moi, l'une des définitions principales de la haute diplomatie: occuper l'esprit des citoyens, à quelque prix que ce soit, afin d'éviter soi-même toute attention, quand on eut l'honneur de recevoir des mains de Dieu la mission de gouverner les hommes! Et Machiavelli, — mon maître bien-aimé — (je pleure en prononçant ce nom), — n'a jamais trouvé une formule plus nette que celle-là! On conçoit donc mon indifférence pour les événements, les soudainetés politiques et les complications des cabinets de l'Europe; je laisse l'intérêt des controverses qu'ils suscitent à des esprits cariés par une soif natale de perdre le temps.

Je louai donc *in petto* sir Henry Clifton pour sa réserve et pour sa manière silencieuse de boire.

Sir Henry Clifton était vraiment dans un état plus prononcé que le «gris d'officier»; il possédait la couleur complémentaire, et je vis que le chapitre approchait des expansions sentimentales.

Moi, j'avais tout mon sang-froid, et je guettai ma victime. La nuit était couverte d'étoiles. Le vent nord-ouest fraîchissait et nous poussait doucement: la lanterne rouge du banc de quart illuminait l'écume et la buée d'argent des flots contre le bois du navire. Par instants les hurrahs du punch des officiers nous parvenaient, à travers l'entrepont, mêlés aux immenses bruits de la houle.

Le voyant silencieux, je craignis une question sur mon genre de vie et — peut-être — sur mes travaux!... J'entamai donc la conversation, suivant mes procédés irrésistibles:

Após vinte, trinta, quarenta anos de *alto lá!* perpétuo, os reis desviaram a atenção: reinaram tranqüilamente, distraindo muito, e todo mundo está contente. Eis aí, segundo penso, uma das principais definições da alta diplomacia: ocupar o espírito dos cidadãos a qualquer preço, a fim de evitar a atenção sobre si, quando se teve a honra de receber das mãos de Deus a missão de governar os homens! E Machiavelli — meu mestre bem-amado — (eu choro ao pronunciar seu nome) — nunca encontrou uma fórmula mais clara do que esta! Assim concebe-se então minha indiferença para os acontecimentos, os imprevistos políticos e as complicações dos gabinetes da Europa; deixo o interesse das controvérsias que suscitam aos espíritos corrompidos por uma sede natural de perder tempo.

Eu louvei então *in petto*⁵⁹⁸ sir Henry Clifton por sua reserva e por sua maneira silenciosa de beber.

Sir Henry Clifton estava realmente num estado mais acentuado que o “cinza do oficial”⁵⁹⁹; possuía a cor complementar e percebi que o assunto se aproximava das expansões sentimentais.

Eu mantinha meu sangue frio, e espreitava minha vítima. A noite estava coberta de estrelas. O vento noroeste refrescava e nos impelia suavemente; a lanterna vermelha do tombadilho iluminava a espuma e o vapor de prata das vagas contra o casco do navio. Por momentos os hurras do ponche dos oficiais nos chegavam, através da entreponte, misturados aos pesados ruídos do marulho.

Vendo-o silencioso, conjecturei que me questionasse sobre meu gênero de vida e — talvez — sobre meus trabalhos!... Entabulei então uma conversa, seguindo meus procedimentos irresistíveis:

⁵⁹⁸ *in petto*: dentro do peito.

⁵⁹⁹ *cinza do oficial*: referente à cor escura do uniforme.

— Oui, tenez, dis-je, mon jeune ami! Parbleu! j'ai votre affaire! Dois-je vous l'avouer? — J'y songe depuis que j'ai eu le véritable plaisir de vous serrer la main. — (Ici, je baissai la voix en regardant vaguement devant moi comme un homme qui se parle à lui-même): — C'est là, j'en risquerais la gageure, ce qui vous convient. — Personne capable! — Veuve aventureuse, expérimentée, toutefois! — Une belle femme! — Caractère de seconde main! — Fortune, — oh! fortune des *Mille et une Nuits!*... C'est le mot. — Oui, ajoutai-je, — (et je levai brusquement les sourcils en fixant des yeux ternes sur son épaulette), — oui, c'est là tout à fait votre affaire.

Après une certaine stupeur — prévue:

— Ah! ah! s'écria sir Henry Clifton, en secouant, par contenance, avec son petit doigt, la cendre de son cigare. Ah! Ah! L'excellent, le malin docteur! — Du diable, si je comprends!

Ce fut avec mansuétude que je posai la main sur son bras, et que, les yeux absolument noyés dans l'espace céleste, je lui soufflai dans l'oreille:

— Une présentation, sauf obstacle, peut avoir lieu lundi, dans la journée, de une heure à deux — et votre hymen serait perpétré dans les six semaines; du moins, j'engagerais ma pauvre tête à couper ici, sur l'étambot, que je ne fais pas erreur!

Il me prit les mains, tout ébahi: le poisson mordait; j'avais évité les questions scientifiques.

— Je crois comprendre, enfin, — balbutia-t-il après un silence, — que vous me proposez quelque chose comme...

Il s'arrêta par une pudeur dont je lui sus gré.

— Une femme légitime, lieutenant.

— Une femme!... acheva-t-il d'une voix mal assurée et même agitée d'un tremblement.

— Et pourquoi pas, lieutenant? répliquai-je, flairant un mystère; votre métier de marin — (art difficile! noble partie! carrière notable...) — interrompis-je par une habitude machinale — n'est pas incompatible avec un foyer lointain. Il est des noeuds plus doux que ceux... que vous avez l'habitude de filer!... ajoutai-je en souriant agréablement. Toutefois, si vous n'étiez pas disposé, — restons-en là; plus un mot.

— Sim, é assim, meu jovem amigo! disse eu. Pois então! Sei o que lhe preocupa! Devo confessá-lo? — Eu penso nisso desde que tive o verdadeiro prazer de vos apertar a mão. — (Aqui, eu baixei a voz olhando vagamente diante de mim, como um homem que fala a si mesmo): — Está aí, eu arriscaria apostar, o que vos convém. — Pessoa apta! — Viúva aventureira, experiente, contudo! — Uma bela mulher! — Caráter de segunda mão! — Fortuna, — oh! fortuna das *Mil e uma Noites!*... Esta é a palavra. — Sim, acrescentei, — (e levantei bruscamente as sobrancelhas fixando os olhos ternos sobre sua dragona), sim, aí está toda a vossa preocupação.

Após algum estupor — previsto:

— Ah! ah! exclamou sir Henry Clifton, sacudindo por costume, com seu dedinho, a cinza do cigarro. Ah! Ah! O excelente, o astuto doutor! — Ao diabo, se compreendo!

Foi com mansuetude que eu coloquei a mão sobre seu braço, e que, com os olhos mergulhados no espaço celeste, soprei-lhe no ouvido:

— Uma apresentação, salvo obstáculo, pode acontecer segunda-feira, durante o dia, entre uma e duas horas — e vosso himeneu estará consumado em seis semanas: em todo caso, empenharia minha pobre cabeça ao corte aqui, sobre o cadaste, que eu não erro!

Ele me tomou as mãos, estupefato: o peixe mordida; eu evitei as perguntas científicas.

— Eu creio compreender, enfim, — balbuciou ele após um silêncio — que me propondes alguma coisa como...

Ele se deteve com um pudor do qual lhe fui grato.

— Uma mulher legítima, tenente.

— Uma mulher!... concluiu ele com uma voz mal segura e mesmo agitada por um estremecimento.

— E por que não, tenente? repliquei, farejando um mistério; vosso ofício de marinheiro — (arte difícil! nobre empreendimento! carreira notável...) — interrompi por um hábito maquinal — não é incompatível com um lar distante. Há laços mais doces que... aqueles que vós tendes o hábito de fiar! acrescentei sorrindo agradavelmente. Contudo, se não estais disposto — permanecemos aí; nem mais uma palavra.

Il y eut une pause d'un moment; puis, tout à coup, et comme après réflexion suffisante:

— Monsieur!... me dit-il en se reculant un peu.

Puis, pensant probablement: «c'est un original,» et résorbant ses idées:

— Je vous remercie de la bonne volonté, reprit Clifton; et même, docteur, cela mérite une confiance.

Nous y étions. Le Constance allait agir sur le trop impressionnable enfant. Je dressai componctueusement l'oreille.

— Il est douteux, continua-t-il, que nous nous retrouvions jamais. Eh bien! je refuse vos offres excellentes parce qu'il est une femme dont je n'oublierai jamais les traits tant que mon être durera.

— Ah!... dis-je d'un ton béat: fort bien! Je comprends ceci: — le contraire même pourrait me surprendre! ajoutai-je à demi-voix; mais, permettez-moi de vous le dire:

— (Ici je me levai et je fis de grands gestes de désolation): — Ah! c'est dommage! c'est vraiment dommage!

Ce qu'il y avait de diabolique en moi, c'est que j'ignorais totalement quelle femme je pouvais lui offrir et que ma principale préoccupation était seulement d'éviter toute question relative aux *Infusoires*.

— Et elle est mariée! murmura sir Henry Clifton, à voix basse, comme à lui-même.

Je sentis mes yeux se mouiller de larmes.

— Puis-je vous être utile?... lui demandai-je, à tout hasard, avec une tendresse profonde.

Et j'ajoutai lestement, à voix basse:

— C'est que je ne suis pas manchot dans les négociations embrouillées, moi!

Ele fez uma pausa por um momento; depois, de repente, e como após suficiente reflexão:

— Senhor!... disse-me, recuando um pouco.

Depois, pensando provavelmente: “é um original” e reabsorvendo suas idéias:

— Eu vos agradeço de boa vontade, retomou Clifton; e isso merece mesmo uma confiança, doutor.

Aí estávamos nós. O Constância⁶⁰⁰ ia agir sobre a muito impressionável criança. Eu prestei atenção com compunção.

— É incerto, continuou ele, que nos encontraremos novamente. Então! eu recuso vossas excelentes ofertas porque há uma mulher cujos traços eu não esquecerei enquanto meu ser durar.

— Ah!... disse eu em um tom beato: muito bem! Eu compreendo: — mesmo o contrário poderia me surpreender! acrescentei à meia voz; mas, se me permitis dizer:

— (Aqui eu me ergui e fiz amplos gestos de desolação): — Ah! que lástima! é realmente uma lástima!

O que havia de diabólico em mim, é que eu ignorava absolutamente qual mulher eu poderia lhe oferecer e que minha principal preocupação era somente evitar toda pergunta relativa aos *Infusórios*.

— E ela é casada! murmurou sir Henry Clifton, em voz baixa, como para si mesmo.

Eu senti meus olhos se umedecerem de lágrimas.

— Posso-lhe ser útil?... perguntei-lhe, ao acaso, com uma profunda ternura.

E acrescentei habilmente, em voz baixa:

— É que eu não sou tolo em negociações complicadas!

⁶⁰⁰ *Constância*: *Constantia*, vinho de Constantia, da Cidade do Cabo (África do sul), muito popular na Europa até fins do século XIX. O nome do vinho é usado aqui por Villiers também com o sentido do substantivo ‘constância’, o que justifica sua tradução.

Il y eut un moment de silence des plus singuliers, durant lequel je me sentis observé par ce jeune homme. Il balançait, peut-être, entre me souffleter ou m'embrasser. Je savais d'avance que l'interprétation décisive de mes paroles me serait, en ses esprits, favorable.

— Merci, — mon ami, mon vieil ami, — finit-il par articuler d'un ton dont l'émotion violente fut douce à mon âme; mais la pauvre femme ne doit plus me revoir. — Me revoir! reprit-il avec amertume; ses yeux malades ne me reconnaîtraient plus: elle est, sans doute, aveugle en ce moment où je parle! Oui! oui, c'en est fait de ses pauvres yeux!...

Et il mit son front, ébriolé sans doute encore, entre ses mains.

A ces mots, j'ôtai avec lenteur mon cigare de ma bouche, — et je jetai, dans l'ombre, à sir Henry Clifton, un coup d'oeil horrible: car, — je ne sais pourquoi, vraiment! — le jeune homme venait de me faire songer à ma belle et étrange amie, — aux *yeux* malheureux de ma digne amie, madame Claire Lenoir.

Je tirai silencieusement ma montre et me levai:

— Au plaisir de vous revoir, mon jeune lieutenant! m'écriai-je. Vous avez vos secrets: il est des moments où l'on doit préférer la solitude et je sais les respecter...

Il me serra la main sans relever la tête. Je boutonnai bien ma huppelande, à cause du vent, — et je descendis dans ma cabine, abandonnant sir Henry Clifton à ses rêveries, sous la protection et l'inspiration spéciale de la nuit, du vin de Constance et de la mer.

Houve um momento de silêncio dos mais singulares, durante o qual me senti observado por esse jovem. Ele hesitava, talvez, entre me esbofetear ou me abraçar. Eu sabia de antemão que a interpretação decisiva de minhas palavras seria favorável em seu espírito.

— Obrigado — meu amigo, meu velho amigo — acabou por articular em um tom cuja emoção violenta foi doce para minha alma; mas a pobre mulher não há de voltar a me ver. — Voltar a me ver! retomou com amargura; seus olhos doentes não me reconheceriam mais: sem dúvida, ela deve estar cega neste momento em que falo! Sim! sim, é a realidade de seus pobres olhos!...

E ele pôs sua frente entre as mãos, sem dúvida ainda um pouco embriagado.

A estas palavras, tirei com lentidão meu cigarro da boca — e lancei, entre as sombras, um olhar horrível a sir Henry Clifton: pois — eu não sei porque, deveras! — o jovem acabava de me fazer pensar na minha bela e estranha amiga — nos *olhos* infelizes de minha digna amiga, a senhora Claire Lenoir.

Retirei silenciosamente meu relógio de bolso e me ergui:

— Terei prazer de vos rever, meu jovem tenente! Exclamei. Tendes vossos segredos: há momentos em que se deve preferir a solidão e eu sei respeitá-los...

Ele me apertou a mão sem erguer a cabeça. Abotoei bem meu capote, por causa do vento — e descí para minha cabine, abandonando sir Henry Clifton aos seus sonhos, sob a proteção e a inspiração especial da noite, do vinho de Constância e do mar.

CHAPITRE III
EXPLICATIONS SURÉROGATOIRES

“Ce qui VOIT, en nos yeux, veille et se cache en deçà du fond de nos prunelles d'argile.”

LYSIANE D'AUBELLEYNE.

Je me couchai à la hâte. Mon hamac, balancé par le tangage, berçait mes réflexions dans l'obscurité: je m'accoudai.

C'était précisément chez les Lenoir que je me proposais de m'arrêter une quinzaine, à mon débarquement. Une lettre datée de Jersey les avait prévenus; ils devaient m'attendre.

Les avais-je revus depuis leurs noces? depuis plus de trois années? — Non, du tout. — J'ai fait pressentir plus haut, il me semble, que j'avais trempé dans leur mariage: en effet, durant un assez long séjour que j'avais fait autrefois dans les Pyrénées, à Luchon, pour ma santé, j'avais connu la famille de Claire. Intègre et accueillante famille de négociants, s'il en fût! — Leur fille unique était, lorsque les circonstances nous mirent en rapport, une fort belle personne de vingt ans, je crois, et dont le genre de beauté séduisait. Elle avait les cheveux châtains; la physionomie belle; le teint d'une blancheur de jade et d'une transparence parfois presque lumineuse.

L'os frontal était malheureusement assez large, et décelait une capacité cérébrale inutile et nuisible chez une femme.

Les yeux étaient d'un vert pâle. Des promenades dans les montagnes et les rochers avaient exposé ses prunelles — ses grandes prunelles! — au vent sablonneux et ardent qui vient du Midi. Sa vue, déjà naturellement faible, s'était profondément altérée, et bientôt le verdict unanime des médecins l'avait condamnée à une cécité précoce.

CAPÍTULO III
EXPLICAÇÕES SUPERROGATÓRIAS

*“O que vê, em nossos olhos, vela e se esconde
no fundo de nossas pupilas de argila.”*

LYSIANE D’AUBELLEYNE⁶⁰¹.

Eu me deitei às pressas. Minha rede, balançada pela oscilação, embalava minhas reflexões na obscuridade: apoiei-me sobre os cotovelos.

Era precisamente na casa dos Lenoir que me propusera a deter-me por uma quinzena, ao desembarcar. Uma carta datada de Jersey⁶⁰² lhes havia prevenido; eles deviam estar à minha espera.

Eu os havia visto depois de suas núpcias? há mais de três anos? — Não, de modo algum. — Tenho muito o pressentimento de que participara do seu casamento: de fato, durante uma longa estada que passei outrora nos Pirineus, em Luchon, por questão de saúde, conheci a família de Claire. Íntegra e acolhedora família de negociantes, se é que elas existem! — Sua filha única era, quando as circunstâncias nos puseram em relação, uma pessoa muito bela de vinte anos, eu creio, e cujo gênero de beleza seduzia. Tinha os cabelos castanhos; bela fisionomia; a tez de uma brancura de jade e de uma transparência às vezes quase luminosa.

O osso frontal, infelizmente, era muito amplo, e revelava uma capacidade cerebral inútil e nociva em uma mulher.

Os olhos eram de um verde pálido. Passeios pelas montanhas e pelos rochedos haviam exposto suas pupilas — suas grandes pupilas! — ao vento arenoso e ardente que vem do mediterrâneo. Sua vista, já naturalmente fraca, havia se alterado profundamente, e logo o veredicto unânime dos médicos a condenara a uma cegueira precoce.

⁶⁰¹ Lysiane d’Aubelleyn: personagem do conto “O Amor supremo”, do livro de mesmo nome, de Villiers; a passagem citada, no entanto, não se encontra no conto.

⁶⁰² Jersey: pequeno estado insular no Canal da Mancha, pertencente à Inglaterra.

Mais, en rêvant un jour à cette similitude de nom qui se produisait entre les Lenoir, de Luchon, et mon vieux camarade le docteur Césaire Lenoir, de Saint-Malo, l'idée me vint que Claire, au lieu de s'appeler mademoiselle, pourrait s'appeler madame Lenoir, sans grande difficulté.

Pourquoi pas?

J'écrivis sur-le-champ à cet excellent Césaire, qui se hâta d'accourir à Luchon. Cette coïncidence de nom fut habilement exploitée par moi comme prétexte d'une présentation formelle. Césaire était un homme de quarante-deux ans, à peine; le mariage fut bientôt consommé. Je me frottai glorieusement les mains, ayant fait deux heureux.

Lenoir emmena sa femme à Saint-Malo, dans sa propriété de faubourg, rue des Mauvaises-Pâleurs, 18, sa résidence accoutumée; ses lettres m'indiquaient de temps à autre que le bonheur de son ménage, — à part la cécité menaçante de Claire, — n'était troublé par aucun souci.

Comment sir Henry Clifton, l'aimable, le noble enfant des mers, pouvait-il avoir connu la jeune dame? Pouvais-je affirmer — (en supposant que c'était bien de Claire Lenoir qu'il entendait parler), — pouvais-je affirmer, dis-je, qu'elle avait failli à ses devoirs? Non! Une telle pensée était hideuse; j'étais un visionnaire.

D'ailleurs, Claire, la belle Claire, était, si ma mémoire ne m'abusait pas, une femme de recueillement et d'étude: une métaphysicienne, que sais-je? Une savante! Une créature impossible! Une extatique! Une ergoteuse! Une phraseuse! Une rêveuse.

— Allons! ce ne pouvait être *elle* que le lieutenant avait voulu flétrir d'une accusation d'adultère.

Là-dessus, je me souris à moi-même, en ramenant mon drap sur ma tête; je haussai les épaules à l'endroit du jeune Anglais — et m'endormis.

Mas, pensando um dia nessa similitude de nome que se produzia entre os Lenoir, de Luchon, e meu velho camarada o doutor Césaire Lenoir, de Saint-Malo, veio-me a idéia de que Claire, em vez de se chamar senhorita, poderia se chamar senhora Lenoir, sem grandes dificuldades.

Por que não?

Escrevi imediatamente ao excelente Césaire, que se precipitou em acorrer a Luchon. Esta coincidência de nome foi habilmente explorada por mim como pretexto para uma apresentação formal. Césaire era um homem de apenas quarenta e dois anos. O casamento foi logo consumado. Esfreguei gloriosamente as mãos, tendo feito dois felizes.

Lenoir conduziu sua mulher para Saint-Malo, na sua propriedade de subúrbio, rua des Mauvaises-Pâleurs, 18, sua residência habitual; suas cartas me indicavam de tempos em tempos que a felicidade dessa união — exceto a cegueira ameaçadora de Claire — não era perturbada por nenhuma preocupação.

Como sir Henry Clifton, a amável, a nobre criança dos mares, podia ter conhecido a jovem senhora? Podia eu afirmar — (supondo que era mesmo de Claire Lenoir que ele falava) — podia eu afirmar, digo, que ela havia faltado a seus deveres? Não! Um tal pensamento era hediondo; eu era um visionário.

Aliás, Claire, a bela Claire, era, se minha memória não me engana, uma mulher de recolhimento e de estudo: uma metafísica, o que digo? Uma sábia! Uma criatura impossível! Uma extática! Uma ergótica⁶⁰³! Uma retora! Uma sonhadora.

— Vamos! não podia ser *ela* que o tenente quis desonrar com uma acusação de adultério.

A esse respeito, sorri a mim mesmo, repuxando o lençol sobre a cabeça; dei de ombros para com o jovem Inglês — e adormeci.

⁶⁰³ *ergótica*: de ergotismo: mania de argumentar por silogismos.

CHAPITRE IV
L'ENTREFILET MYSTÉRIEUX

*D'ailleurs, en ce temps léthargique,
Sans gaieté comme sans remords,
Le seul rire encore logique
Est celui des têtes de morts.*

PAUL VERLAINE.

La cloche d'arrivée me réveilla. Nous étions dans le port de Saint-Malo. C'était sur les onze heures, à peu près; il faisait beau soleil. Je pris ma canne et ma valise, je sautai sur le pont, et, avec le flot des voyageurs, je me précipitai sur la jetée, les bottes maculées par l'écume des mers.

Ma première action, en touchant le sol de mon illustre patrie, fut d'entrer dans ce café d'où le regard embrasse toute la rade, et, au loin, le tombeau d'un ancien ministre de Charles X, le vicomte de Châteaubriand, — dont quelques travaux ethnographiques sur les Sauvages ont, paraît-il, été remarqués. Je demandai ma dose d'absinthe habituelle, énorme d'ailleurs; puis, me laissant tomber assis, je saisis avec une distraction nostalgique le premier journal qui me vint crier sous les doigts.

C'était une feuille locale: — une gazette salie, oubliée, déchirée, d'une date déjà ancienne. Elle traînait là, — près de moi, — sur la banquette rouge. Et, maintenant, que j'y songe, il me revient, distinctement, que le garçon voulut me l'arracher des mains pour m'en donner une autre plus récente, — et que je lui résistai par le mouvement machinal de tout homme auquel on veut prendre ce qu'il tient.

CAPÍTULO IV
O TÓPICO MISTERIOSO

*Aliás, neste tempo letárgico,
Sem alegria e sem remorsos,
O único riso ainda lógico
É aquele das cabeças dos mortos.*
PAUL VERLAINE⁶⁰⁴.

A campanha de chegada me despertou. Estávamos no porto de Saint-Malo. Eram onze horas, mais ou menos; havia um belo sol. Peguei minha bengala e minha valise, saltei sobre o convés, e, com a vaga dos viajantes, precipitei-me sobre o molhe, com as botas maculadas pela escuma dos mares.

Minha primeira ação, tocando o solo de minha ilustre pátria, foi entrar nesse café de onde o olhar abraça toda a enseada, e, ao longe, o túmulo de um antigo ministro de Charles X, o visconde de Châteaubriand⁶⁰⁵ — do qual alguns trabalhos etnográficos sobre os Selvagens parece terem chamado alguma atenção. Pedi minha dose habitual de absinto, enorme aliás; e logo, deixando-me cair sentado, agarrei com uma distração nostálgica o primeiro jornal que me veio gritar entre os dedos.

Era uma folha local: — uma gazeta suja, esquecida, amassada, de data já passada. Ela vegetava ali — perto de mim — sobre a banquetta vermelha. E, agora que eu penso nisso, lembro-me claramente que o garçom quis me arrancá-la das mãos para me dar outra mais recente — e que lhe resisti com o maquinal movimento de todo homem ao qual se quer tomar aquilo que ele tem.

⁶⁰⁴ Paul Verlaine (1844-1896): poeta francês; amigo de Villiers.

⁶⁰⁵ *Chateaubriand*: visconde François-René de Chateaubriand (1768-1848), natural de Sait-Malo, escritor romântico, participou da política por algum tempo.

En parcourant le journal, mes regards s'arrêtèrent sur un entrefilet situé entre un nouveau cas d'empiètement du parti clérical, — judicieusement signalé par le gazetier, — et une recette infailible contre les maux d'oreilles les plus invétérés, recette que préconisait quelque empirique de passage.

Voici l'entrefilet:

«L'Académie des Sciences de Paris vient de constater l'authenticité d'un fait des plus surprenants. Il serait avéré, désormais, que les animaux destinés à notre nourriture, tels que moutons, boeufs, agneaux, chevaux et chats, conservent dans leurs yeux, après le coup de masse ou de coutelas du boucher, l'empreinte des objets qui se sont trouvés sous leur dernier regard. C'est une vraie *photographie*, de pavés, d'étals, de gouttières, de figures vagues, parmi lesquelles se distingue presque toujours celle de l'homme qui a frappé. Le phénomène dure jusqu'à décomposition.

«Comme on le voit, l'Ignorance va s'amoindrissant; cette découverte figurera noblement parmi ses compagnes au catalogue déjà sérieux de ce siècle de lumières.»

Que je connusse antérieurement ce fait jusque dans ses particularités appliquées récemment à la police de l'Amérique du Nord — et au *puff* de la même contrée, — c'est là ce qui, je l'espère, ne saurait laisser l'ombre d'un doute dans l'esprit du Lecteur. Mais ce qui me frappa, ce fut un phénomène *personnel* qui se produisit, alors, en moi, à cette lecture; savoir un certain caractère *d'à-propos* sous lequel le fait m'apparut en ce moment — et ainsi accommodé par quelque misérable loustic de province.

Percorrendo o jornal, meus olhos se detiveram em um tópico⁶⁰⁶ situado entre um novo caso de impedimento do partido clerical — judiciosamente assinado pelo gazeteiro — e uma infalível receita contra as mais crônicas dores de ouvido, receita recomendada por algum empírico⁶⁰⁷ de passagem.

Eis o tópico:

“A Academia de Ciências de Paris acaba de constatar a autenticidade de um fato dos mais surpreendentes. Examinar-se-á, doravante, como os animais destinados à nossa alimentação, tais como carneiros, bois, cordeiros, cavalos e gatos, conservam nos seus olhos, após o golpe da marreta ou da faca do açougueiro, a impressão dos objetos que se encontravam sob seu último olhar. É uma verdadeira *fotografia* de calçadas, balcões de açougue, canaletas, figuras vagas, entre as quais se distingue quase sempre aquela do homem que o feriu. O fenômeno dura quase até a decomposição.

“Como se vê, a Ignorância vai se reduzindo; esta descoberta figurará nobremente entre suas companheiras no catálogo já importante deste século das luzes.”

Que eu conhecesse anteriormente esse fato até em suas particularidades aplicadas recentemente pela polícia da América do Norte — e no *puff*⁶⁰⁸ da mesma região — é algo que eu espero não deixará nem a sombra de uma dúvida no espírito do Leitor. Mas o que me tocou, foi um fenômeno *particular* que então se produziu em mim com essa leitura; a saber, certo caráter de *a propósito* sob o qual o fato me apareceu naquele momento — e assim ajustado por qualquer miserável farsista de província.

⁶⁰⁶ *tópico*: pequeno comentário de jornal usado para preencher algum espaço entre dois textos; vária; suelto.

⁶⁰⁷ *empírico*: no sentido de: aquele que cura doenças sem noções científicas.

⁶⁰⁸ *puff*: (em inglês): *sopro, bafo, baforada, lufada*, etc.

Cette dépravation sensorielle pouvait tenir de la fatigue nerveuse, morale et physique, due à mon voyage: je me laissai donc aller à l'examen de moi-même: — puis, machinalement, je relevai les yeux ... et la direction de mon regard tomba sur un homme debout contre un mât de misaine, les bras croisés, à deux cents brasses de moi: je reconnus le noble lieutenant.

Nos yeux se rencontrèrent à l'unisson, et nous détournâmes spontanément la vue l'un de l'autre, comme avec malaise. Pourquoi?... Ni lui ni moi ne le saurons jamais.

Pour couper court aux pensées ternes qui commençaient à monter en mon esprit, je me levai en sursaut, j'avalai l'absinthe d'un trait; puis, tournant les talons à la guinguette, je me mis à arpenter vivement le chemin des faubourgs maritimes où habitaient les époux Lenoir, — chemin quasi perdu et désert à cette heure de la journée.

Le soleil me brûlait: je m'arrêtai, de temps à autre, pour essuyer mon front et pour jeter autour de moi un coup d'oeil inquiet.

Essa depravação sensorial podia vir da fadiga nervosa, moral e física, devido à minha viagem: abandonei-me ao exame de mim mesmo: — depois, maquinalmente eu levantei de novo os olhos... e a direção de meu olhar caiu sobre um homem de pé contra um mastro de mezena, os braços cruzados, a duzentas braças de mim: reconheci o nobre tenente.

Nossos olhos se encontraram em unissonância, e desviamos espontaneamente a vista um do outro com inquietação. Por quê?... Nem ele nem eu saberemos jamais.

Para pôr fim aos pálidos pensamentos que começavam a elevar-se em meu espírito, ergui-me num sobressalto, engoli o absinto em um trago; depois, voltando os calcanhares ao bar⁶⁰⁹, pus-me a agrimensar rapidamente o caminho dos subúrbios marítimos onde morava o casal Lenoir — caminho quase perdido e deserto àquela hora do dia.

O sol queimava: eu parava de vez em quando para enxugar minha fronte e para lançar em torno de mim um olhar inquieto.

⁶⁰⁹ *bar*: o termo em francês, ‘guinguette’, é usado para designar o tipo de bar com mesas do lado de fora, nas calçadas.

CHAPITRE V
LES BÉSICLES COULEUR D'AZUR

*Beaux yeux de mon enfant, arcanes adorés,
Vous ressemblez beaucoup à ces grottes magiques
Où, derrière l'amas des ombres léthargiques,
Scintillent vaguement des trésors ignorés.*
CHARLES BAUDELAIRE, *Spleen et Idéal*.

Une demi-heure après, j'étais devant une maison de campagne isolée, l'habitation du bon docteur Césaire, mon meilleur ami. Je dis le «docteur» par façon de parler: car Lenoir était, au fond, un âne bête, un oison bridé en personne naturelle, s'il en fût un sous le Soleil! — J'agitai donc la cloche: un domestique des plus âgés vint m'ouvrir, escorté d'un énorme basset à poils roux, qui devait joindre, dans la maison, les fonctions de chien de garde à celle d'étrangleur de messieurs les rats.

Le domestique m'introduisit dans la salle à manger, me pria d'attendre et sortit.

C'était une salle ordinaire de rez-de-chaussée. Par la fenêtre, ouverte sur le jardin, entraient une fraîche odeur d'arbres. Portrait d'aïeule sur la muraille; lampe et son abat-jour sur la grande table recouverte d'un tapis. Sur la cheminée, une glace profonde et limpide, en son cadre de chêne sculpté, reflétait le vieux Saxe de la pendule et d'anciens candélabres. — Et cette salle était pénétrée d'une quiétude provinciale, d'un calme d'isolement. J'étais resté debout, mon chapeau et ma canne d'une main, ma valise de l'autre. Je savourai l'ensemble de cette fraîcheur silencieuse, pleine d'échos.

Puis, faisant demi-tour sur moi-même:

— Voilà des heureux! pensai-je.

Ce mouvement m'avait amené devant la glace; j'y vis la porte s'ouvrir sans bruit, derrière moi, et donner passage à un être dont l'aspect me causa quelque saisissement.

CAPÍTULO V
OS ÓCULOS COR DE AZUR

Belos olhos de minha criança, arcanos adorados,
Assemelhais-vos muito a essas grutas mágicas
Onde, por trás dos maços de sombras letárgicas,
Vagamente cintilam tesouros ignorados.
CHARLES BAUDELAIRE⁶¹⁰, *Spleen e Ideal*.

Uma meia hora depois, eu estava diante de uma casa de campo isolada, a habitação do bom doutor Césaire, meu melhor amigo. Eu disse o “doutor” por maneira de falar: pois Lenoir era, no fundo, uma besta de carga, um simplório em pessoa, se alguma vez houve um sob o Sol! — Fiz soar a campainha: um criado idoso veio abrir, escoltado por um enorme bassê de pelo avermelhado, que devia reunir na casa às funções de cão de guarda aquelas de estrangulador dos senhores ratos.

O criado me introduziu em uma sala de jantar, pediu-me para esperar e saiu.

Era uma sala ordinária ao nível do solo. Pela janela, aberta para o jardim, entrava um fresco odor de árvores. Retrato da avó na parede; lâmpada e seu abajur sobre a grande mesa recoberta por uma toalha. Sobre a lareira, um espelho profundo e límpido, em sua moldura de carvalho esculpido, refletia o velho Saxe do pêndulo e antigos candelabros. — E esta sala era impregnada de uma quietude provinciana, de uma tranqüilidade de isolamento. Eu permaneci de pé, meu chapéu e minha bengala em uma mão, minha valise na outra. Saboreava o conjunto desse frescor silencioso, cheio de ecos.

Depois, girando sobre mim mesmo:

— Eis aqui os felizes! pensei eu.

Este movimento me tinha conduzido diante do espelho; e nele vi a porta se abrir sem ruído atrás de mim, e dar passagem a um ser cujo aspecto me causou alguma emoção.

⁶¹⁰ Charles Baudelaire (1821-1867): poeta francês; amigo de Villiers a partir de 1860.

C'était une femme enveloppée d'une robe de chambre de velours vert, à glands grenat; deux longues boucles de cheveux châains tombaient, à la Sévigné*, sur sa poitrine; elle avait sur les yeux une paire de lunettes d'or, dont les énormes verres bleuâtres, — ronds comme des écus de six livres, — cachaient presque ses sourcils et le haut de ses pommettes pâles. Elle venait, montrant ses dents avec un sourire intentionnel et des airs d'apparition. Je l'ai dit et je le redis encore: sa vue, à l'improviste, me remplit de saisissement.

— C'est donc vous, monsieur le voyageur! me dit Claire Lenoir d'une voix mordante et vibrante comme le son de l'argent. Nous sommes allés vous attendre, hier au soir, sur la jetée! Posez cela, et buvez bien vite un verre de ce vieux madère; Césaire va descendre dans un instant.

Une fois mes ustensiles posés dans un coin, à la hâte, je lui pris les mains:

— Vous! murmurai-je; — est-ce possible?...

La jeune femme me toisa comme très surprise.

— Sans doute, me dit-elle, sans aucun doute! Et d'où vient tant d'étonnement, mon très cher monsieur? Je ne me savais pas changée à ce point! — Ah! s'écria-t-elle, tout à coup, en riant aux éclats, j'y suis! Ce sont mes lunettes!... C'est vrai! vous ne m'avez pas revue depuis le jour... Hélas! mon ami, je me suis résignée à les porter, à mon âge, dans l'espérance d'une prolongation de la lumière!... Voyez! voyez!

Et, soulevant de ses deux mains les grandes besicles, elle me laissa considérer ses *Yeux*.

Ils étaient d'un éclat si vitreux, si interne, que le regard avait le froid de la pierre; ils faisaient mal. C'étaient deux aigues-marines.

— Baissez! lui dis-je vivement; un coup d'air trop subit serait dangereux.

* Inutile de rappeler, n'est-il pas vrai? que nous ne répondons pas des *façons de voir*, même physiques, du Docteur. Il a ses appréciations à *lui*, que nous n'avons à nous permettre de rectifier en rien, — supposé qu'il y ait lieu, dans ses dires, de «rectifier» quoi que ce soit.

Era uma mulher envolvida em um roupão de veludo verde, com bolas de granada⁶¹¹; dois longos cachos de cabelos castanhos caíam, à la Sévigné*, sobre seu peito; tinha sobre os olhos um par de óculos de ouro, cujos enormes vidros azulados — redondos como escudos de seis libras — quase ocultavam suas sobrancelhas e o alto de suas pálidas maçãs do rosto. Ela se aproximava mostrando seus dentes com um sorriso intencional e com ares de aparição. Eu disse e digo novamente: sua presença imprevista me encheu de emoção.

— Pois sois vós, senhor viajante! disse-me Claire Lenoir com uma voz incisiva e vibrante como o som do dinheiro. Nós fomos esperar-vos ontem à tarde no cais! Largue isso, e beba logo um copo desse velho madeira; Césaire vai descer num instante.

Uma vez meus utensílios colocados num canto, às presas, eu lhe tomei as mãos:

— Vós! murmurei; — é possível?...

A jovem me olhou com atenção, como que surpresa.

— Sem dúvida, disse-me ela, sem nenhuma dúvida! E de onde vem tanto espanto, meu caríssimo senhor? Eu não sabia que havia mudado a tal ponto! — Ah! exclamou de repente, dando uma gargalhada, eu compreendo! São meus óculos!... É verdade! o senhor não me viu desde o dia... Ai, meu amigo, eu me resignei a usá-los, nessa idade, na esperança de prolongar um pouco mais a luz!... Vede! vede!

E, erguendo com as duas mãos os grandes óculos, ela me deixou contemplar seus *Olhos*.

Eram de um brilho vítreo, tão profundo, que o olhar tinha frieza de pedra; eles davam dó. Eram duas águas-marinhas.

— Baixai! disse-lhe rapidamente; uma brisa súbita seria perigoso.

⁶¹¹ *granada*: tecido de seda da mesma cor dos minerais do grupo das *granadas*.

* Inútil lembrar, não é verdade? que não correspondemos com as *maneiras de ver*, mesmo físicas, do Doutor. Ele tem suas *próprias* apreciações, que não nos cabe retificar em nada — supondo que haja lugar, nos seus dizeres, para “retificar” o que quer que seja. [n. do a.]

Les grands cils retombèrent sur les prunelles.

— Je ne sais ce qu'ont mes yeux, dit-elle en m'obéissant; mais je juge, aux clignements des paupières, que c'est autant dans l'intérêt des autres que dans le mien, que je dois porter ces lunettes épaisses.

Il y eut un silence.

Je compris que le moment était venu de glisser un madrigal, la situation me paraissant même l'exiger impérieusement! Mais, au moment où j'ouvrais la bouche pour placer une comparaison avec les astres les plus énormes de la voûte céleste (aimés des anges nocturnes), un autre personnage apparut derrière la porte vitrée: c'était Lenoir.

Aussitôt qu'il m'eut reconnu, ses sourcils élevés et disparates se défroncèrent, il entra comme un boulet de quarante-huit, se précipita dans mes bras sans dire un mot, avec une franche expansion qui faillit me renverser.

Il m'étouffait.

— Me voilà! lui dis-je, et je vois avec une joie véritable, mon cher Lenoir, que vous n'avez pas souffert des années? Toujours fort et vigoureux! ajoutai-je en souriant et en me palpant pour m'assurer si je n'avais pas quelque chose de cassé dans mon armature.

Il appela les domestiques, en s'essoufflant, pendant que sa femme me remplissait un verre de madère; il fit monter mes effets dans la chambre qui m'était destinée. Après quoi, nous passâmes au salon et nous nous mîmes à causer.

Os grandes cílios caíram sobre as pupilas.

— Eu não sei o que meus olhos têm, disse ela me obedecendo; mas eu julgo, pelos tremores das pálpebras, que é tanto pelos outros quanto por mim, que eu devo usar estes óculos espessos.

Houve um silêncio.

Compreendi que havia chegado o momento de deslizar um madrigal, pois parecia que a situação exigia-o imperiosamente! Mas, no momento em que abria a boca para estabelecer uma comparação com os astros maiores da abóbada celeste (amados dos anjos noturnos), um outro personagem apareceu por trás da porta envidraçada: era Lenoir.

Logo que me reconheceu, suas sobrançelas erguidas e disformes se desenrugaram, entrou como uma bala de canhão de quarenta e oito, precipitou-se nos meus braços sem dizer uma palavra, com uma sincera expansão que quase me derrubou.

Ele me sufocava.

— Eis-me aqui! disse-lhe, e vejo com uma verdadeira alegria, meu caro Lenoir, que não sofreis com os anos? Sempre forte e vigoroso! acrescentei sorridente e me apalpando para me assegurar que não havia quebrado nada na minha carcaça.

Ele chamou os criados, quase perdendo o fôlego, enquanto sua mulher me enchia uma taça de madeira; mandou subir meus pertences para o quarto que me era destinado. Após isso, passamos ao salão e nos pusemos a conversar.

CHAPITRE VI
JE TUE LE TEMPS AVANT LE DÎNER

Tu te tairas, ô voix sinistre des vivants!

LECONTE DE LISLE.

L'ameublement, les rideaux et les tapisseries de ce petit salon étaient d'un rouge sombre: des vases d'albâtre sur la cheminée. Dans l'ombre, une toile dans le style des élèves de Rembrandt; de mauvais dahlias violets dans une coupe, sur le piano. Un petit vaisseau de guerre (oeuvre des loisirs de mon ami), avec ses gréements et ses canons, était suspendu au plafond en guise de lustre. La fenêtre était ouverte, donnant sur le ponant et sur la mer.

Enfoui dans le canapé, entre Césaire et sa femme, je racontai, rapidement et à grands traits, mes voyages dans les cinq parties du monde, mes explorations au sommet des montagnes et dans les entrailles de la terre, depuis le sommet de l'Illimani jusque dans les profondeurs des mines de Poullaouën; je parlai des djeysers ou volcans de boue de l'Islande, — du crâne pointu des Séminoles, — des rites de Jaggernaut, — des supplices chinois, dont la simple nomenclature emplirait un dictionnaire de la capacité de nos Bottin, — des sectes de sorciers qui dansent en Afrique avec des bâtons de soufre enflammé sous les aisselles, — du passeport tatoué sur mon dos que m'avait donné, en signe d'affection, Zouézoué-Anandézoué-Rakartapakoué-Boué-Anazenopati-Abdoulrakam-

CAPITULO VI
EU MATO O TEMPO ANTES DO JANTAR

Tu te calarás, ó voz sinistra dos vivos!
LECONTE DE LISLE⁶¹².

A mobília, as cortinas e as tapeçarias desse pequeno salão eram de um vermelho sombrio: vasos de alabastro sobre a lareira. Na sombra, uma tela no estilo dos alunos de Rembrandt; passadas dâlias violetas num copo, sobre o piano. Um pequeno navio de guerra (obra das ociosidades de meu amigo), com seus cordames e seus canhões, estava suspenso no teto à maneira de lustre. A janela estava aberta, dando para o poente e para o mar.

Enterrado no canapé, entre Césaire e sua mulher, contei rapidamente e a grandes traços, minhas viagens pelos cinco cantos do mundo, minhas explorações pelos cumes das montanhas e pelas entranhas da terra, desde o cume do Illimani⁶¹³ até as profundezas das minas de Poullaouën⁶¹⁴; falei dos gêiseres ou vulcões de lama da Islândia — do crânio pontiagudo de Seminoles⁶¹⁵ — dos ritos de Jagannâtha⁶¹⁶ — dos suplícios chineses, cuja simples nomenclatura encheria um dicionário da capacidade de nosso Bottin⁶¹⁷ — das seitas de feiticeiros que dançam na África com bastões de enxofre em chamas debaixo dos braços — do passaporte tatuado nas minhas costas que me havia dado em sinal de afeição Zouézoué-Anandézoué-Rakartapakoué-Boué-Anazenopati-Abdoulrakam-

⁶¹² Leconte de Lisle (1818-1894): poeta francês, parnasiano; amigo de juventude de Villiers.

⁶¹³ *Illimani*: uma das mais altas montanhas da Bolívia, com mais de 6 mil metros de altitude.

⁶¹⁴ *Poullaouën*: burgo da Bretanha francesa onde havia muitas minas de minério, fechadas em 1866.

⁶¹⁵ *Seminoles*: tribo extinta de ameríndios da região norte dos Estados Unidos e sul do Canadá.

⁶¹⁶ *Jagannâtha*: deus hindu, senhor do universo.

⁶¹⁷ *Bottin*: Sébastien Bottin (1764-1853), administrador e estatístico francês; um grosso anuário do comércio e da indústria levava o seu nome.

Penanntogômo V, roi des îles Honolulu et Moo-Loo-Loo, — des arbres indiens sur chaque feuille desquels est inscrite quelque pensée de Bouddha, du culte du serpent chez les cannibales de la Terre de Feu, — (serpent qui se contente de mordre l'ombre humaine sur le sable, au soleil, — pour faire mourir), des suc de la ciguë crucifère du pôle austral, dont l'infusion donne toujours le même genre d'hallucinations et qui contient les reflets du monde antédiluvien; — de la religion du Canada, qui consiste à croire que l'univers a été créé par un grand lièvre; — des niams-niams ou hommes qui portent une queue de chimpanzé et qui se classent avant le gorille et au-dessous du nègre Caffre, dans l'échelle apparente des créatures, (ainsi que je le constate dans mon traité intitulé: *Du Têtard*), — du grand lama thibétain, dont le visage royal est toujours voilé depuis la naissance jusqu'à sa mort inclusivement, — du chef de tribu zélandais Ko-li-Ki (Roi des Rois), qui ne vit qu'en prélevant sur ses sujets (lorsqu'il passe à travers les huttes) de grands morceaux de chair, enlevés d'un coup de mâchoire, aux endroits friands; — je parlai des grands arbres, des flots, des rochers et des aventures lointaines. Je tins le dé; je renvoyai la balle; j'agitai les grelots de la plaisanterie; — je racontai avec aplomb toutes ces fadeurs; — je parlai de ceci, de cela, de droite et de gauche, à tort et à travers, pensant, qu'après tout, c'était assez bon pour eux. — Bref, je fus charmant!

Ils avaient l'air stupéfait l'un et l'autre, et me considéraient comme s'ils ne m'eussent pas reconnu. J'avais pitié de ces provinciaux: de vrais *écoute s'il pleut!*

Penanntogômo V, rei das Ilhas Honolulu e Moo-Loo-Loo⁶¹⁸ — das árvores indianas nas quais em cada folha está inscrito algum pensamento de Buda, do culto da serpente entre os canibais da Terra do Fogo⁶¹⁹ — (serpente que se contenta em morder a sombra humana sobre a areia, no sol, para fazer morrer), dos sucos da cicuta crucífera do pólo astral, cuja infusão provoca sempre o mesmo gênero de alucinações e que contém os reflexos do mundo antediluviano; — da religião do Canadá, que consiste em crer que o universo foi criado por uma grande lebre; — dos niams-niams⁶²⁰ ou homens que possuem uma cauda de chimpanzé, classificados antes do gorila e abaixo do negro Cafre⁶²¹, na aparente escala das criaturas (tal como eu o demonstro no meu tratado intitulado: *Do Girino*) — do grande lama tibetano, cuja face real é sempre velada desde o nascimento até a morte — do chefe da tribo zelandesa Ko-li-Ki (Rei dos Reis), que vive apenas para extrair de seus súditos (quando ele passa pelas choupanas) grandes pedaços de carne arrancados com mordidas das partes mais saborosas; — falei de grandes árvores, ondas, rochedos e aventuras longínquas. Eu tive o dado; devolvi a bola; agitei os guizos do gracejo; — contei com apurmo todas essas insignificâncias; — falei disso, daquilo, da direita e da esquerda, a torto e a direito, pensando que afinal de contas, era suficientemente bom para eles. — Enfim, fui encantador!

Eles tinham um ar estupefato, os dois, e me contemplavam como se não me reconhecessem. Tive pena desses provincianos: realmente, *vá ver se chove!*⁶²²

⁶¹⁸ *Honolulu e Moo-Loo-Loo*: Honolulu, cidade do Havaí (atualmente a maior); Moo-Loo-Loo, não encontrei registros do termo.

⁶¹⁹ *canibais da Terra do Fogo*: os antigos habitantes dessa região, os selknam ou Onas, não eram canibais.

⁶²⁰ *niams-niams*: os Zandes, povo da África Central (que não possuem cauda).

⁶²¹ *Cafre*: da Cafraria, África do Sul.

⁶²² *vá ver se chove!*: no original 'escuta se chove!', a expressão equivale a 'ignorantes!'.

Et puis, s'il faut tout dire, j'étais de fort mauvaise humeur contre Lenoir, parce qu'il m'avait serré avec *trop* de tendresse entre ses bras musculeux: je n'aime pas les expansions grossières.

Le soir vint; les rayons du soleil couchant nous éclairèrent tous trois d'une lueur sinistre, au fond du salon rouge.

Pendant un moment de profond recueillement, le vieux domestique entr'ouvrit discrètement la porte et laissa tomber ces mots:

— Madame est servie.

On se leva. Je tendis le jarret, je fis la bouche en coeur, j'arrondis le bras et l'offris à Mme Lenoir, qui daigna s'y appuyer.

Césaire nous suivait, pensif, en pinçant, du bout de son pouce et de son index, son nez où il avait expédié une prise, à la dérobée. Son attitude méditative ne m'échappait pas, bien qu'il fût derrière moi, parce que, comme tous les gens de tact, j'ai deux yeux derrière la tête.

On apporta des candélabres allumés dont l'éclat se reflétait sur les verres, la nappe et les cristaux.

Nous nous assîmes; nous déployâmes nos serviettes, avec une certaine solennité silencieuse due à l'atmosphère de ma conversation, et, après le premier verre de bordeaux, nous eûmes un sourire général.

E depois, é preciso dizer, eu estava de muito mau humor com Lenoir, porque ele tinha me apertado com *muita* ternura entre seus braços musculosos: não gosto de expansões grosseiras.

Veio o anoitecer; os raios do pôr-do-sol nos iluminaram com um clarão sinistro no fundo do salão vermelho.

Em um momento de profunda contemplação, o velho criado entreabriu discretamente a porta e deixou cair estas palavras:

— A senhora está servida.

Levantamo-nos. Eu estendi o jarrete, fiz da boca coração, curvei o braço e ofereci-o a Sra. Lenoir, que condescendeu a nele se apoiar.

Césaire nos seguia pensativo, beliscando com a ponta de seu polegar e de seu indicador o nariz, onde havia expedido furtivamente uma pitada. Sua atitude meditativa não me escapava, ainda que fosse atrás de mim, porque, como toda pessoa de tato, eu tenho dois olhos atrás da cabeça.

Trouxeram candelabros acesos, cujo brilho se refletia sobre os copos, a toalha de mesa e os cristais.

Sentamo-nos; desdobramos nossos guardanapos, com certa solenidade silenciosa devido à atmosfera de minha conversação, e, após o primeiro copo de bordeaux, tivemos um sorriso geral.

CHAPITRE VII ON CAUSE MUSIQUE ET LITTÉRATURE

Un dîner bien caqueté.
M^{ME}. DE SÉVIGNÉ.

A table, Claire parla musique avec une science que, vraisemblablement, je ne pouvais attendre d'une malheureuse femme.

Elle mentionna certain maître allemand, dont j'ai oublié le nom — et l'époque; «Génie miraculeux!» disait-elle, «mais seulement accessible aux intelligences initiées, aux humains complets. Ses oeuvres traitent de légendes brabançonnnes — d'un bâtiment posthume, — d'un virtuose guerroyeur enlevé par Celle qu'on révère à Paphos, — d'un nommé Tout-fou, — d'un Fatras mythologique en quatre séances, etc., etc.: ces dernières compositions paraissaient remplir Mme Lenoir d'une admiration inexplicable. Je me remémore très bien qu'elle nous parla d'un certain «*crescendo en ré*» où resplendissait (disait-elle en son enthousiasme d'enfant) le «terrible HOSANNAH».

Elle spécifia, de plus, on ne sait quel *Chant de Pèlerins*, «dont la profonde lassitude avait quelque chose d'éternel!» Ce chant la captivait jusqu'à la divagation. — A l'en croire, «il était, d'abord, étouffé sous les enlacements de rires aphrodisiaques, poussés par des syrènes moqueuses, apparues sous la lune, dans les roseaux.» Les circonstances se passaient «près d'une montagne enchantée». Cela signifiait, tout bonnement, que les instigations câlines de nos passions obscurcissent parfois en nous, pèlerins de la terre, le souvenir de la patrie céleste: — pensée que jamais croque-notes n'est capable d'avoir, — on en conviendra, —

CAPÍTULO VII CONVERSA-SE MÚSICA E LITERATURA

Um jantar bem tagarela.
S^{RA.} DE SÉVIGNÉ⁶²³.

À mesa, Claire falou sobre música com uma ciência que, realmente, eu não podia esperar de uma infeliz mulher.

Ela mencionou certo mestre alemão, do qual esqueci o nome — e a época; “Gênio miraculoso!” dizia ela, “mas somente acessível às inteligências iniciadas, aos humanos completos. Suas obras tratam de lendas brabantes⁶²⁴ — de um navio póstumo⁶²⁵ — de um virtuoso guerreiro arrebatado por Aquele que se reverencia a Pafos⁶²⁶ — de um tal Desmiolado — de uma Mixórdia mitológica em quatro sessões, etc. etc.: estas últimas composições pareciam encher a Sra. Lenoir de uma admiração inexplicável. Eu me recordo muito bem que ela nos falou de um certo “*crescendo* em *re*” em que resplandecia (dizia ela em seu entusiasmo de criança) o “terrível HOSANA”.

Além disso, ela fez referência a não sei qual *Canto do Peregrino*, “cuja profunda lassitude possuía alguma coisa de eterno!” Esse canto a cativava até a divagação. — A crer nela, “era, primeiro, sufocado por enlaces de risos afrodisíacos, produzidos por sereias zombadoras, surgidas sob a lua, entre caniços.” As circunstâncias se passavam “junto de uma montanha encantada”. Isso significava, muito simplesmente, que as cálidas instigações de nossas paixões obscureciam às vezes em nós, peregrinos da terra, a lembrança da pátria celeste: — pensamento que não é qualquer trinca-notas que é capaz de ter — convenha-se —

⁶²³ Sra. De Sévigné: provavelmente Marie de Rabutin-Chantal, Marquesa de Sévigné (1626-1696), escritora francesa.

⁶²⁴ *brabantes*: de Brabante (Condado de Brabante), nome antigo da região entre o norte da Bélgica e os Países Baixos.

⁶²⁵ *navio póstumo*: o nome correto da peça é “Navio fantasma”.

⁶²⁶ *Pafos*: filho de Pigmalião e Galateia na mitologia; suposto fundador da cidade de Pafos, Chipre.

(si puérole qu'elle soit, d'ailleurs!) — «Mais» ajoutait Mme Lenoir, «la mystique fanfare finissait par éclater et dominer triomphalement: une option réfléchie et décisive reprenait, dans la lumière du soir, l'hymne de gloire et de martyr, et précipitait la fuite des *ombres*, comme une authentique mission d'Espérance!»

A cet énoncé, je sentis le fou rire me monter à la gorge. Il était évident que Mme Lenoir, abusant des privilèges de son sexe frivole, voulait se divertir à mes dépens. Je jugeai opportun de m'y prêter de bonne grâce et l'éloge de cet intrigant défraya le babil des deux premiers services.

Ensuite elle s'aventura dans la littérature: là, j'étais mieux sur mon terrain.

Aux îles Chinchas, — (si justement estimées pour leur engrais fameux), — pendant une maladie qu'il est inutile de nommer, j'avais pris quelques tomes pour combattre les ennuis nocturnes.

C'étaient deux ou trois ouvrages d'un écrivain prodigieux et qui avait gagné déjà son pesant d'or avec ses livres: — ce qui est, pour moi, comme pour les gens incapables de se repaître de mots, la meilleure des recommandations.

C'est la plume, à coup sûr, la plus féconde de notre beau pays, et, dans les cinq parties du monde, les notabilités des deux sexes se disputent ses produits, quels qu'ils soient.

J'ai oublié son nom: mais le genre de son talent (auquel s'efforcent en vain d'atteindre tous ses confrères), consiste à *gazer*, adroitement, les situations les plus scabreuses!... A frapper l'imagination du lecteur par un enchaînement de péripéties émouvantes — et logiques! — où les personnages en relief (quoique appartenant aux bas-fonds de la société), élèvent le cœur, nourrissent l'esprit et calment les consciences les plus inutilement scrupuleuses.

(por mais pueril que seja, aliás!) — “Mas”, acrescentou a Sra. Lenoir, “a mística fanfarra acabava por eclodir e dominar triunfalmente: uma opção refletida e decisiva retomava na luz do entardecer o hino da glória e do martírio, e precipitava a fuga das *sombras*, como uma autêntica missão de Esperança!”

A este enunciado, eu senti um riso louco me subir à garganta. Era evidente que a Sra. Lenoir, abusando dos privilégios de seu sexo frívolo, queria se divertir às minhas custas. Julguei oportuno prestar-me a isso de boa vontade e o elogio deste intrigante pagou a tagarelice dos dois primeiros serviços.

Em seguida ela se aventurou na literatura: aí eu estava em meu terreno.

Nas Ilhas Chinchas⁶²⁷ — (tão justamente estimadas por seu famoso estrume) — durante uma doença que é inútil nomear, peguei alguns tomos para combater o tédio noturno.

Eram duas ou três obras de um escritor prodigioso e que já havia ganhado seu peso de ouro com seus livros: — o que é, para mim, como para as pessoas incapazes de se alimentar de palavras, a melhor das recomendações.

Seguramente, é a pena mais fecunda de nosso belo país, e nos cinco cantos do mundo, as notabilidades dos dois sexos disputam seus produtos, quaisquer que sejam.

Eu esqueci seu nome: mas o gênero de seu talento (ao qual se esforçam em vão alcançar todos os seus confrades) consiste em *dissimular*, habilmente, as situações mais escabrosas!... Em bater na imaginação do leitor com um encantamento de peripécias comoventes — e lógicas! — onde os personagens em relevo (ainda que pertencentes aos baixios da sociedade) elevam o coração, nutrem o espírito e acalmam as consciências mais inutilmente escrupulosas.

⁶²⁷ *Chinchas*: arquipélago composto por três ilhas na costa peruana, na época muito conhecido pela grande quantidade de guano proveniente dos excrementos e cadáveres das aves marinhas.

Ses héros intéressent principalement en ce qu'ils ne meurent au *recto* que pour ressusciter au *verso*. Sur ces pages, que l'oeil parcourt fiévreusement, se projettent à la fois les ombres vénérables d'Orphée, d'Homère, de Virgile et de Dante, — sinon de Chapelain, lui-même, — et, pour me résumer, cet homme, ce moraliste, représente, d'ores et déjà, *la pure expression de l'Art moderne dans sa Renaissance et sa Maturité*. Aussi est-il goûté de tous. Et moi-même, depuis cette époque d'exil aux îles Chinchas, j'avais hâte de venir poser un pied furtif et incertain sur la terre de France pour m'adonner tout entier à la lecture de ses nouveaux recueils, les feuilles publiques encombrées par son génie ne m'offrant, çà et là, que quelques bribes chues de sa forte plume autorisée.

J'avais pris, également, — (j'allais oublier de le dire) — deux ou trois volumes d'un ancien député français, ex-pair de France, — si je dois en croire ce que m'affirma, très étourdiment, le capitaine, — et les ouvrages d'un conteur américain édité à Richmond, dans la Caroline du Sud.

Je dois l'avouer: la prose du romancier sans second, du Moraliste des îles Chinchas, m'avait, vraiment, rafraîchi le coeur. Ses personnages, solides comme du bois, m'avaient rempli d'intérêt, — souventefois d'émotion, — notamment l'un d'eux, nommé, je crois, Rocambole. Je ne lui ferai qu'un reproche et encore avec la réserve de l'humilité: c'est d'être quelquefois, peut-être, un peu — métaphysique... un peu — comment dirais-je? — un peu trop abstrait... — enfin, — pour dire quelque chose, — un peu trop *dans les nuages*, comme le sont, malheureusement, tous les poètes.

Seus heróis interessam principalmente porque morrem ao *recto*⁶²⁸ somente para ressuscitar no *verso*. Sobre estas páginas, que o olho percorre febrilmente, projetam-se ao mesmo tempo as veneráveis sombras de Orfeu, de Homero, de Virgílio e de Dante — até mesmo de Chapelain⁶²⁹ — e, para me resumir, esse homem, esse moralista, representa, desde agora, *a pura expressão da Arte moderna em sua Renascença e Maturidade*. Assim está no gosto de todos. E eu próprio, depois dessa época de exílio nas ilhas Chinchas, tive pressa de vir pôr um pé furtivo e incerto sobre a terra da França para doar-me inteiramente à leitura de suas novas coleções, as folhas públicas saturadas por seu gênio não me ofereciam, aqui e ali, senão algumas migalhas caídas de sua forte e autorizada pena.

Eu tomei também, igualmente — (ia esquecer de dizer) — dois ou três volumes de um antigo deputado francês, ex-par⁶³⁰ da França — se devo crer no que me afirmou, muito imprudentemente, o capitão — e as obras de um contista americano editado em Richmond, na Carolina do Sul.

Devo confessar: a prosa sem igual do romancista, do Moralista das ilhas Chinchas, tinha-me, realmente, refrescado o coração. Seus personagens, sólidos como madeira, encheram-me de interesse — freqüente vezes de emoção — notadamente um deles, chamado, eu creio, Rocambole⁶³¹. Eu lhe faria apenas uma censura e ainda com a reserva da humildade: é de ser algumas vezes, talvez, um pouco — metafísico... um pouco — como poderia dizer? — um pouco abstrato demais... — enfim — para dizer alguma coisa — um pouco *nas nuvens*, como são infelizmente todos os poetas.

⁶²⁸ *recto*: primeira página de um folheto.

⁶²⁹ *Chapelain*: Jean Chapelain (1595-1674), crítico e poeta francês.

⁶³⁰ *par*: nas Constituições de 1814 e 1830, membro da Alta Assembléia Legislativa ou *Câmara dos pares*.

⁶³¹ *Rocambole*: trata-se de um famoso personagem criado por Pierre Alexis, Visconde de Ponson du Terrail (1829-1871), que aparece em mais de uma dúzia de romances de folhetim publicados entre 1857 e 1870, em Paris.

— Ah! quand viendra-t-il donc un écrivain qui nous dira des choses vraies! — des choses qui arrivent! — des choses que tout le monde sait par cœur! qui courent, ont couru et courront éternellement les rues! des choses SÉRIEUSES, enfin! Celui-là sera digne d'être estimé du Public, puisqu'il sera la Plume-publique.

Quant à l'ancien député, ses «vers», suivant son étonnante expression, m'avaient échauffé la bile. C'était (autant que je puis m'en souvenir) une sorte de pot-pourri de légendes sans suite, et, comme on dit, sans rime ni raison. Il était question, là-dedans, de Mahomet, d'Adam et d'Ève, du Sultan, des régiments de la Suisse et des chevaliers errants: c'était, enfin, le capharnaüm le plus chaotique dont cerveau brûlé ait jamais conçu l'extravagance.

Quelques bons mots, ça et là, — quelques appréciations justes, ne le rendaient, à mes yeux, que plus dangereux pour les esprits faibles. Je ne conçois pas qu'on ait nommé député un pareil individu: ce recueil m'avait donné là, vraiment, une piteuse idée de notre belle langue française.

Parlerai-je de l'Américain?... Celui-là m'avait paru, le gaillard, posséder quelques teintures de rhétorique!... Mais une chose qui m'a frappé c'est le *titre* de ses oeuvres. Il les appelait, avec une certaine suffisance: «*Histoires sans pareilles!*» «*Contes extraordinaires!*...» etc. — J'ai lu toutes ces histoires et je me suis vainement demandé ce qu'il voyait d'extraordinaire dans tout ce qu'il racontait. C'était, en bonne conscience, le dernier mot du banal, — présenté, il est vrai, à la bourgeoise, — mais du banal; et il m'endormit, maintes fois, délicieusement. J'en avais conclu que le titre avait été choisi par l'éditeur pour piquer la curiosité du vulgaire.

Claire Lenoir rougit beaucoup au nom du Moraliste des îles Chinchas, et m'avoua, toute confuse, qu'elle en entendait parler pour la première fois.

A cette naïve confiance, je l'enveloppai, naturellement, d'un regard oblique et presque vipérin, n'en croyant pas mes oreilles: pour une femme versée dans l'étude des Lettres et dans les questions abstruses de la philosophie, c'était là une triste réponse, on en conviendra! — Que lisait-elle donc?... pensai-je. A quoi songeait cette petite tête évaporée?

— Ah! quando então virá um escritor que nos diga coisas verdadeiras! — coisas que acontecem! — coisas que todo mundo sabe de cor! que correm, correram e correrão eternamente as ruas! coisas SÉRIAS, enfim! Este será digno de ser estimado pelo Público, pois será a Pluma-pública.

Quanto ao velho deputado, seus “versos”, conforme sua espantosa expressão, cheiravam-me a bÍlis. Era (pelo que me lembro) uma espécie de miscelânea de lendas sem continuação, e, como se diz, sem rima nem razão. Trata-se ali de Maomé, de Adão e Eva, do Sultão, de regimentos da Suíça e de cavaleiros errantes: enfim, era a cafarnaum mais caótica cuja extravagância de um cérebro enlouquecido jamais havia concebido.

Algumas boas palavras, aqui e ali — algumas apreciações justas, não o tornavam a meus olhos muito perigoso senão para os espÍritos fracos. Não concebo que se tenha nomeado deputado um semelhante indivíduo: essa compilação me deu, na verdade, uma lamentável idéia de nossa bela língua francesa.

Falarei do Americano?... Esse aí me pareceu, o galhardo, possuir algumas tinturas de retórica!... Mas uma coisa que me tocou foi o *título* de suas obras. Ele as chamava, com uma certa presunção: “*Histórias sem paralelos!*” “*Contos extraordinários!*...” etc. — Eu li todas essas histórias e vãmente me perguntei o que havia de extraordinário em tudo isso que ele narrava. Era, em boa consciência, a última palavra do banal — apresentado, é verdade, de maneira burguesa — mas banal; e ele me adormecia muitas vezes deliciosamente. Disso eu concluí que o título tinha sido escolhido pelo editor para excitar a curiosidade do vulgo.

Claire Lenoir enrubescou muito a menção do Moralista das ilhas Chinchas, e me confessou muito confusa que ouvia falar dele pela primeira vez.

A esta ingênua confidência eu a envolvi, naturalmente, com um olhar oblÍquo e quase viperino, não crendo em meus ouvidos: para uma mulher versada nos estudos das Letras e nas questões abstrusas da filosofia, estava aí uma triste resposta, convenha-se! — Que lia ela então?... pensei. Em que pensava essa cabecinha avoadá?

Néanmoins, sa franchise toute provinciale lui gagna mon indulgence, et point ne voulus abuser de la supériorité de mes connaissances vis-à-vis de ma charmante hôtesse.

Je me bornai donc à deviser du député et du conteur américain — (dont il est inexplicable que les noms m'échappent!...) — J'en devisai, dis-je, dans les termes d'appréciation sus-énoncés.

Mme Lenoir parut m'écouter avec la plus grande attention pendant quelque temps; elle avait l'air d'ignorer totalement de qui je voulais parler. Mais lorsque j'eus précisé le *sujet* — (qui me revint fort à propos) — de quelques-unes des «légendes» du député et le *titre* de quelques-uns des «contes sans pareils» dus au bourgeois de la Caroline du Sud, elle tressaillit comme si elle se fût réveillée en sursaut et sa physionomie prit une expression très singulière! — je puis l'affirmer!... par les démons! — indéfinissable!... c'est le mot.

Elle fixa, d'abord, sur moi ses aigue-marines à l'abri de ses lunettes, et demeura comme saisie d'une vague stupeur. Puis, s'emparant de la carafe, elle remplit son verre, but une gorgée d'eau pure, reposa le verre devant son assiette, et, tout à coup, sans motif, elle jeta un éclat de rire musical et saccadé pendant que je la considérais avec une pitié soupçonneuse, en m'interrogeant, moi-même, sur ses facultés mentales.

Elle reprit bientôt des dehors plus décents et je l'entendis murmurer très bas, car j'ai l'oreille fine:

— Pourquoi rire? Il est écrit: «Les morts ne vous loueront pas.»

Je ne sus, littéralement, que penser: je regardai Césaire: il ne sonnait mot et dévorait un râble aux tomates en roulant des yeux noyés dans l'extase.

— Oui, c'est la mystérieuse Loi!... continuait la jeune femme, si bas que je l'entendais à peine, — il est des êtres ainsi constitués que, même au milieu des flots de lumière, ils ne peuvent cesser d'être obscurs. Ce sont les âmes épaisses et profanatrices, vêtues de hasard et d'apparences, et qui passent, murées, dans le sépulcre de leurs sens mortels.

Não obstante, sua franqueza muito provinciana ganhou minha indulgência e não quis absolutamente abusar da superioridade de meus conhecimentos diante de minha encantadora anfitriã.

Limitei-me então a conversar familiarmente sobre o deputado e o contista americano — (dos quais é inexplicável que me escapem os nomes!...) — Conversei, disse, nos termos apreciativos já expostos.

A Sra. Lenoir pareceu escutar-me com maior atenção durante algum tempo; tinha a aparência de ignorar totalmente de quem eu queria falar. Mas quando eu precisei o *tema* — (que me veio muito a propósito) — de algumas “lendas” do deputado e o *título* de alguns “contos sem iguais” do burguês da Carolina do Sul, ela estremeceu como se tivesse sido despertada em sobressalto e sua fisionomia tomou uma expressão muito singular! — e posso afirmar!... pelos demônios! — indefinível!... é a palavra.

Ela primeiro fixou sobre mim suas águas-marinhas protegidas por seus óculos e permaneceu como tomada por um vago estupor. Depois, apoderando-se da garrafa, encheu seu copo, bebeu um gole de água pura, repôs o copo diante de seu prato, e, de repente, sem motivo, lançou uma gargalhada musical e irregular enquanto eu a contemplava com uma suspeitosa piedade, interrogando-me sobre suas faculdades mentais.

Logo retomou uma aparência mais decente e eu a ouvi murmurar muito baixo, pois tenho bom ouvido:

— Por que rir? está escrito: “Os mortos não vos louvarão.”⁶³²

Eu não soube, literalmente, o que pensar: olhei Césaire: não sonorizava palavra alguma e devorava um lombo ao tomate rolando os olhos mergulhados em êxtase.

— Sim, essa é a misteriosa Lei!... continuava a jovem mulher, tão baixo que eu mal ouvia — há seres constituídos de maneira que, mesmo em meio a abundâncias de luz, não podem deixar de ser obscuros. São almas grosseiras e profanadoras, vestidas de acaso e aparências, e que passam, emparedadas, no sepulcro de seus sentidos mortais.

⁶³² *Os mortos não vos louvarão*: Salmo 115, ver. 17.

Je la blâmai, dans mon coeur, de cette épigramme évidemment à l'adresse de son mari, mais je ne voulus point, par bon goût, paraître l'avoir entendue.

— Ha! ha!... voyez-vous, chère madame Lenoir, m'écriai-je,— je suis tout rond, moi!

— Il est d'autres êtres, continua-t-elle avec douceur, qui connaissent les chemins de la vie et sont curieux des sentiers de la mort. Ceux-là, pour qui doit venir le règne de l'Esprit, dédaignent les années, étant possesseurs de l'Éternel. Au fond de leurs yeux sacrés veille une lueur plus précieuse que des millions d'univers sensibles, comme le nôtre, depuis notre équateur jusqu'à Neptune. — Et le monde, en son obéissance inconsciente aux Lois de Dieu, n'a fait que se rendre justice à lui-même et se vouer à la MORT, le jour où il s'est écrié: «Malheur à ceux qui rêvent!»

Et elle murmura le mot (insensé, à tous égards), de Lactance, en son *De morte persecutorum*, — si bas, si bas! que je le devinai plutôt que je ne l'entendis, cette fois:

— «*Pulcher hymnus Dei immortalis!...*»

Elle s'accouda, le menton dans la paume de sa belle main, comme oubliant notre présence.

Le compliment était sans doute exagéré: je suis loin d'être une aussi belle âme qu'elle voulait bien le donner à entendre: je me versai donc un ample coup de château-margaux, retour de l'Inde, et, à vrai dire, je me sentis un peu de compassion pour ce futile galimatias.

Em meu íntimo, eu a reprovei por este epigrama, evidentemente endereçado ao seu marido, mas eu não quis absolutamente, por elegância, parecer tê-lo escutado.

— Ha! ha!... vede, querida senhora Lenoir, exclamei — eu estou completamente cheio!

— Há outros seres, continuou ela com suavidade, que conhecem os caminhos da vida e são curiosos das sendas da morte. Aqueles, para os quais deve vir o reino do Espírito, desdenham os anos, sendo possuidores do Eterno. No fundo de seus olhos sagrados vela um fulgor mais precioso que milhões de universos sensíveis, como o nosso, desde nosso equador até Netuno. — E o mundo, em sua inconsciente obediência às Leis de Deus, não faz senão justiça a si mesmo e se consagra a MORTE, desde o dia em que se exclamou: “Malditos aqueles que sonham!”

E ela murmurou as palavras (insensata, sob todas as considerações) de Lactancio⁶³³, em seu *De morte persecutorum* — tão baixo, mas tão baixo! que desta vez eu adivinhei mais do que ouvi:

— “*Pulcher hymnus Dei homo immortalis!...*”⁶³⁴

Ela se apoiou nos cotovelos, o queixo na palma de sua bela mão, como esquecendo nossa presença.

O elogio era sem dúvida exagerado: eu estou longe de ser uma tão bela alma como ela quis dar a entender: servi-me então de um grande gole de *château-margaux*⁶³⁵, vindo da Índia, e, para dizer a verdade, senti um pouco de compaixão por essas fúteis galimatias.

⁶³³ *Lactancio*: Lucius Caecilius Firmianus, dito Lactancio, retor cristão nascido por volta do ano 250 e falecido por volta de 325. O título correto parece ser *De mortibus persecutorum*.

⁶³⁴ *Pulcher hymnus Dei homo immortalis*: ‘O homem é um belo hino de Deus imortal’. A tradução aqui é a que consta na tradução de Sandra M. Stroparo, in Villiers de L’Isle-Adam, *Axël*. Curitiba: Editora da UFPR, 2005, p.33.

⁶³⁵ *château-margaux*: tipo de vinho.

— Chère madame, répliquai-je galamment, j'ai toujours partagé les sentiments que vous venez d'émettre, envers ceux qui m'en ont semblé dignes, — et il est même dans mon tempérament de rendre service, d'une façon presque *inconsciente* comme vous dites, aux bonnes natures que je rencontre sur mon chemin.

— Ah! vraiment, docteur? dit-elle.

— Oui, répondis-je, vraiment! — Et, tenez, il m'est arrivé, parfois, de lier connaissance avec des jeunes gens qui s'en allaient, à travers la vie, pleins d'enthousiasmes, le rire, le franc-rire aux lèvres, l'expansion et la joie dans le coeur!... Ah! ces poètes! ces doux enfants!... quel service j'ai su leur rendre!

Je m'arrêtai un instant pour savourer ces souvenirs.

— Eh bien? murmura Claire en me regardant.

— Eh bien, ajoutai-je d'un ton paternel, je ne sais comment cela s'est fait, mais j'ai constaté que, dans ma fréquentation, *ils perdirent insensiblement l'habitude du rire — et même du sourire.*

Il me sembla, comme j'achevais cette phrase, que Claire avait eu le frisson, — ce frisson nerveux, indice de santé après les repas, — et que le vulgaire stupide appelle «la petite mort».

Lenoir interrompit un instant ses travaux, releva la tête, et avec un sérieux bizarre, me regarda; puis, sans mot dire, il se replongea dans le dîner.

— Enfin, chère madame Lenoir, repris-je, pour conclure, j'ai toujours aimé les bons auteurs, — et aussi vrai que le bourrelet des enfants modernes n'est autre chose que la tiare atrophiée de Melchissédéch, — aussi vrai que le Moraliste des îles Chinchas est de ceux-là!

Claire baissa la tête en silence: elle était battue. Je compris que son ignorance l'accablait. Je me délectai innocemment de sa rougeur, mais ne voulant pas pousser la leçon plus loin, je me retournai vers Césaire pour traiter de choses plus sérieuses que les «Belles-Lettres» et que la «Musique».

— Querida senhora, repliquei galantemente, sempre compartilhei os sentimentos que acabais de expressar para com os que me pareceram dignos — e é próprio do meu temperamento colocar-me à disposição de uma maneira quase *inconsciente*, como dizeis, às boas naturezas que eu encontro no meu caminho.

— Ah! sinceramente, doutor? disse ela.

— Sim, respondi, sinceramente! — E, vede, aconteceu-me algumas vezes travar conhecimento com jovens que iam pela vida cheios de entusiasmos, o riso, o franco riso nos lábios, a expansão e a alegria no coração!... Ah! esses poetas! essas doces crianças!... que serviços eu lhes soube prestar!

Eu me detive um instante para saborear essas lembranças.

— E então? murmurou Claire me olhando.

— E então, acrescentei em um tom paterno, eu não sei como isso aconteceu, mas eu constatei que na convivência comigo *insensivelmente eles perderam o hábito de rir — e até de sorrir*.

Pareceu-me, quando arrematava esta frase, que Claire teve um arrepio — esse arrepio nervoso, indício de saúde após a refeição — e que o estúpido vulgo chama “a pequena morte”.

Lenoir interrompeu um instante seus trabalhos, levantou a cabeça, e com uma seriedade bizarra, olhou-me; depois, sem nada dizer, mergulhou de novo no jantar.

— Enfim, querida senhora Lenoir, retomei eu, para concluir, sempre gostei dos bons autores — e assim como é verdadeiro que a rodilha das crianças modernas não é outra coisa que a tiara atrofiada de Melquisedeque⁶³⁶ — também é verdadeiro que o Moralista das ilhas Chinchas é daqueles!

Claire baixou a cabeça em silêncio: ela estava vencida. Compreendi que sua ignorância a oprimia. Deliciei-me inocentemente com seu rubor, mas não querendo estender a lição mais longe, voltei-me em direção a Césaire para tratar de coisas mais sérias que as “Belas-Letras” e a “Música”.

⁶³⁶ *Melquisedeque*: personagem bíblico, rei de Salém (Jerusalém), conforme consta em Gênese, c. 14, v. 18-20.

CHAPITRE VIII

SPIRITISME

Dans les dîners d'hommes, il y a une tendance à parler de l'immortalité de l'âme au dessert.

E. ET J. DE GONCOURT.

Toutefois, comme l'intellect de Césaire, — et même toutes les facultés de son âme, — me paraissaient, pour le moment, absorbées par un plat de paupiettes, son mets favori, et que la sensation du goût, primant provisoirement les autres, devait, à coup sûr, étouffer en lui, (présumai-je en le regardant), toute notion de justice divine et humaine, je jugeai prudent de laisser, comme on dit, passer l'orage — et même de me régler de mon mieux sur le stoïcisme exemplaire de sa conduite.

En conséquence, je songeai vivement qu'il était à propos de donner du jeu à l'héroïque appareil de muscles masséters et crotaphytes, dont la Nature, en mère prévoyante, m'a départi la propriété. L'instant d'après, nos deux paires de mâchoires, se sentant dans le vrai, luttaient, sans bruit, de rapidité, d'adresse et de vigueur, et joignaient la ruse au discernement.

Claire, tout à coup, au milieu du silence intelligent qui régnait sur nos fronts éperdus, se plaignit de la trop vive lumière des candélabres.

Ce fut donc aux discrètes lueurs de la lampe que Césaire, s'estimant repu, se renversa, classique, sur le dossier de son fauteuil, et, dodelinant de la tête, posa bruyamment ses deux mains sur la table où le domestique venait de placer le café et la liqueur. — Il roula, sous des sourcils relevés, des yeux effarés et satisfaits, et regarda Mme Lenoir et moi comme dans une hébétude. Puis il savoura l'arôme d'une première lampée de la fève de Moka, posa sa tasse, tourna ses pouces, et, les regards au ciel, laissa tomber ce mot d'une voix grasse, gutturale et enrouée par la nourriture:

CAPÍTULO VIII

ESPIRITISMO

Nos jantares de homens, há uma tendência para falar da
imortalidade da alma na sobremesa.

E. ET J. DE GONCOURT⁶³⁷.

Contudo, como o intelecto de Césaire — e mesmo todas as faculdades de sua alma — pareciam-me no momento absorvidos por um prato de carnes enroladas, sua iguaria favorita, e que a sensação do gosto, predominando provisoriamente sobre todos os demais, devia, seguramente, abafar nele (presumia eu olhando-o) qualquer noção de justiça divina e humana, julguei prudente deixar, como se diz, passar a tempestade — e mesmo me regrar o melhor possível pelo estoicismo exemplar de sua conduta.

Em conseqüência, pensei rapidamente que era oportuno exercitar o heróico aparelho de músculos masseteres e crotafitos, cuja Natureza, mãe providente, concedeu-me a propriedade. Um instante depois, nossos dois pares de maxilares, sentindo-se no direito, lutavam, sem ruído, com rapidez, com agilidade e vigor, e juntavam a astúcia ao discernimento.

De repente, em meio do silêncio inteligente que reinava sobre nossas frentes desvairadas, Claire queixou-se da vivacidade da luz dos candelabros.

Foi então aos discretos clarões da lâmpada que Césaire, acreditando-se saciado, tombou, clássico, no espaldar de sua poltrona, e, balançando levemente a cabeça, pousou ruidosamente suas duas mãos sobre a mesa onde o criado acabava de colocar o café e o licor. — Virou, sob as sobancelhas erguidas, os olhos assustados e satisfeitos, e olhou a Sra. Lenoir e eu como que em estupor. Depois saboreou o aroma de um primeiro gole do grão de Moka⁶³⁸, depositou sua xícara e, girando os polegares, olhando para o céu, deixou cair esta palavra com uma voz espessa, gutural e enrouquecida pela refeição:

⁶³⁷ E. et J. de Goncourt: os irmãos Goncourt, Edmond de Goncourt (1822-1896) e Jules de Goncourt (1830-1870), escritores franceses. Publicaram muitas obras em conjunto.

⁶³⁸ *Moka*: variedade de café originário da Arábia meridional.

— Parfait!!

Sa bouche, fendue comme un bonnet de police, essaya d'ébaucher un sourire.

Il entama donc, sur-le-champ, une discussion «philosophique».

La thèse choisie par l'excellent amphitryon n'était pas autre que celle-ci:

— «Sommes-nous appelés à de nouvelles chaînes d'existences ou cette vie est-elle définitive? La somme de nos actions et de nos pensées constitue-t-elle un nouvel être intérieur soluble dans la Mort?» En d'autres termes: «Notre chétif quotient mérite-t-il immédiatement, après dissolution de l'organisme, après désagrégation de la forme actuelle, les honneurs de l'Immodifiable?»

Je laisse à penser au Lecteur l'effet que ce programme, à confondre les aliénés dans les hospices, dut produire sur moi. Mais Césaire, imperturbable, se recueillit, et je vis avec effroi qu'il s'apprêtait fort tranquillement à étaler, avec la plus grande complaisance du monde, toutes les superstitions dont il s'était infecté l'esprit.

Car — il faut bien, à présent, que je le dise! il est temps d'en prévenir le Lecteur! — c'était un hanteur d'endroits solitaires, un homme à systèmes sombres et à tempérament vindicatif. Il avait quelque chose d'égaré, de rudimentaire, dans les traits fondamentaux. Il prétendait, en riant sous son nez de Canaque, qu'il y avait en lui du *vampire velu*. Ses plaisanteries infatuées roulaient le plus souvent sur l'anthropophagie. Le tout semblait se fondre dans une bourgeoiserie bonasse, — mais lorsqu'il s'évertuait sur son thème favori: — «*La forme que peut prendre le fluide nerveux d'un défunt, le pouvoir physique et temporaire des mânes sur les vivants*» — ses yeux brillaient de flammes superstitieuses! — Ce sauvage parlait avec terreur du grand-Diable des enfers, et il eût fini par inquiéter et rendre malades des tempéraments moins affermis que le mien, grâce à son éloquence bizarre et opiniâtre.

— Perfeito!!

Sua boca, fendida como um boné de polícia, procurou esboçar um sorriso.

Entabulou então, imediatamente, uma discussão “filosófica”.

A tese escolhida pelo excelente anfitrião não era outra que:

— “Somos nós chamados a novas cadeias de existências ou esta vida é definitiva? A soma de nossas ações e de nossos pensamentos constitui um novo ser interior solúvel na Morte?” Em outros termos: “Nosso medíocre quociente merece imediatamente, após a dissolução do organismo, após a desagregação da forma atual, as honras do Imodificável?”

Eu deixo ao Leitor pensar o efeito que esse programa, de confundir os alienados nos hospícios, produziu sobre mim. Mas Césaire, imperturbável, concentrou-se, e eu vi com pavor que ele se preparava muito tranqüilamente para esparramar, com a maior complacência do mundo, todas as superstições com as quais havia infectado o espírito.

Pois — é muito necessário que eu diga desde já! é tempo de prevenir o Leitor! — era um obcecado por lugares solitários, um homem de sistemas sombrios e de temperamento vingativo. Havia alguma coisa de desvairado, de rudimentar, em seus traços fundamentais. Pretendia, rindo sob seu nariz de Canaco⁶³⁹, que havia nele algo de *vampiro peludo*. Seus enfatuados gracejos versavam freqüentemente sobre a antropologia. Tudo parecia se fundir numa burguesaria bonachona — mas quando se empenhava sobre seu tema favorito: — “*A forma que pode tomar o fluído nervoso de um defunto, o poder físico e temporário dos manes sobre os vivos*” — seus olhos brilhavam com chamuscas supersticiosas! — O selvagem falava com terror do grande-Diabo dos infernos, e acabaria por inquietar e adoecer temperamentos menos fortalecidos que o meu, graças à sua eloqüência bizarra e obstinada.

⁶³⁹ *Canaco*: (*Kanak* ou *Canaque*) autóctone da Nova-Caledônia.

Je l'ai vu me tenir jusqu'au matin sur certaine relation d'un capitaine de vaisseau russe, prisonnier des insulaires de l'Archipel de la Sonde — récit horricque! — et sa figure prenait une expression que je n'eusse pas trouvée déplacée chez ces mêmes naturels. — Sa nature véritable, interne, devait être d'une *féroçité* compassée, défalcation faite de son degré de civilisation.

Quant à ce qu'il appelait ses idées «théologiques», elles étaient pour moi la source la plus ample et la plus hilare de quolibets possible, — quolibets tout intérieurs, bien entendu, — car, fidèle aux prescriptions des excellents auteurs que j'ai eu l'honneur de citer au début de ce Memorandum, il n'entre pas dans mes idées de blâmer les gens ouvertement. Lenoir ne se doutait donc pas, lorsque j'approuvais, tout haut et avec un doux sourire, ses somnolentes et fadasses théories, qu'*in petto* je nourrissais contre elles une haine basse, dédaigneuse, aveugle et presque sanguinaire!... C'était même (hé! hé! hé!) un peu pour cela que je l'avais marié sans pitié, autrefois! Car j'ai toujours un motif pour faire ce que je fais, moi! et, — comme le Jupiter d'Eschyle, — seul je connais ma pensée.

Or, c'était vers cette année, qu'au dire de ceux qui l'ont fréquenté, la foi dans les doctrines de la Magie, du Spiritisme et du Magnétisme et, surtout, de l'Hypnotisme, avait atteint son maximum d'intensité chez mon pauvre ami. Les suggestions qu'il prétendait pouvoir inculquer aux passants étaient capables d'alarmer et de jeter dans l'épouvante. Il soutenait avec aplomb des théories à faire venir la chair de poule, dans toute la monstruosité de l'expression.

Ele me deteve até de madrugada com o relato de um capitão de navio russo, prisioneiro dos insulares do Arquipélago de Sonda⁶⁴⁰ — narrativa horrenda! — e seu rosto tomava uma expressão que não seria imprópria nesses nativos mesmos. — Sua verdadeira natureza, íntima, deveria ser de uma *ferocidade* afetada, descontando aí seu grau de civilização.

Quanto ao que ele chamava suas idéias “teológicas”, eram para mim a fonte maior e a mais hilária das piadas possível — piadas muito interiores, naturalmente — pois, fiel às prescrições de excelentes autores que eu tive a honra de citar no início desse Memorandum, não entra nas minhas idéias censurar as pessoas abertamente. Lenoir não desconfiava, portanto, quando eu aprovava, em voz alta e com um doce sorriso, suas sonolentas e insípidas teorias, que *in petto* eu nutria contra elas um ódio baixo, desdenhoso, cego, e quase sanguinário!... Era mesmo (oh! oh! oh!) um pouco por isso que eu o havia casado sem piedade, outrora! Pois eu sempre tenho um motivo para fazer isso que faço! e — como o Júpiter de Ésquilo⁶⁴¹ — unicamente eu conheço meu pensamento.

Ora, foi por volta daquele ano, no dizer daqueles que o freqüentaram, que a fé nas doutrinas da Magia, do Espiritismo e do Magnetismo e, sobretudo, do Hipnotismo, tiveram sua máxima intensidade no meu pobre amigo. As sugestões que ele pretendia poder inculcar aos que passavam⁶⁴² eram capazes de alarmar e de levar ao pavor. Ele sustentava com firmeza teorias capazes de deixar nossa pele como a do frango⁶⁴³, com toda a monstruosidade da expressão.

⁶⁴⁰ *Arquipélago de Sonda*: na Indonésia.

⁶⁴¹ Ésquilo (525-456 a.C.): dramaturgo grego; a referência a Júpiter em Ésquilo mostra o tipo de sabedoria de Bonhomet.

⁶⁴² *passavam*: ou seja, morriam.

⁶⁴³ *deixar nossa pele como a do frango*: ou seja, arrepiada; é expressão comum em francês.

Il faisait ses délices d'Eliphas Lévi, de Raymond-Lulle, de Mesmer et de Guillaume Postel, le doux moine de la Magie noire. Il me citait l'abbé astrologue Trithème, R.C. Il ne jurait que par Auréole Théophraste Bombaste, dit le «divin Paracelse». Gaffarel et le populaire Swédenborg le ravissaient jusqu'au délire, et il prétendait que l'Enfer d'épuration, analysé par Reynaud, était *plus* que rationnel.

Les modernes, Mirville, Crookes, Kardek, le plongeaient dans de profondes rêveries. Il croyait aux *Ressuscités* d'Irlande, aux vampires valaques, au mauvais oeil; il me citait des passages tirés du cinquième volume de la mystique de Görres, à l'appui de ses propositions.

Ce qu'il y avait de plus abracadabrant, c'est que Lenoir était un Hégélien enragé et très entendu: comment arrangeait-il cela?

— Mais allez donc trouver un atome de bon sens dans les contradictions des gens qui sont assez sots pour «penser!» Alors qu'il est démontré que cela ne peut mener à rien, puisqu'on ne se convainc jamais soi-même!

Deliciava-lhe Eliphas Lévi, Raymond-Lulle, Mesmer e Guillaume Postel, o afável monge da Magia negra⁶⁴⁴. Ele me citava o abade astrólogo Trithème, R. C. Fazia juras apenas por Auréolo Théophrasto Bombasto, dito o “divino Paracelso”⁶⁴⁵. Gaffarel e o popular Swedenborg o encantavam até o delírio, e pretendia que o Inferno da purificação, analisado por Reynaud, era *mais* que racional⁶⁴⁶.

Os modernos, Mirville, Crookes, Kardec⁶⁴⁷, mergulhavam-no em profundos sonhos. Acreditava nos *Ressuscitados* da Irlanda, nos vampiros valáquios, em mau olhado; em apoio às suas proposições, citava-me passagens tiradas do quinto volume da mística de Görres⁶⁴⁸.

O que havia de mais abracadabrante é que Lenoir era um Hegeliano exagerado e muito entendido: como combinava isso?

— Mas ide então encontrar um átomo de bom senso nas contradições das pessoas que são bastante tolas para “pensar”! Quando está demonstrado que isso não pode levar a nada, pois nunca se convence a si mesmo!

⁶⁴⁴ *Eliphas Lévi* (1810-1875): escritor e ocultista francês; *Raymond-Lulle* (1232-1315): filósofo e místico catalão; *Franz Anton Mesmer* (1734-1815): médico austríaco, teórico do *magnetismo animal* ou *mesmerismo*; *Guillaume Postel* (1510-1584): professor, lingüista, cabalista e astrônomo francês.

⁶⁴⁵ *Trithème*: Jean Trithème (1462-1516), teólogo e historiador alemão; “As letras R. C. indicam um vínculo com a ordem Rosa-Cruz”, conf. *Oeuvres complètes*, p.1168; *Auréolo Théophrasto Bombasto*: Philippus Theophrastus Aureolus Bombastus von Hohenheim (1493-1541), mais conhecido como Paracelso, foi um alquimista, médico, místico e astrólogo suíço.

⁶⁴⁶ *Gaffarel*: Jacques Gaffarel (1610-1681), padre, teólogo e cabalista francês; *Swedenborg*: Emmanuel Swedenborg (1688-1772): místico e teólogo sueco; *Reynaud*: Jean Reynaud (1806-1863), filósofo e teósofo francês.

⁶⁴⁷ *Mirville*: Jules-Eudes de Mirville (1802-1873), erudito francês, autor de obras sobre ‘manifestações fluídicas’; *Crookes*: William Crookes (1832-1919), físico e químico inglês, fez também estudos sobre fenômenos paranormais; *Kardec*: Hippolyte Léon Denizard Rivail (1830-1869) ou Allan Kardec ou Kardek, pedagogo francês, um dos fundadores do espiritismo.

⁶⁴⁸ *Görres*: Johann Joseph von Görres (1776-1848), escritor alemão.

Quant au Magnétisme, aux expériences très curieuses de Dupotet et de Regazzoni, il y attachait une confiance sans bornes. Cette fois, je n'étais pas très éloigné de partager quelques-unes de ses opinions, mais dans un sens plus rassis et plus éclairé, bien entendu.

Le vieux scélérat croyait fermement, lui, aux coups frappés sur quelqu'un à distance, — aux passions brusquement excitées par la seule volonté du magnétiseur, — aux richesses artificielles, — aux douleurs d'un enfantement factice, — aux fleurs empoisonnées par le regard, — enfin aux signes de l'Esotérisme sacerdotal formulant la réprobation.

Il avait, dans sa chambre, le Pentagramme d'or vierge et les attributs propices aux évocations noires et aux pactes. Il concevait le bouc baphométrique, emblème prêté, comme on sait, aux anciens Templiers; il commentait couramment les clavicules de Salomon et il croyait au corps sidéral enfermé en un chacun. Et, à l'appui de ces balivernes, il me citait, avec un sang-froid de Groënlandais, des textes qui — chose assez surprenante — paraissaient d'abord les plus rationnels, les plus logiques, les plus scientifiques et les plus irréfutables, — mais qui, évidemment, ne pouvaient être, au fond, qu'un mauvais jeu d'esprit, fruit de l'ignorance et du charlatanisme.

Quanto ao Magnetismo, às experiências muito curiosas de Dupotet e de Regazzoni;⁶⁴⁹ ele lhe dava uma confiança sem limites. Desta vez eu não estava muito longe de partilhar algumas de suas opiniões, mas num sentido mais refletido e mais esclarecido, naturalmente.

O velho celerado acreditava seguramente nos golpes dados sobre alguém a distância, — nas paixões bruscamente excitadas apenas pela vontade do magnetizador — nas riquezas artificiais — nas dores de um parto fictício — em flores envenenadas pelo olhar — enfim, nos signos do Esoterismo sacerdotal que formulam a reprovação.

Ele tinha no seu quarto o Pentagrama de ouro virgem e os atributos propícios às evocações negras e aos pactos. Concebia ao bode baphomet⁶⁵⁰, emblema emprestado, como se sabe, dos antigos Templários⁶⁵¹; comentava sem dificuldade as clavículas de Salomão⁶⁵² e acreditava no corpo sideral encerrado em cada um. E, em apoio a essas sandices, citava-me, com o sangue frio de um groenlandês, textos que — coisa muito surpreendente — pareciam de início os mais racionais, os mais lógicos, os mais científicos e os mais irrefutáveis — mas que, evidentemente, não podiam ser, no fundo, senão maus jogos do espírito, frutos da ignorância e do charlatanismo.

⁶⁴⁹ *Dupotet*: Jules Denis Dupotet (1796-1881), mais conhecido como Barão Du Potet, estudioso e autor de inúmeras obras sobre magnetismo animal; *Regazzoni*: Antonio Regazzoni “é autor de uma obra intitulada *Nouveau manuel du magnétiseur praticien*”, de 1859, conf. *Oeuvres complètes*, p.1169.

⁶⁵⁰ *baphomet*: entidade supostamente adorada pela Ordem dos templários, e que foi representada e popularizada no século XIX por Eliphas Lévi, no seu *Dogma e ritual da alta magia* (1854), como uma figura hermafrodita com cabeça e pés de bode e provido de asas.

⁶⁵¹ *Templários*: a *Ordem dos pobres cavaleiros de cristo*, ou *Ordem do templo*, ou dos *Cavaleiros templários*, foi uma ordem militar cristã fundada em 1118 para proteger os peregrinos que iam a Jerusalém. Teve participação ativa nas Cruzadas e duração de quase dois séculos.

⁶⁵² *clavículas de Salomão*: (do latim *Clavicula Salomonis*) grimório supostamente pertencente a Salomão e que contém as chaves de toda sabedoria das artes mágicas, da cabala, das escrituras bíblicas, etc..

Tel était le bon docteur; et il venait de poser la question — si toutefois c'est même une question — que j'ai mentionnée.

Elle donna lieu, comme on va le voir, à une discussion des plus étranges et qu'il est indispensable de relater, pour l'intelligence des événements plus étranges encore qui la suivirent.

Tal era o bom doutor; e acabava de colocar a questão — se é que seja mesmo uma questão — que mencionei.

Ela deu lugar, como se verá, a uma discussão das mais estranhas e que é indispensável relatar, para a compreensão dos acontecimentos mais estranhos ainda que a sucederam.

CHAPITRE IX
BALOURDISES, INDISCRÉTIONS ET STUPIDITÉS
(INCROYABLES!...) DE MON PAUVRE AMI

La Philosophie commande et n'obéit pas.
ARISTOTE.

Nous allumâmes des cigares et passâmes au salon.

Pour que l'on pût mieux jouir de la vue des flots qui brillaient, au loin, par la croisée ouverte, Claire baissa l'abat-jour de la lampe.

Le ciel était un noir chaos d'horribles nuages; un croissant de cuivre et quelques étoiles constituaient l'aspect de la nuit: mais l'odeur saine de la mer nous imprégnait les poumons.

— Nous voici au théâtre: on donne, ce soir, *La Mer*, grand opéra, musique de Dieu, murmura Mme Lenoir.

— Le fait est, répliquai-je en souriant, que, si j'ose m'exprimer ainsi, la houle va faire une basse «divine» à l'harmonie de nos pensées.

Je m'engouffrai dans le canapé: Mme Lenoir s'appuya contre le balcon, à demi tournée vers la vague; le docteur s'installa dans un fauteuil, en face de moi, plongeant des yeux singulièrement clairs et brillants au plus profond des miens, avec une fixité presque gênante.

— Mon ami, lui dis-je, mon seul, mon vieux compagnon d'armes, j'ai besoin, tout d'abord, du secours de vos lumières sur un point de physiologie qui m'intrigue.

— Parlez, Bonhomet, parlez!... murmura Lenoir, évidemment flatté de ce qu'un homme comme moi lui demandait ses «lumières».

— Voici en deux mots: les officiers de santé, qui desservent les hospices de fous, ont-ils songé à doser, dans des mesures approximatives, le degré de *réalité* que peuvent avoir les hallucinations de leurs clients?

Par cette question incongrue j'espérais lui faire comprendre le ridicule et le mauvais goût de sa propre question.

CAPÍTULO IX
**BESTEIRAS, INDISCRICÕES E ESTUPIDEZES
(INACREDITÁVEIS!...) DO MEU POBRE AMIGO**

A Filosofia comanda e não obedece.
ARISTÓTELES.

Nós acendemos os cigarros e passamos ao salão.

Para que se pudesse melhor gozar da vista das ondas que brilhavam ao longe pela janela aberta, Claire baixou o abajur da lâmpada.

O céu era um negro caos de horríveis nuvens; um crescente de cobre e algumas estrelas constituíam o aspecto da noite: contudo, o odor sadio do mar nos impregnava os pulmões.

— Aqui estamos no teatro: encena-se, nesta noite, *O Mar*, grande ópera, música de Deus, murmurou a senhora Lenoir.

— O fato é, repliquei sorrindo, que, assim ousou me exprimir, o marulho vai dar um beijo “divino” na harmonia de nossos pensamentos.

Eu me arremessei no canapé: a senhora Lenoir se apoiou no balcão, meio voltada em direção à vaga; o doutor se instalou em uma poltrona, diante de mim, mergulhando os olhos singularmente claros e brilhantes o mais profundamente nos meus, com uma fixidez quase incômoda.

— Meu amigo, disse-lhe, meu único, velho companheiro de armas, necessito, para começar, da ajuda de suas luzes sobre um ponto da fisiologia que me intriga.

— Falai, Bonhomet, falai!... murmurou Lenoir, evidentemente lisonjeado que um homem como eu lhe pedia suas “luzes”.

— Ei-lo em duas palavras: os oficiais de saúde, que atuam em hospícios de loucos, já pensaram em dosar, em medidas aproximativas, o grau de *realidade* que as alucinações de seus clientes podem ter?

Com essa questão incongruente eu esperava lhe fazer compreender o ridículo e o mau gosto de sua própria questão.

— Avant de vous répondre, me dit-il sans s'émouvoir, je serais heureux de connaître ce que vous entendez par ce mot: *la Réalité?*

— Ce que je vois, ce que je sens, ce que je touche, répondis-je en souriant de pitié.

— Non, — dit Lenoir; vous savez bien que l'Homme est condamné, par la dérisoire insuffisance de ses organes, à une erreur perpétuelle. Le premier microscope venu suffit pour nous prouver que nos sens nous trompent et que *nous ne pouvons pas* voir les choses telles qu'elles sont. — Cette nature nous paraît grandiose et «poétique»?... Mais, s'il nous était donné de la considérer sous son véritable aspect, où tout s'entre-dévore, il est probable que nous frémirions plutôt d'horreur que d'enthousiasme.

— Soit!... m'écriai-je: nous savons cela! Mais le réel, pour nous, est relatif, mon ami: tenons-nous-en à ce que nous voyons.

— Alors, répliqua Lenoir, si le réel est, décidément, ce que l'on voit, je ne m'explique pas bien en quoi les hallucinations d'un fou ne méritent pas le titre de réalités.

Je me sentis acculé: mais je suis de ceux qu'on n'accule pas impunément, car la peur me fait rentrer dans le mur.

— C'est ma foi vrai, mon cher Lenoir!... dis-je après un silence.

J'ajoutai avec hypocrisie, pour briser sur toute métaphysique:

— Le mieux est de se mettre à genoux devant le Créateur, sans chercher à pénétrer l'insoluble mystère des choses.

— Cela dépend, dit Lenoir.

— Comment, cela dépend!...

— Je ne demande pas mieux que de me mettre à genoux devant mon Créateur, mais à la condition que ce soit bien devant Lui que je me mette à genoux et non devant l'idée que je m'en fais. Je ne demande précisément que d'adorer Dieu, mais je ne me soucie pas de m'adorer moi-même sous ce nom, à mon insu. Et il est difficile de m'y reconnaître.

— Mais votre conscience!... m'écriai-je.

— Antes de vos responder, dizei-me sem se perturbar, eu ficaria feliz em saber o que entendeis por essa palavra: *Realidade?*

— O que eu vejo, o que sinto, o que toco, respondi-lhe sorrindo de piedade.

— Não — disse Lenoir; sabeis bem que o Homem está condenado, pela irrisória deficiência de seus órgãos, a um erro perpétuo. O primeiro microscópio foi suficiente para nos provar que nossos sentidos nos enganam e que *não podemos ver* as coisas tais como são. — Essa natureza nos parece grandiosa e “poética”?... Mas, se nos fosse dado contemplá-la sob seu verdadeiro aspecto, onde tudo se entre-devora, é provável que estremecêssemos mais de horror que de entusiasmo.

— Seja!... exclamei: sabemos disso! Mas o real, para nós, é relativo, meu amigo: atemo-nos a isso que vemos.

— Então, replicou Lenoir, se o real é, decididamente, o que se vê, eu não entendo bem em que as alucinações de um louco não merecem o título de realidade.

Eu me senti acuado: mas sou desses que não se acua impunemente, pois o medo me faz entrar na parede.

— É realmente verdade, meu querido Lenoir!... disse eu após um silêncio.

Acrescentei com hipocrisia, para quebrar com toda metafísica:

— O melhor é se colocar de joelhos diante do Criador, sem procurar penetrar o insolúvel mistério das coisas.

— Isso depende, disse Lenoir.

— Como, isso depende!...

— Eu não necessito mais do que me colocar de joelhos diante do meu Criador, mas com a condição de que esteja mesmo diante Dele quando me coloco de joelhos e não diante da idéia que faço dele. Eu necessito precisamente apenas adorar Deus, mas não me cuido em adorar a mim mesmo sob esse nome, sem que me dê conta disso. E é difícil me reconhecer aí.

— Mas vossa consciência!... exclamei.

— Si ma conscience m'a déjà trompé une fois (comme je viens de m'en apercevoir à propos de mes sens), qui m'affirme qu'elle ne me trompe pas encore ici? Quand je pense Dieu, je projette mon esprit devant moi aussi loin que possible, en le parant de toutes les vertus de ma conscience humaine, que je tâche vainement d'infiniser; mais ce n'est jamais que mon esprit, et non Dieu. Je ne sors pas de moi-même. C'est l'histoire de Narcisse. Je voudrais être sûr que c'est bien Dieu auquel je pense quand je prie!... Voilà tout.

— Sophismes! susurrai-je en souriant. On appelle objectivité, je crois, en langage philosophique, ce ressassé phénomène du cerveau. Mais on ne s'est pas créé tout seul!

— Vous dites?... fit Lenoir de son même ton de professeur qui m'agaçait.

— Enfin, vous ne nierez pas, je l'espère, qu'un Dieu nous a créés?

— Prêtez l'oreille: Dieu?... — Mystère; la Création?... Autre mystère. Dire que Dieu nous a créés, c'est donc affirmer, tout bonnement, que nous sortons du Mystère; — point sur lequel nous sommes parfaitement d'accord, puisque c'est précisément ce mystère (ou, pour parler plus exactement, ce problème) qu'il s'agit d'éclaircir et que vous ne rendez que plus obscur en le personnifiant. Or, tout problème suppose solution. Je ne serais pas éloigné de croire qu'*aujourd'hui* la solution soit possible.

— Possible!!! Bonté du ciel!... m'écriai-je en joignant les mains: — avec notre pauvre esprit borné?

— Borné à quoi? demanda Claire d'une voix douce. Pouvez-vous penser une limite précise, quand toutes se constituent d'un *au-delà*?

Une pareille question, sortant de la bouche d'une femme, était faite pour alarmer des gens plus prudes que moi. Je me sentis rougir jusqu'au blanc des yeux.

— Se minha consciência já me enganou uma vez (como acabo de observar a propósito de meus sentidos), quem me garante que ela não me engana ainda aqui? Quando eu penso em Deus, projeto meu espírito diante de mim tão longe quanto possível, ornando-o com todas as virtudes de minha consciência humana, que trato em vão de infinitizar; mas isso não é mais do que meu espírito, e não Deus. Eu não saio de mim mesmo. É a história de Narciso⁶⁵³. Eu gostaria de estar seguro que é mesmo em Deus que eu penso, quando oro!... Eis tudo.

— Sofismas! Sussurrei sorrindo. Chama-se objetividade, eu creio, na linguagem filosófica, o repassado fenômeno do cérebro. Mas não nos criamos sozinho!

— Dizeis?... disse Lenoir com seu mesmo tom de professor que me irritava.

— Enfim, não negais, eu espero, que um Deus nos criou?

— Preste atenção: Deus?... — Mistério; a Criação?... Outro mistério. Dizer que Deus nos criou, é então afirmar, simplesmente, que nós saímos do Mistério; — ponto sobre o qual estamos perfeitamente de acordo, pois que é precisamente esse mistério (ou, para falar mais claramente, esse problema) que se trata de esclarecer e que vós tornais mais obscuro ao personificá-lo. Ora, todo problema supõe solução. Eu não estaria longe de crer que *hoje* a solução seja possível.

— Possível!!! Bondade do céu!... exclamei juntando as mãos: — com nosso pobre espírito limitado?

— Limitado a quê? Perguntou Claire com uma voz suave. Podeis vós pensar um limite preciso, quando todos se constituem de um *além*?

Semelhante questão, saindo da boca de uma mulher, faria alarmar pessoas mais puritanas do que eu. Senti-me enrubescer até o branco dos olhos.

⁶⁵³ *Narciso*: da mitologia grega, filho do deus Cefiso e da ninfa Liríope; a história conta que Narciso apaixonou-se por si mesmo, pelo seu reflexo no espelho das águas.

— Où voyez-vous des «bornes» dans l'Esprit? dit Lenoir. Je suis prêt à prouver, que l'entendement de l'Homme, s'analysant lui-même, doit découvrir, en et par lui seul, la *stricte* nécessité de sa raison d'être, la LOI qui fait *apparaître* les choses et le principe de toute réalité. Bien entendu, je ne parle qu'au point de vue *de ce monde*, sous toutes réserves, (s'il en est un autre) de ce que mes sens ne me révèlent pas.

Je l'avoue, je demeurai bouche bée devant la stupide fatuité du docteur.

— Ciel!... — pensai-je; — rien ne peut donc ternir l'hermine de sa sottise! C'est de l'étalage, à cause de sa femme.

— Mais, mon ami, dis-je, un simple chrétien vous demanderait pourquoi l'Humanité aurait attendu jusqu'à vous, six mille ans, avant de connaître la Vérité!... votre vérité!... en supposant que vous l'avez.

— Je répondrais au chrétien: l'Humanité en a bien attendu quatre mille avant de connaître la vôtre! — La Vérité ne se mesure pas à l'année. Quant à *moi*, ne faut-il pas *que je sois*, avant d'être chrétien? Avant d'être chrétien, il faut que je sois homme. Je suis Homme, d'abord: je fais partie de la série humaine; et quand je m'élève par la pensée jusqu'en l'Esprit humain, je suis le point par où l'idée du Polype-Humanité s'exprime à l'un de ses moments; je cesse d'être un moi particulier; je parle au nom de l'espèce qui se représente en moi. — Hors de l'idée générale, je ne serais qu'un fol ayant l'hallucination du ciel et de la terre, et devisant au hasard, comme les autres, en vue de quelque bas intérêt de la vie «pratique».

Je jugeai que le moment était venu d'amener Lenoir à résipiscence et qu'il fallait l'humilier:

— Laissez-moi seulement vous citer Cabanis!... balbutiai-je.

— Onde vedes “limites” no Espírito? disse Lenoir. Eu estou prestes a provar que o entendimento do Homem, analisando-se a si próprio, deve descobrir, nele e por ele unicamente, a *estrita* necessidade de sua razão de ser, a LEI que faz *aparecer* as coisas e o princípio de toda realidade. Naturalmente, eu falo apenas do ponto de vista *deste mundo*, com todas as reservas (se é que há outro) daquele que meus sentidos não me revelam.

Confesso que fiquei de boca aberta diante da estúpida fatuidade do doutor.

— Céus!... — pensei — então nada retém o arminho⁶⁵⁴ de sua idiotice! É exibição, por causa de sua mulher.

— Mas meu amigo, disse eu, um simples cristão vos perguntaria por que a Humanidade esperou até vós, seis mil anos, antes de conhecer a Verdade!... vossa verdade!... supondo que a tenhais.

— Eu responderia ao cristão: a Humanidade esperou quatro mil anos antes de conhecer a vossa! — A Verdade não se mede por anos. Quanto a *mim*, não é preciso *que eu seja*, antes de ser cristão? Antes de ser cristão é preciso que eu seja homem. Eu sou Homem, primeiro: faço parte da série humana; e quando me elevo pelo pensamento até esse Espírito humano, sou o ponto por onde a idéia do Pólipo-Humanidade se exprime em um de seus momentos; deixo de ser um eu particular; falo em nome da espécie que se representa em mim. — Fora da idéia geral, eu seria apenas um louco tendo alucinação do céu e da terra, e falando ao acaso, como os demais, em vista de algum baixo interesse da vida “prática”.

Julguei que chegara o momento de levar Lenoir ao arrependimento e que era preciso humilhá-lo.

— Deixe-me somente vos citar Cabanis!⁶⁵⁵... balbuciei.

⁶⁵⁴ *arminho*: é símbolo da pureza e da inocência.

⁶⁵⁵ *Cabanis*: Pierre-Jean-Georges Cabanis (1757-1808), fisiólogo francês.

Et je leur exposai le passage où l'illustre officier de santé relate les exemples de personnes mordues par des animaux enragés: loups, chiens, pourceaux et boeufs: — «Ces personnes, affirme-t-il, se cachaient sous les meubles, aboyaient, hurlaient, grognaient, meuglaient et imitaient, par leurs attitudes, les coutumes et les instincts de l'animal qui les avait mordues.» — Vous comprenez, ajoutai-je, que le plus parfait des génies humains ne doit jamais perdre de vue qu'un tel désastre peut lui échoir, et, devant la seule possibilité de cette humiliation, ce n'est qu'avec une réserve extrême et compassée, — et après mûr examen au point de vue général, — qu'on doit exposer ses opinions personnelles. Pour moi, Kant, Schopenhauer, Fichte et le baron de Schelling ne sont que des personnages infectés d'une sorte de *virus rabique* naturel et qu'on eût dû traiter en conséquence.

Et Hégel, que vous allez me citer, puisque c'est votre maître (ajoutai-je pour humilier Lenoir), ne leur cède en rien sous ce rapport. Quand, d'après la théologie, le Diable, en réponse au: *Quis ut Deus?* de Michel, poussa son cri: «*Non serviam!*» (sottise qui fut châtiée par toutes les Vertus célestes, ajoutai-je avec un léger sourire), il nous instruisit à nous défier de toute précipitation enthousiaste. — Et le lycanthrope Nabuchodonosor ne renforça point peu cette leçon symbolique donnée à notre orgueil! — Eh bien! Hégel me fait, l'effet d'être le Nabuchodonosor de la Philosophie, voilà tout!

Et pour achever de troubler le bon docteur, je lui fis étinceler dans les yeux les facettes de mon diamant.

En entendant ce galimatias, Lenoir ouvrait des yeux démesurés, et je jouissais intérieurement de la difficulté qu'il éprouvait à lier le décousu de mes paroles.

E lhe expus a passagem onde o ilustre especialista em saúde relata exemplos de pessoas mordidas por animais raivosos: lobos, cães, porcos e bois: — “Estas pessoas, afirma ele, escondiam-se sob os móveis, gritando, uivando, grunhindo, mugindo e imitando, com seus gestos, os hábitos e os instintos do animal que os mordeu.” — Compreendeis, acrescentei, que o mais perfeito dos gênios humanos não deve nunca perder de vista que um tal desastre pode lhe advir, e, diante da simples possibilidade dessa humilhação, é somente com reserva extrema e medida — e após seguro exame do ponto de vista geral — que se deve expor suas opiniões pessoais. Para mim, Kant, Schopenhauer, Fichte e o barão de Schelling são apenas personagens infectados por uma espécie de *vírus rábico* natural e que, em conseqüência, dever-se-ia tratar.

E Hegel, que ides me citar, pois que é vosso mestre (acrescentei para humilhar Lenoir), não lhe dá nada sob essa relação. Quando, segundo a teologia, o Diabo, em resposta ao: *Quis ut Deus?* de Miguel, soltou um grito: “*Non serviam!*”⁶⁵⁶ (idiotice que foi castigada por todas as Virtudes celestes, acrescentei com um leve sorriso), instruindo-nos a desconfiar de toda precipitação entusiasta. — E o licantropo Nabucodonosor não reforçou pouco esta lição simbólica dada a nosso orgulho! — Ora! Hegel me dá a impressão de ser o Nabucodonosor da Filosofia⁶⁵⁷, eis tudo!

E para acabar de perturbar o bom doutor, fiz cintilar nos seus olhos as facetas de meu diamante.

Escutando essas galimatias, Lenoir abria olhos desmesurados, e eu gozava interiormente com a dificuldade que ele experimentava em amarrar o descosido de minhas palavras.

⁶⁵⁶ *Quis ut Deus?*: ‘Quem é como Deus?’; *Non serviam!*: ‘Eu não me farei escravo!’.

⁶⁵⁷ *Hegel... o Nabucodonosor da Filosofia*: Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), filósofo idealista alemão. “A licantropia é uma doença mental na qual o doente se crê transformado em lobo. Segundo o livro de Daniel, o rei caldeu Nabucodonosor, vítima de seu orgulho, foi atingido por uma loucura que, durante sete anos, fez dele um verdadeiro animal, alimentando-se entre os animais”, conf. *Oeuvres complètes*, p.1171.

— Vous ne prétendez pas inférer, je suppose, murmura-t-il enfin, qu'une maladie quelconque soit notre limite, puisque l'Espèce survit à l'Individu. — Si Cabanis est mordu, l'Esprit-Humain ne relève pas de sa rage: il la constate, l'étudie à titre de phénomène, découvre le remède et passe outre. Que voulez-vous dire?

— Je veux dire, criai-je, que si j'appuie mon pouce sur un lobe du cerveau, si je touche une partie quelconque de la pulpe cérébrale, je paralyse instantanément soit la volonté, soit le discernement, soit la mémoire, soit quelque autre faculté de ce que vous appelez l'âme. D'où je conclus que l'âme n'est qu'une sécrétion du cerveau, un peu de phosphore essentiel, et que l'idéal est une maladie de l'organisme, rien de plus.

Lenoir se mit à rire, tout doucement:

— Alors le problème se réduirait à savoir ce que c'est que le «phosphore» et de *quoi* se «sécrètent» le cerveau, le Soleil, le sens d'examen, la réflexion de l'Univers dans la pensée, et d'où vient la nécessité de l'être de ces «sécrétions» plutôt que de leur néant? Je veux bien: du moment qu'il y a *question*, le reste m'est indifférent. Entre les physiologistes et les métaphysiciens, le dissentiment ne provient que de la diversité des expressions: la science a ses pays et ses langages, comme une Terre. — Mais que croyez-vous dire en affirmant que vous paralysez les «*facultés*» de l'âme en touchant les lobes d'un cerveau?... Dites que vous paralysez les *appareils*, les organes par lesquels ces facultés s'exercent, se révèlent extérieurement, ne dites pas que vous les touchez, encore moins que vous les *anéantissez*. C'est comme si vous coupiez les jambes d'un homme, en ajoutant: «Je te défie de marcher.» Rien de plus.

— Fortement éloquent! murmurai-je d'un air confondu comme si je n'eusse pas su par coeur, depuis le berceau, toutes ces banalités rebattues et lamentables. — Eh! bien, Lenoir, vos conclusions?

— Não pretendeis inferir, eu suponho, murmurou ele enfim, que uma doença qualquer seja nosso limite, pois que a Espécie sobrevive ao Indivíduo. — Se Cabanis é mordido, o Espírito-Humano não contrai a sua raiva: ele a constata, estuda-a a título de fenômeno, descobre o remédio e passa por cima. Que quereis dizer?

— Eu quero dizer, exclamei, que se pressionar o meu polegar sobre o lóbulo do cérebro, se toco uma parte qualquer da polpa cerebral, eu paraliso seja a vontade, seja o discernimento, seja a memória, seja qualquer outra faculdade disso que chamais alma. De onde eu concluo que a alma é apenas uma secreção do cérebro, um pouco de fósforo essencial, e que o ideal é uma doença do organismo, nada mais.

Lenoir se pôs a rir, muito suavemente:

— Então o problema se reduziria a saber o que é o “fósforo” e de *que* “secreção” é o cérebro, o Sol, o sentido do exame, o reflexo do Universo no pensamento, e de onde vem a necessidade de ser dessas “secreções” em vez de sua inexistência? Eu quero mais: desde que *há uma questão*, o resto me é indiferente. Entre os fisiólogos e os metafísicos a divergência provém somente da diversidade de expressões: a ciência tem seus países e suas línguas, como uma Terra. — Mas que acreditais dizer afirmando que paralisais as “*faculdades*” da alma tocando os lóbulos de um cérebro?... Dizeis que paralisais os *aparelhos*, os órgãos pelos quais essas faculdades se exercem, revelam-se exteriormente, não dizeis que as tocais, menos ainda que as *aniquilais*. Seria como se cortásseis as pernas de um homem, acrescentando: “Eu te desafio a caminhar.” Nada mais.

— Vigorosa eloquência! Murmurei com um ar confuso como se eu não soubesse de cor, desde o berço, todas essas banalidades rebatidas e lamentáveis. — Bem, Lenoir, vossas conclusões?

— Je conclus que l'Esprit fait le fonds et la fin de l'Univers. Dans le germe de l'arbre, dans la graine d'une plante, on ne peut dire que l'arbre et la plante sont contenus *en petit*: il faut donc qu'ils y soient contenus idéalement. L'arbre et la plante futurs, virtuels en leur germe, y sont obscurément pensés. Par l'idée médiatrice de l'Extériorité, qui est comme la trame sur laquelle se brode l'éternel devenir du Cosmos, l'IDÉE se nie elle-même, pour se *prouver* son être, sous forme de *Nature*, et je pourrais reconstruire le fait en employant la dialectique hégélienne. L'idée ne croît qu'en se retrouvant en sa négation. Le mouvement contenu dans la croissance des arbres et des brins d'herbe, n'est-il pas le même que celui qui fait osciller et bondir sur eux-mêmes les soleils projetant leurs anneaux au travers des cieux et produisant, ainsi, d'autres soleils? Comme les fruits tombés de l'arbre ou les fleurs des brins d'herbe produisent d'autres fleurs et d'autres arbres, comme le vent emporte dans les prairies et les vallées le pollen végétal, ainsi la vitesse centrifuge disperse dans les abîmes le pollen astral: c'est la germination du monde, que Hegel, — vous le savez, — regardait comme «une plante qui pousse».

— Eu concludo que o Espírito forma o fundo e o fim do Universo. No germe da árvore, na semente de uma planta, pode-se apenas dizer que a árvore e a planta estão contidas *em pequena*: é preciso então que elas aí estejam contidas idealmente. A árvore e a planta futuras, virtuais em seu germe, aí são obscuramente pensadas. Pela idéia mediatrix da Exterioridade, que é como a trama sobre a qual se borda o eterno devir do Cosmos, a IDÉIA nega-se a si mesma, para *provar* seu ser, sob forma de *Natureza*, e eu poderia reconstruir o fato empregando a dialética hegeliana. A Idéia se desenvolve apenas reencontrando-se em sua negação. O movimento contido no crescimento das árvores e nos brotos de erva, não é o mesmo que faz oscilar e saltar sobre si mesmos os sóis projetando seus anéis através dos céus e produzindo, assim, outros sóis? Como os frutos caídos da árvore ou as flores dos brotos da erva produzem outras flores e outras árvores, como o vento carrega pelas pradarias e vales o pólen vegetal, assim a rapidez centrífuga dispersa nos abismos o pólen astral: é a germinação do mundo, que Hegel — sabeis — via como “uma planta que cresce”.

CHAPITRE X
FATRAS PHILOSOPHIQUE

Satan est bon logicien.

DANTE.

Le domestique nous apporta le thé.

Claire, avec un doux sourire, que ses lunettes rendaient légèrement sinistre, m'offrit une tasse de la chaude infusion chinoise, sucrée et aromatisée de kirsch, par ses soins prévenants.

— Lenoir, dis-je, en savourant une gorgée de la digestive liqueur, — vous êtes en contradiction, je dois vous en prévenir, avec les théologiens et les physiologistes, en affirmant que l'Idée et la Matière sont une même chose.

— Non.

— Comment, non!

— Les Théologiens n'avancent-ils pas que Dieu est un pur Esprit, et qu'il a créé le monde? La Matière peut donc ÉMANER de l'Esprit, même au dire des théologiens. Ainsi, la différence n'est qu'apparente. — Quant aux physiologistes, ne sont-ils pas forcés d'affirmer que *la forme* du corps lui est plus *essentielle* que sa matière? — Vous voyez.

J'étais loin d'être dans les eaux de Lenoir; ses sophismes glissaient sur la cuirasse épaisse de mon Sens-commun.

— Voyons, mon ami, lui dis-je, abuseriez-vous de vos droits d'amphitryon jusqu'à vouloir insinuer que cette BUCHE, par exemple, n'est pas de la matière?

— Où voyez-vous la «Matière» en cette bûche? répondit-il.

Je me voilai la face de mes deux mains: le naufrage de cette intelligence me faisait mal. Il voulait goguenarder avec moi!... Avec moi!

— Vous prétendez que vous ne voyez pas la Matière! lui dis-je avec stupeur: et que cette BUCHE...

CAPÍTULO X
MIXÓRDIA FILOSÓFICA

Satã é bom lógico.

DANTE.

O criado nos trouxe o chá.

Claire, com um suave sorriso, que seus óculos tornavam levemente sinistro, ofereceu-me uma xícara da quente infusão chinesa, açucarada e aromatizada com kirsch⁶⁵⁸ por seus precavidos cuidados.

— Lenoir, disse eu saboreando um gole do digestivo licor — estais em contradição, devo vos prevenir disso, com os teólogos e fisiólogos, ao afirmar que a Idéia e a Matéria são uma mesma coisa.

— Não.

— Como não!

— Os Teólogos não antecipam que Deus é um puro Espírito, e que criou o mundo? A Matéria pode então EMANAR do Espírito, mesmo no dizer dos teólogos. Assim, a diferença é somente aparente. — Quanto aos fisiólogos, não são eles forçados a afirmar que a *forma* do corpo é mais *essencial* que sua matéria? — Vedes vós.

Eu estava longe de entrar nas águas de Lenoir; seus sofismas deslizavam sobre a couraça espessa de meu Senso-comum.

— Vejamos, meu amigo, disse-lhe, abusaríeis de vosso direito de anfitrião até querer insinuar que esta ACHA, por exemplo, não é matéria?

— Onde vedes a “Matéria” nesta acha? respondeu ele.

Eu cobri o rosto com as mãos: o naufrágio daquela inteligência me fazia mal. Ele queria ironizar comigo!... Comigo!

— Pretendeis que não vedes a Matéria! disse-lhe com estupor: e que esta ACHA...

⁶⁵⁸ *kirsch*: aguardente de cereja.

— Mais, enfin, c'est élémentaire, cela! cria Lenoir, que mon apparente mignardise finissait par exaspérer et qui me regardait de travers. Je vois des attributs de *forme*, de *couleur*, de *polarité*, de *pesanteur*, réunies: j'appelle *bois*, un certain agrégat de ces qualités. Mais ce qui *soutient* ces qualités, — la SUBSTANCE, enfin, — que ces attributs couvrent de leur voile, où est-elle?... — Entre vos deux sourcils! Et nulle part! Vous voyez bien que la «Matière» en soi, n'est pas sensible! ne se pénètre pas! ne se révèle pas, et que la «Substance» est un être purement intellectuel dont le Monde sensible n'est qu'une forme négative, un *repoussé*.

— Mais, mon pauvre ami, qu'est-ce qu'un être intellectuel, qu'est-ce que la réalité d'une idée, d'une pauvre idée, devant la réalité évidente du fait de cette simple BUCHE que vous niez!

— Je n'ai qu'à jeter cette bûche dans le feu, pour l'effacer: voilà votre BUCHE disparue, devenue autre qu'elle-même. — Qu'est-ce qu'une *réalité* pareille, qui s'efface, qui est et n'est pas à la fois? qui dépend du hasard extérieur? Peut-on bien appeler cela «réalité?»... Allons! — C'est du Devenir, c'est du Possible, — ce n'est pas du Réel; car cela *peut être* aussi bien que *ne pas être*. La Réalité est donc autre chose que cette contingence, et nous voilà revenus cette fois, logiquement, à la question posée au début: «Qu'est-ce que la RÉALITÉ?»

— Et moi, murmurai-je, endolori par la dialectique paradoxale du docteur, je soutiens, à l'encontre, que ce qui est solide et pesant n'est pas une simple idée, que diable!

— Faites rentrer l'idée de *pesanteur* (puisqu'elle vous éblouit) dans l'idée de *longueur*, par exemple, et vous comprendrez mieux tout cela.

— Dans les mots, c'est possible; mais les faits matériels ne se prêtent pas à ces fusions et à ces confusions avec autant de bonne grâce que les idées.

— Vous plaisantez, n'est-ce pas?... dit Lenoir, après un instant. Comment voulez-vous que le fait puisse démentir une idée logique, puisque l'idée logique est l'essence même du fait?

— Prouvez, alors! — Essayez, essayez d'appliquer physiquement la théorie!

— Mas, enfim, isso é elementar! Gritou Lenoir, que minha aparente ignorância acabava de exasperar e que me olhava de atravessado. Eu vejo atributos de *forma*, de *cor*, de *polaridade*, de *peso*, reunidos: chamo *madeira*, certo agregado dessas qualidades. Mas o que *sustêm* essas qualidades — a SUBSTÂNCIA, enfim — que esses atributos cobrem com seu véu, onde está?... — Entre vossas duas sobranceiras! E nenhuma parte! Bem vedes que a “Matéria” em si não é sensível! não se desvenda! não se revela, e que a “Substância” é um ser puramente intelectual do qual o Mundo sensível não é mais que uma forma negativa, um *repelido*.

— Mas, meu pobre amigo, o que é um ser intelectual, o que é a realidade de uma idéia, de uma pobre idéia, diante da realidade evidente da existência desta simples ACHA que negais!

— Eu tenho apenas que jogar essa acha no fogo para apagá-la: eis vossa ACHA desaparecida, torna-se distinta dela mesma. — Que é tal *realidade*, que se apaga, que é e não é ao mesmo tempo? que depende do acaso exterior? Pode-se chamar isso “realidade?”... Vamos! — É Devir, é Possibilidade — não é Real; pois *pode ser* tanto quanto *não ser*. A Realidade é então outra coisa que esta contingência, e eis que voltamos desta vez, logicamente, à questão inicial: “O que é a REALIDADE?”

— E eu, murmurei, dolorido pela dialética paradoxal do doutor, sustenho, pelo contrário, que o que é sólido e pesado não é uma simples idéia, que diabo!

— Junteis a idéia de *peso* (já que ela vos fascina) com a idéia de *extensão*, por exemplo, e compreendereis melhor tudo isso.

— Nas palavras é possível; mas os fatos materiais não se prestam a essas fusões e confusões com tanta boa vontade quanto as idéias.

— Brincais, não é?... disse Lenoir, após um instante. Como quereis que o fato possa desmentir uma idéia lógica, se a idéia lógica é a essência mesma do fato?

— Provai, então! — Procurai, procurai aplicar fisicamente a teoria!

— Mais... il me suffira de faire glisser un poids sur la longueur d'une barre d'acier pour que la longueur de la barre soulève des pesanteurs mille fois supérieures à celle du poids qui glissera sur cette barre. Vous voyez bien que la longueur et la pesanteur rentrent l'une dans l'autre, aussi bien en fait qu'en idée.

— Phraséologie!... grommelai-je avec humeur: c'est spécieux; d'accord. Mais au fond, ce sont des mots.

— Et avec quoi voulez-vous que je vous réponde? fit Lenoir en souriant. Avec quoi me questionnez-vous? — Vous niez la valeur du mot *mot* avec le MOT lui-même. Est-ce par gestes que vous voulez causer avec moi?... Le vent souffle, l'instinct hurle, l'idée s'exprime.

— Mon cher Lenoir, m'écriai-je, revenons à la question. — Je puis conclure en affirmant que, comme je ne touche ni ne vois les idées, j'aime encore mieux appeler *réelles* les choses sensibles. Et toute l'Humanité sera de mon avis.

— Non, dit Lenoir.

— Comment, non! repris-je pour la troisième fois, en regardant avec tristesse le pauvre Hégélien.

— Si les choses *sont*, si l'*Apparaître* de l'Univers *se produit*, ce ne peut être qu'en vertu d'une Nécessité-absolue. Il y a une raison à cela! Eh bien, que cette raison soit l'Idée ou autre chose que l'Idée, c'est bien plutôt de l'être-sensible qu'il faudra douter, puisque tout ce qu'il possède de réalité lui vient nécessairement de cette *raison-vive*, de cette Loi-créatrice, et que cette raison, cette loi, ne peut être saisie et pénétrée que par l'Esprit. — L'IDÉE est donc la plus haute forme de la Réalité: — et c'est la Réalité même, puisqu'elle participe de la nature des lois suréternelles, et pénètre les éléments des choses. D'où il suit qu'en étudiant simplement les filiations de l'Idée, j'étudierai les lois constitutives des choses, et mon raisonnement COÏNCIDERA, s'il est strict, avec l'ESSENCE même des choses, puisqu'il impliquera, en *contenu*, cette NÉCESSITÉ qui fait le fonds des choses.

En un mot, je suis, en tant que pensée, le miroir, la *Réflexion*, des lois universelles, ou, selon l'expression des théologiens, «je suis FAIT à l'image de Dieu!» — Comprendre, c'est le reflet de créer.

— Mas... me bastaria deslizar um peso sobre a extensão de uma barra de aço para que a extensão da barra eleve pesos mil vezes superiores aquele do peso que desliza sobre essa barra. Vedes bem que a extensão e o peso juntam um no outro, tanto no fato quando na idéia.

— Fraseologia!... resmunguei com humor: especioso; concordo. Mas no fundo, são palavras.

— E com que quereis que vos responda? Disse Lenoir sorrindo. Com que me questionais? — Negais o valor da palavra *palavra* com a PALAVRA mesma. Será por gestos que quereis conversar comigo?... O vento sopra, o instinto grita, a idéia se expressa.

— Meu querido Lenoir, exclamei, voltamos à questão. — Eu posso concluir afirmando que, como não toco nem vejo as idéias, ainda prefiro chamar *reais* as coisas sensíveis. E toda a Humanidade será de minha opinião.

— Não, disse Lenoir.

— Como, não! repeti pela terceira vez, olhando com tristeza o pobre hegeliano.

— Se as coisas *são*, se o *Aparecer* do Universo *se produz*, isso não pode ser senão em virtude de uma Necessidade-absoluta. Há uma razão para isso! Ora, que essa razão seja a Idéia ou outra coisa que não a Idéia, é muito mais do ser-sensível que é preciso duvidar, pois que tudo o que possui realidade lhe vem necessariamente dessa *razão-viva*, dessa Lei-criadora, e que essa razão, essa lei, não pode ser percebida e penetrada senão pelo Espírito. — A IDÉIA é então a mais alta forma da Realidade: — e é a Realidade mesma, pois que ela participa da natureza das leis sempiternas, e penetra os elementos das coisas. De onde segue que estudando unicamente as filiações da Idéia, eu estudarei as leis constitutivas das coisas, e meu raciocínio COINCIDIRÁ, se é estrito, com a ESSÊNCIA mesma das coisas, pois que implicará, no *conteúdo*, essa NECESSIDADE que forma o fundo das coisas.

Em uma palavra, eu sou, enquanto pensamento, o espelho, o *Reflexo* das leis universais, ou, segundo a expressão dos teólogos, “sou FEITO à imagem de Deus!” — Compreender, é o reflexo de criar.

Je me touchai le front d'un doigt significatif, en regardant Mme Lenoir, qui, silencieuse, semblait écouter avec une attention profonde les théories écoeurantes de son pitoyable époux. Je la plaignais, vraiment, d'avoir choisi un pareil énergomène. Je me versai donc une seconde tasse de thé.

— Ah! votre Dieu n'est pas celui des Théologiens, mon pauvre ami, — lui dis-je, le coeur gros.

— Là n'est pas la question! dit Lenoir. Je parle, en ce moment, Philosophie: mais, *ne croyant qu'aux Sciences-noires*, je n'attribue qu'une importance douteuse, — et, en un mot, toute *relative* — aux principes que je soutiens en ce moment. Cela posé, voyons ce que disent de Dieu vos théologiens. — Dieu, selon Malebranche, est le lieu des esprits comme l'espace est celui des corps. — Dieu, selon saint Augustin, est tout entier partout, contenu tout entier nulle part. — Qui niera que Dieu soit corps, bien qu'il soit esprit? dit Tertullien. — Dieu, c'est l'Acte pur, dit saint Thomas. — Dieu, c'est le *Père* tout-puissant! — dit le symbole de Nicée. — Je ne m'arrêterais pas, si je donnais toutes les soi-disant définitions de l'Être-Inconditionnel, dont la notion est inséparable de l'être! Mais l'Esprit du Monde ne se définit pas de la sorte. Ces lueurs et ces images ne sont que profondes: Le mot de Jacob Boehm, «Dieu est le silence éternel,» ne me convainc pas davantage — et je suis sûr que c'est afin d'essayer de se soustraire à l'arrière-pensée, — afin de combler, pour ainsi dire, désespérément, le côté obscur de cette pensée, que l'abbé Clarke ne prononçait jamais le nom de Dieu sans de grandes démonstrations *physiques* de Terreur et de Respect.

Eu toquei minha fronte com um dedo sugestivo, olhando a senhora Lenoir que, silenciosa, parecia escutar com uma atenção profunda as teorias repugnantes de seu lastimável esposo. Eu a lamentava, realmente, por ter escolhido semelhante energúmeno. Servi-me então uma segunda xícara de chá.

— Ah! vosso Deus não é aquele dos Teólogos, meu pobre amigo, — disse-lhe, com raiva.

— Não é essa a questão! disse Lenoir. Eu falo, neste momento, de Filosofia: mas, *não crendo senão nas Ciências-negras*, eu atribuo apenas uma importância duvidosa — e, numa palavra, muito *relativa* — aos princípios que sustento neste momento. Isso posto, vejamos o que dizem de Deus vossos teólogos. — Deus, segundo Malebranche, é o lugar dos espíritos assim como o espaço é o dos corpos. — Deus, segundo santo Agostinho, é inteiro em toda parte, conteúdo inteiro em parte alguma. — Quem negará que Deus seja corpo tanto quanto espírito? disse Tertuliano. — Deus é o Ato puro, disse santo Tomás. — Deus é o *Pai* todo-poderoso! — diz o símbolo de Niceia⁶⁵⁹. — Eu não me deteria, se desse todas as pretensas definições do Ser-Incondicional, cuja noção é inseparável do ser! Mas o Espírito do Mundo não se define desse modo. Estes vislumbres e estas imagens são apenas profundas: A palavra de Jacob Boehm, “Deus é o silêncio eterno”, tampouco me convence — e estou seguro que era a fim de procurar subtrair-se a segundas intenções — a fim de satisfazer plenamente, por assim dizer, desesperadamente, o lado obscuro desse pensamento, que o abade Clarke⁶⁶⁰ não pronunciava nunca o nome de Deus sem grandes demonstrações *físicas* de Terror e de Respeito.

⁶⁵⁹ *Malebranche*: Nicolas Malebranche (1638-1715), filósofo e teólogo francês; *santo Agostinho*: Agostinho de Hipona (354-430), filósofo e teólogo romano. *Tertuliano*: Quintus Septimius Florens Tertullianus (160-230), escritor cristão de Cartago; *santo Tomás*: Tomás de Aquino (1225-1274), teólogo napoletano; *Símbolo de Niceia*: ou *símbolo niceno*, refere-se aos dogmas declarados no Concílio de Niceia, em 325, sob os auspícios do imperador Constantino I.

⁶⁶⁰ *Boehm*: Jacob Boehm (1575-1624), teósofo e místico alemão; *abade Clarke*: provavelmente Samuel Clarke (1675-1729), teólogo e filósofo inglês.

Hé bien! conclut Lenoir, je ne sais si le Dieu dont mon esprit a conscience diffère essentiellement, en sa notion, de celui des théologiens: je ne sais qu'une chose... c'est que j'ai PEUR de cet absolu Justicier.

Je ne pus m'empêcher de rire à cette dernière saillie.

— Ne craignez rien, Lenoir! lui répondis-je, et surtout à ce sujet!... N'exagérons rien, ou nous allons heurter le Sens-commun.

— C'est vrai! dit le docteur. Inclignons-nous devant ce divin Sens-commun, qui change d'avis à tous les siècles, et dont le propre est de haïr, natalement, jusqu'au nom même de l'âme. Saluons, en gens «éclairés» ce Sens-commun, qui passe, en outrageant l'Esprit, tout en suivant le chemin que l'Esprit lui trace et lui intime de parcourir. Heureusement l'Esprit ne prend pas plus garde à l'insulte du Sens-commun que le Pâtre ne prend garde aux vagissements du troupeau qu'il dirige vers le lieu tranquille de la Mort ou du Sommeil.

Ici, Lenoir ferma les yeux, comme perdu en une vision.

— O Flambeaux! murmurait-il. Que serait, après tout, votre gloire, sans les Ténèbres? Cependant,— ajouta-t-il en me souriant, — il est des Ténèbres-méphitiques, qui, incapables de recevoir la Lumière, éteignent les flambeaux.

A cette parole, — je l'avoue, — à cette banale plaisanterie, — oui,... l'idée de la perte de mon ami... me parut moins affreuse.

— En résumé, dis-je, à quoi, dans le domaine pratique et positif, peuvent servir toutes ces belles spéculations?

Lenoir me regarda quelques instants avec une physionomie grave, mais sans me répondre.

Ora! concluiu Lenoir, eu não sei se o Deus do qual meu espírito tem consciência difere essencialmente, em sua noção, daquele dos teólogos: sei apenas uma coisa... é que eu tenho MEDO desse absoluto Justiceiro.

Eu não pude me impedir de rir desta última saída.

— Não receais nada, Lenoir! respondi-lhe, e sobretudo neste assunto!... Não exageremos, ou iremos chocar o Senso-comum.

— É verdade! disse o doutor. Inclina-mo-nos ante o divino Senso-comum, que muda de opinião a cada século, e do qual é próprio o odiar, naturalmente, até mesmo a palavra alma. Saudamos, como pessoas “esclarecidas” o Senso-comum que passa, ultrajando o Espírito, enquanto segue o caminho que o Espírito lhe traça e lhe intima percorrer. Felizmente o Espírito não se ocupa mais com o insulto do Senso-comum do que o Pastor com os mugidos do rebanho que ele guia em direção ao lugar tranqüilo da Morte ou do Sono.

Aqui, Lenoir fechou os olhos como que perdido em uma visão.

— Ó Luzes! Murmurava ele. Que seria, depois de tudo, vossa glória sem as Trevas? Contudo — acrescentou sorrindo-me — há Trevas-mefíticas que, incapazes de acolher o Lume, extinguem as luzes.

A esta fala — confesso — a esta brincadeira banal — sim,... a idéia da perda de meu amigo... me pareceu menos tenebrosa.

— Em resumo, disse eu, para que no domínio prático e positivo podem servir todas estas belas especulações?

Lenoir me olhou alguns instantes com um aspecto sério, mas sem me responder.

CHAPITRE XI
LE DOCTEUR, MADAME LENOIR ET MOI
NOUS SOMMES PRIS D'UN ACCÈS DE JOVIALITÉ

Et mon coeur était si joyeux — que je ne le reconnaissais plus pour
le mien.
DANTE.

Grâce aux biais évasifs que j'avais, jusque-là, favorisés avec une feinte étourderie et par la docte frivolité de mes interrogats, Lenoir, (s'il était parvenu à faire valoir l'ingéniosité de son intelligence), n'avait, en revanche, rendu que plus éclatante son impéritie en ces matières transcendantes. Je l'avais, évidemment, entraîné sur un terrain où, malgré tous ses efforts, je pouvais désormais, à loisir, creuser à ses illusions une fosse définitive.

Il se recueillait maintenant, accoudé, la main sur le front, mûrissant probablement quelque énormité nouvelle, indigne d'être soumise à mon critère. Son silence méditatif me prouvait, outre mesure, la vacuité de son âme; car, s'il avait eu quelque chose à dire, il l'eût dit sur-le-champ, comme tout le monde, sans éprouver ce futile besoin de réfléchir, qui est le signe distinctif de l'impuissance et de la défection.

— Je ne vous cacherai pas, m'écriai-je, mon ami, — je puis même dire mon meilleur ami, — que je suis d'avance assez convaincu de la vanité de vos arguments touchant le côté utilitaire de vos bizarres théories. — A quoi cela peut-il servir?... je le répète.

Il rouvrit les yeux et, après un silence:

— Pour vous et vos pareils, cela ne sert pas! — Pour d'autres, dédaigneux de la Mort et pleins du souci de l'Éternité, cela sert à combattre glorieusement pour la Justice, avec la certitude de la défaite.

A ces mots, je ne pus maîtriser un léger cri de frayeur, et ma physionomie exprima un tel effarement, que Lenoir en resta bouche béante.

CAPÍTULO XI
**O DOUTOR, SENHORA LENOIR E EU
SOMOS TOMADOS POR UM ACESSO DE JOVIALIDADE**

E meu coração estava tão feliz — que eu não o reconhecia mais
como meu.

DANTE.

Graças às evasivas que eu tinha até então favorecidas com uma fingida imprudência e pela douda frivolidade de minhas indagações, Lenoir (mesmo tendo feito valer a engenhosidade de sua inteligência), tinha, ao contrário, tornado apenas ainda mais marcante sua imperícia nessas matérias transcendentais. Eu o tinha evidentemente arrastado para um terreno onde, malgrado todos os seus esforços, a bel-prazer podia de agora em diante cavar em suas ilusões uma fossa definitiva.

Ele se recolhia agora, apoiado sobre os cotovelos, com a mão na cabeça, meditando provavelmente alguma nova enormidade, indigna de ser submetida a meu critério. Seu silêncio meditativo me revelava, além da medida, a vacuidade de sua alma; pois, se tivesse alguma coisa para dizer, ele teria dito imediatamente, como todo mundo, sem experimentar essa fútil necessidade de refletir, que é o signo distintivo da impotência e da defecção.

— Eu não vos esconderei, exclamei, meu amigo — posso mesmo dizer meu melhor amigo — que estou de antemão muito convencido da vanidade de vossos argumentos referente ao aspecto utilitário de vossas bizarras teorias. — A que isso pode servir?... eu repito.

Ele reabriu os olhos e, após um silêncio:

— Para vós e vossos semelhantes, isso não serve! — Para outros, desdenhosos da Morte e cheios de cuidados com a Eternidade, isso serve para combater gloriosamente pela Justiça, com a certeza da derrota.

A estas palavras não pude conter um leve grito de susto, e minha feição exprimiu tal espanto, que Lenoir ficou de boca aberta.

J'avais senti, en effet, avec une prescience quasi divine, qu'il allait égrener le chapelet interminable des idées subversives de tout ordre social.

Sans ce mouvement instinctif d'improbation, il eût longuement glosé, sans doute, sur «l'indépendance du monde» et se fût bercé de chimères au son de sa propre voix: je vis que ma seule pantomime avait fait litière de ses résolutions, et qu'il n'oserait pas insister là-dessus devant moi.

De quel poids, en effet, pourraient être, aux yeux d'un homme sérieux, ces sortes de pensées soi-disant grandes, généreuses, enthousiastes, alors qu'il suffit qu'elles soient simplement reflétées par mon cerveau et disséquées naïvement par mes lèvres, pour que, — dépouillées de toute vaine fioriture, — elles deviennent d'une aridité capable de provoquer chez les spectres eux-mêmes la nostalgie du sarcophage?

Lenoir s'arrêta et je lui fus grat de son silence.

— Oui, dis-je, je vous comprends: il s'agit des Peuples!... du Peuple!... Vous espérez le rendre accessible à ces rêves de liberté, de dignité, de justice?... Mais on n'a pas la ressource de l'amputation avec les âmes gangrenées; il est des choses irrémédiables qu'on empire en en cherchant la guérison. — Le Peuple?... Certes, personne ne le chérit plus que moi; mais, de même que ma fonction est de le plaindre, la sienne est de souffrir. S'il était avéré que la Science lui fût bonne, qui de nous — (Moi tout le premier!) — ne lui donnerait son âme, sa vie et son amour!... Malheureusement, la victime, une fois ses liens desserrés, n'a guère d'autre idéal que d'en étreindre le col de son libérateur, car la place des misérables ne saurait demeurer vacante en ce monde, et l'on ne peut en racheter un seul qu'en se substituant à lui, heureux si l'on ne paye par la ruine, la calomnie et la mort, les bienfaits dont on l'a comblé. — Mon ami, la reconnaissance est lourde, bien lourde!... ajoutai-je en reprenant mon ton paternel, et le Progrès des Lumières ne fait que développer chez des créatures naguère inconscientes, inoffensives, et qui jouissaient, au moins, de notre pitié, les instincts de jalousie, de basse haine, d'envie et de trahison!... Et croyez, Lenoir, à ma compétence en ces matières!... Aussi je dis: Périront les

Eu senti, com efeito, com uma presciência quase divina, que ele iria debulhar o rosário interminável das idéias subversivas de toda ordem social.

Sem esse movimento instintivo de desaprovação, ele explicaria demoradamente, sem dúvida, sobre “a independência do mundo” e se embalaria de quimeras ao som de sua própria voz: constatei simplesmente que minha pantomima fez pouco caso de suas resoluções, e que ele não ousaria insistir a esse respeito diante de mim.

Que importância, com efeito, poderiam ter aos olhos de um homem sério esses tipos de pensamentos pretensamente superiores, generosos, entusiastas, quando basta que sejam simplesmente refletidos pelo meu cérebro e dissecados espontaneamente pelos meus lábios, para que — despojados de todo vã floreado — se tornem de uma aridez capaz de provocar nos próprios espectros a nostalgia do sarcófago?

Lenoir se deteve e lhe fui grato pelo seu silêncio.

— Sim, disse eu, compreendo-vos: trata-se de Povos!... do Povo!... Esperais torná-lo acessível a estes sonhos de liberdade, dignidade, justiça?... Não há recurso de amputação para as almas gangrenadas; há coisas irremediáveis que só pioram se se busca a cura. — O Povo?... Certamente, ninguém o quer mais do que eu; mas, assim como minha função é lamentar, a sua é sofrer. Se estivesse comprovado que a Ciência lhe fizesse bem, quem de nós — (Eu entre os primeiros!) — não lhe daria sua alma, sua vida e seu amor!... Infelizmente, a vítima, depois de soltas suas amarras, não tem outro ideal que estreitar o pescoço de seu libertador, pois o lugar dos miseráveis não pode permanecer vago neste mundo, e não se pode resgatar um sem lhe substituir, satisfeito se pagamos com a calúnia, a ruína e a morte, os benefícios que lhe damos. — É pesado reconhecê-lo, meu amigo, muito pesado! ... acrescentei retomando meu tom paternal, e o Progresso do Iluminismo apenas fez se desenvolver nas criaturas outrora inconscientes, inofensivas, e que usufruíam pelo menos de nossa compaixão, os instintos de ciúme, de ódio baixo, de inveja e traição! ... E acreditais Lenoir, na minha competência nesses assuntos!... Por isso eu digo: Pereçam os

Bienfaiteurs, si leur action doit avoir pour résultat la disparition des victimes! Malheur sur les républiques futures, sur les sociétés idéales, où les hommes sensibles n'auraient plus à verser, comme moi, de douces larmes sur le sort des peuples!... A la seule idée qu'on pourrait me priver de cette satisfaction, il me semble que mes veines charrient de la bile au lieu de sang, mon pauvre ami!

Cette sortie jeta quelque gaieté: Lenoir et sa femme ayant poussé l'aliénation mentale jusqu'à s'imaginer que je plaisantais. Charmé de leur erreur, je crus devoir renchérir sur leur joie. S'ils m'eussent connu plus à fond, je doute qu'ils se fussent aussi grossièrement mépris à ce sujet. J'ai remarqué, en effet, une chose bizarre et qui, m'étant spéciale, m'intrigue parfois: c'est que mes espiègleries, à moi, ont toujours fait pâlir.

Je remplis donc le salon d'un de ces éclats de rire qui, répétés par les échos nocturnes, faisaient jadis, — je m'en souviens, — hurler les chiens sur mon passage!... — Depuis, j'ai dû en modérer l'usage, il est vrai, car mon hilarité me terrifie moi-même. J'utilise, d'ordinaire, ces manifestations bruyantes dans les grands dangers. C'est mon arme, à moi, quand j'ai peur, quoique ma peur soit contagieuse: ce m'est un sûr garant contre les voleurs et les meurtriers, quand je suis dans les lieux écartés. Mon Rire mettrait en fuite, mieux que des prières, les fantômes eux-mêmes, car Moi, je n'ai jamais pu contempler les Cieux-étoilés! — et les Esprits dont j'invoque la protection habitent des astres blafards.

Toutefois, je ne tardai pas à m'apercevoir que ce que j'avais pris pour un sourire, chez Mme Lenoir, était simplement un effet d'ombre — que la lampe avait projeté sur son visage.

Je dus reconnaître, également, que le Docteur m'avait induit en erreur par un certain tic nerveux — accompagné d'une quinte de toux que j'avais prise pour un éclat de rire. Il avait aspiré de travers la fumée de son cigare, en m'écoutant.

Et je compris que j'avais été le seul bon vivant de nous trois, avec mon accès de gaieté.

Benfeitores, se sua ação deve resultar no desaparecimento das vítimas! Desgraça às repúblicas futuras, às sociedades ideais, onde os homens sensíveis não teriam mais que derramar, como eu, doces lágrimas sobre o destino dos Povos!... À simples idéia de que poderia privar-me dessa satisfação, parece-me que minhas veias carregam bile em vez de sangue, meu pobre amigo!

Esta saída espalhou alguma alegria, Lenoir e sua esposa incitaram a alienação mental até imaginar que eu estava brincando. Encantado por seu erro, acreditei dever exagerar na sua alegria. Se eles me conhecessem melhor, eu duvido que tivessem tão grosseiramente desprezado o assunto. Notei, pois, algo bizarro e que, sendo-me especial, intriga-me às vezes: é que minhas malícias sempre fazem empalidecer.

Enchi, então, a sala com uma dessas explosões de riso que, repetidos pelos ecos noturnos, faziam outrora — lembro-me — uivar os cães à minha passagem!... — Depois, tive de moderar a sua utilização, é verdade, pois minha hilaridade terrifica a mim mesmo. Eu utilizo, geralmente, essas manifestações barulhentas em grandes perigos. É a minha arma, quando estou com medo, embora meu medo seja contagioso: é-me uma garantia segura contra os ladrões e assassinos, quando estou em lugares remotos. Meu Riso afugenta, melhor do que as orações, mesmo os fantasmas, pois Eu, eu nunca pude contemplar os Céus-estrelados! — e os Espíritos dos quais invoco a proteção habitam astros pálidos.

Entretanto, não tardei a perceber que o que eu tinha tomado como um sorriso na Sra. Lenoir, era apenas um efeito de sombra — que a lâmpada projetava no seu rosto.

Devo reconhecer, igualmente, que o Doutor me havia induzido a erro por um certo tique nervoso — acompanhado de uma tosse comprida que eu tinha tomado por uma explosão de riso. Escutando-me, ele havia aspirado através da fumaça de seu cigarro.

E compreendi que eu havia sido o único bem humorado de nós três, com meu acesso de alegria.

CHAPITRE XII
UNE DISCUTEUSE SENTIMENTALE

Et Satan: — «Pensées, où m'avez-vous conduit!»
MILTON.

Nous remplîmes, de nouveau, nos tasses de thé, et, entre deux cuillerées de kirsch:

— Mon ami, interrompis-je, au lieu de vivre chez soi, tranquillement, sans ambition ni casse-tête spéculatifs, à quoi bon se préoccuper de toutes ces choses en l'air? — (Ici je clignai de l'oeil.) — Nous ne saurons jamais *le fin mot* de tout cela!

J'ai dit que Lenoir était un maniaque de philosophie: mais, — en vérité! — je ne pouvais m'attendre à ce qu'il reprît, comme en bondissant, la discussion, insipide et oiseuse, de tout à l'heure!...

— Ah! ça, mais, s'écria-t-il, il me semble que nous faisons partie de «tout cela,» bon gré, malgré nous!... Dès lors, nous sommes fondés à nous en occuper! — et tout paraît, au contraire, nous témoigner que nous pouvons en découvrir «le fin mot!» Car, enfin, regardez: la dialectique de la Nature est la même que celle de notre cerveau: ses oeuvres sont ses idées: «L'arbre pousse par syllogisme», comme le dit Hegel. Les choses sont des pensées vêtues d'extériorités diverses, et la Nature produit comme nous pensons. Aussitôt que nous retrouvons les rapports d'un phénomène avec notre logique, nous le classons, nous prononçons sur lui ce seul mot: la Science; — et, à dater de ce moment, nous en sommes maîtres.

Il nous est donc permis de compter, quelque peu, sur la valeur de notre Raison — même en ce qui touche la Solution-suprême du rébus de l'Univers. Pourquoi pas? Quant à... DIEU... marchons et agissons comme si... Quelqu'un... devait nous comprendre, — et comme si nous ne devions pas mourir. C'est encore là ce que j'appelle combattre pour la Justice.

Claire, à ces mots, murmura dans l'angle sombre où elle était:

CAPITULO XII
UMA DEBATEDORA SENTIMENTAL

E Satã: — “Pensamentos, aonde me haveis conduzido!”
MILTON.

Enchemos novamente nossas xícaras de chá, e, entre duas colheradas de kirsch:

— Meu amigo, interrompi, em vez de viver em casa, tranqüilamente, sem ambição ou quebra-cabeça especulativo, por que se preocupar com todas essas coisas no ar? — (Aqui eu piscava o olho.) — Nunca saberemos *a palavra final* de tudo isso!

Eu disse que Lenoir era um maníaco de filosofia: mas — na verdade! — eu não esperava que ele fosse retomar, precipitando-se, à discussão insípida e inútil, de há pouco!...

— Ah! isso, mas, exclamou ele, parece-me que fazemos parte de “tudo isso”, de bom grado, malgrado nós!... Então, estamos autorizados a nos ocupar com isso! — e tudo parece, ao contrário, demonstrar que podemos descobrir “a palavra final!” Pois, enfim, vede: a dialética da Natureza é a mesma daquela de nosso cérebro: suas obras são suas idéias: “A árvore cresce por silogismo”, como diz Hegel. As coisas são pensamentos vestidos de exterioridades diversas, e a Natureza produz como nós pensamos. Tão logo encontramos as relações de um fenômeno com a nossa lógica, nós o classificamos, pronunciamos-nos sobre ele com uma única palavra: Ciência — e, a partir desse momento, somos seus mestres.

É-nos admissível então contar um pouco com o valor da nossa Razão — mesmo com relação à Solução-suprema do enigma do Universo. Por que não? Quanto a... DEUS... seguimos e agimos como se... Alguém... nos compreendesse — e como se não devêssemos morrer. Uma vez mais, isso é o que eu chamo de combater pela Justiça.

Claire, a estas palavras, murmurou no canto escuro onde estava:

— Mon ami, le défini d'une telle destinée ne suffit pas à l'idée que nous avons de nous-mêmes, — et, quand j'ai dit, tout à l'heure, que «l'Esprit de l'Homme était sans limites», je sous-entendais, vous le savez, «s'il est éclairé par l'humble et divine Révélation-chrétienne.»

A ces mots, je tressaillis, je l'avoue, la prenant presque au sérieux.

— Je te vois venir, toi!... pensais-je. Voici poindre, à l'horizon, la Tache-originelle et la Vallée de larmes. — Conséquences: en politique, Sacerdoce et Monarchie; — en économie sociale, la Propriété au présent basée sur la Charité au futur; — en Histoire, les Bollandistes, — en Science, Josué. — Sinon, mon très cher frère, je te séquestre, te torture, te tue, et ferai buriner sur ta pierre, par tes partisans: «Ci-gît un martyr». Système de dessert, à l'usage des dames: connu!

Je saisis donc la balle au bond pour prendre, sur Mme Lenoir, une revanche éclatante des deux ou trois moments que les paradoxes, assez serrés, de Lenoir m'avaient fait passer — et dont mon coeur ulcéré ne pardonnerait jamais l'humiliation.

Je fis donc, moralement, volte-face: je changeai de principe, sans avertir: — c'est-à-dire que — sans lâcher précisément l'idée de Dieu — je me proposai d'en tirer des conséquences d'athée, — afin de parvenir à mon unique but — qui était de brouiller les cartes au point que chacun de nous discutât et criât sans savoir pourquoi.

— Permettez, balbutiai-je, permettez! je crois qu'il y a, ici, tautologie. Ici-bas, madame, nous avançons dans un chemin que nous ne pouvons éviter. Pourquoi ce phénomène se produit-il? Voilà la question. Or, pour l'expliquer, plusieurs ont fait, empiriquement, intervenir l'Intuition (c'est-à-dire l'Induction, à l'insu ou même au su des inspirés). Mais, pour être sur une montagne, il faut avoir gravi un à un les degrés dont cette élévation n'est que la somme, et il n'y a pas d'intuition spontanée.

— Meu amigo, àquele determinado por um tal destino não é suficiente a idéia que temos de nós mesmos — e, quando eu disse há pouco que “o Espírito do Homem é sem limites”, eu subentendia, sabeis, “se iluminado pela humilde e divina Revelação-cristã.”

A estas palavras, estremecei, confesso, quase levando-a a sério.

— Eu te vejo vir!... pensava eu. Eis que surge no horizonte o Pecado-original e o Vale de lágrimas. — Conseqüências: em política, Sacerdócio e Monarquia — em economia social, a Propriedade no presente baseada sobre a Caridade no futuro; — em História, os Bolandistas⁶⁶¹; — em Ciência, Josué⁶⁶². — Caso contrário, meu querido irmão, eu te seqüestro, torturo-te, mato-te e farei gravar sobre tua lápide, para teus partidários: “Aqui jaz um mártir”. Sistema de sobremesa, de uso das senhoras: conhecido!

Aproveitei então a oportunidade para, sobre a Sra. Lenoir, tomar uma revanche espetacular de duas ou três ocasiões que os paradoxos, muito rigorosos, de Lenoir me fizeram passar — e dos quais meu ulcerado coração não perdoaria jamais a humilhação.

Fiz então, moralmente, uma reviravolta: mudei de princípio sem aviso: — isto é — sem deixar exatamente a idéia de Deus — resolvi tirar conseqüências de ateu — a fim de atingir meu único objetivo — que era misturar as cartas a ponto de que cada um de nós discutisse e gritasse sem saber por quê.

— Permitis-me, balbuciei, permitis-me! Creio que há aqui uma tautologia. Aqui embaixo, senhora, avançamos por um caminho que não podemos evitar. Por que ocorre este fenômeno? Eis a questão. Agora, para explicá-lo muitos fizeram, empiricamente, intervir a Intuição (quer dizer, a Indução, com ou sem o conhecimento dos inspirados). Mas, para estar sobre uma montanha, é preciso ter escalado um a um os degraus do qual essa elevação não é mais do que a soma, e não há aí intuição espontânea.

⁶⁶¹ *Bolandistas*: seguidores de Jean Bolland (1596-1655) nos estudos históricos da vida dos santos, iniciado por ele.

⁶⁶² *em Ciência, Josué*: na batalha contra os amorreus, Josué deteve o sol no meio do céu “por quase um dia inteiro”, *Josué*, c.10, v.12-15.

Si la Révélation vient encore enrichir, arbitrairement, le Problème d'une complication nouvelle, — (Ici je me levai en étendant les bras) — il n'y a plus moyen de s'entendre! — C'est à y renoncer! Je veux bien croire qu'un Dieu a créé le monde, mais le moyen d'admettre qu'il s'en occupe, jusqu'à nous «révéler» ses voies par l'intermédiaire de tel ou tel, — alors, surtout, que rien ne le prouve d'une façon péremptoire? Je m'étonne qu'un esprit comme le vôtre se berce encore de pareilles chimères: elles ont fait leur temps.

Je crus licite, en me rasant, de savourer l'effet de mon éloquence sur mes interlocuteurs, et mon regard, errant dans l'ombre, glissa vers Mme Lenoir. Elle n'avait point quitté son impénétrable maintien près de la fenêtre et son silence commençait aussi à m'inquiéter. Je me sentais observé par ses pénétrantes et inquisitoriales prunelles — dont ses lunettes me dérobaient l'expression maudite.

— Eh bien! Claire? murmura le docteur; vous ne répondez pas?

— Oh! monsieur, répondit, en souriant, la belle Claire, vous savez bien que les arguments qui ont suffi jusqu'à présent pour confondre la dialectique de notre ami ne sont pas absolus, — et je ne suis pas jalouse d'achever sa triste défaite.

Je considérai, en tapinois, et avec une stupeur mal dissimulée, celle qui ne frémissait pas d'envenimer ma plaie à ce degré monstrueux, — mais, à ces damnables paroles, je ne trouvai rien à répondre. Je cherchai une saillie, une épigramme sanglante, un biais; je fis appel à la mauvaise foi. Tous les efforts de mon cerveau demeurèrent infructueux. Et, quand cette preuve blessante de mon impuissance me fut bien démontrée, le dépit, l'indignation, la haine aveugle commencèrent à m'envahir. Mon cœur secouait et sonnait le glas dans ma poitrine: la fureur, la soif de vengeance, de vagues idées de meurtre, tous les plus vils sentiments, enfin, montèrent affreusement jusqu'à ma gorge, et se reflétèrent brusquement sur mon visage par un demi-sourire approbatif et béat.

Pendant, mon geste, mon attitude, l'encourageaient à continuer.

Se a Revelação vem ainda enriquecer, arbitrariamente, o Problema com uma nova complicação — (Aqui eu me levantei, estendendo os braços) — não há como se entender! — Há que renunciar! Eu quero crer que um Deus criou o mundo, mas aceitar que dele se ocupa, até nos “revelar” seus caminhos por intermédio disso ou daquilo — enquanto que, sobretudo, nada o prova de maneira peremptória? Espanta-me que um espírito como o vosso se embale ainda com semelhantes quimeras: elas já tiveram seu tempo.

Acreditei ser lícito, voltando a me sentar, saborear o efeito de minha eloquência sobre meus interlocutores, e meu olhar, errando na sombra, deslizou até a Sra. Lenoir. Ela não havia deixado sua impenetrável posição junto da janela e seu silêncio começava também a me inquietar. Senti-me observado por suas penetrantes e inquisidoras pupilas — das quais seus óculos escondiam a expressão maldita.

— Bem! Claire? murmurou o doutor, não respondeis?

— Oh! senhor, respondeu sorrindo a bela Claire, sabeis bem que os argumentos oferecidos até agora para confundir a dialética de nosso amigo não são absolutos — e eu não desejo concluir sua triste derrota.

Considerei ocultamente, e com um estupor mal dissimulado, aquela que não vacilava envenenar minha aflição a esse grau monstruoso — porém, a estas condenáveis palavras eu não encontrei nada para responder. Procurei uma saída, um epigrama sangrento, um desvio; fiz apelo à má-fé. Todos os esforços do meu cérebro resultaram infrutíferos. E, quando a prova dolorosa de minha impotência me foi bem demonstrada, o despeito, a indignação, o ódio cego começaram a me invadir. Meu coração se agitava e tocava a campainha no meu peito: o furor, a sede de vingança, vagas idéias de assassinato, todos os mais vis sentimentos, enfim, subiram tenebrosamente até a minha garganta, e se refletiram de repente em meu rosto por um meio-sorriso aprovativo e beato.

No entanto, meu gesto, minha atitude, encorajavam-no a continuar.

— Le fait est, murmurai-je par contenance, que les affirmations de Lenoir rendraient jaloux — si elles ne le faisaient rougir — monsieur de la Palice.

— Mais vous m'avez attristée, — continua Claire, de sa belle voix grave et mystique, — lorsque vous avez déclaré tout à l'heure que la Science nous suffisait pour éclaircir l'énigme du monde et que de marcher à sa lueur d'emprunt suffisait aussi à l'homme juste pour s'acquitter envers Dieu.

Lenoir baissa les yeux avec un sourire assez singulier; je voulus lui venir en aide, — comme je sais venir en aide.

— Vous vous répétez, ma bonne amie!... balbutiai-je: — vous récriminez sans trancher la difficulté! De quel droit faire intervenir une «simple croyance» en philosophie?

— Je sais des hommes que l'on ne saurait accuser de se répéter, attendu qu'ils n'ont jamais rien dit, — me répliqua la douce créature.

Et se retournant vers Césaire:

— Quand je pense la Lumière, continua-t-elle, mon très-humble esprit coïncide avec CE qui fait que toute lumière peut se produire. — L'Esprit, en qui se résout toute notion comme toute essence, pénètre et se pénètre, irréductible, homogène, un. — Et, quand je pense la notion de Dieu, quand mon esprit *réfléchit* cette notion, j'en pénètre réellement l'essence, selon ma pensée; je participe, enfin, de la nature même de Dieu, selon le degré qu'il révèle de sa notion en moi, Dieu étant l'être même et l'idéal de toutes pensées.

— O fato é, murmurei com moderação, que as afirmações de Lenoir deixariam desconfiado — se não deixassem ruborizado — o senhor de la Palice⁶⁶³.

— Mas me entristeceis — continuou Claire, com sua bela voz grave e mística — quando declarastes há pouco que a Ciência nos bastava para esclarecer o enigma do mundo e que caminhar à sua suposta luz bastava também para o homem justo cumprir seu dever para com Deus.

Lenoir baixou os olhos com um sorriso bastante singular, eu quis ajudá-lo — como só eu sei ajudar.

— Vós se repetis, minha boa amiga!... balbuciei: — recriminais sem resolver a dificuldade! Com que direito se pode fazer intervir uma “simples crença” na filosofia?

— Eu sei de homens que não se poderia acusar de repetição, considerando que nunca disseram nada — replicou-me a delicada criatura.

E virando-se para Césaire:

— Quando eu penso na Luz, continuou ela, o meu humildíssimo espírito coincide com O que faz com que toda luz possa se produzir. — O Espírito, em quem se reduz toda noção como toda essência, penetra e se penetra irreduzível, homogêneo, uno. — E, quando penso na noção de Deus, quando meu espírito *reflete* sobre esta noção, penetro realmente sua essência, segundo meu pensamento; participo, enfim, da natureza mesma de Deus, segundo o grau que ele revela de sua noção em mim, Deus sendo o ser mesmo e o ideal de todos os pensamentos.

⁶⁶³ *as afirmações de Lenoir deixariam desconfiado — se não deixassem ruborizado — o senhor de la Palice:* ou seja, por serem demasiadamente óbvias. Referência a determinadas canções ingênuas que se fez a Jacques de Chabannes, Senhor de la Palice (1470-1525), famoso militar francês.

Et mon Esprit, selon l'abandon de ma pensée vers Dieu, est pénétré par Dieu — par l'augmentation proportionnelle de la *notion-vive* de Dieu. Les deux termes, au bon vouloir de ma liberté, se confondent en cette unité qui est moi-même: — et ils se confondent sans cesser d'être distincts. Or, la Révélation-chrétienne, étant la conséquence et l'application de cet absolu principe, je n'ai pas à la traiter de «chimère qui a fait son temps» puisqu'elle est de la nature de son principe, c'est-à-dire éternelle, inconditionnelle, immuable.

— Ma chère madame Lenoir, repris-je, je crois que vous vous faites une trop grande idée de Dieu. Il n'est qu'infini, que nécessaire, qu'inconcevable, — qu'étonnant! Pourquoi toujours le faire intervenir dans les conversations? Rappelez-vous que Kant avait un vieux domestique nommé Lamb, qui supplia son maître de reconstruire les preuves de l'existence d'*un* Dieu, radicalement détruites par le grand philosophe — Nous avons, aussi, en nous tous, on ne sait quel vieux domestique qui demande un Dieu. Soyons plus sensés que Kant: méfions-nous du premier mouvement; sachons répondre par un sourire... — mélancolique? — Et n'acceptons de telles données que sous bénéfice d'inventaire. L'héritage de nos premiers parents, à franc parler, me paraît d'ailleurs le mériter au delà de toute expression!!!

Ce fut la goutte d'eau froide.

Toutefois Mme Lenoir me répondit placidement:

— Pourquoi ne pas demander à l'Infini même un Dieu? Ne faut-il pas qu'il réalise toute pensée? (Car que serait un prétendu Infini qui serait borné à cette impuissance de réaliser une pensée de l'Homme?) Et comme Dieu, vous dis-je, est la plus sublime pensée dont nous puissions concevoir l'intime notion, nous sommes infiniment insensés si nous nous efforçons de la détruire en nous (ce qui d'ailleurs est impossible).

Je me tus, ne voulant pas laisser voir ce qui se passait en moi.

E o meu Espírito, segundo o abandono de meu pensamento em direção a Deus, é penetrado por Deus — pelo aumento proporcional da *noção viva* de Deus. Os dois termos, com a boa vontade de minha liberdade, mesclam-se nessa unidade que é eu-mesma: — e se mesclam sem deixar de ser distintos. Ora, sendo a Revelação-cristã a conseqüência e a aplicação deste princípio absoluto, não posso tratá-la de “quimera que já teve seu tempo”, já que ela é da mesma natureza de seu princípio, isto é, eterna, incondicional, imutável.

— Minha querida senhora Lenoir, continuei, creio que fazeis uma idéia muito exagerada de Deus. Ele não é mais que infinito, necessário, inconcebível — espantoso! Por que fazê-lo intervir nas conversas? Lembrai-vos que Kant tinha um velho criado chamado Lamb, que implorou a seu mestre para reconstruir as provas da existência de *um* Deus, radicalmente destruído pelo grande filósofo. — Também nós temos, em todos nós, não se sabe qual velho criado que pede um Deus. Sejamos mais sensatos que Kant: desconfiemos do primeiro movimento; procuremos responder com um sorriso... — melancólico? — E não aceitemos tais dados senão após verificação. O legado de nossos primeiros pais, para falar francamente, aliás, parecem-me merecê-lo para além de toda expressão!

Esta foi a gota d’água fria.

No entanto, a Sra. Lenoir me respondeu placidamente:

— Por que não pedir ao próprio Infinito um Deus? Não é necessário que ele realize todo pensamento? (Pois que seria um suposto Infinito que fosse limitado a impotência de realizar um pensamento do Homem?) E como Deus, eu vos digo, é o mais sublime pensamento do qual nós podemos conceber a íntima noção, somos infinitamente insensatos se nos esforçamos em destruí-lo em nós (o que, aliás, é impossível).

Eu me calei, não querendo deixar ver o que se passava em mim.

— Soit! reprit Césaire. Mais, ma chère amie, — nul ne pourrait, aujourd'hui, récuser l'évidence du développement de l'Homme — et n'en pas tenir un compte des plus sérieux. Après tout, le Progrès n'exclut pas la Révélation: — le châtement initial demeure quand même, bien que, grâce aux sueurs de nos fronts, il diminue d'intensité: voilà tout. — La Révélation ne nous gêne pas: — (je la vois partout, moi)! — Vous êtes donc très libre et très sage de vous y confiner. — Seulement, *en métaphysique*, je suis obligé, moi, de ne tabler que sur le Progrès — humain, *par la Science*.

— Ah! s'écria-t-elle, comment vous suffit-il de ne vous développer, vous Homme, qu'à travers une série d'expressions relatives dont la somme constitue votre Science! Dans ce cas, au lieu d'être de parfaits-animaux, nous sommes, seulement, des animaux qui s'améliorent et qu'un Progrès indéfini enferme à jamais dans une loi proportionnelle! Si même la chose était absolument vraie, ce ne serait point là de quoi s'enorgueillir; car, dans mille ans, avec ce système, nous creuserions encore, comme les taupes: qu'importe la grandeur, la splendeur et la profondeur du trou, si nous savons que ce trou doit ensevelir toute notre destinée? si nous sommes voués à la Mort, enfin, vers laquelle nous marcherons d'un pas toujours plus rapide, — les cieux, d'après les affirmations même de la Science la plus positive, devant se faire, tôt ou tard, brûlants ou mortels. — A peine si nous pouvons examiner un passé de six mille ans, à peine notre apparition date-t-elle de quelques heures, — et nous osons fonder sur un grain de sable nos suprêmes espérances, alors qu'un rien nous fera, sans rémission, rentrer dans la poussière, dans les ténèbres, dans le Nul.

— Mais, m'écriai-je, la catastrophe dont vous parlez n'aura lieu que dans un laps de temps si considérable qu'il est presque absurde d'y songer! Conquérons, d'abord, sur la Nature, notre indépendance, et nous verrons plus tard. — D'ailleurs, après nous le Déluge!... et, ma foi, — au petit bonheur!

— Seja! retomou Césaire. Mas, minha querida amiga — ninguém poderia hoje recusar a evidência do desenvolvimento do Homem — e não ter isso seriamente em conta. Apesar de tudo, o Progresso não exclui a Revelação: — o castigo original ainda permanece, apesar de, graças ao suor de nossas fronteiras, diminuir de intensidade: eis tudo. — A Revelação não nos incomoda: — (Eu a vejo em toda parte!) — Sois então muito livre e muito sábia em nela se confinar. — Apenas que, *na metafísica*, obrigo-me a contar somente com o Progresso humano — *através da Ciência*.

— Ah! exclamou ela, como vos basta desenvolver-se, como Homem, apenas através de uma série de expressões relativas cuja soma constitui vossa Ciência! Neste caso, em vez de ser perfeitos-animais, somos apenas animais que estão melhorando e que um Progresso indefinido isola para sempre em uma lei proporcional! Mesmo que a coisa fosse absolutamente verdadeira, não haveria aqui do que se orgulhar; pois, em mil anos, com este sistema, estaríamos ainda escavando, como as toupeiras: que importa a grandeza, o esplendor e a profundidade do buraco, se sabemos que este buraco deve enterrar todo o nosso destino? se estamos condenados à Morte, enfim, para a qual caminhamos com um passo sempre mais rápido — e os céus, segundo as afirmações da Ciência mais positiva, far-se-ão, cedo ou tarde, inflamados ou mortais. — Apenas podemos examinar um passado de seis mil anos, nosso surgimento data de apenas algumas horas — e ousamos fundamentar em um grão de areia nossas esperanças supremas, quando qualquer coisa nos fará, sem remissão, retornar ao pó, à escuridão, ao Nulo.

— Mas, exclamei, a catástrofe sobre a qual falais só deverá ocorrer em um lapso de tempo tão considerável que é quase absurdo pensar nisso. Conquistemos, em primeiro lugar, a nossa independência sobre a Natureza, e depois veremos. — Aliás, depois de nós o Dilúvio!⁶⁶⁴ ... e, realmente — venha o que vier!

⁶⁶⁴ *depois de nós o Dilúvio!*: referência à expressão da Marquesa de Pompadour, Jeanne-Antoinette Poisson (1721-1764), *Au reste, après nous, le Déluge*, dita ao rei como consolo por uma derrota na guerra.

— Mais nous serons toujours en dépendance, reprit-elle, par cela seul que nous sommes forcés de penser. *Il faut* croire à la Pensée: nier ceci n'étant qu'une pensée encore. Et c'est pourquoi nous n'avons pas une action, pas une idée, pas un raisonnement, qui n'ait son principe dans la Foi. Nous croyons en nos sens, en notre doute, en notre progrès, en notre néant, bien que cela soit douteux, rigoureusement parlant, puisque rien ne se prouve. Le scepticisme le plus profond débute par un acte de foi.

Or, puisqu'*il faut* que nous choissions, choisissons le mieux possible! Et puisque la Croyance est la seule base de toutes les réalités, préférons Dieu. La Science aura beau m'expliquer à sa façon les lois de tel phénomène, je veux continuer, à ne voir, moi, dans ce phénomène, que ce qui peut m'AUGMENTER l'âme et non ce qui peut l'amoindrir. Si les mystiques s'illusionnent, qu'est-ce qu'un Univers inférieur même à leur pensée? Dans la Mort, est-ce la logique de deux abstractions qui me rendra mon propre Infini-divin perdu?

Non! Non. Je fermerai donc les yeux sur un monde où mon esprit a l'air d'un étranger. Peu m'importe si les lois du mécanisme des astres sont pénétrées, puisqu'elles ne m'apprennent qu'une destruction certaine! Tentations, que ces étoiles qui s'éteindront! Illusion, que le «scientifique» avenir! L'Histoire des temps modernes, c'est l'histoire de l'Humanité qui entre en son hiver. Le cycle sera bientôt révolu. — Comme les sages des vieux jours m'en ont donné l'exemple sacré, je ne saurais hésiter, moi chrétienne et pécheresse, entre votre «siècle de lumières», et la Lumière des siècles.

— Mas nós estaremos sempre na dependência, disse ela, unicamente porque somos forçados a pensar. *É preciso* crer no Pensamento: negar isso é ainda apenas um pensamento. E é por isso que não temos uma ação, nem uma idéia, nem um raciocínio, que não tenha seu princípio na Fé. Acreditamos em nossos sentidos, em nossa dúvida, em nosso progresso, em nosso nada, ainda que isso seja duvidoso, rigorosamente falando, já que nada se prova. O mais profundo ceticismo começa com um ato de fé.

Ora, já que *é preciso* que escolhamos, escolhamos o melhor possível! E já que a Crença é a única base de todas as realidades, prefiramos a Deus. Por melhor que a Ciência, à sua maneira, explique as leis de tal ou qual fenômeno, eu quero continuar a ver nesse fenômeno apenas o que pode ENGRANDECER-me a alma e não o que a diminui. Se os místicos se iludem, o que é um Universo, inferior ao seu próprio pensamento? Na Morte está a lógica de duas abstrações que torna eu própria Infinito-divino perdido?

Não! Não. Então eu fecharei os olhos para um mundo onde meu espírito tem a aparência de um estrangeiro. Pouco me importa se as leis do mecanismo dos astros são penetradas, já que elas me ensinam apenas uma destruição certa! Tentações, essas estrelas que se extinguiram! Ilusão, o porvir “científico”! A história dos tempos modernos é a história da Humanidade que entra em seu inverno. O ciclo será logo concluído. — Como os sábios dos dias antigos deram-me o sagrado exemplo, não hesitarei — eu, cristã e pecadora — entre vosso “século de luzes” e a Luz dos séculos.

CHAPITRE XIII

LES REMARQUES SINGULIÈRES DU DOCTEUR LENOIR

L'Ecclésiaste a dit: «Un chien vivant vaut mieux
Qu'un lion mort.» Hormis, certes, manger et boire,
Tout n'est qu'ombre et fumée, et le monde est très vieux,
Et le néant de vivre emplit la tombe noire.

LECONTE DE LISLE.

Eu égard au mépris furieux qui m'avait étouffé pendant le cours de cette diatribe, je dus faire jouer le noeud de ma cravate, et, ne sachant comment exprimer, d'une façon copieuse, ma pitié pour de telles doctrines, je me contentai de prononcer huit fois de suite le mot: «*Brava!*» de ma voix la plus flûtée et d'un air de joie enthousiaste.

Une chose me fit plaisir: le docteur, silencieux, s'était assombri à vue d'oeil.

Je me frottai les mains; ils différaient d'opinion; la chose était certaine. Peu m'importait sur quel point, — leurs deux convictions me paraissant également absurdes. — L'essentiel devenait de les exciter l'un contre l'autre, de les mettre aux prises, afin de me poser en juge et d'avoir le dernier mot, par cela même — (quitte à penser à mes affaires, sous un air d'attention profonde, pendant qu'ils ergoteraient).

J'espérais même tout doucement que, par mes soins, ce ménage modèle allait bientôt en venir aux mains, ou, — tout au moins, — se prendre aux cheveux à propos de «l'Immortalité de l'âme», et je m'apprêtais, d'avance, à clore le tout par d'amples gorges chaudes.

En ces conjonctures, je résolus de partager l'avis de Lenoir — quel qu'il pût être! Car les théories de sa femme avaient pour spécialité d'énerver mon cerveau jusqu'à lui faire perdre le sentiment de lui-même.

Aussi le Lecteur qui, sans doute, avec son tact ordinaire, s'attend, comme moi, à quelque collision, — toujours fâcheuse entre époux, — comprendra-t-il quelle dut être ma surprise — (je dirai presque mon désappointement), — lorsque j'entendis Lenoir murmurer ces paroles étranges:

CAPÍTULO XIII
AS SINGULARES OBSERVAÇÕES DO DOUTOR LENOIR

Disse o Eclesiastes: “Um cachorro vivo vale mais
Do que um leão morto.” E certamente, exceto comer e beber,
Tudo é apenas sombra e fumaça, e o mundo é muito velho,
E o vazio da vida preenche o negro túmulo.

LECONTE DE LISLE.

Tendo em conta o desprezo furioso que me havia sufocado durante o curso desta diatribe, tive que ajustar o nó de minha gravata e, não sabendo como expressar de maneira copiosa minha piedade para com tais doutrinas, contentei-me em pronunciar oito vezes consecutivas a palavra: “*Brava!*” com minha mais aflautada voz e aspecto de alegre entusiasta.

Uma coisa me deu prazer: o doutor, silencioso, ensombrecera-se visivelmente.

Esfreguei as mãos, eles discordavam de opinião, isso era certo. Pouco me importava em que ponto — ambas as convicções me pareciam igualmente absurdas. — O essencial era excitá-los um contra o outro, colocando-os em luta, a fim de me colocar como juiz e ter por isso mesmo a última palavra — (livre para pensar em meus assuntos, com profunda atenção, enquanto eles palravam).

Eu esperava que devido aos meus cuidados, mesmo que lentamente, este casal modelo viesse logo às vias de fato, ou — pelo menos — que se pegassem pelos cabelos a propósito da “imortalidade da alma”, e me preparava com antecedência para encerrar a discussão com burlescas gargalhadas.

Com estas conjecturas, resolvi compartilhar a opinião de Lenoir — quaisquer que fossem! Pois as teorias de sua esposa tinham a especialidade de irritar meu cérebro a ponto de fazê-lo perder a sensação de si mesmo.

Por isso o Leitor que, sem dúvida, com o seu tato habitual espera como eu alguma colisão — sempre desagradável entre os cônjuges — compreenderá qual deve ter sido a minha surpresa — (diria mesmo meu desapontamento) — quando ouvi Lenoir murmurar estas estranhas palavras:

— L'intelligence de Claire est une glace profonde, limpide, où ne se reflètent que de sublimes vérités, et je suis fier d'aimer à jamais son être admirable.

A ces mots, je regardai Claire: il me sembla qu'elle devenait livide.

Césaire s'était levé: il fit un pas vers sa femme et, s'inclinant tout à coup, il lui baisa la main, longtemps, en silence, avec une passion dont la ferveur sauvage, — concentrée et contenue — m'étonna de la part d'un homme de 46 ans!

Puis il revint s'asseoir à ma droite.

Il se passa quelques secondes durant lesquelles je ne perçus distinctement que le bruit de la houle: je sus les mettre à profit en rassemblant mes facultés éparses.

— Oui, l'Idéal! ajouta Lenoir, (qui continuait de tourner brusquement casaque aux principes dont il s'était fait jusque-là le banal champion), oui, l'Espérance invincible! la Foi! quoi de plus *positif* après tout? N'est-ce pas Swédenborg qui a dit: «La croyance est au-dessus de la pensée autant que la pensée est au-dessus de l'instinct!» En effet, croire: cela suffit. Et quand je m'efforce d'affirmer l'autocratie d'une philosophie quelconque — (alors qu'il y en a autant que d'individus) — lorsque je me bats les flancs, enfin, pour défendre les arguties de la Science, — si vaine en ses résultats réels, si orgueilleuse en ses troublantes apparences, — je conviens, oui, je conviens que je réprime toujours en moi-même une immense envie de rire.

Et il se détourna vers moi:

— Si l'on savait, ajouta-t-il, jusqu'à quel point la force vive de l'Idée est surprenante et terrible dans les sphères de la Foi! La puissance d'une imagination, d'un rêve, d'une vision, dépasse quelquefois les lois de la vie. La *Peur*, par exemple, l'idée seule de la Peur superstitieuse, *sans motif extérieur*, peut foudroyer un homme comme une pile électrique. Les choses vues par un visionnaire sont, au fond, *matérielles* pour lui à un degré aussi positif, tenez, — que le Soleil lui-même, cette lampe mystérieuse de tout ce système fantasmagorique de création, de disparition, de transformation! — Avez-vous réfléchi sur ces monstres humains

— A inteligência de Claire é um espelho profundo, límpido, onde se refletem apenas verdades sublimes, e estou orgulhoso de amar para sempre seu admirável ser.

A estas palavras eu olhei para Claire: pareceu-me que se tornava lívida.

Césaire tinha se levantado: deu um passo em direção à sua esposa e, inclinando-se de repente, beijou-lhe a mão demoradamente, em silêncio, com uma paixão cujo fervor selvagem — contido e concentrado — partindo de um homem de 46 anos, espantou-me!

Depois voltou a sentar-se à minha direita.

Passaram-se alguns segundos durante os quais só percebi distintamente o rumor das ondas: soube aproveitá-los reunindo minhas faculdades dispersas.

— Sim, o Ideal! acrescentou Lenoir (que continuava bruscamente a virar a casaca aos princípios dos quais ele tinha se tornado o banal defensor até então), sim, a Esperança invencível! a Fé! o que poderia ser mais *positivo*, afinal? Não é Swedenborg quem disse: “A crença está acima do pensamento assim como o pensamento está acima do instinto!” De fato, crer: isso basta. E quando eu tento afirmar a autocracia de alguma filosofia — (quando há tantas quanto indivíduos) — quando, enfim, luto para defender as sutilezas da Ciência, — tão vã em seus resultados reais, tão orgulhosa em suas impressionantes aparências, — eu concordo, sim, concordo em que sempre reprimo um imenso desejo de rir.

E ele voltou-se para mim:

— Se soubéssemos, acrescentou, até que ponto é surpreendente e terrível a força viva da idéia nas esferas da Fé! O poder de uma imaginação, de um sonho, de uma visão, ultrapassa às vezes as leis da vida. O *Medo*, por exemplo, a mera idéia do Medo supersticioso, *sem motivo exterior*, pode fulminar um homem como uma pilha elétrica. As coisas vistas por um visionário são, no fundo, *materiais* para ele em um grau tão positivo, eis — quanto o próprio Sol, essa lâmpada misteriosa de todo este sistema fantasmagórico de criação, de desaparecimento, de transformação! — Haveis refletido sobre esses monstros humanos

tigrés de taches bicolores, de fourrures, — sur les céphalopodes, les hommes-doubles, les fautes horribles de la nature, enfin, provenues d'une sensation, d'un caprice, d'une *vue*, d'une IDÉE, pendant la gestation de la femme? Avez-vous médité les explications enfantines de la Physiologie à ce sujet?

Si j'ouvre les annales médicales, touchant la réalité presque *pondérable* de l'Idée, tenez, je trouverai, à chaque instant, des faits comme celui-ci: je cite le texte même: — «Une femme, dont le mari fut tué à coups de couteau, mit au monde, cinq mois après, une fille qui, à *sept ans*, tombait dans des accès d'hallucination. Et l'enfant s'écriait alors: — «Sauvez-moi! voici des hommes armés de couteaux qui vont me tuer!» — Cette petite fille mourut pendant l'un de ces accès, et l'on trouva sur son corps des marques noirâtres, pareilles à du sang meurtri, et qui correspondaient, sur le coeur, malgré les dissemblances sexuelles, aux blessures que son père avait reçues sept ans auparavant, pendant qu'elle était encore *en deçà* des mortels.»

Appelez ceci comme vous le voudrez; je demande en quoi l'ombre, l'idée, diffère décidément de ce que vous appelez la *réalité sensible*, si le simple *reflet* d'une sensation étrangère a le pouvoir de s'instiller, de s'infiltrer mortellement dans l'essence de notre corps. Quoi! une ombre — qui n'est qu'une ombre — nous tue malgré cela?... Réfléchissez.

Ouvrez maintenant les physiologistes — Béclard définit la Vie, l'organisme en action, et la Mort, l'organisme au repos. — Le premier mot de Bichat est celui-ci: La Vie est l'ensemble des fonctions qui résistent à la Mort. — Consultez, depuis Harvey, les meilleurs traités: relisez les fameuses recherches de Broussais sur le sang, vous verrez que si un grand physiologiste a pu s'écrier: «Sans phosphore, point de pensée!» la plupart d'entre eux,

tigrados de manchas bicolores, com peles — sobre os cefalópodes, os homens-duplos, os terríveis erros da natureza, enfim, oriundos de uma sensação, de um capricho, de uma *visão*, de uma IDÉIA, durante a gestação da mulher? Haveis meditado nas infantis explicações da Fisiologia sobre esse assunto?

Se abro os anais médicos, que tratam da realidade quase *ponderável* da Idéia, veja, encontrarei a cada momento fatos como este: cito o texto mesmo: — “Uma mulher cujo marido foi morto a facadas deu a luz, cinco meses depois, a uma menina que *aos sete anos* tinha acessos de alucinação. E a menina gritava então: — Salvem-me! Aqui há homens armados com facas que vão me matar” — Essa menininha morreu durante um desses acessos, e encontrou-se no seu corpo marcas enegrecidas, semelhantes à equimose, e que correspondiam, sobre o coração, apesar das diferenças sexuais, às feridas que seu pai recebeu sete anos antes, enquanto ela ainda estava *do lado de cá* dos mortais.”

Chameis a isto como quiserdes; eu me pergunto em que a sombra, a idéia, difere decididamente disso que chamais *realidade sensível*, se o simples *reflexo* de uma sensação estranha tem o poder de se instilar, de se infiltrar mortalmente na essência de nosso corpo. O quê! uma sombra — que não é mais que uma sombra — mata-nos apesar de tudo?... Refletis.

Vejamos agora os fisiólogos: — Béclard define a Vida, o organismo em ação, e a Morte, o organismo em repouso. — A primeira palavra de Bichat é esta: A vida é o conjunto de funções que resiste à Morte. — Consultais, a partir de Harvey, os melhores tratados: reledes as famosas investigações de Broussais⁶⁶⁵ sobre o sangue, vereis que se um grande fisiólogo pôde exclamar: “Sem fósforo, não há pensamento!”⁶⁶⁶ a maioria deles,

⁶⁶⁵ *Béclard*: Pierre-Augustin Béclard (1785-1825), médico e fisiólogo francês; *Bichat*: Marie-François-Xavier Bichat (1771-1802), médico e fisiólogo francês; *Harvey*: William Harvey (1578-1658), médico inglês, o primeiro a descrever corretamente a circulação do sangue; *Broussais*: François-Joseph-Victor Broussais (1772-1838), fisiólogo e cirurgião francês.

⁶⁶⁶ “*Sem fósforo, não há pensamento!*”: “Célebre fórmula do fisiólogo e naturalista holandês Jacob Moleschott (1822-1893), um dos fundadores do materialismo moderno”, conf. *Oeuvres complètes*, p.1179.

surtout les plus récents, (et ce sont les plus logiques avec eux-mêmes), n'admettent ni l'idée de la Vie, ni l'idée de la Mort, ni même celle de l'Organisme. — Maintenant, revenus des principes absolument divergents et contestables de la Physiologie, rapprochez simplement ce fait, que je vous ai cité entre mille, rapprochez-le des phénomènes présentés, par exemple, par le délire des mourants. C'est alors que les visions commencent à être *un peu plus réelles!* que dis-je? à être les seules choses méritant le titre de réalité. La Mort, c'est l'Impersonnel; c'est la réalité de ce qui maintenant n'est que vision. Il est *certain*, pour moi, que nos actions y deviennent un second corps et que le Passé se réaffirme dans la Mort comme de la chair.

Le Passé est une ombre, et nous sentons bien, d'instinct, que la Mort est le domaine des ombres. — La Mort et la Vie ne sont que de rigoureuses conséquences de la dialectique éternelle; et, par cela même que ce sont des nécessités, constituant la double face de l'Existence, elles trouvent, comme le reste, en effet, leur essence dans l'Esprit. «La Pensée étant donnée, la Mort est donnée par cela même!» a dit le Titan de l'Esprit humain: et c'est cela seul qui peut *prouver* l'Immortalité. «Supprimez la Pensée, il restera des substances qui pourront tout au plus être *éternelles*, mais qui ne seront pas *immortelles*; car la Mort ne commence que là où s'éteint et disparaît la Pensée. La Mort, créée par l'Esprit comme la Vie, relève de l'Esprit.»

Et ce que nous appelons la Mort, n'est, en effet, que le moyen terme, ou, si vous préférez, la négation nécessaire, posée par l'Idée pour se développer jusqu'à l'Esprit, à travers la Pensée.

J'irai presque jusqu'à dire que nous pouvons avoir, même dès à présent, de ce côté-ci du Devenir, quelques lueurs des épouvantes qui nous attendent, et que notre propre passé nous réserve. — Rappelez-vous ces milliers d'individus, noyés ou pendus, qui, à la dernière minute de la suffocation, au moment où ils allaient mourir, ayant été secourus et rappelés à la vie, ont tous affirmé s'être vus sur le point de *passer* dans toutes leurs actions, dans toutes leurs pensées, les plus oubliées, et cela d'une manière inexprimable à la langue des vivants. — La vraie question n'est donc pas de savoir si «l'âme est immortelle»,

principalmente os mais recentes (e estes são os mais lógicos consigo próprio), não admitem a idéia da Vida, nem a idéia da Morte, nem mesmo aquela do Organismo. — Agora, partindo de princípios absolutamente divergentes e contestáveis da Fisiologia, comparais simplesmente esse fato, que vos citei entre mil, comparai-os com os fenômenos apresentados, por exemplo, no delírio dos moribundos. É então que as visões começam a ser *um pouco mais reais!* O que digo? a ser as únicas coisas que merecem o título de realidade. A Morte é o impessoal; é a realidade do que agora é somente uma visão. É *certo*, para mim, que nossas ações aí se tornam um segundo corpo e que o Passado reafirma-se na Morte como carne.

O Passado é uma sombra e nós sentimos bem, por instinto, que a Morte é o domínio das sombras. — A Morte e a Vida são somente rigorosas conseqüências da dialética eterna; e, pelo fato mesmo de que são necessidades, constituem a dupla face da Existência, de fato, encontram, como os demais, sua essência no Espírito. “O Pensamento sendo dado, a morte é dada por ele mesmo!” disse o Titã do Espírito humano: e é isto somente que pode *provar* a Imortalidade. “Suprimis o pensamento, permanecerão substâncias que podem na melhor das hipóteses serem *eternas*, mas que não serão *imortais*; pois a Morte somente começa ali onde se extingue e desaparece o pensamento. A Morte, criada pelo Espírito como a Vida, é marca do Espírito.”

E o que nós chamamos Morte é, com efeito, apenas o meio termo, ou se preferis, a negação necessária colocada pela Idéia para se desenvolver até o Espírito, através do Pensamento.

Eu quase diria que nós podemos ter, mesmo desde o momento presente, deste lado do Devir, certos vislumbres dos pavores que nos esperam, e que nosso próprio passado nos reserva. — Recordai-vos dos milhares de indivíduos afogados ou enforcados que, no último minuto da asfixia, no momento em que iam morrer, tendo sido resgatados e trazidos de volta à vida, afirmaram todos terem estado na circunstância de ver *passar* todas as suas ações, todos os seus pensamentos, os mais esquecidos, e isso de uma maneira inexprimível à língua dos vivos. — A verdadeira questão não é então saber se “a alma é imortal”,

puisque c'est d'une évidence qui ne se prouve pas plus qu'aucune autre. La question est de savoir *de quelle nature peut être cette immortalité et si nous pouvons, d'ici-bas, influencer sur elle.*

— Alors, m'écriai-je complètement ahuri par ce flot de paroles incohérentes et saugrenues, vous croyez — (je me sentis rougir de ma phrase!) — vous croyez réellement à une certaine «matérialité» de l'âme?

— Je crois, du moins, — en dehors de tous vains sophismes dialectiques — répondit Lenoir, — que, par exemple, la force de Suggestions que peut exercer, — *du fond de la TÉNÈBRE*, — un défunt vindicatif sur un être vivant qui lui fut familier, — (auquel, par conséquent, le rattachent obscurément mille et mille fils invisibles), — oui, je crois, dis-je, que cette force de Suggestions peut, sur cet être, devenir oppressive, meurtrière, formidable, — *matérielle*, enfin — durant un temps indéterminé. Car il est des défunts vivaces! en qui la Mort, elle-même, n'abolit pas *immédiatement* les sentiments et les passions.

Je vis qu'il fallait en finir avec des fumisteries dont l'horreur commençait à m'impressionner moi-même.

— Mon ami, lui dis-je, permettez-moi de vous citer Voltaire, un bel esprit comme vous: «Quand celui qui parle ne se comprend plus, quand celui qui écoute n'est plus à la conversation, on appelle cela de la métaphysique.»

Lenoir me regarda silencieusement.

— C'est vrai, dit Claire en s'approchant de nous: mais le même personnage a dit aussi, quelque part, dans le conte du Phénix: «La résurrection est une idée toute naturelle: il n'est pas plus étonnant de naître deux fois *qu'une*.»

— Oh! dis-je, la résurrection... c'est pour rire, voyez-vous, que Voltaire, un esprit droit, a laissé échapper ces folies.

— Bon! répondit Claire en souriant, si vous mettez en question la persistance de la personnalité dans la Mort, je pourrai vous montrer que c'est là une dépense d'esprit inutile. Et, d'abord, je voudrais bien savoir si elle n'est même pas en question dans la Vie? Où le *moi* est-il bien lui-même? Quand? A quelle HEURE de la vie? Votre *moi* de ce soir est-il celui qu'il sera demain? celui d'il y a cinquante ans? — Non.

pois que isso é de uma evidência que não se pode provar mais do que qualquer outra. A questão é saber *de que natureza pode ser essa imortalidade e se podemos, daqui, influir nela.*

— Então, exclamei, completamente desnordeado por essa onda de palavras incoerentes e aberrantes, acreditais — (senti-me ruborizar por minha frase!) — acreditais realmente em uma certa “materialidade” da alma?

— Eu creio — para além de todos os vãs sofismas dialéticos — respondeu Lenoir, — pelo menos que, por exemplo, a força de Sugestões que pode exercer — *desde o fundo da TREVA* — um defunto vingativo sobre um ser vivo que lhe foi familiar — (ao qual, por conseguinte, ligam-no obscuramente mil e mil fios invisíveis) — sim, eu creio, como disse, que essa força de Sugestões pode, sobre este ser, tornar-se opressiva, assassina, formidável, — *material*, enfim — durante um tempo indeterminado. Pois há defuntos vivazes! em que a própria Morte não elimina *imediatamente* os sentimentos e as paixões.

Vi que era preciso acabar com as mistificações cujo horror começava a me impressionar.

— Meu amigo, disse-lhe, permita-me vos citar Voltaire, um belo espírito como vós: “Quando aquele que fala não se compreende mais, quando aquele que escuta não está mais na conversação, chama-se isso de metafísica.”

Lenoir me olhou silenciosamente.

— É verdade, disse Claire se aproximando de nós: mas a mesma personagem disse também, em algum lugar, no conto da Fênix: “A ressurreição é uma idéia bastante natural: não é mais espantoso nascer duas vezes do *que uma.*”

— Oh! disse eu, a ressurreição... é de rir, vedes, que Voltaire, um espírito franco, deixou escapar essas loucuras.

— Bem! respondeu Claire sorrindo, se colocais em questão a persistência da personalidade na Morte, eu poderia vos demonstrar que há aí um dispêndio inútil do espírito. E, em primeiro lugar, eu gostaria muito de saber se não ocorre o mesmo na Vida? Onde o *eu* é ele mesmo? Quando? Em que HORA da vida? Vosso *eu* desta noite é aquele que será amanhã? aquele de cinqüenta anos atrás? — Não.

Nous sommes les jouets d'une perpétuelle illusion, vous dis-je! Et l'Univers est bien réellement un rêve!... un rêve!... un rêve!...

—Un mauvais rêve, même! ajouta Lenoir tout pensif: car, — je ne puis que le répéter avec stupeur, — tout ce que j'ai appris de philosophie n'a pas modifié la nature inquiétante et *farouche* qui est en moi, et j'ai peur de devenir, une fois pour toutes, — *en quelque autre système de visions*, — ce que je suis.

Ah! si j'avais, comme Claire, le tremplin de la Foi pour sauter hors de ces mornes pensées, dont je suis le hagard prisonnier!... Mais voilà: je suis TROP de ce monde: je ne sais pas, au juste, — en un mot, — où *deux et deux pourraient bien ne pas faire quatre*. Et, cependant!...

Somos os joguetes de uma ilusão perpétua, eu vos digo! E o Universo é realmente um sonho!... um sonho!... um sonho!...

— Um mau sonho, inclusive! acrescentou Lenoir, muito pensativo: porque — só posso repetir isso com estupor — tudo o que aprendi de filosofia não modificou a natureza inquietante e *selvagem* que está em mim, e tenho medo de me tornar de uma vez por todas — *em algum outro sistema de visões* — no que sou.

Ah! se eu tivesse, como Claire, o trampolim da Fé para saltar fora desses pensamentos sombrios, do qual sou um desvairado prisioneiro!... Mas eis: eu sou DEMASIADO deste mundo: não sei exatamente — em uma palavra — onde *dois mais dois não poderiam somar quatro*. E, contudo!...

CHAPITRE XIV
LE CORPS SIDÉRAL

Des mots! des mots!des mots!
SHAKSPEARE, *Hamlet*.

Lenoir articula ces mots sur un ton qui glaça, définitivement, le sourire sur mes lèvres; et il me sembla, tout à coup, que, pendant notre causerie, la Nuit elle-même s'était approchée et qu'elle allait, à son tour, donner ses arguments et se mêler à la discussion. Le fait est que la simple nuit du dehors, où les souffles froids faisaient claquer leurs lanières sur les vagues, roulait maintenant, sous d'épais nuages, son horreur sans astres. Ce changement d'impressions fut si rapide que je me crus halluciné. Il me parut que nous devenions d'une grande pâleur; les rideaux de la fenêtre remuaient; nous étions sous l'influence de Minuit.

Je sentis alors le mal héréditaire qui est en moi se réveiller au profond de ma nature, et, ne pouvant supporter la vue de l'espace désolé, je me levai précipitamment, et fermai la croisée avec ce tremblement de mauvais présage qui est chez moi l'avant-coureur des angoisses de l'enfer.

Ah! cette maladie! comment cela se fait-il? N'est-ce pas affreux?

Toutefois, je dissimulai de mon mieux l'état de mes sensations, et ce fut d'un air indifférent que je répondis à Lenoir:

— Prétendez-vous inférer par là que vous avez en vous un autre personnage que vous-même, docteur? — Diable! ce serait fort inquiétant, je l'avoue, surtout pour l'état de votre bon sens.

— Mais vous-même, Bonhomet, répliqua Lenoir après un silence et en attachant sur mes yeux ses prunelles étincelantes, — vous-même, pourriez-vous me dire *si l'être extérieur, apparent, que vous nous offrez*, qui se manifeste à nos sens, est réellement *celui que vous savez être en vous?*

Cette question inattendue me remua la conscience. Je regardai le docteur sans répondre.

CAPÍTULO XIV
O CORPO SIDERAL

Palavras! palavras! palavras!
SHAKSPEARE, *Hamlet*.

Lenoir articulou estas palavras num tom que gelou definitivamente o sorriso em meus lábios: e me pareceu, de repente, que durante a nossa conversação a própria Noite tinha se aproximado e que ia por sua vez dar seus argumentos e envolver-se na discussão. O fato é que a simples noite lá fora, onde os sopros frios faziam estalar seus chicotes sobre as ondas, rolava agora, sob nuvens espessas, seu horror sem astros. Esta mudança de impressões foi tão rápida que me acreditei alucinado. Pareceu-me que nos tornamos presas de uma grande palidez; as cortinas da janela se moviam; estávamos sob a influência da Meia-Noite.

Então senti o mal hereditário que em mim existe se despertar nas profundezas de minha natureza, e, não podendo suportar a visão do espaço desolado, levantei-me às pressas e fechei a janela com o estremecimento de mau presságio que em mim é o precursor das angústias do inferno.

Ah! esta doença! como foi isso? Não é horrível?

No entanto, dissimulei o melhor possível o estado de minhas sensações, e foi com ar de indiferença que eu respondi a Lenoir:

— Pretendeis inferir daí que tendes em si um outro personagem além de vós mesmo, doutor? — Diabo! seria muito inquietante, confesso-lhe, sobretudo para o estado de vosso bom senso.

— Mas vós mesmo, Bonhomet, replicou Lenoir após um silêncio e fixando meus olhos com suas pupilas cintilantes — vós mesmo poderíeis me dizer *se o ser exterior, aparente, que nos ofereceis*, que se manifesta aos nossos sentidos, é realmente *aquela que sabeis estar em vós?*

Essa pergunta inesperada me agitou a consciência. Olhei o doutor sem responder.

— Et, continua-t-il, cet être extérieur, seul accessible et perceptible, n'a-t-il pas toujours en lui son spectateur, son contradictoire, son juge?

— Oui, dis-je, c'est la théorie des anciens: *Homo duplex*; — où voulez-vous en venir?

— A ceci, que ce compagnon intérieur, cet être occulte, est le seul RÉEL! et que c'est celui-là qui constitue la personnalité. Le corps apparent n'est que le *repoussé* de l'autre, c'est un voile qui s'épaissit ou s'éclaire selon les degrés de translucidité de qui le regarde, et l'être-occulte ne s'y laisse deviner et reconnaître que par l'*expression* des traits du masque mortel. — L'organisme, enfin, n'est qu'un prétexte au corps lumineux qui le pénètre! Et l'on ne songerait jamais à son corps, — excepté, peut-être, pour en entretenir la vie, — si l'on était seul. — Remarquez-le: si deux hommes sont liés ensemble par un sentiment quelconque, ils finissent par oublier peu à peu les détails de leur aspect: *ils ne se voient plus*; ils sont en relation d'une manière plus profonde, et c'est leur être moral qu'ils voient réciproquement; ils savent qui ils sont, sous le simulacre palpable.

— Ceci est précieux, — murmurai-je, pour dire quelque chose.

— Et c'est ce qui donne la clef de bien des contradictions mystérieuses, ajouta le docteur. Le corps apparent est même si peu le réel que, fort souvent, *ce n'est pas un homme qui habite dans la forme humaine*.

— Oh! oh!... m'écriai-je, avec une crispation nerveuse, car il me sembla qu'un caïman venait de tressauter en moi.

— Quoi! n'avez-vous jamais vu prédominer le type d'un animal, — de plusieurs animaux quelquefois, — sur une physionomie? Eh bien! observez avec attention les mouvements familiers, les instincts, les tendances de l'individu chez lequel prédominera le type de l'*ours*, par exemple, ou du *tigre*, et vous éprouverez l'obscur vision, en lui, d'on ne sait quel être fauve fourvoyé dans une enveloppe étrangère. Croyez-vous qu'il soit beaucoup d'hommes et de femmes, conformes à leur notion, dans l'Humanité terrestre? L'homme n'est qu'un animal divin, différencié des autres par l'Idéal! — Et celui en qui le souci des

— E, continuou ele, esse ser exterior, único acessível e perceptível, não tem sempre em si seu espectador, seu contraditor, seu juiz?

— Sim, disse eu, é a teoria dos antigos: *Homo duplex* — onde quereis chegar?

— A isto, que esse companheiro interior, esse ser oculto, é o único REAL! e é quem constitui a personalidade. O corpo aparente é somente o *repellido* do outro, é um véu que se adensa ou se aclara segundo os graus de translucidez de quem o olha, e o ser oculto se deixa aí adivinhar e reconhecer somente pela *expressão* dos traços da máscara mortal. — O organismo, enfim, é apenas um pretexto ao corpo luminoso que o penetra! E nós nunca pensaríamos no corpo — exceto, talvez, para com ele entreter a vida — se este existisse sozinho. — Observai: se dois homens estão unidos por um sentimento qualquer, eles acabam por esquecer pouco a pouco os detalhes de seu aspecto: *eles não se vêem mais*; estão relacionados de uma maneira mais profunda, e é seu ser moral que eles vêem reciprocamente; sabem quem são, sob o simulacro palpável.

— Isso é especioso — murmurei, para dizer alguma coisa.

— E é o que dá a chave de muitas contradições misteriosas, acrescentou o doutor. O próprio corpo aparente é tão pouco real que, freqüentemente, *não é um homem quem habita na forma humana*.

— Oh! oh!... exclamei, com uma crispação nervosa, pois me pareceu que um caimã acabava de sobressaltar-se em mim.

— O quê! nunca vistes predominar o tipo de um animal — muitos animais, às vezes — sobre uma fisionomia? Ora! observais com atenção os movimentos familiares, os instintos, as tendências do indivíduo no qual predominou o tipo do *urso*, por exemplo, ou do *tigre*, e experimentareis a obscura visão, nele, de não se sabe qual fera perdida em um invólucro estranho. Acreditais que haja muitos homens e mulheres conformes à sua noção na Humanidade terrestre? O homem só é um animal divino diferenciado dos outros pelo Ideal! — E aquele em que a preocupação das

choses-éternelles n'est pas en éveil sans cesse au fond de sa conscience, celui-là tient encore de l'animal et n'est pas tout à fait sorti des ténèbres: celui-là n'est pas l'HOMME, en réalité, et l'expression de sa physionomie le trahit à chaque instant, malgré sa forme apparente. De même la Femme conforme à sa notion est celle qui, reflétant les espérances sublimes, comme une glace limpide et profonde, élève l'amour et l'espérance au delà de la Mort. Pensez-vous que de tels êtres soient nombreux dans notre espèce? Allons! soyez-en persuadé, les villes sont semblables aux forêts, — et il n'est pas difficile d'y retrouver les bêtes féroces.

— Vous croiriez que la plupart des vivants, interrompis-je...

— Sont engagés encore dans les liens inférieurs de l'Instinct, sont des bêtes invisibles, transfigurées par leur travestissement, si vous voulez, — dit le docteur, en riant d'un rire qui me montra deux rangées de dents à faire honneur aux maxillaires d'un Caraïbe, — mais *sont* des BÊTES RÉELLES! — Et ajouta-t-il, les traits de leur visage (dans l'expression desquels transparaît l'essence lumineuse de leur véritable organisme) le prouvent surabondamment. De là leur natale haine pour la Pensée! leur soif, inextinguible, *organique*, foncière, d'abaisser, d'aniaiser, de profaner toute noble et pure tendance! de là leur mépris *grotesque* de tout art sublime, de toute charité désintéressée, de tout ce qui n'est pas bas et impur — comme leurs préoccupations, leurs actes et leurs oeuvres! — De là leur façon de démontrer la justice de leurs opinions avec des coups et du sang! de là leur impossibilité de comprendre l'Homme véritable, issu de l'En-haut! Oui, vous dis-je, et croyez-le bien, le corps apparent n'est pas le réel; il change d'atomes à chaque instant, il se renouvelle *entièrement* à chaque révolution de six ou sept mois; il N'EST PAS, à proprement parler. Ce n'est que du devenir dans le Devenir. C'est sa *forme*, son idée, son unité impalpable qui *est*, et sur laquelle se superpose son Apparaître. Et l'une des preuves *physiques* de ceci, c'est que les physionomies se bestialisent ou s'illuminent aux approches de la Mort, d'une manière frappante, pour qui a, dans les prunelles, de quoi regarder!

coisas-eternas não está sempre em estado de alerta no fundo de sua consciência tem ainda algo de animal e não saiu completamente das trevas: na realidade, esse não é o HOMEM e a expressão de sua fisionomia o trai a cada instante, malgrado sua forma aparente. Do mesmo modo a Mulher conforme sua noção é aquela que, refletindo as esperanças sublimes como um espelho límpido e profundo, eleva o amor e a esperança para além da Morte. Pensais que tais seres sejam numerosos em nossa espécie? Vamos! estai persuadido disso, as cidades são semelhantes às florestas — e não é difícil encontrar aí as bestas ferozes.

— Acreditais que a maior parte das pessoas, interrompi...

— Ainda estão presas aos laços inferiores do Instinto, são bestas invisíveis, transfiguradas pelo seu disfarce, se quereis — disse o doutor, rindo de uma maneira que me mostrou duas fileiras de dentes que faria honra às mandíbulas de um caraíba⁶⁶⁷ — todavia *são* BESTAS AUTÊNTICAS! — E, acrescentou, os traços de seu rosto (em cuja expressão transparece a essência luminosa de seu verdadeiro organismo) o provam copiosamente. Daí o seu ódio inato ao Pensamento! sua sede inextinguível, *orgânica*, fundamental, para rebaixar, para aniquilar, para profanar toda tendência nobre e pura! Daí seu desprezo *grotesco* por toda arte sublime, por toda caridade desinteressada, por tudo o que não seja baixo e impuro — como as suas preocupações, seus atos e suas obras! — Daí a sua maneira de demonstrar a justiça de suas opiniões com golpes e sangue! daí a sua incapacidade para compreender o verdadeiro Homem, derivado do Altíssimo! Sim, digo-vos, e creia-me, o corpo aparente não é o real, ele muda de átomos a cada instante, ele se renova *completamente* a cada ciclo de seis ou sete meses, para falar estritamente, ele NÃO É. É apenas devir no Devir. É sua *forma*, sua idéia, sua unidade impalpável que *é*, e sobre a qual está sobreposta seu Aparecer. E uma das provas *físicas* disso é que as fisionomias se bestializam ou se iluminam com a aproximação da Morte, de uma forma impressionante para quem tem nas pupilas o que olhar!

⁶⁶⁷ *Caraíba*: caribes ou caraíbas, os nativos (extintos) das Pequenas Antilhas; não eram propriamente canibais, mas mordiam seus prisioneiros arracando-lhes pedaços de carne como forma de assimilar sua coragem.

— Mais, c'est l'*Ame*, tout bonnement, dont vous voulez parler, mon ami! interrompis-je; et alors... ce serait *Homo triplex*, qu'il faudrait dire!

Lenoir ne répondit que par un léger haussement d'épaules.

— Et moi, et moi-même, s'écria-t-il tout à coup, tenez! le croiriez-vous jamais? Je sens en moi des instincts dévorateurs! J'éprouve des accès de ténèbres, de passions furieuses!... des haines de Sauvage, de farouches soifs de sang inassouvies, *comme si j'étais hanté par un cannibale!*... Oui, c'est fou, mais c'est ainsi: et je connais bons nombre de docteurs aliénistes qui en pourraient avouer autant d'eux-mêmes, si leur gagne-pain ne les contraignait pas au calme, à la dissimulation et au silence. Et, lorsque je quitte le royaume de l'Esprit, je distingue très bien cette nature infernale, en moi!... C'est la *vraie!* Et toutes les spéculations métaphysiques me paraissent alors comme une filiation de miroitantes billevesées, incapables non-seulement de me racheter de cette horrible *forme* intellectuelle, — presque diabolique — mais de me donner un seul instant de stable espérance! C'est pourquoi je redoute ce vestiaire qu'on appelle la Mort. C'est pourquoi je ne suis pas tranquille, vous dis-je!... Non, je me connais trop pour l'être jamais!

Une heure sonna. Je me levai; j'étais un peu remis de mon attaque nerveuse; Lenoir ayant, cette fois, été par trop excessif, ayant dépassé en un mot, le but, à force de l'exagérer. Décidément je trouvais de plus en plus ineptes ses lubies superficielles.

— Nous reprendrons cet entretien, fis-je, en souriant.

— Oui, dit-il, préoccupé et toujours un peu sombre.

Et, tirant de sa poche une petite édition portative de la Bible, il termina sa péroraison en s'écriant:

— Nous nous occuperons aussi de ce livre-là! (Et il tapait sur la couverture comme sur une tabatière.)

Il l'ouvrit machinalement, au hasard, et tomba sur le chapitre des lois de Moïse consacré à l'adultère et à ses châtements.

Le passage une fois lu, il moucha son grand nez avec un bruit dont je me sentis alarmé. Il y eut un silence pendant lequel il m'examina comme pour juger de l'effet produit sur mon être par ce style.

— Mas é da alma, simplesmente, que quereis falar, meu amigo! Interrompi; e então... seria *Homo triplex*, que se deveria dizer!

Lenoir respondeu apenas por um leve encolher de ombros.

— E eu mesmo, exclamou de repente, vede! nunca acreditarias? Sinto em mim instintos devoradores! Experimento acessos de trevas, furiosas paixões!... ódios de Selvagem, intensas sedes de sangue insaciadas, *como se eu fosse assombrado por um canibal!*... Sim, isso é loucura, mas é assim: e conheço um bom número de médicos alienistas que poderiam confessar outro tanto sobre si mesmos, se seu ganha-pão não os coagisse à calma, ao silêncio e à dissimulação. E quando abandono o reino do Espírito, distingo muito bem em mim esta natureza infernal!... É a *verdade!* E todas as especulações metafísicas me parecem então como uma série de brilhantes bobagens, incapazes não somente de me redimir desta horrível *forma* intelectual — quase diabólica — como também de me dar um único instante de esperança estável! É por isso que receio o vestiário que se chama Morte. É por isso que não sou tranqüilo, eu vos digo!... Não, eu me conheço demasiado para ter estado alguma vez!

Souo uma hora. Levantei-me; eu estava um pouco recuperado do meu ataque de nervos; Lenoir desta vez foi demasiado excessivo, tendo ultrapassado, em suma, o seu objetivo por força de exagerá-lo. Decididamente eu achava mais e mais inepta as suas fantasias superficiais.

— Retomaremos essa conversa, disse eu, sorrindo.

— Sim, disse ele, preocupado e ainda um pouco sombrio.

E, tirando do bolso uma pequena edição portátil da Bíblia, terminou sua peroração, exclamando:

— Nós nos ocuparemos também deste livro! (E ele batia sobre a capa como se fosse uma tabaqueira).

Abriu-a maquinalmente, ao acaso, e caiu no capítulo das leis de Moisés consagrado ao adultério e a seus castigos.

A passagem uma vez lida, ele assoou seu grande nariz com um ruído tal que me senti alarmado. Houve um silêncio durante o qual ele me examinou como a julgar o efeito produzido em meu ser com esse estilo.

J'avais remarqué seulement qu'à ce mot «l'adultère» Mme Lenoir avait longuement et silencieusement tressailli dans son fauteuil. Mais ce ne fut là, sans doute, qu'un mouvement nerveux éveillé soit par le souvenir de quelque amourette de bal, soit par la fraîcheur du soir et de la mer. Les verts fourrés de Paphos auront toujours leurs mystères, et le petit dieu malin sait bien ce qu'il fait: du moins, telle fut mon opinion.

Quant au lieutenant, quant à sir Henry Clifton, l'idée ne m'en vint même pas!

Lenoir ferma brusquement la Bible et ajouta très bas, comme à lui-même:

— En effet, comment pardonner à l'adultère? O rage! cette idée-là m'affole, je le confesse! — Oui, je sens que j'assouvirais ma vengeance — et que la perte des paradis ne l'arrêterait pas, — même dans les régions de la Mort, — si...

Et son regard tourné vers sa femme alla se briser sur les lunettes vertes et sur le visage terne.

Claire se leva, prit un bougeoir allumé:

— Tu, n'y penses pas, dit-elle: notre ami a besoin de repos.

Et elle me tendit le bougeoir en souriant.

Une minute après, je m'endormais en riant à chaudes larmes, dans mes draps, de ce couple fantastique.

Notei apenas que ante a palavra “adulterio” a Sra. Lenoir havia estremecido lenta e silenciosamente na sua poltrona. Mas foi, sem dúvida, apenas um movimento nervoso despertado pela lembrança de algum namorico de baile, ou pelo frescor da noite e do mar. As verdes coberturas de Pafos⁶⁶⁸ terão sempre os seus mistérios, e o pequeno deus maligno sabe bem o que faz: pelo menos, essa foi minha opinião.

Quanto ao tenente, quanto a sir Henry Clifton, a idéia nem mesmo me ocorreu!

Lenoir fechou bruscamente a Bíblia e acrescentou bem baixinho, como para si mesmo:

— Pois, como perdoar o adulterio? Ó raiva! esta idéia me enlouquece, confesso! — Sim, sinto que saciaria minha vingança — e que a perda do paraíso não me deteria — mesmo nas regiões da Morte — se...

E o seu olhar, voltado na direção de sua esposa, foi quebrar-se sobre os óculos verdes⁶⁶⁹ e o rosto entristecido.

Claire se levantou, pegou um castiçal aceso:

— Tu não percebes, disse ela: nosso amigo necessita de repouso.

E ela me estendeu o castiçal, sorrindo.

Um minuto depois eu adormecia rindo até as lágrimas, entre meus lençóis, deste casal fantástico.

⁶⁶⁸ *Pafos*: referência à cidade de Pafos, Chipre.

⁶⁶⁹ *verdes*: a cor do azur (lâpis-lazúli) tem tonalidades que, dependendo da perspectiva, se aproxima do verde.

CHAPITRE XV
**LE HASARD PERMET A MON AMI DE VÉRIFIER
INCONTINENT SES THÉORIES HUMILIANTES**

La Mort est femme, — mariée au
genre humain, et fidèle. — Où est
l'homme qu'elle a trompé?
HONORE DE BALZAC.

Je passe rapidement sur l'existence charmante et retirée que nous menâmes tous trois pendant une dizaine de jours, après lesquels mon pauvre ami, couché sans vie dans sa chambre et le drap mortuaire ramené sur le visage, reposait entre deux cierges.

Il avait été emporté brusquement, hélas! par une attaque d'apoplexie foudroyante, causée par l'abus, vraiment immodéré, du tabac à priser. Je l'avais, maintes fois, averti des inconvénients de cette herbe terrible — et des dangers qu'il bravait, pour ainsi dire, en se jouant. J'avais échoué.

Dédaigneux des remontrances de sa tendre femme qui s'était jetée plus d'une fois à ses pieds, le conjurant, au nom des sentiments les plus sacrés, de renoncer à son immonde passion, il ne diminuait même pas les doses de poudre qu'il introduisait et agglomérait, à chaque instant dans ses fosses nasales, à la longue saturées de nicotine. Le poison ne tardait pas à pénétrer de là dans tout l'organisme, à le perturber jusqu'au délire, — et quelquefois (disons-le tout bas), jusqu'à la folie furieuse.

Dès les premiers jours, ayant remarqué sa manie, je résolus de le guérir! de le sauver!

Et, pour diversifier et amuser en lui le démon de l'habitude, j'avais essayé de substituer dans sa boîte d'or, du nitrate d'argent, du sucre de réglisse, du chloroborate de «mercure», du charbon de terre, du phosphore de calcium, de la raclure de vieux souliers, de la soude caustique, de la poudre à canon et mille autres drogues inoffensives. Bref, j'eus, vraiment, pour lui les sollicitudes d'une mère. — Inutiles efforts; il prisait tout d'un nez indifférent, aux cartilages blindés. — Néanmoins, je ne me tins pas pour battu. Décidé à le guérir par mon système d'homéopathie, — le seul sérieux pour qui n'a pas le bon sens oblitéré, — je m'enfermai dans le laboratoire de chimie.

CAPÍTULO XV
**O ACASO PERMITE AO MEU AMIGO VERIFICAR
INCONTINENTI SUAS TEORIAS HUMILHANTES**

A Morte é mulher — casada e fiel
ao gênero humano. — Onde está
o homem que ela enganou?
HONORÉ DE BALZAC.

Eu passo rapidamente sobre a existência retirada e encantadora que levamos os três durante uma dezena de dias, após os quais meu pobre amigo, deitado sem vida em seu quarto, com o lençol mortuário estendido sobre o rosto, repousava entre duas velas.

Ele foi bruscamente arrebatado, infelizmente! por um ataque fulminante de apoplexia, causado pelo abuso, realmente imoderado, do rapé. Eu o advertira muitas vezes dos inconvenientes desta erva terrível — e dos perigos que enfrentava, por assim dizer, brincando com isso. Fracassei.

Desdenhoso das reprovações de sua terna esposa que tinha se lançado mais de uma vez aos seus pés suplicando-lhe, em nome dos sentimentos mais sagrados, renunciar à sua imunda paixão, nem sequer diminuiu a dose de pó que introduzia e aglomerava, a cada instante em suas fossas nasais, com o tempo saturadas de nicotina. O veneno não tardou a penetrar dali para todo o organismo, a perturbá-lo até o delírio — e às vezes (falamos baixinho) até a furiosa loucura.

Tendo notado sua mania desde o princípio, decidi-me a curá-lo! a salvá-lo!

E, para diversificar e entreter nele o demônio do hábito tratei de substituir o pó na sua caixa de ouro por nitrato de prata, açúcar de alcaçuz, cloroborato de “mercúrio”, carvão de pedra, fósforo de cálcio, raspa de sapatos velhos, soda cáustica, pólvora e mil outras drogas inofensivas. Em suma, tive para com ele realmente as solitudes de uma mãe. — Esforços inúteis; aspirou tudo com um nariz indiferente, de cartilagens blindadas. — No entanto, não me dei por vencido. Decidido a curá-lo pelo meu sistema de homeopatia — a única seriedade para quem não tem o bom senso obliterado — tranquei-me no laboratório de química.

Ce que l'ingéniosité humaine peut inventer en fait de fougueux sternutatoires et de révulsifs terribles, j'ai su le glisser en sa tabatière. Il fallait qu'il succombât ou qu'il guérît. J'étais décidé à recourir fût-ce aux explosifs pour en finir avec son mal. Il n'est pas, je me plais à l'espérer, d'ingrédients dus à toutes les branches du savoir, dont je ne lui aie fort habilement bourré les cavernes. J'ai fait chauffer, au péril de ma vie, les creusets où se pulvérisaient, après concoction, les sucres des plantes les plus délétères, si utiles en médecine quand leur dosage est pondéré. Il me semblait voir dans tout cela le doigt de Dieu. J'avais négligé momentanément mes chers infusoires; l'amitié seule était mon guide, — et souvent, de nuit, quand réveillé en sursaut par quelque cauchemar, j'apercevais mes carreaux empourprés par les reflets du laboratoire où bouillonnaient, nuit et jour, les alambics, les matras à tubulures et les cornues, je me délectais, avec attendrissement, à la pensée que tout ce qui se faisait là, sous la garde des bons génies de la vraie Science, serait situé le lendemain dans l'appareil olfactif de mon déplorable ami.

Au moment où mes soins et mon traitement allaient être couronnés d'une récompense inespérée — (car je crois me rappeler qu'il commençait à regarder, par moments, sa tabatière avec une indéfinissable expression), — un certain samedi soir, — environ dix jours après mon arrivée dans la maison, — après un dîner des plus enjoués, — il pâlit au dessert, tout à coup! ses yeux se fermèrent, il remua les lèvres, — il était mort.

J'eus la présence d'esprit, au milieu du saisissement général de Claire et des domestiques, de pencher mon oreille vers sa bouche pour entendre ce qu'il avait l'air de dire à voix basse, et je distinguai fort nettement la phrase bizarre que j'ai citée plus haut.

— En effet, murmurait le pauvre Lenoir, — comment pardonner à l'adultère?... Je sens — *à présent*, — à présent que je vais sans doute incorporer le sentiment que j'ai toujours eu de moi-même, — oui, je sens que, du fond des ténèbres-extérieures, j'assouvirais ma vengeance — si...

O que a engenhosidade humana pode inventar a respeito de fogosos estornutatórios⁶⁷⁰ e revulsivos terríveis, eu soube deslizar na sua tabaqueira. Haveria de sucumbir ou de curar-se. Eu estava decidido a recorrer até mesmo aos explosivos para acabar com seu mal. Não há, me comprazo em crer, ingredientes provindos de todos os ramos do saber que eu não tenha mui habilmente lhe recheado as cavidades. Eu aquecia, arriscando minha vida, os cadinhos onde se pulverizava, após cocção, os sucos das plantas mais deletérias, tão úteis em medicina quando sua dosagem é ponderada. Parecia-me ver em tudo isso o dedo de Deus. Eu negligenciava momentaneamente meus queridos infusórios; a amizade unicamente era meu guia — e freqüentemente, à noite, quando despertando em sobressalto por algum pesadelo, percebia minhas vidraças empurpuradas pelos reflexos do laboratório onde ferviam, dia e noite, os alambiques, os matrizes de tubos e as retortas, deleitava-me com enternecimento, pensando que tudo o que ali se fazia sob a guarda dos bons gênios da verdadeira Ciência, estaria pela manhã situado no aparelho olfativo do meu deplorável amigo.

No momento em que meus cuidados e meu tratamento iam ser coroados com uma inesperada recompensa — (pois creio me lembrar que ele começava por momentos a olhar a sua tabaqueira com uma expressão indefinível) — certo sábado à noite — cerca de dez dias depois da minha chegada na casa — depois de um jantar dos mais joviais — de repente, ele empalideceu durante a sobremesa! seus olhos se fecharam, remexeu os lábios — estava morto.

Tive presença de espírito, em meio à surpresa geral de Claire e dos criados, para inclinar o ouvido em direção à sua boca e escutar o que ele parecia querer dizer em voz baixa, e distingui muito claramente a frase bizarra que citei acima.

— Pois, murmurava o pobre Lenoir — como perdoar o adultério?... Sinto — *neste momento* — neste momento em que vou sem dúvida incorporar o sentimento que eu sempre tive de mim mesmo — sim, eu sinto que, do fundo das trevas-exteriores, saciaria minha vingança — se...

⁶⁷⁰ *estornutatórios*: que provocam espirros.

Ce furent ses dernières paroles. On se fait une idée dans quel deuil, dans quelle consternation nous fûmes abîmés! Où trouver des expressions? J'y renonce. — Et d'ailleurs, siérait-il d'introduire le public dans la douleur d'un particulier?

Essas foram suas últimas palavras. Faz-se idéia em que luto, em que consternação ficamos mergulhados! Onde encontrar expressões? Renuncio a isso. — E aliás, por que introduzir o público na dor de um particular?

CHAPITRE XVI
CE QUI S'APPELLE UNE CHAUDE ALARME

Le cri du réprouvé ne traduit que cette pensée:
«Si j'avais su! — Et je le savais!»
COMMENTAIRES SUR LA THEOLOGIE.

Ho! ho, moi aussi je sais être «poète», quand les circonstances l'exigent, lorsqu'en un mot cela cadre avec la solennité d'un événement. Le lyrisme, quand il a sa raison d'être, n'est point chose inutile: que n'absoudrait-il pas? Je pourrais en vivre, au besoin, comme presque tout le monde le fait, aujourd'hui, si je daignais m'abaisser jusqu'à confier mes idées à l'imprimerie.

Oui, je saurais passer, moi aussi, pour «poète», — si j'étais dans l'âge où cette plume au chapeau procure des bonnes fortunes. Vraiment, je sais bon nombre de plumitifs qui, — si ce métier ne rapportait ni argent ni femmes, — cesseraient, sur-le-champ, d'exploiter, par leurs singeries, l'imbécillité des particuliers et redeviendraient tout juste aussi Gros-Jean que moi, — ce qui, d'ailleurs, serait... ce qu'ils auraient de mieux à faire, le cas échéant.

Or, l'incident Lenoir était, on en conviendra, de nature à m'inspirer sinon des prosopopées, du moins de très «poétiques» solennités d'idées et de phrases.

La chambre du défunt, située au troisième étage, était haute. Sur le visage du mort, étendu, couleur de cire et glacé, quelques gouttes d'eau bénite, où tombait la lueur des cierges, reluisaient, diamants funèbres.

Mme Lenoir était à genoux, contre le lit, la tête sur le drap, les mains jointes au-dessus de son front; moi j'étais agenouillé aussi, mais plus loin; dans le coin obscur au fond de la chambre, derrière une commode, assis sur mes talons, les mains jointes, la tête baissée, regardant toujours fixement un point rouge dans le tapis. — Nous étions seuls. Le prêtre et le médecin s'étaient retirés depuis une heure, devisant à voix basse. La porte s'était refermée.

Un grand crucifix d'ivoire, entre les rideaux, semblait pacifier les ténèbres.

CAPÍTULO XVI
ISSO QUE SE CHAMA UM ARDENTE ALARME

O grito do réprobo traduz apenas este pensamento:
“Se o soubesse! — E o sabia!”
COMENTÁRIOS SOBRE A TEOLOGIA.

Oh! oh, eu também sei ser “poeta” quando as circunstâncias o exigem, quando, em uma palavra, isso se encaixa com a solenidade de um acontecimento. O lirismo, quando tem a sua razão de ser, não é absolutamente uma coisa inútil: quem não o absolveria? Eu poderia viver disso, se necessário, como quase todo mundo faz atualmente, se me dignasse a rebaixar-me até confiar minhas idéias à imprensa.

Sim, eu poderia passar, eu também, por “poeta” — se estivesse na idade em que a pena no chapéu proporciona boa sorte. Realmente, sei de um bom número de plumitivos que — se este ofício não trouxesse nem dinheiro nem mulheres — cessariam imediatamente de explorar, com suas macaquices, a imbecilidade dos particulares e se tornariam tão João-Ninguém quanto eu — o que seria, aliás,... a ocasião se apresentando, o melhor que eles poderiam fazer.

Ora, o incidente Lenoir era, convenhamos, de natureza a me inspirar senão prosopopéias, pelo menos muitas solenidades “poéticas” de idéias e frases.

O quarto do defunto era alto, situado no terceiro andar. Sobre o rosto do morto, extenso, cor de cera e frio, algumas gotas de água benta, onde caía a luz das velas, reluziam como diamantes fúnebres.

A Sra. Lenoir estava de joelhos contra a cama, a cabeça sobre o lençol, com as mãos juntas por cima da frente; eu estava ajoelhado também, mas mais longe; no canto escuro no fundo do quarto, atrás de uma cômoda, sentado sobre os calcanhares, as mãos juntas, a cabeça baixa, olhando fixamente um ponto vermelho no tapete. — Estávamos sós. O padre e o médico haviam se retirado uma hora antes, falando em voz baixa. A porta estava fechada.

Um grande crucifixo de marfim, entre as cortinas, parecia pacificar as trevas.

J'accusais, avec rage, l'impitoyable nature qui me privait de mon ami et j'aurais presque douté de la Science, si je n'eusse fait la part de mon désespoir.

— Tout à coup, je ne sais ce qui se passa; mais, pour dire l'exacte vérité, j'éprouvai une chose dont l'analyse ou même l'énonciation distincte — me semblent situées au delà des termes dont peut disposer une syntaxe humaine. Une commotion de froid dans les yeux, dans le coeur et sur les tempes, simplement.

A ce moment-là, comme j'allais me demander ce que j'avais, la jeune veuve se releva brusquement, les cheveux hérissés, la flamme des cierges dans les verres de ses lunettes, les bras dressés! Terrifiante, elle poussa, dans le profond silence, un cri tellement imprégné et saturé d'une horreur folle, que je me sentis envahir, des pieds à la tête, par l'effroi, — l'effroi sans autre qualification.

La Peur m'inonda, pour ainsi dire, à l'improviste. Je fus glacé. Elle paralysa, pendant un moment appréciable, le jeu de mes facultés. — Je me bornai à ouvrir et à fermer les yeux alternativement! — Enfin, je pris sur moi de la regarder à la dérobée.

Son attitude n'était point faite pour rassurer un pauvre vieillard! Elle me désola! Le résultat de cette contemplation fut le tremblement, l'évanouissement instantané de mon sens moral, en une seconde! Et je me mis, sans bouger autrement, toujours à genoux dans le coin obscur, à pousser de grands, lents et prolongés hurlements, chromatiques, et dont le volume augmentait en proportion qu'ils descendaient vers les notes graves de mon registre de basse profonde. Au troisième hurlement, je sentis ma propre frayeur friser le délire, et je déchargeai mon âme par un petit rire à peine distinct, qui eut pour effet immédiat de combler la terreur de la jeune femme à ce point qu'elle courut vers la porte, prise d'une panique, et enfila les escaliers où, sans tarder, je la suivis quatre à quatre, — sans perdre, comme on dit, le temps en oiseux commentaires.

Eu acusava, com raiva, a impiedosa natureza que me privava de meu amigo e teria quase duvidado da Ciência, se eu não conhecesse meu desespero.

— De repente, eu não sei o que se passou, mas para dizer a exata verdade, senti algo cuja análise ou mesmo a clara enunciação — me parecem situadas para além dos termos de que pode dispor uma sintaxe humana. Simplesmente uma comoção de frio nos olhos, no coração e sobre as têmporas.

Neste momento, quando estava a me perguntar o que me acontecia, a jovem viúva levantou-se bruscamente, os cabelos eriçados, a chama das velas nas lentes dos óculos, os braços erguidos! Terrificante, ela soltou no silêncio profundo um grito tão impregnado e saturado com um horror louco, que eu me senti invadido dos pés à cabeça pelo pavor — o pavor sem outra qualificação.

O Medo me invadiu, por assim dizer, de forma inesperada. Fiquei gelado. Paralisou-me por um tempo considerável o funcionamento das minhas faculdades. — Limitei-me simplesmente a abrir e fechar os olhos alternadamente! — Por fim, obriguei-me a olhá-la furtivamente.

Sua atitude não era absolutamente a de tranqüilizar um pobre velho! Ela me angustiou! O resultado dessa contemplação foi o estremecimento, o desvanecimento instantâneo do meu senso moral, em um segundo! E eu me pus, sem outro movimento e ainda de joelhos no canto escuro, a saltar grandes, lentos e prolongados berros cromáticos, e cujo volume aumentava na proporção em que descia para as notas graves de meu registro de baixo profundo. No terceiro berro senti meu próprio pavor roçar o delírio e descarreguei minha alma com um risinho quase inaudível, que teve como efeito imediato transbordar o terror da jovem a ponto que ela correu para a porta tomada de pânico e enfiou-se pelas escadas, por onde, sem tardar, eu a segui pisando de quatro em quatro os degraus — como se diz, sem perder tempo em ociosos comentários.

Nous mêmes deux secondes à franchir paliers et rampes, jusqu'à la porte du jardin. Dans notre précipitation simultanée à vouloir ouvrir cette exécration porte, nous neutralisions mutuellement nos efforts; je poussai alors, dans ma détresse, un grognement étouffé, dont le bruit me fit tomber en syncope entre les bras de la pauvre femme; ses genoux s'entrechoquèrent et nous roulâmes à demi-morts sur le parquet.

Puis ce furent des cris et des flambeaux, des pas lourds et hâtés. Les domestiques, effarés, accouraient; Mme Lenoir répondit à voix basse à une question du vieux valet. On nous porta chacun dans notre chambre. — Une heure après, sentant que je ressaisissais la possession de moi-même, je sautai à bas, je fourrai tout ce que j'avais, pêle-mêle, dans ma valise, et je me mis à fuir par le jardin, escorté silencieusement et jusqu'à la porte, par le basset. Je courus, d'une haleine, au bureau des diligences, je m'installai dans la première rotonde venue, et j'éprouvai un grand plaisir, — au premier ébranlement des roues et au bruit des postillons qui soulevaient l'attelage à coups de fouet. — Je sentais que je m'éloignais de la maison Lenoir!... en laquelle je me promettais, *in petto*, de ne jamais remettre les pieds, même pour sauver mes derniers jours.

Ah! ah! je repris le cours de mes grandes découvertes. — Je vis du pays! — Je puis même dire que j'ai fait faire à la Science des pas de géant!

— Mais l'important est d'achever cette histoire. Ce que j'ai à dire est une chose si terrible, que j'ai été prolige à dessein. — Je n'osais pas! — Je reculais le moment fatal!... Mais — j'ai bu, ce soir, des vins capiteux qui m'ont excité la cervelle... et je parlerai.

Levamos dois segundos para atravessar patamares e escadas até a porta do jardim. Em nossa precipitação simultânea de querer abrir esta execrável porta nos neutralizamos mutuamente nos esforços; soltei então, no meu desespero, um grunhido abafado cujo ruído me fez cair em síncope nos braços da pobre mulher; os seus joelhos se chocaram e nós rolamos meio mortos sobre o assoalho.

Em seguida, houve gritos e luzes, passos pesados e apressados. Os criados, perturbados, acudiam; a Sra. Lenoir respondeu em voz baixa a uma pergunta do velho criado. Conduziram-nos cada um ao seu quarto. — Uma hora depois, sentindo que recuperava a posse de mim mesmo, pulei fora, enfiei tudo o que tinha, desordenadamente, na minha valise, e me pus a fugir pelo jardim, escoltado silenciosamente e até a porta pelo bassê. Corri de um só fôlego ao escritório das diligências, instalei-me na primeira rotunda⁶⁷¹ que chegou e experimentei um grande prazer — na primeira trepidação das rodas e no ruído dos cocheiros que animavam a parelha a golpes de chicote. — Sentia que me afastava da casa dos Lenoir!... na qual eu prometia a mim mesmo, *in petto*, nunca mais pôr os pés, mesmo que fosse para salvar meus últimos dias.

Ah! ah! retomei o curso de minhas grandes descobertas. — Vi mundos! — Posso mesmo dizer que fiz a Ciência dar passos de gigante!

— Mas o importante é terminar esta história. O que tenho a dizer é algo tão terrível, que tenho sido propositadamente prolixo. — Eu não ousava! — Adiava o momento fatal!... Mas — esta noite bebiinhos capitosos que me excitaram o cérebro... e falarei.

⁶⁷¹ *rotunda*: a parte traseira, ao ar livre, de uma carruagem.

CHAPITRE XVII L'OTTYSOR

Il y a plus de choses au Ciel et sur la
Terre, Horatio, que n'en peut rêver
toute votre philosophie.
SHAKESPEARE, *Hamlet*.

Une année après, je me trouvai dans le midi de la France. J'avais exploré la chaîne des Alpes; je m'arrêtai à Digne. — Selon mes habitudes d'isolement, je fus me loger dans une hôtellerie de faubourg. Mes journées, je les passais dans les campagnes, muni de mes instruments.

Un soir que, harassé par mes recherches, je rentrai fort tard, j'enjoignis au garçon de m'apporter dans ma chambre une tranche de poisson, quelques poires et deux litres de café pour ma nuit.

Le garçon était d'un extérieur solennel.

— Monsieur ignore que c'est fête publique?... A l'exception d'une vieille dame malade et couchée, il n'y a pas un chat dans la maison. Personne aux cuisines! Tout le monde est parti pour aller voir le feu d'artifice. — Monsieur trouvera des restaurants s'il veut suivre cette rue qui mène à la grande cité; — il est venu aussi cette lettre pour monsieur.

Je pris tout doucement la volumineuse lettre, et je lus, à la clarté de la chandelle qu'il élevait près de mon front.

La lettre venait d'Angleterre. Un de mes correspondants de Londres, homme très original comme le sont un peu tous les Anglais, m'annonçait le gain d'un procès capital pour sa maison — ce dont il espérait — disait-il assez plaisamment — que je me réjouirais avec lui. Le post-scriptum ajoutait que — «à propos» un jeune Anglais de mes amis, officier de marine, venait de périr d'une mort des plus tragiques, au cours d'une mission dans l'extrême Océanie. Le steamer d'exploration qu'il montait se trouvant engagé dans le 14^e latitude sud, et le 134^e de longitude, à hauteur des Marquises, en avant du groupe sinistre

CAPÍTULO XVII
O OTTYSOR

Existem mais coisas no Céu e na
Terra, Horácio, do que pode sonhar
toda a vossa filosofia.
SHAKESPEARE, *Hamlet*.

Um ano depois, eu me encontrava no sul da França. Havia explorado a cadeia dos Alpes, e parei em Digne⁶⁷². — Seguindo meus hábitos de isolamento, alojara-me em uma hospedaria de subúrbio. Passava meus dias nos campos, munido de meus instrumentos.

Uma noite em que, esgotado pelas minhas pesquisas, voltei muito tarde, ordenei ao atendente para me trazer no quarto uma posta de peixe, algumas pêras e dois litros de café para passar a madrugada.

O atendente estava com uma aparência solene.

— O senhor ignora que é feriado?... Com exceção de uma senhora idosa doente e acamada, não há um gato na casa. Ninguém na cozinha! Todo mundo saiu para ver os fogos de artifício. — O senhor encontrará restaurantes se quiser seguir aquela rua que leva para o centro da cidade; — também veio esta carta para o senhor.

Peguei muito delicadamente a volumosa carta e li à luz da vela que ele ergueu perto de minha frente.

A carta vinha da Inglaterra. Um de meus correspondentes de Londres, homem muito original como são um pouco todos os ingleses, anunciava-me o ganho de um processo fundamental para sua casa — na qual esperava — dizia ele muito espirituosamente — que eu me regozijaria com ele. O *post-scriptum* acrescentava que — “a propósito” um jovem amigo meu inglês, oficial da marinha, acabava de perecer de uma morte das mais trágicas durante uma missão na extrema Oceania. O vapor de exploração em que ele embarcara, ao encontrar-se a 14° de latitude sul e a 134° de longitude, à altura das Marquesas, diante do sinistro

⁶⁷² Digne: (hoje *Digne-les-Bains*) pequena cidade ao sul da França.

des Pomotou, l'on avait mis à la mer une embarcation, commandée par cet officier, pour reconnaître les atterrages — de l'un de ces vastes îlots, d'aspect désert, sortes de volcaniques blocs de lave qui jaillissent, noirs, à de prodigieuses altitudes, — et balancent, dans l'orageux ciel du grand océan équinoxial, d'énormes forêts d'un vert intense.

«En ces parages, les plus reculés, pour ainsi dire, de notre globe, nul commerce possible n'ayant paru aux nations civilisées mériter que l'on risquât des bâtiments au milieu des innombrables récifs qui en hérissent les abords, ces îlots, perdus en des étendues de flots démesurées, demeurent tout à fait inconnus: cet archipel en compte plus de sept cents, dont quelques-uns seulement sont madréporiques.

«Les effroyables tempêtes, les enlissements d'un certain sable basaltique pareil à de la poussière d'antracite, les tombées, parfois soudaines, de brumes stagnantes, rendent ces régions funestes aux navigateurs, qui ont surnommé ces eaux la Mer-dangereuse: et tant de bâtiments de tous pavillons s'y sont perdus que l'on a silencieusement renoncé à s'y égarer. Seule, une secte de pirates polynésiens, les Ottysors, guetteurs de naufrages, s'y réfugient par les mauvaises nuits et, les uns tapis dans les cavernes, les autres errants à travers les roches, attendent des proies.

«Or, au moment de l'événement, le petit détachement d'éclaireurs, sous les ombres du soir, longeait, sur la falaise de l'îlot, les périlleux sables et regagnait le bord. Le jeune officier, qui s'était peut-être avancé d'une cinquantaine de pas en avant de l'escorte, fut si brusquement assailli, au détour d'un roc, par un grand insulaire noir, (— sans doute l'un de ces Ottysors-pirates) — que celui-ci lui avait déjà tranché la tête et, s'inondant de sang, la balançait à bout de bras avec des gestes affreux, avant qu'un mouvement quelconque de défense, avant qu'un coup de feu, qu'un cri même eussent eu le temps de s'effectuer. Comme l'escouade se

grupo de Pomotou⁶⁷³, havia lançado ao mar uma embarcação, comandada por este oficial, para reconhecer os atracadouros — de uma dessas vastas ilhotas de aspecto deserto, espécie de vulcânicos blocos de lava negra que brotam a prodigiosas altitudes — e agitam, no tempestuoso céu do grande oceano equinocial, enormes florestas de um verde intenso.

“Nestas paragens as mais distantes, por assim dizer, de nosso globo, nenhum comércio tendo parecido possível às nações civilizadas para merecer que se arriscassem navios entre os inumeráveis recifes que se eriçam nos arredores, as ilhotas, perdidas nas extensões de desmesuradas ondas, permanecem completamente desconhecidas: este arquipélago conta com mais de setecentas delas, das quais apenas algumas são madreporas⁶⁷⁴”.

“As horríveis tempestades, as movediças areias basálticas semelhantes à poeira de antracite, a queda, às vezes súbita, de névoas estagnadas, tornam estas regiões tão funestas aos navegantes que se apelidou suas águas de Mar-perigoso: e tantos navios de várias bandeiras aí se perderam que silenciosamente se renunciou a aventurar-se por ali. Apenas um bando de piratas polinésios, os Ottysors, espreitadores de naufrágios, refugiam-se aí nas noites ruins e, alguns enfiados em cavernas outros errando em torno das rochas, esperam as presas.

“Ora, na ocasião, o pequeno destacamento de batedores, sob as sombras do entardecer, costeava pela falésia da ilhota as perigosas areias e ganhava a margem. O jovem oficial que tinha avançado, talvez, uns cinqüenta passos à frente da escolta, foi atacado tão bruscamente na curva de um rochedo por um grande insular negro (— sem dúvida um desses Ottysors-piratas) — que este já lhe tinha cortado a cabeça e, encharcado de sangue, balançava-a na extremidade do seu braço com gestos horríveis antes mesmo que um movimento qualquer de defesa, um tiro, um grito sequer tivesse tempo de se realizar. Como a esquadra se

⁶⁷³ *Marquesas: (Ilhas Marquesas) e Pomotou: arquipélagos na Polinésia francesa.*

⁶⁷⁴ *madreporas: colônia de madreporários; subordem de antozoários zoantários, que formam colônias de natureza calcária.*

précipitait pour le massacrer, on le vit s'aventurer, à pas lents, sur les sables mortels, où lui fut envoyé un feu de salve continu, qui éclaira le crépuscule, pendant que le *fantastique* indigène, se vouant lui-même à la mort, s'enlisait peu à peu, devant l'équipage interdit, sous les dunes de ces plages fatales et, disparaissait, dans l'étouffement, en agitant par les cheveux, en son poing levé tout droit, la tête sanglante qu'il avait l'air de montrer victorieusement aux étoiles. Le malheureux ami n'était autre qu'un lieutenant de vaisseau nommé sir Henry Clifton, avec lequel, disait mon correspondant, je devais avoir fait route de Jersey à Saint-Malo.»

Je m'abstins, sur le moment, de toute réflexion relative à sir Henry Clifton au reçu de cette fâcheuse nouvelle. J'avais entendu parler de ces très rares Ottysors couleur de jais, ou *guetteurs de naufrages*. Les marins de Norwège et de Hollande nomment aussi ces nègres les Démon des enlisements. Ces féroces cannibales sont enveloppés d'un mystère non pénétré encore. La nuit, parfois, on entend, au loin, sur les écueils, leur grand cri, sombre hurlement de guerre. Ce sont de véritables *ombres*. Aucun d'eux n'a été fait prisonnier, et, malgré les décharges, on ne les voit ni tomber ni fuir. «On ne sait ce qu'ils font de leurs morts, *s'ils meurent*,» dit assez étrangement le géographe danois Bjorn Zachnussëm.

Je résolus de bannir de ma mémoire cette aventure qui me parut de nature à pouvoir troubler mon sommeil.

— Ne m'avez-vous point parlé d'une vieille dame malade? dis-je au garçon en mettant la lettre dans ma poche; a-t-elle soupé?

Le garçon, qui cherchait à épier sur mes traits l'effet de la lettre, fut quelque temps sans répondre.

— Non, dit-il enfin, son souper est là.

— Bien, répliquai-je; puisqu'elle est malade, je mangerai son souper; cela lui fera du bien.

Et je me mis à rire de ce bon mot dans le sonore escalier.

Je n'étais certes pas arrivé aux deux tiers de la durée habituelle et régulière de mon rire, lorsque mon nom, prononcé d'une voix agonisante, me parvint à travers la porte la plus voisine sur le palier où je me trouvais.

precipitara para massacrá-lo, viram-no aventurar-se a passos lentos sobre as areias mortais, onde lhe foi enviado uma saraivada contínua de tiros que iluminou o crepúsculo, enquanto o *fantástico* indígena consagrava-se a si mesmo à morte, atolando-se pouco a pouco nas dunas daquelas praias fatais e desaparecia asfíxiado, diante da tripulação interdita, agitando pelos cabelos a cabeça sangrenta que, bem erguida em seu punho, ele parecia querer mostrar vitoriosamente às estrelas. O infeliz amigo não era outro senão o tenente de navio chamado sir Henry Clifton, com quem, dizia meu correspondente, eu devia ter feito a rota de Jersey a Saint-Malo.”

Abstive-me no momento de qualquer reflexão relativa a sir Henry Clifton ao receber esta desagradável notícia. Eu tinha ouvido falar desses singulares *Ottysors* cor de azeviche, ou *espreitadores de naufrágios*. Os marinheiros da Noruega e da Holanda chamam também esses negros de Demônios das areias movediças. Esses ferozes canibais estão envoltos em um mistério que ainda não se penetrou. À noite, às vezes, ouve-se ao longe, sobre os recifes, seu grito alto, sombrio urro de guerra. São verdadeiras *sombras*. Nenhum deles foi feito prisioneiro e, apesar dos tiros, não se lhes vê cair nem fugir. “Não se sabe o que fazem com seus mortos, *se é que morrem*”, disse mui estranhamente o geógrafo dinamarquês Bjorn Zachnussëm⁶⁷⁵.

Resolvi banir da memória esta aventura cuja natureza me pareceu poder perturbar o meu sono.

— Não me haveis falado de uma velha senhora doente? disse eu ao atendente, colocando a carta no bolso; ela juntou?

O atendente, que procurava espreitar no meu aspecto o efeito da carta, ficou durante algum tempo sem responder.

— Não, disse finalmente, seu jantar está ali.

— Então, respondi, já que está doente, eu comerei seu jantar; isso lhe fará bem.

E me pus a rir desse gracejo pela sonora escada.

Eu certamente não tinha chegado a dois terços da duração habitual e regular do meu riso, quando meu nome, pronunciado por uma voz agonizante, alcançou-me através da porta mais próxima no patamar onde me encontrava.

⁶⁷⁵ Bjorn Zachnussëm: geógrafo fictício.

Je me sentis mal à l'aise et je m'arrêtai court.

— Qu'est-ce que cela? dis-je au valet.

— Ça? dit-il, c'est la vieille dame... Il faut croire qu'elle vous connaît.

— Quel est le nom de cette dame?

— Mme Lenoir.

— Mme Lenoir!... dis-je très bas après un silence. — Quoi! la charmante et incomparable Mme Lenoir, la veuve de mon pauvre ami?... — Toutefois, comment pourrait-elle se trouver ici? me demandai-je à moi-même.

Le garçon mit sa langue contre ses dents et fit entendre un susurrement d'indifférence.

— Je ne sais, dit-il élégamment.

Le plus gracieux de mes sourires accueillit cette tournure de phrase, et il fut accompagné, vraiment malgré moi, d'un fort coup de pied à la chute des reins de ce jeune Mercure. Le bougeoir tomba, — et, comme le garçon, saisi d'une épouvante que je cherche encore en vain à m'expliquer, entreprenait de renouveler à lui seul, dans les escaliers, la course d'Hippomène et d'Atalante, je relevai le bougeoir et je frappai discrètement trois coups, avec l'os de mon saturne, contre la porte inquiétante; je tenais de l'autre main le bougeoir et mon sac de promenade.

— Entrez donc! me dit une voix vaguement connue.

Je levai le loquet et une forte odeur de peinture fut la première sensation dont je me sentis douloureusement affecté. Les murailles, récemment récrépiées, étaient d'un blanc argenté, absolument uni et huileux. Elles éveillèrent dans mon esprit, instantanément, l'idée de ces plaques de métal dont se servent dans les ateliers les dignes émules de Daguerre pour augmenter les reflets

Senti-me desconfortável e me detive no ato.

— O que é isso? disse ao criado.

— Isso? disse ele, é a velha senhora... É de crer que vos conhece.

— Qual é o nome dessa senhora?

— Sra. Lenoir.

— Sra. Lenoir!... disse eu baixinho após um silêncio. — O quê! a encantadora e incomparável Sra. Lenoir, a viúva do meu pobre amigo?... — Entretanto, como poderia encontrar-se aqui? perguntava-me a mim mesmo.

O atendente colocou sua língua contra os dentes e deixou ouvir um sussurro de indiferença.

— Não sei⁶⁷⁶, disse ele elegantemente.

O mais gracioso dos meus sorrisos acolheu esta expressão gramatical e foi acompanhado, realmente a meu pesar, com um forte pontapé nos rins deste jovem Mercúrio⁶⁷⁷. O castiçal caiu — e como o atendente, tomado de um espanto que eu ainda procuro em vão explicar, começava a refazer sozinho, pelas escadas, a corrida de Hipomene e de Atalanta⁶⁷⁸, ergui o castiçal e bati discretamente três golpes, com o osso do meu saturno, contra a inquietante porta; tendo na outra mão o castiçal e minha bolsa de passeio.

— Entrai! disse uma voz vagamente conhecida.

Levantei o trinco e um forte cheiro de pintura foi a primeira sensação pela qual me senti dolorosamente afetado. As paredes, rebocadas recentemente, eram de um branco prateado, absolutamente liso e oleoso. Elas despertaram instantaneamente no meu espírito a idéia dessas placas de metal das quais se servem nos ateliês os dignos êmulos de Daguerre⁶⁷⁹ para aumentar os reflexos

⁶⁷⁶ *Não sei*: no original falta a partícula *pas*.

⁶⁷⁷ *Mercúrio*: da mitologia romana, é o mensageiro de Júpiter e o deus encarregado de uma infinidade de assuntos.

⁶⁷⁸ *Hipomene e Atalanta*: da mitologia grega: os pretendentes de Atalanta tinham de vencê-la na corrida para poder desposá-la; todos perdiam, exceto Hipomene que, com a ajuda de Afrodite, venceu-a.

⁶⁷⁹ *Daguerre*: Louis-Jacques-Mandé Daguerre (1787-1851), físico, pintor e inventor francês.

du jour. — Dans le lit, couvert de rideaux blancs, une femme, au visage jaune et tiré comme parchemin, se tenait, toute habillée de deuil, et accoudée. Une énorme paire de lunettes bleuâtres lui couvrait les yeux. Sur la cheminée brillaient deux ou trois flacons, aux étiquettes de pharmacien. Une chandelle fumait sur la table de nuit.

— J'ai reconnu votre voix, docteur, malgré le temps et le chagrin! me dit sans bouger la dame couchée. Asseyez-vous près de mon lit: j'ai à vous faire part d'une chose. J'ai failli perdre votre trace depuis Genève, mais ce matin, dès mon arrivée... Et puis j'étais sûre de vous trouver avant de mourir.

Je m'approchai, dans ma compassion, de ce spectre. J'hésitai vraiment à reconnaître la belle Claire Lenoir, en considérant les ravages causés sur ce visage, évidemment par quelque angoisse mystérieuse; elle était comme brusquement vieillie.

Je lui fis sentir toutes ces choses avec ménagement. Elle commença à me regarder derrière ses lunettes, dans un profond silence.

— Oui, murmura Claire Lenoir, d'une voix égale, vous êtes un horrible vieillard!

Et elle demeura comme pensive.

Pour la première fois de ma vie, je compris certains jeux de scène des théâtres de genre: je jetai naïvement les yeux autour de moi, ne sachant à qui elle parlait. A ne rien céler, nous étions seuls.

Je lui pris le bras et lui tâtai le pouls; il était à la fois capricant et filiforme; j'eus pitié de sa folie et m'assis à son chevet.

da luz do dia. — No leito, coberto com cortinas brancas, uma mulher com a face amarela e abatida como pergaminho, inteiramente vestida de luto, estava apoiada nos cotovelos. Um enorme par de óculos azulados lhe cobriam os olhos. Sobre a lareira brilhavam dois ou três frascos com rótulos farmacêuticos. Uma vela fumegava na mesa de cabeceira.

— Eu vos reconheci a voz, doutor, malgrado o tempo e o desgosto! disse-me sem se mover a senhora deitada. Sentai-vos perto do meu leito: tenho que vos dizer uma coisa. Eu quase perdi vosso rastro em Genebra, mas esta manhã, desde minha chegada... E depois, eu estava segura de vos encontrar antes de morrer.

Aproximei-me, na minha compaixão, desse espectro. Hesitei realmente em reconhecer a bela Claire Lenoir, considerando a devastação causada naquele rosto, evidentemente por alguma angústia misteriosa; estava como que subitamente envelhecida.

Fiz-lhe sentir todas essas coisas com prudência. Ela começou a me olhar por trás de seus óculos, com um silêncio profundo.

— Sim, murmurou Claire Lenoir, com uma voz indiferente, sois um velho horrível!

E ficou como que pensativa.

Pela primeira vez na minha vida entendi alguns jogos de cena dos teatros de gênero: lancei ingenuamente os olhos em torno de mim, sem saber a quem ela falava. Não havia o que esconder, estávamos a sós.

Tomei-lhe o braço e lhe apalpei o pulso; era ao mesmo tempo desigual e filiforme; tive piedade de sua loucura e me sentei à sua cabeceira.

CHAPITRE XVIII
L'ANNIVERSAIRE

Dont se réjouissaient l'essaim des mauvais anges,
Nageant dans les plis des rideaux.

CHARLES BAUDELAIRE.

— Dites-moi, dites-moi ce que vous a confié sir Henry Clifton!... demanda Claire Lenoir, d'une voix horriblement basse.

— Ah! ah?... répondis-je: — Rien.

— Vous savez ce qui s'est passé pendant un voyage de M. Lenoir, mon mari: vous le savez!

Je mis les deux mains en croix sur ma poitrine:

— Je n'en sais pas un seul mot! dis-je.

— Eh bien, soit! continua Mme Lenoir, — je ne vous raconterai pas les circonstances inouïes de ma misérable chute; enfin, je fus aimée! Je suis coupable!

— Infâme créature! pensai-je.

Puis, tout haut:

— Eh bien, dis-je, quel mal y a-t-il à cela?

— Je sais qu'une faute ne peut se racheter par soi-même... mais, depuis, je suis restée fidèle à M. Lenoir, jusqu'à sa mort — fidèle, même en pensée.

— Je ne suis pas un prêtre, madame.

— Le prêtre sort d'ici et je vous dis que je vais mourir, répondit Claire d'un air préoccupé.

— Oh! ma bonne madame Lenoir! se peut-il? — Vous exagérez! Le teint n'est pas du dernier mauvais, la voix n'est point sifflante, et, à moins d'une attaque à laquelle nous sommes tous exposés, vous ne me paraissez que relativement bien portante.

— Qu'est-ce alors que ceci, docteur? fit-elle en relevant ses lunettes.

Je me penchai.

— Ceci?... dis-je après un rapide examen, — ah diable!... il y a, en effet, quelques symptômes de...

— De?... fit-elle de sa voix qui me faisait tressaillir les nerfs.

CAPÍTULO XVIII O ANIVERSÁRIO

Do qual se regozijavam o enxame de anjos maus,
Nadando nas dobras das cortinas.

CHARLES BAUDELAIRE.

— Dizei-me, dizei-me o que vos confiou sir Henry Clifton!... pediu Claire Lenoir, com uma voz horrivelmente baixa.

— Ah! ah?... respondi: — Nada.

— Sabeis o que se passou durante uma viagem de Lenoir, meu marido: sabeis!

Eu cruzei minhas duas mãos sobre o peito:

— Eu não sei uma única palavra! disse eu.

— Bem, que seja! continuou a Sra. Lenoir — não vos contarei as circunstâncias inauditas de minha miserável queda; enfim, eu fui amada! Sou culpada!

— Criatura infame! pensei eu.

Em seguida, em voz alta:

— Bem, disse, que mal há nisso?

— Eu sei que uma falta não pode se redimir por si mesma... mas desde então eu permaneci fiel ao Sr. Lenoir, até sua morte — fiel, mesmo em pensamento.

— Eu não sou um padre, senhora.

— O padre saiu daqui e eu vos digo que vou morrer, respondeu Claire, com um ar de preocupação.

— Oh! minha boa senhora Lenoir! pode isso? — Exagerais! Vossa aparência não é das piores, a voz absolutamente não é sibilante, e, salvo um ataque do qual todos nós estamos expostos, me pareceis estar relativamente bem saudável.

— O que é isso, então, doutor? disse ela, levantando os óculos.

Inclinei-me.

— Isso?... disse, após um rápido exame — ah diabo!... há, com efeito, alguns sintomas de...

— De?... disse ela com a voz que me fazia estremecer os nervos.

— D'une maladie qu'il serait absurde de ne pas traiter à temps! ajoutai-je. Ce ne sera rien.

Et je pensais, à part moi: — La chose est certaine: il est trop tard...

— Achevez donc! s'écria-t-elle; vous figurez-vous que j'aie peur?

Elle tremblait; mais plutôt, je dois le dire, à cause de certain dépérissement nerveux que par frayeur de la mort imminente dont elle avait évidemment conscience.

— Soit, répondis-je; écoutez bien: l'apoplexie est une petite déchirure au cerveau: je vois maintenant les veines des paupières, des tempes, de la figure même, congestionnées d'une manière très extraordinaire: on dirait qu'elles vont éclater.

Et je me levai pour considérer l'étiquette des flacons.

— Je vais chercher ce qu'il faut, lui dis-je.

En moi-même je me promettais de ne pas revenir, puisque je sentais que mon ministère serait inefficace.

— Inutile! restez! La mort est une chose à laquelle je suis préparée depuis longtemps. Je connais mon état: dans quelques minutes, à dix heures, tout sera fini. Restez donc en place! Et croyez que je suis en possession des dernières lueurs de ma raison. Je vous l'ai dit: j'ai quelque chose de singulier à vous raconter.

Que pouvait-elle avoir de singulier à me raconter? Rien, évidemment. Et puis je ne voulais pas l'entendre.

— Ma foi! ma chère madame Lenoir, m'écriai-je à pleine voix, je vous avoue que je suis dans l'admiration! Le fait est que vous êtes au plus mal! Et que, d'un moment à l'autre, vous pouvez être forcée par la Nature de me fausser compagnie! Mais j'aime les braves, moi, j'aime les braves!... Et au diable les poltrons! — Parlez donc, — et vite! — car votre voix faiblit.

— Oh! taisez-vous! taisez-vous! dit-elle, brisée.

Je me sentis choqué et mortifié: je pris un cure-dents par contenance et me tus.

— Penchez-vous que je vous parle, dit-elle.

J'obéis avec répugnance.

— De uma doença que seria absurdo não tratar a tempo! acrescentei. Não será nada.

E pensava comigo mesmo: — A coisa é certa: é tarde demais...

— Terminai! exclamou, pareceis-vos que tenho medo?

Ela estremeceu; mas, devo dizer, antes por causa de alguma debilidade nervosa do que por medo da morte iminente, da qual ela tinha evidente consciência.

— Que seja, respondi; escutai bem: a apoplexia é uma pequena ruptura no cérebro: vejo agora as veias das pálpebras, das têmporas, do próprio rosto, congestionadas de uma maneira muito extraordinária: dir-se-ia que vão estourar.

E me levantei para examinar o rótulo dos frascos.

— Vou buscar o que é preciso, disse-lhe.

A mim mesmo prometia não voltar, porque eu sentia que meu ministério seria ineficaz.

— Inútil! permaneci! A morte é algo para o qual eu estou preparada há muito tempo. Eu conheço meu estado: em alguns minutos, às dez horas, tudo estará acabado. Permaneci aqui, então! E acreditai, estou de posse das últimas luzes de minha razão. Eu vos disse: tenho alguma coisa singular para vos contar.

O que poderia ter de singular para me contar? Nada, evidentemente. E depois, eu não queria ouvi-la.

— Realmente! minha cara senhora Lenoir, exclamei alto, confesso-vos que estou admirado! O fato é que estais muito mal! E que, de um momento para outro, podeis ser forçada pela Natureza a privar-me de vossa companhia! Mas eu gosto dos corajosos, sim, eu gosto dos corajosos!... E ao diabo com os covardes! — Falai então — e rápido! — pois vossa voz se enfraquece.

— Oh! calai-vos! calai-vos! disse ela, entrecortadamente.

Eu me senti chocado e mortificado: por compostura peguei um palito de dentes e me calei.

— Inclinaí-vos que eu vos falo, disse ela.

Obedeci com repugnância.

— *Vivant*, continua-t-elle, il n'a rien su! — rien! jamais rien! Mais comprenez bien ceci: je crois qu'il *sait*, maintenant. C'est ce soir l'anniversaire! — Dix heures vont sonner... oui, je crois qu'il va venir me prendre — par les *yeux* vociféra-t-elle subitement. Comment lui résister? Ma chair s'est liée à la sienne dans une parole prononcée aux pieds du Dieu consécrateur!

Ah! chose réellement bizarre! Mystères de l'organisation! Malgré le lieu, l'heure et le souvenir, je n'avais pas sourcillé. — «C'est le délire, pensai-je, rien de plus.» — Jamais je ne m'étais mieux porté intérieurement. Sous ma figure attristée comme la situation l'exigeait, je me sentais guilleret, dispos, allègre! Je fis fondre, à la dérobée, une praline dans ma joue droite, tout heureux de ma quiétude d'esprit.

Qu'avais-je à craindre, en effet? — Son mari avait cela de bon, pour le moment, qu'il était mort.

— N'ayez pas peur, je suis là! lui dis-je, pour la calmer. Je n'ai pas tous les jours des paniques aussi irréfléchies que celle qui me mit en fuite le premier soir de votre veuvage! Je conviens que ce mouvement nerveux fut, chez moi, déraisonnable!

— Oh! malheureux! dites que c'est le seul et inconscient éclair de Raison, de véritable Raison, que vous ayez eu depuis le jour de votre naissance! dit Claire, toujours accoudée; dites et surtout pensez cela!

Elle eut une espèce de gloussement diabolique; le sang lui obstruait la gorge.

— Oh! le morne souffle des réprouvés! dit-elle. Vous rappelez-vous la chambre? Vous aviez les yeux baissés. Vous étiez agenouillé! Vous ne vîtes rien. Moi, j'étais prosternée, dans mon chagrin, contre le lit. Je ne pouvais rien voir. Mais je vais vous dire, maintenant, ce qui se passa au-dessus de nos têtes! — M. Lenoir rouvrit les yeux! Il rejeta subitement le drap, se dressa, en silence, les poings crispés et levés sur moi! Il avait la figure de la damnation! Il grinça des dents, — sans bruit, pour nous! Ah! Funeste, avec deux lueurs de l'enfer sous les sourcils, il me maudit comme partie de lui-même, au nom des nuits sans Dieu où plusieurs entrèrent. Et nous ne l'avons pas vu, *parce qu'il fallait* que nous eussions la tête baissée en ce moment-là!

— *Vivo*, continuou ela, ele não soube de nada! — nada! nada, nunca! Mas compreendi bem isso: eu creio que agora ele *sabe*. Esta noite é o aniversário! — Dez horas vão soar... sim, eu creio que ele virá me pegar — pelos *olhos*! vociferou ela subitamente. Como lhe resistir? Minha carne ligou-se à sua por uma palavra pronunciada aos pés do Deus consagrador!

Ah! coisa realmente bizarra! Mistérios da organização! Malgrado o lugar, a hora e a lembrança, eu não havia pestanejado. — “É o delírio, pensei, nada mais.” — Nunca me sentira tão bem interiormente. Sob meu rosto entristecido como a situação o exigia, sentia-me vivaz, disposto, alegre! Furtivamente, eu derretia um bombom na bochecha direita, muito feliz com minha quietude de espírito.

Pois, o que teria eu a temer? — Seu marido tinha isso de bom no momento, estava morto.

— Não tenhais medo, eu estou aqui! disse-lhe, para acalmá-la. Não tenho todos os dias pânicos tão irrefletidos como o que me colocou em fuga na primeira noite de vossa viuvez! Concordo que esse movimento nervoso em mim foi insensato!

— Oh! infeliz! dissei que é o único e inconsciente lampejo da Razão, da verdadeira Razão, que haveis tido desde o dia do vosso nascimento! disse Claire, ainda apoiada sobre os cotovelos, dissei e sobretudo pensai isso!

Ela teve uma espécie de cacarejo diabólico; o sangue lhe obstruía a garganta.

— Oh! o monótono suspiro dos condenados! disse ela. Lembrais-vos do quarto? Tínheis os olhos abaixados. Estáveis ajoelhado! Não vistes nada. Eu estava prostrada na minha tristeza, contra a cama. Não podia ver nada. Mas vou dizê-lo agora o que se passou sobre nossas cabeças! — O Sr. Lenoir reabriu os olhos! Levantou subitamente o lençol, ergueu-se em silêncio, os punhos cerrados e voltados para mim! Era a imagem da condenação! Rangeu os dentes — sem ruído para nós! Ah! Funesto, com dois clarões do inferno sob as sobrancelhas, amaldiçoou-me como parte de si mesmo, em nome das noites sem Deus onde muitos entrarão. E não o vimos, *porque era preciso* que tivéssemos a cabeça abaixada nesse momento!

Puis il se réétendit, ramena, de ses deux mains, le drap sur sa poitrine, referma les yeux et son visage reprit le masque insensible que nous prendrons tous, — que je prendrai, moi, tout à l'heure. Ce fut alors que, ne sachant pas ce qui s'était passé, je me levai et l'embrassai tendrement, les larmes aux yeux, une dernière fois, sur son front mort.

Elle se tut: je la regardai fixement:

— Comment, — comment avez-vous su que cela s'était passé? demandai-je.

— J'ai vu la scène se produire la nuit suivante, en rêve, dans une grande glace où je regardais.

— Les démons peuvent habiter, en effet, le reflet des glaces! lui dis-je, par compassion: mais, dans la vie réelle, — ajoutai-je en la considérant avec mes yeux ternes et en me grattant le bout du nez, — dans la vie réelle, on n'admet pas, comme cela, les Démons. — Comment avez-vous pu me reconnaître, moi, dans le reflet de ce miroir? Mes traits devaient y être douteux: ce fut plutôt, je pense, à la beauté morale, n'est-ce pas, respirée, pour ainsi dire, par l'ensemble de ces traits, que vous avez cru me reconnaître?... — En rêve? dis-je, encore, presque à moi-même: — mais, madame, pourquoi donc avez-vous alors poussé ce cri, dans la chambre, puisque vous ne saviez rien, puisque vous n'aviez rien vu!

— Une fois levée, me répondit Claire Lenoir, aussitôt que je l'eus embrassé, et mon oreille encore sur sa bouche, j'entendis un rire très sourd — un glapissement qui sortait de ces lèvres furieuses!... Alors, j'ai crié, parce que je fus vaincue par une terreur sans limites, un effroi terrible! Et mon cri était si bien parti du fond de mes entrailles, que vous en avez compris, électriquement, la signification.

Ceci, je dois l'avouer, me fit pâlir à mon tour. Le fait est que l'auberge déserte, les chandelles qui menaçaient de s'éteindre bientôt, cette idée d'anniversaire, et, par-dessus tout, cette moribonde en deuil et en lunettes, commençaient à oblitérer la rectitude de mon jugement. Le mal dont j'ai parlé m'envahissait aussi, peu à peu. Je le sentais gronder en moi, comme de grandes eaux lointaines! — Allons! allons! disons la chose! Mes dents se mirent à claquer follement! la sueur coula sur mes tempes; je devins verdâtre, mes

Depois voltou a se deitar, recolocou com ambas as mãos o lençol sobre o peito, fechou os olhos e seu rosto retomou a máscara insensível que todos tomaremos — que eu tomarei, dentro em pouco. Foi então que, não sabendo o que havia se passado, levantei-me e o beijei ternamente, com lágrimas nos olhos uma última vez, em sua frente morta.

Ela se calou: olhei-a fixamente:

— Como — como sabeis que foi isso que aconteceu? perguntei.

— Vi a cena acontecer na noite seguinte, em sonho, em um grande espelho onde eu olhava.

— De fato, os demônios podem habitar o reflexo dos espelhos! disse-lhe por compaixão: mas, na vida real — acrescentei, contemplando-a com meus olhos ternos e me coçando na ponta do nariz — na vida real não se admite isso, os Demônios. — Como pudestes me reconhecer, no reflexo do espelho? Meus traços eram para ser duvidosos: foi antes, penso, pela beleza moral, não é, respirada, por assim dizer, pelo conjunto dos traços, que acreditais ter me reconhecido...? — Em sonho? disse ainda, quase para mim mesmo: — mas, senhora, por que então soltastes um grito no quarto, já que não sabíeis de nada, já que não víeis nada!

— Uma vez levantada, respondeu Claire Lenoir, logo que o beijei, com meus ouvidos ainda sobre sua boca, eu ouvi um riso muito abafado — um ganido que saía daqueles lábios furiosos!... Então gritei, porque fui tomada por um terror sem limites, um pavor terrível! E meu grito partiu de tão fundo de minhas entranhas, que compreendestes, eletricamente, seu significado.

Isso, eu devo confessar, fez-me empalidecer. O fato é que a pousada deserta, as velas que ameaçavam logo extinguir-se, essa idéia de aniversário e, acima de tudo, essa moribunda de luto e de óculos, começavam a obliterar a retidão de meu juízo. O mal do qual falei me invadia também, pouco a pouco. Eu o sentia roncar dentro de mim, como águas longínquas! — Vamos! vamos! digamos a coisa! Meus dentes começaram a bater loucamente! o suor correu pelas minhas têmporas; tornei-me esverdeado, meus

yeux s'injectèrent et roulèrent dans leurs orbites; une oppression affreuse pesa lourdement sur ma poitrine; je jetai bas le masque:

— Vision et folie! hurlai-je, hagard, en me dressant.

olhos se injetaram e rolaram nas suas órbitas: uma tenebrosa
opressão invadiu pesadamente meu peito; tirei fora a máscara:

— Visão e loucura! berrei desvairado, erguendo-me.

CHAPITRE XIX
TETERRIMA FACIES DÆMONUM

Comme le prêtre se détourna vers le cadavre en lui disant la parole de l'Office des morts: «*Responde mihi!*» l'on vit l'évêque défunt se dresser dans sa bière en criant d'une voix affreuse: *Comparui! — Judicatus sum! — Justo judicio Dei, damnatus!*
Et il se réétendit dans le cercueil.

HISTOIRE DE SAINT BRUNO

— Je l'ai revu, lui! Toujours en rêve! dit Claire Lenoir, sans s'adresser précisément à moi. Trois mois et demi, environ, après sa mort. Seulement, une chose qui tient probablement du hasard des rêves, ajouta Mme Lenoir de sa même voix rauque et sourde, c'est l'extérieur sous lequel il m'est alors apparu. C'était bien lui. — Ah! c'était *lui!*

Et le sourire malsain des fous vint errer sur ses lèvres comme un feu follet sur un tombeau.

— Vous allez plaindre mon faible esprit à cause des rêves, continua-t-elle; mais il était absolument semblable de corps, de stature et de couleur, à *ces êtres obscurs que l'on mentionne — vous savez, — dans les relations maritimes de l'Océanie.*

Je songeai à la lettre; je fis un soubresaut, n'en croyant pas mes oreilles, je voulus en vain lier deux idées: un éclair d'une nature qu'il n'est pas au pouvoir de la logique humaine d'expliquer, aveugla tout mon entendement, je sentis un cri d'horreur s'étouffer hideusement dans ma gorge.

— Oui, continua la moribonde avec une solennité d'outre-tombe; il était semblable à l'un des monstres familiers des plages désertes et des vagues maudites. Son corps, velu et farouche, se dressait, fumée plus foncée que l'ébène. Des plumes d'oiseaux de mer lui servaient de ceinture et de vêtements. — Autour de lui s'étendaient les espaces, peuplés par les Terreurs et

CAPÍTULO XIX
TETERRIMA FACIES DÆMONUM⁶⁸⁰

Quando o padre virou-se para o cadáver lhe dizendo a palavra do Ofício dos mortos: “*Responde mihi!*”⁶⁸¹, viu-se o defunto bispo levantar-se em seu caixão, gritando com uma voz tenebrosa: *Comparui! — judicatus sum! — Justo judicio Dei, damnatus!*⁶⁸²
E voltou a se estender no seu ataúde.
HISTÓRIA DE SÃO BRUNO⁶⁸³.

— Eu o revii! Ainda em sonhos! disse Claire Lenoir, sem dirigir-se precisamente a mim. Por volta de três meses e meio após sua morte. Apenas uma coisa provavelmente se deve ao acaso dos sonhos, acrescentou a Sra. Lenoir com sua voz rouca e surda, a aparência com a qual ele me surgiu. Era bem ele. — Ah! era *ele!*

E o sorriso malsão dos loucos veio errar sobre seus lábios como um fogo fátuo sobre um túmulo.

— Apiedais-vos de minha fraqueza de espírito pelos sonhos, continuou ela, mas era absolutamente semelhante de corpo, em estatura e cor, *a esses seres obscuros que se menciona — sabeis — nos relatos marítimos da Oceania.*

Pensei na carta; tive um sobressalto, não acreditando nos meus ouvidos, quis em vão unir duas idéias: um lampejo de uma natureza tal que está além do poder da lógica humana explicá-lo cegou-me todo o entendimento, senti um grito de horror asfixiar-se hediondamente na minha garganta.

— Sim, continuou a moribunda com uma solenidade de além-túmulo; assemelhava-se a um desses monstros familiares das praias desertas e das ondas malditas. Seu corpo, peludo e selvagem, erguia-se enfumaçado, mais escuro do que o ébano. Penas de aves marinhas lhe serviam de cinto e vestuário. — Ao seu redor estendia-se os espaços povoados pelos Terrores e o

⁶⁸⁰ *Teterrima facies dæmonum*: O horrível aspecto dos demônios.

⁶⁸¹ “*Responde mihi!*”: Responda-me!

⁶⁸² *Comparui! — judicatus sum! — Justo judicio Dei, damnatus!*: Eu compareci ao julgamento! — fui julgado! — e pelo justo juízo de Deus, condenado!

⁶⁸³ São Bruno (1030-1101): monge fundador da rigorosa ordem das Cartuxas.

l'infini des songes. Des serpents de feu tatouaient l'apparition: les cheveux, longs et gris, tombaient, hérissés, autour des épaules. Oh! par quelle suite de pensées, d'impressions anciennes, pouvais-je en être venue à me le figurer, à le *songer* tel, si informe, si différent!

Il était debout, seul, parmi des rochers perdus, regardant au loin, sur la mer, comme attendant quelqu'un; à son air impénétrable, je *sentais* que c'était le défunt plutôt que je ne le reconnaissais. Il aiguisait furtivement, derrière lui, un grossier coutelas de pierre... ses yeux nocturnes faisaient frissonner mon âme d'une angoisse de sang, d'enfer et d'agonie; je me réveillai en sursaut, dans un grand cri, trempée et glacée de sueur... Jamais je n'ai réussi à oublier ce songe.

Elle se tut.

Puis-je dire, y a-t-il des mots pour exprimer les effroyables pensées, — filles des possibilités funèbres, après tout, — qui me paralysaient des pieds à la tête, pendant ces phrases infernales? J'étais bouleversé. Les sentiments qui s'agitaient dans mon être étaient innommables.

Cependant, bien que le son de ma propre voix me fît profondément frémir, j'articulai sans me rendre compte au juste de mes paroles:

— Personne! personne, heureusement, — entendez-vous? — ne saurait déterminer le point précis où commence la réalité objective des visions!

Et j'ajoutai, avec un rire forcé qui me faisait mal aux cheveux:

— Les hospices d'aliénés n'y ont pas pensé! Rappelez-vous la discussion que nous eûmes du vivant de cet ergoteur de Lenoir!

— Eh! bien, pensez-y! dit la malade avec un morne sourire, — et priez. Les prières, étant lancées par la volonté au delà de la Nature, échappent à la Destruction. Pour moi qui n'ai pas rougi de prier, alors que mon effrayant mari poussait le doute outrageant, — cancer de nos tristes jours — jusqu'à feindre le respect pour ma foi par amour pour mon malheureux corps, — pour moi qui voulais me repentir d'avoir commis une chose défendue, — car il n'est pas de raison qui puisse l'absoudre, — j'espère et je suis sûre — qu'après un instant d'agonie, Dieu ne m'exclura pas de tout pardon.

infinito dos sonhos. Serpentes de fogo tatuavam a aparição: os cabelos longos e grisalhos caíam, eriçados, sobre os ombros. Oh! por qual seqüência de pensamentos, de impressões antigas, poderia eu ter vindo a figurá-lo, a *pensá-lo*, assim tão disforme, tão diferente!

Estava em pé, sozinho, entre rochedos isolados olhando ao longe, sobre o mar, como esperando alguém; pelo seu aspecto impenetrável eu *sentia*, mais do que reconhecia, que era o defunto. Afiava furtivamente, por atrás dele, um grosso facão de pedra... seus olhos noturnos faziam estremecer a minha alma com uma angústia de sangue, inferno e agonia; despertei em sobressalto, com um forte grito, gelada e encharcada de suor... Jamais consegui esquecer esse sonho.

Ela se calou.

Posso dizer, há palavras para expressar os horríveis pensamentos — apesar de tudo, filhos de fúnebres possibilidades — que me paralisavam dos pés à cabeça durante essas frases infernais? Eu estava transtornado. Os sentimentos que se agitavam em meu ser eram inomináveis.

No entanto, ainda que o som da minha própria voz me fizesse estremecer profundamente, articulei sem me dar conta precisamente de minhas palavras:

— Ninguém! ninguém, felizmente — ouvis? — saberia determinar o ponto exato em que começa a realidade objetiva das visões!

E acrescentei, com um riso forçado que me arrepiava os cabelos:

— Os asilos de alienados não pensaram nisso! Recordai-vos da discussão que tivemos quando vivia o ergótico Lenoir!

— Então, pensai nisso! disse a enferma com um sorriso triste — e oraí. As orações, sendo lançadas pela vontade além da Natureza, escapam à Destruição. Para mim que não tive vergonha de orar, enquanto meu pavoroso marido estimulava a dúvida ultrajante — câncer de nossos tristes dias — ao ponto de fingir respeito pela minha fé por amor a meu infeliz corpo — para mim que queria se arrepender de ter cometido uma coisa proibida — pois não há razão que possa absolvê-la — espero e estou certa — que após um instante de agonia, Deus não me excluirá de todo perdão.

Et, saisissant ses besicles à pleines mains, elle se les arracha du front. Les verres se brisèrent entre ses mains ensanglantées, et elle tordit leur monture dans une convulsion.

— Je n'ai plus besoin de lunettes pour y voir, maintenant! dit-elle.

Elle parlait d'une voix trémébonde, mais cependant avec une sorte de sourire d'espérance vraiment infinie où son courage semblait s'affermir pour quelque terrifiante épreuve, imminente et suprême après laquelle son âme serait «sauvée».

Dix heures sonnèrent.

Il y eut un moment de silence, pendant lequel Mme Lenoir, ayant rejeté des deux côtés la longue mante noire, son vêtement, s'étendit lamentablement sur le dos, la tête très relevée par l'oreiller, et les yeux fixes, tout grands ouverts. Elle avait l'air de considérer, *d'approfondir, peu à peu*, malgré elle, la blancheur aveuglante de la muraille où tombait le reflet des chandelles.

En ce moment les premiers éclats du feu d'artifice lointain parvinrent jusqu'à nous: la fête nationale battait son plein. L'on entendait les vagues hurrahs des gens sérieux de la ville, satisfaits de voir de belles fusées s'élever et pétarder, d'ailleurs agréablement, dans les airs.

— Ah! cria-t-elle en un sursaut, eh bien! qu'est-ce que je disais!... LE VOILÀ! Regardez! Là! là! le monstre de mes mauvais songes! Le voilà — tel qu'il se *rêvait*, lui aussi, M. Lenoir! Était-il donc *un fils de Cham* pour s'être ainsi, RÉALISÉ dans la Mort? Pour qui aiguise-t-il si longtemps, — si froidement, — devant la mer affreuse, — ce couteau?... Ah! vampire! démon! assassin!... râlait la malheureuse femme, — va-t'en de cette muraille! Laisse mes pauvres yeux!

Ses mains se raidirent tout à coup en une crispation atroce et ses yeux mystérieux s'agrandirent: ce qu'elle voyait devenait, sans aucun doute, si épouvantable qu'elle ne trouvait même plus en sa poitrine la force d'un cri. Elle se débattit, puis retomba, rigide, toujours le regard tendu sur la muraille, avec une espèce de mauvais sanglot.

E pegando seus óculos com ambas as mãos, ela o arrancou do rosto. As lentes se quebraram entre suas mãos ensangüentadas, e ela torceu a armação convulsivamente.

— Não tenho mais necessidade de óculos para ver agora! disse.

Falava com uma voz tremebunda, mas, entretanto, com uma espécie de sorriso de esperança realmente infinita onde sua coragem parecia se fortalecer para alguma terrificante prova, iminente e suprema, após a qual sua alma seria “salva”.

Soaram dez horas.

Houve um momento de silêncio, durante o qual a Sra. Lenoir, tendo empurrado para os lados a grande manta negra, sua vestimenta, estendeu-se pensamente de costas, a cabeça muito levantada pelo travesseiro e os olhos fixos, muito abertos. Parecia contemplar, *aprofundar pouco a pouco*, malgrado ela, a brancura ofuscante da parede onde caía o reflexo das velas.

Neste momento os primeiros estalos longínquos dos fogos de artifício chegaram até nós: a festa nacional estava em seu auge. Ouviam-se vagos hurras da gente séria da cidade, satisfeitas em ver belos foguetes se elevarem e explodirem pelos ares, agradavelmente, aliás.

— Ah! gritou ela com um sobressalto, então! é como eu dizia!... ALI ESTÁ! Vede! Ali! ali! o monstro dos meus sonhos maus! Ali está — tal qual *sonhava* também ele, o Sr. Lenoir! Era então *um filho de Cão*⁶⁸⁴ para ser REALIZADO na Morte deste modo? Para que afia tanto tempo — tão friamente — diante do tenebroso mar — esse facão?... Ah! vampiro! demônio! assassino... agonizava a infeliz mulher — vá-te dessa parede! Deixa meus pobres olhos!

Suas mãos se enrijeceram de repente numa crispação atroz e seus olhos misteriosos se ampliaram: o que via tornava-se, sem nenhuma dúvida, tão apavorante que ela não encontrava em seu peito nem mesmo a força de um grito. Debateu-se, depois caiu rígida, ainda com o olhar voltado para a parede, com uma espécie de soluço aflito.

⁶⁸⁴ *Cão*: segundo filho de Noé.

Elle avait, sans doute, rendu son âme: mais je n'en étais pas sûr.

Je me précipitai sur mon sac pour en tirer une trousse à lancettes; je fouillais désespérément: je n'avais que des verres, des instruments, des collections d'infusoires, des loupes; je bondissais, à travers la chambre, sans avoir ma raison! Et je retournai vers le lit, en tenant machinalement à la main une forte loupe que j'avais trouvée.

Alors, je pris la chandelle, je l'approchai du visage de la défunte, et je la considérai, à la loupe, avec un tremblement nerveux.

— Enfin! — c'était fini!... pensai-je avec un soupir de soulagement; elle était bien morte.

Tout à coup, *je ne peux pas dire pourquoi*, ses yeux stagnants attirèrent mon attention.

Une idée, des plus insolites, me passa, subitement, dans l'esprit. Une curiosité entra dans mon coeur et en balaya toute appréhension. Je me raidis, quelque peu frissonnant; je voulais examiner la taie qui recouvrait ces ténébreuses prunelles et plonger sous ce crêpe! Un Démon me saisit donc le bras, courba ma vieille tête, appuya sur mon oeil et presque de force, la loupe puissante, et, m'indiquant, dans l'âme, les yeux de la morte, me vociféra dans l'oreille en assourdissant mon angoisse:

— Regarde.

Dès lors, je devins plus tranquille; je sentis que la vieille Science me ressaisissait.

Je promenai ma loupe sur les prunelles.

Les yeux ne présentaient vraiment aucune particularité bien appréciable, si ce n'est leur extraordinaire aspect vitreux. J'allais renoncer à ma tentative, lorsque les pupilles me parurent contenir des points qui ressemblaient à des piqûres d'ombres.

J'allai sur-le-champ donner un tour de clef à la serrure; puis je revins auprès du lit, et me croisai les bras, rêvant aux moyens d'expérimentation.

J'avais un appareil d'induction dans l'une de mes vastes poches.

Sem dúvida tinha entregado sua alma, mas eu não estava seguro.

Precipitei-me sobre minha bolsa para daí tirar um estojo de lancetas; inspecionei desesperadamente: eu tinha apenas vidros, instrumentos, coleções de infusórios, lupas; saltei pelo quarto sem razão! E me voltei em direção à cama, tendo maquinalmente na mão uma grande lupa que havia encontrado.

Então peguei a vela, aproximei-a do rosto da defunta, e a examinei com a lupa, com um estremecimento nervoso.

— Enfim! — acabou!... pensei com um suspiro de alívio; estava bem morta.

De repente, *não posso dizer por que*, seus olhos estagnados atraíram minha atenção.

Uma idéia, das mais insólitas, passou-me subitamente pelo espírito. Uma curiosidade entrou no meu coração e varreu toda apreensão. Endureci-me, com um pouco de arrepio; eu queria examinar a película que cobria essas tenebrosas pupilas e mergulhar sob esse crepe! Então um demônio me agarrou o braço, curvou minha velha cabeça e, quase à força, apoiou no meu olho a potente lupa e, indicando-me na alma os olhos da morta, vociferou-me no ouvido, ensurdecendo minha angústia:

— Olhe.

Logo fiquei mais tranqüilo; senti que a velha Ciência me recompunha.

Passei minha lupa sobre as pupilas.

Os olhos não apresentavam realmente nenhuma particularidade muito apreciável, exceto por seu extraordinário aspecto vítreo. Ia renunciar minha tentativa, quando as pupilas me pareceram conter pontos que se assemelhavam a picaduras de sombras.

Fui imediatamente dar uma volta na chave da porta; depois voltei para junto da cama e cruzei os braços, pensando nos meios de experimentação.

Eu tinha um aparelho de indução em um dos meus amplos bolsos.

Si je faisais jouer le nerf ciliaire?... pensai-je. — Mais je rejetai bien vite cette idée inutile, — oiseuse, même.

Je tirai de mon sac un petit flacon: — Une goutte de cet alcaloïde, pensai-je, distendrait la pupille?... — Mais je rejetai encore cette idée: le solutum en question ne pouvait s'appliquer avec fruit sur un cadavre.

Tout à coup, j'aperçus mon ophthalmoscope!

— Ha! ah! ah! m'écriai-je, voilà l'affaire!

Grinçant un peu des dents, je pris, entre mes bras, le cadavre, dont la longue chemise formait suaire, et l'appliquai debout contre le mur, au-dessous d'un gros clou.

J'allais l'étayer d'une corde passée sous les aisselles et suspendue à ce clou par les bouts noués ensemble...

Mais une réflexion contraria mon projet.

Ce qui pouvait être demeuré en *ces* yeux allait m'apparaître en sens inverse, retourné de bas en haut, la cavité située derrière l'iris formant chambre noire.

Il y avait un moyen d'obvier à cela: j'hésitai toutefois à y recourir.

Mes confrères trouveront peut-être puéril certain scrupule que j'éprouvai à disposer, contre le mur, la tête en bas les pieds en l'air, le cadavre de Mme Lenoir.

L'on me dira, je le sais, qu'au moment d'une expérience sérieuse, c'était là faire preuve d'une bien intempestive sentimentalité, puisque nul n'ignore que cette formalité scientifique — ainsi que beaucoup d'autres, plus familières, encore, — se pratiquent, chaque jour et à toute heure, en Europe, sur une moyenne d'au moins cinquante à soixante mille cadavres féminins — (appartenant à la classe nécessiteuse, il est vrai) — dans les amphithéâtres, morgues, hospices, etc.

Je répondrai que c'était précisément parce que j'avais toujours connu Mme Lenoir dans l'aisance que le fait, ici, m'apparaissait comme sacrilège.

Se eu fizesse mover o nervo ciliar?... pensei. — Mas rejeitei logo essa idéia inútil — vã, até.

Tirei de minha bolsa um pequeno frasco: — Uma gota deste alcalóide, pensei, distenderia a pupila?... — Mas rejeitei ainda esta idéia: o soluto em questão não se poderia aplicar com êxito em um cadáver.

De repente, percebi meu oftalmoscópio!⁶⁸⁵

— Ha! ah! ah! Exclamei, isso sim!

Rangendo um pouco os dentes, tomei entre os braços o cadáver, cuja camisa comprida formava um sudário, e o coloquei de pé contra a parede, debaixo de um grande prego.

La sustentá-lo com uma corda passada sob as axilas e suspensa ao prego pelas pontas amarradas juntas...

Mas uma reflexão contrariou meu projeto.

O que podia ter permanecido *nesses olhos* iam me aparecer em sentido inverso, voltado de baixo para cima, a cavidade situada atrás da íris formando câmara escura.

Havia uma maneira de evitar isso: mas hesitei em recorrer a ela.

Meus colegas acharão talvez pueril certo escrúpulo que eu experimentava ao dispor, contra a parede, a cabeça para baixo os pés para o ar, o cadáver da Sra. Lenoir.

Dir-se-á, eu sei, que no momento de uma experiência séria isso é dar provas de um sentimentalismo bem inoportuno, pois ninguém ignora que esta formalidade científica — assim como muitas outras ainda mais íntimas — se pratica a cada dia e a toda hora na Europa, em uma média de pelo menos cinqüenta a sessenta mil cadáveres femininos — (pertencentes à classe necessitada, é verdade) — nos anfiteatros, morgues, hospícios, etc.

Responderei que era precisamente porque eu sempre conheci a Sra. Lenoir na riqueza que o fato aqui me parecia um sacrilégio.

⁶⁸⁵ *oftalmoscópio*: invenção (1851) de Hermann von Helmholtz (1821-1894), cientista e fisiólogo alemão. Trata-se de um instrumento médico-científico recente na época da primeira versão de *Claire Lenoir* (1867).

Ah! si la chère dame n'eût jamais été, à mon su, qu'une besogneuse, une pauvre, — mon Dieu! même laborieuse, — il va sans dire que l'idée ne me fût même pas venue d'hésiter, — ou que, si ce saugrenu scrupule m'eût traversé un instant l'esprit, je l'eusse étouffé bien vite et en rougissant, afin de ne pas mériter d'être la risée de tous mes confrères.

Mais, encore une fois, j'avais toujours connu en Mme Claire Lenoir une rentière honorable, et, je l'avoue, ceci m'imposait quelque respect, même pour sa dépouille mortelle. Je ressaisis donc le cadavre à bras-le-corps et me mis à errer par la chambre, ne sachant trop à quoi me résoudre, lorsque me vint une idée conciliatrice — et si simple que je m'étonnai, vraiment, qu'elle ne me fût pas plus tôt sautée à l'esprit.

Voici: je replaçai, non sans précautions, le corps de Mme Lenoir tout bonnement sur son lit de mort; mais je l'y plaçai *en travers*, — de telle sorte que le cou et la tête, dépassant, à la renverse, le bord du lit, fussent comme suspendus au-dessus du plancher.

Au pied du lit traînait, maintenant, la grande chevelure châtain, dont le tiers, déjà, s'était argenté. La face donc s'offrait à rebours, et les yeux, demeurés grands ouverts, à hauteur de mes genoux, me semblaient toujours, malgré moi, d'une assez inquiétante solennité. Nul doute, à présent, que — s'il y avait *quelque chose* en leurs prunelles, — cela m'apparût dans le sens normal.

Je saisis, ensuite, l'un des chandeliers dont les dernières flammes palpitaient, et je le plaçai entre nous deux.

J'ajustai une lentille énorme dans le porte-verre en face du réflecteur et je m'apprêtai à promener le pinceau de lumière dans la profondeur même des yeux de Mme Lenoir.

Mais, au premier regard que j'aventurai en ces yeux par le trou de l'ophtalmoscope, je reculai, ne sachant pas, — ne voulant pas savoir — ce que j'avais entrevu!

Je restai, pendant un instant, immobile; quant aux idées qui apparurent, alors, dans mon cerveau, je ne crois pas que l'enfer lui-même en ait reflété d'une plus hérissante horreur.

Ah! se fosse de meu conhecimento que a querida senhora tivesse sido apenas uma necessitada, uma pobre — meu Deus! mesmo uma trabalhadora — escusado será dizer que nunca a idéia de hesitar teria me ocorrido — ou que, se este escrúpulo disparatado tivesse me atravessado por um instante o espírito, eu o teria sufocado rapidamente, ruborizando, a fim de não merecer ser motivo de riso de todos os meus colegas.

Mas, ainda uma vez, eu sempre reconheci na Sra. Claire Lenoir uma honrosa mulher de recursos, e confesso, isso me impunha algum respeito, mesmo para com seus restos mortais. Endireitei então o cadáver pela cintura e me pus a errar pelo quarto, sem saber bem o que fazer, quando me veio uma idéia conciliadora — e tão simples que realmente me espantei que não me tivesse passado pelo espírito mais cedo.

Eis: eu recoloquei, não sem precauções, o corpo da Sra. Lenoir simplesmente no seu leito de morte; mas o coloquei *atravessado* — de costas, de tal modo que o pescoço e a cabeça, ultrapassando a beirada da cama, ficassem como que suspensos acima do assoalho.

Ao pé da cama arrastava agora a grande cabeleira castanha, da qual um terço já estava prateada. A face então se oferecia às avessas e os olhos permaneceram bem abertos, a altura dos meus joelhos, pareciam-me ainda, a meu pesar, de uma solenidade muito inquietante. Sem dúvida que — se havia *alguma coisa* em suas pupilas — isso me apareceria agora em sua posição normal.

Peguei em seguida um dos castiçais cujas últimas chamas palpitavam e o coloquei entre nós.

Ajustei uma enorme lente no porta-vidro diante do refletor e me preparei para passar o pincel de luz nas profundezas dos olhos da Sra. Lenoir.

Mas, no primeiro olhar que aventurei nesses olhos pelo orifício do oftalmoscópio, recuei, não sabendo — não querendo saber — o que tinha entrevisto!

Fiquei por um instante imóvel; quanto às idéias que apareceram então no meu cérebro, não creio que o próprio inferno tenha refletido um horror mais arrepiante.

Et, me faisant tressaillir, voici qu'empourprant les vitres, le bouquet du feu d'artifice de la Fête nationale éclata, dans l'éloignement, sur la ville exultante, aux acclamations d'une multitude bisexuelle.

Cependant le lumignon allait mourir, j'allais être dans l'obscurité.

— Non! m'écriai-je en fléchissant le genou, — il faut que je voie! Il faut que je voie!

Et je braquai mon oeil sur l'ouverture lumineuse.

Il me semblait que, seul entre les vivants, j'allais, le premier, regarder dans l'Infini *par le trou de la serrure*.

E, fazendo-me estremecer, eis que empurpurando as janelas o ramallete distante de fogos de artifício da Festa nacional explodiu sobre a cidade exultante, às aclamações de uma multidão bissexual.

Mas o toco de vela estava morrendo, eu ficaria no escuro.

— Não! Exclamei, dobrando o joelho — é preciso que eu veja! é preciso que eu veja!

E mirei meu olho na abertura luminosa.

Parecia-me que, único entre os vivos, eu seria o primeiro a olhar o Infinito *pelo buraco da fechadura*.

CHAPITRE XX
LE ROI DES ÉPOUVANTEMENTS

L'abîme a jeté son cri: la profondeur
a levé ses deux mains.
HABACUC, III, 10.

Alors, — oh! l'effroi de ma vie! oh! vision qui a changé pour moi le monde en sépulcre, qui a installé la Folie dans mon âme! — En examinant les yeux de la morte, je vis, distinctement, d'abord se découper, comme un cadre, le liseré de papier violet qui bordait le haut de la muraille. Et, dans ce cadre, réverbéré de la sorte, j'aperçus un tableau que toute langue, morte ou vivante (je n'hésite pas un seul instant à le dire), est, sous le soleil et la lune, hors d'état d'exprimer.

Oh! comment décrire cela! Quelle imagination comblera l'inanité dérisoire des mots que je vais tracer!

Le paroxysme de l'ardente inquiétude qui m'agitait faisait trembler l'ophthalmoscope entre mes doigts, — et le jet de lumière dansait dans les yeux du cadavre, dans les grands yeux renversés, vitreux, fixes, exorbitants, déployés!

Et voici à peu près ce que je voyais:

— Oui!... des cieux! — des flots lointains, un grand rocher, la nuit tombante et les étoiles! — Et, debout, sur la roche, plus grand que les vivants, un homme, pareil aux insulaires des archipels de la Mer-dangereuse, se dressait! Était-ce un homme, ce fantôme? Il élevait d'une main, vers l'abîme, une tête sanglante, par les cheveux! — Avec un hurlement que je n'entendais pas, mais dont je devinais l'horreur à l'ignivome distension de sa bouche grand'ouverte, il semblait la vouer aux souffles de l'ombre et de l'espace! De son autre main pendante, il tenait un coutelas de pierre, dégouttant et rouge. Autour de lui, l'horizon me paraissait sans bornes, — la solitude, à jamais maudite! Et, sous l'expression de furie surnaturelle, sous la contraction de vengeance, de solennelle colère et de haine, je reconnus, sur-le-champ, sur la face de l'Ottysor-vampire, *la ressemblance inexprimable du pauvre M. Lenoir avant sa mort*, et, dans la tête tranchée, les traits, affreusement assombris, de ce jeune homme d'autrefois, de sir Henry Clifton, le lieutenant perdu.

CAPÍTULO XX
O REI DOS HORRORES

O abismo lançou seu grito: a profundeza
ergueu suas duas mãos.
HABACUQUE, III, 10.

Então — oh! pavor da minha vida! oh! visão que transformou para mim o mundo em sepulcro, que instalou a Loucura em minha alma! — Examinando os olhos da morta, vi claramente se recortar, como um quadro, a barra de papel violeta que orlava o alto da parede. E neste quadro, reverberado desta forma, percebi uma cena que qualquer língua morta ou viva (não hesito um momento em dizer) está, sob o sol e a lua, fora da possibilidade de expressar.

Oh! como descrevê-lo! Que imaginação preencheria a irrisória inanidade das palavras que eu vou traçar!

O paroxismo da ardente inquietude que me agitava fazia tremer o oftalmoscópio entre meus dedos — e o jato de luz dançava nos olhos do cadáver, nos grandes olhos invertidos, vítreos, fixos, exorbitantes, despregados!

E aqui mais ou menos o que eu via:

— Sim... céus! — ondas distantes, uma grande rocha, a noite descendo e as estrelas! — E em pé sobre a rocha, maior que os seres vivos, semelhante aos insulares dos arquipélagos do Marperigoso, erguia-se um homem! Era um homem, aquele fantasma? Com a mão ele segurava pelos cabelos uma cabeça ensangüentada sobre o abismo! — Com um berro que eu não ouvia, mas do qual adivinhava o horror na ignívoma distensão de sua boca escancarada, parecia consagrá-la aos sopros da sombra e do espaço! Em sua outra mão pendente, ele tinha um facão de pedra, gotejante e vermelho. Em torno dele, o horizonte me parecia sem limites — a solidão, para sempre maldita! E, sob a expressão de fúria sobrenatural, sob a contração de vingança, de solene cólera e de ódio, reconheci imediatamente na face do Ottysor-vampiro, *a inexprimível semelhança do pobre Sr. Lenoir antes de sua morte* e na cabeça decapitada os traços, tenebrosamente ensombrecidos, daquele jovem de outrora, sir Henry Clifton, o tenente perdido.

Chancelant, les bras étendus, tremblotant comme un enfant, je reculai.

Ma raison s'enfuyait: de hideuses, de confuses conjectures affolaient mon hébétément. Je n'étais plus qu'un vivant chaos d'angoisses, une loque humaine, un cerveau desséché comme de la craie, pulvérisé sous l'immense menace! Et la Science, la souriante vieille aux yeux clairs, à la logique un peu trop *désintéressée*, à la fraternelle embrassade, me ricanait à l'oreille qu'elle n'était, elle aussi, qu'un leurre de l'Inconnu qui nous guette et nous attend.

Soudain, je me précipitai vers la muraille et, en y collant, à plat, mes mains, — dont une épouvante sans nom largement écartait les doigts, — j'en heurtai la maçonnerie.

— Mais, — mais, — grondai-je en regardant de travers la morte, — il a fallu... qu'au mépris des vieux mensonges de l'Étendue et de la Durée... mensonges dont tout nous démontre, aujourd'hui, l'évidence... il a fallu que l'APPARITION fût *réellement* extérieure, à tel impondérable degré quelconque, *en un fluide vivant peut-être*, pour se réfracter de la sorte sur tes voyantes prunelles!

Je m'arrêtai, et je conclus, à voix basse, les cheveux dressés, les poings crispés:

— Mais... alors, — où sommes-nous?

Et, comme je me penchai sur la décédée, — avec une frénétique rage d'énergumène et de sacrilège — pour examiner encore le spectacle exécrationnel qui me fascinait, l'ophtalmoscope s'échappa de mes mains à l'aspect des traits de la morte; lui ayant, précipitamment, soulevé la tête, un grand frisson me glaça: je voyais deux larmes jaillir et couler lentement, lourdement, sur les joues livides.

Et la Mort commença, voilant l'Impénétrable, à rouler ses ombres profondes sur *ces Yeux.*»

Cambaleante, os braços abertos, tremendo como uma criança, eu recuei.

Minha razão fugia: hediondas, confusas conjecturas enlouqueciam meu assombro. Eu não era mais do que um caos vivo de angústias, um farrapo humano, um cérebro desidratado como giz, pulverizado sob a imensa ameaça! E a Ciência, a sorridente velha de olhos claros, de lógica um pouco *desinteressada*, de fraternal abraço, zombava-me no ouvido que era, ela também, apenas um engodo do Desconhecido que nos espreita e nos espera.

Repentinamente, precipitei-me em direção à parede e aí colando horizontalmente as mãos — as quais um pavor sem nome separava amplamente os dedos — golpeei a alvenaria.

— Mas — mas — rosnava eu olhando obliquamente a morta — seria preciso... que em desprezo às velhas mentiras da Extensão e Duração... mentiras as quais tudo nos demonstra, agora, a evidência... seria preciso que a APARIÇÃO fosse *realmente* exterior, a um tão imponderável grau, *em um fluido vivo talvez*, para se refratar dessa maneira em tuas videntes pupilas!

Detive-me, e conclui em voz baixa, os cabelos eriçados, os punhos cerrados:

— Mas... então — onde estamos?

E quando eu me inclinei sobre a falecida — com uma raiva frenética de energúmeno e de sacrílego — para examinar ainda o execrável espetáculo que me fascinava, o oftalmoscópio me escapou das mãos ante o aspecto dos traços da morta; tendo precipitadamente erguido-lhe a cabeça, um grande arrepio me gelou: eu via duas lágrimas brotar e correr lentamente, pesadamente, sobre as faces lívidas.

E, velando o Impenetrável, a Morte começou a rolar suas sombras profundas *naqueles Olhos.*”

ÉPILOGUE

LES VISIONS MERVEILLEUSES DU DR. TRIBULAT BONHOMET

Je ne disputerai pas toujours, dit l'Éternel.
ISAÏE. CH. LXVII, V. 12.

EPÍLOGO

AS MARAVILHOSAS VISÕES DO DR. TRIBULAT BONHOMET

Eu não discutirei sempre, disse o Eterno.
ISAÍAS. CP. LXVII, V. 12.

**LES VISIONS MERVEILLEUSES DU
DR. TRIBULAT BONHOMET**

A Monsieur Émile PIERRE.

Les journaux français ont ébruité — comme toujours, à la légère, — la nouvelle (heureusement aujourd'hui controuvée) du subit décès de notre illustre ami, le docteur Bonhomet, dont les thèses récentes, notamment celles intitulées: *De l'influence de la cantharide sur le clergé de Chandernagor* et *De la réhabilitation de Saint Vincent de Paul*, — et, surtout, *De la laïcisation du Souverain-Pontife*, — ont soulevé, au cours du dernier semestre, tant de scandaleuses polémiques.

Voici, ramenés à leurs justes proportions, les faits.

Bien que plus de vingt ans se fussent écoulés depuis l'effroyable saisissement que Mme Claire Lenoir lui avait causé «avec ses yeux d'infini après décès», cette hallucination, — sur l'exacte nature de laquelle on ne peut guère se prononcer, — avait augmenté jusqu'à l'hypocondrie l'intensité de l'organique névrose du docteur.

Les attaques d'affres étaient devenues chroniques. Si bien qu'ayant ému de ses doléances la Faculté de Paris, l'une de nos sommités, pour se défaire de ses instances, lui avait conseillé le «lait humain» comme palliatif, sinon même comme sédatif.

L'idée de cette médication, si anodine qu'il la préjugeât, avait singulièrement souri à Bonhomet. S'étant donc transporté au bureau de nourrices le plus en vogue, son choix, après mûr examen, se fixa sur une forte et luxuriante Cauchoise, à coiffé immense, à *suivez-moi*,

AS MARAVILHOSAS VISÕES DO DR. TRIBULAT BONHOMET

Ao Senhor Émile PIERRE⁶⁸⁶.

Os jornais franceses divulgaram — como sempre, levianamente — a notícia (felizmente agora desmentida) da súbita morte de nosso ilustre amigo, o doutor Bonhomet, cujas teses recentes, notadamente aquelas intituladas: *Da influência da cantárida no clero de Chandernagor*⁶⁸⁷ e *Da reabilitação de São Vicente de Paula*⁶⁸⁸ — e, sobretudo, *Da laicização do Soberano Pontífice* — suscitaram durante o último semestre tantas polêmicas escandalosas.

Aqui, reduzido a suas devidas proporções, os fatos.

Ainda que tenham se escoado mais de vinte anos desde o horrível choque que a Sra. Claire Lenoir lhe causou “com seus olhos de infinito depois da morte”, esta alucinação — sobre a exata natureza da qual quase nada podemos dizer — aumentou até a hipocondria a intensidade da orgânica nevróse do doutor.

Os ataques de angústias se tornaram crônicos. Tanto comoveu com seus queixumes a Faculdade de Paris, que uma das nossas sumidades, para se livrar de suas insistências, aconselhou-lhe o “leite humano” como paliativo, senão até como sedativo.

A idéia desta medicação, por mais anódina que a prejudicara, tinha feito Bonhomet sorrir singularmente. Tendo então se dirigido à agência de amas-de-leite mais em voga, sua escolha, após experiente exame, fixou-se sobre uma forte e luxuriante *cauchoise*⁶⁸⁹ de touca enorme, com um *siga-me*,

⁶⁸⁶ Émile Pierre (?-1922): escritor francês; amigo íntimo de Villiers nos seus últimos anos de vida.

⁶⁸⁷ *cantárida*: um antigo afrodisíaco; *Chandernagor*: território francês na Índia.

⁶⁸⁸ *São Vicente de Paula* (1576-1660): fundador de um famoso orfanato em Paris e da ordem *Filles de la Charité*.

⁶⁸⁹ *cauchoise*: natural de Caux, ou Le Pays de Caux, região da Alta-Normândia, França.

jeune homme! ponceaux et flottants jusqu'à terre: il l'avait emmenée sur-le-champ, dans son carrosse, au grand trot, chez lui.

Là, quand il l'eut guidée, en silence, à travers le labyrinthe des vastes salons interminables, déserts et crépusculaires, aux lustres éternellement enveloppés en des voiles de gaze, aux meubles toujours dissimulés sous des housses poudreuses, il arriva qu'au troisième salon, la nourrice prit peur et demanda, d'une voix inquiète «où était l'enfant?»

Taciturne, flûtant son organe, les yeux au plafond, et laissant tomber ses sourcils en triangle plaintif, le docteur avait gutturalement vagi ces deux mots inattendus:

— Mê...ê... c'est MÔA!...

Suffoquée par cette réponse, la nourrice était tombée à la renverse sur un grand sofa qui se trouvait à sa portée: et le docteur, profitant de cette circonstance, s'était rué sur elle et avait pris une dose copieuse de médicament.

De temps à autre, même, pour rassurer la nourrice et lui donner à entendre qu'il était un homme d'intérieur, un homme rangé, il grommelait, en roulant des yeux:

— Voilà, — voilà ce qu'on ne trouve pas au restaurant.

Mais le remède ayant été sans action sur sa nature, M. Bonhomet dut y renoncer au bout de trois semaines d'essai loyal.

Il avait donc fallu trouver un énergique moyen de faire passer, au plus tôt, le lait de Fructuence: (c'était le nom de la nourrice). Après en avoir mûrement délibéré avec lui-même, Bonhomet, répudiant les drogues, les potions et les herbes, s'était décidé pour la méthode impressionniste: — et lui avait simplement causé une frayeur où elle avait failli laisser sa raison. A la longue, le tempérament de la Cauchoise ayant repris le dessus, Fructuence était restée attachée à Bonhomet, auquel (grâce aux petits soins du docteur), elle

*moço!*⁶⁹⁰ vermelho e flutuante até o chão: ele a levou imediatamente na sua carruagem, num trote rápido, para casa.

Ali, depois de guiá-la em silêncio através do labirinto interminável de grandes salas, desertas e crepusculares, com lustres eternamente envolvidos em véus de gaze, com móveis sempre dissimulados sob capas de poeira, chegando à terceira sala, a ama-de-leite, tomada de medo, perguntou com uma voz inquieta “onde estava a criança?”

Taciturno, tocando seu órgão, os olhos no teto, e deixando cair suas sobranceiras num triângulo lamentoso, o doutor tinha guturalmente vagido estas duas palavras inesperadas:

— Sô... s... sô EÔ!...

Sufocada por essa resposta, a ama-de-leite caiu de costas sobre um grande sofá que se encontrava ao seu alcance: e o doutor, aproveitando-se desta circunstância, jogou-se sobre ela e tomou uma copiosa dose do medicamento.

De vez em quando, até para tranquilizar a ama-de-leite e lhe dar a entender que ele era um homem de espírito, um homem alinhado, murmurava, revirando os olhos:

— Eis aí — eis aí alguma coisa que não se encontra em restaurante.

Mas o remédio, não tendo ação sobre sua natureza, o Sr. Bonhomet teve que renunciá-lo após três semanas de leal experiência.

Todavia, foi necessário encontrar uma maneira enérgica de deixar o mais rápido possível o leite de Fructuence: (era o nome da ama-de-leite). Depois de refletida deliberação consigo mesmo, Bonhomet, repudiando as drogas, as poções e as ervas, decidiu-se pelo método impressionista: — e simplesmente lhe causou tal pavor que ela quase perdeu a razão. Com o tempo, tendo a *cauchoise* recuperado seu temperamento, Fructuence apegou-se a Bonhomet, ao qual (graças aos pequenos cuidados do doutor) ela

⁶⁹⁰ *siga-me, moço!*: trata-se aqui de uma referência aos exageros das toucas tradicionais *cauchoise*; especificamente, a parte da touca que desce pelas costas ou pela frente, não evidentemente até o chão.

croyait devoir la vie: — et, le temps s'écoulant, elle était devenue sa gouvernante.

Résolu de s'en tenir désormais aux drastiques, aux hydragogues et aux minoratifs, le docteur avait brusquement quitté Paris et s'était relégué, pour s'y traiter à l'aise, en cette maison de plaisance qu'il possède au beau milieu d'une forêt, — assez mal famée d'ailleurs, — aux environs de Digne (que des intimes croient être sa ville natale): — il y avait emmené sa dévouée Fructuence.

Or, les tremblements de terre, (oubliés déjà, comme de raison), de ces jours-ci — et les cyclones qui s'ensuivirent — ayant aggravé — vu sa nature de sensitive — l'affaissement nerveux dont il souffrait, il dut s'aliter, le 2 du courant, se jugeant au plus mal.

Si bien que, vers le minuit du 3 au 4, au plus fort des bourrasques et des pluies dont gémissait autour de sa demeure la grande clairière, sa désolée Fructuence, accourue à son appel, se prit à «gicler», comme de raison, les larmes d'usage.

—Ouvre la fenêtre! cria Bonhomet.

La pauvre femme ayant obéi, Bonhomet jeta un coup d'oeil sur le ciel:

— Toujours les étoiles!... grommela-t-il avec mauvaise humeur en se retournant vers la ruelle: — ça n'en finit pas!

La croisée une fois reclose, et comme Fructuence larmoyait toujours:

— Du calme, Fructuence! Un rien nous console, dit Bonhomet. Moi aussi j'eus des amis! des amis bien chers!... Toutefois je ne sais comment il s'est fait que, — nombre d'abus de confiance, dont ils furent victimes, les ayant plongés dans un dénuement devenu proverbial, — nos relations, insensiblement, s'attiédirent, confinèrent, bientôt, à la froideur— et finalement, tournèrent à une animadversion qui m'obligea, bien qu'à regret! à les induire en une série de catastrophes étranges où ils laissèrent, sinon l'honneur, du moins la vie. —

acreditava dever a vida: — e com o passar do tempo tornou-se sua governanta.

Determinado a ater-se doravante aos drásticos, hidragogos e minorativos⁶⁹¹, o doutor deixou subitamente Paris e se confinou, para aí se tratar mais à vontade, na casa de campo que ele possuía bem no meio de uma floresta — bastante mal afamada, aliás — nos arredores de Digne (que íntimos seus crêem ser sua cidade natal⁶⁹²): — havia levado com ele a sua devotada Fructuence.

Ora, os tremores de terra (com razão já esquecidos) daqueles dias — e os ciclones que se seguiram — tendo agravado — dada sua natureza sensitiva — o abatimento nervoso do qual sofria, levou-o ao leito no dia 2 do corrente, julgando-se muito mal.

Tanto que, por volta da meia-noite do dia 3 ou 4, na mais forte das borrascas e das chuvas que gemiam em torno da grande clareira onde estava a casa, sua desolada Fructuence, acorrendo ao seu apelo, pôs-se a “jorrar”, com razão, as lágrimas de costume.

— Abra a janela! gritou Bonhomet.

A pobre mulher tendo obedecido, Bonhomet lançou um olhar ao céu:

— Sempre as estrelas!... resmungou com mau humor, voltando-se para a parede: — isso nunca acaba!

A janela uma vez fechada, e como Fructuence choramingava ainda:

— Calma, Fructuence! Algo nos consola, disse Bonhomet. Eu também tive amigos! amigos bem queridos!... No entanto, eu não sei como foi que — muito abuso de confiança, do qual foram vítimas, mergulhou-os numa miséria que se fez proverbial — nossas relações insensivelmente se amornaram, confinaram-se logo à frieza — e, finalmente, converteram-se em uma animadversão que me obrigou, embora a contragosto! a induzi-los em uma série de estranhas catástrofes onde eles deixaram, senão a honra, pelo menos a vida. —

⁶⁹¹ *drásticos, hidragogos e minorativos*: todos medicamentos de ação purgativa e diurética.

⁶⁹² *Digne*: ver nota 108, p.174; a ironia aqui é que a palavra *digne* significa ‘digno’.

N'aimons donc jamais trop, ma bonne Fructuence!... Essuie tes paupières... et, surtout, n'oublie pas, au fort de ton égarement, de glisser une vieille bouteille de cognac dans mon cercueil!

— Pourquoi? gémit Fructuence d'une voix entrecoupée.

— Pour tuer le ver! articula caverneusement Bonhomet.

Sur quoi Fructuence, épouvantée, quitta la chambre en criant au délire.

Demeuré seul, M. Bonhomet ressentit le besoin de se remettre avec le dieu, dont il s'était tant de fois montré le si sagace antagoniste. — (Il va sans dire que chacun n'ayant de Dieu que ce qu'il accepte d'en penser, le dieu du docteur diffère peut-être, en quelques points, du dieu d'Isaïe, de saint Paul, de saint Laurent, de sainte Blandine, de Christophe Colomb, de saint Louis, de saint Bernard, de Pascal, et de quelques autres âmes superficielles, dénuées, paraît-il, des lumières de ce cher Bon sens, dont nous autres, enfants gâtés des Époques, avons, sans contredit, depuis nos découvertes, l'exclusif monopole).

— Seigneur! clamait l'avisé docteur en entrelaçant ses doigts, — tout enfant, je vous ai aimé: ultérieurement, je vous ai conspué; actuellement, je vous pardonne.

Ce disant, il ferma les yeux et son remarquable *moi*, son sens intime, enfin, ne tarda pas à s'abîmer en une syncope — dont l'insolite caractère léthargique a motivé l'erreur des *reporters*

Então, nunca amemos em demasia, minha boa Fructuence!... Seque tuas pálpebras... e, sobretudo, não esqueças, no auge de teu desvario, de derramar uma velha garrafa de conhaque no meu caixão!

— Por quê? gemeu Fructuence com a voz entrecortada.

— Para matar o verme!⁶⁹³ articulou cavernosamente Bonhomet.

Com o que Fructuence, apavorada, deixou o quarto gritando até o delírio.

Ficando a sós, o Sr. Bonhomet sentiu-se na necessidade de confidenciar com o deus, do qual ele tantas vezes se mostrou um antagonista tão sagaz. — (Escusado será dizer que cada um tendo de Deus o que aceita dele pensar, o deus do doutor difere talvez, em alguns pontos, do deus de Isaías, de São Paulo, de São Lourenço, de Santa Blandina, de Cristóvão Colombo, de São Luis, de São Bernardo, de Pascal⁶⁹⁴ e de algumas outras almas superficiais, desprovidas, ao que parece, das luzes desse querido Bom senso, que nós, crianças mimadas das Épocas, temos, incontestavelmente, a partir de nossas descobertas, o exclusivo monopólio).

— Senhor! clamou o esperto doutor entrelaçando os dedos — muito criança, eu vos amei: posteriormente, eu vos ridicularizei, agora, eu vos perdôo.

Isso dizendo, ele fechou os olhos e seu notável *eu*, seu sentido íntimo, enfim, não tardou a se abismar em uma síncope — cujo insólito caráter letárgico motivou o erro dos *reporters*

⁶⁹³ *Para matar o verme!*: dito popular, espirituoso, usado para indicar que se gosta muito de álcool.

⁶⁹⁴ *Isaías*: um dos profetas do Antigo Testamento; *São Paulo*: Paulo de Tarso (8-67 d.C.), o maior responsável pela difusão do cristianismo; *São Lourenço*: Lourenço de Huesca (225-258) mártir cristão, foi um dos primeiros diáconos da igreja católica; *Santa Blandina*: virgem e mártir da primeira comunidade cristã de Lyon, foi torturada e morta em 177; *Cristóvão Colombo* (1451-1506): explorador genovês, “descobridor” da América; *São Luis*: provavelmente Luís IX de França ou São Luís de França (1214-1270), rei da França (1226), morreu participando da oitava Cruzada e por isso posteriormente canonizado; *São Bernardo*: Bernard de Fontaine (1090-1153) ou São Bernardo de Clairvaux, monge e reformador católico, nascido em Fontaine-lès-Dijon; *Pascal*: Blaise Pascal (1623-1662), matemático, físico, filósofo, inventor e teólogo francês.

méridionaux. Nous étant rendus à Digne, sur un mot précipité de Fructuence, pour assister aux obsèques du docteur, — c'est à l'effarement même de son réveil que nous devons les révélations suivantes:

Il paraîtrait, d'après celles-ci, que (chose inconcevable!) des VISIONS, oui, des visions, se sont allumées, durant cette syncope, au profond du cerveau, d'ordinaire moins éruptif, de l'auteur du *Têtard*. Et que c'est au *dénouement* de l'une d'entre elles qu'il doit sa rentrée, hallucinée encore, dans la société.

Voici, sans commentaires, ce qu'il affirme avoir vu et entendu:

Ravi en esprit aux confins de l'Espace, il baignait, lui semblait-il, en ce qu'il avait flétri, toute sa vie, du sobriquet de «Le Bleu».

Soudain, croyant percevoir se tramer, sur des nuées, la silhouette d'un Vieillard du plus convenable aspect:

— Est-ce à Dieu... lui-même... — ou seulement — à Boièldieu... que j'ai l'honneur de parler?... modula-t-il en abordant l'apparition, tout en lissant des doigts de gants imaginaires.

— Non, monsieur, — lui répondit alors, avec une exquise courtoisie, l'habitant de l'azur: — c'est à Tardieu.

— Mieux vaut «tard» que jamais, mon cher collègue! s'écria Bonhomet, risquant cet innocent jeu de mots qu'une récente lecture de quelqu'un de nos chroniqueurs en vogue, (sans doute) fort à propos lui suggéra.

Le calembour ayant «dissipé», pour ainsi dire, son grave confrère, Bonhomet se retrouvait encore seul au seuil mystique des Firmaments privés de bornes, lorsqu'un chuchotement formidable — et qui faillit abolir à jamais le sens de l'ouïe chez notre sympathique praticien, vibra. — Cette *Voix* résonnait de lui et d'autour de lui avec une telle identité qu'un instant Bonhomet crut que la Mort l'avait rendu ventriloque.

meridionais. Levando-nos a Digne por uma precipitada palavra de Fructuence para assistirmos às exéquias do doutor — sendo ao espanto mesmo de seu despertar que devemos as seguintes revelações:

Segundo estas, parece que (coisa inconcebível!) VISÕES, sim, visões, iluminaram-se durante esta síncope nas profundezas do cérebro, comumente menos eruptivo, do autor de *Girino*. E é ao *desfecho* de uma delas que ele deve a sua volta, ainda alucinada, à sociedade.

Eis, sem comentários, o que ele afirma ter visto e ouvido:

Arrebatado aos confins do Espaço, ele mergulhava, pareceu-lhe, naquilo que na sua vida inteira ele havia estigmatizado com o apelido de “O Azul”.

De repente, crendo perceber desenhar-se sobre as nuvens a silhueta de um Ancião com um aspecto dos mais corretos:

— É com Deus... mesmo... — ou apenas — Boieldieu⁶⁹⁵... com quem tenho a honra de falar?... modulou abordando a aparição, alisando com os dedos luvas imaginárias.

— Não, senhor — respondeu-lhe então, com requintada cortesia, o habitante do azul: — é Tardieu⁶⁹⁶.

— Melhor “tarde” do que nunca, meu caro colega! exclamou Bonhomet, arriscando o inocente jogo de palavras que uma recente leitura de algum dos nossos cronistas em voga (sem dúvida) muito a propósito lhe sugeriu.

O trocadilho tendo “dissipado”, por assim dizer, seu grave confrade, Bonhomet se encontrava sozinho novamente no limiar místico dos Firmamentos privados de limites quando um formidável murmúrio — e que quase suprimiu para sempre o sentido da audição de nosso simpático médico, vibrou. — Esta *Voz* ressoava nele e em torno dele com tal identidade, que por um instante Bonhomet acreditou que a Morte o havia tornado ventríloquo.

⁶⁹⁵ Boieldieu: François-Adrien *Boieldieu* (1775-1834), compositor francês.

⁶⁹⁶ Tardieu: *Auguste Ambroise Tardieu* (1818-1879), médico francês, especializado em medicina legal e toxicologia.

Était-ce donc là cette voix de Dieu, que le docteur, en homme éclairé, avait jusqu'alors déclaré ne pouvoir être ni la basse, ni le baryton, ni le ténor, ni des laruettes, — mais bien, étant du plus élevé des timbres, la tyrolienne?

— Vous ne vous êtes pas souvenu de moi pendant la vie? disait la Voix.

— Excusez-moi, Seigneur! — protesta Bonhomet qui, cette fois, n'eut plus aucun doute sur la qualité de son interlocuteur: mais... je n'ai jamais eu la mémoire des noms.

— Vous avez supplicié des pauvres, parce que la seule vue de leur misère offensait votre mollesse.

— Seigneur! n'avez-vous pas dit qu'il faut rendre le bien pour le mal? Cela ne m'a pas semblé suffisant; les pauvres, par leur mauvaise éducation, mirent, effectivement, maintes fois à l'épreuve ma délicatesse. Aussi leur ai-je rendu le *mieux* pour le mal. — *Malheureusement, le mieux est, quelquefois, l'ennemi du bien.*

— Vous laissâtes mourir de faim celles qui vous prodiguèrent leurs faveurs.

— Seigneur, murmura Bonhomet, je ne donne jamais d'argent aux femmes, de crainte que, dans leur babil avec des tiers, elles s'autorisent de l'argent que je leur *aurais* donné pour nier l'amour *réel* qu'elles ont éprouvé en mes complaisances.

— Vous avez souillé, dans les impuretés où se vautre l'indifférence, l'immortalité de votre âme.

— A laquelle je ne croyais mie, je l'avoue! répliqua Bonhomet.

— Que vous croyez-vous être?

— L'*arrière*-pensée moderne.

Era então esta a voz de Deus, que o doutor, homem esclarecido, tinha até então declarado não poder ser nem de baixo, nem de barítono, nem de *trial*, nem de *laruettes*⁶⁹⁷ — mas sim, do mais elevado dos timbres, o tiroliano?⁶⁹⁸

— Não vos lembrastes de mim durante a vida? dizia a voz.

— Perdoai-me, Senhor! — protestou Bonhomet, que desta vez não teve mais nenhuma dúvida da característica de seu interlocutor: mas... Eu nunca tive memória para nomes.

— Haveis torturado os pobres, porque a simples visão da sua miséria ofendia vossa fraqueza.

— Senhor! não haveis dito que é preciso devolver o bem pelo mal? Isso não me pareceu suficiente; os pobres, por sua má educação, colocaram, efetivamente, muitas vezes minha delicadeza à prova. Assim, eu lhes devolvi o *melhor* pelo mal. — *Infelizmente, o melhor às vezes é inimigo do bem.*

— Deixastes morrer de fome aquelas que vos prodigalizaram seus favores.

— Senhor, murmurou Bonhomet, eu nunca dou dinheiro para as mulheres com receio de que nas suas tagarelices com terceiros, elas se apóiem no dinheiro que eu lhes *teria* dado para negar o amor *real* que elas provaram com minhas benevolências.

— Tendes contaminado nas impurezas em que se chafurda a indiferença, a imortalidade de vossa alma.

— A qual eu não acreditava minha, confesso-vos! replicou Bonhomet.

— O que acreditais ser?

— A *segunda* intenção moderna⁶⁹⁹.

⁶⁹⁷ *trial*: provém do nome de Antoine Trial (1736-1795), cantor francês especializado em papéis de tenor cômico; *laruettes*: de Jean-Louis Laruelle (1731-1792), cantor e compositor francês.

⁶⁹⁸ *tiroliano*: técnica de canto com origem nos Alpes suíços (germanos e austríacos).

⁶⁹⁹ *Arrière-pensée*: é uma expressão que significa pensamento ou intenção dissimulada e diferente daquela que se exprime; equivale, portanto, em português à *segunda intenção*. No entanto, *arrière* significando *último*, *atrasado*, *retaguarda*, *traseiro*, etc., demonstra que a frase também tem um

— Quand poserez-vous le masque! reprit la Voix.

— Mais... après vous, Seigneur?... répondit, avec son parfait sourire d'homme du monde, l'éduqué thérapeute.

— Toujours farceur? constata la Voix attristée: — eh bien, retournez donc parmi les farceurs, afin que votre nombreuse-personne inspire, là-bas, quelqu'une de ces pages de feu, de honte et de vomissement, que, de siècle en siècle, l'un de mes soldats crache, en frémissant, au front de vos congénères.

Et c'est à cette Parole — dont la sévérité démodée confondit l'enjouement conciliateur de ses heureuses reparties, — que nous devons le rouvrir des yeux de notre illustre ami, — dont le mieux d'ailleurs, s'accroît.

Fin

'segundo' sentido que é o de 'o *atrasado* pensamento moderno', ou ainda 'o *último* pensamento moderno'.

— Quando pousarás a máscara! retomou a Voz.

— Mas... depois de vós, Senhor?... respondeu com seu perfeito sorriso de homem do mundo, o educado terapeuta.

— Sempre brincalhão? constatou a Voz entristecida: — Bem, retornai então para os brincalhões, a fim de que vossa exuberante-pessoa⁷⁰⁰ ali inspire algumas dessas páginas de fogo, vergonha e vômito, que, de século em século, estremecendo, algum dos meus soldados cuspe na frente de vossos semelhantes.

E é a esta Palavra — cuja severidade fora de moda confundiu a jovialidade conciliadora de suas felizes réplicas — que devemos o reabrir dos olhos do nosso ilustre amigo — no qual o melhor, aliás, acentua-se.

Fim

⁷⁰⁰ *exuberante-pessoa*: exuberante no sentido de *cheia, repleta*, ao pé da letra: *numerosa*.

Table

LE TUER DE CYGNES	246
MOTION DU DR. TRIBULAT BONHOMET TOUCHANT	
L'UTILISATION DES TREMBLEMENTS DE TERRE	256
LE BANQUET DES EVENTUALISTES	268
CLAIRE LENOIR	281
Chapitre premier. – Précautions et confidences	284
II. – Sir Henry Clifton	304
III. – Explications surrogatoires	316
IV. – L'entrefilet mystérieux	320
V. – Les bésicles couleur d'azur	326
VI. – Je tue le temps avant le dîner	332
VII. – On cause musique et littérature	338
VIII. – Spiritisme	352
IX. – Balourdises, indiscretions et stupidités (incroyables!...) de mon pauvre ami	364
X. – Fatras philosophique	378
XI. – Le docteur, madame Lenoir et moi nous sommes pris d'un accès de jovialité	388
XII. – Une discuteuse sentimentale	394
XIII. – Les remarques singulières du docteur Lenoir	408
XIV. – Le corps sidéral	420
XV. – Le hasard permet à mon ami de vérifier incontinent ses théories humiliantes	430
XVI. – Ce qui s'appelle une chaude alarme	436
XVII. – L'Ottysor	442
XVIII. – L'anniversaire	452
XIX. – Teterrima facies dæmonum	462
XX. – Le roi des épouvantements	476
LES VISIONS MERVEILLEUSES DU DR. TRIBULAT BONHOMET	481

Índice

O ASSASSINO DE CISNES	247
MOÇÃO DO DR. TRIBULAT BONHOMET REFERENTE À UTILIZAÇÃO DOS TREMORES DE TERRA	257
O BANQUETE DOS EVENTUALISTAS	269
CLAIRE LENOIR	281
Capítulo primeiro. – Precauções e confidências	285
II. – Sir Henry Clifton	305
III. – Explicações superperrogatórias	317
IV. – O tópico misterioso	321
V. – Os óculos cor de azur	327
VI. – Eu mato o tempo antes do jantar	333
VII. – Conversa-se música e literatura	339
VIII. – Espiritismo	353
IX. – Besteiras, indiscrições e estupidezes (inacreditáveis!...) do meu pobre amigo	365
X. – Mixórdia filosófica	379
XI. – O doutor, senhora Lenoir e eu somos tomados por um acesso de jovialidade	389
XII. – Uma debatedora sentimental	395
XIII. – As singulares observações do doutor Lenoir	409
XIV. – O corpo sideral	421
XV. – O acaso permite ao meu amigo verificar incontinentes suas teorias humilhantes	431
XVI. – Isso que se chama um ardente alarme	437
XVII. – O ottysor	443
XVIII. – O aniversário	453
XIX. – Teterrima facies dæmonum	463
XX. – O rei dos horrores	477
AS MARAVILHOSAS VISÕES DO DR. TRIBULAT BONHOMET	481



